ARTHUR HAILEY

AUTOR DE **AEROPORTO** E **COLAPSO**

O JORNAL DA NOITE



RECORD

UM TERRÍVEL SEQUESTRO AGITA OS BASTIDORES DA TV

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sinopse

Depois de cobrir a Casa Branca como repórter por algum tempo e ao cabo de três anos como âncora do Jornal da Noite, da rede americana CBA, Crawford Sloane tomara-se uma instituição nacional, um autêntico representante da elite da mídia. Preciso, meticuloso, impecável no vestir e no falar, sua vida transcorria fluida em companhia da mulher Jessica e do filho Nick.

Um dia no entanto essa tranquilidade sofre uma reviravolta: terroristas latino-americanos de esquerda, do grupo peruano Sendero Luminoso, sequestram Jessica, Nick e o velho Angus, pai de Crawford, num supermercado. O resgate: tempo ilimitado no vídeo para veiculação das ideias do grupo e das denúncias contra seu maior inimigo, os Estados Unidos da América.

Culpando-se de negligência e indiferença por nunca lhe ter ocorrido a ideia de que tal tragédia pudesse atingir sua família, Crawford encontra apoio nos companheiros de TV, que, por não confiarem nas agências de investigação do governo, resolvem, liderados por Harry Partridge, iniciar a investigação por conta própria. Afinal, eram uma organização jornalística experiente, acostumados à reportagem investigativa, e tinham assim uma possibilidade acima da média de descobrir o paradeiro dos Sloanes e resgatá-los sãos e salvos.

O resultado é uma trama tensa, ágil, que mantém o leitor preso até o fim.

ARTHUR HAILEY, cidadão inglês e canadense, começou sua carreira de escritor enquanto servia como piloto na Royal Air Force durante a Segunda Guerra Mundial.

Publicado em 30 países e 35 línguas, Arthur Hailey traz para este novo romance sua marca pessoal de profunda e meticulosa pesquisa, com uma deliciosa trama subjacente de sexo, suspense e heroísmo.

Para Sheila e Diane com especial gratidão e para meus muitos amigos dos meios de comunicação que me confiaram informações sigilosas.

Nota do autor

No romance *O Dia do Chacal*, de Frederick Forsyth, publicado em 1971, um assassino obtém passaporte britânico falsificado. Em *Jornal da Noite*, um terrorista consegue um passaporte semelhante ─ de uma maneira diferente, a descrição é resultado de minha própria pesquisa. Contudo, admito que, neste assunto, as pegadas do Sr. Forsyth já estavam lá.

A.H.

PARTE UM

1

A primeira informação de que um Airbus A300 havia abatido em pleno ar, estava em chamas e se aproximava do aeroporto Dallas-Fort Worth chegou à sede da rede CBA de televisão em Nova York minutos antes de ter início o noticiário das 18h30 da emissora, *O Jornal da Noite*. Às 18h21, com o céu ainda claro, o diretor da estação da CBA em Dallas, falando por telefone com alto—falante a um produtor sentado na mesa de decisões (a "Ferradura") na central de Nova York, disse o seguinte: — Estamos aguardando para qualquer momento a queda de um grande avião aqui no Dallas-Fort Worth. Um aparelho pequeno chocou-se em pleno ar com um Airbus repleto de passageiros. O aparelho pequeno caiu. O Airbus está em chamas, tentando realizar o pouso de qualquer maneira. Polícia e ambulâncias transmitem alertas frenéticos pelo rádio.

— Nossa! — exclamou outro dos produtores instalados na Ferradura. — E quais as possibilidades que temos de conseguir imagens?

Apelidavam "Ferradura" a vasta mesa com doze lugares onde o noticiário principal da rede era planejado e alimentado diariamente das primeiras horas da manhã de cada dia até o último segundo de transmissão do programa todas as noites. Na CBS, o apelido era outro, "Aquário"; na ABC, "Aro", e na NBC, "Mesa", simplesmente.

Variavam os nomes, mas o significado era o mesmo.

Ali se achavam aqueles que, no conceito geral da rede, eram os cérebros mais capazes de fazer julgamentos e tomar decisões em termos de notícias: o produtor executivo, o âncora, os responsáveis principais pela produção, direção, edição, redação e invenções gráficas do programa. A seu lado, indispensáveis como os instrumentos de uma orquestra, meia dúzia de terminais de computadores, impressoras de telex, um batalhão de telefones com inovações técnicas sofisticadíssimas e monitores de tevê em que era possível evocar, para incluir instantaneamente no programa, qualquer coisa, desde material de videoteipe não editado, passando por segmentos previamente elaborados do noticiário já prontos para transmissão, até transmissões das redes concorrentes.

A Ferradura ficava no quarto andar do prédio de telejornalismo da CBA, na área central aberta que tinha uma fileira de escritórios num dos seus lados — salas de uso pessoal reservadas aos responsáveis principais pela edição diária do Jornal da Noite que, em momentos diversos do dia, retiravam-se da atmosfera

frequentemente carregada da Ferradura para um maior isolamento nos seus locais exclusivos de trabalho.

Nesse dia, como de costume, o produtor executivo Chuck Insen estava a postos presidindo os trabalhos da Ferradura. Magro e irritadiço, era um veterano no telejornalismo formado na experiência da imprensa escrita e que demonstrava até hoje uma tendência tacanha a dar preferência aos assuntos domésticos sobre os internacionais. Aos anos, Insen podia ser considerado idoso pelos padrões da tevê, embora não revelasse sinais de diminuição em sua energia, mesmo decorridos quatro anos de uma atividade que em geral leva o sujeito a um esgotamento em menos de dois anos. Chuck Insen tinha por hábito um modo seco e áspero de tratar os outros; era sobretudo impaciente com os tolos e os fofoqueiros — por uma razão muito simples: sendo as pressões de seu trabalho tais como eram, não havia tempo a perder com eles.

Naquele momento — uma quarta-feira em meados de setembro —, as pressões alcançavam sua intensidade máxima. Ao longo de todo o dia, desde as primeiras horas da manhã, o perfil da edição do Jornal da Noite, envolvendo a escolha de assuntos e o destaque maior ou menor a ser dado a cada um deles, já tinha sido revisto, debatido, corrigido e decidido. Correspondentes e produtores pelo mundo afora haviam contribuído com ideias, recebido instruções e enviado resultados que eram consequência direta delas. O produto final do processo, escoimado de todos os excessos, redundâncias e irrelevâncias, era um noticiário enxuto que cabia nas reportagens de oito correspondentes, mais duas narrações em off e quatro outras em que o âncora, presente na tela, falava sem acompanhamento de imagens; vinte segundos, em média, era o tempo disponível para cada uma dessas seis narrações.

E eis que de repente estoura essa notícia de Dallas, e por causa dela, a menos de oito minutos do início da transmissão do noticioso, é preciso reformular de alto a baixo a distribuição das matérias programadas. Mesmo sem saber a extensão do material novo de informação a ser absorvido, nem se haveria ou não imagens disponíveis dos acontecimentos em Dallas, era certo que pelo menos uma dessas matérias programadas teria que ficar de fora e outras precisariam ser reduzidas. Exigências de equilíbrio e de compatibilidade com o timing do noticiário obrigavam igualmente a alterar a sequência em que tinham sido programadas as reportagens. O telejornal começaria a ser transmitido, com as modificações continuando a ser feitas paralelamente à apresentação das notícias. Não era a primeira vez. Volta e meia isso estava acontecendo.

— Esquema novo, preparem-se todos. -a ordem seca e incisiva partiu de Insen. — Vamos entrar com Dallas na frente. Crawf diz um texto. Já temos alguma coisa no telex? — Este boletim da AP que acabou de chegar — respondeu Crawford Sloane, o âncora. Estava absorvido lendo o despacho da AP que lhe fora entregue momentos antes.

Sloane, cujo rosto de linhas bem pronunciadas, as mechas grisalhas nos cabelos, o maxilar proeminente, o jeitão autoritário e ao mesmo tempo tranquilizador eram familiares aos dezessete milhões de espectadores que o viam todas as noites na tevê, achava-se sentado à Ferradura, ocupando seu habitual lugar privilegiado à direita do produtor executivo. Também ele era um veterano no telejornalismo, com carreira feita em cima dos seus méritos pessoais e acelerada pela publicidade que lhe rendera sua atuação como correspondente da CBA no Vietnã. A essa altura, depois de cobrir por algum tempo a Casa Branca e ao cabo de três anos como âncora no Jornal da Noite, Sloane tomara-se uma instituição nacional, um autêntico representante da elite da mídia.

Daí a poucos minutos, Sloane se retiraria para o estúdio de transmissões. Antes disso, tratava de preparar o texto que iria dizer na aber tura da edição dessa noite e para o qual usaria o que já tinha vindo de Dallas pelo telefone com alto— falante, acrescido dos fatos adicionais mencionados no despacho da AP. A matéria seria composta por ele próprio. Nem todos os âncoras redigiam seus textos, mas Sloane, sempre que possível, gostava de ser o autor da maior parte do que tinha que dizer.

Só que dessa vez precisava ser bem rápido.

Insen tornou a levantar a voz. Depois de consultar o esquema original da edição daquela noite, o produtor-executivo disse a um dos três produtores do primeiro escalão: — A Arábia Saudita sai fora. E cortem quinze segundos da Nicarágua. Em seus pensamentos, Sloane recebeu com uma careta a decisão de eliminar a reportagem sobre os árabes. Como notícia, era importante, sendo, além disso, o resultado de um trabalho jornalístico bem elaborado pelo correspondente da CBA no Oriente Médio, dois minutos e meio sobre os planos futuros de marketing que tinham os sauditas para o petróleo. No dia seguinte a reportagem estaria morta, porque as outras redes de tevê, sabia-se, tinham coberto também o assunto e iriam levá-lo ao ar essa noite.

Sloane não contestava a decisão de pôr os acontecimentos de Dallas em primeiro lugar, mas se lhe fosse dado escolher um assunto para eliminar, teria apontado sem hesitação a cobertura, feita no Congresso, da iniciativa corrupta de um senador. O congressista propusera tranquilamente por lei a dotação de uma

verba astronômica para favorecer um amigo pessoal que contribuíra financeiramente para a sua campanha política. O assunto só tinha sido descoberto graças ao rigor e à insistência com que um repórter investigara tudo de cabo a rabo.

Ainda que mais pitoresco, o material colhido em Washington era de menor importância, a figura de um congressista corrupto nada oferecendo de propriamente extraordinário.

Mas tal decisão, pensou amargamente o âncora, era bem típica de Chuck Insen: uma vez mais, era no noticiário internacional, para o qual pendiam as simpatias de Sloane, que se ia buscar o material a ser eliminado da edição.

O relacionamento entre os dois — produtor executivo e âncora nunca havia sido bom e vinha piorando por causa de discordâncias como essa. A impressão que se tinha era que o distanciamento entre as ideias fundamentais de um e de outro ia se tomando maior com o tempo, e isso ocorria em relação não somente ao tipo de notícias que devia ter prioridade cada noite, mas também no que dizia respeito à maneira de tratar as matérias. Sloane, por exemplo, gostava de reunir poucos mas importantes assuntos, tratados em profundidade; ao passo que Insen queria colher o máximo de notícias do dia que fosse possível apinhar dentro dos limites de duração do programa, ainda que — como ele costumava dizer — "com algumas notícias a gente tenha de fazer taquigrafia". Em outras circunstâncias, Sloane teria discutido e oferecido argumentos contra a eliminação da reportagem sobre os sauditas, talvez até com sucesso, porque o âncora era também editor-executivo, e sua opinião podia ter influência dentro de certos limites — só que não havia tempo para isso agora.

Em ritmo acelerado, fincando os saltos dos sapatos no chão, Sloane manobrou com perícia a cadeira giratória para trás e para o lado, de modo a se colocar diante de um teclado de computador. Num esforço de concentração, em que mentalmente era como se trancasse num recipiente tapado todo o tumulto e agitação à sua volta, digitou o que ficariam sendo as frases de abertura do telejornal daquela noite: Do aeroporto Dallas-Fort Worth, estamos recebendo neste exato momento uma descrição do que pode se tomar, em questão de segundos, uma tragédia nacional. Há poucos minutos, chocaram-se em pleno ar dois aviões de passageiros. Um deles é um Airbus da Muskegon Airlines repleto de passageiros. O choque ocorreu sobre a cidade de Gainesville, no Texas, ao norte de Dallas, e a Associated Press informa que o outro aparelho — um avião pequeno, segundo consta — caiu. Não se sabe neste momento que destino teve, nem se fez vítimas ao tocar o solo. O Airbus continua voando, mas pegou fogo, e

seus pilotos estão tentando chegar ao aeroporto Dallas-Fort Worth, para um pouso de emergência. No aeroporto, ambulâncias e bombeiros estão esperando o avião, prontos para intervir.

Enquanto seus dedos percorriam o teclado, Sloane não podia deixar de pensar que, entre os telespectadores, poucos (será que algum?) desligariam a tevê essa noite antes do término do noticiário. Acrescentou ao texto uma frase a propósito de que se mantivessem em sintonia com a emissora para acompanhar o desenrolar dos acontecimentos, e apertou uma tecla para dar início à impressão. Junto ao Teleprompter, a equipe também estaria recebendo esse texto impresso, de forma que quando Sloane chegasse ao estúdio, um andar abaixo, o texto já estaria pronto para ser lido por ele na tela do prompter.

Quando Sloane, segurando um maço de papéis, seguiu a toda velocidade em direção às escadas que davam acesso ao terceiro andar, Insen estava perguntando a um dos produtores do mais alto escalão: — Como é que é? Quando é que vamos ter essas imagens do Dallas-Fort Worth?

— Chuck, as perspectivas não são boas. — O produtor, com um fone preso no ombro, estava em comunicação com o editor nacional na central de telejornalismo. — O avião em chamas está chegando perto do aeroporto, mas a nossa equipe de filmagem está a trinta quilômetros. Não vai dar pra chegarem a tempo.

— Merda! — explodiu Insen, incapaz de dominar sua frustração.

2

Se fossem distribuídas medalhas por serviços perigosos prestados em trabalho de campo de televisão, Ernie LaSalle, o editor nacional, teria todo o peito coberto por elas. Embora não tivesse mais que 29 anos, servira com destaque e frequentemente arriscando a vida como um produtor de campo da CBA no Líbano, no Irã, em Angola, nas Malvinas, na Nicarágua e em outros pontos de confusão e tumulto, justamente nos períodos em que a situação ficava mais crítica. Embora o mesmo tipo de situações continuasse eclodindo pelo mundo afora, o interesse de LaSalle estava agora voltado para os acontecimentos em território americano — que, vez por outra, podiam igualmente dar margem a confusão e tumulto —, considerados do ângulo de uma confortável cadeira estofada num escritório de paredes de vidro com vista para a central de telejornalismo.

LaSalle era um tipo atarracado de ossatura pequena, dinâmico, sempre bem barbeado e bem vestido — um perfeito yuppie, na opinião de alguns. Como editor nacional, tinha sérias responsabilidades e era um dos dois funcionários mais graduados da central de telejornalismo. O outro era o editor internacional. Ambos tinham mesas na central, que ocupavam quando algum assunto na sua esfera de atuação tomava-se "quente", exigindo um envolvimento mais direto. A matéria sobre o aeroporto Dallas-Fort Worth era quente — e LaSalle mais que depressa correu para sua mesa na central de telejornalismo.

A central de telejornalismo ficava um andar abaixo da Ferradura, bem como o estúdio de radiojornalismo, que usava a alvoroçada central de telejornalismo como seu pano de fundo visual. Uma sala de controle, onde um diretor juntava os componentes técnicos de rádio, ficava no porão do prédio de jornalismo.

Haviam se passado sete minutos desde que o editor da estação de Dallas informara pela primeira vez sobre o Airbus avariado que se acercava do aeroporto Dallas-Fort Worth. LaSalle bateu com o fone no gancho, no mesmo instante colando um outro no ouvido, enquanto lia na tela do computador a seu lado um novo despacho da AP que acabava de entrar. Continuava a fazer tudo que estava a seu alcance para assegurar uma boa cobertura da matéria, sem deixar de manter a Ferradura informada sobre o desenrolar dos acontecimentos.

Foi LaSalle quem passou a desanimadora notícia sobre a equipe de filmagem mais próxima de que dispunha a CBA no local da espera— da

tragédia; numa desabalada carreira em direção ao aeroporto, desrespeitando todos os limites de velocidade estabelecidos para a estrada, mesmo assim as câmeras ainda se achavam a trinta quilômetros do centro dos acontecimentos. O motivo disso era que na estação de Dallas o dia de trabalho tinha sido dureza, com as equipes de filmagem, produtores de campo e correspondentes deslocados na execução de tarefas externas — todos, por azar, muito distantes do aeroporto.

É claro que as imagens acabariam vindo de qualquer jeito, mas só depois de tudo terminado, e não mostrariam as peripécias da aterrissagem do Airbus, certamente espetacular e talvez mesmo catastrófica. Era pouco provável também que qualquer tipo de imagem estivesse disponível para a primeira edição do Jornal da Noite, que chegava via satélite à maior parte da Costa Leste e a determinadas regiões do Centro— Oeste.

O único consolo era que o diretor da estação de Dallas fora informado de que nenhuma outra rede de tevê ou estação local tampouco tinha uma equipe de filmagem no aeroporto, embora, à semelhança do que ocorria com a CBA, as equipes das concorrentes estivessem a caminho de lá.

De sua mesa na central de telejornalismo, Ernie LaSalle, ainda às voltas com os telefones, podia ver a movimentação que habitualmente precedia o início da transmissão do noticiário, com a chegada de Crawford Sloane ao estúdio fortemente iluminado. Os telespectadores que olhavam para Sloane durante suas apresentações frente à câmera da CBA tinham a falsa impressão de que o âncora, ao falar, se encontrava na central de telejornalismo e dela fazia parte; na verdade, o ambiente que se via na tela estava separado do locutor por um espesso vidro à prova de som, de modo a evitar qualquer interferência dos ruídos da central, a não ser quando se pretendesse introduzi-los em fade in como um efeito proposital de áudio.

Os ponteiros assinalavam 18:28. Em dois minutos o noticiário iria ao ar.

Assim que Sloane tornou posição na cadeira diante de sua mesa de âncora, de costas para a central de telejornalismo e encarando a câmera situada no centro de um grupo de três, uma maquiadora entrou para fazer o seu serviço. Dez minutos antes, Sloane tinha sido maquiado numa saleta anexa ao seu escritório, mas no decorrer desse período suara razoavelmente, e agora a moça enxugava-lhe a testa, aplicando-lhe pó— de— arroz numa sequência de toques rápidos, passava um pente em seus cabelos e completava o trabalho nestes com spray. Dando sinal de alguma impaciência, Sloane murmurou: — Obrigado, Nina. — Passou os olhos nos papéis que segurava, verificando se as palavras iniciais do texto que deveria dizer ao abrir o programa correspondiam às que

apareciam em letras graúdas no Teleprompter à sua frente, que ele deveria ler como se estivesse olhando diretamente para os telespectadores. Os papéis que comumente os locutores eram vistos arrumando durante a apresentação do programa não passavam de uma precaução, para o caso do Teleprompter falhar.

O contrarregra do estúdio avisou em voz bem alta: — Um minuto! Na central de telejornalismo, Ernie LaSalle de repente retesou-se na cadeira, atento, tomado de surpresa.

Cerca de um minuto antes, o diretor da estação de Dallas, em comunicação pelo telefone com LaSalle, interrompera-a por um momento, desculpando-se por ter que atender a uma ligação em outro aparelho. Enquanto esperava, LaSalle podia ouvir a voz do diretor da estação, mas não o que estava sendo dito. Logo o interlocutor de Dallas retornou a comunicação com LaSalle, e a informação que então lhe passou fez com que o editor nacional sorrisse de ponta a ponta.

LaSalle passou a mão num telefone vermelho sobre a sua mesa, que, ligado a alto-falantes, punha-o em contato instantâneo com todos os setores da elaboração do noticiário.

— Editoria Nacional. LaSalle. Boas notícias. Já temos cobertura no aeroporto. Partridge, Abrams, Van Canh estavam lá por acaso, esperando, com passagens marcadas, uma ponte aérea. Abrams acabou de ligar para a estação de Dallas: eles já estão articulando para a reportagem e tomam rapidamente todas as providências. E mais: uma caminhonete para transmissões via satélite abandonou uma outra tarefa a que servia e está a caminho do aeroporto, onde é esperada a qualquer momento. Foi feita a reserva do tempo de utilização do satélite para transmitir de Dallas a Nova York. Não é impossível que consigamos receber ainda a tempo de serem incluídas no primeiro segmento. Apesar do enunciado lacônico que deu às suas palavras, a satisfação de LaSalle traiu-se no tom da voz, e a reação que provocou foi imediata, sob a forma de uma explosão de júbilo meio em surdina que da Ferradura se lançou escada abaixo e alcançou os espaços do telejornalismo. Crawford Sloane, no estúdio, também deu giros com a sua cadeira e, eufórico, ergueu os polegares para LaSalle.

Um assistente mostrou uma papeleta ao editor nacional, que, depois de passar os olhos no que ali estava escrito, retornou a comunicado pelo telefone vermelho: — De Abrams chega mais este despacho. Malfadado Airbus leva passageiros e onze tripulantes. Segundo avião envolvido desastre, Piper Cheyenne particular, caiu Gainesville, nenhum sobrevivente. Outras vítimas população no solo, número e gravidade não especificados. Airbus um dos

motores destroçado tentará pousar com o motor restante. Controle Tráfego Aéreo informa incêndio Airbus localizado onde falta motor. Aqui termina o despacho.

LaSalle pensou: que perfeito profissionalismo em tudo que chegara de Dallas nos poucos minutos precedentes"! Mas, também, nada havia nisso de surpreendente, pois a equipe formada por Abrams, Partridge e Van Canh gozava de justa fama por sua eficiência no telejornalismo da CBA. Rita Abrams, em outros tempos correspondente da rede e agora no primeiro escalão dos produtores de campo, destacava-se pela rápida avaliação que era capaz de fazer das situações e pela inventividade com que aprontava uma reportagem, mesmo em condições as mais desfavoráveis. Harry Partridge era um dos melhores correspondentes em atividade. Normalmente especializava-se em reportagem de guerra, e, como Crawford, cobrira a campanha no Vietnã, mas podia-se esperar dele um trabalho excepcional em qualquer outra situação. E o câmera Minh Van Canh, vietnamita naturalizado cidadão americano, ficara conhecido pela qualidade excelente de imagens obtidas as mais das vezes em situações perigosas e com desprezo absoluto por sua própria segurança. O fato de que os três iam se encarregar da reportagem de Dallas era uma garantia de que o trabalho só poderia sair bem-feito.

18h31 agora. O primeiro segmento do Jornal da Noite tinha começado. Mexendo nos controles que ficavam ao lado de sua mesa, LaSalle ouviu pelo monitor de som a fala de abertura, a cargo de Crawford Sloane, sobre o drama no aeroporto Dallas-Fort Worth. Num dos monitores de imagem aparecia certa mão (devia ser um dos redatores) colocando sub-repticiamente uma papeleta diante de Crawford. Continha, era evidente, o despacho lido havia pouco por LaSalle. Com discreto baixar dos olhos e assumindo o risco de um improviso, Sloane encaixou o material de última hora no texto que havia preparado. Era o tipo da coisa que o âncora sabia fazer à perfeição.

3

No andar de cima, na Ferradura, os ânimos haviam mudado depois da informação passada por LaSalle. Agora, não obstante perdurasse o quadro de pressão e premência, havia um otimismo expansivo graças à consciência de que a situação em Dallas estava entregue a mãos competentes e que as imagens não tardariam a chegar, acompanhadas de relatos e análises mais completos. Chuck Insen formava com os outros um grupo compacto concentrado no espaço da Ferradura, todos checando os monitores, discutindo, tomando decisões, pesando cada segundo, cortando mais aqui e ali, e reacomodando o esquema para deixar aberto o espaço a ser aproveitado com o que estava por vir. Aparentemente, a reportagem sobre o senador corrupto ia acabar tendo mesmo que ser posta de lado. Todos tinham consciência de estar fazendo o que era o seu forte — montar uma edição correndo contra o tempo e enfrentando enormes desafios.

Os diálogos se cruzavam e ricocheteavam ininterruptamente.

— Aqui falta imagem, tá muito pobre.

— Esse aí pode encurtar. Tem que dizer mais com menos.

— Atenção, teipe: estamos cancelando "16— Corrupção". Mas pode ser que volte, se não conseguirmos Dallas, -os quinze segundos finais dessa sequência estão chatíssimos. É chover no molhado, estamos dizendo o que eles estão cansados de saber.

— A velhinha em Omaha não sabe, — E vai ficar sem saber. Corta isso.

— O primeiro segmento terminou nesse instante. Entrou o comercial, Temos quarenta segundos de vantagem.

— Que foi que as concorrentes mostraram de Dallas? — Texto lido, igual a nós.

— Preciso de um "gancho" e de uma legenda, rápido, para "Caça aos narcos", — Corta. Não vale a pena, — — Sabe, o que estamos fazendo é o mesmo que meter quarenta quilos de merda num saco de vinte.

Alguém que presenciasse esses diálogos sem nunca antes ter experimentado a situação poderia pensar: Essa gente, afinal de contas, é humana? Será que ninguém liga para o que está acontecendo? Não têm nenhuma emoção, não se sentem nem um pouco envolvidos, nem um pingo de sofrimento? Trezentos infelizes em pânico dentro de um avião, que num abrir e fechar de olhos podem estar mortos, não significam nada para essa gente? Ninguém ali está ligando a mínima? Outro alguém, mais calejado no

conhecimento do mundo jornalístico, poderia responder: — Há pessoas aqui que estão ligando, sim, para quem isso tem importância, e que vão sentir muito e morrer de pena, talvez logo que termine a transmissão. Outros, quem sabe, assim que chegarem em casa vão tomar consciência do horror de tudo isso e, conforme o desfecho, podem até chorar. Neste momento, porém, ninguém tem tempo para isso. São pessoas que fazem notícias, que registram o desfile incessante das coisas diante dos seus olhos, o bom em mistura com o ruim, a vida como ela é, e isso tem que ser feito com presteza, eficiência e simplicidade, de tal modo que, como dizia um escriba de outros tempos, "mesmo o que passe correndo entenda" Em suma, às 18:40, com dez minutos já transcorridos da meia hora de duração do Jornal da Noite, a indagação fundamental que persistia nos espíritos do pessoal da Ferradura e dos outros na central de telejornalismo, no estúdio de transmissões e na sala de controle era: vai ou não vai haver uma reportagem daqui a pouco, com imagens, diretamente do Dallas-Fort Worth? 2 Para o grupo de cinco jornalistas no aeroporto Dallas-Fort Worth, a sequência de acontecimentos começara duas horas antes, alcançando seu ponto máximo por volta das 17:10, horário de verão central. Os cinco eram Harry Partridge, Rita Abrams, Minh Van Canh, Ken O'Hara, o homem da equipe de som da CBA, e Orariam Broderick, um correspondente internacional para o New York Times. Naquela mesma manhã, na escuridão do pré— alvorecer, eles tinham deixado El Salvador e voado para a Cidade do México, quando, após algum atraso e troca de avião, viajaram rumo ao aeroporto Dallas-Fort Worth. Eles agora aguardavam outra conexão, alguns para destinos diferentes.

Estavam todos cansados, não apenas pela longa jornada do dia, mas devido aos dois meses ou mais de vida dura e perigosa cobrindo várias guerras irritantes em locais desagradáveis da América Latina. Eles foram para um bar no terminal 2E, um dos 24 bares atarefados no aeroporto, enquanto esperavam por seus respectivos voos. A decoração do bar era do estilo utilitário. Rodeado por muros de jardim de imitação contendo plantas, o local ostentava painéis pendentes de tecido em xadrez azul desbotado, iluminados por luzes cor de rosa ocultas. O homem do Times disse que aquilo lhe recordava um bordel que certa vez conhecera em Mandalay.

Da mesa que ocupavam, perto da janela, podiam ver a área de estacionamento dos aviões e o portão 20. Era desse portão que Harry Partridge havia esperado partir, alguns minutos mais tarde, num voo da American Airlines, para Toronto. Mas o avião estava atrasado, os alto-falantes tendo anunciado havia pouco uma demora adicional de uma hora.

Partridge era alto, magro, meio desengonçado, e tinha uma— > mecha solta de cabelos louros que sempre lhe dava a aparência de um garoto, aparência que persistia apesar dos seus quarenta e tantos anos e do fato de seus cabelos estarem ficando grisalhos. Naquele momento ele se sentia tranquilo e relaxado, sem se preocupar com atrasos de avião ou com o que quer que fosse. Tinha pela frente três semanas de sombra e água fresca, do que necessitava bastante.

Rita Abrams aguardava a ponte aérea Minneapolis— St. Paul, em Minnesota, onde pretendia passar férias na fazenda de uma amiga. Também planejara encontrar-se lá com um homem casado, funcionário do alto escalão da CBA, mas esse encontro era uma informação que ela mantinha em segredo. Minh Van Canh e Ken O'Hara estavam a caminho de Nova York, onde moravam. Graham Broderick, idem.

O trio formado por Partridge, Rita e Minh juntava-se frequentemente para trabalhar em equipe. Em sua viagem mais recente, O'Hara associara-se a eles, pela primeira vez, como gravador de som. Um jovem pálido, magrinho, que passava as horas vagas mergulhado na leitura de revistas de eletrônica; naquele momento tinha uma delas aberta à sua frente.

Broderick era o elemento estranho ao grupo, embora em muitas ocasiões houvesse feito, como jornalista, a cobertura dos mesmos acontecimentos, mantendo com os "televisivos", de um modo geral, boas relações. Naquele momento, entretanto, o correspondente do New York Times — rotundo, com maneiras solenes e mesmo um tanto pedante — estava inclinado a fazer provocações.

Três do grupo tinham exagerado um pouco na bebida. As exceções eram Van Canh, que só tomava refrigerantes, e o técnico de som, que ficara de amores um tempão com o mesmo copo de cerveja e não se animara a pedir um segundo.

— Escute aqui, seu abonado filho da puta — disse Broderick a Partridge, quando este sacou do bolso a carteira —, eu disse que pagaria essa rodada, e é assim que vai ser. — Colocou duas notas, uma de vinte e outra de cinco dólares, na bandeja do garçom em que tinham sido trazidos três uísques duplos e um refrigerante. — Só porque você ganha o dobro fazendo a metade do trabalho que faço, isso não lhe dá o direito de distribuir esmolas à imprensa escrita.

— Ah, que saco! — disse Rita. — Brod, vê se muda o disco, esse não dá mais.

Rita falou muito alto, como de hábito. Dois guardas uniformizados do policiamento do aeroporto iam passando e encararam com curiosidade a roda de jornalistas. Rita percebeu que eles estavam olhando e fez-lhes um aceno de mão

acompanhado de um sorriso. Os guardas passearam os olhos pelo grupo, depois pelo equipamento de tevê, em que chamava imediatamente a atenção o logotipo da CBA, retribuíram o sorriso e seguiram seu caminho.

Harry Partridge, atento ao lance, pensou: Rita estava envelhecendo e hoje os sinais disso tinham ficado particularmente visíveis. Apesar da forte sexualidade que dela emanava e que exercera atração sobre tantos homens, rugas denunciadoras tinham aparecido em seu rosto; o caráter durão que a levava a ser muito exigente consigo própria, tanto quanto com os que trabalhavam com ela, transparecia agora em pequeninas demonstrações de autoritarismo, nem sempre de efeito encantador. Havia recentes motivos para isso, é claro — a tensão e a sobrecarga de trabalho que ela compartilhara com os dois outros nos dois últimos meses.

Rita estava com 43 anos, e seis anos atrás ainda aparecia no vídeo, participando de reportagens como correspondente, se bem que com muito menor frequência do que quando era mais jovem e mais glamourosa. Não eram novidade para ninguém a injustiça e a ignomínia desse sistema, que permitia aos homens continuarem como correspondentes, encarando a câmera mesmo quando em seus rostos se podia ver que estavam ficando mais velhos, ao passo que não havia qualquer tolerância com as mulheres, postas de lado como concubinas descartadas. Algumas mulheres haviam tentado lutar contra o sistema e sobrepor-se a ele — Christine Craft, repórter e âncora, levara sua queixa aos tribunais, sem conseguir, entretanto, ganho de causa.

Rita, ciente da inutilidade de mover uma luta que não tinha a menor chance de vencer, preferira transformar-se em produtora, e tomando posição por trás da câmera, em vez de continuar diante dela, fizera uma carreira brilhante. No desempenho de suas novas funções, insistira muito junto aos figurões da rede para que lhe dessem algumas das tarefas que envolviam maiores riscos, na cobertura de assuntos internacionais, e que acabavam quase sempre ficando para os homens. Os chefões resistiram durante algum tempo, mas por fim cederam, e Rita não tardou a ser automaticamente enviada — junto com Harry — para onde o fogo dos combates fosse mais intenso, e as condições de sobrevivência mais difíceis.

Broderick deteve-se um pouco numa avaliação do comentário que Rita acabara de fazer, e em seguida disse: — Até parece que o que vocês produzem, vocês, gente fina e charmosa, tem alguma importância! Toda noite, aquele minúsculo espaço de notícias não oferece mais do que migalhas e insignificâncias do que aconteceu no mundo. Dura o quê... dezenove minutos?...

— Se você resolveu cair na nossa pele — disse Partridge amistosamente —, pelo menos satisfaça o requisito básico que se espera da imprensa escrita: fidelidade aos fatos. São vinte um minutos e meio.

— Fora os sete minutos para os comerciais — acrescentou Rita —, que, entre outras coisas, pagam o salário nababesco de Harry, que deixa você morrendo de inveja.

Rita, com sua habitual franqueza, tinha acertado em cheio no alvo ao falar em inveja, pensou Partridge. A diferença entre os salários que pagavam os jornais e os salários pagos pela televisão era uma farpa na carne do pessoal da imprensa escrita. Em contraste com os vencimentos de Partridge — 250 mil dólares por ano —, Broderick, um profissional de alta categoria e da maior competência, devia estar ganhando uns 85 mil.

Sem deixar que se perdesse o fio de suas ideias, o jornalista do New York Times prosseguiu: -a produção total de um dia de trabalho do departamento de telejornalismo da sua rede mal daria para cobrir a metade de uma página do nosso jornal.

— Comparação idiota — rebateu Rita —, porque todo mundo sabe que uma imagem vale por mil palavras. Damos centenas de imagens e levamos o público até onde as notícias estão acontecendo, para que possam ver tudo com os próprios olhos, como se estivessem presentes. Nenhum jornal ou revista jamais conseguiu isso.

Segurando numa das mãos o copo de uísque duplo recém-servido. Broderick fez com a outra um gesto de desdém: — Isso não é relevante. — Atrapalhou-se com a última palavra e pronunciou "revelante".

Coube a Minh Van Canh, que não era de hábito um grande conversador, perguntar: — E por que não?

— Porque vocês são uma espécie em extinção. O telejornalismo das redes de tevê está morrendo. Vocês sempre trabalharam explorando as manchetes e contentando-se apenas com elas, Agora as estações locais estão se apoderando até disso, usando tecnologia para trazer ao seu público as próprias notícias de fora, catando pedaços de vocês como abutres em cima de uma carcaça.

— Ora — disse Partridge, sem perder o bom humor de que estava possuído —, isso vem sendo dito há anos e anos. No entanto, olhe só para nós. Estamos aí, com toda a força, porque o público, quando assiste aos noticiários da rede, é atraído pela qualidade.

— Exatamente — disse Rita. — E outro engano seu, Brod, é pensar que o noticiário das estações locais está melhorando. Pelo contrário: está pior. Gente

que saiu das redes com grandes esperanças no telejornalismo das estações locais teve que voltar, na maior decepção.

Broderick perguntou: — Decepção por quê?

— Porque a direção das estações locais encara o noticiário como invenção de lorotas fantásticas para conseguir audiência, um meio de promoção, de fazer entrar dinheiro fácil. Usam a nova tecnologia, de que você falou, para adular as preferências mais vulgares do telespectador. E quando mandam alguém do seu departamento de telejornalismo para cobrir um grande assunto no exterior, é em geral um garoto inexperiente, sem a menor condição de competir com o know-how e as fontes de apoio do repórter da rede.

Harry Partridge bocejou. O chato nessa conversa, pensava ele, era o desgaste do tema, um jogo que servia como passatempo para horas ociosas mas que não exigia qualquer esforço intelectual, e não era a primeira nem a segunda vez que o jogavam, Foi então que perceberam uma certa agitação à sua volta.

Os dois guardas do policiamento continuavam no bar, por onde tinham estado caminhando sem pressa, até que, de repente, pararam e puseram-se atentos, escutando os seus walkie-talkies. Um comunicado estava sendo transmitido. Partridge pegou algumas palavras: "...condição Alerta Dois... choque em pleno ar... aproxima-se da pista à esquerda... todos os guardas do Departamento de Segurança Pública se apresentem..." Às pressas, com movimentos abruptos, os guardas deixaram o bar.

Os outros no grupo também tinham escutado.

— Ei! — exclamou Minh Van Canh. — Talvez fosse o caso de...

Rita ergueu-se num salto.

— Vou ver o que está acontecendo. — Saiu do bar como uma flecha.

Van Canh e O'Hara começaram a juntar os apetrechos da câmera e o equipamento de som. Partridge e Broderick trataram também de pôr em ordem a sua própria bagagem.

Um dos guardas do policiamento ainda estava à vista. Rita alcançou-o perto do balcão da American Airlines e não deixou de observar que se tratava de um rapaz bonito, com o físico de um atleta.

— Sou do Jornal da Noite da CBA. — Mostrou-lhe a carteira de jornalista. Pelo olhar dele, notou que ficara impressionado.

— Eu sei.

Noutras circunstâncias, pensou ela sem se deter nisso mais que um instante, bem que poderia iniciar o rapaz nos prazeres com uma mulher madura. Pena que não houvesse tempo! Perguntou-lhe: — O que está acontecendo?

O guarda hesitou. — Você deve procurar o Serviço de Informações...

Rita disse, com impaciência: — Farei isso depois. É uma emergência, não é? Vamos, me conte.

— Há um problema com a Muskegon Airlines. Um dos seus Airbus bateu no ar. Está vindo pra cá em chamas. Entramos em Alerta Dois, o que significa que foi acionado todo o aparelho de emergência e neste momento se dirige em massa para a pista de pouso 17, à esquerda. — Falava com gravidade. — A coisa parece feia.

— Quero botar a minha equipe de filmagem lá junto com vocês. O mais rápido possível. Por onde se chega lá?

O guarda respondeu negativamente com a cabeça.

— Se vocês saírem por aí sem escolta, não irão além da área de estacionamento dos aviões. Serão presos.

Rita lembrou-se de já ter ouvido falar que os guardas do aeroporto orgulhavam-se de colaborar com a imprensa. Ela apontou para o walkie-talkie de seu interlocutor.

— Você não poderia consultar o Serviço de Informações sobre isso?

— Acho que sim.

— Então faça isso. Por favor!

Seu poder de persuasão funcionou. O guarda fez o chamado e conseguiu o contato. Pegou a carteira de jornalista de Rita, leu os dados que ali constavam e expôs o que ela pedia. Veio a resposta: — Diga a eles que primeiro têm que vir à estação nº l de segurança pública para assinar o livro e apanhar os crachás de imprensa.

Rita soltou uma exclamação de protesto e avançou a mão em direção ao walkie-talkie: — Deixe-me falar.

O guarda apertou o botão de transmitir e em seguida passou o rádio para ela. Rita falou, ansiosa: — Não há tempo, vocês sabem muito bem disso. Somos da CBA, temos todas as credenciais para mostrar como prova. Assinamos e preenchemos toda a papelada que for preciso, mas depois. Por favor. Por favor, façam com que cheguemos lá agora.

— Aguarde um momento. — Pausa. Em seguida, uma outra voz, de fria autoridade: — OK. Siga rápido para o portão 19. Peça a alguém para levar vocês até a área de estacionamento dos aviões. Procurem uma caminhonete com luzes pisca-pisca no alto. Eu estou indo ao encontro de vocês.

Rita apertou o braço do guarda.

— Obrigada, amigo!

Correu de volta para junto de Partridge e dos outros que estavam saindo do bar. Broderick foi o último a se retirar. Na saída, o correspondente do *New York Times* lançou um olhar de arrependimento para os drinques não consumidos e que ele havia feito questão de pagar.

Em poucas palavras, Rita contou-lhes o que sabia e concluiu, dizendo a Partridge, Minh e O'Hara: — Isso pode crescer muito. Corram para a pista. Não percam tempo. Vou dar uns telefonemas e depois procuro vocês. — Olhou para o seu relógio: 17h20. Ou seja, 18h20 em Nova York. — Se andarmos depressa, ainda pegamos a primeira edição. — Mas, em seu íntimo, duvidava.

Partridge moveu a cabeça afirmativamente, aceitando as ordens de Rita. As relações entre correspondente e produtor, no caso deles, não primavam, em momento algum, pela nitidez e precisão. Oficialmente, um produtor de campo como Rita Abrams tinha autoridade sobre a equipe inteira, inclusive sobre o correspondente, e se algo dava errado numa cobertura, a culpa era do produtor. Se desse certo, a glória era toda do correspondente, cujo rosto e nome apareciam com destaque, apesar do produtor, sem dúvida nenhuma, ter contribuído para a ideia e para o roteiro da reportagem.

Entretanto, no caso de um correspondente "monstro sagrado" como era Harry Partridge, a hierarquia oficial às vezes sofria uma reviravolta, com o correspondente assumindo a autoridade, e o produtor deixando-se intimidar, e mesmo, de quando em quando, cedendo a ele em toda a linha. Mas quando Partridge e Rita funcionavam em colaboração, nenhum dos dois ligava a mínima para prerrogativas de status. Simplesmente cuidavam de enviar as melhores reportagens que, graças ao máximo de esforço e entrosamento, fossem capazes de produzir.

Enquanto Rita corria para uma cabine telefônica, Partridge, Minh e O'Hara dirigiram-se para o portão 19, procurando uma saída que desse para a área de estacionamento dos aviões. Graham Broderick, que a gravidade dos acontecimentos tomara sóbrio em poucos minutos, seguia-os a pouca distância.

Perto do portão havia uma passagem com estes dizeres: ESTACIONAMENTO DOS AVIÕES — ÁREA RESERVADA USO EXCLUSIVO SAÍDA EMERGÊNCIA INFRAÇÃO FAZ SOAR ALARME.

Como não houvesse funcionário à vista, Partridge foi entrando sem vacilar, seguido pelos outros. Quando desceram às carreiras e ruidosamente a escada metálica, uma campainha de alarme soou com intensidade por trás deles. Não fizeram caso e desembocaram no estacionamento.

Aquela era habitualmente uma hora de grande movimento, e a pista fervilhava de aviões e veículos a serviço das companhias aéreas. De repente apareceu uma caminhonete vindo à toda, as luzes no alto piscando. Os pneus guincharam com a freada diante do portão 19.

Minh, que estava mais próximo, foi logo abrindo a porta e pulou para dentro. Os outros entraram atrás dele estabanadamente. Ao volante, um jovem negro, magro, vestindo uma roupa de serviço marrom, pôs em marcha o carro e seguiu em frente com a mesma velocidade com que havia surgido.

Sem olhar para trás, disse: — Oi, pessoal! Eu sou Vernon, do Serviço de Informações.

Partridge fez a sua apresentação e a dos demais.

Esticando o braço para o assento a seu lado, Vernon apanhou três crachás verdes reservados à imprensa. Passou-os para o banco de trás.

— Vão colocando rapidinho porque eu já infringi o regulamento. Mas, como disse sua amiga, não há tempo a perder.

Saíram da área congestionada, cruzaram duas pistas de rolamento e, dirigindo-se para leste, pegaram uma estrada de acesso paralela. À frente e à direita havia duas pistas de pouso. Veículos para atendimento de emergência estavam se concentrando em grande número à margem da pista mais distante.

Rita Abrams, no prédio da estação do aeroporto, estava falando de uma cabine telefônica para a sede da CBA em Dallas. O diretor local, como ela pôde descobrir, já estava sabendo da situação crítica no aeroporto e tudo fizera até aquele momento para conseguir que uma equipe da emissora de Dallas chegasse lá. picou felicíssimo ao tomar conhecimento da presença de Rita e dos outros.

Ela lhe disse que avisasse Nova York e em seguida perguntou: — Em que condições estamos para transmitir via satélite?

— Não se preocupe. Já mobilizamos um furgão com a aparelhagem necessária. Estava em Arlington e seguiu para aí.

Arlington, foi-lhe explicado, estava a uma distância de apenas vinte quilômetros O furgão, que pertencia à TV— KDLS, uma estação afiliada da CBA, tinha sido mandado para uma transmissão esportiva no estádio de Arlington, mas, a essa altura, a reportagem fora suspensa, e o furgão despachado para o aeroporto Dallas-Fort Worth.

O motorista e o técnico receberiam instruções por radiotelefone para cooperar com Rita e os outros.

A notícia entusiasmou-a. Agora havia certamente uma boa possibilidade de que o texto e as imagens dessa reportagem chegassem a Nova York ainda em

tempo de entrar na primeira edição do Jornal da Noite.

A caminhonete que levava o trio da CBA e o correspondente do *New York Times* estava chegando perto da pista 17E — o 17, indicativo de uma inclinação da agulha magnética de 170 graus (quase exatamente a direção sul), e o E significando que, das duas pistas que ali corriam paralelas, aquela era a da esquerda. Como em todos os aeroportos, os caracteres estavam pintados em branco e em grandes proporções na superfície da pista.

Sempre mantendo a velocidade, Vernon explicou: — Um piloto em apuros pode escolher a pista que lhe for mais conveniente. Em geral, a escolhida é a 17E, por causa dos seus sessenta metros de largura e porque é a que fica mais perto do socorro de emergência.

A caminhonete parou numa pista de rolagem que cruzava com a E e da qual se poderia ver muito bem a aproximação e o pouso do Airbus.

— Aqui vai ser o centro de operações — disse Vernon.

Veículos de atendimento de emergência continuavam a chegar, alguns convergindo em volta da caminhonete com a equipe. Da força de combate a incêndio pertencente ao aeroporto haviam sido destacadas sete unidades, todas pintadas de amarelo: quatro gigantescos veículos lança-espuma Oshkosh M15, um carro com escada de bombeiros e dois outros, menores, "para rápida intervenção" (RI). Os lança-espuma, apoiados em pneumáticos de tamanho descomunal (quase dois metros de altura), com dois motores, um dianteiro e um traseiro, e mangueiras de alta pressão, eram verdadeiros postos de bombeiros com total autossuficiência.

Os veículos RI, rápidos e fáceis de manobrar, eram apropriados para chegar perto dos aviões incendiados e intervir sem perda de tempo.

Meia dúzia de radiopatrulhas despejaram policiais que abriram as malas de seus carros, de lá retiraram macacões prateados para o combate ao fogo e se enfiaram neles.

A polícia do aeroporto recebia treinamento para apagar incêndios, explicou Vernon. No rádio da caminhonete podiam-se ouvir mensagens e ordens do Departamento de Segurança Pública atropelando-se no maior tumulto. Os carrões lança-espuma, sob a supervisão de um tenente da polícia que guiava um sedã pintado de amarelo, tomaram posição, abrindo intervalos de um para outro, em área de estacionamento à margem da pista de pouso. Enviadas pelas comunidades vizinhas, ambulâncias em grande número chegavam ao aeroporto e se concentravam nas proximidades dos veículos de emergência, mas guardando distância da pista.

Partridge fora o primeiro a saltar da caminhonete, e, de pé, encostado a ela, rabiscava umas anotações. Broderick, num ritmo mais lento, fazia o mesmo. Minh Van Canh subira à capota da caminhonete, de onde, de pé, com a câmera pronta para entrar em ação, escrutava o céu na direção norte. Por trás dele, Ken O'Hara, carregando consigo fios e um gravador de som.

Instantes depois dava para ver, à distância de uns oito quilômetros, o aparelho avariado vindo na direção do aeroporto e deixando atrás uma espessa fumaça negra.

Minh ergueu a câmera, segurando-a com firmeza e com o olho grudado no visor.

Ele tinha uma aparência robusta e reforçada, pouco mais de um metro e meio de altura mas com ombros largos, os braços longos e musculosos. No rosto moreno, meio quadrado, com marcas deixadas por uma varíola contraída na infância, destacavam-se dois grandes olhos castanhos em que luzia um olhar impassível, nem um pouco revelador dos pensamentos que poderia existir por trás dele. Os que tinham intimidade com Minh costumavam dizer que era preciso muito tempo para chegar a conhecê-lo.

Todos concordavam, porém, em alguns julgamentos sobre Minh: não havia dúvida de que era diligente, confiável, honesto e um dos melhores câmeras em atividade na tevê.

Suas imagens não tinham apenas boa qualidade técnica: invariavelmente chamavam a atenção e, com muita frequência, primavam pelo valor artístico. Começara a trabalhar para a CBA no Vietnã, como um recruta local que aprendera seu ofício com um câmera americano para quem ele carregava o equipamento em meio aos combates na floresta. Tendo o seu mentor morrido ao pisar numa mina subterrânea, Minh, sem ajuda de ninguém, carregara o corpo refazendo o caminho até o ponto de onde partira a tropa, para enterrá-lo, e depois voltara com a câmera para a floresta, onde retomara as filmagens. Ninguém na CBA se lembrava de algum dia tê-lo contratado. Sua designação para o serviço simplesmente se tomara um fato consumado.

Em 1975, quando era iminente a queda de Saigon, Minh, com a mulher e dois filhos, estava entre os raros felizardos que deixaram o pátio da embaixada americana a bordo de um helicóptero militar CH-53, voando sobre águas oceânicas até pousar em segurança na 7? Esquadra. Minh não deixara de filmar tudo isso, e muito do seu material fora aproveitado no Jornal da Noite.

Agora ele filmava outra reportagem em tomo de peripécias aéreas, diferente daquela mas igualmente dramática, e cujo desenlace ainda estava por

se definir.

No visor, a forma do Airbus que se aproximava ia ficando mais nítida. Também se acusava mais claramente uma auréola de intensa luminosidade no lado direito, com a fumaça continuando a soltar-se para trás. Era possível ver o fogo surgindo de onde antes havia um motor e onde agora só restava a parte do seu pilone. Para Minh e para os outros que olhavam o céu, parecia espantoso que o avião não houvesse ainda sucumbido por inteiro às chamas.

Dentro da caminhonete, Vernon sintonizava uma faixa de frequência usada pela aviação. Ouvia-se perfeitamente o Controle do Tráfego Aéreo falando com os pilotos do Airbus. A voz calma de um funcionário, orientando a sua aproximação pelo radar, alertava: — Vocês estão ligeiramente abaixo da trajetória de pouso... desviando-se para a esquerda da linha do centro... Agora na trajetória de pouso, na linha do centro...

Mas era visível que o Airbus tinha dificuldade para manter a altura e não se desviar da rota, O aparelho parecia estar caindo para um dos lados, com a asa direita, que tinha a avaria, mais baixa que a esquerda. Havia momentos em que o nariz do avião se afastava do rumo certo, e logo em seguida, como se em obediência a esforços insistentes da cabine do piloto, corrigindo a posição e apontando para a pista de pouso. Ele se deslocava alternando quedas e ascensões, como se em dado momento perdesse altura em demasia e a recuperasse, a duras penas, no momento seguinte. Os que estavam no solo faziam a si próprios a pergunta aflitiva que ninguém ousava formular em voz alta: tendo conseguido chegar até esse ponto, seria o Airbus capaz de completar o percurso, resistir a tudo e salvar-se? A resposta era duvidosa. Pelo rádio, fez-se ouvir a voz de um dos pilotos.

— Torre, temos problemas com o trem de aterrissagem... uma falha hidráulica. — Pausa. — Vamos tentar baixar o trem em "queda livre"... agora.

Um oficial do corpo de bombeiros, atento à voz do rádio, havia se detido junto à caminhonete. Partridge perguntou-lhe: — O que significa isso? — Nos grandes aviões de passageiros existe um sistema de emergência para fazer descer as rodas de aterrissagem se a energia hidráulica não funcionar. Os pilotos desligam todos os mecanismos hidráulicos, de modo que o trem de aterrissagem, sendo pesado, cai por seu próprio peso e em seguida é travado. Mas, uma vez que desceu, não têm como levantá-lo novamente, ainda que queiram.

Enquanto o bombeiro dizia isso, dava para ver o trem de aterrissagem do Airbus baixando bem devagarinho.

Instantes depois, estava no ar mais uma vez a voz pausada de um funcionário do controle do tráfego: — Muskegon, vemos que o trem desceu. Fique sabendo que as chamas estão próximas da roda dianteira da direita.

Era óbvio que se os pneumáticos dianteiros da direita fossem consumidos pelo fogo, como parecia provável, aquele lado do trem de aterrissagem não se sustentaria no impacto de tocar o solo, fazendo o avião inclinar-se para a direita em alta velocidade.

Minh, usando uma lente zoom, disparara a câmera. Podia ver as chamas que agora alcançavam os pneumáticos. O Airbus estava sobrevoando os limites do aeroporto. Aproximou-se mais, a quatrocentos metros de distância da pista de pouso... Ia tomando posição para tocar o solo, embora o fogo fosse maior, mais intenso, visivelmente alimentado pelo combustível; dois dos quatro pneus do lado direito estavam queimando, a borracha derretia... Fez-se um clarão quando um dos pneus explodiu.

Agora o Airbus em chamas estava sobre a pista, a pouca altura e desenvolvendo uma velocidade de quase 250km por hora. Quando passou o aparelho, os veículos de socorro que o esperavam manobraram rápido para dentro da pista e arrancaram no rastro dele, com os pneus guinchando. Dois veículos lança-espuma foram os primeiros a se mover, seguidos pelos outros carros de bombeiros a pequena distância.

Na pista, quando o trem de aterrissagem do avião tocou o solo, outro pneu do lado direito explodiu, e logo em seguida mais um. De repente, todos os pneumáticos do lado direito se desintegraram, as rodas ficaram reduzidas aos aros. Um som metálico estridente e prolongado, fantasmagórico, como o grito de almas do outro mundo, furou o ar, ao mesmo tempo em que jorravam centelhas em mistura com uma nuvem de poeira e pedaços de cimento levantados do solo... De algum modo, milagrosamente, os pilotos conseguiram firmar o Airbus sobre a pista... Ele ainda seguiu o que pareceu a todos um longo trajeto, de duração interminável. Por fim, parou. E, no que parou, o fogo se expandiu com toda a força.

Movendo-se sempre com a máxima rapidez, os carros de bombeiros se acercaram das chamas e em poucos segundos já estavam expelindo espuma. Gigantescas volutas que iam se acumulando sobrepostas e esparramadas no que mais parecia uma montanha de creme de barbear.

No avião, abriram-se algumas portas de passageiros, saídas de emergência das quais eram baixados, aos trambolhões, os escorregas de acesso ao solo. Do lado direito do aparelho, a porta dianteira estava aberta, mas,

naquele lado, o fogo bloqueava as saídas do centro da fuselagem. No lado esquerdo, fora do alcance do incêndio, estavam abertas uma outra porta da frente e uma porta do centro da fuselagem. Alguns passageiros já começavam a descer pelos escorregas. Na cauda do avião, porém, onde havia duas saídas de emergência em cada lado, nenhuma fora aberta até aquele momento.

Do interior saía muita fumaça pelas três portas abertas. Uns poucos passageiros já haviam desembarcado, e os últimos deles saíram tossindo, outros vomitando, todos arquejantes, ansiando por respirar livremente.

Bombeiros dos veículos RI, metidos em suas roupas de proteção prateadas e com máscaras de oxigênio, avançaram rapidamente para o aparelho e engancharam escadas nas portas da cauda, ainda por abrir. No momento em que elas foram abertas por fora manualmente, novos rolos de fumaça se desprenderam e se projetaram para o exterior.

Céleres, os bombeiros enfiaram-se por essas passagens, prontos a apagar qualquer fogo no interior do avião. Outros bombeiros, entrando pelas portas dianteiras do arruinado Airbus, ajudaram os passageiros a sair, alguns com a cabeça zonza e a ponto de desmaiar.

Era visível que diminuíra o fluxo de passageiros para fora do avião. Harry Partridge calculou rapidamente que cerca de duzentas pessoas tinham deixado o interior do aparelho, embora, pela informação que colhera, soubesse que o número oficial de passageiros, incluindo a tripulação, chegava a 297. A equipe de socorro começara a carregar alguns que pareciam gravemente queimados — entre eles, duas aeromoças. A fumaça continuava a se desprender do interior, mas em menor quantidade do que antes.

Minh Van Canh não cessava de filmar a cena à sua volta, pensando sempre em termos profissionais, sem deixar que qualquer outra consideração pudesse ocupar suas ideias, embora não perdesse de vista que era o único câmera presente ao palco dos acontecimentos e que, no teipe que estava filmando, havia um material especialíssimo e incomparável. Provavelmente desde o desastre com o zepelim Hindemburg nenhum outro pouso catastrófico de grande repercussão havia sido visualmente registrado com tais detalhes no momento exato em que acontecia.

Ambulâncias haviam sido chamadas para se concentrar no centro de operações in loco. Uma dúzia delas já se achava a postos, e continuavam a chegar outras mais. Equipes paramédicas trabalhavam no atendimento aos feridos postos em macas numeradas e que daí a alguns minutos estariam a caminho dos hospitais locais, já devidamente instruídos para recebê-los. Com a

chegada de um helicóptero trazendo médicos e enfermeiras, o centro de operações junto ao Airbus estava se tomando um hospital de campanha improvisado que tinha como principal objetivo organizar um sistema prévio de triagem para encaminhamento das vítimas.

A agilidade com que tudo estava sendo feito, pensou Partridge, depunha a favor do planejamento de emergências do aeroporto. Ele ouviu quando o comandante dos bombeiros comunicou que cerca de passageiros tinham sido retirados com vida do Airbus. Essa conta deixava de fora uns cem mais ou menos. Desaparecidos? Um dos bombeiros, retirando a máscara de oxigênio, comentou: — Deus do Céu! Os assentos de trás estão repletos de mortos. Deve ter sido onde se juntou mais fumaça. Isso explicava também por que as portas de emergência na cauda não tinham sido abertas pelo lado de dentro.

Como é de praxe em acidentes aéreos, os mortos seriam deixados no local até que uma autoridade da Diretoria de Segurança do Transporte Aéreo, já a caminho da pista de pouso, autorizasse a sua remoção, depois de devidamente identificados os corpos.

A tripulação da cabine do piloto deixou o Airbus ostensivamente, recusando ajuda das equipes de socorro. O comandante, de cabelos grisalhos, insígnia de quatro listras, olhando para os feridos à sua volta e já sabendo do grande número de mortos, não dissimulava as lágrimas. Como Minh pressentisse que, apesar das vítimas, os pilotos seriam elogiados por terem conseguido colocar o avião em terra, tratou de fixar o rosto acabrunhado do comandante em close, Foi o último plano filmado por Minh, pois logo em seguida ouviu uma voz que gritava: — Harry! Minh! Ken! Agora parem. Peguem o material que está feito e venham comigo. Vamos transmitir para Nova York por satélite. A voz era de Rita Abrams, que chegara num ônibus do Serviço de Informações. Não muito longe, podia-se ver o prometido furgão para transmissões via satélite. A antena do furgão, em forma de disco, que se encolhia como um leque sempre que o veículo se achava em trânsito, estava sendo aberta e apontada para o céu.

Obediente à ordem, Minh baixou sua câmera. Duas outras equipes de filmagem de tevê haviam chegado no mesmo ônibus que Rita -sendo uma da KDLS, afiliada à CBA —, juntamente com repórteres e fotógrafos da imprensa escrita. Eles e outros mais, Minh estava sabendo, iriam cobrir a matéria daí por diante. Mas só ele tinha em mãos a essência dos acontecimentos, as imagens exclusivas do pouso forçado, e enchia-se de orgulho ao pensar que, nesse dia e nos que estavam por vir, suas imagens seriam vistas pelo mundo inteiro e ficariam como um documento histórico.

Foram com Vernon na caminhonete do Serviço de Informações até onde estava o furgão de transmissões via satélite. No percurso, Partridge começou a rascunhar as palavras que iria dizer daí a pouco. Rita lhe dera as instruções: — Faça um texto de um minuto e 45. Quando acabar de escrever, grave tudo e faça-se filmar, em pé, num plano próximo. Enquanto isso, eu providencio para o material entrar em Nova York, sem retoques, do jeito que estiver.

Tendo Partridge concordado com um movimento de cabeça, Rita olhou para o relógio no pulso: 17:43. Ou seja, 18:43 em Nova York. Em quinze minutos terminaria a primeira edição do Jornal da Noite. Era o tempo de que dispunham para a transmissão.

Partridge não cessava de escrever, mexendo os lábios à medida que formava as frases em silêncio, mudando aqui e ali o que já havia escrito. Minh entregou a Rita dois preciosos videocassetes e em seguida colocou um cassete virgem na câmera, para fazer a sequência em áudio de Partridge e o seu close, em pé.

Vernon deixou-os bem ao lado do furgão para transmissões via satélite. Broderick, que também viera na caminhonete do Serviço de Informações, dirigiu-se para o prédio da estação do aeroporto, a fim de passar para Nova York, pelo telefone, o seu próprio despacho Despediu-se, dizendo: — Obrigado, meus queridos. Lembrem-se: se quiserem ter a essência do que aconteceu tratada em profundidade, comprem o Times amanhã O'Hara, um entusiasta da tecnologia avançada, não continha sua admiração ao olhar para o furgão com toda a sua parafernália de equipamentos sofisticadíssimos.

— Como eu amo um bichinho desses! O disco de quatro metros e meio, montado sobre o topo do veículo, estava agora inteiramente aberto e com a altura adequada, funcionando com um gerador de 20kw.

Dentro do furgão, numa pequena sala de controle onde os equipamentos para editar e transmitir, dispostos em prateleiras, comprimiam-se em demasia para atender à falta de espaço, um técnico — o segundo membro de uma equipe de dois: ele e o motorista — estava alinhando o transmissor na direção de um satélite erguido uns 35 quilômetros acima deles, o Spacenet 2. Tudo que eles transmitissem iria ao transponder 21, no satélite, e de lá, instantaneamente, seria retransmitido para Nova York, onde ainda teria que ser regravado.

Dentro do furgão, dividindo o espaço de trabalho com o técnico, Rita passava os videocassetes de Minh por uma máquina de editar, observando suas imagens num monitor de tevê. As imagens eram excelentes — como seria de esperar, pensou ela.

Em serviços normais, e trabalhando com um editor na equipe, produtor e editor selecionavam juntos as sequências a serem aproveitadas, e depois, em cima de uma trilha sonora com os comentários de um correspondente, montavam todos os componentes, moldando a edição em sua forma definitiva. Mas isso levava, em média, 45 minutos, e hoje não havia tempo. De modo que, por meio de decisões rápidas, Rita escolheu algumas das cenas mais dramáticas, passando-as "sem limpar" ao técnico, que as transmitiu do jeito que estavam.

Do lado de fora do furgão, sentado nuns degraus metálicos, Partridge completou seu script e, depois de uns breves acertos com Minh e com o técnico de som, fez a trilha sonora com a gravação do texto.

Deixando espaço para a introdução do âncora, a ser escrita em Nova York e que conteria as manchetes da matéria, Partridge começou: -os pilotos, numa guerra que já se perdeu no remoto passado, chamavam a isso "pousar contando somente com uma asa e uma prece". Havia até uma canção com esse nome. Dificilmente alguém fará uma canção sobre o que aconteceu hoje.

O Airbus da Muskegon Airlines estava a 96 quilômetros do Dallas-Fort Worth... Com sua lotação quase completa... procedente de Chicago... quando ocorreu o choque em pleno ar...

Como sempre acontecia quando um correspondente de longa experiência escrevia para o noticiário da tevê, Partridge elaborara seu texto "ligeiramente descasado das imagens". Era um procedimento artístico especializado, difícil de aprender, que alguns profissionais televisivos nunca conseguiram dominar plenamente. Mesmo entre escritores do mundo literário, esse talento especial não tinha o reconhecimento que merecia, porque, compostos para acompanhar imagens, tais textos raramente valiam por si próprios, isoladamente.

O truque, que Harry Partridge e outros como ele conheciam tão bem, estava em não descrever as imagens. Um telespectador acompanhava visualmente o que estava acontecendo na tela e não precisava de uma descrição verbal. No entanto, era importante que as palavras faladas não se distanciassem muito das imagens, a ponto de cindir a consciência do telespectador. Um desempenho de equilibrismo literário, em grande parte instintivo.

Outra coisa que os telejornalistas sabiam muito bem era que o melhor texto para noticiários não se fazia com frases completas articuladas em períodos e parágrafos.

O que melhor funcionava eram fragmentos de frases. Os fatos deviam ser tratados secamente e concentrados, retesados; os verbos, sempre fortes e ativos; nenhum afrouxamento; um script, a bem dizer, deveria estalar. E um

correspondente não seria completo se não transmitisse os seus significados também pela entonação da voz, por um estilo que transparecesse no modo de falar. Ele ou ela tinha que ser, além de excelente repórter, um ator ou atriz de primeira. Partridge era exímio sob todos estes aspectos, embora hoje houvesse tido uma desvantagem: não pudera ver as imagens, como era da rotina de todo correspondente. Mas sabia, mais ou menos, como elas seriam. Partridge concluiu o seu trabalho com uma tomada em que se deixava filmar, de pé (enquadrados cabeça e ombro), falando diretamente para a câmera. Ao fundo, via-se a atividade que prosseguia, incessante, em tomo do Airbus sinistrado.

— Nossa informação não se esgota aqui. Você terá, mais tarde, novos detalhes trágicos, a relação dos mortos e feridos. Mas o que ficou claro, desde já, é que estão se multiplicando os perigos de colisão... nas rotas aéreas, em nossos céus com excesso de tráfego aéreo... Harry Partridge, do Dallas-Fort Worth para O Jornal da Noite.

O videocassete com a narração foi entregue a Rita no interior do furgão. Com a absoluta confiança que tinha em Partridge, a quem conhecia o suficiente para não perder um tempo precioso revendo o seu trabalho, mandou transmitir a matéria para Nova York sem qualquer exame. Momentos depois, assistindo à transmissão pelo técnico, tornou-a um forte sentimento de admiração: lembrada da discussão, meia hora antes, no bar do aeroporto, não pôde deixar de pensar que estava feita ali, por Partridge, a demonstração de por que o seu salário era tão mais alto que o do repórter do New York Times.

Do lado de fora, Partridge cumpria mais um de seus deveres de correspondente: um despacho em áudio, falado sobre uma base de anotações e larga margem de improvisação, para o noticiário da Rádio CBA. Uma vez terminada a transmissão de tevê, esse material também iria para Nova York via satélite.

4

A sede da CBA em Nova York ficava num prédio simples, com fachada de arenito pardo e sem qualquer característica que pudesse despertar maior atenção, no East Side da parte de cima de Manhattan. Tendo sido antes uma fábrica de móveis, hoje conservava apenas o arcabouço da estrutura original; o interior passara por numerosas remodelações e reformas nas mãos de diversas firmas. Desse trabalho fragmentado resultara um labirinto de corredores entrecruzados onde o visitante sem auxílio de um cicerone se perdia facilmente.

Apesar do aspecto pouco atraente de suas instalações, o prédio da CBA continha um verdadeiro tesouro das mil e uma noites em sua parafernália eletrônica, a maior parte da qual se concentrava no território dos técnicos, dois pavimentos abaixo do nível da rua, e também conhecido como "as catacumbas". Era aí, em meio a uma grande variedade de funções, que se situava um departamento de vital importância, rotulado com a sala do teipe.

Todos os despachos e reportagens enviados pelas equipes de telejornalismo da CBA espalhadas pelo mundo convergiam, via satélite ou não, para a sala do teipe. Por outro lado, era dali que todas as gravações em teipe e os noticiários, uma vez editados e prontos para ir ao ar, saíam com destino aos telespectadores, passando por uma sala de controle de transmissão e em seguida via satélite.

Na sala do teipe havia a presença indefectível de enormes pressões, nervos retesados, tensão, urgência nas decisões e nas ordens recebidas, especialmente momentos antes e durante as transmissões do Jornal da Noite.

Nessas ocasiões, quem não conhecesse bem os mecanismos do que estava acontecendo poderia julgar que presenciava um pesadelo tecnológico. Impressão reforçada pela semiobscuridade que circundava o ambiente, necessária para tomar visíveis uma floresta de telas de tevê.

Na realidade, porém, a operação fluía tranquilamente, com rapidez e perícia. Qualquer engano poderia ser desastroso, mas era raro acontecer algum.

Meia dúzia de grandes e sofisticadas máquinas de passar teipes rolo a rolo, embutidas em consoles e com monitores de tevê no alto, dominavam a atividade; as máquinas usavam teipe magnético de uma polegada, o de mais alta qualidade e o mais confiável. Diante de cada máquina de passar teipe e o respectivo console sentava-se um operador experiente em receber, editar e transmitir teipes com a máxima destreza, seguindo instruções. Os operadores,

com mais idade que a maioria dos que trabalhavam no edifício, eram um grupo pouco homogêneo que parecia se orgulhar das roupas em más condições e do comportamento ruidoso e turbulento que tinham. Foi pensando nisso que um comentarista se referiu a eles como "os pilotos de caças" das transmissões de tevê.

Todos os dias, cerca de uma hora antes da transmissão do Jornal da Noite, um produtor de telejornalismo do primeiro escalão deixava seu lugar na Ferradura e, descendo cinco pavimentos, ia dirigir os trabalhos da sala do teipe. Lá, coordenando tudo, sua atuação fazia lembrar a de um maestro, gritando instruções ao mesmo tempo que com os braços indicava as etapas a serem atacadas, examinava o material recém-chegado para a programação no noticiário daquela noite, mandava rever a edição de imagens quando necessário, e mantinha os colegas da Ferradura informados sobre quais das matérias esperadas já haviam chegado, e sobre a sua qualidade à primeira vista.

A impressão que se tinha era que tudo chegava às pressas e com atraso na sala do teipe. Produtores, correspondentes e editores que faziam trabalho de campo junto às equipes mantinham uma tradição de polir e repolir suas matérias até o último momento possível, de tal modo que a maioria delas chegava meia hora antes da transmissão ir ao ar, e algumas já depois de começado o noticiário. Havia até mesmo ocasiões aflitivas em que a metade inicial de uma reportagem estava saindo de um gravador de VT e sendo transmitida enquanto a metade que se deveria seguir ainda estava alimentando as máquinas de entrada. Durante esses momentos de ansiedade, os operadores, suando frio, davam o máximo de que eram capazes.

O produtor que em geral assumia esse trabalho era Will Kazazis, nascido no Brooklyn, de uma família grega que tinha os nervos à flor da Pele, um traço por ele herdado.

Seu nervosismo, contudo, parecia apropriado àquele tipo de trabalho, e a verdade era que ele nunca perdera o controle. Foi Kazazis quem recebeu a transmissão do Dallas-Fort Worth, feita via satélite por Rita Abrams — primeiro, as imagens de Minh Van Canh, sem retoque, "do jeito que estavam", e em seguida a trilha sonora de Henry Partridge, com a sua apresentação final diante da câmera.

Eram 18:48: ainda dispunham de dez minutos do noticiário. Acabara de entrar um intervalo comercial.

Kazazis disse ao operador que tinha recebido o material: — Monte isso o mais rápido possível. Utilize toda a trilha de Partridge. Jogue as melhores

imagens em cima do texto. Confio em você. Agora, toque pra frente, vá, vá! Por intermédio de um assistente, Kazazis já tinha feito saber à Ferradura que o teipe de Dallas estava chegando. Pelo telefone, Chuck Insen, que se achava na sala de controle das transmissões, indagou-lhe: — E que tal?

Kazazis disse ao produtor executivo: — Fantástico! Lindo! Exatamente o que você poderia esperar de Harry e Minh.

Ciente de que não haveria tempo para ver pessoalmente o VT, e confiando em Kazazis, Insen ordenou: — Vamos entrar com isso logo depois deste comercial. Fique de olho.

Faltando menos de um minuto para jogar no ar a reportagem, o operador de VT, suando apesar do ar condicionado em seu espaço de trabalho, continuava a editar, combinando às pressas as imagens com o comentário e os sons diretos tomados no aeroporto.

A ordem de Insen foi repetida para o âncora e para um redator sentado a seu lado. Um lead para abrir caminho à reportagem já estava pronto, e o redator passou a folha avulsa para Crawford Sloane, que lhe deu uma olhada, substituiu rapidamente uma ou duas palavras e agradeceu com um movimento de cabeça. Um instante após, em lugar das palavras de abertura para o segmento anteriormente programado, apareceu no teleprompter do âncora a matéria sobre o aeroporto. No estúdio de transmissões, ao se aproximar o término dos comerciais, o contrarregra deu o alerta: — Dez segundos... cinco... quatro... dois...

Um sinal com a mão, e Sloane começou, a fisionomia grave, compenetrada: — Noticiamos, no início desta edição, um choque em pleno ar entre um Airbus da Muskegon Airlines e um avião particular. O avião particular caiu e não há sobreviventes. O Airbus, em chamas, fez um pouso de emergência no aeroporto Dallas-Fort Worth, poucos minutos atrás, com muitas vítimas. Do local, fala o correspondente da CBA, Harry Partridge.

A reportagem ficara pronta alguns segundos antes, editada em ritmo frenético na sala do teipe. E agora, nos monitores espalhados por todo o edifício e em milhões de televisores no Leste e no Centro— Oeste dos Estados Unidos, assim como no outro lado da fronteira canadense, as telas mostravam a imagem dramática de um Airbus que se aproximava soltando labaredas, enquanto a voz de Partridge começava a dizer: -os pilotos, numa guerra que já se perdeu no remoto passado, chamavam a isso "pousar contando somente com uma asa e uma prece"...

A reportagem e as imagens exclusivas, ocupando o último segmento, tinham conseguido entrar na primeira edição do Jornal da Noite Haveria uma segunda edição logo em seguida à primeira. Era sempre assim. Seria transmitida no Leste pelas estações afiliadas que não haviam mostrado a primeira edição; no Centro— Oeste teriam ampla exibição, ao passo que a maioria das estações do Oeste gravaria a segunda edição para transmiti-la mais tarde.

A reportagem de Partridge diretamente do Dallas-Fort Worth abriria, evidentemente, a segunda edição, pois ainda que as redes concorrentes pudessem ter, a essa altura, para incluir em suas segundas edições, as imagens tomadas após os acontecimentos, as imagens da CBA feitas no exato momento em que os fatos aconteceram continuavam sendo uma exclusividade mundial e seriam repetidas muitas vezes nos dias subsequentes.

Havia um intervalo de dois minutos entre o final da primeira edição e o início da segunda; Crawford Sloane aproveitou esse espaço para falar com Chuck Insen pelo telefone.

— É o seguinte — disse Sloane —, acho que deveríamos incluir de novo a sequência sobre os sauditas.

Insen foi sarcástico: — Eu sei que você tem muita influência na emissora. Será que conseguiríamos arranjar cinco minutos a mais para a transmissão? -sem brincadeira. A matéria é importante — E também muito chata. Minha resposta é negativa.

— Adianta alguma coisa eu insistir na positiva?

— Claro que sim. Por isso mesmo voltaremos ao assunto amanhã. No momento, sentado onde estou, tenho certas responsabilidades.

— Que incluem, ou deveriam incluir, um julgamento sensato sobre notícias internacionais.

— Cada qual com seu trabalho — disse Insen —, e o relógio vai logo logo pedir contas do seu. Aliás, você se saiu bem nesse assunto de Dallas, tanto no início como no fim.

Sem dar qualquer resposta, Sloane pôs o fone de volta no aparelho em cima de sua mesa de locutor. Pensou duas vezes e disse ao redator a seu lado: — Peça a alguém para fazer contato pelo telefone com Partridge em Dallas. No próximo intervalo falarei com ele. Quero dar-lhe parabéns, e aos outros também.

O contra— regra deu o sinal: — Quinze segundos! Tudo bem, decidiu Sloane, no dia seguinte haveria uma discussão entre ele e Insen, para pôr as coisas, de uma vez, em pratos limpos. Insen talvez já tivesse deixado de ser útil para a rede, e o melhor que poderia fazer seria ir-se. A Chuck Insen franzia os

lábios e não estava sorrindo quando, terminada a segunda edição e antes de ir para casa, voltou à sua sala para apanhar uma pilha de revistas que leria mais tarde.

Ler, ler, ler a fim de se manter informado nos mais diversos campos, era a cruz que carregava todo produtor executivo de telejornalismo. Onde quer que estivesse e fosse qual fosse a hora, Insen se sentia compelido a apanhar, para ler, um jornal, uma revista, um boletim informativo, um livro de não ficção — às vezes, publicações obscuras —, da mesma forma como outros se serviriam de uma xícara de café, ou puxariam um lenço, um cigarro. Vez por outra acordava no meio da noite e lia, ou ficava escutando notícias do outro lado do mundo por ondas curtas. Em casa, usando o seu microcomputador, tinha acesso aos melhores serviços telegráficos de notícias, e, diariamente, às cinco da manhã, passava em revista todos eles. Dirigindo o carro para o trabalho, escutava as notícias pelo rádio — sintonizava especialmente a CBS, cuja rede radiofônica era, em sua opinião e na da maioria dos profissionais da área, a melhor de todas.

Por ter desenvolvido esse hábito de uma visão, a mais ampla possível dos ingredientes de um noticiário e dos assuntos que interessavam às pessoas comuns, Insen considerava-se mais capacitado para avaliar o que valorizava uma notícia do que Crawford Sloane, que geralmente pensava em termos elitistas.

Insen tinha uma filosofia a respeito dos milhões lá fora que assistiam ao Jornal da Noite. Para ele, o que a maioria do público de telespectadores desejava eram respostas a estas três perguntas fundamentais: O mundo está em segurança? Minha casa e minha família estão em segurança? Aconteceu alguma coisa interessante hoje? Acima de tudo, Insen tentava fazer que as notícias, a cada noite, fornecessem essas respostas.

Estava farto, pensou Insen com irritação, dos ares de uma pretensa superioridade intelectual e maior visão cultural assumidos pelo âncora quando se discutia a escolha de notícias; razão pela qual, os dois, no dia seguinte, iriam decidir a parada sem meias palavras e Insen diria exatamente o que estava pensando nesse momento, pouco ligando para as consequências.

E quais poderiam ser essas consequências? Bem, no passado, em qualquer tipo de disputa entre um âncora e o seu produtor executivo, o âncora sempre saíra vencedor, com o produtor tendo que procurar trabalho em outras bandas. Mas muita coisa estava mudando no telejornalismo das redes. O clima era outro nos dias presentes, e como para tudo há uma primeira vez, bem poderia ser que houvesse chegado a hora do âncora ir-se e o produtor ficar.

Tendo em mente justo essa possibilidade, Insen conversara pelo telefone com Harry Partridge, dias atrás, em caráter estritamente confidencial, explorando o terreno.

Interessaria a ele, Partridge —o produtor gostaria de saber —, fixar-se em Nova York como âncora do Jornal da Noite? Quando estava a fim, Harry era capaz de transmitir autoridade e estaria perfeito naquele papel, como, aliás, bem o demonstrara nas diversas vezes em que, estando Sloane em férias, substituíra-o em suas funções.

A resposta de Partridge tinha sido uma mistura de surpresa e vacilação; mas em momento nenhum dissera não. Crawf Sloane, bem entendido, nada soube dessa conversa.

Fosse como fosse, no tocante a si próprio e a Sloane, Insen estava convencido de que não poderiam prolongar indefinidamente essa eterna desavença, e que uma resolução qualquer teria que ser tomada logo.

Eram 19h40 quando Crawford Sloane, dirigindo um Buick Somerset, deixou a garagem do prédio da CBA. Como de hábito, ele estava usando um carro da rede; tinha sempre um à sua disposição, garantido por cláusula do contrato de trabalho, e podia ter um motorista, se quisesse, mas na maior parte do tempo não queria. Minutos depois, dobrando da Terceira Avenida para a Rua 59 e seguindo rumo leste em demanda da Estrada Franklin Delano Roosevelt, continuou a pensar na transmissão havia pouco encerrada.

Seus primeiros pensamentos se dirigiram para Insen, depois resolveu tirar da cabeça o produtor executivo até o dia seguinte. Sloane não duvidava nem um pouco de sua capacidade de medir-se com Insen numa discussão e de despachá-lo para longe — talvez para uma vice-presidência ali mesmo dentro da rede, o que, apesar da altissonância do título, representava um rebaixamento para quem vinha do Jornal da Noite. Não ocorreu a Sloane nem por um momento que o inverso do processo pudesse acontecer.

Se alguém lhe insinuasse tal coisa, ele daria uma boa gargalhada, sem dúvida.

Preferiu voltar as ideias para Partridge. A reportagem de Dallas, feita no corre-corre — mas, mesmo assim, excelente —, era mais um sólido desempenho numa brilhante carreira profissional. Por meio do sistema de chamados por alto-falantes do aeroporto Dallas-Fort Worth, Sloane conseguira ter Partridge ao telefone e congratulara-se com ele, pedindo-lhe que transmitisse as congratulações a Rita, Minh e O'Hara. Esse tipo de coisa era esperado de um âncora — uma questão de *noblesse oblige*, embora, no tocante a Partridge,

Sloane se houvesse desincumbido da obrigação sem maior entusiasmo. Devido a esse sentimento subjacente, a conversa, pelo lado de Sloane, assumira um tom de embaraço, como era comum acontecer nas conversas que tinha com Partridge. Este, no entanto, parecera à vontade, sua voz quando muito revelando um certo cansaço.

Dentro do carro em trânsito, num momento de silenciosa e íntima franqueza, Sloane perguntou a si próprio: Como me sinto em relação a Partridge? A resposta veio na hora e com a mesma franqueza: ele me faz sentir inseguro.

5

Pergunta e resposta tinham raízes em fatos recentes.

Os dois já se conheciam havia mais de vinte anos, que era o tempo que tinham servido juntos à CBA, para a qual entraram quase que simultaneamente. Desde o início foram profissionais bem-sucedidos dentro da rede, embora com personalidades opostas.

Sloane era preciso, meticuloso, impecável no vestir e no falar; gostava de ter autoridade e a exercia naturalmente. O pessoal do segundo escalão tratava-o por "senhor" e cedia-lhe o direito de ser o primeiro a passar nas entradas e saídas. Ele se mostrava frio e um tanto reservado com pessoas que não conhecia bem, embora em qualquer contato humano sua aguçada observação quase nada deixasse passar despercebido do que lhe houvesse sido dito ou meramente insinuado.

Partridge, em contraste, era espontâneo e informal em seu comportamento, de aparência descuidada, preferindo em geral usar paletós velhos de tweed, raramente vestindo um terno. Tinha um jeitão bem-humorado que deixava perfeitamente à vontade seu interlocutor, que se sentia seu igual; podia, às vezes, dar a impressão de não ligar muito para coisa alguma, mas esse era um truque que ele punha em prática de propósito — aprendera desde cedo no jornalismo que teria melhores condições de descobrir as coisas se aparentasse pouca ou nenhuma autoridade e ocultasse sua argúcia excepcional.

Tinham diferenças de formação também.

Crawford Sloane, de uma família de classe média de Cleveland, dera seus primeiros passos em televisão nessa cidade. Harry Partridge fizera seu aprendizado decisivo de telejornalismo em Toronto com a CBC (Canadian Broadcasting Corporation), tendo antes trabalhado como locutor, locutor noticiarista e de previsões meteorológicas nas pequenas estações de rádio e tevê do oeste do Canadá. Nascera em Alberta, não longe de Calgary, num povoado chamado De Winton, onde seu pai era fazendeiro.

Sloane obteve um diploma na Universidade de Colúmbia. Partridge nem sequer terminou o curso secundário, mas, na prática do jornalismo, sua educação acelerou-se e expandiu-se rapidamente.

Por muito tempo suas carreiras foram paralelas na CBA; como resultado disso, chegaram a ser vistos como concorrentes. O próprio Sloane considerava

Partridge um concorrente e mesmo uma ameaça ao seu progresso. Não tinha certeza, entretanto, se Partridge o encarava da mesma forma.

A competição entre os dois pareceu acirrar-se quando ambos cobriram a guerra do Vietnã. Foram para lá enviados pela rede em fins de 1967, supostamente para trabalhar em equipe, o que, num certo sentido, foi o que fizeram de fato. Sloane, contudo, via a guerra como uma oportunidade de ouro para avançar em sua carreira; já desde então ele tinha claramente em vista ocupar a cadeira de âncora no Jornal da Noite.

Fundamental para essa carreira, Sloane o sabia, era aparecer nesse noticioso com a maior frequência possível. Por isso, pouco depois de ter chegado a Saigon, decidiu que era importante não se afastar muito do "Pentagon East" — QG do Comando de Assistência Militar dos Estados Unidos para o Vietnã (MACV), na base aérea de Tan Son Nhut, a uns oito quilômetros de Saigon, e, quando precisasse viajar, não se ausentar por muito tempo.

Lembrava-se, mesmo decorridos todos esses anos, de uma conversa com Partridge em que este lhe havia observado: — Crawf, você nunca vai entender esta guerra se passar o seu tempo dando ouvidos ao que dizem no Fantástico de Saigon ou enchendo a cara no Caravelle. "Fantástico de Saigon" era como o pessoal de imprensa designava as entrevistas coletivas das autoridades militares sobre operações de guerra. O Caravelle era um hotel que servia como ponto de encontro da imprensa internacional, dos militares mais graduados e dos civis da embaixada americana.

— Se está se referindo a riscos — respondera Sloane, ofendido —, saiba que estou disposto a assumir tantos quanto você.

— Não se trata de riscos. Não se preocupe, que estaremos todos correndo muito risco. O que eu estou falando é de uma cobertura jornalística em profundidade.

Quero me aprofundar neste país e entendê-lo. Quero passar uma parte do tempo livre dos militares. Quero mais do que simplesmente ficar no pé deles, seguindo-os quando se expõem ao fogo, narrando os bangue-bangues, que é o que eles gostariam que a gente se limitasse a fazer. Assim é fácil demais. Se for para cobrir assuntos militares, quero estar nas aéreas avançadas, para poder apurar se o que a propaganda da USIS diz que está acontecendo é verdade ou não.

— Se quiser conseguir tudo isso — comentou Sloane —, você precisará se ausentar daqui durante dias, talvez até semanas, cada vez que partir para uma cobertura— Partridge divertira-se com o comentário.

— Calculei que você logo pensaria nisso. E tenho certeza de que também percebeu que se eu trabalhar do modo que pretendo, você poderá ter sua cara no noticiário quase todas as noites.

Sloane sentira-se embaraçado por ter os seus pensamentos lidos tão facilmente, ainda que, no final das contas, tudo tenha acabado acontecendo assim mesmo.

Ninguém poderia dizer que no tempo que passara no Vietnã, Sloane não trabalhasse duramente. E não fora só isso: também correra riscos. Em certas ocasiões, seu trabalho o levara a áreas em que operavam os vietcongues, e ele estivera mais de uma vez debaixo de fogo, pensando, nesses momentos perigosos, com um medo natural, se algum dia conseguiria sair vivo dali.

Saiu, sempre. E poucas vezes ausentou-se de Saigon mais que 24 horas. De volta, trazia invariavelmente dramáticas imagens de combate, combinadas com noticiário de interesse humano sobre os jovens americanos na guerra, o tipo de escolha de assunto que agradava a Nova York.

Seguindo astuciosamente o que havia planejado, Sloane não se excedeu nas incursões perigosas e em geral achava-se disponível para coletivas militares e diplomáticas que, na época, mereciam a atenção das redes de tevê. Somente muito mais tarde se descobriria como havia sido superficial o tipo de cobertura feito por Sloane e como — para a televisão -as imagens dramáticas deveriam ter prioridade absoluta, ficando em plano secundário as análises ponderadas e, às vezes, a própria verdade. Quando isso ficou patente, entretanto, para Crawford Sloane já não tinha importância.

Em suas linhas gerais, o esquema traçado por Sloane deu certo. Sua imagem sempre causara boa impressão no vídeo, e transmitida do Vietnã, melhor ainda. Tornou-se um dos mais cotados junto aos produtores da Ferradura em Nova York, aparecendo com grande frequência no Jornal da Noite — em certas ocasiões, três ou quatro vezes por semana —, e era assim que um correspondente construía sua fama, não só entre os telespectadores, mas também no QG da CBA.

Harry Partridge, por outro lado, mantivera-se fiel a seu próprio plano e às suas próprias regras de jogo, que o levaram a agir diferentemente. Ia atrás de matérias mais complexas que requeriam pesquisa mais longa, e com esse objetivo chegara, junto com seu câmera, a regiões bem longínquas no Vietnã. Enfronhou-se nas táticas militares tanto de americanos como de vietcongues, a ponto de conseguir entender por que, às vezes, de ambos os lados, elas não funcionavam. Estudou o equilíbrio de forças, esteve nas posições avançadas

verificando, com números comparativos, o impacto das manobras terrestres e a eficiência de fogo antiaéreo, as baixas, a logística. Alguns de seus despachos contradiziam declarações oficiais militares de Saigon, outros as confirmavam; e era essa segunda maneira de proceder — despida de preconceitos contra os militares dos Estados Unidos — que distinguia Partridge e um punhado de outros da maioria de correspondentes que cobriam a guerra do Vietnã.

O grosso da cobertura que se fazia nesse período era negativo e hostil. Uma geração de jovens jornalistas — alguns com simpatias pelos manifestantes contra a guerra que atuavam dentro dos Estados Unidos — não confiava nos militares americanos, às vezes até mesmo os desprezava, e a cobertura da mídia, em sua maioria, refletia essa atitude. Um exemplo foi a ofensiva do Tet levada a efeito pelo inimigo. A mídia consagrou essa ofensiva como uma vitória total e esmagadora dos comunistas, apreciação que pesquisas mais serenas realizadas duas décadas depois revelaram estar errada.

Harry Partridge foi um que, na época, sustentou que as forças dos Estados Unidos estavam se saindo muito melhor do que se dizia, e, também, que o desempenho do inimigo não tinha a excelência que unanimemente lhe era atribuída, havendo os vietcongues, na verdade, fracassado em alguns de seus objetivos. De início, os produtores do primeiro escalão na Ferradura puseram em dúvida os despachos do correspondente e quiseram retardar sua apresentação no vídeo. Mas, depois de discutirem o assunto, a sólida reputação de Partridge como repórter fiel aos fatos acabou pesando mais na balança, e a maioria de suas reportagens foi transmitida.

Um dos despachos de Partridge não transmitidos criticava a opinião pessoal negativa exposta em telejornal da CBS pelo seu âncora na época, o venerável Walter Cronkite.

Falando diretamente do Vietnã, Cronkite declarara durante um especial "pós-Tet" da CBS que "a experiência sangrenta do Vietnã terminará num xeque — mate" e que "seja qual for o recurso que escolhermos para fazer a escalada, o inimigo tem condições de nos enfrentar..." E mais adiante: "Dizer que estamos mais perto da vitória, hoje, é acreditar nos otimistas que se enganaram no passado." Portanto, o que os Estados Unidos tinham que fazer, exigia Cronkite, era "negociar, não como vencedores, mas como um povo honrado que cumpriu seu juramento de defender a democracia e nesse sentido se esforçou o mais que pôde".

Dado o prestígio de sua fonte, essa versão fortemente subjetiva dos fatos — misturada numa mesma trama com notícias objetivas teve tremenda

repercussão e, na expressão de um comentarista da época, deu "força e legitimidade ao movimento contra a guerra". O presidente Lyndon Jonhson chegou a ser citado como tendo dito que "se perdera Walter Cronkite, perdera o país".

Partridge, entrevistando seguidamente várias pessoas no local dos acontecimentos, conseguiu sugerir que não apenas Cronkite poderia estar enganado, mas, também, que, ciente como se achava do seu poder e influência, o âncora da CBS procedera, nas palavras de um dos entrevistados, "como um presidente não eleito e em contradição com os princípios do jornalismo objetivo que ele sempre se gabou de representar".

Quando a matéria de Partridge chegou a Nova York, foi discutida horas a fio e encaminhada às mais altas esferas da CBA — até que decidissem, por unanimidade, que o ataque à figura paterna encarnada por "Walter" envolvia um risco inútil sem qualquer perspectiva de ganho. Foram feitas, contudo, cópias dessa reportagem, para distribuição num círculo reservado de personalidades do meio telejornalístico.

As excursões de Partridge a áreas de combate intensivo costumavam afastá-lo de Saigon por uma semana, às vezes até por mais tempo. Em certa ocasião, quando entrou clandestinamente no Camboja, ficou ausente e sem se comunicar por todo um mês.

Mas sempre acabava voltando com uma reportagem de peso, algumas das quais, terminada a guerra, ainda eram lembradas pela lucidez do seu enfoque. Ninguém — Crawford Sloane, inclusive — jamais levantara dúvidas sobre a excelência de Partridge como jornalista.

Infelizmente, como suas reportagens eram em menor número e, portanto, apareciam com menor frequência que as de Sloane, Partridge não despertou tanto a atenção do público como o outro.

E ainda houve, no Vietnã, outro fator que afetou o futuro de Partridge e de Sloane: Jessica Castillo.

Jessica...

Crawford Sloane, dirigindo quase automaticamente numa estrada que ele percorria duas vezes nos dias de trabalho, a essa altura havia dobrado a Rua 59, saindo na Avenida York. Alguns quarteirões adiante, virou à direita e tornou o acesso à Estrada Franklin Delano Roosevelt. Momentos depois, seguindo à margem do East River e livre de cruzamentos e sinais de tráfego, permitiu-se acelerar o carro. Sua casa em Larchmont, ao norte da cidade, estava agora a meia hora de distância.

Por trás dele, um Ford Tempo azul também aumentou sua velocidade.

Sloane ia relaxado, como de costume a essa hora do dia, e, com o pensamento vagando, voltou-lhe a imagem de Jessica, que, em Saigon, havia sido namorada de Harry Partridge, mas que acabou se casando com Crawford Sloane.

* Naquele tempo, no Vietnã, Jessica estava com 26 anos, era esbelta, de longos cabelos castanhos, um espírito ágil e vivo, vez por outra sarcástico. Não tolerava qualquer atrevimento por parte dos jornalistas com quem ela lidava na qualidade de agente de informações da USIS.

A agência tinha sua sede na Rua Le Qui Don, na Biblioteca Lincoln, um prédio à sombra das árvores que noutros tempos fora o Teatro Rex; deste se conservou a placa antiga durante todo o tempo em que a USIS ocupou o imóvel. Os jornalistas iam à agência mais frequentemente do que necessitavam, trazendo dúvidas que esperavam pudessem render-lhes algum tempo em companhia de Jessica.

Jessica aceitava os galanteios, que a divertiam, não deixando que passassem disso; mas Harry Partridge, na época em que Crawford Sloane conheceu a moça, era sem sombra de dúvida o seu predileto.

Mesmo agora, pensou Sloane, havia algumas áreas naquele relacionamento antigo de Partridge com Jessica das quais ele, Sloane, não tinha conhecimento nenhum, coisas que ele jamais indagara e que, a essa altura, ficaria sem saber. Mas o fato de certas portas terem sido fechadas mais de vinte anos atrás, permanecendo assim desde então, não fora nem seria capaz de impedir que ele fizesse conjecturas sobre os detalhes e as intimidades daqueles velhos tempos.

Jessica Castillo e Harry Partridge sentiram-se instintivamente atraídos um pelo outro no dia em que se encontraram pela primeira vez no Vietnã — apesar do caráter antagonístico que teve esse encontro. Partridge fora à USIS em busca de informação que ele sabia existir mas que lhe havia sido recusada pelas autoridades militares dos Estados Unidos. Assunto: o consumo de drogas em larga escala pelas tropas americanas no Vietnã.

Partridge havia tido muitas provas da presença de drogas em suas viagens pelos postos avançados. A droga da pesada que se usava era a heroína, em grandes quantidades.

Através de pesquisas realizadas pela CBA nos Estados Unidos, a seu pedido, ele soube que os hospitais de veteranos estavam recebendo um número

alarmante de drogados mandados de volta do Vietnã. O fato estava se tomando um problema nacional, e não apenas militar.

A Ferradura em Nova York dera sinal verde para a cobertura do assunto, mas as fontes oficiais não queriam soltar informação nenhuma. Quando ele entrou no compartimento em que Jessica trabalhava e puxou o assunto, ela reagiu da maneira típica: — Sinto muito. Mas não estou autorizada a falar sobre isso.

Sua atitude contrariou-o, e ele foi logo fazendo uma acusação: — Quer dizer, você não fala porque recebeu ordens de proteger alguém. Será o embaixador, que pode ficar embaraçado com a verdade?

Ela respondeu abanando a cabeça: — Também não posso responder a isso.

Partridge foi ficando com raiva e entrou de sola: — O que você está querendo me dizer é que, no conforto deste seu belo empreguinho, não liga a mínima para os rapazes que lá na selva estão com um medo pânico, sofrem atrozmente e, como descarga, porque não conhecem nada melhor, destroem-se com drogas, tomando-se viciados.

Ela respondeu com indignação: — Eu não disse nada disso!

— Disse sim, foi exatamente o que você disse. — A voz tinha um tom de desprezo. — Você disse que não vai tocar num assunto podre e fedorento que, por isso mesmo, precisa ser ventilado em público, para que as pessoas saibam que existe o problema e alguma coisa possa ser feita. Para que outros garotos, quando vierem para cá, possam ser alertados e talvez salvos. Quem você imagina que está protegendo, moça? Certamente não os rapazes que estão comendo fogo e que são os que importam. Você se diz agente de informações. Para mim, você é uma agente de ocultações.

Jessica enrubesceu. Não acostumada a que lhe falassem assim, tinha os olhos fuzilando de raiva. Segurou um peso para papéis, de vidro, que estava sobre sua mesa, e deve ter passado pela cabeça de Partridge, por um momento, que ela estivesse pensando em atirá-lo em cima dele, tanto assim que chegou a esboçar o gesto de desviar o corpo; mas o que aconteceu foi que passou o acesso de cólera e, retomando a calma, ela lhe perguntou: — Que é que você quer saber?

Partridge moderou o tom para afinar com o dela.

— Principalmente, estatísticas. Sei que elas existem, que está tudo registrado, que foi feito um levantamento.

Ela jogou os cabelos castanhos para trás, num gesto que mais tarde se tomaria familiar a ele e lhe despertaria amor.

— Conhece Rex Talbot?

— Sim. — Talbot era um jovem vice-cônsul americano que tinha seu escritório no prédio da embaixada, na Rua Thong Nhut, distante dali alguns quarteirões.

— Sugiro que você peça esclarecimentos sobre o relatório do Projeto Nostradamus do MAC V.

Apesar da gravidade do assunto, Partridge não pôde deixar de sorrir, pensando no tipo de mentalidade que poderia ter inventado aquele título.

— Rex não precisa tomar conhecimento de que fui eu quem mandou você a ele — continuou Jessica. — Você poderia fazê-lo pensar que sabe...

Ele terminou a frase: — ... um pouco menos do que sei realmente. Um velho truque de jornalista.

— O tipo de truque que você acabou de usar comigo.

— Pode ser — admitiu ele com um sorriso.

— Eu percebi desde o começo — disse Jessica. — Mas resolvi deixar passar.

— Você não é tão desalmada como pensei — disse-lhe ele. — Que tal explorar um pouco mais o assunto jantando juntos esta noite? Jessica aceitou, o que foi uma surpresa para ela própria.

Horas mais tarde, descobriram o quanto gostavam da companhia um do outro, e aquele acabou sendo o primeiro de muitos encontros do mesmo gênero. Por tempo surpreendentemente longo, entretanto, esses encontros não ultrapassaram certos limites, algo que Jessica, com seu jeito franco e direto de falar, deixara claro desde o primeiro dia: — Gostaria que você entendesse que, aconteça o que acontecer, eu não sou de me deixar levar à toa. Se for para a cama com alguém, é preciso que isso tenha para mim um significado especial e importante, e para a outra pessoa também. Vou logo avisando para não haver engano depois. — Seu relacionamento resistiu, inclusive, a longas separações, causadas pelas viagens de Partridge a outras partes do Vietnã.

Mas, como era inevitável, chegou um momento em que o desejo falou mais alto em ambos.

Haviam jantado juntos no Caravelle, onde Partridge estava hospedado. Passaram, depois, ao jardim do hotel, um oásis de tranquilidade dentro do tumulto de Saigon; ele então atraiu Jessica para os seus braços e ela correspondeu ao impulso com arrebatamento. Quando se beijaram, ela chegou-se

estreitamente a ele, com ansiedade, e, por baixo do vestido fino, ele percebeu sua forte excitação física. Anos mais tarde, Partridge se lembraria da ocasião como um desses raros e mágicos momentos em que todos os problemas e preocupações -o Vietnã, a hediondez do mundo, incertezas do futuro — pareciam ter ficado muito distantes, só importando o presente e eles próprios.

Ele convidou-a delicadamente: — Vamos para o meu quarto?

Sem falar, Jessica aquiesceu com um movimento de cabeça.

Subiram aos aposentos de Partridge, e lá, apenas com a iluminação que vinha de fora, abraçados sempre um ao outro, ele despiu-a, ajudado por ela nos detalhes em que suas mãos vez por outra se atrapalhavam.

Quando ele a penetrou, ela lhe disse: — Oh, como te amo!

Muito tempo depois, ele jamais conseguiu se lembrar se lhe havia dito ou não que a amava também apaixonadamente, mas sabia que a amava e sempre amaria.

Comoveu-o a descoberta de que Jessica era virgem. Com o correr do tempo, e o amor continuando, descobriram que a relação era tão prazerosa fisicamente como em tudo mais.

Fosse outra a época e outro o lugar, eles poderiam ter se casado logo. Jessica queria se casar, ter filhos. Mas Partridge, por motivos que depois lamentou, resistiu à ideia. No Canadá, tivera um casamento fracassado, e sabia que os casamentos de telejornalistas costumavam não dar certo. Os correspondentes de tevê levavam vidas peripatéticas, podiam estar longe de casa duzentos dias por ano ou mais, perdiam o hábito das responsabilidades para com a família e deparavam, em suas andanças, com tentações sexuais a que poucos conseguiam resistir permanentemente. Em consequência, marido e mulher se distanciavam um do outro, tanto intelectual como sexualmente.

Ao se reencontrarem, depois de longas ausências, cada qual sentia como se tivesse um estranho diante de si.

Juntava-se a tudo isso a circunstância de estarem no Vietnã. Partridge sabia que sua vida corria riscos toda vez que saia de Saigon, e embora houvesse tido sorte até então, as probabilidades eram de que essa sorte não durasse indefinidamente. Por isso, não seria justo, raciocinava ele, impor a outra pessoa — no caso, Jessica — o peso de uma incessante preocupação e reservar-lhe um desgosto futuro que parecia inevitável.

Ele mencionou isso a Jessica, certa manhã bem cedo, depois de uma noite passada juntos; e, na verdade, não poderia ter escolhido pior ocasião. Jessica ficou chocada com o que lhe pareceu um subterfúgio pueril por parte de

um homem a quem já se dera por inteiro de corpo e alma. Disse a Partridge friamente que a relação deles terminara.

Só muito tempo depois foi que Jessica compreendeu que havia interpretado erroneamente o que, na realidade, era um sinal de atenção e de profunda afeição por ela.

Partridge deixou Saigon horas depois, e foi então que fez sua entrada clandestina no Camboja, onde sumiu por um mês inteiro.

6

Crawford Sloane encontrara Jessica algumas vezes em companhia de Harry e ocasionalmente a via nos escritórios da USIS quando lá ia para tirar alguma dúvida. Em todas essas oportunidades sentiu-se fortemente atraído por Jessica e desejou conhecê-la melhor. Mas, tratando-se da namorada de Partridge — e ele era muito respeitador nessas coisas —, nunca propôs a ela saírem juntos, como outros frequentemente o faziam Quando, porém, ficou sabendo, pela própria Jessica, que ele e Partridge tinham terminado, na mesma hora convidou-a para jantar com ele. Ela aceitou o convite, e os dois passaram a se ver habitualmente. Duas semanas depois, confessando que durante muito tempo a amara a distância e que, agora que a conhecia mais de perto, a adorava, Sloane pediu-a em casamento.

Jessica, tomada de surpresa, pediu tempo para pensar.

Sua mente passou por um tumulto de emoções. Seu amor por Harry fora apaixonado e avassalador. Nenhum homem jamais a arrebatara antes como ele; e ela não acreditava que um outro pudesse tomar a fazê-lo. O instinto lhe dizia que ela e Harry haviam partilhado uma experiência que só acontece uma vez na vida. E ela continuava a amá-lo, tinha a certeza disso. Mesmo naquele momento, ela sentia sua falta desesperadamente; se ele voltasse e lhe pedisse para se casar com ele, ela provavelmente diria que sim. Mas era evidente que Harry não iria fazer tal pedido. Ele a rejeitara, e a amargura e o ódio que isso lhe causou marcaram-na por muito tempo. Uma parte dela queria "mostrar a ele", dar-lhe uma lição.

Por outro lado, havia Crawf. Jessica simpatizava com Crawford Sloane. Não — mais do que isso! Ela sentia forte afeição por ele. Era bom e delicado, amoroso, inteligente, uma companhia sempre interessante. E Crawford era sólido. Ele possuía — Jessica tinha que reconhecer — uma estabilidade que por vezes faltava a Harry, por mais apaixonante que este fosse. Mas, para durar uma vida inteira, que era como Jessica encarava o casamento, qual dos dois tipos de

amor em níveis diferentes — um com paixão, o outro com estabilidade -seria o mais importante? Ela gostaria de poder não ter dúvidas sobre a resposta.

Um fator que pesava invisivelmente na balança, implícito como se achava em sua maneira de pensar, era a presença deles todos no Vietnã. O fervor bélico envolvia-os a todos; era algo que fazia parte do ar que respiravam. Havia uma sensação de que o tempo se comprimia e se acelerava, de que relógios e calendários seguiam um ritmo muito mais veloz que de costume, e que, como diante de comportas que se abrissem numa represa, cada dia na vida parecia atraído para a torrente avassaladora. Quem dentre eles poderia saber com certeza quanto tempo de vida ainda lhe restava? Qual deles seria jamais capaz de retomar um ritmo de vida normal? A experiência humana atestava que em todas as guerras as coisas sempre se passaram assim Jessica pesou os prós e os contras da melhor maneira que pôde e no dia seguinte aceitou o pedido de Crawford Sloane.

Casaram-se imediatamente, na embaixada dos Estados Unidos, em cerimônia oficiada por um capelão do Exército e com a presença do embaixador, que depois ofereceu uma recepção comemorativa em sua suíte particular.

Sloane não podia se sentir mais feliz. Jessica convenceu-se a si própria de que também nadava em felicidade; fazia questão de acompanhar o estado de espírito de Crawf.

Partridge só veio a saber do casamento quando voltou a Saigon, e foi então que se deu conta, com esmagadora tristeza, do quanto havia perdido. Quando procurou Jessica e Sloane para dar os parabéns, tentou esconder suas emoções. Com Jessica, que o conhecia tão bem, a dissimulação não deu muito resultado.

Mas ainda que correspondesse em parte aos sentimentos de Partridge, Jessica resolvera pôr uma pá de cal no assunto e deixar que se enterrasse no passado. Havia feito uma escolha e estava decidida a ser uma boa mulher para Sloane, o que de fato aconteceu ao longo dos anos que se seguiram. Como em qualquer casamento normal, houve conflitos e desavenças, mas foram remediados. E agora, mal dava para acreditar que em menos de cinco anos Jessica e Crawford estariam completando suas bodas de prata.

Ao volante do Buick Somerset, Crawford Sloane achava-se no meio do trajeto para sua casa. Deixando para trás a Ponte Triboro e pegando a Bruckner, uma pista de alta velocidade, em pouco tempo estaria na Estrada Interestadual 95, de onde sairia em Larchmont.

O mesmo Ford Tempo que o seguira desde o edifício da CBA continuava atrás dele.

Não era de admirar que esse carro tivesse passado despercebido a Sloane, tanto naquela noite como nas outras ocasiões em que o seguira durante as últimas semanas.

Uma das razões era que o motorista — um jovem colombiano de lábios finos e olhar impenetrável, que usava habitualmente o codinome de Carlos — era um especialista em perseguir qualquer tipo de caça sem despertar atenção.

Carlos, que entrara nos Estados Unidos dois meses antes usando um passaporte falso, estivera envolvido nessa vigilância dissimulada por quase quatro semanas, ele e mais outros seis da Colômbia — cinco homens e uma mulher. Da mesma forma que Carlos, os outros se identificavam apenas por prenomes fictícios que, na maioria dos casos, serviam para encobrir vidas pregressas comprometidas com o crime. Até iniciarem sua presente tarefa, os membros do grupo não se conheciam uns aos outros.

E mesmo agora, somente Miguel, o líder, que naquela noite estava a vários quilômetros dali, tinha conhecimento das identidades reais de cada um.

O Ford Tempo fora pintado duas vezes no curto período em que o vinham usando. Era também um dentre muitos veículos disponíveis. O objetivo disso era não dar na vista, não permitir que fossem reconhecidos.

O resultado colhido ao longo dessa vigilância fora um estudo preciso e Pormenorizado dos movimentos de Crawford Sloane e de sua família.

No tráfego ultrarrápido da via expressa, Carlos deixou que três outros carros avançassem e se interpusessem entre ele e Sloane, mas sempre sem perder de vista o Buick que fora encarregado de seguir. Sentado ao lado de Carlos, um outro homem estava atento às horas e fazia anotações num bloco. Esse era Júlio — moreno, propenso a discussões, sempre mal— humorado, e com uma horrenda cicatriz de navalhada na parte de baixo da face esquerda. Era o especialista em comunicações do grupo. No banco de trás ficava um rádio portátil, um dos seis que estabeleciam comunicação de veículo a veículo e com o esconderijo temporário do grupo.

Carlos e Júlio eram atiradores de elite impiedosos e estavam armados.

Depois de diminuir a marcha do Buick e conseguir transpor um desvio do tráfego, causado por batida de vários carros, em cadeia, na interestadual, Sloane retornou a velocidade e os pensamentos sobre o Vietnã, Jessica, Partridge e ele próprio.

Não obstante o grande sucesso de suas próprias reportagens no Vietnã, e desde então, Crawford Sloane continuara a se preocupar com Partridge, ainda que não muito.

Por isso se sentia algo contrafeito na companhia do colega. E, num terreno mais pessoal, vez por outra conjecturava: Jessica não teria mais pensado em Harry, lembrando os momentos íntimos privilegiados que existiram entre ambos? Sloane nunca fizera à mulher perguntas verdadeiramente íntimas sobre o seu relacionamento passado com Harry. Teve muitas oportunidades para fazer isso, inclusive no início de seu casamento, e Jessica, sendo como era, provavelmente lhe teria respondido com franqueza. Mas não estava no estilo de Sloane formular esse tipo de pergunta. Nem, supunha ele, desejava realmente saber as respostas. No entanto, de maneira paradoxal, passados todos aqueles anos, os velhos pensamentos voltavam às vezes a trabalhar o espírito com formulações novas: Jessica ainda alimentaria algum sentimento por Harry? Os dois teriam se comunicado nesse período? Haveria ficado algum arrependimento em Jessica, que tivesse durado até agora? E no campo profissional... Embora não sendo pessoa de se preocupar com a palavra "culpa" aplicada a si próprio, em algum canto reservado de sua alma, bem no fundo, sabia que Partridge fora melhor jornalista do que ele no Vietnã, e apesar disso obtivera para si o prestígio e o reconhecimento que o outro merecia; e ainda por cima se casara com a namorada de Partridge. Tais considerações, na verdade não tinham cabimento, pensava ele, eram um tipo de insegurança sem razão de ser... e, no entanto, o mal-estar perdurava-lhe nas entranhas, não havendo como eliminá-lo.

A essa altura, o Ford Tempo invertera sua posição em relação ao carro de Sloane, e ia alguns veículos à sua frente. Poucos quilômetros adiante estava a saída para Larchmont; Carlos e Júlio, já conhecedores dos hábitos de Sloane, sabiam que ele iria desviar-se naquele ponto. Tomar a dianteira da "caça", vez por outra, era um velho truque consagrado na arte de seguir uma pessoa. O Ford seria o primeiro a pegar a saída para Larchmont, ficaria à espera de Sloane e o deixaria passar, retomando depois a posição inicial atrás dele.

7

Quando, uns dez minutos mais tarde, o âncora da CBA entrou nas ruas de Larchmont, vinha seguido discretamente a uma certa distância pelo Ford Tempo, o qual parou bem perto da casa de Sloane, localizada na Park Avenue, com vista para a enseada de Long Island.

A casa, adequada a uma pessoa com a renda substancial de Sloane, era vasta e imponente. Pintada de branco com telhas de ardósia cinza— azulada, tinha um jardim enfeitado com esculturas, que uma passagem para automóveis percorria em círculo. Dois pinheiros emolduravam a entrada, e um lampião de ferro batido achava-se pendurado acima da porta dupla da frente.

Acionando de dentro do Buick o controle remoto, Sloane abriu a porta da garagem com espaço para três carros; fez entrar o veículo, e a porta fechou-se atrás dele.

O Ford dos colombianos avançou um pouco mais e, conservando-se a uma distância que lhe permitia passar despercebido, continuou a vigilância.

Sloane ouviu vozes e risos ao percorrer um pequeno corredor fechado entre a garagem e a casa. Os sons cessaram de repente quando ele abriu a porta e penetrou no hall acarpetado para o qual davam, em sua maioria, os aposentos do andar de baixo. Ouviu Jessica dirigir-se a ele da sala de estar: — É você Crawf? Ele respondeu com a fórmula consagrada.

— Se não for, pior para você.

O riso melodioso dela ressoou pela casa.

— Bem-vindo, seja quem for! Espere só um minuto!

Ele ouviu um tilintar de copos, o som do gelo sendo partido, e entendeu que Jessica estava preparando martinis, o ritual que todas as noites acompanhava a sua volta a casa, com o objetivo de fazê-lo desligar-se do dia de trabalho.

— Oi, pai! — gritou, da escada, o filho Nicholas, de onze anos. Era alto para a idade, o corpo esguio. Seus olhos inteligentes acenderam-se quando ele correu para abraçar o pai.

Sloane retribuiu-lhe o abraço e passeou os dedos pela cabeleira cacheada do menino. Essa era uma demonstração de afeto que ele apreciava, e se a alguém devia agradecer por isso, era a Jessica, que, quase desde o nascimento de Nicky, transmitira-lhe a convicção de que os sentimentos ligados ao amor precisavam ser expressos pelo tato em primeiro lugar.

Logo que se casou, Sloane tinha dificuldades em demonstrar seus sentimentos. Hesitava diante de suas emoções, calava certas coisas que deveriam ser ditas, deixando que a parceira as subentendesse. Isso fazia parte da sua reserva intrínseca, mas Jessica não se conformou e batalhou muito até conseguir derrubar essa reserva, inicialmente em benefício de si própria, e, depois, de Nicky.

Sloane se lembrava dela lhe dizendo nos primeiros tempos: — Quando a gente se casa, querido, as barreiras vêm abaixo. É a isso que se refere o "unidos

para sempre" da bênção matrimonial, pelo resto de nossas vidas, você e eu vamos sempre dizer um ao outro exatamente o que estivermos sentindo, e, de vez em quando, demonstrar também.

A frase final tinha a ver com o sexo, que por muito tempo após o casamento trouxe surpresas e aventuras a Sloane. Jessica adquirira vários livros sobre sexo, que no Oriente se encontravam aos montões, bem explícitos e fartamente ilustrados. Ele era a favor de experimentar variantes e tentar todo tipo de posições. Depois de se mostrar um pouco chocado e tímido no início, Sloane acabou aprovando as inovações, se bem que coubesse sempre a Jessica tomar a iniciativa.

(Havia ocasiões em que ele não conseguia evitar pensamentos como estes: teria ela já lido os livros sobre sexo quando conhecera Partridge? Teriam ambos posto em prática o que ali se ensinava? Mas Sloane jamais criou coragem para fazer tais perguntas, talvez porque receasse que a resposta para uma e outra pudesse ser afirmativa.) Com as outras pessoas ele não desmanchava a reserva em hipótese alguma. Sloane não tinha lembrança sequer da última vez em que abraçara seu próprio pai, embora umas poucas vezes recentemente houvesse cogitado fazer isso, recuando no último momento por ter dúvidas sobre como o velho Angus — absolutamente rígido em seu comportamento pessoal — receberia o gesto.

— Oi, querido! — Jessica apareceu, vestida com um verde suave, cor de que ele sempre gostara. Beijaram-se calorosamente e em seguida foram para a sala. Nicky veio fazer-lhes companhia por algum tempo, como de hábito; jantara mais cedo e logo iria para a cama.

Sloane perguntou ao filho: — Como vão indo as coisas no mundo da música?

— Cem por cento, pai. Estou aprendendo o Prelúdio nº 2 de Gershwin.

O pai comentou: — Sei qual é. Não foi aquele que ele escreveu quando jovem?

— Ahn... 28 anos.

— Tem uma passagem logo no começo, me parece, que é assim: dam-de-da-dam-di-da-da-de-dam-de-dam-de-dam-de-dam. — Sua evocação musical provocou risadas em Nicky e Jessica.

— Eu sei qual é a parte que você está querendo lembrar, pai, e talvez por quê. — Nicky foi até um piano de cauda que ficava na sala e, fazendo o próprio acompanhamento, cantou com uma voz cristalina de jovem tenor:

Brilhavam estrelas no céu

No caminho a clara lua
Fui levar Nellie a sua casa
Que ficava em outra rua.

Sloane franziu a testa num esforço para se lembrar.

— Já ouvi isso antes. Não é uma antiga canção, do tempo da Guerra Civil?

Nicky ficou radiante: -na mosca, pai!

— Entendi — disse o pai. — Algumas dessas notas são as mesmas do Prelúdio de Gershwin.

Nicky abanou a cabeça: — É o contrário, a canção veio primeiro. Mas ninguém sabe se Gershwin conhecia a canção e usou de propósito ou se foi puro acaso.

— Nunca se saberá. — Divertido e impressionado com os conhecimentos de Nicky, Sloane exclamou: — Sim senhor!

Nem ele nem Jessica eram capazes de lembrar exatamente com que idade Nicky começara a mostrar interesse por música, mas fora logo nos primeiros anos, e agora a música era a preocupação dominante do menino.

Nicky sentira-se atraído pelo piano e tomara aulas com um ex-concertista, um austríaco idoso que morava na vizinha La Rochelle. Semanas antes, falando com forte sotaque, o professor havia dito a Jessica: -seu filho já tem um domínio da música que não é comum na idade dele. Mais tarde poderá seguir qualquer de diversos caminhos: concertista ou compositor, ou, quem sabe, um musicólogo, um erudito. O mais importante, no entanto, é que para Nicholas a música é a linguagem dos anjos e da alegria. Faz parte de sua alma. Posso garantir que terá um papel central na vida dele. Jessica olhou as horas no relógio de pulso.

— Nicky, já é tarde.

— Ah, mãe, deixa eu ficar mais um pouco. Amanhã é feriado, não há aula.

— É, mas você terá um dia cheio como qualquer outro. A resposta é não.

Jessica era a disciplinadora da família, e, depois de afetuoso boa-noite, Nicky deixou a sala. Pouco depois, eles o ouviram tocar no teclado eletrônico portátil que tinha em seu quarto e que era usado quando o piano da sala não estava disponível.

No living suavemente iluminado, Jessica voltou aos martinis em cuja preparação estivera absorvida momentos antes. Vendo-a servi-los, Sloane pensou: isto é que é ser um felizardo! Experimentava esse sentimento

frequentemente em relação a Jessica e à aparência que ela conservava depois de mais de vinte anos de casada. Não usava mais os cabelos compridos, nem se preocupava em esconder as mechas grisalhas. Havia também rugas em tomo dos olhos. Mas a silhueta era esbelta e bem proporcionada, com pernas que ainda faziam os homens se voltar para olhar uma segunda vez. De modo geral, ela realmente não mudara e ele continuava a se sentir orgulhoso de entrar numa sala, qualquer sala, com Jessica ao seu lado.

Ao passar-lhe um copo, ela comentou: — Está parecendo que foi um dia de cão...

— Pode-se dizer que sim. Viu o noticiário? -os pobres passageiros naquele avião! Que forma horrível de morrer! Devem ter passado um tempão sabendo que não tinham a menor chance, e o jeito foi ficar ali sentados, esperando.

Bateu na consciência de Sloane, de repente, que ele não havia pensado em nada disso. Às vezes, como profissional de imprensa, a pessoa ficava tão preocupada em colher as notícias que esquecia os seres humanos envolvidos nelas. Seria o calejamento que vem de uma longa exposição ao dia a dia das notícias, ou um distanciamento necessário, do tipo adquirido pelos médicos? Ele esperava que se tratasse do segundo caso, não do primeiro.

— Se você viu a reportagem sobre o avião — disse ele —, viu Harry. O que achou?

— Achei que ele foi bem.

A resposta de Jessica parecia expressar indiferença. Sloane ficou olhando para ela, à espera de mais alguma coisa, especulando: no seu pensamento, estaria o passado inteiramente morto? -melhor do que bem. Fez aquilo assim — disse Sloane, estalando os dedos. — Sem estar avisado. Praticamente sem dispor de tempo algum. — Descreveu a sorte que foi para a CBA ter a equipe na estação do aeroporto. — Harry, Rita e Minh, todos lá, por acaso. Pusemos todas as redes no chinelo.

— Harry e Rita estão trabalhando juntos com frequência. Está havendo alguma coisa entre eles?

— Não. Simplesmente trabalham bem um com o outro.

— Como sabe que é só isso?

— Porque Rita está tendo um caso com Les Chippingham. Os dois pensam que ninguém sabe. Claro que todos sabem.

Jessica riu. — Deus meu! Que grupinho mais incestuoso vocês são.

Leslie Chippingham era o presidente da CBA. Era Chippingham que Sloane pretendia procurar no dia seguinte para tratar do afastamento de Chuck Insen como produtor executivo.

— Não me inclua, porque nada tenho a ver com tudo isso — falou ele a Jessica. — Estou muito contente com o que tenho em casa.

O martini relaxava-o, como sempre, embora nem ele nem Jessica fossem de beber muito. Um martini e um copo de vinho ao jantar eram o seu limite. Durante o dia, Sloane era incapaz de tomar uma gota de álcool.

— Você está se sentindo bem esta noite — disse Jessica —, e tem ainda um outro motivo para isso. — Ela se levantou e de uma escrivaninha no lado oposto da sala tirou um envelope já aberto, procedimento que era normal entre eles, por ser Jessica quem cuidava da maior parte de seus negócios particulares.

— É uma carta de seu editor, especificando o montante de direitos autorais.

Ele apanhou os papéis e examinou-os, o rosto se iluminando com um sorriso.

O livro de Crawford Sloane *A Câmera e a Verdade* havia sido publicado meses antes. Escrito com um colaborador, era o seu terceiro.

Em termos de vendas, o livro começara com pouco sucesso. Os críticos de Nova York malharam— ferozmente felizes com a oportunidade de cair em cima de alguém com a estatura de Crawford Sloane. Mas em lugares como Chicago, Cleveland, São Francisco e Miami, as resenhas foram favoráveis. E o que é mais importante: com o correr das semanas, certos comentários feitos no texto foram ressaltados nas colunas de noticiário geral, a melhor publicidade que um livro pode ter.

Num capítulo sobre terrorismo e reféns, Sloane escrevera sem meias palavras a propósito da "vergonha que a maioria dos americanos sentiu depois das revelações de que o governo dos Estados Unidos havia comprado a liberdade de um punhado de reféns à custa de milhares de mortes e mutilações entre os iraquianos, não apenas no campo de batalha Irã-Iraque, mas também entre os civis".

As baixas de guerra, assinalou ele, resultaram dos armamentos fornecidos pelos Estados Unidos ao Irã em pagamento pela libertação dos reféns. "Uma versão moderna dos trinta dinheiros de Judas" foi como Sloane descreveu o pagamento, e citou o *Dane-Geld* de Kipling:

Jamais pagamos o Dane-Geld,

Por insignificante que fosse a quantia;
O resultado de ceder nisso é a opressão e a vergonha,
E a nação que cede está perdida!

Outras afirmações de Sloane que foram aplaudidas:

Nenhum político em parte alguma tem coragem de dizer isto em voz alta, mas a verdade é que os reféns, inclusive os reféns americanos, deveriam ser considerados sacrificáveis. Os apelos dirigidos pelas suas famílias deveriam ser ouvidos com compaixão, mas não deveriam influenciar a política do governo. A única maneira de tratar com terroristas é aplicar o contraterrorismo, ou seja, fazer tudo para localizá-los e destruí-los reservadamente, a única linguagem que eles entendem. Jamais negociar, barganhar com terroristas! Jamais pagar resgates, direta ou indiretamente! Os terroristas, que não respeitam nenhum código civilizado não deveriam poder contar, ao ser apanhados depois de cometer seus crimes, com a proteção de leis e princípios que eles desprezam. Os ingleses, com todo o respeito pela lei que neles se acha profundamente entranhado, viram-se forçados a passar por cima dessa lei, em certas ocasiões, para se defender de um IRA impiedoso e sem escrúpulos.

Por mais medidas que se tomem, o terrorismo não acabará, porque os governos e organizações que apoiam os terroristas não desejam realmente acordos nem entendimentos.

São fanáticos que se servem, como armas, de outros fanáticos e de religiões pervertidas.

Nós que vivemos nos Estados Unidos não permaneceremos por muito tempo livres do terrorismo em nosso próprio país. Mas nem mentalmente nem sob outros aspectos, estamos preparados para esse tipo de guerra insidiosa e implacável.

Quando o livro saíra, alguns figurões da CBA ficaram preocupados com os trechos que falavam em considerar os reféns "sacrificáveis" e em "destruir reservadamente" os terroristas, temerosos de que podiam criar ressentimento político e público contra a rede.

Viu-se depois que não havia motivo para tais preocupações, e os executivos não tardaram a se juntar ao coro de entusiastas do livro.

Sloane estava radiante com a quantia paga pelos direitos autorais.

— Você mereceu e me sinto orgulhosa de você — disse Jessica. — Especialmente porque não é do seu estilo arriscar-se em temas controvertidos. — Ela fez uma pausa. — Ah, antes que eu me esqueça: seu pai telefonou. Chega amanhã e está pensando em ficar uma semana.

Sloane fez uma careta. — Está muito próximo da última vez.

— Ele se sente só e está envelhecendo. Se você algum dia se sentir assim, talvez tenha uma nora predileta e queira ficar em companhia dela.

Os dois riram. Angus Sloane dava-se realmente muito bem com Jessica e vice-versa. Sob certos aspectos, havia maior entendimento entre ambos do que entre pai e filho.

Angus ficara morando sozinho na Flórida depois da morte da mãe de Crawford, anos antes.

— Gosto de tê-lo aqui em casa — disse Jessica. — E Nicky também.

— OK. Tudo bem. Melhor assim. Mas enquanto meu pai estiver aqui, tente usar essa grande influência que você tem para conter um pouco os arroubos de honra dele, patriotismo, essa coisa toda.

— Está bem. Vou fazer o possível.

A razão de ser desse diálogo era o fato de o velho Sloane estar sempre trazendo à baila a sua condição de herói da Segunda Guerra Mundial, como o principal encarregado de despejar bombas de um esquadrão de bombardeiros, condecorado com uma Estrela de Prata e a Cruz do Mérito da Aeronáutica. Terminada a guerra, diplomara-se como contador, e com esse título ganhara a vida -nada de espetacular, como carreira, embora lhe houvesse permitido uma aposentadoria decorosa que garantira sua independência.

Mas os anos de atuação militar continuaram a dominar os pensamentos de Angus.

Sem deixar de respeitar os feitos de guerra do pai, Crawford morria de chateação cada vez que o velho puxava um assunto preferido, do tipo "o desaparecimento da integridade e dos valores morais hoje em dia", uma fórmula invariavelmente usada por ele. Jessica, no entanto, tolerava bem as pregações do sogro, conseguindo um jeito simpático de ouvi-las sem se deixar afetar por elas.

8

A conversa de Sloane com Jessica prosseguiu durante o jantar, sempre um momento muito apreciado para isso. Jessica tinha uma em— pregada que a ajudava em casa diariamente, mas era ela própria quem cuidava do jantar, arranjando as coisas de tal modo que tivesse de ficar o mínimo de tempo na cozinha depois que o marido chegava, à noite, do trabalho.

Sloane voltou a um tema anterior, dizendo com ar pensativo: — Entendi o que você quis dizer há pouco, que não faz o meu estilo aventurar-me em atitudes que envolvam riscos. Acho que teria valido a pena eu ter me arriscado mais vezes na vida. Mas algumas das coisas que estão no livro correspondem a convicções profundas que eu tinha. E que ainda tenho.

— A parte do terrorismo?

Moveu afirmativamente a cabeça. — Desde que escrevi isso, tenho pensado, vez por outra, em como o terrorismo poderia chegar a afetar você e eu. Razão pela qual tomei certas precauções especiais. Até agora não tinha falado a respeito, mas você precisa saber.

Enquanto Jessica o olhava com curiosidade, ele prosseguiu: — Já lhe passou pela cabeça alguma vez que uma pessoa como eu poderia ser sequestrada, tomar-se um refém?

— Pensei nisso quando você estava no exterior.

Ele abanou a cabeça: — Poderia acontecer aqui mesmo. Há sempre uma primeira vez, e eu, como outros na televisão, fico em muita evidência. Se os terroristas começarem a atuar nos Estados Unidos, e eu acho que isso não vai demorar muito a acontecer, você sabe, pessoas como eu serão uma isca atraente, porque qualquer coisa que façamos ou que façam conosco tem ampla divulgação, é noticiado logo com destaque.

— E as famílias? Poderiam servir como alvo também?

— É muito pouco provável. Os terroristas estão atrás de um nome famoso. Alguém que todo mundo conheça.

Jessica disse, ansiosa: — Você falou em precauções. De que tipo?

— Do tipo que seria eficaz depois que tivessem me tomado como refém, se isso acontecesse. Planejei tudo com um advogado que conheço, Sy Dreeland. Ele está inteirado de todos os detalhes e com autoridade para divulgá-los, se e quando for necessário.

— Não estou gostando muito desta conversa — disse Jessica. Você me deixa nervosa. Não sei que boas precauções poderão ser essas que se tomam depois que já aconteceu o pior. De que adiantam?

— Antes de acontecer qualquer coisa — disse ele —, tenho que confiar em que a rede irá providenciar algum tipo de proteção por meio de seus serviços de segurança. É o que ela está fazendo, mais ou menos. Depois que houvesse um sequestro, entretanto, exatamente como está dito lá no livro, eu não gostaria que nenhum tipo de resgate viesse a ser pago por ninguém, inclusive com o nosso próprio dinheiro. De modo que uma das coisas que fiz foi deixar por escrito, com todas as formalidades legais, uma declaração nesse sentido.

— Você está querendo me dizer que bloquearia a nossa conta, congelaria os nossos depósitos?

Ele abanou a cabeça.

— Não, eu não poderia fazer isso, nem que quisesse. Quase tudo que temos, esta casa, as contas bancárias, ações, ouro, dinheiro em moedas estrangeiras, está em posse conjunta, e você poderia fazer o que bem entendesse, como pode fazer agora. Mas depois daquela declaração formal ter sido trazida a público e de todo mundo estar sabendo qual o meu pensamento sobre o assunto, acho que você não iria contrariar esse meu desejo.

Jessica protestou: — Você estaria me tirando o direito de tomar uma decisão!

-nada disso, querida — disse ele com delicadeza. — Eu estaria aliviando você de uma responsabilidade e de um dilema terríveis.

— Mas vamos supor que a rede estivesse disposta a pagar um resgate.

— Duvido. Mas, de qualquer modo, com toda certeza não iriam contrariar a minha vontade, tal como se acha expressa no livro e repetida na declaração.

— Você disse que a rede, por meio de seus seguranças, está lhe dando um certo tipo de proteção. É a primeira vez que ouço falar nisso. Que tipo, exatamente, de proteção?

— Sempre que há ameaças por telefone, ou cartas meio piradas que chegam a inspirar receio, ou quando correm rumores de um possível atentado, que já se viu acontecer em todas as redes e especialmente com locutores, âncoras etc., são convocados os seguranças. Ficam ali pelas vizinhanças do edifício da CBA sempre que eu estou de serviço, fazem aquela rotina que é característica dos seguranças. Já passei por isso muitas vezes.

— Você nunca me disse.

— Que me lembre, não — admitiu ele.

— O que mais você não me disse? — Havia uma aspereza no tom de voz de Jessica, embora ela ainda não houvesse decidido se ficaria com raiva ou

simplesmente ansiosa pelo fato de ele lhe ter escondido aquilo.

— Na rede não houve mais nada. Mas combinei umas outras coisas com Dreeland.

— Seria pedir muito que você me deixasse ficar sabendo dessas coisas também?

— É importante você saber. — Sloane fez que não viu o sarcasmo a que sua mulher costumava recorrer quando se exaltava. — Hoje em dia, sempre que alguém é sequestrado, seja em que lugar for do mundo, com toda certeza faz ou é obrigado a fazer gravações de vídeo, e esses vídeos acabam aparecendo, às vezes são mostrados na televisão, mas ninguém pode saber se foram voluntários ou forçados, e, se forçados, até que ponto. Mas se houver uma combinação prévia quanto a determinados sinais que serão usados, a pessoa que for tomada como refém tem uma boa chance de ser claramente entendida em sua mensagem. Não é à toa que um número cada vez maior de pessoas que se consideram sequestráveis está procedendo assim, deixando instruções com seus advogados e estabelecendo um código de sinais.

— Se isso não fosse tão grave, eu diria que mais parece um romance de espionagem — comentou Jessica. — E que sinais foram esses que vocês combinaram?

— Molhar os lábios com a ponta da língua, uma coisa que a pessoa pode fazer sem chamar atenção, significaria "estou fazendo isso contra a minha vontade, não acredite em nada do que digo". Coçar ou tocar o lobo da orelha direita: "Meus sequestradores estão bem organizados e fortemente armados." O mesmo gesto na orelha esquerda: "A segurança aqui às vezes afrouxa, um ataque de fora poderia dar certo." Há outros, mas, por ora, vamos esquecer isso. Não quero deixá-la agoniada com essas coisas.

— Bom, agoniada eu já estou — disse Jessica. Ela pensou: Poderia mesmo acontecer? Poderiam sequestrar Crawford e sumir com ele? Parecia incrível, mas todos os dias estavam acontecendo coisas incríveis. — Além do medo que isso me provoca — disse ela com ar sério e pensativo —, devo reconhecer que por um lado isso me fascina, porque é um ângulo seu que não me lembro de já ter visto antes. O que eu não entendo é você não ter feito aquele curso de segurança de que falamos há tempos.

Era um curso de antiterrorismo, organizado por uma companhia inglesa, a Paladin Security, a que muitos noticiários da tevê americana haviam feito referências A duração do curso era de uma semana, e ele em parte se destinava a

preparar as pessoas simplesmente para a possibilidade que Sloane levantara -o comportamento a ser adotado pela vítima em caso de sequestro.

Também se ensinava autodefesa desarmada — algo que Jessica insistira com seu marido para que aprendesse, depois do brutal atentado sofrido pelo âncora da CBS, Dan Rather, numa rua de Nova York em 1986. A agressão, inteiramente de surpresa, levada a efeito por dois desconhecidos, fizera Rather ir parar num hospital; não se descobrira nem vestígio dos dois agressores.

— O problema é encontrar tempo para fazer esse curso — disse Sloane. — Por falar nisso, você continua tomando aulas de CQB?

CQB era a sigla para close quarters battle (combate corpo a corpo), versão especializada do combate desarmado introduzida pelo Exército britânico. As aulas eram dadas por um brigadeiro inglês reformado que agora morava em Nova York, e isso era outra coisa que Jessica queria que Crawford fizesse. Mas quando ele simplesmente não encontrara tempo, ela resolvera que assistiria, ela própria, às aulas.

— Não tenho ido regularmente — respondeu. — Mas faço uma hora por mês ou de dois em dois meses, para me sentir bem. E o brigadeiro Wade às vezes realiza umas conferências a que tenho assistido.

Sloane aprovou com um movimento de cabeça.

— Ótimo.

Naquela noite, ainda sob o efeito perturbador do que se passara entre eles, Jessica teve dificuldades para dormir.

9

Os ocupantes do Ford Tempo permaneciam vigilantes do lado de fora, vendo as luzes da casa, uma por uma, serem apagadas. Fizeram um relatório pelo radiofone, dando o dia por encerrado, deixaram o posto e ganharam a estrada.

Pouco depois das 6h30 da manhã, a vigilância diante da casa de Sloane em Larchmont recomeçou. O carro escolhido naquele dia tinha sido um Chevrolet Celebrity, e lá estavam os colombianos Carlos e Júlio, meio afundados nos assentos — uma técnica de observação que permitia aos ocupantes não serem notados pelos outros carros que passassem. O Chevrolet estava estacionado mais adiante da casa de Sloane, numa rua transversal próxima, sendo a observação feita pelos espelhos laterais e pelo retrovisor.

Os dois homens dentro do carro sentiam-se tensos, conscientes de que aquele seria um dia de ação, a culminação de um longo e cuidadoso

planejamento.

Às 7h30 ocorreu um imprevisto, com a chegada do táxi à casa de Sloane. Do táxi saltou um homem idoso carregando uma mala. Entrou na casa e permaneceu lá dentro.

A presença inesperada do recém-chegado vinha complicar as coisas, tomando necessário um chamado pelo radiofone ao centro temporário de operações do grupo, distante uns trinta e poucos quilômetros dali.

Suas eficientes comunicações e amplas facilidades de transporte bem demonstravam que não se estava pensando em poupar gastos nessa operação. Os conspiradores que imaginaram e organizaram a vigilância e o que viria a seguir eram especialistas engenhosos e com acesso a grandes somas de dinheiro.

Eram associados do cartel de Medellín da Colômbia, uma coalizão de infames, criminosos e fabulosamente ricos magnatas das drogas. Operando com uma brutalidade bestial, o cartel fora responsável Por incontáveis assassinatos violentos e sangrentos, inclusive o do Senador Luís Carlos Galán, candidato à presidência da Colômbia, em 1989. Desde 1981 foram assassinados mais de 220 juízes e autoridades judiciárias, além de policiais, jornalistas e outros. Em 1986, uma aliança do cartel de Medellín com uma facção dos guerrilheiros—socialistas, M-19, resultou no massacre de noventa pessoas, inclusive a metade dos ministros do Supremo Tribunal da Colômbia.

Apesar dos seus repulsivos antecedentes, o cartel de Medellín mantinha estreitas ligações com a Igreja Católica Romana. Vários chefões do cartel gabavam-se de capelas particulares. Um cardeal manifestou-se favoravelmente ao pessoal de Medellín, e um bispo admitiu tranquilamente que recebia dinheiro dos traficantes de drogas.

O assassinato não era o único meio pelo qual o cartel predominava. Suborno e corrupção em larga escala, financiados pelos magnatas das drogas, eram como um câncer maciço no governo, judiciário, polícia e forças armadas da Colômbia, começando nos mais altos escalões e alcançando os mais baixos. Uma cínica descrição da oferta normal dos traficantes às autoridades era *plata o plomo*... prata ou chumbo.

Por algum tempo, em 1989 e 1990, durante uma onda de horror que se seguiu ao assassinato de Galán, os líderes do cartel foram assediados pelos esforços contrários das organizações policiais, inclusive com uma modesta intervenção dos Estados Unidos. Uma reação retaliatória, acuradamente descrita pelos traficantes como uma "guerra total", envolveu violência em larga escala, atentados a bomba e ainda mais assassinatos, um processo que parecia inevitável

continuar. Mas a sobrevivência do cartel e seu ubíquo tráfico de drogas — talvez com novos líderes e novas bases de operações — nunca esteve em dúvida.

No caso presente, enquanto operava secretamente nos Estados Unidos, o cartel de Medellín não estava trabalhando para si próprio, mas para a organização maoísta peruana Sendero Luminoso. Nos últimos tempos, o Sendero Luminoso se tomara cada vez mais poderoso, paralelamente ao enfraquecimento e à inépcia crescentes do governo do Peru. Outrora confinado às montanhas andinas, ao vale Huallaga e aos centros ali localizados, como Ayacucho e Cuzco, hoje em dia seus esquadrões assassinos e organizadores de atentados a bombas assolavam a própria capital, Lima.

Existiam duas fortes razões para os vínculos entre o Sendero Luminoso e o cartel de Medellín. Primeira, o Sendero costumava empregar criminosos de fora para realizar os sequestros que eram frequentes no Peru, embora não amplamente divulgados pelos meios de comunicação americanos. Segunda, o Sendero controlava a maior parte do Alto Huallaga peruano, onde se plantava 60% da safra mundial de coca. A coca, em forma de folha, era convertida em pasta -a base da cocaína — e depois transportada das remotas pistas de pouso para os cartéis colombianos.

Em todo o processo, o dinheiro do narcotráfico contribuía pesadamente para as finanças do Sendero, que exigia um tributo substancial tanto de plantadores quanto de traficantes — a conexão de Medellín entre eles.

Agora, no Chevrolet de onde fazia suas observações, os dois pistoleiros colombianos estavam examinando uma coleção de fotos Polaroid tiradas por Carlos — um fotógrafo competente — de todas as pessoas que haviam entrado na casa de Sloane durante as quatro últimas semanas. O homem idoso que acabara de chegar não figurava na coleção.

Júlio, usando o radiotelefone, falou por frases em código.

— Chegou um pacote azul. Entrega número dois. O pacote ficou armazenado. Não estamos conseguindo localizar a encomenda. — Tradução: Chegou um homem. Veio de táxi. Entrou na casa. Não sabemos quem possa ser; não aparece em nenhuma foto.

A voz cortante de Miguel, o líder do projeto, respondeu pelo radiotelefone: — Qual é o número da etiqueta?

Júlio, pouco à vontade com códigos, praguejou em voz baixa enquanto consultava um caderno para decifrar a pergunta. Lá estava: Que idade tem essa pessoa? Olhou para Carlos em busca de ajuda.

— Un viejo.

— Que idade?

Carlos pegou o caderno e procurou a fórmula para responder.

— Diga-lhe: etiqueta 75.

Júlio seguiu a indicação, o que lhe valeu mais uma concisa pergunta de seu interlocutor radiotelefônico: -a encomenda azul tem algo de especial? Desistindo do código, Júlio disse sem mais rodeios: — Ele entrou com uma mala de roupas. Está com jeito de que planeja ficar.

Ao sul de Hackensack, em Nova Jersey, numa casa alugada caindo aos pedaços, o homem cujo codinome era Miguel xingou em silêncio a displicência de Júlio. Esses *pendejos* com que era obrigado a trabalhar! No caderno com a listagem do código havia uma expressão que teria respondido muito bem à pergunta, e ele se cansara de avisar a todos que uma ligação de radiotelefone era algo que qualquer um podia escutar. Aparelhos apropriados a essa escuta estavam disponíveis no comércio geral. Miguel já tinha ouvido falar de uma estação de rádio que se gabava de haver frustrado vários planos criminosos graças ao uso de um desses aparelhos.

Muy estúpidos! Não havia jeito de conscientizar esses idiotas sob seu comando — quando estavam em jogo o sucesso de sua missão, a vida e a liberdade de todos — da importância de ficarem vigilantes, de agirem com cautela, sem cometer descuidos, não apenas a maior parte do tempo mas o tempo todo.

O próprio Miguel sempre levara a cautela ao ponto de verdadeira obsessão, razão pela qual jamais fora preso, não obstante constar das listas de "mais procurados" nos registros policiais da América do Norte e do Sul, e nos da Europa também, inclusive a Interpol. No hemisfério ocidental, ele era objeto de caça tão intensa quanto a que faziam a seu irmão em terrorismo Abu Nidal, do outro lado do Atlântico. Com relação a isso, Miguel se permitia sentir um certo orgulho, sem jamais deixar de lembrar-se, contudo, de que o orgulho podia causar um excesso de autoconfiança, outro perigo contra o qual se acautelava.

Apesar de toda a turbulência de que já participara, era ainda um homem jovem — no fim da faixa dos trinta. Nada de especial se fazia notar em sua aparência, era medianamente bem— apessoado e não mais que isso; quem passasse por ele na rua poderia pensar que fosse um bancário ou, quando muito, o gerente de um pequeno negócio.

Em parte, isso era resultado do esforço que ele mesmo fazia para parecer um sujeito qualquer. Estava em seus hábitos, também, ser cortês com os estrangeiros, mas não a ponto de deixar uma impressão marcante; a maioria dos

que o encontravam casualmente, sem saber quem era, tendiam a esquecer que isso houvesse ocorrido.

No passado, esse dom de passar despercebido fora o grande trunfo de Miguel, como também o fato de não irradiar autoridade. Seu poder de comando permanecia oculto, a não ser para aqueles sobre os quais ele o exercia — quando, então, se mostrava inequivocamente. Apesar da nacionalidade colombiana, Miguel podia apresentar-se e falar como perfeito americano, o que era uma vantagem no serviço de que ora estava encarregado. Em fins de 60 e princípios de 70, ele cursara a Universidade da Califórnia em Berkeley como estudante estrangeiro, especializando-se em inglês e aprendendo pacientemente a falá-lo sem sotaque.

Naquele tempo ele usava seu nome verdadeiro, Ulises Rodríguez. Seus pais gozavam de boa situação e tinham lhe proporcionado a chance de estudar em Berkeley. O pai, um neurocirurgião de Bogotá, esperava que o filho único seguisse seus passos na medicina, uma perspectiva que já mesmo naquele ano não atraía Miguel. Ao aproximar-se a década de 70, o filho previu transformações básicas para a Colômbia — sua conversão, de um próspero país democrático com honesta base legal, num refúgio de gângsteres transbordante de riquezas e sob o governo de uma ditadura imposta pela brutalidade e pelo medo. O ouro do faraó da nova Colômbia era a maconha; seria mais tarde a cocaína.

A natureza de Miguel era tal, que a transição por vir não o desconcertava. Ele ambicionava, isto sim, tirar algum partido da nova situação.

Enquanto isso, em Berkeley, ia se aventurando em empreendimentos daquele tipo por sua própria conta; assim, pôde descobrir que lhe faltava qualquer tipo de consciência moral e que era capaz de matar outros seres humanos de modo rápido e sumário, sem sentir nem a sombra de um remorso.

A primeira vez que isso aconteceu foi depois de uma sessão sexual com uma jovem que ele conhecera momentos antes, numa rua de Berkeley, ao saltarem ambos de um ônibus. Caminhando juntos desde a parada do ônibus, foram conversando e ficaram sabendo que eram tanto um como o outro calouros da universidade. Ela pareceu simpatizar com ele e convidou-o ao seu apartamento, que ficava na Avenida do Telégrafo, para os lados pouco elegantes de Oakland.

Depois de um pouco de sexo vigoroso, ele adormeceu, e quando acordou, viu a garota tranquilamente verificando o conteúdo de sua carteira. Dentro desta havia uma porção de carteiras de identidade com nomes falsos: já então ele treinava para o seu futuro de marginal internacional. A garota

demonstrou um desusado interesse pelas carteiras, maior do que era recomendável para seu próprio bem; talvez fosse uma informante ou algo assim, mas isso ele jamais chegou a descobrir.

O que fez foi dar um pulo da cama, agarrá-la e estrangulá-la. Ainda se lembrava do seu olhar nesse momento, como de quem não pudesse acreditar no que estava acontecendo, enquanto se debatia tentando soltar-se; depois olhou para ele com desesperada e silenciosa súplica, nos últimos instantes que lhe restavam de consciência. Com um certo interesse clínico, por assim dizer, ele constatou em seguida que o fato de tê-la matado não o perturbara nem um pouco.

Muito pelo contrário, pôs-se a calcular com uma calma de gelo as Possibilidades de ser apanhado. E concluiu que eram nulas. No ônibus não haviam se sentado juntos; na verdade, ainda nem se conheciam. Era pouco provável que alguém os houvesse visto caminhando a partir da parada de ônibus.

Quando entraram no edifício de apartamentos e subiram pelo elevador até o quarto andar, não encontraram ninguém.

Sem se afobar, esfregou com um pano as poucas superfícies onde poderia ter deixado impressões digitais. Depois, cobrindo com um lenço a mão direita, apagou todas as luzes e saiu do apartamento, deixando a porta trancar-se sozinha atrás de si.

Evitou o elevador e desceu pela escada de emergência, verificando primeiro se o hall do edifício estava sem ninguém, antes de atravessá-lo e ganhar a rua.

No dia seguinte, e nos diversos outros subsequentes, percorreu coluna por coluna os jornais locais, à procura de alguma notícia sobre a garota morta. Mas passou-se quase uma semana até descobrirem o corpo parcialmente decomposto, e ao fim de dois ou três dias, sem fatos novos que pudessem se relacionar com o crime e aparentemente sem qualquer pista para elucidá-lo, os jornais perderam o interesse e o assunto desapareceu.

Se houve alguma investigação, o certo é que não estabeleceu qualquer nexo entre ele e o assassinato da moça.

Durante os anos em que ainda permaneceu em Berkeley, Miguel cometeu mais dois crimes de morte. Esses aconteceram do outro lado da baía, em São Francisco — aos quais se poderia chamar, na sua opinião, de "homicídios por prazer" de completos desconhecidos, embora considerasse que tanto num como noutro caso havia um objetivo profissional em vista, que era a necessidade de aprimorar suas técnicas, para uso em futuros serviços de

mercenário. As técnicas pareciam ter passado realmente por um aprimoramento, pois em nenhum desses crimes ele foi considerado suspeito nem mesmo interrogado pela polícia.

Depois de Berkeley e já de volta à casa na Colômbia, Miguel andou flertando com a máfia da droga, que começara a se articular. Tirou uma licença de piloto e fez vários voos levando pasta de coca do Peru para ser processada na Colômbia. Não tardou que travasse amizade com a infame mas influente família Ochoa, o que o ajudou a perseguir objetivos mais ambiciosos. Veio, então, o M-19, com sua orgia de assassinatos, e a "guerra total" do cartel de Medellín, começando em 1989. Miguel participou de todas as matanças mais vultosas e de muitas das menos vultosas, até perder a conta dos cadáveres que deixara para trás. Como era inevitável que acontecesse, seu nome tornou-se conhecido internacionalmente, mas, graças às meticulosas precauções que tomara, sua ficha tinha lacunas consideráveis.

As ligações de Miguel — ou Ulises Rodríguez — com o cartel de Medellín, com o M-19 e, mais recentemente, com o Sendero Luminoso, expandiram-se à medida que passavam os anos. Ao longo de todas essas experiências, entretanto, ele conseguiu manter sua independência, tomando-se um fora da lei internacional, um terrorista pago para matar, que, por sua eficácia comprovada, era constantemente procurado pelos clientes.

Está claro que a política supostamente fazia parte de tudo isso. Miguel era por instinto um socialista, odiava o capitalismo com paixão e desprezava os Estados Unidos, um país por ele considerado hipócrita e decadente. Mas tinha também em relação à política sob qualquer rótulo um ponto de vista cético, e, da mesma forma que outro desfrutaria um afrodisíaco, o que o atraía na vida que levava era o perigo, o risco, a ação.

Fora esse tipo de vida que o trouxera aos Estados Unidos um mês e meio atrás, para trabalhar secretamente na preparação do que iria acontecer nesse dia e de que o mundo em pouco tempo tomaria conhecimento.

O trajeto que ele havia originalmente concebido para chegar aos Estados Unidos dava uma volta comprida mas era seguro — de Bogotá a Miami, passando pelo Rio de Janeiro.

No Rio, ele trocaria passaportes e documentos de identidade, de modo a surgir em Miami como um editor brasileiro em viagem aos Estados Unidos para comparecer a uma feira do livro em Nova York. Mas um informante infiltrado no Departamento de Estado americano alertara Medellín de que o Serviço de Imigração dos Estados Unidos em Miami havia requerido com urgência toda a

informação que pudesse haver disponível sobre Miguel, especialmente sobre as identidades que se sabia terem sido usadas por ele no passado.

Miguel usara, de fato, em oportunidade anterior, a identidade de editor brasileiro, e embora acreditasse que essa identidade ainda não fora desmascarada, parecia mais prudente evitar Miami. Apesar de com isso sofrer uma certa perda de tempo, o que fez foi voar do Rio para Londres, onde adquiriu uma identidade inteiramente nova e um passaporte oficial inglês também novo em folha. A maneira de consegui-los foi fácil.

Ah, as inocentes democracias! Como eram estúpidas e ingênuas! Como era simples subverter suas alardeadas liberdades e seus sistemas abertos, para servir aos objetivos daqueles que, como Miguel, não acreditavam em umas nem em outros! Antes de chegar a Londres, tinham lhe dado as dicas sobre como isso era feito.

Ele se dirigiu, em primeiro lugar, à St. Catherine's House, na junção de Kingsway e Aldwych, onde eram registrados nascimentos, casamentos e óbitos ocorridos na Inglaterra e no País de Gales. Lá, requereu três certidões de nascimento.

Certidões de nascimento de quem? De qualquer um que houvesse nascido na mesma data que ele, ou próxima.

Sem falar com ninguém e sem que ninguém lhe fizesse perguntas, apanhou cinco formulários para requerer as certidões e em seguida caminhou até onde se encontrava uma série de grossos volumes enfileirados em estantes e identificados ano por ano. Escolheu 1951. Os volumes estavam separados por trimestres. Ele retirou o de outubro— dezembro, explorando as entradas por ordem alfabética do M ao R.

A data do seu próprio nascimento era 14 de novembro daquele ano. Folheando o livro, deu com o nome de "Dudley Martin", nascido em Keighley, Yorkshire, em 13 de novembro. O nome pareceu apropriado; nem era excepcional demais, nem de uma banalidade tão gritante como Smith. Perfecto! Miguel copiou os dados num dos formulários impressos em tinta vermelha.

Precisava, agora, de mais dois nomes. Sua intenção era requerer três passaportes: o segundo e o terceiro ficariam de reserva para o caso de surgir algum problema com o primeiro. Era sempre possível que algum passaporte já houvesse sido concedido ao mesmo Dudley Martin. Em tais circunstâncias, um novo passaporte seria recusado.

Colocou os dois nomes em dois outros formulários. Escolhera, de propósito, sobrenomes cuja inicial estava bem distanciada do "M" de Martin: um

começava com "B", e o outro com "Y". A razão disso era que, no Serviço de Passaportes, cabia a funcionários diferentes tratar de requerimentos relativos a nomes com iniciais diferentes.

Graças à distância entre as iniciais escolhidas, podia-se contar com que os três requerimentos seriam manipulados por pessoas diversas, qualquer similaridade passando desse modo despercebida.

Durante todos os estágios da operação, Miguel teve o maior cuidado em não tocar qualquer dos formulários por ele preenchidos. Por isso foi que apanhou cinco cópias; as duas que colocou por fora serviam para proteger as outras das marcas deixadas por seus dedos; ele as destruiria depois. Desde Berkeley, ficara sabendo que nada havia que fosse capaz de remover por completo essas marcas, não saíam nem com um pano esfregado pacientemente — era impossível burlar os novos métodos de colher impressões digitais, que usavam uma alta tecnologia à base de niidrina e laser íon-argônio.

Em seguida, deu alguns passos até o guichê do caixa. Ali apresentou os três requerimentos, sempre dando um jeito de não tocar em nenhum dos que ele deixaria na repartição.

O caixa cobrou-lhe uma taxa de cinco libras por cada certidão, que ele pagou em dinheiro vivo. As certidões estariam prontas em dois dias.

Nesse período, conseguiu providenciar três endereços diferentes para dar como locais para onde deveriam ser remetidos os passaportes.

Do catálogo Kelly, de firmas comerciais de Londres, ele tirou os nomes de algumas empresas que prestavam serviços de administração e secretariado, para cujos endereços modestos e obscuros seria possível enviar correspondência que depois se iria apanhar. Na primeira delas que visitou, pagou uma taxa de cinquenta libras, novamente em dinheiro vivo. Tinha uma história já pronta para dar como pretexto: estava iniciando um negócio pequeno que por enquanto não lhe oferecia meios para instalar um escritório e pagar uma secretária. Aceitaram suas explicações sem lhe fazer perguntas. Repetiu o processo nas duas outras empresas que localizara no catálogo, numa e noutra deparando com a mesma falta de curiosidade. Reuniu assim os três endereços de que precisava para os três requerimentos de passaporte, sem que nenhum deles pudesse ser relacionado com sua verdadeira identidade.

Depois, valendo-se de serviços fotográficos automáticos, tirou três conjuntos de retratos para passaporte. Sua aparência era diferente em cada conjunto. Num, ele era visto com barba e bigode; noutro, perfeitamente escanhoado; e no terceiro, com óculos de grau muito forte.

No dia seguinte, foi apanhar as certidões de nascimento na St. Catherine's House. Como da vez anterior, ninguém mostrou qualquer curiosidade em saber para que ele as desejava.

Já se munira de formulários para requerimento de passaporte numa agência de correios, sempre tendo o máximo cuidado em não tocá-los. Preencheu-os usando luvas de plástico descartáveis. Em cada um, Pôs, como endereço do requerente, um dos endereços de administradores que arranjara para esse fim.

Era preciso juntar dois retratos a cada requerimento de passaporte— Havia a exigência de que constasse de um deles uma declaração de Próprio punho de alguém "profissionalmente categorizado" (médico, engenheiro, advogado), identificando o requerente e afirmando conhecê-lo há pelo menos dois anos. Seguindo uma sugestão que lhe fora dada, Miguel escreveu e assinou a declaração, ele próprio, disfarçando a caligrafia e utilizando nomes e endereços tirados ao acaso de uma lista telefônica. Um conjunto de carimbos de borracha previamente adquirido ajudou a tomar mais convincentes esses nomes e endereços. Embora houvesse, no passaporte, um aviso de que os nomes oferecidos como referências seriam checados, na verdade isso raramente acontecia, e a chance de uma declaração falsa ser descoberta era extremamente remota. Os requerimentos eram muitos, e os funcionários para checá-los, muito poucos.

Por fim, chegou o momento de Miguel dispensar um tratamento especial aos três retratos "identificados" — aqueles sobre os quais estavam escritas as declarações e que, por conseguinte, não ficariam colados nos passaportes que ele estava requerendo, mas se destinavam aos arquivos do Serviço de Passaportes. Usando uma esponja macia, ele aplicou uma solução de Domestos, alvejante de uso caseiro similar ao Clorox americano. Graças a isso, em dois ou três meses as fotos arquivadas desbotariam e perderiam a nitidez, de tal modo que não restaria imagem nenhuma de Miguel (ou Dudley Martin etc.).

Miguel pôs no correio os três requerimentos, cada um com um vale postal de quinze libras, ciente de que esperaria pelo menos quatro semanas até que os passaportes fossem providenciados e remetidos aos endereços indicados para entrega. Uma espera tediosa, mas que se justificava em termos de segurança.

Nesse meio— tempo, ele enviou pelo correio diversas cartas a si mesmo, para os três endereços retirados do catálogo Kelly. Cada vez que fazia isso, deixava passar um ou dois dias e então telefonava para indagar se havia chegado

alguma correspondência; quando a resposta era afirmativa, declarava que um mensageiro passaria para apanhá-la. Para esse serviço, usava rapazotes desconhecidos recrutados na rua, em troca de umas poucas libras. Tinha o cuidado de, antes de receber de suas mãos a correspondência, observar, quando voltavam à rua, se estavam sendo seguidos. Miguel pretendia usar o mesmo processo para apanhar os passaportes quando fossem entregues.

Os três chegaram com intervalos de poucos dias na quinta semana e foram apanhados sem o menor problema. Quando teve em mãos o terceiro, Miguel sorriu aliviado. Muy bien! Usaria de imediato o passaporte de Dudley Martin, reservando os outros dois para uso futuro. Faltava o último passo: comprar uma passagem de ida e volta para os Estados Unidos. Miguel fez isso naquele mesmo dia.

Até 1988, os portadores de passaportes britânicos precisavam requerer visto de entrada para os Estados Unidos. Agora esse visto deixara de ser exigido, que a permanência não ultrapassasse um período de noventa dias e o viajante estivesse de posse de uma passagem de volta. Embora Miguel não tivesse intenção de usar a segunda metade da passagem, que seria destruída mais tarde, seu custo era irrisório se comparado ao risco de mais uma incursão na burocracia. Quanto ao limite de noventa dias, era-lhe indiferente: ainda que não esperasse ficar todo esse tempo nos Estados Unidos, deveria partir ou secretamente ou valendo-se de uma outra identidade; o passaporte de Dudley Martin seria jogado fora.

A mudança no regulamento sobre vistos dos Estados Unidos deixou Miguel encantado. Mais uma vez, esses convenientes sistemas abertos mostravam-se prestimosos à gente de sua espécie.

Voou para Nova York na manhã seguinte, e no aeroporto John F. Kennedy não criaram obstáculo algum para sua entrada.

Chegando a Nova York, Miguel dirigiu-se imediatamente para onde vivia uma densa comunidade de colombianos no distrito de Queens e onde um agente do cartel de Medellín lhe arranjara uma casa segura.

10

A "Pequena Colômbia", em Jackson Heights, estendia-se das ruas a 89. Era um ativo centro de narcotráfico, uma das áreas em Nova York com os mais altos índices de criminalidade, onde a violência era encarada como trivial e o homicídio como um lugar— comum. Policiais fardados raramente se aventuravam a ir ali sozinhos, e mesmo em pares não se deslocavam a pé durante a noite.

A reputação do bairro não preocupava Miguel de forma alguma; na verdade, considerou que até poderia servir-lhe de proteção enquanto, na fase de preparativos e planejamento, aplicava o dinheiro secretamente posto à sua disposição e reunia a pequena equipe que iria comandar. Os sete membros dessa equipe, Miguel inclusive, haviam sido selecionados em Bogotá.

Júlio, que nesse momento estava ocupado na vigilância, e Socorro, a única mulher do grupo, eram colombianos que haviam passado uns tempos como "agentes hibernantes", por assim dizer, de Medellín. Alguns anos atrás ambos tinham sido enviados aos Estados Unidos, sob a aparência de imigrantes, com instruções apenas para se instalar e aguardar até a ocasião em que seus serviços fossem requisitados para atividades relacionadas com drogas ou para algum outro objetivo criminoso. Essa ocasião chegara finalmente.

Júlio era um especialista em comunicações. Socorro, durante o período de espera, habilitara-se como auxiliar de enfermagem.

Socorro tinha uma filiação adicional: através de amigos no Peru, tomara-se uma simpatizante e agente "nas horas vagas" do movimento revolucionário Sendero Luminoso.

Entre latino-americanos, esses cruzamentos do crime de motivação política com o crime de fins lucrativos eram comuns, e agora, dada a sua dupla conexão, Socorro exercia também uma função de vigilância para o Sendero.

Dos quatro restantes, três outros eram colombianos a quem tinham sido atribuídos os codinomes de Rafael, Luís e Carlos. Rafael era mecânico e um pouco pau para toda obra. Luís havia sido escolhido por suas habilidades de motorista; sabia como ninguém escapar de uma perseguição, sobretudo escapar do local do crime. Carlos era jovem, pensava rápido e tinha sido o organizador da vigilância durante as quatro últimas semanas. Os três falavam inglês fluentemente e já tinham vindo aos Estados Unidos várias vezes antes. Nessa ocasião, entraram no país sem se conhecer uns aos outros e usando passaportes

falsos com falsa identidade. Receberam instruções para se apresentar ao mesmo agente de Medellín que providenciara um alojamento seguro para Miguel, e em seguida passaram a receber ordens diretamente deste.

O último membro do grupo era um americano que usava para essa operação o nome de Baudelio. Miguel não tinha a menor confiança em Baudelio, mas os conhecimentos e talentos desse homem eram essenciais para que a missão pudesse ter êxito.

Agora, em Hackensack, no centro temporário de operações do grupo colombiano, ao pensar no renegado americano Baudelio, Miguel foi tomado por um acesso de frustração que se somou à raiva provocada por Júlio quando imprudentemente trocara o código pela linguagem comum na mensagem radiotelefônica transmitida a curta distância da casa de Crawford Sloane em Larchmont. Ainda segurando o fone, e dominando-se para não deixar que explodissem seus sentimentos pessoais, Miguel refletiu sobre a resposta recebida.

O relatório da vigilância referira-se a um homem com cerca de 75 anos que chegara à residência de Sloane minutos antes com uma mala de roupas e que a levara para dentro da casa — "com jeito de que planeja ficar", nas palavras indiscretas usadas por Júlio.

Antes de sair de Bogotá, Miguel recebera farta informação ligada à missão nos Estados Unidos que só em parte transmitira a seus comandados. Incluído nesse dossiê estava o fato de que Crawford Sloane tinha um pai cuja descrição combinava com a do recém-chegado. Miguel raciocinou: Bem, se o velho resolveu ir passar uns tempos com o filho, isso é algo que irá atrapalhar, mas nada mais do que isso. Até o fim do dia, teremos que matar o pai, é quase certo, mas qual o problema? Pressionando o transmissor do radiotelefone, Miguel ordenou.

— Não façam nada a respeito do pacote azul. Comuniquem-me apenas se houver alterações no faturamento. — "Alterações no faturamento" significava se a situação mudar.

— Certo — respondeu Júlio laconicamente.

Ao concluir o diálogo pelo radiofone, Miguel olhou as horas no relógio de pulso. Quase 7h45 da manhã. Daí a duas horas, os sete membros do grupo estariam no local prontos para agir. Tudo que se passaria a seguir havia sido cuidadosamente planejado, previstos os problemas possíveis e tomadas as precauções que se consideravam necessárias. A ação, ao ter início, exigiria por certo algum improviso, mas não muito.

E não se podia cogitar em absoluto um adiamento. Fora dos Estados Unidos, outras ações, entrosadas com a deles, já estavam em marcha.

11

Dando um suspiro fundo de satisfação, Angus Sloane pousou na mesa a sua xícara de café e enxugou com um guardanapo os lábios e o bigode cinza-prateado.

— Declaro categoricamente — disse ele — que em todo o Estado de Nova York não se serviu hoje um café da manhã melhor do que este.

— Mais rico em colesterol também não — disse seu filho, do lado oposto da mesa, por trás de um New York Times aberto. — Você não sabe que todos esses ovos fritos fazem mal ao seu coração? Quantos você comeu? Três?

— E alguém está contando? — disse Jessica. — Além disso, não são tantos que você não possa pagar, Crawf. Angus, quer mais um?

— Não, obrigado, querida. — O velho, que completara 73 anos algumas semanas antes, sorriu benevolamente e com um alegre ar de inocência para Jessica. — Três ovos não é muito — disse Nicky. — Vi uma vez um filme passado numa prisão do sul. Tinha um cara que comia cinquenta ovos.

Crawford Sloane baixou o *Times* para dizer: — O filme de que você está falando, *Rebeldia Indomável,* era com Paul Newman e foi exibido em 1967. Mas tenho certeza de que Newman não comeu de fato aqueles ovos. Você ficou convencido disso porque ele é um bom ator.

— Apareceu uma vez aqui em casa um vendedor da *Britannica* disse Jessica —, oferecendo a enciclopédia. Falei para ele que já tínhamos uma viva morando conosco.

— Que é que eu posso fazer — rebateu Crawford —, se algumas notícias com que vivo não se despregam mais de mim? Acontece o mesmo com as falas na tevê, quando a gente lembra uma parte e esquece outras. Nunca se sabe o que vai ser retido na memória e o que vai se apagar.

Estavam sentados à mesa da copa, um ambiente alegre, com muita luz, ao lado da cozinha. Angus havia chegado meia hora antes, abraçando e beijando ternamente a nora e o neto, e cumprimentando Crawford, mais formalmente, com um aperto de mão.

O constrangimento entre pai e filho — que às vezes se traduzia em irritação por parte de Crawford — era algo que vinha de muitos anos atrás. Relacionava-se sobretudo com uma diferença nas ideias e nos valores de cada

um. Angus jamais vira com bons olhos o afrouxamento dos padrões morais nacionais e individuais, aceito pela maioria dos americanos a partir dos anos 60. Angus acreditava ardorosamente "na honra, no dever e na bandeira"; mais que isso: segundo ele, seus patrícios deveriam continuar demonstrando o patriotismo sem concessões que existira durante a Segunda Guerra Mundial -o ponto alto da vida de Angus, sobre o qual ele tecia reminiscências *ad infinitum*. Ao mesmo tempo, exercia uma atitude crítica em relação às justificativas de conduta que seu próprio filho, na atividade de colher notícias, aceitava como normais e progressistas.

Crawford, por outro lado, era intolerante para com a maneira de pensar de seu pai, a qual, segundo os parâmetros do âncora, tinha raízes no mundo antigo e não levava em conta a grande expansão do conhecimento em todos os campos — notadamente no científico e no filosófico — ao longo das quatro décadas transcorridas desde a Segunda Guerra Mundial. Havia outro fator também: um certo convencimento " pretensão (só que ele jamais teria empregado essas palavras) de Crawford que o levavam a crer, do alto da privilegiada posição profissional que alcançara, na superioridade de seus próprios julgamentos a respeito dos problemas mundiais e da condição humana.

Já no início da manhã desse dia era possível ver que a distância entre Crawford e seu pai não havia se estreitado.

Como Angus explicara em diversas outras ocasiões, era um desejo seu, de toda a vida: para onde quer que se dirigisse, tinha de chegar ao destino nas primeiras horas da manhã. Por isso tomara um avião da Flórida para o aeroporto La Guardia ao anoitecer do dia anterior, Pernoitara com um companheiro da Legião Americana que morava nas vizinhanças do aeroporto e, em seguida, pouco depois de raiar o dia, Pegara um ônibus e um táxi para chegar a Larchmont.

Crawford ouviu a cantilena, mais uma vez, com os olhos postos no teto. Jessica, sorrindo e concordando com movimentos de cabeça, como se nunca antes tivesse escutado aquelas palavras, preparara para Angus o bacon com ovos que ele não dispensava, enquanto que, para ela própria e os outros dois, servira algo mais saudável: uma granola feita em casa.

— Sobre esse assunto do meu coração e os ovos — disse Angus, que às vezes levava alguns minutos para absorver um comentário que tinha sido feito e em seguida voltar a ele —, acho que se o relógio aqui continua batendo firme até hoje, eu não tenho por que me preocupar se o colesterol é de mais ou de menos.

Sem falar que meu coração e eu já enfrentamos situações de grande aperto e saímos pra outras, galhardamente. Não me faltam exemplos para dar a vocês.

Crawford Sloane baixou o jornal a uma altura suficiente para se comunicar com os olhos de Jessica e, pelo olhar, alertá-la: Mude o assunto depressa, antes que ele se embale nas reminiscências. Jessica deu de ombros da maneira mais discreta possível, como se dissesse: Se é o que você quer, trate você mesmo de fazer isso.

Dobrando o *Times*, Sloane disse: — Dão aqui o número de vítimas do desastre de ontem em Dallas. Deprimente. Imagino que por toda a próxima semana vamos continuar fazendo reportagens em cima desses desdobramentos.

— Vi o que vocês passaram no noticiário ontem à noite — disse Angus. — Quem fez foi aquele tal de Partridge. Gosto dele. Quando trata de assuntos internacionais, principalmente de assuntos que envolvem as nossas forças militares, faz-me sentir orgulhoso de ser também americano. Não posso dizer o mesmo de todos vocês, Crawford.

— Só tem uma coisa, papai — disse Sloane. — Partridge não é americano, para começo de conversa. É canadense. E outra coisa: você terá que se arranjar sem ele durante algum tempo. A partir de hoje, vai pegar um longo período de férias. — Em seguida, perguntou com curiosidade: — Quem, "de todos nós", não faz você se sentir orgulhoso?

— Praticamente todos os outros. Esse jeito que têm quase todos vocês, jornalistas de televisão, de manchar tudo, especialmente o nosso governo, de pôr em xeque a autoridade, sempre tentando amesquinhar a figura do presidente. Ninguém parece se orgulhar de mais nada. Isso não o preocupa?

Quando Sloane preferiu não responder, Jessica lhe disse em voz baixa: — Seu pai respondeu à pergunta que você fez. Você agora deveria responder à dele.

— Papai — disse Sloane —, você e eu já discutimos isso antes, e não creio que nos ponhamos de acordo algum dia. O que você chama de "manchar tudo" é o que nós jornalistas consideramos um questionamento legítimo, o direito que tem o público de conhecer os fatos. Passou a fazer parte da função jornalística desafiar os políticos e os burocratas, questionar tudo o que nos é dito; e é uma boa coisa, isso. O fato é que o governo mente e trapaceia. Democratas, republicanos, liberais, socialistas, conservadores, uma vez no poder, todos procedem assim.

"Não há dúvida que nós jornalistas às vezes engrossamos e, uma vez ou outra, admito, podemos ir longe demais. No entanto, com nosso trabalho

conseguimos desmascarar muita patifaria e muita hipocrisia que noutros tempos, sem ninguém para incomodar os patifes e hipócritas no poder, teriam passado despercebidas. Foi porque a cobertura das notícias se fez mais incisiva, por influência sobretudo da tevê, que nossa sociedade hoje se tornou um pouco melhor, ligeiramente mais limpa, e os princípios deste país se aproximaram um pouco mais do que deveriam ser.

"Quanto aos presidentes, papai, se alguns deles parecem mesquinhos, e a maioria deixou de fato essa impressão, a verdade é que conseguiram isso por suas próprias ações. Ah, sim, nós jornalistas demos um empurrãozinho aqui e ali, com o nosso ceticismo, às vezes até cinismo, porque frequentemente não engolimos a pílula açucarada que os presidentes nos servem. Mas a velhacaria em altas esferas, em todas as altas esferas, nos dá motivos bastantes para sermos como somos."

— Eu gostaria que o presidente fosse de todo mundo, em vez de pertencer a um só partido — disse Nicky. E acrescentou, pensativo: — Não teria sido melhor se os Pais Fundadores houvessem feito Washington rei, e Franklin ou Jefferson presidente? Os filhos de Washington, seus netos e bisnetos poderiam ter sido reis e rainhas, e a gente teria um chefe de Estado para ser motivo de orgulho e um presidente para pôr nele a culpa de tudo, como fazem os ingleses com o primeiro-ministro deles.

— O grande azar da América, Nicky — disse Crawford —, foi você não estar presente à Convenção Constitucional para impulsionar essa ideia. Embora os filhos de Washington fossem adotivos, mesmo assim a ideia é mais sensata do que muitas outras coisas que aconteceram desde então.

Todos riram. Quando voltou ao sério, Angus disse: — A cobertura jornalística da minha guerra, que, para você, Nicky, ficou sendo a Segunda Guerra Mundial, era diferente de como é feita hoje. Tínhamos a sensação de que os que escreviam sobre ela, ou falavam pelo rádio, estavam sempre do nosso lado. Hoje em dia não é mais assim.

— É uma guerra diferente — disse Crawford — e uma época diferente também. Assim como há novos meios de colher notícias, os próprios conceitos sobre notícia mudaram igualmente. Muitos de nós não acreditam mais no lema "Meu país com ou sem razão".

Angus queixou-se: — Nunca pensei que ouviria um filho meu dizer isso.

Sloane deu de ombros.

— Pois é, está ouvindo agora. Aqueles entre nós que aspiram à verdade nas notícias querem ter certeza de que nosso país tem razão, que não estamos

nos deixando enrolar pela embromação de seja quem for que estiver no governo. A única maneira que se tem de conseguir isso é fazendo perguntas duras e penetrantes.

— Você não acredita que tenham sido feitas perguntas duras na minha guerra?

— Não tão duras como deveriam ser — disse Sloane. Fez uma pausa, em dúvida se deveria ir mais longe; afinal decidiu que sim. — Você não estava entre os que fizeram a primeira incursão de bombardeio dos B17 a Schweinfurt?

— Sim senhor. — E a Nicholas, em seguida: — Era bem para dentro da Alemanha. Não diria que, àquela época, fosse um lugar agradável de se visitar.

Um tanto impiedosamente, Crawford insistiu: — Você me disse uma vez que o objetivo em Schweinfurt era destruir fábricas de rolamentos de esferas. Que os responsáveis pelos bombardeios achavam que conseguiriam com isso deter a marcha da máquina de guerra alemã, porque os rolamentos, na opinião deles, eram indispensáveis.

Angus moveu afirmativa e lentamente a cabeça, já sabendo o que viria em seguida.

— Foi o que nos disseram.

— E você sabe também que, terminada a guerra, descobriram que aquela tática de nada adiantara. Apesar daquele ataque e de outros, que custaram tantas vidas americanas, a Alemanha nunca teve escassez de rolamentos de esferas. A política, o planejamento estavam errados. bom, não digo que a imprensa naquela época pudesse ter dado um basta nesse horrível desperdício. Mas se fosse hoje, perguntas teriam sido feitas, não depois de acontecido mas em cima dos acontecimentos, de modo que o questionamento e a informação dada ao público funcionariam como um freio e provavelmente diminuiriam as perdas humanas.

Enquanto seu filho falava, o rosto do velho acusava uma incessante atividade interior, enrugando-se por ação das lembranças e do sofrimento. Os olhos dos outros postos sobre ele davam-lhe a impressão de estar diminuindo, afundando em si mesmo, de ter envelhecido bruscamente. Disse, com a voz trêmula: — Em Schweinfurt, perdemos cinquenta B-17. A tripulação de cada um tinha dez pessoas. Foram quinhentos homens perdidos naquele único dia. E na mesma semana de outubro de 1943, perdemos mais 88 bombardeiros B-17. Quase novecentas pessoas. — Sua voz baixou até se tomar um sussurro. — Eu estava nessas incursões. O pior de tudo era à noite estar cercado de tantos leitos vazios, daqueles que não tinham voltado. De madrugada, quando eu acordava e olhava em tomo, a pergunta ficava martelando dentro de mim: — Por que eu?

Por que justamente eu voltei, naquela e nas outras semanas que vieram depois, ao passo que tantos não voltaram?

O efeito foi salutar e comovente, fazendo com que Sloane desejasse não ter falado, não ter ganhado esse ponto de vantagem na discussão com seu pai. Ele disse: — Sinto muito, papai. Não calculei que fosse abrir tão profundamente uma velha ferida.

Como se não tivesse ouvido, seu pai prosseguiu: — Eram ótimos sujeitos. Tanta gente boa. Tantos amigos.

Sloane abanou a cabeça. — Mudemos de assunto. Como lhe disse, sinto muito.

— Vovô — disse Nicky, que escutava tudo com grande atenção. — Quando você estava na guerra, fazendo essas coisas todas, sentia muito medo?

— Nem me fale, Nicky! Medo? Eu sentia pavor. Quando os obuses da artilharia antiaérea explodiam em volta lançando estilhaços de aço afiados que podiam cortar a gente em fatias... quando os caças alemães se juntavam todos para vir em nossa direção, com metralhadoras e canhões disparando em cima da gente, e a impressão era sempre que todos estavam apontando justamente para você... quando outros B-17 eram derrubados, e às vezes caíam em chamas ou numa espiral tão estreita que a gente sabia que a tripulação jamais poderia saltar e usar os paraquedas... tudo isso se passando a oito mil metros de altura, com um ar tão frio e rarefeito que se a gente suasse de medo, o suor na mesma hora congelava, e mesmo com a máscara de oxigênio era uma dificuldade respirar... Nem me fale. Tinha o coração na boca. E, às vezes, o estômago também.

Angus fez uma pausa. Houve silêncio na copa: de certo modo, essa evocação do passado tinha sido diferente das reminiscências habituais. Quando ele continuou, foi como se falasse exclusivamente para Nicky, que acompanhava a sua narração palavra por palavra; formara-se de repente uma intensa comunhão entre o velho e o menino.

— Vou lhe dizer uma coisa, Nicky. E isso eu jamais disse a ninguém neste mundo. Houve uma vez em que eu estava tão apavorado, mas tão apavorado que... — Olhou em volta como se apelando para a compreensão de todos. — ...que sujei as calças.

Nicky perguntou: — E como foi que você fez?

Jessica, preocupada com Angus, pareceu a ponto de interromper a narrativa, mas Crawford fez-lhe um gesto para que não dissesse nada.

A voz do velho ganhou forças. Visivelmente, um pouco de seu orgulho estava de volta: — Que é que eu podia fazer? Era uma situação desagradável,

mas eu estava lá, e o jeito foi executar a missão, cumprindo as ordens que eu tinha recebido. Eu era o encarregado de lançar as bombas. O comandante do grupo, que era o piloto do nosso avião, tornou o rumo do alvo e disse-me pelo interfone: Está à sua disposição. Sirva-se. Bom, eu me pus a postos, espalhado por cima da janela-visor do bombardeiro, e me preparei, sem afobação, para o momento exato. Durante aqueles poucos minutos, Nicky, era o encarregado de lançar as bombas quem dirigia o avião. Coloquei o alvo bem em cima da pontaria e as bombas foram jogadas, o sinal para que o grupo todo jogasse as suas também.

Angus continuou: — Fique sabendo de uma coisa, Nicky, não é nenhuma falta grave a gente morrer de medo. Pode acontecer aos melhores. O que importa é aguentar firme, dar um jeito de não perder o controle e fazer o que a gente sabe que é preciso.

— Falou, vô. — O tom de voz de Nicky denotava pouca emoção, e Crawford ficou curioso de saber o que ele teria assimilado daquelas palavras. Uma boa parte, provavelmente.

Nicky era inteligente e sensível. Era o caso de perguntar também se o próprio Crawford teria no passado feito algum esforço para entender tanto quanto deveria da personalidade do pai.

Consultou o relógio de pulso. Estava na hora de sair. Habitualmente chegava à CBA por volta das 10h30 da manhã; hoje, entretanto, estava pretendendo chegar mais cedo porque queria procurar o presidente da divisão para tratar da dispensa de Chuck Insen como produtor executivo do Jornal da Noite. A lembrança do atrito surgido na véspera ainda lhe ardia no estômago, e Sloane estava mais decidido do que nunca a assegurar mudanças nos critérios de escolha das notícias.

Ergueu-se da mesa do café da manhã, desculpando-se por não poder ficar mais tempo, e subiu ao quarto para terminar de se vestir.

Ao escolher uma gravata — a mesma que usaria diante das câmeras essa noite — e dar-lhe cuidadosamente um laço de Windsor, ele pensou no pai e reproduziu na imaginação as cenas descritas pelo velho, a incursão aérea sobre Schweinfurt e tudo mais. Angus tinha então vinte e poucos anos, a metade da idade de Crawford hoje; um garoto que, sem ter vivido quase nada, aterrorizava-se diante da morte iminente, e morte das mais terríveis, por certo. Nem ao tempo em que fizera como jornalista a cobertura do Vietnã, Crawford passara por algo que pudesse se comparar a isso.

De repente bateu-lhe na consciência o que ele não conseguira compreender antes, de nenhuma forma que se pudesse dizer profunda e afetiva.

Todo o problema, pensou Crawford, estava em que ele havia mergulhado tão inteiramente, por motivos profissionais, nas notícias que brotavam do dia a dia, que aos poucos fora descartando os fatos ligados a períodos mais antigos por considerá-los material histórico estratificado que nada tinha que ver com a vida fervilhante do aqui e agora. Maneira de pensar que resultava nitidamente de uma deformação profissional; ele já o percebera em outros. Mas os fatos que foram notícias em épocas antigas não eram sem importância, e jamais o seriam para seu pai.

Crawford era bem informado. Havia lido a respeito da incursão sobre Schweinfurt num livro intitulado *Quinta-feira Negra*. O autor, Martin Caidin, comparava o ataque aos "imortais combates de Gettysburg, Saint-Mihiel e Argonne, de Midway, do Bolsão e Pork Chopp Hill".

Seu pai, refletiu Crawford, fazia parte dessa longa saga. Era a primeira vez que considerava o fato dentro dessa perspectiva.

Vestiu o paletó do terno, examinou-se no espelho e, satisfeito com sua aparência, retornou ao andar de baixo.

Despediu-se de Jessica e de Nicky. Depois foi até o pai e disse-lhe tranquilamente: — Levante-se.

Angus parecia confuso. Crawford repetiu: — Levante-se.

Empurrando sua cadeira para trás, Angus ergueu-se devagar. Instintivamente, como muitas vezes o fazia, o corpo assumiu o equivalente da posição militar de "sentido".

Crawford chegou-se para junto do pai, passou os braços em volta dele, apertando-o com firmeza, e beijou-o nas duas faces. O velho parecia surpreso e perturbado.

— Ei! Mas o que é que está acontecendo?

Olhando-o dentro dos olhos, Crawford lhe disse: — Eu o amo, seu pateta.

Do umbral da porta, antes de sair, olhou para trás. O rosto de Angus tinha um risinho seráfico. Os olhos de Jessica, dava para ver, estavam umedecidos. Nicky resplandecia de felicidade.

Carlos e Júlio, o duo encarregado da vigilância, tiveram uma surpresa ao ver Crawford Sloane saindo de casa em seu carro antes da hora de costume. Comunicaram imediatamente o fato, por código, a seu líder Miguel.

A essa altura, Miguel já havia deixado o centro de operações em Hackensack e, em companhia de outros numa caminhonete Nissan equipada com radiotelefone, estava cruzando a ponte George Washington entre Nova Jersey e Nova York.

Miguel não se deixou perturbar. Transmitiu, igualmente em código, a ordem de pôr em prática os planos preestabelecidos; e mais: se fosse o caso de adiantar o tempo de execução, não hesitassem. Raciocinava com plena confiança no sucesso; o que fariam era totalmente inesperado, uma inversão completa da lógica; a reação só poderia ser uma pergunta lançada pelo desespero — por quê?

12

Aproximadamente no mesmo momento em que Crawford Sloane deixava sua casa em Larchmont para seguir de carro até o prédio da CBA, Harry Partridge estava acordando no Canadá — em Port Credit, perto de Toronto. Dormira profundamente e, agora, nos primeiros instantes de consciência no novo dia, tentava descobrir onde se achava.

Nele isso era uma experiência frequente, uma vez que se acostumara a acordar em tantos lugares diferentes.

À medida que punha ordem suas ideias, dominou de relance os primeiros pontos de referência do quarto e não teve dúvidas de que, sentando-se -o que não estava disposto a fazer por enquanto —, veria pela janela que ficava em frente a vasta amplidão do Lago Ontário.

Aquele era um apartamento que Partridge usava como sua base, um refúgio, e, dada a natureza nômade de seu trabalho, só encontrava meios de passar ali uns poucos e breves períodos cada ano. E embora estivessem ali guardados os escassos objetos que constituíam seu patrimônio — algumas roupas, livros, fotografias emolduradas e um punhado de suvenires de outros tempos e lugares —, o apartamento nem sequer estava alugado em seu nome. Como se podia ler num cartão ao lado do botão da campainha no hall do edifício, seis pavimentos abaixo, seu ocupante oficial era V. Williams (V = Vivien), que ali residia permanentemente.

Todo mês, do lugar do mundo onde estivesse na ocasião, Partridge enviava a Vivien um cheque que desse para pagar o aluguel do apartamento, e, em troca, ela morava ali e tomava conta do seu refúgio. O esquema, que tinha outras conveniências — como, por exemplo, sexo sem compromisso —, agradava a ambos.

Vivien era uma enfermeira que trabalhava no Hospital de Queensway, ali perto. Ele agora começava a ouvi-la mexendo-se na cozinha.

Certamente estaria preparando o chá, que sabia ser o que ele gostava de tomar pela manhã, e não demoraria a trazê-lo. Enquanto isso, Partridge deixou que os pensamentos o levassem de volta aos fatos tumultuados da véspera e à viagem feita à noite, no voo em atraso, de Dallas ao aeroporto internacional Pearson de Toronto.

A experiência no aeroporto Dallas-Fort Worth fora por ele conduzida em termos estritamente profissionais e não chegara a lhe tirar a calma. Fizera simplesmente o seu serviço, para o qual era muito bem pago pela CBA. Ao refletir sobre o assunto, entretanto, na véspera e nessa manhã, tomara consciência da tragédia que havia por trás do perfil superficial da notícia. Segundo as últimas informações que ouvira, mais de setenta passageiros tinham morrido no voo da Muskegon Airlines; muitos outros ficaram gravemente feridos, e as seis pessoas que se encontravam no avião pequeno que bateu com o Airbus morreram todas. Hoje, sabia ele muito bem, as famílias e os amigos dos desaparecidos estariam sofrendo o diabo, debulhados em lágrimas, no esforço para se conformar com a crueldade dessa perda súbita.

Pensando nisso, deu-se conta de que havia ocasiões em que gostaria de poder chorar também, de poder partilhar lágrimas com outros pelos fatos que presenciara em sua vida profissional -os da véspera, inclusive, por que não? E, no entanto, isso nunca havia acontecido, a não ser uma única vez, um fato sem paralelo na sua vida, o qual, tão logo lhe veio à lembrança, ele tratou de afastar energicamente. Mas havia a recordação nítida da primeira vez em que refletira sobre sua incapacidade de chorar.

No início de sua carreira como repórter, Harry Partridge achava-se na Grã-Bretanha quando ocorreu uma tragédia no País de Gales. Foi em Aberfan, aldeia de mineiros, em que uma vasta pilha lamacenta de resíduos de carvão resvalou por uma encosta, soterrando a escola primária que ficava embaixo. Morreram 116 crianças.

Partridge esteve no local pouco depois do acidente, a tempo de ainda assistir à retirada dos cadáveres. Cada um dos pequenos corpos, cobertos com a lama residual negra e malcheirosa, tinha que primeiro ser lavado com a água de uma mangueira antes de ser transportado dali para identificação.

Em seu redor, assistindo à mesma cena, outros repórteres, fotógrafos, policiais, espectadores choravam, com a respiração entrecortada pelas lágrimas.

Partridge havia tido vontade de chorar, porém não conseguira. Amargurado, mas com os olhos enxutos, dera conta de sua reportagem e fora embora.

Não faltaram, depois, muitas outras cenas por ele testemunhadas em que havia motivos para lágrimas; em nenhuma dessas vezes, tampouco, chorou. Seria o sinal de alguma deficiência, de uma frieza interior? Fizera a pergunta certa vez a uma amiga psiquiatra, numa noite em que ambos, depois de uns quatro drinques, foram juntos para a cama Ela lhe disse.

— Não há nada errado com você, do contrário nem pensaria em fazer essa pergunta. O que você tem é um mecanismo de defesa que despersonaliza o que sente. Você está armazenando tudo isso, empurrando para algum canto no seu íntimo. Um belo dia tudo vai extravasar, as barreiras serão rompidas, e você chorará. E como! Bem, a verdade é que sua perspicaz companheira de cama tinha razão, e de fato chegou esse dia... Mas era algo em que não queria pensar, e tornou a afastar a imagem quando Vivien entrou no quarto trazendo uma bandeja com o chá da manhã.

Ela andava pelos seus 45 anos. De traços angulosos e bem marcados, os cabelos negros corridos, agora com mechas grisalhas. Embora não fosse bonita, nem mesmo de uma beleza convencional, era afetuosa, bem-humorada e generosa. Vivien perdera o marido antes de Partridge tê-la conhecido, e ele deduziu que o casamento não tinha sido bom, embora ela raramente se referisse ao assunto. Tinha uma filha única que vivia em Vancouver. Ocasionalmente essa filha vinha ao apartamento em Port Credit, mas nunca quando Partridge era esperado.

Partridge gostava de Vivien, embora não a amasse, e já a conhecera o tempo suficiente para saber que não a amaria nunca. Ele desconfiava que, da parte de Vivien, houvesse amor por ele, e que esse amor cresceria se ele o incentivasse. Na falta disso, ela aceitava o relacionamento tal como era.

Enquanto ele tomava o chá, Vivien observava Partridge com um olhar irônico, percebendo que a sua figura normalmente comprida estava mais magra do que deveria ser, e que, apesar de ele não ter perdido um certo ar de garoto, o rosto mostrava rugas de tensão e cansaço. A mecha solta de cabelos louros que tombava sobre esse rosto tinha ficado bem mais grisalha e estava precisando ser aparada.

Percebendo que ela o examinava, Partridge indagou: — E então? Qual é o veredicto? Vivien abanou a cabeça, numa reprovação de troça: — Olhe só pra você! Sai de minhas mãos um homem em plena forma, vendendo saúde. Dois meses e meio depois, me aparece esse molambo cansado, pálido e subnutrido.

— Eu sei, Viv. — Ele fez uma careta. — É a vida que eu levo. Muita pressão, dorme-se pouco, come-se só porcaria, bebida demais.

— Em seguida, com um sorriso: — E aqui estou eu. No estado deplorável de sempre. Que é que você pode fazer para me ajudar? Vivien falou com afeição e firmeza: — Primeiro, você vai ter um bom café da manhã, saudável e restaurador. Não precisa sair da cama, eu trago para você. As outras refeições incluirão somente coisas nutritivas: peixe, aves, verduras, frutas frescas. Logo que termine o café da manhã, vou cortar seu cabelo. Mais tarde levo você a uma sauna e massagens. Já marquei hora.

Partridge reclinou-se e estirou os braços: — Adorei!

Vivien prosseguiu: — Amanhã, imagino que você vai querer procurar seus velhos camaradas da CBC, como está habituado a fazer. Mas, à noite, reservei ingressos para um concerto dedicado integralmente a Mozart no Roy Thomson Hall de Toronto. Um banho de música, de que você tanto gosta e está precisando. Fora isso, pode passar o tempo descansando ou fazendo o que bem entender. — Ela deu de ombros. — Entre uma coisa e outra, quem sabe, pode sentir vontade de fazer amor. Ontem à noite você tentou, mas estava cansado demais. Acabou dormindo.

Por um momento, Partridge sentiu em relação a Vivien uma gratidão maior do que já sentira antes. Essa mulher era sólida como uma rocha; era um refúgio. Na noite da véspera, quando o avião finalmente pousara no aeroporto de Toronto, lá estava ela, pacientemente, esperando— o; depois trouxera-o até em casa.

Ele indagou: — Você não tem que trabalhar?

— Disponho de umas férias que não tirei. Acertei tudo para tirá-las a partir de hoje. Uma das outras enfermeiras fica no meu lugar.

Ele comentou apenas: — Viv, como você só há uma em um milhão.

Quando Vivien se retirou para a cozinha e ele pôde ouvi-la preparando o café da manhã, seus pensamentos voltaram à véspera.

Tinha havido aquele telefonema congratulatório — depois que o localizaram na estação do aeroporto Dallas-Fort Worth — de Crawford Sloane.

Crawford parecera meio sem jeito, como já acontecera tantas outras vezes em que conversaram. Havia momentos em que Partridge sentia vontade de dizer: Escute aqui, Crawf, se você acha que eu guardo algum ressentimento de você, por causa de Jessica ou do seu cargo ou do que for, esqueça! Não guardo nem nunca guardei! Mas sabia que esse tipo de observação só serviria para aumentar a tensão no seu relacionamento, e o mais provável era que Crawf não

acreditasse em nem uma só palavra do que ele houvesse dito No Vietnã, Partridge nunca tivera dúvidas de que Sloane só voava para lugares próximos porque não queria ficar longe de Saigon, sempre espreitando uma oportunidade de aparecer no telejornal da CBA. Mas Partridge não dera importância a isso, e ainda hoje continuava a não dar. Tinha suas próprias prioridades. Criara-se dentro dele, por exemplo, uma dependência, um desejo e uma necessidade muito fortes de estar diante das imagens e dos sons da guerra.

A guerra... o sangrento tumulto da batalha... o troar incessante e os clarões de fogo da artilharia pesada... primeiro o assovio, depois o baque sinistro das bombas caindo... o matraquear convulso das metralhadoras, sem deixar saber quem estava atirando em quem e de onde... a excitação quase sensual de se sentir sob o impacto de um ataque, não obstante o medo que fazia tremerem as pernas... tudo isso fascinava Partridge, ativava sua adrenalina, mexia com seu sangue...

Descobrira essas sensações pela primeira vez no Vietnã, sua experiência inicial de guerra. E desde então não soubera como viveria sem elas. Mais de uma ocasião dissera a si mesmo: Reconheça que, no fundo, você gosta ... E em seguida confirmava: Pois é, gosto mesmo, estúpido filho da puta que sou.

Estúpido ou não, jamais fizera qualquer objeção a ser mandado pela CBA para o cenário das guerras. Sabia que entre seus colegas ficara rotulado como um "bangue— bangue", o apelido ligeiramente depreciativo que davam a um correspondente de tevê "viciado" em guerra — vício ainda pior, havia quem às vezes dissesse, que o vício da heroína ou da cocaína, e que tinha um desfecho quase tão predizível quanto o destas drogas. Mas também era sabido na central da CBA — e isso tinha mais importância — que, para esse tipo de cobertura jornalística, Harry Partridge era o melhor.

Não lhe causara, portanto, maiores preocupações o fato de Sloane ter conseguido o lugar de âncora no Jornal da Noite. Como todo correspondente, Partridge não deixara de cogitar a possibilidade de um dia vir a ocupar o ambicionado posto no alto da escala profissional, mas quando Sloane conseguira essa conquista, Partridge estava tão contente com a situação que tinha, que nem se importou.

Estranhamente, a questão do lugar de âncora voltara à baila havia pouco e da forma mais inesperada. Duas semanas antes, durante o que Chuck Insen anunciara tratar-se de uma "delicada conversa particular", o produtor executivo confidenciara a Partridge que em breve poderia haver grandes mudanças no Jornal da Noite.

— Se isso acontecer — perguntara Insen —, você estaria interessado em vir para a frente das câmeras como âncora? Você é perfeito para esse tipo de atuação.

Partridge ficara tão estupefato que nem soubera como reagir. Insen lhe dissera então: — Não tem que responder agora. Só quero que pense no assunto, para o caso de voltarmos a ele mais tarde.

Depois disso, por meio de seus contatos nos pontos chave da rede, Partridge ficara sabendo da disputa pelo poder que se travava entre Chuck Insen e Crawford Sloane.

Mas mesmo que Insen vencesse, o que parecia pouco provável, Partridge tinha suas dúvidas sobre se um trabalho permanente como âncora era o que gostaria de fazer, ou se seria capaz de suportá-lo com o passar do tempo. Especialmente e isto ele acrescentara meio na troça — quando em tantos lugares no mundo ainda se podia ouvir e acompanhar de perto o troar dos canhões.

Inevitavelmente, ao pensar em termos pessoais sobre Crawford Sloane, sempre aflorava a lembrança de Jessica, embora.não passasse de uma lembrança, pois nada mais havia agora entre ambos, nem sequer uma comunicação ocasional, e era raro eles se encontrarem socialmente — talvez apenas uma ou duas vezes por ano. Nem Partridge jamais pusera a culpa em Sloane pela perda de Jessica, tendo reconhecido que a causa fora a sua errônea e tola apreciação dos fatos na ocasião. Quando podia ter se casado com ela, decidira o contrário, e Sloane simplesmente fizera sua entrada no espaço vago, provando ser o mais sabido dos dois, com um melhor senso de valores na época...

Vivien reapareceu no quarto, trazendo o café da manhã por etapas. Tal como ela havia prometido, tratava-se de uma refeição saudável: suco de laranja feito na hora, mingau grosso com leite e açúcar mascavo, seguido de ovos escalfados sobre torradas de trigo integral, café forte, de grãos moídos na hora, e finalmente mais torradas com mel natural de Alberta.

A intenção presente na escolha do mel sensibilizou especialmente Partridge. Com isso, Vivien estava dedicando um pensamento à sua província natal, onde ele estreara no jornalismo radiofônico. Partridge lhe contara que havia trabalhado para uma estação de rádio do tipo "20/20", que era como na época chamavam as estações em que a programação básica — de rock 'n' roll — era interrompida a cada vinte minutos para a transmissão, em altos brados, de umas poucas manchetes extraídas dos despachos da AP. Quem berrava essas notícias era o então jovem Harry Partridge. Ele sorriu com a recordação; parecia ter sido tanto tempo atrás! Terminado o café da manhã, enquanto perambulava

de pijama pelo apartamento, comentou: — Isto aqui está ficando com má aparência. Precisa de uma nova pintura e de novos móveis.

— Eu sei — reconheceu Vivien. — Estive falando com os proprietários para renovar a pintura. Eles disseram que não compensa gastar dinheiro com este apartamento.

— Eles que se danem! Faço essa pintura sem os proprietários. Chame um pintor e compre o material que for necessário. Antes de partir, deixo o dinheiro suficiente.

— Você é sempre generoso com essas coisas — disse ela; e acrescentou: — Você continua com aquele esquema incrível que permite não pagar o imposto de renda? Ele abriu um sorriso largo.

— Claro que sim.

— Não paga a ninguém, em lugar nenhum?

— A ninguém, e é perfeitamente legal e honesto. Não requeiro devolução do imposto, não preciso. É uma grande economia de tempo e de dinheiro.

— Nunca entendi como você consegue isso.

— Não me incomodo de explicar a você — disse ele —, embora normalmente não fale nesse assunto. As pessoas que pagam imposto de renda ficam com inveja; quem sofre quer companhia no sofrimento.

O fator crucial, explicou ele, era ser um cidadão canadense que usava um passaporte canadense e trabalhava para o outro lado do mundo.

— O que muitas pessoas não compreendem é que os Estados Unidos são o único grande país que cobra impostos de seus cidadãos onde Quer que eles vivam. Mesmo quando os americanos moram fora dos Estados Unidos, continuam sujeitos ao imposto de Tio Sam. O Canadá não procede assim. Os canadenses que se mudam do país ficam isentos de pagar imposto. Uma vez que o Serviço de Imposto de Renda se convença de que você partiu, deixará de ter interesse em você. Com os ingleses, é a mesma coisa. Ele prosseguiu: -o mecanismo é simples. A CBA deposita meu salário todo mês numa conta que eu tenho no Chase Manhattan. De lá, transfiro o dinheiro para contas em outros países, como as Bahamas, Cingapura, as Ilhas Normandas, onde as economias rendem juros inteiramente livres de imposto.

— E o que acontece com os impostos nos países para onde você vai, onde você trabalha? — Como correspondente de tevê, nunca permaneço num determinado lugar o tempo suficiente para estar sujeito a impostos. E isso inclui os Estados Unidos, uma vez que não passo lá mais de 120 dias por ano, e pode

estar certa de que nunca fico todo esse tempo. Quanto ao Canadá, não tenho domicílio aqui, nem mesmo este apartamento figura como tal. Isto aqui é residência unicamente sua, Viv, como ambos sabemos muito bem.

Partridge acrescentou: -o importante é não trapacear. Evasão de imposto é não apenas ilegal, mas estúpido, e não compensa o risco. Evitar o imposto é outra coisa muito diferente. — Fez uma pausa. — Espere aí. Vou lhe mostrar algo.

Partridge tirou de uma carteira um recorte de jornal já bastante manuseado.

— Isto aqui é uma decisão de 1934, formulada em sentença do juiz Learned Hand, um dos grandes juristas americanos. Foi usada muitas vezes por outros juizes.

Leu em voz alta: "Qualquer um tem o direito de organizar seus negócios de tal modo que os impostos a serem pagos sejam os mais baixos possível; não se impõe necessariamente a escolha do esquema que resulte num maior recolhimento ao Tesouro; nem sequer constitui dever patriótico aumentar os próprios impostos." — Posso entender que as pessoas o invejam — disse Vivien. Há outros na tevê que aplicam essa mesma tática? — Você teria uma surpresa se soubesse quantos! As vantagens em relação ao imposto são uma das razões que levam canadenses a querer trabalhar em terras de além— mar para as redes americanas de tevê.

Embora ele não as tivesse mencionado, havia outras razões, como, por exemplo, o fato das redes americanas pagarem salários muito mais altos. Mais importante do que isso, talvez, era o prestígio que advinha de trabalhar para a mídia americana e de viver as emoções de um palco situado no centro dos negócios mundiais.

Por sua vez, as redes de tevê dos Estados Unidos adoravam ter correspondentes canadenses, sempre com ótima formação profissional adquirida na CBC e na CTV. Eles haviam percebido também que Os telespectadores americanos apreciavam muito o sotaque canadense, sendo esta uma razão importante do sucesso e popularidade de tantas figuras do telejornalismo: Peter Jennings, Robert MacNeil, Morley Safer, Allen Pizzey, Barrie Dunsmore, Peter Kent, John Blackstone, Hilary Bowker, Harry Partridge e outros mais...

Sem parar de perambular no apartamento, Partridge viu sobre um aparador na sala os ingressos para o concerto de Mozart no dia seguinte. Sabia que ia gostar muito e sentiu-se mais uma vez grato a Vivien por ter se lembrado de suas preferências.

E grato se sentiu igualmente pelas três semanas de férias — ociosidade tranquilizante, na sua maneira de encará-las — que tinha pela frente.

13

Jessica saía para fazer as compras de casa todas as manhãs de quintas-feiras, e hoje pretendia seguir a mesma rotina. Sabendo disso, Angus ofereceu-se para acompanhá-la.

Nicky, que estava em casa devido ao feriado escolar, pediu para se incorporar ao grupo, pois assim poderia gozar a companhia do avô.

Jessica, meio em dúvida, perguntou-lhe: — Você não tem exercícios de música para fazer?

— Tenho, mãe. Mas posso fazer depois. Dá tempo.

Sabendo como Nicky levava a sério seus exercícios musicais, estendendo-os muitas vezes até seis horas por dia, Jessica não pôs objeção.

Os três saíram da casa na Park Avenue e pegaram a caminhonete Volvo pouco antes das onze horas, cerca de uma hora e um quarto depois de Crawford ter saído. Era uma linda manhã, as árvores ostentando ricas cores outonais, e o sol brilhando nas águas da enseada de Long Island.

A empregada dos Sloanes, Florence, naquele momento já se achava na casa e viu, pela janela da varanda, quanto o trio partiu. Viu também um carro estacionado numa esquina arrancar e seguir na mesma direção que a Volvo. Na ocasião, não deu maior importância ao segundo veículo.

A primeira parada feita por Jessica foi, como de costume, no supermercado Grand Union, na Avenida Chatsworth. Deixou o carro no estacionamento da loja e entrou acompanhada por Angus e Nicky.

Os colombianos Júlio e Carlos, no Chevrolet Celebrity, que havia seguido a caminhonete a uma distância discreta, observavam os movimentos dos três. Carlos, que já avisara pelo rádio sobre a saída deles de casa, fez outra comunicação para anunciar que "os três pacotes estão no recipiente nº 1".

Era Júlio quem estava na direção, e ele preferiu não entrar no estacionamento, fazendo suas observações da própria rua, diante do supermercado. Seguindo instruções recebidas anteriormente de Miguel, Carlos deixou o Chevrolet e deslocou-se a pé para uma posição próxima do estacionamento. Diversamente de outras ocasiões em que circulara vestido de qualquer jeito, hoje estava vestindo um terno marrom e gravata.

Quando Carlos ficou em seu posto, Júlio deu partida com o Chevrolet, levando-o de volta — como precaução, no caso de haver sido notado — para o centro de operações do grupo em Hackensack.

Ao receber a primeira das comunicações radiotelefônicas, Miguel estava na caminhonete Nissan, estacionada perto da estação de Larchmont da Ferrovia New Haven. O veículo não chamava maior atenção, no meio de outros estacionados em redor, que ali haviam sido deixados pelos nova-iorquinos usuários da linha de New Haven. Com Miguel estavam Luís, Rafael e Baudelio, embora pouco se visse dos quatro ocupantes, devido aos finos adesivos de plástico escuro colocados sobre os vidros das janelas laterais e traseira. Luís, por suas habilidades notórias como motorista, estava ao volante.

A notícia de que as três pessoas haviam saído de casa provocou uma exclamação em Rafael: Isto quer dizer que o velho está junto. Vai perturbar nosso trabalho.

— A gente passa fogo e acabou-se — disse Luís. Apalpou um volume saliente no seu paletó de camurça: — Uma bala dá conta do recado.

Miguel explodiu: — Você vai cumprir fielmente as ordens que recebeu. Não fará nada sem que eu dê permissão. — Ele tinha consciência da agressividade permanente de Luís e Rafael, contida a custo e que ao menor estímulo irrompia como labareda brotando de cinzas em brasa. Rafael, com um físico maciço, havia sido boxeador profissional por uns tempos e trazia bem visíveis as cicatrizes de antigos combates. Luís pertencera ao Exército colombiano — em matéria de violência, um aprendizado dos mais rigorosos.

Não faltariam momentos em que a belicosidade de ambos pudesse ser útil, mas, até chegar essa hora, era preciso mantê-la sob controle.

Miguel já estava pensando na complicação introduzida pela terceira pessoa. O plano, elaborado de longa data, visara sempre o sequestro da mulher e do filho de Sloane. Eles e não o próprio Sloane tinham sido desde o início o objetivo visado pelos esforços conjuntos do Sendero Luminoso e o cartel de Medellín. Os dois deveriam ser sequestrados e mantidos como reféns enquanto não fossem atendidas certas exigências que por ora não estavam formuladas.

A questão, agora, era saber o que fazer com o velho. Matá-lo, como sugerira Luís, seria fácil, mas poderia criar outros problemas. O mais provável era Miguel deixar para decidir sobre isso no momento crucial, que já estava próximo.

Em uma coisa pelo menos haviam tido sorte. A mulher e o garoto estavam agora juntos. As várias semanas de cuidadosa vigilância tinham

mostrado que ela sempre fazia as compras nas manhãs de quinta-feira. Miguel também havia sabido que o menino teria folga do colégio nesse dia. Fazendo-se passar por um pai de aluno, Carlos obtivera a informação telefonando para a escola da Avenida Chatsworth, frequentada por Nicholas. A dúvida que pairava no espírito de Miguel era justamente sobre como faria para ter mãe e filho apanhados no mesmo laço. E, sem saber, eles tinham resolvido esse problema para ele.

Ao receberem a segunda mensagem de Carlos, indicando que os três Sloanes haviam entrado no supermercado, Miguel fez com a cabeça um sinal de assentimento para Luís.

— OK. Vamos lá.

Luís soltou o carro, acelerado. A próxima parada, meia dúzia de quarteirões adiante, seria no estacionamento do supermercado.

Enquanto disparavam para lá, Miguel virou a cabeça para olhar Baudelio, o americano do grupo Medellín que continuava a ser uma fonte de preocupações.

Baudelio — também um nome falso que haviam escolhido para ele — estava em meados da casa dos cinquenta mas parecia uns vinte anos mais velho. Esquelético, com o maxilar inferior projetando-se além do superior, a pele de um amarelo doentio, o bigode grisalho pendendo molemente sobre os lábios e que rarissimamente teria sido aparado — em suma, toda a aparência de um fantasma ambulante. Fora médico noutros tempos, anestesista em Boston, e um alcoólatra inveterado. Continuara bebendo, mas deixara de ser médico, pelo menos oficialmente. Uma década atrás, Baudelio tivera cassada para o resto da vida sua licença de praticar a medicina, e isso porque, sob o efeito do álcool, dera anestesia demais a um paciente na mesa de operações. Antes já havia cometido erros semelhantes, que, encobertos pelos colegas, não lhe causaram problemas; mas, dessa vez, o paciente havia morrido e era impossível contornar a situação.

Ficara sem futuro nos Estados Unidos, sem vínculos de família, sem filhos. Até mesmo sua mulher já o havia abandonado vários anos antes. Visitara a Colômbia algumas vezes e, na falta de lugar melhor, decidiu ir para lá. Passado um tempo, descobriu que poderia usar suas consideráveis habilidades médicas com objetivos desonestos, e, em certos casos, criminosos, sem suscitar maiores indagações. Ele não estava numa situação de poder escolher, de modo que foi pegando o que aparecia. Em meio a tudo isso, sempre dava um jeito de acompanhar pelas revistas médicas o que de mais atualizado se publicava sobre

sua especialidade. E foi a sua condição de anestesista que o levou a ser escolhido para essa missão pelo cartel de Medellín, para o qual já havia trabalhado antes.

Todos esses dados foram previamente transmitidos a Miguel, com a recomendação de que, enquanto não se concluísse o serviço, Baudelio deveria ficar afastado de qualquer tipo de bebida alcoólica. Como medida de precaução, o ex-médico deveria tomar diariamente uma pílula para cura de alcoólatras, Antabus, cujo efeito é produzir um grande mal— estar em quem ingere qualquer tipo de álcool depois de havê-las engolido. Baudelio, como profissional da medicina, não podia ter dúvidas sobre esse efeito.

Sabido que era comum alcoólatras cuspirem a pílula quando estavam a fim de trapacear, foi recomendado também a Miguel que se certificasse sempre de que ela havia sido de fato engolida pelo americano. Miguel cumprira à risca essas instruções, que, de resto, lhe desagradavam bastante. Sendo relativamente tão curto o tempo disponível para dar conta das várias responsabilidades de que estava encarregado, essa função de babá parecia-lhe perfeitamente dispensável.

Por outro lado, levando em conta a fraqueza de Baudelio, Miguel decidira que não lhe daria uma arma. Do grupo, era o único desarmado.

Olhando para Baudelio com certa preocupação, perguntou-lhe: — Então? Está preparado? Entendeu tudo que tem de ser feito? O ex-médico moveu afirmativamente a cabeça. Voltou-lhe, por instantes, um vestígio do antigo orgulho profissional, e, olhando Miguel dentro dos olhos, ele disse: -sei exatamente o que é necessário. Chegado o momento, você pode confiar em mim e se concentrar no que tem de fazer.

Não inteiramente convencido, Miguel virou o rosto para outro lado. Agora, bem à sua frente, surgia o supermercado Grand Union.

Carlos viu chegar a caminhonete Nissan. Não havia muitos carros no estacionamento, o que permitiu à Nissan entrar numa vaga que ficava, bem convenientemente, logo ao lado da caminhonete Volvo de Jessica. Quando Carlos observou isso, dirigiu-se para dentro do mercado.

Jessica apontou para o seu carrinho que começava a se encher de compras, e disse a Angus: — Se há alguma coisa que você gostaria especialmente de levar, é só botar aqui dentro.

Nick disse: — Vovô gosta de caviar.

— Devia ter me lembrado disso — disse Jessica. — Vamos providenciar.

Foram até a seção de produtos finos e descobriram que estava à venda um sortimento especial de caviar. Angus, examinando os preços, comentou: — Mas é caríssimo!

Jessica observou, em voz baixa: — Você faz uma ideia de quanto ganha o senhor seu filho?

O velho sorriu. E não falou mais alto do que a nora: — Bem, li em algum lugar que andava perto de uns três milhões de dólares por ano.

— "Perto" é uma avaliação correta. — Jessica deu uma risada; a companhia de Angus sempre fazia que se sentisse bem. — Vamos torrar um pouco dessa fortuna. — Apontou para uma lata de duzentos gramas de caviar de esturjão branco que estava trancada a cadeado numa vitrine. Preço: 199,95 dólares. — Vamos provar com umas bebidinhas hoje à noite, antes do jantar.

Nesse momento, Jessica teve a atenção voltada para um rapaz de corpo esguio e bem vestido que interrompeu as compras de uma outra mulher, logo ali perto, abordando-a aparentemente com o fim de fazer-lhe uma pergunta. A mulher abanou a cabeça. O jovem abordou uma segunda compradora. Novamente com o que parecia ser uma pergunta, seguida, mais uma vez, de unia resposta negativa. Tomada por uma certa curiosidade, Jessica tinha os olhos postos no homem quando ele se aproximou dela.

— Por favor — disse Carlos — Estou tentando localizar uma pessoa. — Ele estivera ligado em Jessica o tempo todo, mas, de propósito, evitara dirigir-se a ela em primeiro lugar; ostensivamente colocara-se numa posição que permitia a ela vê-lo conversando com as outras pessoas.

Jessica notou o sotaque espanhol, o que, de resto, não era algo fora do comum em Nova York. Pareceu-lhe também que o interlocutor tinha olhos frios e insensíveis, mas isso não era de sua conta. Tudo que disse foi: — Sim?

— Sra. Crawford Sloane?

Jessica teve um sobressalto — Sim, sou a Sra. Sloane.

— Ah, minha senhora, tenho más notícias. — Carlos pôs no rosto uma expressão grave; estava desempenhando bem o seu papel. Seu marido sofreu um acidente. Está gravemente ferido. A ambulância levou-o para o Hospital das Clínicas. Mandaram-me vir procurá-la para levá-la até o hospital. A empregada em sua casa me disse que a senhora estaria aqui.

Jessica teve a respiração entrecortada e empalideceu mortalmente. Como que por instinto, levou a mão à garganta. Nicky, que se aproximara e ouvira as últimas palavras, estava perplexo.

Angus, embora igualmente chocado, foi o primeiro a se recuperar do espanto e a tomar uma iniciativa. Fez um gesto na direção dó carrinho de compras.

— Jessica, deixe isso tudo aí. Vamos indo.

— É papai, não é? — perguntou Nicky.

Carlos respondeu com a seriedade estampada na fisionomia: — Infelizmente.

Jessica passou o braço em volta do garoto.

— É, sim, meu querido. E nós estamos indo para junto dele.

— Por favor, me acompanhe, Sra. Sloane — disse Carlos. Jessica e Nicky, ainda atordoados com o imprevisto da notícia, seguiram a passos rápidos o jovem de terno marrom em direção à entrada principal do supermercado. Angus foi atrás. Algo lhe causava estranheza, mas ele não conseguia atinar ao certo com o que fosse.

Do lado de fora, no estacionamento, Carlos tornou a frente e conduziu-os até onde ficara a caminhonete Nissan. Ambas as portas no lado que dava para o Volvo estavam abertas. Carlos percebeu o motor da Nissan trabalhando e Luís sentado ao volante. Uma forma imersa em sombras no banco de trás só podia ser Baudelio. Rafael e Miguel, não dava para ver onde estavam.

Quando ladearam a Nissan, Carlos disse: — Vamos neste carro aqui, senhora. Será...

— Não! Não! — Jessica, tensa e ansiosa, procurava às apalpadelas, dentro da bolsa, as chaves do carro. — Vou no meu carro. Sei perfeitamente onde fica o Hospital das Clínicas...

Carlos interpôs-se entre o Volvo e Jessica. Segurando-a pelo braço, disse: — Por favor, nós achamos melhor a senhora...

Jessica tentou soltar o braço; quando fez isso, Carlos segurou-a com maior firmeza e empurrou-a para a frente. Ela protestou com indignação: — Pare! Mas o que é isso?! — Pela primeira vez, Jessica começou a pensar, desvencilhando-se da emoção causada pela horrível notícia que lhe haviam dado.

Poucos passos atrás de Jessica, Angus agora percebia qual o motivo da estranheza que vinha sentindo. Dentro do supermercado, esse estranho rapaz havia dito: "Está gravemente ferido. A ambulância levou-o para o Hospital das Clínicas." Mas o Hospital das Clínicas não atendia casos de emergência! Angus viera a saber disso por acaso, visitando meses a fio no ano anterior um antigo companheiro da Força Aérea que lá estivera como paciente; chegara a conhecer muito bem o hospital. Era grande e famoso; ficava perto da Mansão Gracie, residência do prefeito, e no trajeto percorrido por Crawford todos os dias para chegar ao trabalho. Mas os casos de emergência eram encaminhados ao Hospital de Nova York, algumas quadras mais ao sul... Qualquer motorista de ambulância sabia disso.

O rapaz então estava mentindo! A cena montada no supermercado era uma farsa! O que estava acontecendo fora do prédio também nada tinha de regular. Dois homens — Angus não foi nem um pouco com a cara deles — tinham acabado de surgir da traseira da caminhonete Nissan; um deles, um brutamontes colossal, tinha vindo se juntar ao rapaz de terno marrom, e os dois agora estavam forçando Jessica a entrar na caminhonete! Nicholas, um pouco recuado, ainda não se vira envolvido pela situação.

Angus gritou: — Jessica, não entre! Nicky, corra! Vá...

A frase nunca foi terminada. Uma coronha de revólver abateu-se violentamente sobre a cabeça de Angus. A dor foi intensa, o cérebro como se estivesse em fogo, tudo à sua volta começou a girar, até que ele tombou desmaiado. Fora Luís quem saltara do assento do motorista, voando em direção ao velho e atacando-o pelas costas. Em movimento quase simultâneo, Luís segurou Nicholas.

Jessica começou a gritar e chamar por ajuda: — Socorro! Gente! Alguém! Socorro, pelo amor de Deus!

O corpulento Rafael, que se juntara a Carlos para dominar Jessica, tampou-lhe a boca com sua mão maciça, a outra apoiando-se nas suas costas, e empurrou-a para dentro da caminhonete. Pulou, depois, ele mesmo, para dentro do veículo, e continuou a dominá-la enquanto ela gritava e se debatia. Jessica tinha os olhos esgazeados fuzilando de cólera e terror. Rafael rosnou para Baudelio: — Apúrate!

O ex-médico, com uma maleta do ofício aberta no assento a seu lado, retirou de dentro dela uma compressa de gaze que momentos antes havia embebido em cloreto de etila. Grudou o chumaço de encontro à boca e ao nariz de Jessica e ficou segurando. Os olhos de Jessica se fecharam no mesmo instante, o corpo desfaleceu e ela perdeu os sentidos. Baudelio resmungou qualquer coisa, satisfeito, embora soubesse muito bem que o efeito do cloreto de etila não duraria mais que cinco minutos.

Àquela altura, Nicholas, também se debatendo muito, já fora jogado dentro do carro. Carlos dominou-o enquanto ele recebia o mesmo tratamento dado a Jessica.

Trabalhando sempre com agilidade, Baudelio cortou com uma tesoura a manga do vestido de Jessica e em seguida injetou o conteúdo de uma seringa hipodérmica, por via intramuscular, no seu antebraço. A droga injetada era Midazolam, um forte sedativo que garantiria o prolongamento do estado

inconsciente por mais uma hora pelo menos. Ao garoto também foi dada essa injeção.

Enquanto isso, Miguel arrastara o desacordado Angus para a caminhonete. Rafael, agora livre de Jessica, saltou do carro e puxou uma pistola, uma automática Browning.

Destravando a segurança, insistiu com Miguel: — Deixa-me acabar com ele!

— Não, aqui não!

A operação de agarrar a mulher e o menino transcorrera com incrível rapidez. Tudo não levara mais de um minuto. Para grande espanto de Miguel, ninguém mais tinha aparecido para testemunhar o Que acontecera. A razão era muito simples: eles haviam sido escudados pelos dois veículos; além do que, por mera sorte, não passara nenhum transeunte. Miguel, Carlos, Rafael e Luís tinham vindo, todos, armados, e havia uma metralhadora de mão Beretta na caminhonete, para ser usada no caso de terem que abrir caminho a tiros na saída do estacionamento. Como a saída ia ser tranquila, era já uma vantagem inicial que ganhavam na perseguição que se seguiria. Se, entretanto, deixassem o velho para trás — A cabeça sangrava profusamente, o sangue espalhado pelo chão —, o alarme seria imediato. Numa decisão rápida, Miguel ordenou: — Ajudem-me a trazê-lo para dentro.

Isso foi feito em questão de segundos. Depois, ao entrar, ele próprio, na caminhonete e fechar a porta lateral, percebeu que se enganara quanto à ausência de testemunhas.

Uma senhora idosa, de cabelos brancos, apoiada numa bengala, observava tudo pelo intervalo entre dois carros, a uns vinte metros de distância. Mostrava-se aflita, sem entender o que estava acontecendo.

Quando Luís fez avançar o carro, Rafael também deu com a figura da velha. Num rápido movimento, apanhou a Beretta, ergueu-a e, por uma janela de trás, fez pontaria.

Miguel gritou-lhe: — Não!

Não que ele estivesse querendo poupar a mulher, mas havia boas possibilidades de conseguirem fugir sem causar nenhum alarme. Contendo Rafael e empurrando-o para o lado, Miguel pôs um certo tom maroto na voz e gritou para fora: — Não se assuste. É um filme que estamos fazendo.

Notou o alívio e o início de um sorriso no rosto da mulher. Deixaram, enfim, o estacionamento, e pouco depois estavam saindo de Larchmont. Luís dirigia com habilidade, sem a mínima perda de tempo. Em cinco minutos,

estavam na Interestadual 95, a autovia da Nova Inglaterra, rolando para o sul a toda velocidade.

Houve época em que Priscilla Rhea possuía uma das mentes mais aguçadas em Larchmont. Como professora de colégio, enfiara na cabeça de várias gerações de jovens os rudimentos das raízes quadradas, das equações do segundo grau, e os meios de encontrar — ela dava um jeito de fazer isso parecer a busca do Santo Graal -os valores algébricos de x ou y. Priscilla também exigia deles que tivessem um senso de responsabilidade cívica e que nunca se furtassem ao cumprimento do dever.

Mas tudo isso fora antes de Priscilla aposentar-se, quinze anos atrás, e antes que o peso da velhice e da doença fosse tirando as energias de seu corpo e depois de sua mente. Hoje em dia, encanecida e frágil, caminhava devagar, apoiada a uma bengala, e recentemente descrevera seus processos de pensamento, com indisfarçável repugnância, como "dotados da velocidade de um jumento de três pernas subindo uma ladeira".

De qualquer modo, ela estava agora pondo para funcionar seu raciocínio, mexendo com ele da melhor maneira que lhe era possível.

Havia observado duas pessoas — uma mulher e um menino serem levados para dentro do que parecia ser um micro-ônibus, visivelmente contra a própria vontade. Lutavam e se debatiam, sem a menor dúvida, e Priscilla julgara ter ouvido a mulher gritar, embora quanto a isso não tivesse certeza, porque a audição se lhe tomara tão precária como tudo mais. Depois fora a vez de outra pessoa, um homem que parecia desacordado e ferido; ergueram-no do chão e colocaram-no dentro do mesmo micro-ônibus, pouco antes de partir.

Sua ansiedade natural diante da visão dessa ocorrência recebera alívio imediato com a informação, transmitida aos gritos, de que tudo aquilo não passava de uma filmagem. Aí dava para entender. Hoje em dia era comum ver por toda parte equipes de cinema e televisão filmando suas histórias em cenários reais e mesmo entrevistando pessoas para a tevê em plena rua.

Mas quando, depois de ter se afastado o micro-ônibus, Priscilla procurara pelas câmeras e pela equipe de filmagem que deveria ter estado registrando a cena a que ela assistira, não vira ninguém, nada. Ela logo raciocinou que se tivesse havido uma equipe de filmagem, não poderia ter sumido assim tão depressa.

Era um tipo de preocupação que Priscilla haveria preferido não ter, em parte porque sabia que talvez estivesse confundindo as coisas em sua cabeça, como já acontecera em outras vezes. O mais sensato que podia fazer era entrar

no supermercado, cuidar das compras do dia e não se meter com o que não era de sua conta. De qualquer modo, em toda a sua vida fizera questão de jamais fugir a uma responsabilidade; e talvez fosse o caso de, mais uma vez, proceder assim. Gostaria apenas de poder recorrer a alguém para pedir um conselho; e estava pensando exatamente nisso, quando viu Erica McLean, uma de suas antigas alunas, encaminhando-se para o supermercado.

Erica, atualmente uma dona de casa com filhos, ia meio apressada, mas mesmo assim parou para se dirigir cortesmente a ela: — Como vai, Srta. Rhea? — Ninguém que houvesse sido aluno da Srta. Rhea jamais cogitara de chamá-la pelo prenome, Priscilla.

— Um tanto perturbada, minha querida.

— E por que, Srta. Rhea?

— Por causa de algo a que acabei de assistir... Mas não estou segura do que vi realmente. Gostaria de ter a sua opinião. — Priscilla passou a descrever a cena, que continuava ainda bem nítida em sua mente.

— Tem certeza de que não havia mesmo nenhuma equipe de filmagem?

— Não vi nenhuma. Você viu, na hora que chegou?

— Não. — Erica McLean suspirou em silêncio, sem querer demonstrar à velha e querida Priscilla sua convicção de que tudo não passara de uma alucinação da pobre criatura.

Azar o seu de ter cruzado com ela naquele exato momento e agora estar amarrada num equívoco. Bem, não ia ter coragem de abandonar naquela situação a mestra por quem tinha uma genuína estima; melhor era esquecer que estava com pressa e fazer o que fosse possível para ajudá-la.

— E onde aconteceu tudo isso? — perguntou.

— Ali — e Priscilla apontou para a vaga no estacionamento, que ainda não fora preenchida, imediatamente ao lado da caminhonete Volvo de Jessica. Caminharam até o local. — Aqui! — disse Priscilla. Foi aqui mesmo que aconteceu.

Erica olhou em volta. Não esperava ver nada que fosse significativo, e, de fato, nada viu. Estava a ponto de desviar a cabeça para outro lado, quando notou no chão uma série de pequenas poças de um líquido que, contraposto ao asfalto preto do estacionamento, tinha uma cor marrom-escura. Óleo, provavelmente. Mas seria mesmo? Tomada de curiosidade, Erica abaixou-se para tocar no líquido. Instantes depois, olhava horrorizada para os seus dedos. Estavam cobertos do que não podia ser outra coisa senão sangue. Ainda quente.

A manhã tinha sido tranquila no comissariado de polícia de Larchmont, um quadro de funcionários pequeno mas eficiente. Quando bateu a ligação feita de uma cabine telefônica da rua (esquina de Boston Post Road, a meia quadra do supermercado), o policial uniformizado que atendeu estava tomando café e olhando distraído, pelas divisórias envidraçadas do seu compartimento de trabalho, para o prédio local do Sound View News.

Erica McLean fizera o chamado e estava na linha. Depois de se identificar, disse: — Tenho aqui do meu lado uma pessoa, a Srta. Priscilla Rhea...

— Conheço a Srta. Rhea — disse o policial.

— Bom, o caso é que ela julga ter presenciado o que acha ter sido um crime, talvez uma espécie de sequestro. Eu achava bom o senhor falar com ela.

— Tenho uma ideia melhor — disse o policial. — Mandarei um dos nossos homens num carro patrulha, e vocês lhe contam tudo. Qual é o endereço?

— Supermercado Grand Union. Estaremos esperando do lado de fora.

— Não saiam daí. Em poucos minutos a radiopatrulha estará com vocês.

Em seguida, o guarda do comissariado falou pelo rádio que fazia a comunicação com os carros da patrulha.

— Do comissariado para o carro 423. Dirija-se ao supermercado Grand Union. Procure a Sra. McLean e a Srta. Rhea, que estão esperando do lado de fora. Código um.

A resposta veio na mesma hora: — Carro 423 para o comissariado. Entendido.

Onze minutos tinham se passado desde que a caminhonete dos colombianos havia partido do estacionamento do supermercado levando Jessica, Nicholas e Angus.

O jovem policial, Jensen, ouvira Priscilla Rhea com toda a atenção. Nesse segundo relato do que havia presenciado, ela se mostrara mais segura do que ao contar os fatos pela primeira vez a Erica. Chegara até a se lembrar de dois detalhes adicionais: a cor do que ela continuava a chamar de "microônibus" — um bege— claro — e o fato de que tinha janelas escuras. Não, infelizmente não reparara no número da placa, nem se a placa era de Nova York ou de outro Estado.

A primeira reação do guarda Jensen — embora a tivesse guardado para si — fora de ceticismo. A polícia estava habituada a ser procurada por pessoas alarmadas com fatos que acabavam se revelando inofensivos; ocorrências assim faziam parte da rotina diária, mesmo de uma comunidade tão pequena como

Larchmont. Mas o guarda era consciencioso e ouvira atentamente o que fora dito, fazendo de tudo anotações minuciosas.

Seu interesse começou a aumentar quando Erica McLean, aparentemente uma mulher responsável e lúcida, falou-lhe de certas poças no chão do estacionamento, muito parecidas com sangue. Foram os dois até lá para examinar as poças. Àquela altura, já a maior parte do líquido secara; o que ainda se mantinha úmido, entretanto, era suficiente para deixar entrever uma cor vermelha quando tocado. Claro, não havia provas de que fosse sangue humano. Mas, de qualquer maneira, raciocinou o guarda Jensen, o achado dava maior credibilidade à história da Srta. Rhea e justificava providências urgentes para esclarecê-la.

Voltando rapidamente ao local em que haviam deixado Priscilla, encontraram-na conversando com várias outras pessoas interessadas em saber o que estava acontecendo.

Um homem quis logo dar o seu depoimento: — Seu guarda, eu estava lá dentro e vi quatro pessoas saindo às pressas, dois homens, uma mulher e um menino. A pressa era tanta que a mulher deixou o carrinho de compras com todas as mercadorias que tinha escolhido para levar. Não levou nada, nem teve tempo, deixou o carrinho cheio.

— Eu os vi também — disse uma mulher. — Era a Sra. Sloane, mulher do âncora da tevê. Ela costuma fazer suas compras aqui. Quando saiu, parecia aflita, como se tivesse acontecido algo ruim.

Outra mulher comentou: — Engraçado. Um homem chegou para mim e perguntou se eu era a Sra. Sloane. E fez a mesma pergunta a outras também.

Eram muitas pessoas, agora, querendo todas falar ao mesmo tempo. O guarda levantou a voz: — Alguém viu o que essa senhora — e fez um gesto na direção de Priscilla — descreveu como sendo um "micro-ônibus bege-claro"?

— Eu vi — disse o primeiro homem. — Entrou no estacionamento quando eu estava caminhando para o supermercado. Era uma caminhonete Nissan, com diversos bancos para passageiros.

— Reparou na placa?

— Era uma placa de Nova Jersey, mas foi tudo que eu pude ver. Sim, outra coisa também: as janelas eram de vidro escurecido, do tipo que dá para ver de dentro para fora mas não ao contrário.

— Espere aí! — disse o guarda. Dirigiu-se ao bolo de pessoas que aumentava a cada momento: — Peço a quem tiver mais alguma informação a

dar, e também a vocês que já falaram, para não irem embora, por favor. Fiquem mais um pouco, que eu já volto.

Pulou para dentro da radiopatrulha branca estacionada diante do supermercado e pegou o microfone do rádio.

— Carro 423 para o comissariado. Possível sequestro no estacionamento do Grand Union. Preciso de ajuda. Descrição do veículo suspeito: caminhonete Nissan com bancos para transporte de passageiros, cor bege-claro. Placa de Nova Jersey, número ignorado. Janelas escurecidas, presumivelmente de vidro fumé. Três pessoas podem ter sido sequestradas pelos desconhecidos que estão nessa caminhonete Nissan.

A transmissão do guarda Jensen chegaria a todas as radiopatrulhas de Larchmont, assim como às das vizinhas Mamaroneck Town e Mamaroneck Village. O setor de comunicações do comissariado, valendo-se de uma linha telefônica exclusiva para emergências, alertaria a todos os demais contingentes policiais no vizinho município de Westchester e na polícia estadual de Nova York. Nessa etapa, a polícia estadual de Nova Jersey ainda seria deixada à margem dos acontecimentos.

No supermercado já podiam ouvir-se duas sirenes de radiopatrulhas que se aproximavam em atendimento ao pedido de ajuda.

Eram passados cerca de vinte minutos desde que partira a caminhonete Nissan.

Uns treze quilômetros adiante, a Nissan estava a ponto de abandonar a Autovia 1-95 para pegar um labirinto de ruas no Bronx.

14

Desde que saíra de Larchmont, Luís tinha conseguido avançar um bom pedaço em direção ao sul. Viera dirigindo a uma velocidade que ultrapassava apenas em oito quilômetros por hora o limite legal, o que era uma prática comum à maioria dos motoristas — velocidade alta, mas não tão alta que pudesse chamar a atenção dos carros da polícia estadual. E aí estava a saída nº 13 da autovia, logo em frente. Luís pegou o acostamento do lado direito da pista, diminuiu a marcha e saiu da 1-95. Tanto Luís como Miguel não tinham parado de olhar para trás o tempo todo, atentos a qualquer sinal de perseguição. Não viram sinal algum.

De qualquer maneira, assim que deixaram a autovia, Miguel ordenou a Luís: — Agora, pé na tábua! Vai! Vai!

Desde a partida em Larchmont, Miguel viera remoendo uma dúvida: se não fora um erro ter impedido que Rafael matasse a velha no estacionamento. Talvez ela não tivesse acreditado na tal história de que estavam fazendo um filme, e, por essa altura, já tivesse espalhado o alarme. Talvez a polícia já possuísse descrições disponíveis.

Luís procurava correr o máximo nas ruas mal pavimentadas do Bronx.

Baudelio, desde o momento da saída de Larchmont, volta e meia tomava o pulso e a temperatura de seus dois prisioneiros sob efeito do sedativo, e ambos pareciam estar bem. Segundo seus cálculos, a droga por ele administrada deixaria a mulher e o menino sem sentidos por mais uma hora. Se isso não acontecesse, seria o caso de repetir a dose — com a desvantagem, contudo, de retardar o momento da execução do serviço médico muito mais complexo que estava marcado para assim que o carro chegasse a seu destino.

Ele também havia estancado o sangramento do prisioneiro mais velho e feito um curativo em sua cabeça. O velho agora estava começando a se mexer, e escapavam-lhe ligeiros gemidos à medida que se aproximava do limiar de consciência. Prevendo possíveis aborrecimentos, Baudelio encheu outra seringa com o sedativo e injetou-o.

O corpo foi aos poucos parando de mexer, e os gemidos diminuíram até cessar. Baudelio não fazia a menor ideia do que aconteceria ao velho. O mais provável era que Miguel o matasse a tiros e se descartasse do cadáver em lugar seguro; durante sua colaboração com o cartel de Medellín, Baudelio tinha visto isso acontecer muitas vezes. Na verdade, não lhe fazia diferença que matassem ou poupassem, que fosse assim ou assado; a preocupação com os seres humanos era um tipo de emoção que desde muito tempo deixara de afetá-lo Rafael providenciou uns cobertores marrons e com eles envolveu cada um dos três prisioneiros, de modo a ficarem só com a cabeça de fora. A parte de cima de cada cobertor era dobrada para trás; bastaria recolocá-las na posição natural, e os rostos estariam cobertos quando chegasse a hora de retirar os prisioneiros da caminhonete.

Carlos amarrara cada um dos fardos enrolados, passando-lhe um pedaço de corda em volta do centro, para que, no tráfego, não parecessem diferentes de qualquer peça de carga convencional.

A Rua Conner, no Bronx, por onde passavam nesse momento, era desolada, cinzenta e deprimente. Luís fazia um trajeto que fora escolhido de propósito; com vistas ao dia de hoje, eles haviam ensaiado o caminho de ponta a ponta em duas oportunidades anteriores. Numa esquina onde se erguia um posto

da Texaco, dobraram à direita, entrando numa área industrial semiabandonada. De tantos em tantos metros via-se um caminhão estacionado, alguns com a aparência de estarem ali havia muito tempo.

Que desse para notar, havia poucas pessoas.

Luís fez a caminhonete parar junto ao longo e ininterrupto paredão de um depósito desocupado. Um caminhão que estivera esperando do lado oposto da rua avançou em diagonal e deteve-se pouco à frente da Nissan. O caminhão era um General Motors branco, que tinha pintada, de cada lado, a palavra "Superpão".

Se alguém fosse investigar, verificaria a inexistência de qualquer produto com esse nome. O caminhão fazia parte de um conjunto de seis veículos adquiridos por Miguel pouco depois de chegar aos Estados Unidos usando como fachada uma falsa agência de aluguéis. O caminhão da General Motors havia sido usado ocasionalmente na rotina de vigilância de Sloane e, fora disso, com qualquer outra finalidade que surgisse. Como os demais veículos da pequena frota, ele havia sido repintado várias vezes, e a própria legenda inscrita dos lados também mudava de quando em quando — tudo, trabalho saído das mãos de Rafael. Hoje o caminhão estava sendo dirigido pelo único membro do grupo que até aquele momento ficara fora da operação -a colombiana Socorro, que saltou do assento de motorista e deu a volta para abrir a porta dupla de trás.

Ao mesmo tempo abriu-se a porta da caminhonete Nissan, e os fardos enrolados em cobertores, com os três rostos tapados, foram rapidamente transferidos por Carlos e Rafael para o caminhão. Baudelio, depois de juntar todo o seu equipamento médico, acompanhou-os.

Miguel e Luís tinham serviço a fazer na Nissan. Miguel descolou os adesivos de plástico escurecedores que tinham sido postos nas janelas; haviam servido para ocultar os ocupantes do carro, mas agora eram um elemento de identificação que devia ser jogado fora. Debaixo do assento do motorista, Luís tinha guardado duas placas com números de licença do Estado de Nova York; apanhou-as e saiu do carro.

Já do lado de fora, olhou em volta para se certificar de que não estava sendo observado. Em seguida, retirou as placas de Nova Jersey, substituindo-as pelas de Nova York. A operação não durou mais que poucos segundos, porque, como todos os demais veículos da frota, aquele tinha um suporte especial para prender as placas, com uma dobradiça lateral. Erguia-se a dobradiça, e a placa a ser trocada deslizava para fora, introduzindo-se em seu lugar a substituta.

Baixava-se então a dobradiça até ela ficar encaixada no suporte por uma tranca de molas.

Logo depois de ter chegado a Nova York, Miguel conseguira comprar, por intermédio de um de seus contatos no submundo, uma coleção de placas com números de licença de Nova York e de Nova Jersey pertencentes a carros que se achavam fora de uso mas cujas taxas de renovação de licença continuavam sendo pagas rigorosamente em dia.

Os sistemas de licenciamento de carros de Nova York e de Nova Jersey, assim como da maioria dos outros estados, tomava possível conseguir números de licença para qualquer veículo muito tempo depois de ele já estar totalmente desmantelado, com todas as suas partes jogadas fora. Tudo que interessava a uma repartição de registro do Estado era receber o pagamento da licença juntamente com uma prova — igualmente fácil de obter — de que o veículo inexistente estava no seguro. Nem a repartição do Estado nem a companhia de seguros, que renovaria uma antiga apólice pelo correio desde que fosse pago o respectivo prêmio, jamais exigiram a apresentação do veículo.

Em consequência disso, florescia um próspero negócio em tomo dessas placas que, embora ilegais, não figuravam em nenhuma "lista quente" da polícia e, por esse motivo, valiam muitas vezes mais que o seu custo real.

Miguel saiu da Nissan com os adesivos de plástico e os jogou dentro de uma lata de lixo transbordante colocada logo ali perto. Luís mais do que depressa trouxe as placas de Nova Jersey que eram para jogar fora e empurrou-as também para dentro da lata.

Coisa de poucos instantes, Luís já estava ao volante do caminhão da General Motors, onde agora se encontravam, desacordados, Jessica, Nicholas e Angus, além de Miguel, Rafael, Baudelio e Socorro.

Tomando rapidamente por um retomo, seguiram de volta para a autovia da Nova Inglaterra e, menos de dez minutos depois de terem saído dela, pegavam outra vez, no novo veículo, a Interestadual 95, avançando sempre na direção sul.

Carlos, que agora dirigia a caminhonete Nissan sem os passageiros, fez também o retomo e seguiu igualmente para a Interestadual 95, com a diferença de que lá tornou a direção norte. Com a aparência da caminhonete mudada pela remoção das janelas escurecidas e a substituição das placas de licença de Nova Jersey pelas de Nova York, ela se confundia com milhares de outras em uso normal e não correspondia mais à descrição divulgada pela polícia de Larchmont.

A missão de Carlos, agora, era fazer sumir a caminhonete Nissan, e isso tinha sido cuidadosamente planejado. Percorridos cinco quilômetros, ele saiu da autovia e continuou na direção norte, movendo-se por quase vinte quilômetros de caminhos secundários até White Plains. Uma vez lá, dirigiu o carro para um edifício-garagem de quatro andares, que era o anexo de um grande shopping-center, o Center City Mall.

Depois de estacionar a caminhonete no terceiro andar, Carlos passou à etapa seguinte de suas atividades, deliberadamente mostrando-se calmo e indiferente ao que se passava à sua volta. Entre os demais carros que realizavam manobras de chegada ou de saída, ou entre as pessoas que desciam para fazer compras ou delas retomavam não havia ninguém que se mostrasse nem remotamente interessado em Carlos ou na caminhonete.

Em primeiro lugar, ele limpou todas as superfícies ostensivas do carro, para dificultar a detecção de impressões digitais. Isso, para o caso das autoridades recuperarem a Nissan no seu estado atual. O passo seguinte era garantir que tal não aconteceria.

De um compartimento dentro da caminhonete, Carlos tirou um recipiente de Styrofoam. Aberto, continha uma enorme quantidade de explosivo de plástico, um detonador com pino de segurança, duas extensões de fio dobrável e um rolo de fita adesiva. Com a fita, ele prendeu o explosivo e o detonador por trás dos assentos dianteiros, a uma altura que não os deixasse visíveis. Ligou os fios do pino de segurança do detonador às maçanetas internas de cada uma das portas dianteiras. Depois de prender um fio a cada maçaneta, com a porta quase fechada, fechou-a com o maior cuidado e por fim trancou-a. A partir desse momento, abrir uma ou outra porta significaria soltar o pino do detonador.

Olhando para dentro da caminhonete, Carlos verificou com satisfação que nem o explosivo de plástico nem os fios eram visíveis do lado de fora.

Miguel calculara que se passariam alguns dias até que alguém reparasse na caminhonete, e quando isso acontecesse, os sequestradores e suas vítimas estariam bem longe.

A surpresa da descoberta, típica de terroristas, seria um modo de avisar que os autores do sequestro eram gente que devia ser levada muito a sério.

Carlos saiu da garagem pelo shopping-center e em seguida pegou um transporte coletivo para ir encontrar os outros em Hackensack.

O caminhão GMC continuou mais oito quilômetros em direção ao sul, até o cruzamento com a autovia do Bronx, onde dobrou para oeste. Uns doze

minutos depois, cruzava o Rio Harlem e, poucos minutos mais tarde, a Ponte George Washington sobre o Rio Hudson.

Na metade do trajeto da ponte, o caminhão e seus ocupantes estavam deixando o Estado de Nova York e entrando no de Nova Jersey. Agora, para Miguel e os outros da gangue de Medellín, o porto seguro de seu refúgio em Hackensack estava tranquilizadoramente perto.

15

Bert Fisher morava e trabalhava num pequeno apartamento em Larchmont. Estava com 68 anos, e fazia uma década que era viúvo. Seus cartões profissionais descreviam-no como um repórter jornalístico na verdade, seu trabalho resumia-se em oferecer informações orais ou escritas à imprensa, que eram pagas na medida em que fossem aproveitadas.

Como outros que exerciam esse tipo de atividade, Bert era o representante local de várias organizações jornalísticas com sede nos grandes centros. Como as notícias locais de uma pequena cidade raramente possuíam significação nacional ou sequer estadual, era difícil conseguir algo que merecesse publicação num dos grandes jornais do país ou transmissão pelo rádio ou tevê, razão pela qual ninguém jamais fez fortuna com esse ofício de free-lance de informações locais, e a maioria — como Bert Fisher — tinha de se contentar com migalhas.

De qualquer modo, Bert gostava de sua atividade. Durante a Segunda Guerra Mundial, como um recruta americano na Europa, trabalhara para o jornal do Exército, Stars and Stripes. O jornalismo entrara no seu sangue e desde então ele se sentira feliz por fazer parte dele, ainda que modestamente. Mesmo no presente, embora a idade avançada houvesse tomado mais vagaroso o seu ritmo de trabalho, ele continuava a dar telefonemas diários às suas fontes em Larchmont e mantinha a vigilância na faixa de rádio usada para comunicações locais, atento às mensagens trocadas nas frequências da polícia, do corpo de bombeiros, das ambulâncias e de outros serviços públicos. Sempre na esperança de algo que valesse a pena ouvir e transmitir a uma coluna jornalística de maior destaque.

Foi assim que Bert ouviu a transmissão da polícia de Larchmont ordenando ao guarda de serviço na radiopatrulha 423 que se dirigisse ao supermercado Grand Union. Parecia tratar-se de mais um chamado de rotina; até o momento, pouco depois, em que o guarda alertou o comissariado para a possibilidade de um sequestro. Ante a palavra "sequestro", Bert na mesma hora endireitou-se na cadeira, fixou a sintonia do rádio na frequência da polícia de Larchmont, pegou um papel para anotações e concentrou toda a sua atenção nas mensagens transmitidas.

Quando terminou a transmissão, Bert não tinha a menor dúvida de que deveria sair correndo para o local dos acontecimentos. Antes, porém, precisava

ligar para a estação de tevê WCBA de Nova York.

Na WCBA, um diretor-adjunto de telejornalismo foi quem atendeu a ligação de Bert Fisher.

A WCBA, filiada à rede da CBA, à qual pertencia integralmente, era uma conhecida estação local que servia à área de Nova York. Ocupava três andares de um edifício em Manhattan, a um quilômetro e meio mais ou menos da sede da rede-mãe. Embora se tratasse de uma estação local, tinha enorme audiência; por outro lado, devido ao volume de notícias com origem em Nova York, o departamento de jornalismo da WCBA era, sob muitos aspectos, um microcosmo da divisão similar da rede.

Numa sala sempre muito agitada e ruidosa em que trinta pessoas trabalhavam em mesas grudadas umas às outras, o diretor-adjunto checou o nome de Bert Fisher no fichário de colaboradores do departamento e verificou que constava da relação.

— OK — disse —, que é que você tem para nós?

Ouviu o free-lance fazer a descrição da mensagem policial e ficou sabendo que ele tinha a intenção de ir a Larchmont acompanhar o caso de perto.

— Apenas um "possível" sequestro, não é?

— Sim, senhor.

Embora Bert Fisher tivesse quase o triplo da idade do rapaz com quem estava falando, não deixava de respeitar sua posição hierárquica, deferência que se incorporara ao seu comportamento desde priscas eras.

— Está certo, Fisher. Vá em frente. Ligue-nos imediatamente se houver alguma verdade nessa história.

— Sim, senhor. Farei isso, pode contar.

Ao desligar, o diretor-adjunto pensou na hipótese do telefonema ser apenas um alarme falso. Por outro lado, as grandes notícias que davam manchetes faziam sua entrada, muitas vezes, pé ante pé, por portas inverossímeis. Por um instante, ele chegou a pensar em mandar uma equipe de filmagem até Larchmont; depois mudou de ideia. O relato do informante, sem dados mais concretos, era muito nebuloso. Além de que as equipes disponíveis estavam todas de serviço em missões definidas, e seria preciso, no caso de cobrir Larchmont, tirar alguma delas de um trabalho de reportagem em plena realização. E, na verdade, sem informações mais completas, não havia nem o que transmitir.

De qualquer forma, o diretor-adjunto não deixou de levar ao conhecimento da diretora de telejornalismo o conteúdo do que acabara de lhe ser

passado pelo telefone.

Depois de escutar tudo, ela confirmou a sua decisão. Mas veio-lhe, em seguida, uma ideia, e ela pegou o telefone que fazia a ligação direta com a rede da CBA. Chamou por Ernie LaSalle, o editor nacional com quem ela às vezes trocava informações.

— Escute uma coisa — disse ela —, isto que eu vou lhe passar pode não dar em nada. — Depois de repetir o que acabara de ouvir, acrescentou: — Mas a ocorrência se deu, de fato, em Larchmont, e eu sei que é onde mora Crawford Sloane. Como é um lugar pequeno, pode ser que esteja envolvido alguém que ele conheça. Fiquei pensando que você talvez quisesse dar essa informação a ele.

— Obrigado — disse LaSalle. — Mantenha-me informado se aparecer algum fato novo.

Ao desligar o telefone, Ernie LaSalle ponderou por instantes a importância potencial da informação. O mais provável era que não chegasse a ter nenhuma. Em todo caso...

Num impulso instintivo, pegou o telefone vermelho que emitia comunicados por alto-falantes.

— Editoria nacional. LaSalle. Estamos informados de que em Larchmont, repito: Larchmont, Estado de Nova York, o rádio da polícia local está registrado um caso de possível sequestro. Não temos pormenores. Nossos amigos na WCBA acompanham o desenvolvimento da história e, se necessário, devem manter-nos informados.

Como sempre, as palavras do editor nacional foram transmitidas a todos os compartimentos do núcleo de direção da CBA. Houve quem, diante da comunicação, ficasse pensando o que poderia ter levado LaSalle a colocar algo tão pouco concreto no sistema de alto-falantes da estação. Outros, desinteressados, simplesmente retomaram o que estavam fazendo antes dessa interrupção. No andar acima da sala de telejornalismo, os produtores do primeiro escalão, reunidos na Ferradura, fizeram uma pausa para escutar. Um deles, apontando para Crawford Sloane, que podia ser visto pela porta de vidro fechada de seu gabinete exclusivo, observou: — Se houve um sequestro, só temos que dar graças a Deus por ter sido outra pessoa em Larchmont e não Crawf. A menos que esse que está aí seja o seu dublê. — Os outros riram.

Crawford Sloane ouviu a comunicação de LaSalle por um alto-falante colocado em sua mesa. Ele havia fechado a porta para ter uma entrevista particular com o presidente da CBA, Leslie Chippingham. Ao pedir esse

encontro, Sloane sugerira que fosse no escritório de Chippingham, mas o presidente havia preferido a sala do âncora.

Ambos ficaram em silêncio quando o editor nacional terminou de falar, e Sloane teve seu interesse avivado pela menção de Larchmont. Em qualquer outra circunstância, ele teria procurado a sala de telejornalismo para obter maiores informações. Naquele momento, porém, não quis interromper o que de repente se convertera num enfrentamento sem meias palavras, o qual, para surpresa do âncora, não estava se encaminhando na direção por ele esperada.

— Meu instinto me diz, Crawf, que você está com um problema — falou o presidente da CBA ao iniciar a conversa particular entre ambos.

— Seu instinto está enganado — respondeu Crawford Sloane. — É você quem está com um problema. Um problema de fácil solução, mas que o obrigará a fazer algumas modificações estruturais. Rapidamente.

Leslie Chippingham suspirou. Era um veterano com trinta anos de televisão, que iniciara sua carreira aos dezenove, como boy no Huntley-Brinkley Report da NBC, o primeiro programa de notícias feito naquele tempo. Desde então ele já sabia que era preciso tratar um âncora com a mesma delicadeza que merece um vaso Ming e com a mesma deferência dispensada aos chefes de Estado. Fora o bom êxito de Chippingham em conduzir esse relacionamento sob os dois aspectos, de delicadeza e de deferência, que, somado a outros talentos seus, permitira que se erguesse ao cargo de produtor executivo e, depois, se mantivesse no primeiro escalão, enquanto outros igualmente ambiciosos e bem encarreirados — inclusive um bando de outros presidentes de rede — haviam sido exilados para uma posição obscura dentro da tevê ou para o esquecimento em consequência de uma aposentadoria prematura.

Chippingham tinha uma disposição natural para se dar bem e estar à vontade com qualquer um, e fazer com que os outros se sentissem da mesma forma em relação a ele. Haviam chegado a dizer dele que tinha um tal jeito de despedir o empregado, que este ficava contente por ter sido despedido.

— Então me diga aí — pediu a Sloane. — Que modificações?

— Não posso continuar a trabalhar com Chuck Insen. Ele tem que sair. E quando escolhermos um novo produtor executivo, quero ter direito ao voto de desempate.

— Bom. Você tem razão quanto ao fato de que há um problema. — Chippingham escolhia as palavras cautelosamente, e acrescentou: — Só que talvez seja diferente do que você está pensando.

Crawford Sloane encarou aquele que era nominalmente seu superior. Uma figura de altura impressionante, mesmo sentado — Chippingham media 1,83m e pesava 93kg enxutos.

O rosto, se não se podia dizer que fosse bonito, era composto de traços fortes e bem delineados, os olhos azul-claros, e o cabelo uma floresta compacta de anéis em sua maioria grisalhos. Ao correr dos anos, uma longa sequência de mulheres havia sentido prazer enfiando os dedos no cabelo encaracolado de Chippingham, prazer que invariavelmente precedia outros. Na verdade, as mulheres tinham sido a fraqueza de toda a vida de Les Chippingham, sua conquista sendo para ele um hobby irresistível.

Nesse momento, em consequência de arrebatamentos desse tipo, estava diante de uma catástrofe conjugal e financeira — um fato de que Sloane não tinha conhecimento, embora, como os demais, soubesse perfeitamente do lado mulherengo de Chippingham.

Chippingham, entretanto, tinha consciência de que deveria pôr seus problemas de lado para medir-se com Crawford Sloane. Seria como andar numa corda bamba, como qualquer diálogo com um âncora sempre havia sido.

— Vamos deixar de rodeios e chegar diretamente ao que interessa — disse Sloane.

Chippingham concordou: — Era o que eu estava pretendendo. Você sabe tão bem quanto eu que muitas coisas na divisão de jornalismo da rede estão mudando...

— Les, pelo amor de Deus, é claro que estão mudando! — Sloane cortou, impaciente, a palavra de Chippingham. — Por isso é que tenho problemas com Insen. Precisamos mudar o feitio de nossas notícias: menos manchetes rapidinhas e mais matérias importantes com desenvolvimento completo.

— Sei como você se sente. Já passamos por isso antes. Também sei em que é que Chuck acredita; aliás, devo dizer que ele veio me procurar logo cedo de manhã para se queixar de você.

Os olhos de Sloane se arregalaram. Não tinha esperado que o produtor executivo tomasse a iniciativa na disputa entre ambos. Não era assim que as coisas aconteciam habitualmente.

— Que é que ele acha que você pode fazer? — perguntou.

Chippingham hesitou por momentos.

— Bem, acho que não tem sentido esconder de você. Ele é de opinião que vocês se acham tão afastados um do outro, que as diferenças se tomaram

irreconciliáveis. A ponto de ele querer que você saia. O âncora lançou para trás a cabeça e riu.

— E ele fique!... É ridículo.

O presidente olhou-o nos olhos.

— Será?...

— Claro. E você sabe muito bem disso.

— Houve época em que pensei assim. Hoje tenho minhas dúvidas. — Desse ponto em diante estariam ambos pisando em terreno desconhecido. Chippingham foi experimentando esse terreno com o maior cuidado. — O que estou querendo dizer a você, Crawf, é que nada mais é do jeito que era antes. Desde que a rede foi comprada, há um fluxo, uma instabilidade permanente. Você sabe tão bem quanto eu como os novos chefões, na nossa e nas outras redes, se ressentem do poder que se acha nas mãos dos âncoras dos telejornais da noite. Esses golias que dirigem as empresas querem diminuir tal poder; há também um certo descontentamento com o fato de, em alguns casos, desembolsarem salários nababescos em troca de serviços que não mereceriam tanto. Recentemente houve rumores de que haviam concluído acordos sigilosos sobre o assunto.

Sloane foi incisivo: — Que tipo de acordos?

— Pelo que ouço dizer, o tipo que é de praxe os grandes homens de empresa concluírem em seus clubes exclusivos e no recesso privado de seus lares. Por exemplo: "Diremos à nossa rede para não tentar tirar jornalistas da sua rede, desde que vocês concordem em não mostrar interesse por recrutar os nossos. Desse modo, evitaremos que os salários subam por toda parte, e poderemos trabalhar no sentido de reduzir alguns que estão altos demais.'"

— Mas isso é conluio, é restrição à livre concorrência. É uma bruta duma ilegalidade.

— Só se você puder provar que houve de fato o acordo — observou Chippingham. — E como poderá conseguir isso, se ele é feito em meio a drinques no Links Club ou no Metropolitan, e não fica dele nenhum registro, nada por escrito?

Sloane calou-se e Chippingham pôs os pontos nos ii: — Em suma, Crawf, não é o melhor momento para pressionar demais.

Sloane disse abruptamente: — Insen disse que tinha alguém em vista para o meu lugar?

— Ele mencionou Harry Partridge.

Partridge! Mais uma vez, pensou Sloane, ele surgia no horizonte como um competidor. Esteve conjeturando se a ideia não teria partido do próprio Partridge. Como se tivesse adivinhado seu pensamento, Chippingham disse: — Parece que Chuck chegou a tocar no assunto com Harry, que ficou surpreso mas deu a entender que não estava interessado.

Chippingham acrescentou: — Ah, outra coisa que me disse Chuck Insen: se a empresa, em dado momento, tiver que escolher entre ele e você, ele não entregará o cargo sem luta. Ameaçou levar o caso pessoalmente à esfera mais alta.

— Isso quer dizer o quê?

— Que conversará com Margot Lloyd-Mason.

Crawford Sloane explodiu: — Procurar essa calhorda? Ele não se atreveria!

— Acho que se atreveria, sim. E ela pode ser uma calhorda mas tem o poder nas mãos.

Leslie Chippingham sabia muito bem do que estava falando.

A CBA tinha sido a última das grandes redes de rádio e tevê a sucumbir ao que os profissionais do ofício chamavam, entre si, de "a invasão dos filisteus". Com isso, queriam eles se referir à tomada do poder nas redes pelos conglomerados industriais cuja insistência em aumentar lucros sobrepunha-se constantemente a qualquer sentimento de dever com o público. Havia aí um marcante contraste com o passado, quando líderes como Paley da CBS, Sarnoff da NBC e Goldenson da ABC, sem renunciar a suas convicções capitalistas, davam ao mesmo tempo amplas demonstrações de responsabilidade com o público.

Nove meses antes, em seguida a frustradas tentativas de manter independente a CBA, a rede havia sido engolida pela Globanic Industries Inc., grupo gigantesco com ramificações espalhadas pelo mundo inteiro. Tal como a General Electric, que havia anteriormente adquirido a NBC, a Globanic tinha importantes contratos assinados com o Ministério da Defesa; e, também como a GE, a ficha da Globanic incluía ajustes, alianças e fusões de capitais, de caráter criminoso. Certa ocasião, como resultado das investigações de um *grand jury*, a companhia fora multada, e seus executivos do mais alto escalão condenados a cumprir penas na cadeia pelo crime de estabelecer preços artificialmente e de simular concorrências por meio de entendimentos prévios. De outra feita, a companhia admitira ser culpada de lesar o governo dos Estados Unidos por falsificação dos dados contábeis num contrato com o Ministério da Defesa;

fixou-se a multa em um milhão de dólares, o máximo permitido por lei, embora quase nada em comparação com o valor total de um só desses contratos. Como escreveu um comentarista na época em que a Globanic absorveu a CBA, "a Globanic está tão envolvida financeiramente em participações e influências dos mais variados tipos, que é impossível negar uma certa perda de independência editorial que terá sofrido a CBA com essa transação. Pode alguém imaginar que algum dia ela volte a investigar em profundidade qualquer área melindrosa em que a nova matriz tenha sabidos interesses?" Desde a compra da CBA, não faltaram declarações públicas dos novos donos no sentido de que a tradicional independência do jornalismo daquela empresa seria respeitada.

Numa visão de dentro da CBA, entretanto, cada dia ficava mais patente a falsidade dessas promessas.

A transformação da CBA começou com a chegada de Margot Lloyd-Mason como nova presidente e executiva suprema da rede. Conhecida por sua eficiência, falta de escrúpulos e ambição excessiva, ela já exercia o cargo de vice-presidente da Globanic Industries Inc. Comentou-se na época que seu deslocamento para a CBA era uma experiência com o objetivo de verificar se ela demonstrava resistência às pressões e firmeza suficientes para habilitar-se ao exercício futuro da presidência da companhia matriz.

16

O primeiro encontro de Leslie Chippingham com a nova chefona ocorreu quando ela o convocou poucos dias depois de assumir o cargo. Em vez do convite pessoal por telefone, uma cortesia que o predecessor da Sra. Lloyd-Mason estendia a todos os diretores de divisão, ele recebeu um recado sumário, transmitido por uma secretária, para que comparecesse imediatamente à "Stonehenge", apelido quedavam na rede aos escritórios da CBA na Terceira Avenida. Ele entrou numa limusine com motorista, para ir até lá.

Margot Lloyd-Mason era alta, de cabelos louros escovados para cima, maçãs proeminentes num rosto levemente bronzeado, os olhos argutamente perscrutadores. Estava vestida num elegante conjunto Chanel cinza— amarronzado, com uma blusa de seda em tom mais claro. Depois, Chippingham descrevê-la— ia como "atraente mas intimidadora".

A executiva suprema tinha um trato que era ao mesmo tempo frio e amigável.

— Pode me chamar pelo primeiro nome — disse ao presidente da divisão de jornalismo, mas de tal modo que mais parecia uma ordem. Dito isso, passou, sem perda de tempo, ao assunto que tinha a tratar. Ao longo do dia de hoje vai ser feita uma comunicação sobre certo problema que Theo Elliott está tendo.

Theodore Elliott era o presidente da Globanic Industries.

— A comunicação já foi feita — disse Chippingham. — Pelo Serviço do Imposto de Renda, em Washington, esta manhã. Eles alegam que o nosso rei dos reis pagou a menos cerca de quatro milhões de dólares no seu imposto pessoal.

Por acaso, Chippingham havia visto a notícia nos despachos da Associated Press. A alegação do IR baseava-se no fato de Elliott haver feito investimentos no que fora agora desmascarado como um recurso ilegal para obter desconto do imposto. A pessoa que havia criado esse recurso estava sendo processada criminalmente. Elliott não, mas exigia-se dele que pagasse os impostos que deixara de pagar, acrescidos de uma vultosa quantia em multas.

— Theo telefonou — disse Margot —, garantindo-me que não tinha a menor noção de que a operação fosse ilegal.

— Imagino que alguns acreditem nisso — disse Chippingham, pensando na legião de advogados, contadores e consultores fiscais que alguém como o presidente da Globanic deveria ter à sua disposição.

Margot foi de uma frieza cortante quando disse: — Não é assunto para brincadeiras. Chamei você para lhe dizer que não quero que nada sobre Theo e os impostos apareça no nosso noticiário, e gostaria que pedisse às outras redes para igualmente não darem nada a respeito.

Chippingham, chocado e mal podendo acreditar no que acabara de ouvir, fez o maior esforço para manter calmo o tom de voz.

— Margot, se ligássemos para as outras redes com um pedido desses, não só elas se recusariam a atendê-lo como ainda divulgariam que a CBA havia tentado conseguir um encobrimento do fato pela imprensa. E lhe digo isto francamente: se algo semelhante fosse feito vindo deles em relação a nós, a CBA teria idêntica reação.

Já enquanto falava com Margot, ele tinha compreendido que a nova chefona da rede demonstrara, com essas poucas palavras, total desinformação quanto ao funcionamento do sistema de comunicações entre as empresas jornalísticas e uma total insensibilidade para com a ética ligada à veiculação de notícias. Lembrou-se, entretanto, de que era coisa por todos sabida que não havia sido propriamente por seu conhecimento e sua sensibilidade que ela fora

colocada na direção da empresa, mas sim por seu tipo financeiro e capacidade de criar lucros.

— Está bem — disse ela, com visível descontentamento. — Imagino que devo aceitar isso que você diz sobre as outras redes. Mas na nossa, não quero que saia nada.

Chippingham suspirou em pensamento, dando-se conta de que dali por diante o seu trabalho como diretor da divisão de jornalismo iria se tomar enormemente mais difícil.

— Queira crer, Margot, que esta noite, com toda a certeza, as outras redes vão tocar no assunto do Sr. Elliott e seus impostos. E se não dermos nada sobre isso, estaremos chamando mais atenção para o fato do que se mencionássemos a matéria no noticiário. E isso porque todo mundo estará querendo medir o nosso grau de imparcialidade, principalmente depois das declarações da Globanic de que a liberdade da divisão de jornalismo não sofreria qualquer interferência pelo fato de ela ter comprado a rede.

No rosto de traços fortes da presidente da rede, a expressão cerrada, os lábios apertados bem demonstravam o desagrado com que recebera essas palavras, mas o silêncio em que se mantivera era um sinal de que compreendia o alcance da observação de Chippingham. Passado algum tempo, indagou: — Você conseguirá fazer uma matéria curta? — Isso acontecerá automaticamente, sem ser preciso forçar coisa alguma. O assunto não merece maior extensão.

— E não quero nenhum repórter metido a espertinho dando a entender que Theo sabia da ilegalidade, quando ele afirma o contrário.

— Uma coisa eu posso lhe prometer — disse Chippingham. Seja o que for que fizermos, será justo. Disso eu me encarregarei pessoalmente.

Margot não fez qualquer comentário. Limitou-se a pegar um pedaço de papel em cima de sua mesa.

— Você veio para cá de limusine e motorista. Chippingham ficou desconcertado.

— Vim, sim. -o carro e o chofer eram uma das mordomias do seu cargo, mas a experiência de ser espionado (obviamente, o que acontecera) era nova e preocupante.

— No futuro, use um táxi. Se eu uso, você também pode usar. E tem mais uma coisa. — Ela fixou nos olhos dele um olhar de aço.

— O orçamento da divisão de jornalismo será cortado em 20% imediatamente. Você receberá amanhã um memorando meu a respeito. E "imediatamente" é para ser entendido ao pé da letra. Daqui a uma semana,

espero receber um relatório sobre as reduções de gastos feitas com esse objetivo Chippingham estava atordoado demais para se manifestar além de uma despedida cortês e formal O tópico sobre Theodore Elliott e o imposto de renda apareceu no Jornal da Noite da CBA, e a declaração do presidente da Globanic sobre sua inocência não foi questionada.

Como observou um produtor da Ferradura uma semana depois, "se tivesse sido um político, teríamos despejado uma carga de ceticismo em cima dele, e depois caído na sua pele, descascando-o como se fosse uma cebola; no caso, nem acompanhamos o desenvolvimento do processo" Na verdade, chegara-se a cogitar desse acompanhamento; surgira uma boa quantidade de fatos novos. Mas durante uma discussão na Ferradura, de que participara o diretor da divisão de jornalismo, ficara decidido que outras notícias nesse dia eram mais importantes, de modo que o acompanhamento fora eliminado. A decisão fora sutil; foram poucos os que chegaram a admitir, mesmo para si próprios, que ela pudesse significar um acovardamento, fruto de pressões exercidas de cima.

A questão do corte orçamentário era inteiramente diferente. Era uma área em que todas as redes de tevê se mostravam vulneráveis aos grandes grupos que as haviam incorporado. Todo mundo sabia disso, inclusive Leslie Chippingham. A divisão de jornalismo, em particular, engordara bastante, tinha pessoal em excesso e estava no ponto ideal para uma poda.

E quando isso aconteceu na CBA, em consequência da solicitada redução nos gastos, o processo foi doloroso, principalmente porque mais de duzentos pessoas perderam seus empregos.

A dispensa em massa provocou gritos de protesto naqueles que ficaram desempregados e em seus amigos. A imprensa escrita teve seu momento de vacas gordas, com os jornais publicando matérias de interesse humano inspiradas na solidariedade à leva de vítimas do corte de despesas — embora muito frequentemente os donos de jornais executassem essa mesma política de reduzir os gastos despedindo em massa.

Um grupo dentro da CBA, cujos membros em sua totalidade tinham assinado contratos por longos prazos, enviou uma carta de protesto ao New York Times. Entre os signatários achavam-se Crawford Sloane, quatro correspondentes do mais alto escalão e vários produtores. A carta lamentava o fato de, entre aqueles abruptamente desempregados, haver correspondentes veteranos que serviram à CBA durante a maior parte de sua vida profissional. Destacava que a CBA, considerada em seu todo, não passava por qualquer

espécie de dificuldades financeiras e que os lucros da rede podiam ser favoravelmente comparados com os das mais importantes empresas industriais.

A publicação da carta provocou discussões e citações em todo o país.

A carta e a atenção que lhe foi dada deixaram Margot Lloyd-Mason furiosa. Mais uma vez, chamou Leslie Chippingham à sua presença. Com o *Times* aberto à sua frente, despejou sua queixa: — Esses canalhas pretensiosos e regiamente pagos fazem parte da administração. Deveriam estar apoiando decisões da administração, e não nos sabotando com essa gritaria injustificada.

O diretor da divisão de jornalismo arriscou uma opinião: — Duvido que eles se considerem parte da administração. São jornalistas, em primeiro lugar, que não se sentem bem com o que aconteceu a seus colegas. Posso lhe dizer, Margot, que comigo se dá o mesmo.

A chefona da rede empalou-o com um olhar fulminante: — Olhe, já tenho problemas suficientes para não precisar que me traga algum novo, deforma que o melhor é você esquecer todo esse tipo de lixo. Trate de dar um esporro nos caras que assinaram essa carta; e que eles fiquem sabendo que não vou tolerar mais qualquer outra deslealdade. Também pode informar a eles que essa duplicidade que mostraram agora vai ser lembrada no momento de renovar os seus contratos. E, muito a propósito, estou aqui pensando nos salários exorbitantes que estamos pagando a determinadas pessoas na divisão de jornalismo, especialmente a esse arrogante filho da puta que é Crawford Sloane.

Posteriormente, Leslie Chippingham passou a seus comandados uma versão bem atenuada dos comentários de Margot; afinal de contas, era ele quem tinha que pacificar os ânimos e manter a divisão de jornalismo funcionando em condições, algo que se tomava cada dia mais difícil.

A dificuldade complicou-se semanas depois, quando uma nova proposta da Sra. Lloyd-Mason foi transmitida por um memorando interno. A intenção era criar um fundo de ação política para pagar pelo lobby em defesa dos interesses da CBA, em Washington. As contribuições em dinheiro para o fundo seriam oferecidas "voluntariamente" pelos executivos da rede e descontadas de seus salários. O pessoal do primeiro escalão da divisão de jornalismo seria incluído. O memorando esclarecia que esse entendimento fora concebido nos mesmos moldes do que havia dentro da companhia matriz, a Globanic Industries. No dia em que chegou a comunicação, Chippingham estava perto da Ferradura, e um dos produtores lhe perguntou: — Les, você vai se bater por nós todos contra essa nojeira de ação política, não vai? A poucos metros de distância, Crawford Sloane exclamou: — Claro que vai. Les jamais concordaria com qualquer coisa que

pusesse a divisão de jornalismo no papel de pedir favores políticos em vez de denunciá-los. Quanto a isso, podemos confiar inteiramente nele.

O diretor da divisão de jornalismo ficou sem saber se havia ou não ironia no tom de voz do âncora. De uma ou de outra maneira, Chippingham teria um novo sério problema nas mãos, causado pela ignorância de Margot — ou seria indiferença? — no tocante à integridade do jornalismo. Deveria ele procurá-la e argumentar contra o fundo de ação política? Ele não acreditava, entretanto, que isso pudesse adiantar alguma coisa, uma vez que o principal objetivo de Margot era agradar aos seus patrões da Globanic e progredir na própria carreira.

Acabou encontrando uma solução para o problema: deixou "vazar" o assunto para o Washington Post, documentando a informação com o envio de uma cópia do memorando interno da CBA. Fez um contato no jornal com alguém que ele já usara anteriormente e em quem podia confiar que não revelaria sua fonte. A matéria que disso fez o Post, e que foi glosada por outros jornais, ridicularizou a ideia de envolver uma organização jornalística em lobby político. Decorridos alguns dias, o plano foi oficialmente abandonado, segundo rumores, por ordem pessoal do presidente da Globanic, Theodore Elliott.

De novo, a presidente da CBA mandou chamar Chippingham.

Friamente, sem preâmbulos, ela perguntou: — Quem na divisão de jornalismo deu o memorando ao *Post*?

— Não tenho a menor ideia -mentiu ele.

— Não me venha com essa! Você pode não ter certeza, mas uma boa ideia você tem, ora se tem!

Chippingham decidiu ficar quieto, notando, com alívio, que não ocorrera a Margot que ele próprio pudesse ser o responsável pelo "vazamento". Ela rompeu o silêncio: — Você não mostrou até hoje nenhuma disposição para cooperar, desde que vim para cá.

— Sinto muito que veja as coisas por esse ângulo, porque não acho que seja verdade. Tenho tentado ser sincero com você.

Sem levar em conta o desmentido, Margot continuou: — Devido a essa atitude persistente, mandei fazer um levantamento de sua história pregressa e presente, e fiquei sabendo de algumas coisas. Uma é que o seu emprego é importante para você neste momento, porque, em termos financeiros, não pode se permitir perdê-lo.

— Meu trabalho sempre foi importante para mim. Quanto a ser importante financeiramente, eu me pergunto se não o é para todo mundo. Talvez

até mesmo para você. — Chippingham, contrafeito, conjecturava sobre o que ainda estaria por vir na conversa.

Com um sorriso sutil, de superioridade, a presidente da rede disse: — Eu não estou no meio de nenhuma encrencada ação de divórcio. Você está. Sua mulher quer um acerto financeiro que vai lhe sair bem caro, incluindo a maior parte do que vocês têm em comum. E se não o conseguir, ela apresentará provas de meia dúzia de relacionamentos adulterinos que você não se deu ao trabalho de ocultar. Você também tem dívidas, inclusive um grande empréstimo em banco, de modo que precisa desesperadamente manter o seu padrão de vencimentos, do contrário estará falido, afundado numa miséria de fazer gosto.

Levantando a voz, ele protestou: — Mas isso é uma ofensa que está me fazendo! Uma intromissão em minha vida pessoal.

Margot disse calmamente: — Pode ser, mas é a pura verdade.

Não obstante o protesto, ele estava chocado com a extensão do que ela sabia a seu respeito. Sua situação financeira era quase desesperadora, em parte porque jamais se mostrara capaz de gerenciar seu dinheiro pessoal e, ao longo dos anos, não só gastara todo o salário à medida que lhe entrava nos bolsos, como tomara empréstimos pesados. Também fora sempre incapaz de resistir à tentação de outras mulheres, uma fraqueza que Stasia, sua mulher em vinte anos de casamento, parecera aceitar até três meses atrás. De repente, sem qualquer aviso prévio, a raiva acumulada e o estoque de provas guardadas explodiram numa feroz ação de divórcio. Mesmo com essa perspectiva de conflito tenaz pela f rente, ele bobamente iniciara um outro caso, dessa vez com Rita Abrams, produtora de jornalismo da CBA. Não tivera a intenção de que isso acontecesse, mas acontecera. Agora estava empolgado e não queria largar pelo meio. Mas a ideia de perder o emprego assustou-o.

— Agora escute com atenção o que eu vou lhe dizer — falou Margot. — Não é difícil substituir um diretor da divisão de jornalismo, farei isso tranquilamente, se for necessário. Antes mesmo de saber o que está acontecendo, você terá sido chutado e outra pessoa já estará em seu lugar. Candidatos para o cargo é o que não falta, aqui e nas outras redes. Entendeu bem?

Chippingham disse, com resignação: — Perfeitamente.

— Entretanto, se jogar pelas minhas regras, você fica. Mas a política da divisão de jornalismo terá que ser a que eu quiser que seja. Lembre-se bem disso. E mais uma coisa. Quando eu quiser que algo seja feito, e que a você não agrada, não me faça perder tempo com essa merda toda de ética e pureza jornalísticas. Você deixou de ser puro — se é que algum dia o foi — quando não

pôs no ar as matérias que faziam o acompanhamento do caso dos impostos de Theo Elliott. — Margot trouxe de volta aos lábios o sorriso sutil. — É, eu estou sabendo de tudo. Em suma, você já se corrompeu, e a repetição disso mais algumas vezes não fará nenhuma diferença. Era só isso. Pode ir.

A conversa se passou dois dias antes que Chuck Insen e depois Crawford Sloane procurassem o diretor da divisão de jornalismo, trazendo-lhe seus problemas pessoais sobre O Jornal da Noite. Chippingham sabia que era preciso resolver prontamente o desentendimento entre ambos dentro da divisão. Porque estava disposto a tudo para evitar, pelo maior espaço de tempo possível, novas visitas a Margot, novos enfrentamentos desagradáveis.

— Estou lhe dizendo, Crawf, o que acabei de dizer a Chuck — avisou Chippingham. — Neste momento vocês causarão o pior dano a todos nós da divisão de jornalismo se essa guerra interna dos dois vier a público. Lá em Stonehenge, a divisão é malvista. Quanto à ideia mencionada por Chuck, de procurar Margot Lloyd-Mason, posso lhe dizer que ela não tomará o partido dele nem o seu. O que ela provavelmente fará será carregar ainda mais nos cortes de despesas, argumentando que, se temos tempo para alimentar briguinhas internas, é porque não estamos suficientemente ocupados e, por conseguinte, com mais pessoal do que o necessário.

— Posso lutar contra isso — disse Sloane.

— E garanto que não vão ligar a mínima para você. — Contrariando seus hábitos, Chippingham estava se mostrando irritado. De vez em quando, fazia parte das funções de um diretor de divisão proteger o seu pessoal, inclusive um âncora, das altas esferas administrativas da rede. Mas havia limites; e dessa vez ele resolveu endurecer. — Uma coisa que você precisa ficar sabendo é que nossa nova chefe não tem muito tempo disponível para você. Por causa daquela carta idiota que você e os outros escreveram ao *Times*, ela passou a vê-lo como arrogante e exageradamente bem-remunerado.

Sloane protestou: — A carta foi válida. Tenho direito à liberdade de opinião e exerci esse direito.

— Grande merda! Você não tinha nada que botar o seu nome naquilo. Nisso estou de acordo com Margot. Cristo, cresça e amadureça, Crawf! Você não pode tirar o dinheiro que tira da rede e continuar sendo esse menininho que, quando sente vontade, diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça.

Não havia razão, pensou Chippingham, para os novos donos da rede descarregarem todo o seu fogo exclusivamente em cima dele. Que outros em altos postos dentro da divisão de jornalismo, como Sloane e Insen, recebessem

também a parte que lhes era devida na fuzilaria. O diretor da divisão tinha ainda outro motivo — íntimo, esse — para estar irritado. Era uma quinta-feira. Ele planejava, para aquela noite, sair num longo e amoroso fim de semana com Rita Abrams no *Minnesota*. Rita já estava lá, chegara na véspera à noite. O que ele não queria era que essa briga estúpida de dois homens-chave de sua divisão se atiçasse na sua ausência.

— Eu volto ao que estava dizendo no começo — insistiu Sloane.

— É necessário fazer mudanças no feitio do noticiário.

— E podem ser feitas — disse-lhe Chippingham. — Tenho ideias a respeito. Trataremos de desenvolvê-las juntos.

— Como?

— A partir da semana que vem, farei reuniões com você e Chuck Insen. Tantas quantas forem necessárias para que se chegue a um acordo. Mesmo que eu tenha de bater as cabeças dos dois, uma contra a outra, até chegarmos a uma conclusão aceitável.

— Pode-se tentar — disse Sloane, meio em dúvida —, mas não é inteiramente satisfatório.

Chippingham deu de ombros.

— E você sabe de algo que seja inteiramente satisfatório? Depois que o diretor da divisão de jornalismo saiu, Sloane permaneceu sentado em silêncio na sala, remoendo a discussão que haviam tido. Até que se lembrou da comunicação sobre Larchmont, transmitida momentos antes pelo alto-falante. Movido pela curiosidade de saber se havia alguma informação nova, deixou o escritório e dirigiu-se à central de telejornalismo.

17

Bert Fisher, o repórter free-lance que negociava informações locais de Larchmont, continuava no rastro de uma reportagem potencial que lhe viera à ideia ao interceptar uma mensagem na frequência de comunicações da radiopatrulha. Depois de telefonar para a WCBA, Bert saiu às pressas de seu apartamento, torcendo para que o motor do seu fusquinha velho de guerra, de 20 anos, pegasse. Passada a ansiedade de um minuto de guinchos e rosnados entrecortados, o motor finalmente pegou.

Bert manteve o rádio ligado na frequência usada pela polícia de Larchmont e seguiu para o centro da cidade — direto para o supermercado Grand Union.

Quando estava na metade do caminho, ouviu pelo rádio certas trocas de informações da polícia que o fizeram mudar de direção.

— Carro 423 para o comissariado. Estou indo para a casa das possíveis vítimas da ocorrência registrada. Endereço: Park Avenue 66. Solicito destaquem um detetive para me encontrar lá.

— Comissariado para 423. Entendido. — Depois de uma breve pausa: — Comissariado para 426. Siga urgente para Park Avenue 66. Encontrará lá o guarda da radiopatrulha. Investigue a ocorrência comunicada pelo guarda.

No jargão policial, ia pensando Bert, "siga urgente" significava: com luzes pisca-pisca e sirene. Evidentemente, o caso estava esquentando cada vez mais, e Bert acelerou sua ação na medida do que era possível ao seu velho Volkswagen. Indo agora em direção à Park Avenue, ficou empolgado com a indicação do número da casa:. Podia ser que se enganasse, mas se a casa pertencia a quem ele imaginava, então o que tinha pela frente era mesmo uma reportagem sensacional.

O guarda Jensen, que se dirigira ao supermercado Grand Union quando de lá fora feito o primeiro chamado para a polícia e lá entrevistara a professora Priscilla Rhea, tinha agora a sensação de estar envolvido em algo realmente sério.

Ao interrogar outras pessoas no supermercado, várias testemunhas confirmaram ter visto uma compradora — identificada por duas delas como sendo a Sra. Crawford Sloane — deixar a loja de repente e com visíveis sinais de angústia. Saíra acompanhada de um menino, seu filho, e de dois outros homens, um de seus trinta anos, e o outro um senhor idoso. O de trinta parecia ter vindo sozinho ao supermercado. De início, perguntara às outras compradoras se eram a Sra. Sloane. Fora logo depois de ele ter encontrado a verdadeira Sra. Sloane que se dera a retirada às pressas do grupo.

A Srta. Rhea fora a única testemunha que aparecera alegando ter visto o que acontecera, daquele momento em diante, no lado de fora do supermercado. A história por ela contada, de uma violência feita a vítimas que teriam sido levadas num "micro-ônibus", tomava-se cada vez mais digna de fé. Um reforço à credibilidade dessa história era o fato de que a caminhonete Volvo da Sra. Sloane — mostrada ao guarda por alguém que a conhecia — continuava ali no estacionamento do supermercado, sem qualquer sinal de presença da Sra. Sloane ou dos outros que estavam em sua companhia. E havia também aquelas poças no chão que muito possivelmente seriam de sangue. Jensen pedira a um dos outros

guardas agora presentes no local para protegê-las como provas a serem examinadas mais tarde.

Outro circunstante, que morava perto de Sloane, dera a Jensen o endereço da família. Com esse dado em mãos, e uma vez que nada mais tinha que fazer no supermercado, Jensen comunicou-se pelo rádio com o comissariado e pediu a presença de um detetive para ir ao seu encontro em Park Avenue 66. Noutras circunstâncias, dada a espontaneidade que caracterizava as conversas de rádio entre policiais em Larchmont, comparadas com as de contingentes policiais maiores em áreas mais importantes, Jensen teria incluído o nome do dono da casa ao dar o endereço. Mas, tratando-se de Sloane, o residente mais famoso de Larchmont, e sabendo que sua mensagem poderia ser interceptada por pessoa de fora da polícia, Jensen achou mais conveniente ocultar esse nome por enquanto.

Pôs-se a caminho de Park Avenue, um trajeto que fez em poucos minutos. Mal avançara os primeiros metros na entrada para veículos do número 66, um segundo carro da polícia — sem os distintivos habituais, embora, se necessário, fosse possível acrescentar-lhe um pisca-pisca luminoso adaptável à capota e uma sirene portátil — entrou também e veio encostar no carro de Jensen. Dele saltou o detetive Ed York, um veterano dos quadros policiais e velho conhecido do guarda. Os dois trocaram ideias por alguns instantes e em seguida foram caminhando juntos para a casa. Identificaram-se quando a empregada diarista dos Sloanes, Florence, recebeu-os à porta, atraída pelo som da sirene.

Ela deixou que entrassem, mostrando no rosto um misto de surpresa e apreensão.

— Há uma possibilidade, mas é apenas uma possibilidade informou-lhe o detetive York — de que algo tenha acontecido à Sra. Sloane. — Ele começou a fazer perguntas a Florence, que, à medida que as ia respondendo, ficava cada vez mais apreensiva.

Sim, ela estava em casa quando a Sra. Sloane, Nicky e o pai do Sr. Sloane saíram para fazer compras. Isso fora por volta das onze horas. O Sr. Sloane tinha ido para o trabalho bem na hora em que Florence chegara à casa, às 9:30. Não, ela não tivera informações de ninguém da família desde o instante em que a Sra. Sloane saíra para as compras, e não havia razão especial para que esperasse tê-las. Na verdade, o telefone não tocara em momento algum desde então. Não, nada notara de especial quando o carro com a Sra. Sloane e os outros se afastara da casa. A não ser... bem...

Florence se deteve, e logo perguntou ansiosa: — Mas, afinal, que é que está acontecendo? Que foi que aconteceu com a Sra. Sloane?

Não há tempo para explicar agora — disse o detetive. — Mas explique você o que quis dizer com isso de "a não ser... bem...".

— É que quando a Sra. Sloane, o sogro e Nicky estavam saindo, eu estava ali. — Florence fez um gesto assinalando a varanda envidraçada na parte da frente da casa. — Vi quando eles saíram.

— E então?

— Tinha um carro parado na esquina da transversal; dali da varanda dá pra ver essa rua. Assim que a Sra. Sloane pegou a avenida, o carro de repente arrancou e seguiu na mesma direção. Na hora não liguei pra isso.

— E nem tinha que ligar mesmo — disse Jensen. — Pode descrever o carro?

— Era marrom— escuro, eu acho. Mais para o tamanho médio...

— Você viu o número da placa?

— Não.

— Identificou a marca do carro?

Florence abanou a cabeça.

— Para mim são todos iguais.

— Deixa isso pra lá, por enquanto — disse o detetive York a Jensen. E a Florence: — Pense no carro. Tente se lembrar de alguma outra coisa. Depois a gente volta a falar com você.

O detetive e Jensen saíram porta afora. Duas outras radiopatrulhas chegaram nesse mesmo instante. Numa veio um sargento uniformizado, na outra o chefe de polícia de Larchmont. Este, também de uniforme, alto e magro, com modos enganosamente discretos. Os quatro começaram uma conferência às pressas na entrada para veículos.

Quando estavam para terminar, o chefe de polícia perguntou ao detetive York: — Você acha que é isso mesmo?... Um sequestro?

— A esta altura — disse York —, tudo leva a crer que sim.

— E você, Jensen?

— Sim, senhor. É isso mesmo.

— Você disse que a caminhonete Nissan que foi vista deixando o local tinha placas de Nova Jersey?

— Uma testemunha declarou isso.

O chefe levou algum tempo pensando. — Se é um sequestro e eles cruzam a fronteira do Estado, o caso passa a ser da jurisdição do FBI. É o que

diz a Lei Lindbergh. — E acrescentou: — Não que o FBI dê importância a um pormenor desse tipo.

As últimas palavras saíram com um travo de azedume, refletindo a convicção, que tinham muitos policiais municipais, de que o FBI, quando queria, se metia em qualquer caso que atraísse a atenção do grande público, e quando lhe era conveniente, sempre encontrava razões para não intervir. Em seguida, o chefe disse, com determinação: — Vou ligar agora mesmo para o FBI.

Voltou a seu carro e pegou o microfone do rádio Um ou dois minutos depois, tomando à companhia dos demais, ordenou ao detetive York que entrasse de novo na casa e lá permanecesse.

— A primeira coisa que você precisa fazer é conseguir que essa empregada o ponha em contato com o Sr. Sloane; aí você falará com ele pessoalmente. Diga-lhe tudo que sabe, e que estamos fazendo o máximo possível. Acrescente que estará aí para responder a qualquer telefonema. Tome nota de tudo. Em breve você estará recebendo ajuda.

Ao sargento e a Jensen foi dito que ficassem do lado de fora, dando proteção à casa — Daqui a pouco vai juntar mais gente aqui do que moscas numa fossa de merda. Não deixem ninguém avançar além do portão de entrada, a não ser o FBI. Quando chegarem os repórteres com suas perguntas, mandem que se dirijam ao comissariado.

Nesse momento, ouviram que se aproximava um carro barulhento. As cabeças se viraram em sua direção. Era um surrado fusquinha branco, e o chefe disse, melancolicamente: — Aí vem o primeiro.

Bert Fisher não precisou verificar qual era a casa na Park Avenue que tinha o número 66. O ajuntamento de carros da polícia dava uma pista mais do que suficiente.

Quando encostou o seu VW no meio-fio e dele saiu para dar os primeiros passos, o chefe de polícia já havia entrado no seu e estava a ponto de dar partida. Bert correu em sua direção.

— Chefe, uma declaração, por favor.

— Ah, é você! — O chefe desceu o vidro de sua janela junto ao volante; já havia tratado com o repórter free-lance muitas vezes antes.

— Declaração sobre o quê?

— Que é isso, chefe! Ouvi essa falação toda pelo rádio, inclusive a sua ordem agora há pouco para convocar o FBI. — Bert olhou em volta e deu-se conta de que o seu palpite estava certo.

— Esta é a casa de Crawford Sloane, não é?

— É, sim.

— E foi a Sra. Sloane que sequestraram?

Ante a hesitação do chefe, Bert assumiu uma atitude súplice. — Veja bem, fui o primeiro a chegar. Que tal dar uma chance a um filho desta cidade?

O chefe, que era homem sensato, pensou: e por que não? Ele até tinha um pouco de simpatia por Fisher, importuno às vezes como um mosquito que não desiste, mas incapaz da malignidade de que podiam dar mostras certos jornalistas.

— Se ouviu todas as mensagens pelo rádio — disse o chefe —, então está sabendo que não temos ainda certeza de nada. Mas achamos, sim, que a Sra. Sloane talvez tenha sido sequestrada, junto com o filho, Nicholas, e o pai do Sr. Sloane.

Bert, pondo às pressas no papel tudo que o chefe falava, estava convencido de que essa era a reportagem mais importante de sua vida e não quis cometer nenhum descuido.

— Resumindo: o senhor acaba de me dizer que a polícia de Larchmont está agindo na suposição de que tenha havido três sequestros.

O chefe moveu a cabeça, confirmando: — É isso aí, a citação está correta.

— Tem alguma ideia de quem possa ter feito isso?

— Não. E tem mais uma coisa. O Sr. Sloane não foi informado, e estamos procurando entrar em contato com ele. Antes que você ponha a boca no trombone, por favor, dê-nos tempo de fazer isso.

Com estas palavras, o chefe deu partida no carro, e Bert correu para o seu fusca. Não obstante a advertência do chefe, ele não tinha intenção de esperar por coisa alguma. A única indagação que havia em sua mente era: onde estaria a cabine telefônica mais próxima? Momentos depois, ao sair da Park Avenue, Bert viu outro carro dobrando para fazer o trajeto inverso, e reconheceu o seu ocupante -o repórter free-lance que prestava serviços à WNBC. Os concorrentes já estavam, pois, no rastro da reportagem. Se Bert quisesse manter a dianteira, teria que agir rápido.

Não muito longe dali, descobriu uma cabine telefônica. Sua mão tremia ao apertar as teclas completando a ligação para a WCBA.

18

Às 11h20, na redação da WCBA, a tensão aumentava, como sempre acontecia durante a hora que precedia o Jornal do Meio-Dia, na emissora local de Nova York. Hoje em particular havia uma grande quantidade de notícias, com várias histórias em desenvolvimento competindo pela posição de destaque.

Um famoso evangelista, em Nova York para receber um prêmio religioso, fora encontrado morto em sua suíte no Waldorf, ao que tudo indicava de uma overdose de cocaína.

Uma prostituta que passara a noite em sua companhia estava sendo interrogada pela polícia. Um prédio no centro de Manhattan estava em chamas; muitas pessoas encurraladas pelo fogo nos andares superiores estavam sendo resgatadas de helicóptero. Um bilionário de Wall Street, com câncer terminal, era empurrado pelo Bronx numa cadeira de rodas a distribuir punhados de notas de cem dólares. O suprimento era reabastecido a intervalos de minutos por um carro blindado que o seguia.

Em meio a uma cena de quase tumulto total, a ligação de Bert Fisher foi transferida para o mesmo assistente do chefe de reportagem que o atendera antes e que gritou, ao saber quem era: — Estamos atolados aqui! Seja curto e grosso!

Bert assim fez, e o jovem jornalista indagou, incrédulo: — Tem certeza? Absoluta certeza? Obteve confirmação?

— Do chefe de polícia — garantiu Bert, orgulhoso. — Ele me deu uma declaração exclusiva e pedi que repetisse para ficar seguro.

O assistente já estava de pé, fazendo sinal para a chefe de reportagem e gritando, em tom de urgência: — Linha quatro! Linha quatro! E para um assistente na mesa ao seu lado, ele acrescentou: — Precisamos de uma equipe de câmera em Larchmont o mais depressa possível. Não me pergunte como vai arrumar uma, apenas tire-a de outro lugar, qualquer lugar, e mande para lá.

A chefe de reportagem já estava escutando Bert Fisher. Depois de anotar os dados essenciais, ela perguntou — Quem mais tem a história?

— Fui o primeiro. E ainda sou. Mas o homem da WNBC estava chegando quando saí.

— Ele tinha uma equipe de câmera?

— Não.

O assistente da chefia de reportagem atravessou a redação para informar: — Já tenho uma equipe a caminho. Nós a desviamos do Bronx.

A chefe de reportagem falou pelo telefone com Bert Fisher: — Fique na linha. — E acrescentou para um redator numa mesa próxima: — Pegue a linha

quatro. É Fisher, de Larchmont. Pegue tudo que ele tem e depois escreva como a nossa principal notícia do meio-dia.

Ao mesmo tempo, a chefe de reportagem pegou o telefone que a ligava diretamente com a rede. Ernie LaSalle, o editor nacional da CBA, atendeu e ela informou: — O sequestro em Larchmont está confirmado. Há meia hora pessoas desconhecidas capturaram violentamente a mulher de Crawford Sloane, seu filho e o pai de Crawford.

— Santo Deus! — O choque e a incredulidade de LaSalle eram evidentes. — Crawf já sabe?

— Acho que não.

— A polícia está envolvida?

— Está sim. Já chamaram o FBI. Nosso homem, Fisher, tem uma declaração do chefe de polícia de Larchmont.

Consultando suas anotações, a chefe de reportagem leu em voz alta a declaração do chefe, a pergunta de Bert Fisher e a confirmação: “Pode citar como uma declaração minha."

— Leia de novo — pediu LaSalle, enquanto escrevia, freneticamente.

A chefe de reportagem da WCBA atendeu e depois acrescentou: — Soubemos que há um homem da WNBC na história, embora um passo atrás de nós. Entraremos com a notícia ao meio-dia de qualquer maneira, e estou pensando em interromper a programação agora— Mas como se trata de família, pensei...

Antes que ela pudesse acabar, LaSalle disse bruscamente: — Não faça nada por aí. Os altos escalões vão entrar na história. E se alguém vai tomar essa decisão, seremos nós.

Em poucos segundos, Ernie LaSalle analisou suas opções.

Tinha várias.

Uma era levar o tempo que fosse necessário para entrar em contato primeiro com Crawford Sloane, que podia ou não estar no prédio, depois transmitir-lhe a informação terrível pessoalmente, com toda a gentileza possível. Uma segunda era pegar o telefone vermelho na sua frente e anunciar o sequestro da família Sloane para toda a divisão de jornalismo, depois do que indubitavelmente começaria a ação urgente para um noticiário interrompendo a programação. A terceira era dar uma ordem ao controle da rede, comunicando que o telejornal "entraria no ar" dentro de três minutos aproximadamente, interrompendo a programação da rede com um boletim especial.

LaSalle figurava entre a meia dúzia de pessoas que tinham poder para autorizar essa intervenção, e, em sua avaliação, a notícia que acabara de receber não apenas era preeminente, mas também de enorme interesse público.

Ele tornou sua decisão, ficando com a segunda opção. O julgamento foi influenciado pelo conhecimento de que outra emissora de Nova York, a WNBC — pertencente à rede NBC —, já se encontrava em Larchmont. Com certeza, a NBC receberia a informação de sua filiada tão depressa quanto acontecera com a CBA. Portanto, não havia tempo para cortesias humanas. Quanto a entrar no ar imediatamente, havia muitas outras pessoas, inclusive o diretor da divisão de jornalismo, Les Chippingham, para tomar essa decisão.

Lamento muito fazer isso com você, Crawf, pensou LaSalle, enquanto pegava o telefone vermelho.

— Editoria nacional. LaSalle. A informação anterior de sequestro em Larchmont, Nova York, foi confirmada pelo chefe de polícia local, que já chamou o FBI. Segundo a polícia, as vítimas são a Sra. Crawford Sloane, o filho Nicholas Sloane e...

Apesar de sua determinação e profissionalismo, LaSalle descobriu que sua voz tremia. Fez um esforço para se controlar e concluiu: — ... e o pai de Crawford, que foram capturados à força e levados de carro por pessoas desconhecidas. A WCBA tem uma cobertura confiável no local, já dispomos dos primeiros detalhes. Pelo que sabemos, a NBC já trabalha na história, embora tenhamos uma pequena dianteira, A editoria nacional recomenda que entremos no ar em rede imediatamente.

19

O horror e a consternação varreram a divisão de jornalismo como um maremoto. Todos pararam de trabalhar. Muitos se entreolharam, indagando em silêncio: Será que ouvi direito? com a confirmação, perguntas irrespondíveis afloraram aos lábios: Como pôde acontecer? Quem faria uma coisa dessas? É um sequestro por resgate? O que os sequestradores querem? Quais são as possibilidades da polícia pegá-los rapidamente? Como Crawford estará se sentindo? Um andar acima da redação, o pessoal de comando na Ferradura ficou igualmente transtornado, mas o choque só durou alguns momentos. Depois, por hábito e disciplina, todos foram galvanizados à ação.

Chuck Insen, como o produtor sênior no prédio, deixou sua sala apressado, Todos os seus instintos de jornalista lhe diziam que a sugestão da

editoria nacional para entrar no ar imediatamente seria aceita. Quando isso acontecesse, o lugar de Insen era na sala de controle de transmissão, quatro andares abaixo. Chegando aos elevadores, ele apertou o botão para descer.

Aguardando impaciente por um elevador, sua mente transbordava de simpatia por Sloane, as divergências totalmente esquecidas no momento. Ele se perguntou: Onde está Crawf? Vira-o antes, rapidamente e a distância, sabia que ele e Les Chippingham haviam se reunido, na sala de Sloane, por razões que Insen já conhecia. Presumivelmente, Crawf se encontrava em algum lugar do prédio e devia ter ouvido o comunicado pela linha quente. O que levantava uma questão crucial.

Quando uma notícia urgente era considerada bastante significativa para interromper a programação da rede, era o âncora do noticiário noturno — no caso da CBA, Crawford Sloane — quem enfrentava as câmeras. Se o âncora não estivesse presente, seria chamado às pressas, com qualquer correspondente disponível ocupando o tempo até sua chegada. Mas não havia a menor possibilidade, refletiu Insen, de se esperar que Sloane falasse sobre aquela notícia súbita e angustiante envolvendo sua família.

Um elevador descendo parou nesse instante, e o correspondente econômico da CBA, Don Kettering, preparou-se para sair. Kettering, de meia— idade, bigodinho fino e parecendo ele próprio um próspero executivo, abriu a boca para dizer alguma coisa, mas nunca chegou a fazê-lo. E isso porque Insen empurrou-o de volta para dentro do elevador e apertou o botão SI, para o primeiro subsolo. As portas do elevador fecharam, enquanto Kettering balbuciava: — Mas o que...

Insen não o deixou continuar: — Espere um instante. Ouviu a notícia que acaba de ser dada? — Ouvi sim, e sinto muito. Eu ia dizer a Crawf...

— Você vai é para o ar. Entre no estúdio e fique esperando. Crawf não pode cuidar disso. E você está disponível. Falarei tudo com você da sala de controle.

Kettering acenou com a cabeça. Era um pensador rápido e fora um experiente repórter da geral antes de passar para a cobertura econômica. Parecia até um pouco satisfeito com a perspectiva.

— Vou receber instruções?

— Passaremos tudo o que sabemos até agora. Terá talvez um minuto para fazer um estudo rápido, e depois é de improviso. Daremos mais detalhes à medida que os recebermos.

— Certo.

Enquanto Insen deixava o elevador, Kettering apertou um botão que o levaria para o andar do estúdio lá em cima.

Em outras partes, as atividades eram intensas, algumas quase automáticas.

Na redação, o editor para o Nordeste recrutava duas equipes de câmera e repórteres. As instruções eram para seguir até Larchmont a toda pressa e fazer imagens do local do sequestro, entrevistar policiais e testemunhas. Uma unidade de transmissão móvel partiria logo depois.

Num pequeno departamento de pesquisa, ao lado da Ferradura, um segmento de uma biblioteca de pesquisa maior, em outro prédio, meia dúzia de pessoas montavam apressadamente uma biografia de computador de Crawford Sloane e os poucos fatos conhecidos a respeito de sua família... poucos porque Jessica Sloane sempre insistira na privacidade para si mesma e Nicholas.

Em algum lugar, no entanto, o pessoal de pesquisa conseguira uma fotografia de Jessica, que estava chegando numa máquina de fax; um editor gráfico pairava sobre a máquina, esperando para remover a foto e convertê-la num slide. De outro computador saía a crônica de guerra do pai de Crawford, Angus Sloane. Haveria também uma foto dele. Até agora, porém, não fora localizada nenhuma foto de Nicky.

Um assistente de pesquisa recolheu todo o material disponível e desceu correndo um lance de escada para o estúdio de emergência, onde Don Kettering acabara de chegar.

Logo em seguida, um mensageiro da editoria nacional trouxe uma cópia do relato que Bert Fisher enviara de Larchmont, recebido pela WCBA. Kettering sentou à mesa central do estúdio, e, isolando-se de todo o resto, concentrou-se na leitura. Os técnicos se movimentavam ao seu redor, luzes acendiam. Alguém pregou um microfone no paletó de Kettering. Um operador de câmera focalizou-o em sua lente.

O estúdio de emergência era o menor do prédio, não maior do que uma sala de estar modesta. Tinha uma única câmera e era reservado para ocasiões assim, quando podia ser ativado e ficar pronto em poucos momentos.

Enquanto isso, na sala de controle às escuras, onde Chuck Insen agora se instalara, uma diretora de transmissão ocupou a cadeira central diante de um banco de monitores, alguns iluminados, outros apagados. À sua direita, instalou-se um assistente, com um bloco de anotações aberto. Operadores e técnicos ocupavam seus postos, as ordens fluíam.

— Câmera um, de prontidão. Confirme, Mike.

— Bill, será uma transmissão ao vivo... Interrompemos a programação... entramos no ar... a programação recomeça. Entendido?

— Entendido.

— Já temos um roteiro?

— Negativo. Don vai entrar de improviso.

— Ponha o vídeo em dez unidades.

— Câmera um, vamos ver Kettering.

Mais monitores se acenderam, entre os quais um do estúdio de emergência. O rosto de Don Kettering encheu a tela.

O assistente da diretora de transmissão estava falando com o controle da rede.

— Isto é notícia. Esperamos interromper a programação da rede com o boletim. Por favor, fiquem de sobreaviso.

A diretora perguntou: — O slide especial já está pronto? Uma voz respondeu: — Está aqui.

Em outro monitor, letras vermelhas brilhantes encheram a tela: CBA BOLETIM ESPECIAL — Mantenha assim. — A diretora virou-se em sua cadeira para falar com Insen. — Chuck, estamos prontos. Vamos entrar ou não?

O produtor executivo, um telefone aninhado no ombro, murmurou: — É o que estou descobrindo agora.

Ele falava com o diretor da divisão de jornalismo, que estava na direção principal, onde Crawford Sloane suplicava por um adiamento da transmissão.

Eram 11h52 da manhã.

Quando o anúncio terrível da editoria nacional começara, Crawford Sloane estava no alto de uma escada no quarto andar, prestes a descer para a redação. Sua intenção era descobrir mais, se possível, sobre a notícia anterior de Larchmont.

Quando os alto-falantes entraram em ação, ele parou para escutar, ficou atordoado, em estado de choque, mal acreditando no que ouvira. O transe momentâneo foi interrompido por uma das secretárias da Ferradura, que o vira sair e vinha agora correndo em seu encalço para avisar, ofegante: — Oh, Sr. Sloane! A polícia de Larchmont está na linha. Querem lhe falar com urgência.

Ele acompanhou a moça de volta e atendeu à ligação em sua sala.

— Sr. Sloane, aqui é o detetive York. Estou em sua casa e tenho uma notícia lamentável...

— Acabei de ouvir. Conte-me o que sabe.

-na verdade, senhor, é muito pouco o que sabemos. Sua esposa, filho e pai saíram para o supermercado Grand Union há cerca de cinquenta minutos. Lá dentro, segundo testemunhas, foram abordados...

O detetive prosseguiu no relato dos fatos conhecidos, incluindo a partida aparentemente forçada dos três num furgão Nissan, e acrescentou: — Já fomos informados de que agentes especiais do FBI estão a caminho daqui e que alguém irá procurá-lo. Pediram-me para avisá-lo de que há preocupação com sua própria segurança. Receberá proteção, mas por enquanto não deve deixar o prédio em que está.

A mente de Sloane era um turbilhão. Atormentado pela ansiedade, ele perguntou: — Há alguma ideia de quem possa ter feito isso? — Não, senhor. Tudo aconteceu de repente. Estamos completamente no escuro.

— Muitas pessoas já sabem... do que aconteceu?

— Até onde eu sei, não muitas. — Uma pausa, e o detetive acrescentou: — Quanto mais tempo pudermos manter assim, melhor será.

— Por quê?

— No caso de um sequestro, Sr. Sloane, a publicidade pode ser prejudicial. Podemos ter notícias dos sequestradores; provavelmente entrarão em contato com o senhor primeiro. E depois, nós, ou mais provavelmente o FBI, vamos querer um diálogo com eles, um começo de negociações. Não queremos que todo mundo saiba. E isso não acontecerá, porque...

Sloane interrompeu-o: — Detetive, voltarei a lhe falar mais tarde. Neste momento há coisas que preciso fazer.

Consciente da atividade em tomo da Ferradura e sabendo o que isso significava, Sloane queria evitar qualquer ação precipitada. Saindo afobado de sua sala, ele gritou: — Onde está Les Chippingham?

-na redação — informou um produtor sênior, para depois dizer, mais gentilmente: — Crawf, todos lamentamos muito, mas parece que vai entrar no ar.

Sloane mal ouviu. Correu para a escada e desceu rapidamente. À sua frente, podia ver o diretor da divisão de jornalismo, reunido com vários outros, à mesa da editoria nacional. Chippingham estava perguntando: — Até que ponto podemos confiar no cara de Larchmont? Foi Ernie LaSalle quem respondeu: — A WCBA diz que é um sujeito que já usam há anos... meio quadrado, mas confiável.

— Então acho que devemos entrar no ar com o que temos.

Sloane interveio: — Não! Les, não faça isso! Precisamos de mais tempo. A polícia acaba de me informar que podem receber notícias dos sequestradores. A publicidade pode prejudicar minha família.

LaSalle disse: — Sabemos o que está passando, Crawf. Mas é uma notícia grande, e outros já estão a par. Não vão segurar. A WNBC...

Sloane sacudiu a cabeça. — Ainda digo que não! — Ele virou-se diretamente para o diretor da divisão de jornalismo. — Les, eu suplico... espere mais um pouco!

Houve um silêncio embaraçoso. Todos sabiam que em outras circunstâncias Sloane seria o primeiro a recomendar que entrassem no ar. Mas ninguém tinha coragem para dizer: Crawf, você não está pensando com coerência.

Chippingham olhou para o relógio da redação: 11h54. LaSalle atendera a ligação de Insen e informou agora: — Chuck diz que está tudo pronto para entrar no ar. Quer saber uma coisa: vamos interromper a programação da rede agora?

Chippingham respondeu: — Diga-lhe que ainda estou decidindo.

Ele se perguntava: deveriam esperar até meio-dia? Podia ver nos monitores por cima as transmissões em cadeia nacional de todas as redes. Uma novela popular ainda passava na CBA; quando acabasse haveria os comerciais. A interrupção agora seria muito dispendiosa. Menos de seis minutos fariam uma grande diferença? Nesse momento, simultaneamente, diversos computadores da redação emitiram um “pop”. Nas telas apareceu um "B" brilhante — o sinal para um boletim noticioso urgente.

Alguém lendo uma tela gritou: — A AP já tem a história do sequestro Sloane!

Outro telefone tocou na editoria nacional. LaSalle atendeu, escutou por um momento e depois murmurou: — Obrigado por nos informar.

Desligando, ele comunicou a Chippingham: — Era a NBC. Telefonaram como cortesia, para comunicar que têm a história. Entrarão no ar na hora.

Faltavam quinze segundos para 11h55. Tomando uma decisão, Chippingham declarou: — Vamos entrar agora! — Para LaSalle, ele acrescentou: — Diga a Chuck para interromper a rede.

20

No prédio da CBA, dois andares abaixo do nível da rua, numa sala pequena, dois operadores sentavam diante de um complexo sistema de controle, com uma galáxia de luzes coloridas e botões, terminais de computador e monitores de tevê. Dois lados da sala tinham painéis de vidro, dando para corredores meio escuros. As pessoas que passavam poderiam, querendo, observar o que acontecia lá dentro. Era o controle principal da rede, o posto de comando técnico para toda a rede nacional da CBA.

Era por ali que fluía toda a programação da rede — shows, notícias, esportes, documentários, discursos presidenciais, loucuras do Capitólio, cobertura diversificada da vida e programas previamente gravados, além dos comerciais nacionais. Surpreendentemente, apesar de toda a sua importância como um centro de impulso eletrônico, a localização e a aparência do controle principal eram insignificantes.

Cada dia no controle principal era geralmente rotineiro, seguindo um plano meticuloso, que codificava cada período de 24 horas de transmissão em ternos de minutos, às vezes de segundos. E o mais importante: a execução do plano era por computador, com os dois operadores supervisionando... e de vez em quando interferindo quando acontecimentos inesperados exigiam que a programação regular fosse interrompida.

Uma interrupção ocorria agora.

Momentos antes, por uma linha direta da sala de controle da divisão de jornalismo, Chuck Insen instruíra: — Temos um noticioso especial. É para toda a rede. Estamos entrando no ar... agora!

Enquanto Insen falava, o slide "CBA Boletim Especial", transmitido da sala de controle do jornalismo, apareceu num monitor do controle principal O experiente operador do controle principal que atendera ao chamado sabia que a ordem de "agora" significava exatamente isso. Na ausência dessa palavra, se um programa em andamento estava a um minuto e meio do final, ele esperaria a conclusão antes de entrar na programação da rede. Da mesma forma, se um comercial estivesse no ar, ele aguardaria o seu término.

Mas "agora" significava que não se podia esperar um momento sequer. Um comercial de um minuto estava sendo transmitido e ainda tinha trinta segundos. Mas, deslocando uma chave, o operador cortou-o, causando assim à CBA uma perda de receita de cerca de 25 mil dólares. Acionando outra chave,

ele pôs o slide de "Boletim Especial" no vídeo da rede. No mesmo instante, as palavras em vermelho apareceram nas telas de mais de doze milhões de aparelhos de tevê.

Durante cinco segundos, observando um relógio digital à sua frente, o operador do controle principal manteve em silêncio o alimentador de áudio. Era para permitir que as salas de controle das emissoras filiadas que não estavam transmitindo o programa da rede interrompessem a programação local para transmitir o boletim especial.

Foi o que aconteceu com a maioria.

Ao final dos cinco segundos, o alimentador de áudio foi aberto e a voz de um locutor anunciou: — Interrompemos nossa programação regular para transmitir um boletim noticioso especial da CBA. Agora, de Nova York, fala o correspondente Don Kettering.

Na sala de controle do estúdio de emergência, a diretoria ordenou: — A deixa para Don!

Por toda a nação, o rosto do correspondente econômico da CBA surgiu nas telas de televisão. A voz e a expressão solenes, Kettering começou a falar: — A polícia de Larchmont, no Estado de Nova York, acaba de comunicar o aparente sequestro da esposa, filho e pai do âncora da CBA Crawford Sloane.

Apareceu um slide do rosto familiar de Sloane, enquanto Kettering continuava a falar: — O sequestro, cometido por pessoas não identificadas, ocorreu há cerca de quarenta minutos. Segundo a polícia e uma testemunha no local, foi precedido por uma violenta agressão...

Eram 11h56.

Superando as concorrentes, a CBA foi a primeira a dar a noticia.

PARTE DOIS

1

Os efeitos secundários do boletim especial da CBA, anunciando o sequestro da família Sloane, foram instantâneos e amplos.

A NBC, cujo gesto decente e cortês de comunicar à CBA a privara de uma possível dianteira, transmitiu seu próprio boletim especial menos de um minuto depois — e antes de seu plano original de dar a notícia ao meio-dia.

A CBS, ABC e CNN, alertadas pelos comunicados da AP e Reuters, também entraram no ar com a notícia em poucos minutos. O mesmo aconteceu com as emissoras de tevê de todo o país não ligadas a uma rede, mas com serviços noticiosos próprios.

A televisão canadense também converteu o sequestro Sloane na principal matéria de seus noticiários ao meio-dia.

As emissoras de rádio, com sua agilidade instantânea, foram ainda mais rápidas do que a televisão para espalhar a história.

De costa a costa, os jornais vespertinos começaram imediatamente a reformular as manchetes da primeira página. Grandes jornais de outros estados instruíram seus correspondentes em Nova York a trabalhar em matérias individuais assinadas.

As agências fotográficas iniciaram uma busca frenética por retratos de Jessica, Nicholas e Angus Sloane. Não havia escassez de fotos de Crawford Sloane.

A mesa telefônica principal da CBA foi inundada por ligações para Crawford Sloane. Os interlocutores eram polidamente informados de que o Sr. Sloane não podia atender no momento, e a maioria deixava mensagens de simpatia.

Os repórteres de jornais e outros meios de comunicação, sabendo que não adiantava ligar para a telefonista, usaram as linhas diretas para a CBA. Em consequência, alguns telefones ficaram constantemente bloqueados, tomando difícil a comunicação com o exterior. Os jornalistas que conseguiram fazer um contato, querendo entrevistar Sloane, foram informados de que ele estava desesperado demais para falar com alguém e que, de qualquer forma, não havia mais informação além do que já fora transmitido.

Houve alguém que conseguiu falar com Sloane: foi o presidente dos Estados Unidos.

— Crawf, acabo de ser informado da terrível notícia. Sei que tem muita coisa em mente para conversar neste momento, mas queria que soubesse que Barbara e eu estamos pensando em você e sua família, torcendo para que tenha boas notícias muito em breve. Como você, queremos que essa provação termine o mais depressa possível.

— Obrigado, senhor presidente. Isso significa muito para mim.

— Dei ordens ao Departamento de Justiça para que a busca de sua família pelo FBI tenha prioridade e para que sejam usados quaisquer outros recursos do governo que forem necessários Sloane repetiu o agradecimento.

A substância da ligação do presidente foi imediatamente divulgada por um porta-voz da Casa Branca, acrescentando-se ao crescente fluxo de informações que obviamente dominaria os noticiários noturnos de todas as emissoras Equipes de câmeras das emissoras de tevê de Nova York e das redes chegaram a Larchmont pouco depois das primeiras notícias e entrevistaram — como um observador descreveu — "quase todo mundo que estava à vista", inclusive algumas pessoas que só tinham uma tênue ligação com o caso. A ex-professora, Priscilla Rhea, exuberante sob tanta atenção, tornou-se a entrevistada predileta, com o chefe de polícia de Larchmont em segundo lugar, bem próximo.

Um fato novo e surpreendente se destacou quando várias pessoas que moravam perto dos Sloanes informaram que a casa da família estivera sob observação desde algumas semanas, talvez um mês. Uma sucessão de carros diferentes e um caminhão em várias ocasiões haviam sido visto nas proximidades. Estacionavam próximo da casa por longos períodos, as pessoas no interior dos veículos tentando não atrair atenção. Algumas marcas de carros foram mencionadas, mas não havia informações mais detalhadas.

Havia concorrência entre os observadores de que alguns carros tinham placa de Nova York, e outros de Nova Jersey. Mas ninguém se lembrava dos números das placas.

Um dos carros descritos por um vizinho combinava com a descrição do que fora visto pela empregada dos Sloanes, Florence -o mesmo carro que seguira o Volvo de Jessica Sloane quando ela saíra com Nicky e Angus para as compras.

Repórteres de jornais e emissoras de televisão fizeram a pergunta óbvia: por que ninguém comunicara à polícia que a casa estava sendo vigiada? Em todos os casos, a resposta foi a mesma. Presumiu-se que alguma espécie de proteção de segurança era dispensada ao famoso Sr. Crawford Sloane: por que os vizinhos deveriam interferir? Agora tardiamente, a informação sobre os diversos veículos era investigada pela polícia.

Os meios de comunicação do exterior também demonstravam um grande interesse pela história do sequestro. Embora o rosto e a voz de Crawford Sloane não fossem tão familiares para os estrangeiros quanto eram para os americanos, o envolvimento de uma grande personalidade da tevê parecia ter a maior importância internacional.

A reação intensa era a prova de que o moderno âncora de uma rede de televisão — uma espécie de Homo promulgare ancora, como diria o *Wall Street Journal* no dia seguinte — tomara-se uma raça especial, destacando-se na idolatria do público ao lado de reis e rainhas, estrelas do cinema e rock, papas, presidentes e príncipes.

A mente de Crawford Sloane era um turbilhão de emoções.

Ele passou as horas subsequentes meio atordoado, como que esperando ser informado a qualquer momento de que todo o episódio não passava de um mal— entendido, um erro facilmente explicável. Mas à medida que o tempo passava, com o Volvo de Jessica ainda abandonado no estacionamento do supermercado de Larchmont, isso parecia cada vez menos provável.

O que mais perturbava Sloane era a lembrança da conversa com Jessica na noite anterior. Fora ele quem levantara a possibilidade de sequestro, e não era a coincidência que o afligia agora — sabia por longa experiência que a vida real e as notícias reais eram repletas de coincidências, às vezes incríveis. Mas, como percebia naquele momento, seu egoísmo e presunção levaram-no a concluir que somente ele podia ser vítima de um sequestro. Jessica ainda indagara: "E as famílias? Não poderiam ser alvos também? Mas ele descartara a ideia, não acreditando que poderia ocorrer ou que Jessica e Nicky precisassem de proteção. Agora, culpando-se de indiferença e negligência, seu sentimento de culpa era opressivo.

Claro que também estava muito preocupado com o pai, embora fosse evidente que a inclusão de Angus nos acontecimentos daquele dia era acidental. Ele aparecera sem avisar e, infelizmente, caíra também na rede dos sequestradores.

Em outros momentos, durante o dia, Sloane agitou-se, impaciente, querendo iniciar alguma ação, qualquer ação, mesmo sabendo que havia pouco que pudesse fazer. Pensou em ir até Larchmont, depois refletiu que de nada adiantaria, e ainda ficaria fora de contato se surgisse alguma notícia nova. Outro motivo para ficar foi a chegada de três agentes do FBI, que iniciaram uma atividade intensa, em tomo de Sloane.

O agente especial Otis Havelock, o mais veterano do trio, demonstrou no mesmo instante ser, nas palavras de um produtor perceptivo da Ferradura, "um cara que assume o comando". Exigiu que o conduzissem imediatamente à sala de Crawford Sloane. Apresentou-se a Sloane e depois solicitou a presença do chefe de segurança da rede.

Logo em seguida pegou um telefone para pedir a ajuda do departamento de polícia da cidade de Nova York.

Havelock — pequeno, dinâmico, calvo — tinha olhos verdes fundos e um olhar direto, que raramente se desviava da pessoa com quem conversava. Sua expressão permanentemente desconfiada parecia dizer: Já vi e ouvi tudo isso antes. Mais tarde, Sloane e outros saberiam que essa afirmação silenciosa era verdadeira. Um veterano de 21 anos de FBI, Otis Havelock passara a maior parte de sua vida lidando com o pior das infâmias humanas.

O chefe de segurança da CBA, um grisalho detetive aposentado da polícia de Nova York, não demorou a chegar.

— Quero que todo esse andar seja imediatamente isolado — disse-lhe Havelock. -as pessoas que sequestraram a família do Sr. Sloane podem fazer uma tentativa contra ele próprio. Ponha dois de seus homens nos elevadores e outros nas escadas. Eles devem verificar, com todo o cuidado, as identidades de quaisquer pessoas entrando ou saindo deste andar. Assim que isso for feito, inicie uma investigação meticulosa de todas as pessoas que já se encontram neste andar. Entendido? O homem mais velho protestou: — Claro que entendi, e devo dizer que estamos todos preocupados com o Sr. Sloane, mas não tenho um pessoal ilimitado, e o que está pedindo é demais. Há outras responsabilidades de segurança que não posso negligenciar.

— Já as negligenciou! — declarou Havelock bruscamente, mostrando um cartão de identidade de plástico. — Dê uma olhada nisso! Usei para entrar no prédio. Apresentei ao guarda lá embaixo e ele me deixou passar.

O chefe de segurança examinou o cartão, que tinha a foto de um homem em uniforme.

— De quem é essa fotografia?

— Pergunte ao Sr. Sloane.

Havelock estendeu o cartão para Crawford Sloane. Ao vê-lo, Sloane não pôde evitar uma gargalhada, apesar de suas ansiedades.

— É o coronel Kadhafi!

— Mandei fazer especialmente — explicou o homem do FBI. Uso às vezes para provar a companhias que nem esta como sua segurança é precária.

Virando-se para o desolado chefe de segurança, Havelock acrescentou: — Agora faça o que eu disse. Vigie totalmente este andar e avise a seu pessoal para examinar com mais cuidado os documentos de identidade, inclusive as fotos, Depois que o chefe de segurança se retirou, Havelock comentou para Sloane: -a segurança é péssima na maioria das grandes companhias— por não ser um departamento que produz receita; por isso, o pessoal do orçamento a reduz ao mínimo. Se houvesse uma segurança adequada aqui, incluiria a proteção para você e sua família em casa.

Sloane murmurou, pesaroso: — Eu gostaria que você tivesse aparecido antes para fazer essa sugestão.

Poucos minutos antes, ao telefonar para a polícia de Nova York, Havelock falara com o chefe dos detetives, explicando que ocorrera um sequestro e pedindo proteção policial para Crawford Sloane. Agora, ouviu-se o som de várias sirenes soando lá fora, cada vez mais alto, enquanto se aproximavam rapidamente, até que pararam.

Minutos depois, um tenente e um sargento da polícia uniformizados entraram na sala. Depois das apresentações, Havelock disse ao tenente: — Gostaria que mantivesse dois carros estacionados lá fora, a fim de anunciar a presença da polícia. Ponha também um guarda em cada entrada externa e outro no saguão principal. E avise a seus homens para deter e interrogar qualquer pessoa suspeita.

— Certo. -o tenente acrescentou para Crawford Sloane, quase reverente: — Cuidaremos de tudo, senhor. Quando estou em casa, minha esposa e eu sempre o assistimos no noticiário. Gostamos da maneira como fala as coisas. Sloane balançou a cabeça.

— Obrigado.

O tenente, olhando ao redor, parecia propenso a permanecer na sala, mas Havelock tinha outras ideias.

— Pode fazer uma verificação do perímetro, mandando alguém para o telhado. Observe o prédio de cima. Certifique-se de que as entradas estão vigiadas.

Com garantias de que fariam tudo que fosse possível, o tenente e o sargento se retiraram.

— Receio que terá de me aturar, Sr. Sloane — disse o agente especial, quando ficaram a sós. — Recebi instruções para ficar ao seu lado. Ouviu-me informar que achamos que pode ser também um alvo de sequestro.

— Pensei algumas vezes que isso pudesse acontecer. — Expressando o sentimento de culpa que se acumulava em seu íntimo, Sloane acrescentou: — Mas nunca me acorreu que minha família pudesse correr perigo.

— Porque estava pensando racionalmente. Mas os criminosos espertos são imprevisíveis.

Sloane indagou, muito nervoso: — Acha que é esse o tipo das pessoas com quem estamos lidando? A expressão do homem do FBI não se alterou; raramente perdia tempo com palavras de conforto.

— Ainda não sabemos de que tipo eles são. Mas descobri que é útil nunca subestimar o inimigo. Assim, se descobrir depois que o superestimei, a vantagem é minha.

Uma pausa, e Havelock continuou: — Mais alguns de nossos homens entrarão em ação em breve, aqui e na sua casa, com equipamentos eletrônicos. Queremos monitorar todas as chamadas que receber. Por isso, enquanto estiver neste prédio deve atender todas as ligações em sua linha pessoal. — Ele gesticulou para a mesa de Sloane. -se houver uma ligação dos sequestradores, faça a coisa óbvia; procure conversar por tanto tempo quanto for possível. As chamadas podem ser rastreadas muito mais depressa hoje do que no passado, mas os criminosos também sabem disso.

— Sabe que temos em casa telefones que não constam da lista? -sei, mas estou presumindo que os sequestradores os conhecem. É inevitável que algumas pessoas saibam. — Havelock tirou do bolso um caderninho de anotações. — Agora, Sr. Sloane, preciso de respostas para algumas perguntas.

— Pode falar.

— O senhor ou pessoas de sua família receberam alguma ameaça, ao que se lembre? Pense com todo cuidado, por favor.

— Não sei de nenhuma.

— Há alguma coisa que tivesse falado no noticiário capaz de causar um antagonismo especial de uma pessoa ou um grupo?

Sloane levantou os braços.

— Isso deve acontecer pelo menos uma vez por dia.

O homem do FBI acenou com a cabeça.

— Era o que eu imaginava, e por isso dois colegas meus vão assistir a todas as suas transmissões, de dois anos para cá, em busca de alguma indicação. E correspondência antagônica? Deve receber alguma.

— Nunca a vejo. As pessoas no noticiário da rede não têm contato com a correspondência. É uma decisão da diretoria.

Havelock franziu as sobrancelhas, enquanto Sloane explicava: — Tudo que transmitimos aqui gera uma quantidade fenomenal de correspondência. Levaria muito tempo para ler todas as cartas. Depois, provavelmente haveríamos de querer responder a algumas, o que consumiria ainda mais tempo. Outra coisa em que a direção acredita é que conseguimos manter melhor o senso de perspectiva e imparcialidade se ficarmos resguardados das reações individuais às notícias. — Sloane deu de ombros. — Alguns podem discordar, mas é assim que funciona.

— O que acontece com a correspondência?

— É manipulada por um departamento especializado. Todas as cartas são respondidas, e qualquer coisa considerada mais importante é encaminhada ao diretor da divisão de jornalismo.

— Posso presumir que toda correspondência é guardada?

— Acho que sim.

Havelock escreveu uma anotação.

— Destacaremos alguns homens para investigar também essa Parte.

Durante uma pausa, Chuck Insen bateu na porta da sala e entrou. — Se posso interromper... — Os dois homens sinalizaram sim a cabeça, e o produtor executivo acrescentou: — Crawf, sabe que todos queremos fazer o melhor que pudermos... por você, Jessica, Nicky...

— Sei disso — murmurou Sloane.

— Achamos que você não deve fazer o noticiário esta noite. Por um lado, porque será em grande parte a seu respeito. Por outro lado, mesmo que apresentasse só o resto, pareceria muito como se fosse uma coisa rotineira, quase como se a rede não se importasse, o que não é verdade.

Sloane pensou por um momento e depois murmurou pensativo: — Acho que tem razão.

— Mas gostaríamos de saber se você estaria disposto a ser entrevistado... ao vivo.

— Acha que eu deveria?

— Agora que a história foi noticiada, creio que quanto mais atenção puder atrair, melhor. Há sempre uma possibilidade de que alguém assistindo possa fornecer uma informação.

— Então concordo.

Insen acenou com a cabeça e depois acrescentou: — Sabe que as outras redes e os jornais querem entrevistá-lo. Aceitaria uma entrevista coletiva esta tarde?

Sloane fez um gesto de desamparo e depois murmurou: — Está bem.

— E quando acabar aqui, Crawf, pode ir se juntar a Les e a mim em minha sala? Gostaríamos de saber sua opinião sobre outros planos.

Havelock interveio: -na medida do possível, eu gostaria que o Sr. Sloane permanecesse em sua sala, perto deste telefone.

— Ficarei por perto de qualquer maneira — garantiu Sloane.

Leslie Chippingham já telefonara para Rita Abrams no Minnesota para informar que o projeto de um fim de semana de namorados teria de ser abandonado. Não havia a menor possibilidade, ele explicou, de deixar Nova York no meio daquela confusão.

Rita, embora desapontada, mostrou-se compreensiva. O pessoal no telejornalismo estava acostumado a eventos inesperados transtornando suas vidas, até mesmo as ligações ilícitas.

— Precisa de mim para trabalhar na história?

— Se precisarmos, você será avisada.

Parecia que o agente especial Havelock, designado para proteger Crawford Sloane, tencionava acompanhá-lo à reunião na sala de Insen. Mas Insen impediu-o e disse: — Vamos discutir alguns assuntos confidenciais da rede. Pode ter o Sr. Sloane de volta assim que acabarmos. Até lá, pode nos interromper se houver alguma coisa urgente.

— Se não se importa — insistiu Havelock —, entrarei agora para verificar onde o Sr. Sloane estará.

Ele passou por Insen, determinado, correu os olhos pela sala. Havia duas portas por trás da mesa de Insen. Havelock abriu-as. Uma era de um armário de suprimentos; depois de examinar rapidamente o interior, ele fechou-a. Outra dava para um banheiro. O homem do FBI entrou, verificou tudo, tornou a sair.

— Só queria me certificar de que não havia outro meio de entrar ou sair daqui — explicou ele a Insen.

— Eu poderia informá-lo de que não havia. Havelock sorriu.

— Há algumas coisas que prefiro verificar pessoalmente.

Ele deixou a sala e foi se instalar numa cadeira junto da porta. Leslie Chippingham já se encontrava sentado na sala quando o agente do FBI efetuara sua inspeção.

Agora, quando Sloane e Insen sentaram também, ele disse: — Chuck, explique tudo a Crawf.

Fitando Sloane, Insen declarou: — O fato é que não temos confiança nas agências do governo e sua capacidade de cuidar desta situação. Les e eu não

queremos deixá-lo deprimido, mas todos lembramos quanto tempo o FBI levou para descobrir Patrícia Hearst... mais de um ano e meio. E tem mais uma coisa.

Insen inclinou-se para sua mesa e pegou um livro. Sloane reconheceu-o, um exemplar de seu próprio livro, *A Câmera e a Verdade*. Insen abriu-o numa página marcada.

— Você mesmo escreveu, Crawf: "Nós que vivemos nos Estados Unidos não permaneceremos por muito tempo livres do terrorismo em nosso próprio país. Mas nem mentalmente nem sob outros aspectos, estamos preparados para esse tipo de guerra insidiosa e implacável." — Insen fechou o livro. — Les e eu concordamos com isso. Totalmente.

Seguiu-se um silêncio. A lembrança de suas próprias palavras surpreendeu e chocou Sloane. No fundo de sua mente, começara a especular se não haveria alguma motivação terrorista, talvez relacionada com ele próprio, por trás do sequestro de Jessica, Nicky e seu pai. Ou era uma ideia absurda demais para sequer cogitá-la? Aparentemente não, já que o pensamento daqueles outros dois experientes jornalistas também seguia nessa direção.

— Acham mesmo que foram terroristas?

Foi Insen quem respondeu: — Não é uma possibilidade?

— Tem razão. — Sloane balançou a cabeça lentamente em concordância. — Também pensei nisso.

— Lembre-se de que a esta altura ainda não temos a menor ideia de quem são as pessoas que sequestraram sua família e o que querem — interveio Chippingham. — Pode ser um sequestro convencional, com pedido de resgate em dinheiro ou não sei mais o quê, algo por si só bastante terrível. Mas estamos considerando, pelo que somos e o que você é, outras opções.

Insen descreveu as decorrências do que fora dito antes: -mencionamos o FBI. Mais uma vez, não queremos preocupá-lo, mas se Jessica e os outros foram levados para fora do país de alguma forma, o que é sempre uma possibilidade, o governo terá de recorrer à CIA. E durante todos esses anos em que americanos são prisioneiros no Líbano, a CIA, com todo seu poderio e recursos, satélites— espiões, agentes e infiltração, nunca foi capaz de descobrir onde um bando de terroristas semianalfabetos os esconde. E isso num país mínimo, apenas um pouco maior que o Estado de Delaware. Assim, quem pode dizer que a mesma CIA poderia fazer melhor em outras partes do mundo? Foi o diretor da divisão de jornalismo que ofereceu uma conclusão.

— E isso que estamos querendo dizer, Crawf, ao comentarmos que não temos confiança nas agências do governo. Mas estamos convencidos de que nós

mesmos, uma organização jornalística experiente, acostumada à reportagem investigativa, temos uma possibilidade acima da média de descobrir para onde levaram sua família.

Sloane sentiu-se um pouco animado, pela primeira vez naquele dia. Chippingham continuou: — Decidimos criar um grupo de investigação da CBA. Nosso esforço será a princípio em escala nacional, e depois, se necessário, em escala internacional. Usaremos todos os nossos recursos e mais as técnicas de investigação que se mostraram positivas no passado. Quanto às pessoas, vamos utilizar o melhor talento de que dispomos, começando agora.

Sloane sentiu um ímpeto de gratidão e alívio — Les... Chuck..

Chippingham interrompeu-o com um gesto.

— Não diga nada. Não há necessidade. E verdade que fazemos isso em parte por você, mas também porque é o nosso trabalho.

Insen inclinou-se para a frente.

— Há uma coisa que queremos lhe pedir neste momento, Crawf. Esse grupo precisa ser liderado por um jornalista ou produtor experiente, alguém que possa assumir o comando, que seja competente na reportagem investigativa e em quem você deposite toda confiança. Gostaria de indicar um nome?

Crawford Sloane hesitou apenas por um breve instante, avaliando seus sentimentos pessoais contra o que estava em jogo, mas depois declarou, firmemente: — Quero Harry Partridge.

2

Os sequestradores, como raposas voltando a uma toca oculta, haviam se refugiado em seu quartel— general temporário, a propriedade alugada ao sul de Hackensack, Nova Jersey.

Era um agrupamento de estruturas antigas, em deterioração — uma casa principal e mais três dependências —, que desde vários anos não eram usadas, até que Miguel, depois de estudar locações alternativas e anúncios nos jornais, assinou um contrato de aluguel de um ano, pagando adiantado. Um ano fora o prazo de locação mais curto sugerido pela corretora. Miguel, não desejando revelar que o lugar seria usado apenas durante pouco mais de um mês, concordou com as condições sem discutir.

O tipo de propriedade e sua localização — uma área abandonada, pouco habitada — eram ideais sob vários aspectos. A casa era grande, podia abrigar todos os sete membros da quadrilha colombiana, e o péssimo estado não tinha a

menor importância. Os prédios anexos permitiam manter seis veículos escondidos, fora da vista de quem passasse por ali. Não havia outras propriedades ocupadas nas proximidades, e a privacidade era aumentada pelas árvores e sebes ao redor. Uma vantagem adicional era o fato do aeroporto de Teterboro ficar perto, a apenas um quilômetro e meio de distância. Teterboro, usado principalmente por aviões particulares, figurava com destaque nos planos dos sequestradores.

Desde o início da conspiração que Miguel previra que logo depois da captura das vítimas haveria um tremendo clamor, com bloqueios nas estradas e buscas intensivas.

Por isso, ele decidira que qualquer tentativa de viajar por uma longa distância seria insegura. Por outro lado, devia haver um esconderijo temporário, a uma boa distância de Larchmont.

A propriedade de Hackensack ficava a cerca de quarenta quilômetros de estrada do ponto em que ocorrera o sequestro. A facilidade com que haviam voltado para lá e a ausência de perseguição provavam que o planejamento de Miguel fora eficaz — até agora.

Os três prisioneiros — Jessica, Nicholas e Angus Sloane -se encontravam agora na casa principal. Ainda drogados e inconscientes, haviam sido carregados para um quarto grande no segundo andar. Ao contrário de outros cômodos na casa dilapidada e cheia de mofo, aquele fora meticulosamente limpo e pintado de branco. Tomadas elétricas adicionais e lâmpadas fluorescentes no teto haviam sido instaladas. Havia um novo linóleo verde— claro no chão. O ex-médico, Baudelio, especificara e supervisionara as mudanças, executadas pelo mecânico e faz— tudo do grupo, Rafael.

Dois leitos de hospital, com grades nos lados, destacavam-se no meio do quarto. Jessica se achava deitada em um, Nicholas no outro. Os braços e pernas estavam presos por correias — uma precaução contra a possibilidade de recuperarem a consciência, embora isso não devesse acontecer por enquanto.

Embora a anestesiologia raramente fosse uma ciência exata, Baudelio estava confiante de que seus "pacientes" — como agora os considerava — permaneceriam inconscientes por outra meia hora, talvez mais. Ao lado dos dois leitos havia uma cama de metal estreita, com um colchão, arrumada às pressas para acomodar Angus, cuja presença não era esperada. Como parte da improvisação, seus braços e pernas estavam presos com cordas, em vez de correias. Mesmo agora, Miguel, observando do outro lado do quarto, não sabia o que fazer com o velho. Deveriam matá-lo e enterrar o corpo lá fora, depois do

anoitecer? Ou deveria ser incluído de alguma forma no plano original? Era preciso tomar uma decisão.

Baudelio trabalhava em tomo dos três corpos deitados, armando os suportes de soro intravenoso, ajustando as bolsas no lugar. Numa mesa coberta por uma toalha verde de algodão, ele arrumara instrumentos, pacotes de drogas e bandejas. Embora as sondas intravenosas para penetrar nas veias através da pele fossem tudo que provavelmente seria necessário, Baudelio tinha um hábito antigo de sempre ter outros equipamentos disponíveis para uso em dificuldades ou emergências. Era ajudado por Socorro, a mulher que tinha ligações tanto com o cartel de Medellín quanto com o Sendero Luminoso; durante seus vários anos de trabalho secreto nos Estados Unidos, ela se qualificara como assistente de enfermagem.

Os cabelos muito pretos, presos num coque por trás da cabeça, Socorro tinha um corpo esguio e gracioso, pele azeitonada, feições que poderiam ser atraentes se ela não exibisse uma expressão permanentemente amarga. Embora fizesse tudo que lhe era exigido e não esperasse favores por causa de seu sexo, Socorro raramente falava e nunca revelava o que se passava em sua mente. Também rejeitara, com palavrões veementes, as tentativas sexuais de alguns homens.

Por esse motivo, Miguel rotulara Socorro mentalmente como "a inescrutável". Embora soubesse que ela tinha dupla filiação e que o Sendero Luminoso insistira na sua inclusão no grupo de sequestro, ele não tinha motivos para desconfiar dela. Mas uma ou outra vez especulava se a longa exposição de Socorro ao ambiente americano não diluíra suas lealdades colombiana e peruana.

Era uma questão que a própria Socorro teria a maior dificuldade em respondei Por um lado, ela sempre fora uma revolucionária, inicialmente encontrando uma vazão para seu fervor com os guerrilheiros colombianos do M-19, e mais recentemente — de forma bem mais proveitosa — com o cartel de Medellín e o Sendero Luminoso. Sua convicção sobre os governos colombiano e peruano era a de que queria que a infame classe dominante fosse exterminada, e participaria do massacre com a maior felicidade. Ao mesmo tempo, fora doutrinada a considerar a estrutura de poder dos Estados Unidos como igualmente maléfica.

Contudo, depois de viver três anos ali, recebendo um tratamento justo e cordial, quando hostilidade e opressão seriam mais fáceis de aceitar, ela tinha dificuldades para continuar a desprezar e considerar como inimigos os Estados Unidos e seu povo.

Naquele momento, ela se esforçava ao máximo para odiar os três cativos — rebotalho da burguesia rica, ela garantiu a si mesma —, mas não conseguia de todo... que diabo!, não conseguia... porque a compaixão, numa revolucionária, era uma emoção desprezível! Mas depois que saísse daquele país desconcertante, como todos fariam muito em breve, tinha certeza de que poderia se sair melhor, ser mais forte, mais coerente em seus ódios.

De uma cadeira com o encosto inclinado para trás, no outro lado do quarto, Miguel disse a Baudelio: — Explique o que está fazendo.

Seu tom deixava claro que era uma ordem.

— Estou trabalhando depressa porque o efeito do Midazolam que apliquei neles passará em breve. Quando isso acontecer, começarei a dar injeções de propofol, um anestésico intravenoso, uma droga de ação mais prolongada do que a anterior e mais apropriada para o que temos pela frente.

Enquanto agia e falava, Baudelio parecia perder a sua personalidade normal, encovada, como um fantasma, voltando a se mostrar como o professor e anestesista que fora outrora. O mesmo efeito, o afloramento de uma dignidade havia muito descartada, ocorrera pouco antes do sequestro. Mas ele não demonstrava qualquer preocupação, agora ou antes, com o fato de suas habilidades estarem sendo criminosamente aviltadas ou que fossem desprezíveis as condições que partilhava.

— O propofol é uma droga de uso arriscado — continuou ele.

— A dose ideal para cada pessoa varia, e pode ocorrer a morte se uma quantidade muito grande se acumular no sangue. Por isso, inicialmente, as doses devem ser experimentais, controladas com o maior cuidado.

— Tem certeza de que pode cuidar disso? — indagou Miguel.

— Se tem dúvidas — respondeu Baudelio, sarcástico —, pode chamar outra pessoa para o meu lugar.

Como Miguel não respondesse, o ex-médico acrescentou: — Como eles estarão inconscientes quando os transportarmos, precisamos ter certeza de que não haverá vômito e aspiração para os pulmões. Por isso, haverá um período de fome enquanto esperamos. Mas eles não podem ficar desidratados, e por isso lhes darei líquidos por via intravenosa. Depois, ao final de dois dias, que é o tempo que você me diz que tenho, estaremos prontos para metê-los ali.

Baudelio gesticulou com a cabeça para a parede por trás. Havia dois caixões abertos encostados na parede, de construção sólida e forrados de seda. Um era menor do que o outro. As tampas ornamentadas haviam sido removidas, e se encontravam ao lado. Os caixões lembraram uma coisa a Baudelio.

Apontando para Angus Sloane, ele Perguntou: — Quer que eu o prepare também ou não? -se o levarmos, você dispõe de suprimentos médicos necessários? — Claro. Há uma reserva de tudo, para o caso de surgir alguma complicação. Mas precisaríamos de outros...

Os olhos de Baudelio voltaram aos caixões na parede. Miguel comentou, irritado: — Não preciso que me lembre disso.

Ainda assim, ele tinha dúvidas. As ordens originais de Medellín e do Sendero Luminoso especificavam o sequestro da mulher e do menino, e depois, o mais depressa possível, sua transferência para o Peru. Os caixões seriam um meio secreto de transporte; uma falsa história de cobertura fora projetada para evitar uma busca meticulosa dos inspetores alfandegários dos Estados Unidos na saída.

Uma vez no Peru, os prisioneiros se tomariam reféns altamente valiosos, peças de manobra no atendimento das exigências excepcionais do Sendero Luminoso, cuja natureza ainda seria revelada. Mas o acréscimo inesperado do pai de Crawford Sloane seria considerado como um preço adicional ou, àquela altura, como um risco e fardo desnecessário? Se houvesse algum meio de fazê-lo, Miguel teria procurado uma resposta de seus superiores. Mas o único canal de comunicação seguro não lhe estava aberto no momento, e ligar por um dos telefones celulares deixaria o registro de uma chamada. Miguel fora enfático com todos no grupo de operação em Hackensack: os telefones só podiam ser usados para o contato veículo/veículo ou veículo/quartel— general. Não haveria de jeito nenhum ligações para outros números. As poucas ligações externas necessárias haviam sido feitas de cabines telefônicas. Portanto, a decisão era exclusivamente sua. Devia também considerar que obter mais um caixão significaria assumir riscos adicionais. Valeria a pena? Miguel raciocinou que sim. Por experiência, sabia que era quase uma certeza que depois de apresentadas as exigências do resgaste de Sendero Luminoso seria necessário matar um dos prisioneiros e largar o corpo num lugar em que pudesse ser encontrado -a fim de demonstrar que os sequestradores não estavam para brincadeira. A presença de Angus Sloane representaria um corpo extra para esse propósito, ficando a mulher ou o menino para serem executados mais tarde, se fosse necessário insistir no argumento. Portanto, nesse sentido, o cativo extra era uma bonificação. E Miguel comunicou a Baudelio: — O velho também vai.

Baudelio acenou com a cabeça. Apesar da segurança exterior, sentia-se nervoso na presença de Miguel. É que na noite anterior ele cometera o que compreendia agora ter sido um erro grave, uma possível quebra da segurança de

todos. Quando estava sozinho, num momento de profunda solidão e desânimo, usara um dos telefones celulares numa ligação para o Peru. Falara com uma mulher, sua desmazelada companheira e única amiga, sempre ao seu lado nos porres frequentes, de quem sentia a maior saudade.

Foi por causa da ansiedade persistente sobre essa ligação que se mostrou lento na reação, quando se deparou com uma crise súbita e inesperada.

Jessica, durante a luta junto do supermercado de Larchmont, tivera apenas um ou dois minutos, primeiro de choque, depois de horror, para absorver a enormidade do que estava acontecendo. Mesmo depois que seus gritos foram silenciados pela mordaça metida em sua boca, continuara a se debater, em total desespero, sabendo que Nicky também fora apanhado pelos atacantes desconhecidos e que Angus perdera os sentidos, brutalmente golpeado. Momentos depois, porém, quando o forte sedativo injetado começou a circular por sua corrente sanguínea, a escuridão envolveu-a e ela mergulhou na mais profunda inconsciência.

Mas agora, sem saber por quanto tempo permanecera sem sentidos, ela revivia tudo, cada lembrança voltando. Tornou-se consciente, a princípio vagamente e depois com uma nitidez crescente, de sons ao redor. Tentou se mexer, falar, mas descobriu que não podia fazer nenhuma das duas coisas. Transferiu o esforço para os olhos, mas não foi capaz de abri-los.

Era como se estivesse no fundo de um poço de escuridão, tentando fazer alguma coisa, qualquer coisa, mas se descobrindo totalmente incapaz.

Depois, à medida que mais momentos passaram, as vozes se tomaram mais nítidas, a lembrança dos terríveis acontecimentos em Larchmont ficou mais clara.

E Jessica finalmente abriu os olhos.

Baudelio, Socorro e Miguel olhavam para outro lugar e não perceberam.

Jessica sentiu a sensação retomar a seu corpo, mas não entendeu por que não conseguia mover os braços e pernas, a não ser por uma pequena distância. Logo viu que o braço esquerdo se achava preso por uma correia, compreendeu que se encontrava no que parecia ser um leito de hospital, que o outro braço e as pernas estavam presos da mesma maneira.

Virou um pouco a cabeça e ficou paralisada de horror pelo que viu.

Nicky se encontrava em outro leito, preso como ela. E mais além Angus estava imobilizado por cordas. E depois — Oh, não! Oh, Deus! — > ela vislumbrou dois caixões abertos, um menor do que o outro, obviamente destinado a Nicky.

E no mesmo instante começou a gritar e se debater freneticamente.

E de alguma forma, em seu terror desvairado, conseguiu desvenciIhar o braço esquerdo.

Ouvindo os gritos, os três conspiradores viraram em sua direção. Por um momento, Baudelio, que deveria tomar uma iniciativa imedia, tá, ficou aturdido demais para se mexer. A esta altura, Jessica já vira a todos.

Ainda se debatendo desesperadamente, ela estendeu a mão esquerda, tentando pegar alguma coisa para usar como arma, a fim de se proteger e a Nicky. A mesa de instrumentos se encontrava ao seu lado. Seus dedos tatearam freneticamente, e ela pegou o que parecia ser uma faca de cozinha. Era um bisturi.

Baudelio, recuperando o controle, correu agora para ela. Vendo o braço livre de Jessica, tentou prendê-lo de novo, com a ajuda de Socorro.

Mas Jessica foi mais rápida. Em seu desespero, golpeou com o objeto de metal, conseguindo cortar o rosto de Baudelio e depois a mão de Socorro. Linhas vermelhas finas apareceram a princípio em ambos, um momento depois o sangue esguichou.

Baudelio ignorou a dor e tentou imobilizar o braço que se agitava. Miguel, adiantando-se apressado, acertou Jessica violentamente com o punho e depois ajudou Baudelio.

Com o sangue do ferimento de Baudelio pingando no leito e em Jessica, eles conseguiram prender de novo o braço que ela soltara.

Miguel recuperou o bisturi. Embora Jessica ainda se debatesse, de nada adiantava agora. Derrotada e impotente, ela desatou a chorar.

E logo em seguida surgiu outra complicação. O efeito do sedativo em Nicky também começava a passar. Consciente dos gritos e da proximidade da mãe, ele recuperou a consciência mais depressa. Também começou a gritar, mas apesar de todo o esforço não conseguiu se livrar das correias que o imobilizavam.

Angus, que recebera o sedativo depois, não se mexeu.

A esta altura, o barulho e a confusão eram imensos, mas Baudelio e Socorro sabiam que precisavam cuidar de seus próprios ferimentos antes de qualquer outra coisa.

Socorro, com o ferimento menor, pôs um esparadrapo adesivo no corte em sua mão, depois virou-se para ajudar Baudelio. Pôs chumaços de gaze em seu rosto, que logo ficaram encharcados de sangue.

Recuperando-se do choque inicial, ele acenou com a cabeça em agradecimento e depois apontou para o equipamento reunido, murmurando: — Ajude-me.

Socorro apertou a correia por cima do cotovelo esquerdo de Jessica. Baudelio inseriu uma agulha hipodérmica numa veia e injetou o propofol que preparara antes. Jessica, observando e gritando, lutou contra o efeito da droga, até que os olhos tomaram a fechar e ela mergulhou de novo na inconsciência.

Baudelio e Socorro deslocaram-se para Nicky e repetiram o processo. Ele também parou com os gritos angustiados e relaxou, o breve período de consciência encerrado.

Depois, para evitar o risco de Angus recuperar os sentidos e também criar problemas, aplicaram-lhe uma dose de propofol.

Miguel, embora não interferisse nesses estágios, acompanhara tudo com uma expressão furiosa. Agora, acusou Baudelio: — Seu idiota incompetente! — Os olhos pegando fogo, ele continuou: — Pinche cabrón! Poderia arruinar tudo! Sabe mesmo o que está fazendo?

— Claro que sei. — Apesar dos chumaços de gaze, o sangue escorria pelo rosto de Baudelio. — Cometi um erro de julgamento. Mas prometo que isso não tomará a acontecer.

Sem responder, o rosto vermelho de raiva, Miguel saiu do quarto.

Baudelio usou um espelho portátil para inspecionar o ferimento ensanguentado. No mesmo instante compreendeu duas coisas. Primeiro, ficaria com uma cicatriz, estendendo-se por todo o rosto, pelo resto de sua vida. Segundo e mais importante, o talho aberto precisava ser fechado e suturado imediatamente. Nas atuais circunstâncias, não podia ir a um hospital ou procurar outro médico. Baudelio sabia que não havia opção que não cuidar disso pessoalmente, por mais difícil e doloroso que pudesse ser.

E Socorro teria de ajudar, da melhor forma que pudesse.

No início do treinamento de medicina, Baudelio, como qualquer outro estudante, aprendera a suturar pequenos ferimentos. Mais tarde, como anestesista, observara centenas de incisões recebendo pontos. Depois, já trabalhando para o cartel de Medellín, também cuidara de alguns ferimentos; assim, conhecia os procedimentos necessários agora.

Sentindo-se fraco, sentou na frente do espelho e pediu a Socorro que buscasse sua maleta médica regular. Selecionou as agulhas cirúrgicas, fio de seda e um anestésico local, lidocaína.

Explicou a Socorro o que os dois teriam de fazer. Como sempre, ela pouco falou, a não ser um ocasional "Si" ou "Está bien!". Depois, sem mais conversa, Baudelio começou a injetar lidocaína pelas margens do ferimento.

Todo o procedimento levou quase duas horas, e a dor foi terrível, apesar do anestésico local. Por várias vezes, Baudelio esteve perto de desmaiar. A mão tremia com frequência, o que tornou as suturas irregulares. Aumentando as dificuldades, havia o efeito de trabalhar ao contrário, com um espelho. Socorro passava-lhe o que pedia e amparou-o uma ou duas vezes, quando ele quase desfalecia. Ao final, Baudelio conseguiu se aguentar; embora algumas suturas desajeitadas significassem que a cicatriz residual seria pior do que supusera a princípio, o talho no rosto estava fechado, e ele sabia que o ferimento sararia. Sabendo que— ainda teria de enfrentar a parte mais difícil da missão de Medellín/Sendero e que precisava de descanso, Baudelio tornou duzentos miligramas de Seconal e dormiu.

Por volta das 11:50, no apartamento em Port Credit, Harry Partridge ligou a tevê da sala de estar para uma emissora de Buffalo, Nova York — uma afiliada da CBA. Todas as emissoras de tevê de Buffalo, cujos sinais precisavam apenas percorrer cem quilômetros sem obstáculos através do Lago Ontário, eram captadas com toda clareza na região de Toronto.

Vivien saíra e não voltaria antes do meio da tarde.

Partridge queria assistir ao noticiário de meio-dia para saber das últimas notícias sobre o desastre da Muskegon Airlines, no Dallas-Fort Worth, no dia anterior.

Por isso, às 11h50, quando a programação foi interrompida pelo Boletim Especial da CBA, Partridge estava assistindo.

Ficou tão chocado e horrorizado quanto todo mundo. Seria mesmo verdade, ele se perguntou, ou apenas alguma incrível barriga? Mas a experiência lhe dizia que a CBA não transmitiria um boletim especial sem se certificar antes da autenticidade da história.

Enquanto observava o rosto de Don Kettering na tela e ouvia as informações, ele sentiu, mais do que qualquer outra coisa, uma preocupação pessoal por Jessica. E no meio de suas emoções havia também um ímpeto de camaradagem e compaixão por Crawford Sloane.

Partridge compreendeu também, sem sequer pensar a respeito, que suas férias, mal iniciadas, já haviam acabado.

Por isso, não foi surpresa receber um telefonema 45 minutos depois, pedindo-lhe que seguisse imediatamente para o quartel-general da CBA, em

Nova York. A surpresa foi se tratar de um apelo pessoal de Crawford Sloane.

A voz de Sloane, Partridge percebeu, estava quase incontrolável. Depois das preliminares, Sloane disse: — Preciso desesperadamente de você, Harry. Les e Chuck estão organizando uma unidade especial; vai operar em dois níveis: as notícias diárias no ar e uma investigação em profundidade. Perguntaram-me quem eu queria no comando. Respondi que só tinha uma escolha: você.

Em todos os anos de conhecimento, Partridge compreendeu que nunca haviam sido mais íntimos do que naquele momento.

— Aguente firme, Crawf. Seguirei no próximo voo.

— Obrigado, Harry. Há alguém em especial que queira trabalhando com você?

— Há, sim. Descubra Rita Abrams onde quer que ela esteja, em algum lugar do Minnesota, e chame-a. Também quero Minh Van Canh.

— Se eles não estiverem esperando quando você chegar aqui, aparecerão logo em seguida. Mais alguém?

Pensando depressa, Partridge disse: — Quero Teddy Cooper, de Londres.

— Cooper? — Sloane parecia perplexo, mas depois se lembrou. — Ele não é o pesquisador de nosso escritório?

— Isso mesmo.

Teddy Cooper era inglês, um produto de 25 anos do que os britânicos chamavam com esnobismo de uma universidade de tijolos vermelhos, um cockney jovial que poderia ser bem-sucedido numa audiência para *Me and My Girl*. Era também, na opinião de Partridge, um quase gênio em converter uma pesquisa comum em trabalho de detetive e acompanhá-lo com deduções hábeis.

Quando trabalhava na Europa, Partridge descobrira Cooper, que na ocasião ocupava um cargo subalterno de bibliotecário na BBC. Partridge ficara impressionado com um inventivo trabalho de pesquisa que Cooper realizara para ele. Mais tarde, fora fundamental na contratação de Cooper pelo escritório da CBA em Londres, com mais dinheiro e melhores perspectivas.

— Pois vai tê-lo — garantiu Sloane. — Ele embarcará no primeiro Concorde que partir de Londres.

— Se achar que está em condições, eu gostaria de fazer algumas perguntas, a fim de ter alguma coisa em que pensar enquanto volto a Nova York.

— Pode falar.

O que se seguiu foi quase uma repetição do interrogatório de Havelock, o agente do FBI. Houve ameaças? Algum antagonismo especial? Experiências

fora do normal? Havia alguma noção, mesmo vaga, sobre quem poderia ter sido? Havia mais algum fato conhecido além do que fora transmitido? As perguntas eram necessárias, mas todas as respostas foram negativas.

— Há mais alguma coisa de que se lembre — insistiu Partridge —, talvez algum pequeno incidente que possa ter descartado na ocasião ou ao qual não prestou muita atenção, mas que talvez se relacione com o acontecimento?

— A resposta é não no momento — disse Sloane. — Mas pensarei a respeito.

Depois de desligar, Partridge retornou os preparativos para a viagem. Antes mesmo da ligação de Sloane, ele já começara a arrumar uma valise que esvaziara apenas meia hora antes.

Telefonou para a Air Canada, fazendo uma reserva no voo que partiria do aeroporto internacional Pearson de Toronto às 14:45. Deveria chegar no aeroporto La Guardia, em Nova York, às 16h. Ligou em seguida para o serviço de táxis, pedindo que um carro viesse buscá-lo dentro de vinte minutos.

Depois de providenciar tudo, Partridge escreveu um bilhete de despedida para Vivien. Sabia que ela ficaria desapontada com sua partida abrupta, como ele próprio se sentia. Junto com o bilhete, deixou um cheque generoso para cobrir a reforma do apartamento que haviam discutido.

Enquanto olhava ao redor, à procura de um lugar para deixar o bilhete e o cheque, uma campainha soou no apartamento. Era o interfone, do saguão lá embaixo. O táxi pedido chegara.

A última coisa que ele viu, antes de sair, foram os ingressos para o concerto de Mozart no dia seguinte, em cima do aparador. E refletiu, tristemente, que aquilo -assim como outros ingressos e convites não aproveitados no passado — representava, mais do que qualquer outra coisa, o padrão incerto de um jornalista de tevê.

O voo da Air Canada era sem escalas, um 727 só de classe econômica. Um movimento mínimo de passageiros permitiu que Partridge ocupasse sozinho uma fileira de três poltronas. Assegurara a Sloane que se concentraria no sequestro a caminho de Nova York e tencionava começar a Planejar a direção que ele e o grupo investigativo da CBA deveriam assumir. Mas as informações eram mínimas, e obviamente ele precisava de mais. Por isso, acabou desistindo depois de algum tempo e permitiu que seus pensamentos vagueassem, enquanto tomava um gim-tônica.

Pensou em Jessica e ele, num nível pessoal.

Ao longo dos anos, desde o Vietnã, acostumara-se a considerar Jessica como pertencente apenas ao passado, alguém que outrora amara, mas que não lhe era mais relevante e de qualquer forma se encontrava muito além de seu alcance. Até certo ponto, Partridge compreendia, seu pensamento fora um ato de autodisciplina, uma salvaguarda contra sentir pena de si mesmo, pois detestava a autocompaixão.

Mas agora, porque Jessica corria perigo, admitiu para si mesmo que se importava com ela tanto quanto antes, sempre se importara. Enfrente a verdade, ainda está apaixonado por ela. Estou mesmo. E não por uma lembrança vaga, mas por uma pessoa viva, real.

Assim, qualquer que fosse o seu papel na busca por Jessica — e o próprio Crawf lhe pedira que fosse destacado —, sabia que seu amor por Jessica o impulsionaria e sustentaria, mesmo que o mantivesse em segredo, ardendo em seu íntimo.

E depois, com o que reconheceu como um característico toque de humor sutil, ele se perguntou: Estou sendo desleal? Desleal com quem? Claro que com Gemma, que estava morta.

Ah, Gemma querida! Antes, naquele mesmo dia, quando recordara a única exceção à sua aparente incapacidade de chorar, quase deixara que as lembranças o dominassem.

Mas repelira-as, pois eram mais do que podia suportar. Agora, no entanto, as lembranças de Gemma voltavam incontroláveis. Ela sempre voltará, pensou Partridge.

Poucos anos depois de servir no Vietnã e participar de algumas outras missões também árduas, a CBA enviara Partridge para ser o correspondente residente em Roma.

Permaneceu ali durante quase cinco anos.

Em todas as redes de televisão, o serviço no escritório em Roma era considerado um prêmio. O padrão de vida era elevado, os custos modestos em comparação com outras cidades grandes; embora pressões e tensões fosse inevitavelmente transmitidas de Nova York, o ritmo de vida local era descontraído e fácil.

Além de informar as histórias locais e às vezes de outras regiões bem distantes, Partridge também fazia a cobertura do Vaticano. Em diversas ocasiões viajara em aviões papais, acompanhando o papa João Paulo II nas peregrinações internacionais do pontífice.

E foi numa dessas viagens papais que ele conheceu Gemma.

Partridge muitas vezes se divertia com a pressuposição das pessoas de fora de que uma viagem aérea papal era um exercício de decoro e comedimento. Na verdade, não era. Na seção de imprensa em particular, no fundo do avião, ocorria justamente o inverso. Invariavelmente havia muita diversão e bebida — um suprimento ilimitado e gratuito — e durante os longos voos noturnos podia haver até aventuras sexuais.

Partridge ouvira uma vez o avião papal ser descrito por um colega correspondente como tendo diferentes níveis, do inferno ao paraíso, como no Inferno de Dante. (Embora nunca houvesse qualquer aparelho permanente reservado para os voos do papa, a configuração interior especial era geralmente a mesma em todas as viagens.) Na frente do avião, em cada viagem, havia uma cabine espaçosa, arrumada para o papa. Continha uma cama e duas poltronas grandes e confortáveis, às vezes três.

A seção seguinte era ocupada pelos membros mais graduados da comitiva do papa -seu secretário de Estado, alguns cardeais, o médico, secretário e valete do papa.

Outra divisória era reservada aos bispos e sacerdotes de postos inferiores.

Em algum intervalo entre as cabines da frente e dependendo do tipo de avião, havia um espaço aberto, onde eram guardados todos os presentes recebidos pelo papa na viagem. Era sempre uma pilha grande e rica.

E, finalmente, havia o último compartimento no avião — para os jornalistas. A disposição das poltronas ali era da classe turista, mas com um serviço de primeira classe, muitas aeromoças, comida e vinho magníficos. Havia também presentes generosos para os jornalistas, geralmente da empresa aérea envolvida, que quase sempre era a Alitalia. As empresas aéreas, sempre espertas em relações públicas, reconheciam uma boa oportunidade para publicidade quando a encontravam.

Quanto aos jornalistas propriamente ditos, constituíam um grupo médio de sua profissão, uma mistura internacional de repórteres de jornal, televisão e rádio, o pessoal de televisão acompanhado pelas equipes técnicas — todos com os interesses normais, o ceticismo normal e uma tendência às vezes para um comportamento irreverente.

Embora nenhuma rede de televisão jamais admitisse abertamente, o fato é que particularmente preferiam que os correspondentes noticiando assuntos religiosos, como uma viagem papal, não estivessem comprometidos profundamente com qualquer fé. Um adepto da religião, temiam as redes,

enviaria notícias insípidas. Preferia-se um saudável ceticismo. Sob esse aspecto, Harry Partridge atendia aos requisitos. Cerca de sete anos depois de suas próprias experiências em voos papais, Partridge sentira a maior admiração pela reportagem de Judd Rose, da ABC, que estava cobrindo uma visita do papa João Paulo II a Los Angeles. Rose conseguira encontrar um equilíbrio entre a notícia objetiva e o pirronismo em seus comentários:

Para a capital da mídia que é Hollywood, trata-se de um evento que é um presente do céu, Toda a pompa de um casamento real, todo o espetáculo de uma final do campeonato nacional de futebol americano — e tudo isso com um elenco de milhares de pessoas e um astro incomparável... A tecnologia da era espacial e imagens dramáticas — é o tipo de coisa que João Paulo aprecia e a câmera adora.

Meticulosamente hábil e controlado. Fala com frequência, mas raramente lhe dirigem a palavra. A única ocasião em que os repórteres podem fazer perguntas é em breves entrevistas no avião, quando ele viaja... A cobertura da mídia foi ampla. A viagem papal tornou-se uma extravagância eletrônica, como o Live Aid ou Liberty Weekend. Alguns católicos especulam se alguém perceberá a diferença. Teologia e tecnologia — é uma poderosa união, e João Paulo a usa para pregar sua mensagem, como nenhum papa anterior pôde fazê-lo. O mundo está assistindo, mas o verdadeiro teste do grande comunicador é se estamos também escutando.

Rose estava absolutamente certa, refletiu Partridge, sobre aquela oportunidade de fazer perguntas ao papa a bordo do avião papal. E, na verdade, se não fosse por um desses breves intercâmbios de perguntas e respostas, o que se desenvolvera entre ele e Gemma poderia nunca ter acontecido.

Era uma das viagens mais longas do papa João Paulo -a quase uma dúzia de países na América Central e Caribe, num DC-10 da Alitalia. Houvera um voo noturno, e no início da manhã seguinte, cerca de duas horas antes de um desembarque previsto, o papa aparecera inesperadamente no compartimento posterior reservado à imprensa.

Vestia o traje cotidiano — uma batina branca, um solidéu na cabeça, mocassins marrons —, era o normal, exceto quando se arrumava especialmente para uma missa papal.

Ele parou perto de Harry Partridge, com uma expressão pensativa. Dentro do compartimento de imprensa, as luzes das câmeras de tevê começaram a acender; vários repórteres ligaram gravadores. Partridge levantou-se e,

esperando iniciar uma conversa que pudesse ser noticiada, indagou polidamente: — Sua Santidade dormiu bem?

O papa sorriu. — Muito pouco.

Aturdido, Partridge perguntou: — Muito pouco, Santidade? Poucas horas?

Não houve resposta, apenas um ligeiro aceno de cabeça. Embora João Paulo fosse um grande conhecedor de várias línguas, às vezes seu inglês era solecista. Partridge poderia conversar adequadamente em italiano, mas queria as palavras do papa na língua dos espectadores da CBA.

E resolveu tentar uma pergunta mais jornalística. Desde várias semanas havia discussão e controvérsia sobre uma possível visita papal à União Soviética.

— Sua Santidade deseja visitar a Rússia?

Desta vez houve uma resposta compreensível: — sim. — E depois o papa acrescentou: — Os poloneses e russos são todos escravos. Mas são todos o meu povo.

Antes que fosse possível dizer mais alguma coisa, o papa virou-se e afastou-se, retomando a seus aposentos particulares no avião.

Houve um burburinho imediato entre os repórteres, em várias línguas, de perguntas e especulações. As aeromoças da Alitalia, que preparavam o café da manhã, pararam de trabalhar e ficaram escutando atentamente. Alguém no grupo da imprensa disse: — Vocês ouviram o que ele disse... escravos.

Partridge olhou para seu cinegrafista e técnico de som. Ambos sinalizaram com a cabeça. O técnico de som informou: — Gravamos.

Alguém mais estava tocando uma gravação. Ouviu-se nitidamente a palavra "escravos".

Um repórter britânico comentou, em dúvida: — Ele devia estar querendo dizer "eslavos". Também é um eslavo, combina.

— "Escravos" dá uma história muito melhor — declarou outra voz.

E tinha toda razão. Partridge sabia disso. A transmissão literal da descrição de "escravos" criaria interesse e discussão no mundo inteiro, talvez provocasse um incidente internacional, com acusações e protestos entre o Kremlin, Varsóvia e o Vaticano. Poderia haver embaraço para o papa, prejudicando sua viagem triunfal.

Partridge era um dos mais velhos e experientes a bordo, respeitado pelos colegas. Alguns dos outros o fitaram, à espera de uma indicação.

Ele refletiu por um instante. Era uma história sensacional, algo que raramente acontecia numa viagem papal. Poderia não haver outra igual. Sua

inclinação, como um cético, era usá-la. E no entanto... o ceticismo não prevaleceu sobre a decência; e para alguém no ramo, a ética jornalística existia.

Tomando sua decisão, Partridge disse claramente, para que todos pudessem ouvi-lo: — Ele queria dizer "eslavos". Isso é óbvio. Não vou usar a declaração.

Não houve discussão ou consenso expresso, mas depois ficou evidente que ninguém mais usou o incidente.

Enquanto os repórteres e técnicos voltavam a suas poltronas, as aeromoças da Alitalia retomaram o trabalho.

Quando a bandeja do café da manhã de Partridge foi servida, continha uma coisa extra, que não era oferecida aos outros — um pequeno copo de vidro, com uma única rosa.

Ele levantou os olhos para a jovem aeromoça que trouxera a bandeja, sorridente, em seu elegante uniforme verde e preto. Já a notara antes várias vezes e ouvira as outras aeromoças chamarem-na de Gemma. Mas agora sentiu-se inesperadamente ofegante por sua proximidade, incapaz de falar por um instante.

Para sempre depois, especialmente em momentos de terrível solidão, haveria de se lembrar de Gemma como ela era naquele momento mágico — aos 23 anos, linda, cabelos compridos, escuros e lustrosos, olhos castanhos e faiscantes, transbordando de vida e alegria como uma fragrante flor matutina no ar viçoso da primavera, numa encosta verdejante e ensolarada.

Com um constrangimento inesperado, ele apontou para a rosa. Mais tarde saberia que ela fora até a frente do avião e a furtara da cabine do papa. Agora, ele perguntou: — Por que isso para mim? Gemma sorriu e disse, com um suave sotaque italiano: — Trouxe porque você é um homem bom e gentil. Gosto de você.

Até para si mesmo, sua resposta parecia inadequada e banal: — Também gosto de você.

Mas banal ou não, foi naquele momento que começou seu imenso e eterno amor por Gemma.

Partridge trouxe os pensamentos de volta ao presente pouco antes do voo da Air Canada pousar em Nova York. Foi o primeiro a sair do avião e passou rapidamente pelo terminal de La Guardia. Levando apenas a bagagem de mão, pôde deixar o aeroporto sem demora, pegando um táxi para a sede da CBA.

Foi direto para a sala de Chuck Insen, mas encontrou-a vazia. Um produtor sênior da Ferradura gritou do outro lado: — Ei, Harry, Chuck está na entrevista coletiva de Crawf! Toda a coisa está sendo gravada! Você poderá

assistir! Um momento depois, quando Partridge já se encaminhava para a Ferradura, o produtor acrescentou: — E caso ninguém ainda tenha lhe informado, Crawf ficará nos bastidores hoje. Você é que vai enfrentar as câmeras.

Naquela noite, no esconderijo da quadrilha de Medellín em Hackensack, Miguel manteve um rádio sintonizado numa estação só de notícias. Em companhia de vários outros, também sintonizou uma televisão portátil, passando de um noticioso para outro, todos com reportagem sobre o sequestro da família Sloane.

Apesar do intenso interesse e especulação, era evidente que nada se descobrira até agora sobre a identidade ou motivações dos sequestradores. As autoridades policiais também não tinham conhecimento da rota de fuga ou de quaisquer áreas específicas em que os sequestradores e suas vítimas pudessem estar escondidos. Algumas informações sugeriam que poderiam estar agora a muitos quilômetros de Nova York Outras revelavam que veículos suspeitos haviam sido detidos em barreiras na estrada em lugares tão distantes quanto Ohio, Virgínia e a fronteira canadense. Várias prisões de criminosos haviam resultado da atividade policial, mas nenhuma ligada ao caso dos Sloanes.

Descrições de um furgão de passageiros Nissan, que se acreditava ter sido usado pelos sequestradores, ainda eram divulgadas. Isso significava que o furgão abandonado por Carlos em White Plains não fora encontrado. Carlos retomara são e salvo à casa em Hackensack horas antes.

Entre Miguel e os outros havia um senso de alívio, embora todos soubessem que forças policiais de toda a América do Norte os procuravam, e sua segurança era apenas temporária. Por causa dos perigos ainda pela frente, Miguel instituíra um plantão de guarda. Mesmo agora, Luís e Júlio patrulhavam lá fora, com submetralhadoras Beretta, tentando permanecer nas sombras da casa e dos outros prédios.

Miguel sabia que se o esconderijo fosse descoberto e a polícia atacasse em plena força, não havia muita possibilidade de escaparem. Nesse caso suas ordens originais eram claras: nenhuma das vítimas do sequestro podia escapar com vida. Agora, a única coisa que mudara era fato da ordem se aplicar a três pessoas, em vez de duas.

Dos vários noticiosos de tevê a que Miguel assistiu, o que mais interessou foi o da CBA. Divertiu-o constatar que Crawford Sloane não ocupava sua posição habitual; o substituto foi alguém chamado Partridge, que Miguel se

lembrava vagamente de já ter visto antes. Sloane, no entanto, foi entrevistado ao vivo e mostrado numa entrevista coletiva gravada antes.

A entrevista coletiva teve uma presença concorrida de repórteres de jornal, televisão e rádio, além de equipes de vídeo e áudio, Foi realizada em outro prédio da CBA, a um quarteirão da sede jornalística. Cadeiras dobráveis foram arrumadas às pressas num palco de som; todas foram ocupadas, e muitos participantes ficaram de pé.

Não houve apresentações formais, e Crawford Sloane iniciou-a com uma breve declaração. Expressou seu choque e ansiedade, depois apelou aos meios de comunicação e ao público por qualquer informação que pudesse ajudar a revelar onde estavam sua esposa, filho e pai e quem os sequestrara. Anunciou que um centro telefônico da CBA com um número determinado fora preparado para receber informações. O centro já estava guarnecido por telefonistas e um supervisor. Uma voz comentou: — Vão receber muitos telefonemas de malucos.

Sloane respondeu: — Correremos o risco. Tudo que precisamos é de alguma informação concreta. Alguém, em algum lugar, pode fornecê-la.

Por duas vezes, durante sua declaração, Sloane teve de fazer uma pausa para controlar a emoção na voz. Houve um silêncio compreensivo nas duas ocasiões. Uma matéria no *Los Angeles Times* no dia seguinte descreveu-o como "digno e impressivo nas circunstâncias angustiantes".

Sloane anunciou que responderia a perguntas.

A princípio, o interrogatório foi também compreensivo e simpático. Mas depois, como era inevitável, começaram as perguntas mais difíceis. Uma repórter da Associated Press indagou: — Acha que é possível, como algumas pessoas já estão especulando, que sua família tenha sido sequestrada por terroristas estrangeiros?

Sloane sacudiu a cabeça.

— Ainda é muito cedo para pensar a respeito.

A repórter da AP protestou: — Está se esquivando à pergunta. Indaguei se achava que era possível.

— Acho que é possível — admitiu Sloane.

Alguém de uma emissora de tevê local fez a pergunta eterna: — Como se sente em relação a isso?

Alguém mais soltou um grunhido, e Sloane sentiu vontade de responder: Como você se sentiria? Em vez disso, limitou-se a dizer: — Obviamente, espero que não seja verdade.

Um ex-correspondente grisalho da CBA, agora com a CNN, levantou um exemplar do livro de Sloane.

— Continua a acreditar, como escreveu aqui, que "os reféns devem ser dispensáveis" e ainda se opõe ao pagamento de resgate... "direta ou indiretamente, em quaisquer circunstâncias"?

Sloane previra a pergunta, e respondeu: — Não creio que alguém tão emocionalmente envolvido quanto estou neste momento possa ser objetivo em relação a isso.

— Ora, Crawf, deixe disso! — insistiu o homem da CNN. — Se estivesse no meu lugar, não deixaria ninguém escapar com uma resposta assim. Farei a pergunta de outra maneira: está arrependido de ter escrito essas palavras?

— Neste momento me descubro a desejar que não fossem citadas contra mim.

Outra voz gritou: — Não estão sendo usadas contra você, e isso ainda não é uma resposta.

Uma repórter de um programa da ABC elevou sua voz penetrante: — Tenho certeza que sabe que sua declaração de que reféns americanos eram dispensáveis causou uma profunda consternação a famílias que têm parentes ainda prisioneiros no Oriente Médio. Sente mais compaixão por essas famílias agora?

— Sempre senti compaixão, mas neste momento tenho provavelmente uma compreensão melhor da angústia dessas pessoas.

— Está querendo nos dizer que era errado o que escreveu?

— Não, não estou querendo dizer isso.

— Então, se for exigido um resgate, dirá um não intransigente?

Sloane levantou os braços, desamparado.

— Está me pedindo para especular sobre uma coisa que não ocorreu. Não posso responder a isso.

Embora não gostasse do que estava acontecendo, Sloane agradeceu mentalmente por ter participado como interrogador implacável em muitas entrevistas coletivas no passado.

Houve uma indagação insólita de *Newsday*: — Não se sabe muito a respeito do seu filho Nicholas, Sr. Sloane.

— É porque mantemos privada nossa vida familiar. Minha esposa exige que seja assim.

— Não é mais privada — ressaltou o repórter. — Fui informado de que Nicholas é um músico talentoso e pode um dia se tomar um pianista de concerto.

É verdade?

Sloane sabia que, em outras circunstâncias, Jessica reagiria à pergunta como uma intromissão indevida. Naquele momento, no entanto, ele não sabia como seria possível evitar uma resposta.

— Nosso filho ama a música, sempre amou, os professores dizem que está muito adiantado para sua idade. Quanto a ser um pianista de concerto ou qualquer outra coisa, só o tempo dirá.

Finalmente, quando as perguntas pareciam definhar, Leslie Chippingham adiantou-se e declarou que a entrevista estava encerrada.

Sloane foi cercado no instante seguinte por alguns jornalistas que queriam apertar sua mão e desejar boa sorte. E depois, tão depressa quanto podia, tratou de se retirar.

3

Miguel, depois de se inteirar de todas as notícias que queria, desligou a televisão e analisou com todo cuidado o que soubera.

Primeiro, ninguém desconfiava da participação do cartel de Medellín ou do Sendero Luminoso no sequestro. Àquela altura, isso era bastante útil. Segundo, o que também era útil, não havia descrições dele ou dos outros seis conspiradores. Se as autoridades tivessem de alguma forma obtido descrições, era quase certo que já as teriam divulgado agora.

Tudo isso, refletiu Miguel, tomava um pouco menos perigoso o que tencionava fazer em seguida.

Precisava de mais dinheiro, e para consegui-lo devia telefonar esta noite e marcar um encontro no prédio da ONU ou nas proximidades no dia seguinte.

Desde o inicio fora um problema obter dinheiro suficiente nos Estados Unidos. O Sendero Luminoso, que financiava a operação, tinha muito dinheiro no Peru. A dificuldade era contornar as leis peruanas de controle de câmbio e transferir os dólares para Nova York, ao mesmo tempo em que se mantinha em segredo a movimentação do dinheiro — sua fonte, itinerário e destino.

A operação fora realizada de forma engenhosa, com a ajuda de um simpatizante revolucionário, um aliado do Sendero situado nos altos escalões do sistema bancário de Lima. Seu cúmplice em Nova York era um diplomata peruano, assessor do embaixador do Peru na ONU A quantia para os fundos de operação prevista durante o planejamento pelo Sendero e o cartel de Medellín fora de 850 mil dólares. Incluía os pagamentos ao pessoal, transporte, despesas

gerais, aluguel de uma base de operações secreta, aquisição de seis veículos, suprimentos médicos, os caixões, pagamentos no distrito da Pequena Colômbia no Queens por ajuda discreta e armas de fogo, comissões no Peru e Nova York nas transferências de dinheiro, além de subornos a uma dirigente bancária americana.

Haveria também o custo de levar os cativos em avião particular dos Estados Unidos para o Peru.

Quase todo o dinheiro gasto em Nova York fora obtido por Miguel através da fonte na ONU.

A operação era a seguinte: o banqueiro em Lima sub-repticiamente convertia os recursos que lhe eram entregues pelo Sendero Luminoso em dólares americanos, cinquenta mil de cada vez. Efetuava as transferências para um banco em Nova York, na Dag Hammarskjöld Plaza, perto da sede da ONU, onde o dinheiro era posto numa subconta especial da delegação peruana na ONU. A existência dessa subconta só era conhecida por José Antônio Salaverry, o assessor de confiança do embaixador peruano na ONU, que tinha autorização para assinar cheques, e pela assistente da diretoria do banco, Helga Efferen. A mulher cuidava pessoalmente da subconta especial.

José Antônio Salaverry era outro adepto secreto do Sendero, embora não se recusasse a aceitar uma comissão pelos recursos transferidos. Helga deitava regularmente com o insidioso Salaverry, e os dois levavam uma vida suntuosa, ao estilo de Nova York, muito além de suas condições, frequentando festas e acompanhando o ritmo perdulário dos diplomatas na ONU. Por esse motivo, o dinheiro extra que ganhavam através da transferência secreta dos recursos era recebido com o maior entusiasmo.

Sempre que precisava de mais dinheiro, Miguel telefonava para Salaverry e comunicava a quantia. Marcavam o encontro um ou dois dias depois, geralmente no prédio da ONU, de vez em quando em outro lugar. Salaverry providenciava uma pasta cheia de dinheiro, Miguel deixava o encontro com a pasta Apenas uma coisa incomodava Miguel. Em uma ocasião, Salaverry deixara escapar que podia não saber do propósito específico do dinheiro Ou onde Miguel e os outros de Medellín estavam escondidos, mas tinha uma boa noção de seu objetivo. Miguel sabia que isso só podia significar que houvera um vazamento da segurança no Peru. Não havia nada que pudesse fazer a respeito agora, mas ele procurava ser cauteloso nos contatos com José Antônio Salaverry.

Miguel olhou para o telefone celular ao seu lado. Por um momento sentiu-se tentado a usá-lo, mas sabia que não devia fazer isso, era preciso sair.

Havia um telefone público que já usara antes num café a oito quarteirões de distância. Ele consultou o relógio: 7h10 da noite. Com um pouco de sorte, encontraria Salaverry no seu apartamento em Manhattan.

Pôs um sobretudo e saiu, foi andando apressado, atento a qualquer sinal de atividade excepcional na área. Não havia nenhuma.

Durante a caminhada, ele pensou outra vez na entrevista coletiva de Crawford Sloane que fora transmitida pela televisão. Miguel se interessara pela referência a um livro de Sloane que aparentemente incluía declarações sobre nunca pagar resgate e de que "os reféns deveriam ser dispensáveis". Miguel não sabia antes do livro e tinha certeza de que os outros no cartel de Medellín e no Sendero Luminoso também o ignoravam. Mas duvidava que o conhecimento pudesse afetar a decisão de sequestrar a família de Sloane; o que alguém escrevia para publicação e o que sentia e fazia em particular eram muitas vezes coisas diferentes. De qualquer forma, porém, não tinha a menor importância agora.

Outro ponto de interesse da entrevista fora a descrição do pirralho de Sloane como um possível pianista de concerto. Sem qualquer noção definida de como poderia aproveitar a informação, Miguel tratou de guardá-la.

Ao chegar ao café, Miguel constatou que havia apenas umas poucas pessoas lá dentro. Entrando, seguiu direto para o telefone público, que ficava nos fundos, discou um número que memorizara. Depois de três toques da campainha, Salaverry atendeu, dizendo "Alô" com um forte sotaque hispânico.

Miguel bateu três vezes com a unha no bocal do telefone, um sinal que o identificava. E depois disse, em voz baixa: — Amanhã de manhã. Cinquenta caixas.

Uma "caixa" representava mil dólares. Ele ouviu uma rápida exclamação de espanto no outro lado da linha. E a voz parecia assustada: — Estás loco? Telefonando para cá esta noite? Onde você está? A ligação pode ser traçada?

Miguel disse, em tom desdenhoso: — Acha que sou um *pendejo*?

Ao mesmo tempo, compreendeu que Salaverry o ligara aos acontecimentos daquele dia; assim, seria perigoso encontrá-lo. Mas não havia alternativa. Precisava de dinheiro para comprar, entre outras coisas, o caixão adicional para Angus Sloane. Além disso, Miguel sabia que ainda restava muito na conta em Nova York e queria algum dinheiro extra antes de deixar o país. Tinha certeza de que comissões mais do que justas já haviam ficado nos dedos imundos de José Antônio Salaverry.

— Não podemos nos encontrar amanhã — declarou Salaverry. — É um prazo muito curto para sacar o dinheiro. E não deve...

— Cállate! Não desperdice meu tempo! — Miguel apertou o telefone com toda força, controlando sua raiva, mas ainda falando baixo para que os outros no café não ouvissem. — Estou lhe dando uma ordem. Providencie as cinquenta caixas bem cedo. Irei procurá-lo da maneira habitual, pouco antes de meio-dia. Se falhar, sabe como nossos amigos comuns podem ficar furiosos e como têm um braço comprido.

— Calma, calma... Não há motivo para se preocupar. — Havia um súbito tom conciliador na voz de Salaverry. Ninguém podia ignorar uma ameaça de vingança do infame cartel de Medellín. — Farei o melhor possível.

Miguel disse bruscamente: — Não falhe. Eu o verei amanhã. Ele desligou e deixou o café.

O esconderijo em Hackensack, os três cativos permaneciam inconscientes, sob a vigilância de Socorro. Ao longo da noite, ela aplicou doses adicionais de propofol, como Baudelio instruíra; verificou os sinais vitais e registrou tudo. Pouco antes do amanhecer, Baudelio despertou de seu sono de sedativo. Depois de estudar os registros médicos de Socorro, balançou a cabeça em aprovação e substituiu-a.

No início da manhã, Miguel, que tivera um sono irrequieto, tornou a sintonizar os noticiosos da tevê. O sequestro dos Sloanes ainda era a notícia principal, embora não houvesse novas informações.

Pouco depois, Miguel comunicou a Luís que às onze horas os dois seguiriam para Manhattan no carro fúnebre.

Era o sexto veículo do grupo, um Cadillac em bom estado, comprado de segunda mão. Até agora só o haviam usado duas vezes. No resto do tempo o carro permanecera escondido na casa em Hackenalc. Os outros chamavam-no de *El Angel Negro*. O chão do interior do veículo, onde normalmente ficava o caixão, era de pau— rosa; roletes de borracha garantiam a passagem suave do caixão. Os lados internos e o teto eram forrados com veludo azul-escuro.

Miguel originalmente planejara usar o carro fúnebre apenas como um meio final de transporte, antes da viagem aérea para o Peru, mas agora era obviamente o veículo mais seguro. Os carros e o caminhão GMC haviam tido uma exposição demasiada, especialmente durante a vigilância em Larchmont, e àquela altura era possível que suas descrições já tivessem sido fornecidas à polícia e distribuídas.

O tempo mudara para um aguaceiro, com fortes rajadas de vento, o céu cinzento.

Com Luís ao volante, deram uma volta grande para deixar Hackensack, mudando de direção várias vezes e parando em duas ocasiões para se certificarem de que não estavam sendo seguidos. Luís guiava o carro fúnebre com um cuidado extra por causa das estradas escorregadias e da visibilidade precária à frente dos limpadores de para— brisa em movimento. Seguindo para o sul pelo lado de Nova Jersey do Rio Hudson até Weehawken, eles entraram no Túnel Lincoln e saíram em Manhattan às 11:45.

Miguel e Luís usavam ternos escuros com gravata, o traje apropriado num carro fúnebre.

Depois de deixarem o túnel, seguiram para leste pela Rua 40. A chuva forte engarrafava o tráfego, e o progresso era angustiosamente lento. Miguel observava os pedestres andando devagar nas calçadas apinhadas.

Divertia-o o paradoxo de atravessar a cidade de Nova York num carro fúnebre. Por um lado, o veículo chamava atenção demais para o propósito deles; por outro, impunha respeito. Num cruzamento anterior, um guarda de trânsito parará os outros veículos e acenara para Que eles passassem.

Miguel também notou que muitas pessoas desviavam os olhos apressadamente ao verem o carro fúnebre. Já observara a mesma coisa antes, e especulou agora: Seria a lembrança da morte, o fim de tudo, que perturbava as pessoas? Ele nunca temera a sua própria morte, embora não tivesse a menor intenção de facilitar para os outros esse evento.

Mas qualquer que fosse o motivo, não tinha importância. O que importava era que ninguém na multidão ao redor provavelmente pensaria que naquele carro fúnebre em particular, tão perto que quase podiam tocá-lo, viajavam dois dos mais procurados criminosos do país, autores de um crime que era a notícia mais sensacional da nação, o pensamento deixou Miguel intrigado. Era também tranquilizador.

Viraram para o norte na Terceira Avenida, e pouco antes da Rua Luís estacionou junto ao meio-fio. Miguel saltou, a gola levantada contra a chuva inclinada, percorrendo a pé os dois últimos quarteirões até o prédio da ONU.

Apesar de seus pensamentos anteriores sobre o carro fúnebre, chegar nele despertaria uma atenção que não precisava. Luís tinha instruções para se manter em movimento e voltar ao ponto em que o largara dentro de uma hora. Se Miguel não aparecesse, Luís passaria pelo local de meia em meia hora.

Miguel comprou um guarda-chuva de um vendedor de rua na esquina da Rua 44, mas descobriu que era muito difícil dominá-lo contra o vento. Poucos minutos depois, atravessou a Primeira Avenida para o prédio de fachada branca da ONU. Por causa da chuva, os muitos mastros permaneciam desoladamente vazios, sem bandeiras. Passando por uma grade de ferro e pela entrada dos delegados, ele subiu os degraus para um saguão amplo, onde os visitantes eram admitidos. Miguel, de mãos vazias, passou rapidamente por um ponto de controle no interior do prédio, onde os outros esperavam que suas pastas e embrulhos fossem abertos para verificação.

Os bancos depois do controle estavam ocupados por visitantes à espera, os rostos e roupas tão diversificados quanto a própria ONU. Uma boliviana de chapéu— coco sentava estoicamente. Ao seu lado estava uma criança negra, brincando com um carneiro branco de pelúcia. Ali perto se encontrava um velho enrugado, usando um turbante ao estilo afegão. Dois israelenses barbudos discutiam sobre papéis espalhados entre os dois. E aqui e ali na multidão havia americanos de pele branca e turistas britânicos.

Ignorando as pessoas à espera, Miguel encaminhou-se para um cartaz proeminente de "Visitas com Guia", no outro lado do saguão. José Antônio Salaverry aguardava ali, segurando uma pasta.

Como uma fuinha, pensou Miguel, ao contemplar o rosto estreito e bexiguento de Salaverry, os cabelos com entradas enormes, o bigodinho fino. O diplomata peruano, geralmente irradiando presunção, parecia contrafeito hoje.

Trocaram ligeiros cumprimentos de cabeça, e depois Salaverry seguiu na frente para um balcão de informações, onde assinou um passe para Miguel, usando um nome falso, com a autoridade de um delegado.

Percorreram um corredor flanqueado por colunas, um jardim visível através dos painéis de vidro, com o East River mais além. Uma escada rolante levou-os para o andar seguinte e entraram no Salão Indonésio, disponível apenas para os diplomatas e seus convidados.

A sala grande e impressiva, em que chefes de Estado eram recebidos, continha magníficas obras de arte, inclusive a cortina da entrada da Santa Caaba em Meca, uma tapeçaria preta incrustada com ouro e prata, um presente de sauditas. Um tapete verde espesso complementava os sofás e poltronas de couro branco, os móveis habilmente dispostos de maneira a permitir várias reuniões simultâneas sem que uma interferisse com outra. Miguel e Salaverry sentaram num canto isolado.

Ao se fitarem, José Antônio Salaverry contraiu os lábios finos em insatisfação e disse: — Avisei que era perigoso vir aqui! Já há risco suficiente, sem necessidade de criar mais! Miguel perguntou calmamente: — Por que é um risco vir aqui? Ele precisava descobrir o quanto aquele covarde sabia.

— Seu idiota! Sabe muito bem por quê! A televisão e os jornais estão cheios do que você fez, só falam daquelas pessoas que sequestrou! O FBI, a polícia, todos estão à sua procura! — Salaverry engoliu em seco e depois indagou, ansioso: — Quando você vai... Quando todos vocês deixarão o país?

— Supondo-se ser verdade o que diz, por que quer saber? Que diferença faz para você?

— Helga está frenética de ansiedade. E eu também.

O imbecil de língua solta partilhara o que sabia com sua puta do banco. Isso significava que o vazamento original de segurança se ampliara e havia agora um perigo iminente. Embora Salaverry não pudesse saber, sua tola admissão selara o destino de sua mulher e dele próprio.

— Antes de eu responder — disse Miguel —, dê-me o dinheiro.

Salaverry manipulou a tranca de combinação da pasta. Tirou uma carteira de papelão estofada, presa com fita adesiva, e entregou-a. Miguel abriu a carteira, deu uma olhada no dinheiro lá dentro, tornou a fechá-la. Salaverry indagou, petulante: — Não quer contar?

Miguel deu de ombros.

— Você não se atreveria a me enganar. — Ele pensou por um instante e depois acrescentou, com aparente indiferença: — Então você quer saber quando eu e certos outros iremos embora, não é?

— Isso mesmo.

— Onde você e a mulher estarão esta noite?

— Em meu apartamento. Estamos transtornados demais para sair.

Miguel já estivera no apartamento e lembrava o endereço. Disse a Salaverry: Fique lá. Não posso telefonar, por motivos que se tomarão evidentes. Por isso, um mensageiro irá procurá-los à noite com a informação que deseja. Ele usará o nome Platão. Se ouvir esse nome, pode deixá-lo entrar.

Salaverry balançou a cabeça. Parecia aliviado. Miguel acrescentou: vou prestar esse serviço como retribuição por ter providenciado o dinheiro imediatamente.

Ele tocou na carteira de papelão.

— Obrigado. Quero que compreenda que não tenho a intenção de ser exagerado...

— Eu compreendo. Mas fique em casa esta noite.

— Pode deixar que ficarei.

Miguel deixou o prédio da ONU, atravessou a Primeira Avenida para a United Nations Plaza Hotel. Foi para uma cabine telefônica no saguão, perto da banca de jornais.

Bateu os números memorizados para um telefone no Queens. Quando uma voz atendeu, ele teve certeza de que estava em contato com uma casa particular que parecia uma fortaleza, no distrito da Pequena Colômbia, em Jackson Heights. Miguel falou rapidamente, evitando usar nomes, deu o número da cabine em que se encontrava e desligou.

Esperou pacientemente junto ao telefone; em duas ocasiões, quando outras pessoas se aproximaram, fingiu que o usava. O aparelho tocou depois de sete minutos. Uma voz confirmou que falava de outra cabine telefônica. A ligação não seria grampeada ou traçada.

Falando baixo, Miguel enunciou suas exigências. Foi informado de que podiam ser atendidas. Um contrato foi acertado, o preço de seis mil dólares combinado. Miguel forneceu o endereço do apartamento de Salaverry e avisou que o nome "Platão" garantiria o ingresso. E enfatizou: — Deve ser feito esta noite e dar a impressão de que foi um assassinato seguido de suicídio.

A voz no outro lado da linha prometeu que as instruções seriam cumpridas com precisão.

Miguel chegou ao ponto de encontro na Terceira Avenida pouco menos de uma hora depois de saltar do carro fúnebre. Luís encostou o veículo no meio — fio alguns momentos depois. Embarcando, debaixo de chuva, Miguel disse a Luís: — Vamos agora para a agência funerária... a mesma de antes. Está lembrado?

Luís acenou com a cabeça e logo viraram para leste, na direção da Ponte Queensboro.

4

Às vezes, quando as coisas estavam tranquilas, a organização noticiosa de uma rede de televisão era como um gigante adormecido.

Operava consideravelmente abaixo do aproveitamento de cem por cento, e uma parcela substancial de seu pessoal tinha o que era chamado no ramo de "downtime" — significando que não estavam ativamente em ação.

Era por isso que quando surgia uma grande ocorrência sempre havia gente experiente que podia ser — como dizia outra expressão do ramo — "agarrada e disparada".

Na manhã de sexta-feira, um dia depois do sequestro da família Sloane, o processo de disparo fora desencadeado, e a força-tarefa especial, sob o comando de Harry Partridge, tendo Rita Abrams como produtora sênior, começou a se concentrar na sede da CBA.

Rita, que chegara a Nova York ao final da noite anterior, vindo de Minnesota, entrou nas salas designadas para a força-tarefa às oito horas da manhã. Harry Partridge, que passara a noite numa suíte de luxo reservada pela rede no Hotel Inter— Continental, juntou-se a ela pouco depois. Sem perder tempo, ele perguntou: — Alguma notícia? -nada sobre o sequestro — respondeu Rita. — Mas há uma multidão diante da casa de Crawford.

— Que espécie de multidão? Os dois se encontravam no que seria a sala de reuniões do grupo, e Rita recostou-se numa cadeira giratória. Apesar da brevidade de suas férias, parecia revigorada, a vitalidade e o ímpeto habituais restaurados. Também não perdera o ceticismo irônico que as pessoas que trabalhavam com ela tanto apreciavam.

— Hoje em dia todos querem entrar em contato com um âncora. Agora que descobriram o endereço de Crawf, seus fãs estão se aglomerando em Larchmont. Centenas, talvez milhares. A polícia está tendo dificuldades para controlar a multidão e armou barreiras nas ruas.

— Temos uma equipe de câmera no local?

— Claro que sim. Passou a noite inteira lá. Mandei que permanecessem até Crawf partir para o trabalho. A esta altura, já terei outra equipe para substituí-los.

Partridge balançou a cabeça em aprovação.

— Faz sentido presumir que os sequestradores e, portanto, a ação já se afastaram de Larchmont — comentou Rita —, mas acho que devemos nos precaver permanecendo por lá durante uns dois dias, para o caso de surgir alguma novidade. Isto é, a menos que você tenha outras ideias.

— Ainda não. — Uma pausa, e Partridge acrescentou: — Você sabe que recebemos praticamente um cheque em branco em matéria de talento?

— Fui informada ontem à noite. Por isso, pedi três produtores para começar... Norman Jaeger, Iris Everly e Karl Owens. Estarão aqui em breve.

— Grandes escolhas.

Partridge conhecia muito bem todos os três. Estavam entre os melhores na CBA.

— E reservei as salas. Quer ver a sua?

Rita seguiu na frente, mostrando as cinco salas adjacentes que seriam a base de operações da força-tarefa. Os departamentos noticiosos das redes estavam sempre num estado de ebulição, com projetos temporários sendo criados e encerrados; assim, quando havia necessidade, sempre se podia encontrar as acomodações indispensáveis.

Partridge teria uma sala exclusiva, assim como Rita. Duas outras salas, já apinhadas com escrivaninhas, seriam partilhadas pelos produtores adicionais, equipes de câmera e pessoal de apoio, alguns dos quais já começavam a se instalar. Partridge e Rita cumprimentaram-nos, antes de voltarem à quinta e maior sala, a de reuniões, para continuarem a planejar.

— Eu gostaria de ter uma reunião o mais depressa possível com todos os que vão trabalhar conosco — disse Partridge. — Podemos distribuir responsabilidades e depois começar a trabalhar numa matéria para o noticiário desta noite.

Rita olhou o relógio: 8h45 da manhã.

— Marcarei a reunião para dez horas — disse ela. — Neste momento quero descobrir mais sobre o que está acontecendo em Larchmont.

— Em todos os anos em que vivo aqui — disse o sargento da polícia de Larchmont —, nunca vi nada igual.

Ele falava com Havelock, o agente especial do FBI, que saíra da casa dos Sloanes poucos minutos antes para observar uma multidão de espectadores lá fora. A multidão vinha aumentando desde o amanhecer, e agora ocupava inteiramente as calçadas na frente da casa, Em alguns lugares, derramava-se pela rua, onde guardas tentavam, sem muito sucesso, contê-la e permitir a passagem de carros. Otis Havelock, que passara a noite na casa, ficou preocupado com a possibilidade de que Sloane, que estava lá dentro se aprontando para o trabalho, pudesse ser cercado ao sair.

Havia equipes de televisão e outros repórteres agrupados no portão da frente. Quando Havelock apareceu, as câmeras de tevê viraram em sua direção, entre perguntas gritadas: — Já teve notícias dos sequestradores?

— Como está passando Sloane?

— Podemos falar com Crawford?

— Quem é você?

Em resposta, Havelock sacudiu a cabeça e acenou com as mãos num gesto de recusa.

Além do grupo da imprensa, a multidão parecia ordenada, mas o aparecimento de Havelock aumentara o burburinho de conversa. O homem do FBI queixou-se ao sargento da polícia: — Vocês não podem manter esta rua limpa?

— Estamos tentando. O chefe ordenou que erguêssemos barreiras. Vamos impedir a passagem de veículos e pedestres, exceto para os que moram na rua, depois tentaremos remover as pessoas que já estão aqui. Mas vai levar pelo menos uma hora. O chefe não quer que ninguém seja maltratado, ainda mais com as câmeras presentes.

— Alguma ideia de onde vieram essas pessoas?

— Perguntei a algumas — informou o sargento. — A maioria veio de fora de Larchmont. Acho que é toda a agitação na tevê, querer dar uma olhada no Sr. Sloane. As ruas ao redor estão repletas de carros.

A chuva começara a cair, mas não parecia desencorajar os curiosos. Em vez disso, abriram guarda-chuvas ou se encolheram em seus casacos— Havelock tornou a entrar na casa. Disse a Crawford Sloane, que parecia cansado e desanimado: — Partiremos em dois carros sem identificação do FBI. Quero você no segundo. Abaixe-se no banco de trás. Sairemos daqui o mais depressa possível.

— Não é possível — protestou Sloane. -as pessoas lá fora são da mídia. Sou um deles e não posso partir assim, como se fosse o presidente dos Estados Unidos.

— Pode haver lá fora alguém do grupo que sequestrou sua esposa e família. -o tom de Havelock era incisivo. — Quem sabe o que podem tentar? Poderá até ser fuzilado.

Não seja tolo, Sr. Sloane. E lembre-se de que sou responsável por sua segurança.

Ao final, concordaram em convidar as equipes de câmera e os repórteres a entrarem para uma entrevista coletiva improvisada no vestíbulo. Ao entrarem, os jornalistas olharam pela casa luxuosa com curiosidade, alguns com inveja indisfarçável. As perguntas e respostas subsequentes foram na maioria repetitivas da entrevista coletiva do dia anterior, a única informação nova sendo a de que não houvera qualquer comunicação dos sequestradores durante a noite.

— Não posso lhes dizer mais nada — declarou finalmente Sloane. — Não há mais nada. Eu gostaria que houvesse.

Havelock, embora presente e vigilante, recusou-se a participar da entrevista. Os repórteres, alguns parecendo ressentidos pela falta de notícias, acabaram se retirando.

— E agora, Sr. Sloane — disse Havelock —, vamos sair da maneira como indiquei; ficará no banco traseiro do segundo carro, abaixado, fora de vista.

Relutante, Sloane concordou. Mas ocorreu um infortúnio imprevisto na execução do plano.

Crawford Sloane entrou tão depressa no carro do FBI que só foi observado por umas poucas pessoas na multidão lá fora. Mas essas poucas pessoas imediatamente transmitiram a informação a outras, a notícia se espalhou como fogo: — Sloane está no segundo carro! Dentro do carro, Havelock e outro agente do FBI sentavam no banco traseiro, com Sloane desconfortavelmente agachado entre os dois. Um terceiro agente do FBI sentava ao volante.

Mais dois homens do FBI se encontravam no primeiro carro, e os dois veículos partiram no mesmo instante.

Com a multidão agora informada da partida de Sloane, algumas pessoas no fundo tentaram avançar, empurrando as que se encontravam na frente para fora da calçada, espalhando-as pela rua. A esta altura, várias coisas aconteceram, em rápida sucessão.

O carro da frente deixou o caminho da casa dos Sloanes, um guarda acenando para que passasse. Andava depressa, com o segundo carro logo atrás. E depois, subitamente, à medida que os espectadores no lado oposto eram empurrados ainda mais pela rua, o caminho antes desobstruído do primeiro carro ficou bloqueado. O motorista, aturdido ao deparar com uma linha de pessoas à frente, pisou no freio.

Em outras circunstâncias, o carro da frente conseguiria parar a tempo. Mas com a superfície da rua escorregadia, molhada pela chuva recente, ele derrapou para o lado. Ao som de pneus rangendo, seguiu-se uma série de baques horríveis e gritos humanos, o carro abrindo uma trilha pelas fileiras de espectadores.

Os ocupantes do segundo carro — à exceção de Sloane, que não podia ver — soltaram exclamações de horror e se prepararam para uma colisão similar. Mas enquanto as pessoas recuavam apressadas para o outro lado da rua, a multidão abriu-se. Havelock, com uma expressão sombria, ordenou ao motorista: — Não pare! Continue em frente!

Mais tarde, Havelock justificaria sua atitude aparentemente insensível com uma explicação: — Tudo aconteceu muito depressa. Eu não tinha certeza de nada e achei que podia ser uma emboscada.

Crawford Sloane, sabendo apenas que algo inesperado estava ocorrendo, levantou a cabeça para espiar. Neste exato momento, uma câmera de tevê, já focalizada no carro, pegou o seu rosto em close, depois permaneceu no carro, a se afastar em alta velocidade do local do acidente. Os espectadores que mais tarde assistiram à cena no ar não tinham como saber que Sloane insistira para que voltassem, mas Havelock se mantivera intransigente: — A polícia está lá. Eles cuidarão de tudo que for necessário.

A polícia de Larchmont controlou a situação, e diversas ambulâncias chegaram às pressas ao local do acidente. Contadas as baixas, verificou-se que oito pessoas haviam sido feridas, seis com pequenas lacerações e equimoses, duas gravemente. Dos feridos graves, um homem tivera um braço fraturado e costelas quebradas, enquanto uma jovem inutilizara de tal forma a perna que precisara sofrer amputação.

O acidente, embora trágico, em outras circunstâncias não receberia uma atenção ampla. Por causa da associação com o sequestro da família Sloane, ganhou uma cobertura nacional, e uma parcela de culpa, por implicação, parecia caber a Crawford Sloane.

5

O pesquisador do escritório da CBA em Londres, Teddy Cooper, chegara, como prometido, pelo Concorde da manhã. Seguiu direto para o escritório da força-tarefa especial, ali chegando pouco depois das dez horas da manhã, apresentando-se primeiro a Harry Partridge e depois a Rita. Os três foram para a sala de reuniões, onde o grupo começava a se concentrar.

Ao entrar, Cooper encontrou-se com Crawford Sloane, que chegara poucos minutos antes, ainda abalado da experiência em Larchmont.

Cooper, pequeno e vigoroso, irradiava energia e confiança. Os cabelos castanhos escorridos, mais compridos do que estava em moda agora, emolduravam um rosto pálido, com sinais de acne adolescente. O efeito era de fazê-lo parecer mais jovem do que os seus 25 anos. Embora nascido e criado em Londres, estivera várias vezes nos Estados Unidos e conhecia bem a cidade de Nova York. E declarou a Crawford Sloane: — Lamento o que aconteceu com sua mulher e família, senhor S., mas anime-se! Estou aqui agora! Encontrarei esses patifes! Sou muito bom nisso!

Sloane, olhando para Partridge, alteou as sobrancelhas, inquisitivo, como a perguntar: Tem certeza de que queremos esse sujeito?

Partridge disse secamente: — A modéstia nunca foi um problema de Teddy. Vamos lhe dar um pouco de corda para ver o que acontece.

O comentário pareceu não incomodar Cooper absolutamente. Ele disse a Partridge: — Em primeiro lugar, Harry, preciso checar as notícias. Depois pretendo ir ao local do crime. Quero falar com todas as pessoas que viram acontecer. E todas mesmo. Tudo será investigado. Já que estou neste caso, quero que tudo seja feito direito.

— Faça como achar melhor. — Partridge recordou-se de ocasiões anteriores em que testemunhara Cooper em ação. — Ficará no comando da pesquisa aqui, com dois assistentes.

Os pesquisadores assistentes, um rapaz e uma moça que haviam sido emprestados de outro projeto da CBA, já se encontravam na sala de reuniões. Enquanto se aguardava o início da reunião, Partridge apresentou-os. Cooper apertou as mãos dos dois e disse: — Trabalhar comigo será uma grande experiência para vocês, crianças. Mas não precisam ficar nervosos, sou bem informal. Basta me chamarem de "Sua Excelência" e fazerem uma reverência pela manhã.

Os pesquisadores pareciam divertidos com Cooper, e o trio começou a discutir no mesmo instante um quadro de "Sequência de Eventos", já instalado na sala de reuniões, ocupando uma parede inteira. Um procedimento padronizado nas comunicações da força-tarefa registraria todos os detalhes conhecidos sobre o sequestro Sloane na sequência apropriada. Em outra parede havia um segundo quadro grande, "Miscelânea". Conteria informações relacionadas, até especulações ou rumores, cuja sequência era irrelevante ou desconhecida. De vez em quando, à medida que os itens em "Miscelânea" se desenvolvessem, seriam transferidos para o outro quadro — e tudo isso era uma responsabilidade do pessoal de pesquisa.

Os quadros tinham dois objetivos: primeiro, proporcionar às pessoas na força-tarefa todas as informações disponíveis e novos desenvolvimentos; segundo, proporcionar um foco para as avaliações de progressos e sessões de brainstorming, que podiam e muitas vezes ofereciam ideias novas.

Pontualmente às dez horas, Rita Abrams alteou a voz, interrompendo o burburinho geral de conversa: — Peço a atenção de todos! Vamos começar a trabalhar!

Ela estava sentada à cabeceira de uma mesa comprida, com Harry Partridge ao seu lado. Leslie Chippingham chegou e ocupou seu lugar à mesa. Seu olhar se encontrou com o de Rita e trocaram sorrisos discretos.

Crawford Sloane sentava no outro lado da mesa. Não esperava contribuir para a discussão àquela altura, e confidenciara a Partridge: — Eu me sinto impotente neste momento, como um parafuso solto.

Também se achavam à mesa os três produtores que Rita recrutara, Norman Jaeger, o mais velho dos três, era um veterano da CBA que já trabalhara em todas as fases da notícia. De fala suave, imaginativo e profundo conhecedor das coisas da televisão, era um dos produtores do programa muito elogiado da rede, Por Trás das Manchetes.

Sua transferência abrupta naquele dia indicava a excepcional colocação de recursos à disposição da força-tarefa.

Ao lado de Jaeger estava Iris Everly, de vinte e poucos anos, uma estrela brilhante no cenário da produção de notícias. Pequena, bonita, formada pela Faculdade de Jornalismo de Colúmbia, possuía uma mente sagaz, que funcionava com uma velocidade impressionante. Quando trabalhando numa notícia esquiva, sua reputação de obstinação e astúcia era comparável à de Rasputin.

Karl Owens, o terceiro produtor, era o que se podia chamar de um burro de carga, que conquistara sua reputação através de um trabalho persistente e incansável; havia ocasiões em que seu trabalho investigativo em colocação com os repórteres alcançava resultados depois que os concorrentes haviam desistido. Numa idade intermediária entre Jaeger e Iris Everly, não tão imaginativo quanto os outros dois, podia-se contar com Owens por sua firmeza e conhecimento meticuloso do ofício.

Em outros lugares à mesa e imediatamente por trás, sentavam Teddy Cooper e os dois pesquisadores assistentes, um redator emprestado do noticioso nacional vespertino, Minh Van Canh, que seria o cinegrafista principal, e uma secretária.

— Todos sabemos por que estamos aqui — disse Rita, iniciando a reunião com um tom profissional. — O que vamos discutir agora é o esquema de trabalho. Falarei primeiro sobre a organização. Depois, Harry nos dará a orientação editorial.

Rita fez uma pausa e olhou através da mesa para Crawford Sloane.

— Crawf, não vamos fazer discursos. Acho que nenhum de nós seria capaz de fazê-lo sem se tomar emocional, e você já tem aflições suficientes para suportar sem precisar que aumentemos esse fardo. Mas quero lhe dizer, de maneira muito simples e de parte de todos nós, por você, por sua família e por nós mesmos, que nos importamos, vamos fazer tudo o que pudermos!

Houve um murmúrio de aprovação dos outros membros da força-tarefa. Sloane acenou com a cabeça duas vezes e conseguiu murmurar, com a voz embargada: — Obrigado.

— Baseados aqui, vamos operar em dois níveis: o projeto a longo prazo e a divulgação diária de notícias. — Rita olhou para o produtor sênior. — Norm, você está no comando do projeto a longo prazo.

— Certo.

— Iris, você cuidará do dia a dia, começando com uma matéria para o noticiário desta noite, o que vamos discutir daqui a pouco.

Iris Everly declarou, em tom incisivo: — Entendido. E a primeira coisa que quero é o vídeo daquela confusão esta manhã diante da casa de Crawf.

Sloane estremeceu à menção do incidente e olhou meio suplicante para Iris, que não percebeu.

— Vai recebê-lo — garantiu Rita. — A gravação já está a caminho.

Ao terceiro produtor, Owens, Rita disse — Karl, você vai circular entre os dois projetos, de acordo com as necessidades. E eu trabalharei em contato

estreito com os três.

Ela desviou sua atenção para Cooper.

— Teddy, soube que você quer ir a Larchmont.

Teddy Cooper fitou-a com um sorriso.

— É isso aí. Para escavar por toda parte e fazer como o famoso Sherlock H. — Virando o rosto, ele acrescentou para os outros: — No que sou excepcionalmente bom.

— Teddy — disse Partridge, falando pela primeira vez —, todos nesta sala são excepcionalmente bons. É por isso que estão aqui.

Imperturbável, Cooper exibiu um sorriso ainda mais radiante. — Então devo me sentir em casa.

— Depois que concluirmos esta reunião — disse Rita —, Minh irá para Larchmont, levando duas novas equipes de câmera. Pode ir com ele, Teddy, e se encontrar com Bert Fisher, que trabalha na emissora filiada local. Já acertei tudo. Fisher foi o primeiro a dar a notícia ontem. Ele o levará a todos os lugares e o apresentará a qualquer pessoa com quem queira falar.

— Maravilha! Farei uma anotação em minha agenda: sair em pescaria com Fisher.

Norm Jaeger murmurou para Karl Owens.

— Sou capaz de estrangular esse inglês antes da missão terminar.

— Minh — disse Iris Everly ao cinegrafista —, precisamos conversar antes de sua partida para Larchmont.

Minh Van Canh, o rosto quadrado e moreno impassível como sempre, acenou com a cabeça.

— Por enquanto, isso dá conta da organização — continuou Rita. — Agora, o mais importante, passemos à orientação editorial. Harry, é a sua vez.

— Nosso primeiro objetivo, em minha opinião — começou Partridge —, é descobrir mais sobre os sequestradores. Quem são? De onde são? O que estão querendo? É claro que muito em breve eles podem nos revelar isso; mas não devemos esperar que aconteça. A esta altura, não posso lhes dizer como descobriremos as respostas para essas perguntas, exceto que vamos concentrar nossos cérebros em tudo que ocorreu até agora, além de cada informação nova que surgir. Quero hoje que todos aqui estudem os dados disponíveis, memorizando os detalhes. Os quadros ajudarão. — Ele gesticulou para os quadros "Sequência de Eventos" e "Miscelânea", acrescentando: — Ambos serão atualizados mais tarde, ainda esta manhã. Depois que todos ficarem devidamente informados, vamos refletir sobre os fatos, separada e

coletivamente. Se fizermos isso, baseados na experiência passada, será inevitável que alguma coisa aflore.

Em tomo da mesa, o grupo escutava atentamente, enquanto Partridge continuava: — Uma coisa posso afirmar com toda certeza: em algum lugar, essas pessoas, os sequestradores, deixaram pistas. Todos deixam pistas, não importa com que cuidado tentem escondê-las. O segredo é descobri-las. — Ele acenou com a cabeça para Jaeger. — Concentrar-se nisso será o seu trabalho, Norman.

— Certo.

— Agora, vamos à parte de curto prazo, Iris, sobre a nossa matéria para o noticioso desta noite. Sei o que está pensando. O que acha das perspectivas? Já tem alguma definição?

Ela respondeu firmemente: — Se não houver notícias dramáticas novas, como um comunicado dos sequestradores, depois de dizermos isso podemos mostrar a confusão esta manhã diante da casa de Crawf. Em seguida, como será o primeiro dia desde o sequestro, faremos uma reconstituição do dia anterior. Assisti à gravação da noite passada; estava uma mixórdia. Podemos fazer melhor esta noite, de uma forma mais ordenada. Também gostaria de novas entrevistas com as testemunhas em Larchmont... — Iris consultou suas anotações — ...em particular a velha, Priscilla Rhea, que é ótima para o vídeo. Ela e os outros podem ter se lembrado de mais alguma coisa.

— E as reações? — indagou Jaeger. — Como a de Washington.

Foi Partridge quem respondeu: — Acho que apenas uma parte pequena, do presidente. Talvez algumas entrevistas com cidadãos, se tivermos tempo.

— Mas nada do Capitólio?

— Talvez amanhã — respondeu Partridge. — Talvez nunca. Todos no Capitólio vão querer aparecer.

Ele gesticulou para que Iris continuasse. — Para concluir, devemos fazer alguma análise final; uma entrevista com uma autoridade em sequestro.

— Já pensou em alguém? — indagou Partridge.

— Ainda não.

Karl Owens fez uma sugestão: — Conheço um cara bom. O nome é Ralph Salerno, um ex-policial em Nova York, vive agora em Naples, na Flórida. Faz conferências sobre o crime para forças policiais de todo o país e escreveu vários livros. Conhece muito sobre sequestro. Já o vi no ar. Ele é bom mesmo.

— Vamos chamá-lo — decidiu Iris, olhando para Partridge, que balançou a cabeça em aprovação.

Les Chippingham interveio: — Karl, temos uma filiada na área de Naples. Trabalhe por intermédio deles, se for possível; caso contrário, mande Salerno de avião para Miami.

— E em qualquer dos casos — acrescentou Iris —, reserve tempo de satélite para Harry fazer a entrevista.

— Certo — disse Owens, fazendo uma anotação.

Depois de mais quinze minutos de reunião, Rita bateu com a mão na mesa.

— Muito bem, já chega de conversa. O trabalho de verdade vai começar.

Em meio ao trabalho sério, uma tempestade marginal.

Com objetivos de pesquisa, Harry Partridge resolvera entrevistar Crawford Sloane. Partridge estava convencido de que Sloane, como muitas pessoas envolvidas num episódio complexo, sabia mais do que imaginava, e que um interrogatório hábil e persistente poderia revelar fatos novos. Sloane já concordara com a sessão.

Depois de encerrada a reunião, ainda na sala, Partridge lembrou a Sloane a combinação, e uma voz por trás deles interveio: — Se não se importam, eu gostaria de escutar. Talvez possa também descobrir alguma coisa.

Surpresos, eles se viraram para deparar com o agente especial Otis Havelock, que entrara na sala ao fim da reunião.

— Já que você pergunta, eu me importo — disse Partridge.

Rita Abrams perguntou a Havelock: — Você não é o mister FBI?

Ele respondeu afavelmente: — Como "Miss América"? Talvez meus colegas não pensem assim.

— O que estou querendo dizer é que você não deveria estar aqui — declarou Rita. — Esta área é vedada a todos, exceto os que trabalham aqui.

Havelock parecia surpreso. — Parte do meu trabalho é proteger o Sr. Sloane. Além disso, vocês estão investigando o sequestro, não é mesmo?

— É, sim.

— Então temos o mesmo objetivo, localizar a família do Sr. Sloane. Portanto, qualquer coisa que descobrirem, tudo que for registrado lá em cima... — Ele apontou para o quadro de "Sequência de Eventos"— ...deve chegar também ao conhecimento do FBI.

Vários outros na sala, inclusive Leslie Chippingham, mantinham-se em silêncio.

— Nesse caso, terá de ser um negócio nos dois sentidos — disse Rita. — Posso mandar um repórter neste momento ao escritório do FBI em Nova York

para examinar todos os relatórios que já foram feitos?

Havelock sacudiu a cabeça.

— Lamento, mas isso não é possível. Alguns são confidenciais.

— Exatamente!

— Escutem aqui. — Havelock, consciente da crescente atenção em tomo da sala, fazia um esforço visível para se controlar. — Não tenho certeza se compreendem plenamente que estamos lidando com um crime. Qualquer pessoa com alguma informação tem a obrigação de comunicá-la, neste caso ao FBI. Quem não agir assim estará cometendo uma violação legal.

Rita, que nunca primara pela paciência, protestou: — Pelo amor de Deus, não somos mais crianças! Fazemos investigações o tempo todo e sabemos qual é a situação!

Partridge acrescentou: — Devo lhe dizer, Sr. Havelock, que já trabalhei com o FBI em diversas histórias, e seu pessoal é notório por arrancar todas as informações possíveis e não dar nada em troca.

Havelock respondeu bruscamente: — O FBI não é obrigado a dar coisa alguma em troca. — O controle anterior desaparecera por completo. — Somos uma agência do governo, com o poder do presidente e do Congresso por trás. O que vocês parecem estar fazendo aqui é se organizarem como concorrentes. Pois deixem-me avisá-los que se alguém obstruir a investigação oficial, retendo informações, provavelmente terá de enfrentar sérias acusações.

Chippingham decidiu que era o momento de interferir: — Sr. Havelock, eu lhe garanto que não somos pessoas que violam a lei. Contudo, somos livres para efetuar todas as investigações que quisermos, e às vezes obtemos melhores resultados do que a coisa que chama de "investigação oficial". — Uma pausa, e ele continuou: — O que está em jogo aqui é algo que se chama de "privilégio do repórter". Reconheço que há algumas áreas nebulosas, mas o importante é que os repórteres podem investigar, depois proteger suas fontes, a menos que um tribunal decida o contrário. Portanto, seria uma violação de nossa liberdade se permitíssemos que tivesse um acesso total e imediato a tudo que descobrimos. Por isso, devo lhe dizer que, embora estejamos contentes por sua presença aqui, há um limite para seu acesso e uma linha que não deve ultrapassar... aquela ali.

Ele apontou para a porta da sala de reuniões.

— Muito bem, senhor — disse Havelock. — Não sei se posso aceitar tudo isso, mas tenho certeza que não vai se importar se eu discutir o assunto com meus superiores no FBI.

— Claro que não me importo. Estou certo que eles dirão que estamos agindo dentro de nossos direitos.

O que Chippingham não disse foi que a CBA, como qualquer organização noticiosa, tomaria suas próprias decisões sobre o que revelar e quando, mesmo que isso contrariasse o FBI. Sabia que a maioria dos outros na divisão de notícias pensava da mesma forma. Quanto às possíveis consequências, a rede cuidaria de todos os problemas quando e se ocorressem.

Depois que Havelock se retirou para telefonar, Chippingham disse a Rita: — Fale com o superintendente do prédio. Peça algumas chaves para estas salas e mantenha-as trancadas.

Na privacidade da sala de Partridge, ele e Sloane começaram a entrevista, com um gravador ligado. Partridge cobriu o terreno agora familiar, repetindo perguntas anteriores de forma mais detalhada, mas nada de novo aflorou. Partridge finalmente indagou: — Há alguma coisa em sua mente, Crawf, talvez mesmo no subconsciente, que possa ter de procurar, algo que se relacione com o acontecimento, ainda que vagamente? Há algum incidente, por menor que seja, sobre o qual você tenha especulado, e que depois descartou?

— Já me perguntou isso ontem — respondeu Sloane, pensativo. Sua atitude em relação a Partridge mudara consideravelmente durante as últimas 24 horas. De certa forma, tomara-se mais amistosa. Além disso, estava menos cauteloso com Partridge a ponto de contar com ele mentalmente, como jamais acontecera antes. Estranhamente, Sloane estava quase deferente, como se visse em Harry Partridge sua maior esperança de recuperar Jessica, Nicky e seu pai.

— Sei disso, e você prometeu que pensaria a respeito — comentou Partridge.

— Pensei a respeito ontem à noite, e talvez haja alguma coisa, embora eu não possa ter certeza e seja apenas uma impressão vaga.

Sloane sentia-se contrafeito. Jamais se sentira à vontade com ideias nebulosas, indefinidas. Partridge exortou-o: — Continue.

— Acho que antes do sequestro tive a impressão de que estava sendo seguido. Mas é possível que só tenha pensado nisso depois que soube que a casa era vigiada...

— Esqueça isso. Então pensou que estava sendo seguido. Onde e quando?

— Esse é o problema. É tão vago que posso ter inventado, talvez achando que precisava descobrir alguma coisa.

— Acha mesmo que inventou?

Sloane hesitou. — Não.

— Dê-me mais detalhes.

— Tenho a impressão de que talvez tenha sido seguido algumas vezes, quando voltava para casa de carro. E também tenho um instinto, bem indefinido, de que alguém podia estar me observando aqui, dentro da CBA... alguém que não deveria estar aqui.

— Tudo isso durante um longo período?

— Um mês, talvez. — Sloane levantou as mãos. — Não posso ter certeza de que não estou inventando. De qualquer forma, que diferença isso faz?

— Não sei — respondeu Partridge. — Mas falarei com os outros.

Depois, Partridge datilografou um sumário da entrevista de Sloane e pregou no quadro de "Miscelânea" na sala de reuniões. Voltando à sua sala, iniciou o procedimento conhecido por todos os jornalistas como "a ronda dos telefones".

Abriu na sua frente o "livro azul" particular: um registro de pessoas que conhecia no mundo inteiro que já haviam sido úteis antes e poderiam ser novamente. Também havia pessoas a quem ajudara com informações quando precisavam. O negócio de notícias era cheio de débitos e créditos; em ocasiões como aquela, recorria-se aos créditos.

Também ajudava o fato de que a maioria das pessoas sentia-se lisonjeada quando procurada pelo noticioso de tevê.

6

Na noite anterior, consultando o livro azul, Partridge fizera uma relação das pessoas para quem telefonaria hoje. Havia contatos no Departamento de Justiça, Casa Branca, Departamento de Estado. Cl, Imigração, Congresso, diversas embaixadas estrangeiras, Departamento de Polícia de Nova York, a Real Polícia Montada do Canadá em Ottawa, a Polícia Judicial do México, um autor de livros sobre crimes reais e um advogado com clientes do crime organizado. As conversas subsequentes foram quase todas suaves, começando da mesma maneira: — Oi. Aqui é Harry Partridge. Há algum tempo que não entramos em contato. Liguei só para saber como a vida o está tratando.

O clima pessoal persistia com indagações sobre esposas ou maridos, amantes, filhos — Partridge também registrava esses nomes. Depois passava para o caso.

— Estou trabalhando no sequestro Sloane. Gostaria de saber se você ouviu algum rumor ou tem ideias próprias.

Às vezes as perguntas eram mais específicas. Ouviu alguma especulação sobre quem seriam os responsáveis? Acha que o envolvimento terrorista é uma possibilidade? Em caso afirmativo, de onde? Mais algum rumor circulando, por mais incrível que possa parecer? Vai indagar por aí e me ligar de volta se descobrir alguma coisa? Era um exercício padronizado, às vezes tedioso, sempre exigindo paciência. Podia produzir resultados ocasionalmente retardados, com mais frequência nada proporcionava.

Nada de específico saiu das ligações daquele dia, embora a conversa mais interessante, Partridge concluiu depois, fosse com o advogado do crime organizado.

Um ano antes, Partridge lhe prestara um favor — ou pelo menos era o que o advogado pensava. A filha do homem, numa viagem de intercâmbio estudantil à Venezuela, participara de uma orgia de drogas que virará notícia nos Estados Unidos. Oito estudantes estavam envolvidos; dois haviam morrido. Através de uma agência em Caracas, a CBA obtivera imagens exclusivas do local, com closes dos participantes — entre os quais a filha do advogado — sendo presos pela polícia. Partridge, que estava na Argentina na ocasião, voara para o Norte, a fim de cobrir a história.

O pai da moça, em Nova York, soubera de alguma forma da cobertura e também das fotos, localizara Partridge pelo telefone. Suplicara que Partridge não usasse o nome ou a imagem da filha, argumentando que era a mais jovem do grupo, nunca se envolvera antes em qualquer encrenca, e a exposição nacional arruinaria sua vida.

A esta altura, Partridge já vira as imagens; vira a moça e decidira não usá-la na matéria. Mesmo assim, mantendo suas opções em aberto, limitava-se a prometer que faria o melhor que pudesse.

Mais tarde, quando ficara patente que a CBA não fizera qualquer referência direta à moça, o advogado enviara um cheque de mil dólares a Partridge. Ele devolvera o cheque com um bilhete polido, e desde então os dois não haviam se comunicado.

Agora, depois de escutar a abertura casual de Partridge, o advogado disse bruscamente: — Estou lhe devendo. Agora, você quer alguma coisa. Diga-me o que é.

Partridge explicou.

— Não ouvi nada, a não ser na tevê — disse o advogado. — Mas tenho tanta certeza quanto é possível ter de que nenhum dos meus clientes está envolvido. Não é o tipo de coisa que eles costumam fazer. Às vezes, no entanto, eles escutam coisas que os outros desconhecem. Farei uma investigação discreta durante os próximos dias. Ligarei para você se descobrir alguma coisa.

Partridge desligou com a impressão de que o advogado cumpriria a promessa.

Ao final de uma hora, depois de entrar em contato com metade dos nomes na lista, Partridge fez uma pausa e foi até a sala de reuniões para servir-se de um café.

Voltando à sua sala, fez o que quase todos no ramo do noticiário de tevê faziam diariamente — deu uma olhada no New York Times e Washington Post. Os visitantes das divisões de telejornalismo sempre ficavam surpresos ao constatarem como havia por lá numerosos exemplares desses jornais. É que, apesar das realizações dos noticiosos de tevê, persistira uma atitude sutil e enraizada, a de que nada era realmente notícia enquanto não saísse no Times ou Post.

A voz firme de Chuck Insen interrompeu a leitura de Partridge: — Trago a escala para esta noite, Harry. Resolvemos dividir o noticiário entre dois homens. Você será a metade do cavalo.

— A posterior ou a dianteira?

Insen sorriu.

— Quem é que pode saber? Seja como for, a partir desta noite você vai comandar tudo que se relacionar com o sequestro da família Sloane, o que será outra vez a nossa notícia principal; a menos que o Presidente seja baleado antes de entrarmos no ar. Crawf vai comandar o resto das notícias, como sempre. O objetivo é mostrar que não permitiremos de jeito nenhum que um bando de marginais, quem quer que sejam, determine como agimos na CBA.

— Por mim, está certo — disse Partridge. — Posso presumir que Crawf também concorda?

— Para ser franco, a ideia foi de Crawf. Como qualquer rei, ele se sente inseguro se passa muito tempo fora de seu trono. Além disso o fato de permanecer invisível não teria qualquer proveito. Ah, mais uma coisa: ao final do noticiário, Crawf vai dizer algumas palavras espontâneas, agradecendo aos que enviaram mensagens por sua família ou manifestaram preocupação de outras formas.

— Espontâneas?

— Claro. Temos três redatores preparando a declaração neste momento.

Divertido, apesar das circunstâncias, Partridge comentou: — Vocês dois estão conseguindo concordar, pelo menos por enquanto.

Insen acenou com a cabeça.

— Declaramos um armistício tácito até que tudo isso acabe.

— E depois?

— Vamos esperar para ver.

Quase um mês antes, logo depois de entrar ilegalmente nos Estados Unidos, Miguel tentara comprar caixões a serem usados no transporte para o Peru de suas duas vítimas projetadas de sequestro. O plano fora formulado muito antes de sua chegada ao local, e Miguel presumira que a aquisição seria fácil e discreta, uma coisa simples.

Descobrira que não era o caso.

Fora a uma agência no Brooklyn, querendo dispersar suas atividades, em vez de confiná-las à área da Pequena Colômbia em Queens, seu centro de operações na ocasião.

A agência escolhida ficava perto do Prospect Park, um prédio branco e elegante, com o nome de Field's, tendo um estacionamento amplo.

Miguel passou pelas pesadas portas de carvalho que davam para um saguão com carpete bege-dourado, plantas altas em vasos e quadros de paisagens bucólicas. Foi recebido por um homem distinto de meia-idade, usando um paletó preto com um cravo branco, calça listrada em preto e cinza, camisa branca e gravata escura.

— Bom dia, senhor — disse o homem. — Sou o Sr. Field. Em que posso servi-lo?

Miguel ensaiara o que diria.

— Tenho dois pais idosos que desejam um certo planejamento em seu eventual... ha... passamento.

Com uma inclinação de cabeça, o Sr. Field expressou sua compreensão e aprovação.

— Eu compreendo, senhor. Muitas pessoas mais velhas, no ocaso de seus anos, desejam se sentir tranquilas e seguras quanto a seu futuro.

— Exatamente. O que meus pais gostariam...

— Desculpe, senhor, mas acho que ficaríamos mais à vontade se fôssemos para a minha sala.

— Claro.

Field seguiu na frente. Talvez intencionalmente, passaram por diversas salas grandes, com poltronas e sofás, uma com fileiras de cadeiras para um velório. Em cada sala havia um cadáver, dourado com cosméticos, a cabeça sobre uma almofada franjada, no caixão aberto. Miguel viu alguns visitantes, mas a maioria das salas estava vazia.

O escritório ficava na extremidade de um corredor, discretamente oculto. Havia diplomas emoldurados nas paredes, como no consultório de um médico, só que um era por "embelezamento" (ornamentado com fitas púrpura) e outro por embalsamamento. A um gesto de Field, Miguel ocupou uma cadeira.

— Posso perguntar seu nome, senhor?

— Novack -mentiu Miguel.

— Para começar, Sr. Novack, devemos conversar sobre os arranjos gerais. O senhor ou seus pais já possuem um jazigo num cemitério?

— Não.

— Então essa deve ser a nossa primeira consideração. Está cada vez mais difícil obter um espaço para sepultar, ainda mais de categoria. A menos, é claro, que esteja pensando em cremação.

Miguel, reprimindo a impaciência, sacudiu a cabeça.

— Não. Mas o que realmente quero discutir...

— Há também a questão da religião de seus pais. Que serviço será exigido? E há outras decisões a serem tomadas. Talvez seja melhor estudar isto.

Field estendeu o que parecia ser um requintado cardápio de restaurante. Incluía uma longa lista de itens separados com a indicação dos custos, como "Banho, desinfecção, manuseio e arrumação do falecido — 250 dólares"; e "Assistência clerical por diversas formas 100 dólares". Um "Serviço tradicional completo", por 5.900 dólares, incluía entre outras coisas um crucifixo de trinta dólares para ser posto entre as mãos do falecido.

Um caixão era extra, chegando a custar até 20.600 dólares.

— Estou interessado nos caixões — informou Miguel.

— Pois não. — Field levantou-se. — Venha comigo, por favor.

Ele desceu na frente uma escada para o porão. Entraram numa sala de exposição em que o carpete era vermelho, e Field encaminhou-se primeiro para o caixão de 20.600 dólares.

— Este é o nosso melhor produto. Aço da melhor qualidade, com três tampas, de vidro, de latão e latão forrado; durará para todo o sempre.

Ornamentos elaborados adornavam o exterior do caixão. O interior era forrado com veludo azul.

— Talvez alguma coisa um pouco mais simples — sugeriu Miguel.

Definiram-se por dois caixões, um menor do que o outro, que custavam 2.300 e 1.900 dólares.

— Minha mãe é uma mulher pequena — explicou Miguel. Mais ou menos do tamanho de um menino de onze anos, pensou ele. Sua curiosidade foi despertada por diversos caixões simples. Perguntou o que eram e Field explicou: — São para os judeus religiosos que exigem simplicidade. Os caixões têm dois buracos no fundo, por causa da teoria "terra para terra". O senhor não é judeu?

Miguel sacudiu a cabeça, e Field acrescentou, em tom confidencial: — Para ser franco, esse não é o tipo de repositório que eu escolheria para meus entes amados.

Voltaram ao escritório, onde Field disse: — Sugiro agora que passemos para outras questões. Primeiro, a questão da sepultura.

— Isso não é necessário — protestou Miguel. — Eu gostaria apenas de pagar pelos caixões e levá-los.

Field parecia chocado. — Isso não é possível!

— Por que não?

— Não é assim que se faz.

— Talvez seja melhor eu explicar. — Miguel estava começando a compreender que talvez não fosse tão simples quanto imaginara. — Meus pais gostariam de ter seus caixões agora, em sua casa, colocando-os onde possam vê-los todos os dias. Assim acabarão se acostumando, por assim dizer, com suas futuras acomodações.

Field parecia consternado. — Não podemos fazer isso. O que providenciamos aqui, se me permite usar essa palavra, é um "pacote". Seus pais poderão vir aqui para ver os caixões em que eventualmente repousarão. Mas depois disso ficaríamos com os caixões, até surgir a necessidade.

— Não poderia...

— Não, senhor. É absolutamente impossível.

Miguel sentiu que o homem perdia o interesse, talvez mesmo começasse a ficar desconfiado.

— Está bem. Pensarei a respeito e talvez volte depois.

Field acompanhou-o até a porta. Miguel não tinha a menor intenção de voltar. Sabia que já deixara uma impressão muito forte.

No dia seguinte ele tentou em mais duas agências funerárias, bem distantes, fazendo indagações mais sucintas. Mas sempre obteve a mesma resposta. Ninguém venderia os caixões separados do "pacote". A essa altura,

Miguel concluiu que a tentativa de se afastar de seu centro de operações era um erro e voltou ao Queens e a seus contatos na Pequena Colômbia. Depois de alguns dias de espera, indicaram-lhe uma agência funerária pequena e sombria em Astoria, perto de Jackson Heights. Ali conheceu Alberto Godoy. Em termos de agência funerária, a de Godoy era para a de Field a mesma coisa que o K-mart era para a Tiffany — destinado a uma clientela de qualidade inferior. Não apenas isso: a miséria prevalecia, abrangendo o próprio dono.

Godoy era obeso, calvo, os dedos manchados de nicotina e as feições inchadas de um bebedor. Manchas de comida sobressaíam no uniforme de agente funerário, paletó preto e calça em listras cinzas e pretas. Sua voz era áspera e pontuada pela tosse de fumante. Durante a reunião com Miguel, que começou em seu pequeno e atravancado escritório, Godoy fumou três cigarros, acendendo um depois de outro.

— Meu nome é Novack, e desejo algumas informações — disse Miguel.

Godoy balançou a cabeça — Já sei.

— Tenho dois pais idosos..

— Ah, então essa é a linha?

Miguel insistiu, repetindo a história anterior, enquanto Godoy escutava, com uma mistura de tédio e incredulidade. Ao final, só fez uma pergunta: — Como vai pagar? < — Em dinheiro.

Godoy mostrou-se um pouco mais afável.

— Por aqui.

Mais uma vez o porão era o cenário para amostras de caixão, embora aqui o carpete fosse de um marrom opaco e puído, com menos opções do que na Field's. Miguel escolheu rapidamente dois caixões convenientes, um de tamanho médio, o outro menor. Godoy anunciou: — Pelo do tamanho médio, três mil dólares. Pelo de criança, dois mil e quinhentos.

Embora a referência a "criança" tivesse relação com a sua história e se aproximasse perigosamente da verdade, Miguel ignorou-a; e embora estivesse convencido de que 5.500 dólares era pelo menos o dobro do preço normal, concordou em pagar, sem discussão. Levara o dinheiro e pagou em notas de cem dólares. Godoy pediu mais 454 dólares para o imposto de vendas da cidade de Nova York, e Miguel entregou o dinheiro, embora duvidasse que a quantia pudesse chegar um dia aos cofres municipais.

Miguel encostou de marcha à ré o caminhão GMC que acabara de comprar na plataforma de carga, e os caixões foram embarcados, sob a vigilante supervisão de Godoy.

Miguel levou-os para a casa se gura, onde ficaram guardados até a transferência posterior para Hackensack.

Agora, quase um mês depois, ele voltou à agência funerária de Alberto Godoy em busca de mais um caixão.

Miguel sentia-se apreensivo com o retomo por causa dos riscos envolvidos. Lembrava-se do comentário casual de Godoy sobre o segundo caixão sendo para uma criança.

Haveria, especulou Miguel, uma possibilidade de que Godoy tivesse relacionado o sequestro no dia anterior de uma mulher e um menino com a aquisição de dois caixões um mês atrás? Não era provável, mas um dos motivos da sobrevivência de Miguel por tanto tempo como um terrorista era a avaliação meticulosa de todas as possibilidades.

Contudo, tendo decidido transportar o terceiro cativo para o Peru, àquela altura não havia alternativa que não recorrer a Godoy. Era preciso assumir o risco.

Pouco mais de uma hora depois de deixar o prédio da ONU, Miguel mandou que Luís estacionasse o carro fúnebre a um quarteirão da agência funerária de Godoy. Miguel tornou a usar o guarda-chuva sob o forte aguaceiro.

Lá dentro, uma recepcionista falou com Godoy por um interfone, depois encaminhou Miguel para o escritório do proprietário. De trás de uma nuvem de fumaça, o gordo agente funerário contemplou Miguel com uma expressão cautelosa.

— Então é você outra vez. Seus amigos não me avisaram que viria.

— Ninguém sabia.

— O que você quer? Quaisquer que fossem as motivações de Godoy para fazer negócios com Miguel na primeira ocasião, era evidente que ele tinha suas restrições agora.

— Vim pedir um favor, para um amigo idoso. Ele viu os caixões que comprei para meus pais, gostou da ideia e perguntou se eu não poderia...

— Ora, corta essa! — Havia uma velha escarradeira ao lado da mesa de Godoy. Tirando o cigarro da boca, ele cuspiu nela. — Não perca meu tempo com o que ambos sabemos ser um papo furado. perguntei o que você quer.

— Um caixão. Para ser pago como antes. Godoy observou-o através dos olhos contraídos.

— Tenho um negócio aqui. É verdade que às vezes atendo aos pedidos de seus amigos, mas eles fazem o mesmo por mim. O que quero saber de você é o seguinte: vou me meter em alguma merda por causa disso? — Não haverá

merda nenhuma. Desde que você coopere. Miguel imprimiu um tom ameaçador à sua voz, e isso surtiu efeito — Está certo, terá o que quer — disse Godoy, a voz mais moderada. — Mas os preços subiram desde a última vez. Pelo mesmo modelo de adulto, quatro mil dólares.

Sem dizer nada, Miguel abriu a carteira de papelão que José Antônio Salaverry lhe entregara e começou a contar o dinheiro, em notas de cem dólares. Entregou quarenta a Godoy, que disse: — Mais duzentos e cinquenta para o imposto de vendas de Nova York.

Guardando a carteira, Miguel respondeu: — Você e Nova York podem ir se foder. — Uma pausa. — Tenho um transporte lá fora. Leve o caixão para a área de embarque.

Godoy ficou um pouco surpreso quando viu o carro fúnebre aparecer. Lembrou que os dois caixões anteriores haviam sido levados num caminhão. Ainda desconfiado do visitante, Godoy memorizou as letras e números na placa de Nova York do carro fúnebre, anotando quando voltou a seu escritório, embora sem saber direito por quê.

Guardou o papel numa gaveta e esqueceu-o no instante seguinte.

Apesar da convicção de que se envolvera em algo que seria mais seguro ignorar, Godoy sorriu ao guardar os quatro mil dólares no cofre do escritório. Uma parte do dinheiro que seu recente visitante lhe pagara um mês antes ainda se encontrava no cofre. Além de não ter a menor intenção de pagar o imposto de vendas de Nova York sobre qualquer das duas transações, Godoy também não tencionava declará-las em seu imposto de renda. Seria fácil manipular os registros para fazer os três caixões desaparecerem dos livros. A perspectiva deixou-o tão animado que ele resolveu fazer o que fazia com frequência — ir a um bar próximo para tomar um trago.

Vários companheiros de Godoy acolheram-no ruidosamente. Pouco tempo depois, a língua solta pelas três doses de uísque que tomara, ele relatou ao grupo como algum maluco comprara dois caixões e os colocara — fora o que ele dissera — na casa dos pais, à espera do momento em que os velhos morressem, e semanas depois voltara para adquirir mais um caixão, como se fosse uma panela.

Enquanto os outros caíam na gargalhada, Godoy confidenciou que dera um golpe no sujeito, cobrando três vezes mais que o preço normal dos caixões. Ao ouvir isso, um dos amigos acrescentou um viva entre risadas, exortando Godoy — toda a sua preocupação agora dissipada — a pagar uma rodada para todos.

Entre as pessoas no bar havia um colombiano que era agora residente dos Estados Unidos e escrevia uma coluna para um obscuro semanário em espanhol, publicado em Queens. No verso de um envelope, usando um coto de lápis, o homem escreveu a essência da história de Godoy, traduzindo-a para o espanhol. Seria uma boa história, ele pensou, para a coluna da semana seguinte.

7

Fora um dia frenético na CBA, em particular para a força-tarefa do sequestro Sloane.

Produzir uma matéria ampla para O Jornal da Noite continuava a ser o foco da atividade, embora outros acontecimentos, alguns da maior importância, estivessem ocorrendo em diversas partes do mundo.

A história do sequestro teria um noticiário de cinco minutos e meio — uma duração extraordinária para uma atividade em que os segmentos de quinze segundos eram disputados encarniçadamente. Em decorrência, quase todo o esforço da força-tarefa se devotara à produção daquele dia, praticamente sem deixar tempo para o planejamento ou reflexão a longo prazo.

Com Harry Partridge apresentando a abertura do noticiário, a transmissão começou: Depois de 36 horas de espera angustiada, não há novas notícias sobre a família do âncora da CBA Crawford Sloane, cuja esposa, filho e pai foram sequestrados ontem de manhã, em Larchmont, Estado de Nova York. O paradeiro da Sra. Jessica Sloane, Nicholas, de onze anos, e Sr. Angus Sloane continua desconhecido.

À medida que cada nome era mencionado, um fato aparecia por cima do ombro do Partridge.

Também se desconhecem as identidades, objetivos e ligações dos sequestradores.

Um corte rápido para o rosto transtornado de Crawford Sloane enchendo a tela. A voz angustiada de Sloane suplicou: — Quem quer que vocês sejam, de onde quer que tenham vindo, entrem em contato, pelo amor de Deus! Queremos noticias! A voz de Partridge voltou, sobre uma cena da fachada do prédio do FBI, o J. Edgar Hoover Building, em Washington: — Embora o FBI, agora no comando das investigações, se recuse afazer comentários...

A cena mudou por um instante para a sala de imprensa do FBI, com um porta-voz dizendo: — Neste momento, não seria conveniente fazer qualquer declaração.

Partridge outra vez: — ...autoridades do FBI admitem em particular que não houve qualquer progresso. Desde ontem há manifestações de preocupação e fúria nos mais altos níveis...

Uma fusão para a sala de imprensa da Casa Branca, o presidente falando: — Tamanha iniquidade não tem lugar na América. Os criminosos serão perseguidos e punidos.

Partridge: — ...e nos lugares mais humildes...

De Pittsburgh, um operário siderúrgico negro, de capacete, o rosto brilhando ao clarão de uma fornalha: — Estou envergonhado de que algo assim possa acontecer em meu país.

Numa cozinha clara em Topeka, uma dona de casa branca: — Não posso entender por que ninguém previu o que aconteceu e tornou precauções. Meu coração sofre por Crawford. — Ela apontou para um aparelho de tevê. — Nesta casa, ele é da família.

Sentada em sua carteira numa sala de aula na Califórnia, uma jovem eurasiana, de voz suave: — Estou preocupada com Nicholas Sloane. Não é justo que o tenham levado.

Durante o dia equipes de câmera da CBA e afiliadas por todo o país registraram as reações do público. A rede assistira a mais de cinquenta entrevistas e selecionara aquelas três.

A cena mudou para a casa de Sloane em Larchmont naquela manhã, sob a chuva — uma panorâmica da multidão à espera na rua, depois um movimento pelos rostos. Sobre a imagem, a voz de Partridge: — Em parte por causa do grande interesse do público, ocorreu hoje uma nova tragédia.

A voz em over continuou, alternando com som natural, mais imagens: a saída dos dois carros sem identificação do FBI... o avanço dos espectadores no caminho do primeiro carro... o primeiro carro freando, escapando ao controle, derrapando... um rangido de pneus seguido por gritos dos feridos... outras pessoas se afastando desesperadamente do caminho do segundo carro, que depois continuou... um close do rosto aturdido de Crawford Sloane... o segundo carro se afastando a toda velocidade.

Durante a edição, houve objeções à inclusão das cenas do rosto de Sloane e do carro desaparecendo. O próprio Sloane alegou: — Dá uma impressão errada.

Mas Iris Everly, que cuidara da maior parte da matéria, trabalhando durante o dia com um dos melhores editores de imagens da CBA, Bob Watson, argumentou em favor da inclusão e ganhou.

— Quer Crawf goste ou não — ressaltou ela —, é notícia e devemos permanecer objetivos. Além disso, estamos olhando para o único momento de ação desde ontem.

Rita e Partridge apoiaram Iris.

O ritmo mudou para uma hábil reconstituição do dia anterior. Começou com Priscilla Rhea, a ex-professora idosa e frágil, descrevendo outra vez o brutal sequestro de Jessica, Nicky e Angus Sloane, diante do supermercado em Larchmont.

Minh Van Canh usara sua câmera de uma forma criativa, com um close do rosto da Srta. Rhea. Mostrava os sulcos profundos da idade, cada ruga se destacando, mas também ressaltava o caráter firme e inteligente. Minh a estimulara com perguntas gentis, um procedimento ocasionalmente usado. Quando não havia nenhum repórter presente, os cinegrafistas experientes às vezes faziam perguntas às pessoas que filmavam. As perguntas eram apagadas depois da gravação de áudio, mas as respostas permaneciam como declarações.

Depois de descrever a luta no estacionamento e a partida do furgão Nissan, a Srta. Rhea declarou sobre os sequestradores, alteando a voz: — Eram homens brutais, animais, selvagens!

O chefe de polícia de Larchmont confirmou em seguida que não havia novas pistas no caso e que os sequestradores ainda não haviam feito contato.

Depois da reconstituição, veio a entrevista com o criminologista, Ralph Salerno.

Com Salerno num estúdio em Miami e Harry Partridge em Nova York, a entrevista fora gravada via satélite ao final daquela tarde. A recomendação de Karl Owens provou ser ótima. Salerno, uma figura impressiva, era eloquente e bem-informado. Deixou Rita Abrams tão impressionada que ela acertou a disponibilidade exclusiva para a CBA, durante a duração da crise. Ele receberia mil dólares por cada aparecimento numa transmissão, com um mínimo garantido de quatro.

Embora as redes de tevê alegassem que não pagavam pelas entrevistas nos noticiosos — uma declaração nem sempre verdadeira —, um pagamento por consultoria era diferente e aceitável.

— O progresso da investigação depois de qualquer sequestro executado com eficiência — declarou Ralph Salerno — depende de contatos dos sequestradores. A menos e até que isso aconteça, geralmente há um impasse.

Respondendo a uma pergunta de Partridge, ele continuou: — O FBI tem um elevado índice de sucesso em sequestros; eles resolvem 92% dos casos. Mas

se examinar com atenção quem foi apanhado e como, verificará que a maioria das soluções dependeu de primeiro se terem noticias dos sequestradores, depois cercá-los durante as negociações ou no momento do pagamento do resgate.

Partridge estimulou-o: — Então é provável que não aconteça muita coisa até que os sequestradores entrem em contato?

— Exatamente.

Uma declaração final do segmento especial do noticioso foi feita pela Presidente da CBA, Margot Lloyd-Mason.

A ideia de incluir Margot fora de Leslie Chippingham. Pouco depois de interromper a programação da rede com a notícia do sequestro no dia anterior, ele falara com Margot pelo telefone e tomara a fazê-lo naquela tenha. A reação de Margot, de um modo geral, fora compadecida, e depois da primeira conversa ela ligara para Crawford Sloane, expressando a esperança de que sua família fosse encontrada em breve. Na conversa com Chippingham, no entanto, ela apresentou duas advertências.

— Parte do motivo para que uma coisa assim aconteça é o fato de as redes, erradamente, permitirem que os apresentadores dos noticiários se tomem maiores do que a vida, a ponto de o público considerá-los como algo muito especial, quase deuses.

Ela não explicou como uma rede podia controlar os acontecimentos públicos, mesmo que desejasse. Chippingham, por sua vez, achara que não havia sentido em argumentar o óbvio.

O outro ponto se relacionava com a força-tarefa do sequestro. Margot Lloyd-Mason declarou: — Não quero ninguém, e estou me referindo principalmente a você, gastando dinheiro de forma desvairada. Deve fazer tudo que for necessário dentro do orçamento de sua divisão.

Chippingham comentou, em dúvida. — Não sei se será possível.

— Pois então lhe darei uma decisão irrecorrível: nenhuma atividade ultrapassando o orçamento pode ser iniciada sem a minha aprovação antecipada. Entendido? Chippingham especulava: essa mulher tem sangue ou gelo nas veias? Em voz alta, respondeu: — Entendido, é claro, Margot, mas devo lembrá-la que nossos índices de audiência para o jornal ontem à noite subiram, e espero continuar assim durante essa crise.

— O que serve apenas para comprovar que os eventos trágicos podem ser aproveitados lucrativamente — comentara ela, friamente.

Embora envolver a presidente da empresa no noticioso daquela noite parecesse apropriado, Chippingham também esperava abrandar a atitude de

Margot em relação a algumas despesas especiais que, em sua opinião, seriam indispensáveis.

No ar, Margot falou com autoridade, usando palavras que haviam redigido para ela, mas com sua própria revisão: — Falo em nome de todas as pessoas desta rede e de nossa companhia matriz Globanic Industries, quando declaro que todos os nossos recursos serão empenhados na busca pelos membros desaparecidos da família Sloane. Para todos nós, na verdade, é um problema de família. Lamentamos o que aconteceu. Exortamos as agências legais a continuarem em seus esforços mais intensos para levarem os criminosos à Justiça. Esperamos ver nosso amigo e colega Crawford reunido com a esposa, filho e pai no mais breve prazo possível.

No texto original não havia referência à Globanic Industries. Quando Margot a propusera, ao revisar o texto na sala de Chippingham, ele dissera: — Eu não faria isso. O público tem uma imagem da CBA como uma entidade separada. Incluir o nome da Globanic toma essa imagem nebulosa e não beneficia ninguém.

— Você prefere fingir que a CBA é uma espécie de joia da coroa e independente. Pois não é nenhuma das duas coisas. Lá na Globanic eles são mais propensos a pensar na CBA como um furúnculo no rabo. A referência permanece. O que você pode tirar, em relação a Sloane, são as palavras "nosso amigo e colega". Sequestro ou não, posso sufocar com elas.

Chippingham sugerira secamente: — Que tal uma troca? Prometo amar a Globanic se você, nessa única transmissão, se declarar amiga de Crawford.

Por uma vez, Margot soltara uma gargalhada. — Mas que merda! Está combinado!

8

A falta de progresso, depois de um primeiro dia frenético para a força-tarefa, não surpreendia Harry Partridge. Já participara de projetos similares no passado e sabia que os membros de qualquer equipe nova precisavam de pelo menos um dia para se orientar. Mesmo assim, era indispensável que não houvesse mais protelações na formulação dos planos.

— Vamos ter um jantar de trabalho esta noite — disse ele a Rita, durante a tarde.

Ela convocou então as seis pessoas principais na força-tarefa, Partridge, Rita, Jaeger, Iris, Owens, Cooper — para um jantar de comida chinesa, logo

depois do Jornal da Noite. Rita escolheu o Shun Lee West, na Rua 65, perto do Lincoln Center, um restaurante bastante apreciado pelos jornalistas televisivos. Ao fazer a reserva, ela disse ao maître, Andy Yeung: — Não nos incomode com cardápios. Encomende uma boa refeição e nos providencie uma mesa afastada, onde possamos conversar à vontade.

Durante um comercial que se seguiu ao noticiário de cinco minutos sobre o sequestro, Partridge deixou seu lugar e foi substituído por Crawford Sloane. Na passagem, Sloane segurou Partridge pelo braço e murmurou: — Obrigado, Harry... por tudo.

— Alguns de nós trabalharão esta noite — informou Partridge —, tentando formular algumas ideias.

— Sei disso... e estou grato.

Normalmente Sloane lia rapidamente os textos que um assistente colocava à sua frente. Observando-o, Partridge ficou chocado com sua aparência. Nem mesmo a maquiagem podia ocultar os estragos do último dia e meio. As faces de Sloane pareciam encovadas, ele tinha olheiras, os olhos estavam injetados; talvez, pensou Partridge, ele estivesse chorando em particular.

— Você está bem? — sussurrou Partridge. — Quer mesmo fazer isso?

Sloane balançou a cabeça.

— Aqueles filhos da puta não vão me deixar fora de ação. O diretor de estúdio gritou: — Quinze segundos! Partridge afastou-se do alcance da câmera e depois saiu do estúdio. Lá fora, ficou observando por um monitor, até ter certeza de que Sloane conseguiria chegar ao final do jornal. Só depois pegou um táxi e seguiu para o Shun Lee West.

A mesa ficava no fundo do restaurante, num canto relativamente sossegado.

Quase ao final do primeiro prato — uma sopa de melão almiscarado fumegante, com um sabor delicado —, Partridge começou a falar com Cooper. O jovem inglês passara a maior parte do dia em Larchmont, conversando com todos que tinham conhecimento do sequestro, inclusive a polícia local. Voltara no final da tarde.

— Teddy, exponha suas impressões até agora e qualquer ideia sobre os rumos que devemos seguir.

Cooper empurrou para o lado o prato de sopa vazio e limpou os lábios. Abriu um caderno bastante manuseado.

— Muito bem, as impressões primeiro.

As páginas à sua frente estavam ocupadas por anotações rabiscadas.

— Para começar, foi um trabalho profissional, do princípio ao fim. Os miseráveis conheciam o ofício, planejaram como um horário de trens e não cometeram erros e não deixaram pistas. Segundo, eles tinham muito dinheiro.

Norman Jaeger perguntou: — Como sabe disso?

— Esperava mesmo que perguntasse. — Cooper sorriu, correndo os olhos pela mesa. — Por um lado, tudo indica que os sequestradores observaram por um longo tempo, antes de entrar em ação. Já soube dos vizinhos que dizem agora ter visto carros diante da casa de Sloane, uma ou duas vezes, caminhões, achando que as pessoas estavam ali para proteger o senhor S., não para espioná-lo? Pois bem, cinco pessoas prestaram essas informações desde ontem; falei com quatro hoje. Todas disseram que viram os carros em ocasiões diversas por três semanas, talvez um mês. E devemos considerar também o fato de que o senhor S. acredita agora que estava sendo seguido.

Cooper olhou para Partridge.

— Harry, li suas informações no quadro e acho que o senhor S. estava certo: ele foi mesmo seguido. Tenho uma teoria a respeito.

Enquanto eles conversavam, novos pratos foram servidos: camarões empanados com pimentão, camarões fritos, ervilhas e arroz. Houve uma pausa para desfrutar a comida quente, e depois Rita indagou: — Qual é a sua teoria, Teddy?

— Lá vai. O senhor S. é um grande astro da tevê, está acostumado a ser uma figura pública, observado aonde quer que vá, o que acaba se tomando um sentimento consciente. Contra isso, ele desenvolve um sentimento subconsciente de não se deixar incomodar pelos olhares de estranhos, cabeças virando, dedos apontando. É por isso que pode ter apagado a noção de que era seguido, o que calculo que aconteceu, pois se ajusta ao reconhecimento pleno de toda a família Sloane.

— Mesmo que seja verdade — indagou Karl Owens —, para onde isso nos leva?

Partridge interveio: — Ajuda-nos a projetar uma imagem dos sequestradores. Continue, Teddy.

— Muito bem, os sequestradores gastaram um bocado de dinheiro levando todo esse tempo e fazendo toda essa espionagem. O mesmo se aplica aos carros que usaram na vigilância, além de um caminhão, talvez dois, o furgão Nissan de ontem, uma frota e tanto. E havia algo especial nos carros.

Cooper virou uma folha do caderno. — Os tiras de Larchmont me deixaram ver os relatórios sobre os carros. E coisas interessantes ficaram

evidentes. Hoje em dia, quando alguém vê um carro não consegue se lembrar de muita coisa a respeito mais tarde. Mas quase todo mundo se lembra da cor. As pessoas que prestaram informações sobre os carros indicaram oito cores diferentes. Perguntei a mim mesmo: a quadrilha que fez o sequestro tinha oito carros diferentes?

— É bem possível, se fossem carros alugados — comentou Iris.

Cooper sacudiu a cabeça.

— Não nossos rapazes; eles seriam espertos demais para isso. Saberiam que carros alugados significam identificação; carteiras de motoristas, cartões de crédito. Além disso, os carros de aluguel têm placas que podem ser verificadas.

— Então você tem outra teoria — sugeriu Iris. — Certo?

— Certo. O que acho que aconteceu é que os sequestradores provavelmente tinham três carros e os repintaram, digamos, uma vez por semana, esperando diminuir as chances de serem notados. E deu certo. Só que cometeram um erro estúpido ao repintá-los.

Mais comida chegou: duas travessas empilhadas com porções de pato de Pequim. Os outros estenderam os pauzinhos e puseram-se a comer vorazmente, enquanto Cooper continuava: — Vamos voltar atrás por um instante. Um dos vizinhos de Larchmont notou mais coisas sobre os carros do que os outros. Isso aconteceu porque ele está no negócio de seguro de carros, conhece marcas e modelos.

Jaeger interrompeu:— Tudo isso é muito interessante, meu amigo britânico, mas se quer provar deste pato delicioso, é melhor se apressar, antes que nós, ianques gulosos, acabemos com tudo.

— Pato internacional!

Cooper comeu também, com a maior satisfação, depois continuou: — O tal cara dos seguros notou as marcas e modelos de todos os carros, e diz que viu apenas três, não mais do que isso: um Ford Tempo, um Chevy Celebrity e um Plymouth Reliant, todos modelos deste ano. Ele se lembra também de algumas cores.

— E como você chegou à conclusão de que os carros haviam sido pintados? — perguntou Partridge.

— Esta tarde, Bert Fisher telefonou por mim para alguns revendedores de automóveis, E descobrimos que algumas cores que as pessoas viram não eram disponíveis para aqueles modelos. Por exemplo, o cara dos seguros disse que viu um Ford Tempo amarelo, mas nenhum carro foi fabricado com essa cor. O

mesmo acontece com um Plymouth Reliant azul. Outra pessoa descreveu um carro verde, mas nenhuma dessas marcas está disponível em verde.

Owens comentou, pensativo: — Talvez você tenha descoberto alguma coisa. É sempre possível que um carro sofra um acidente e seja repintado, mas não é provável que isso aconteça com três.

— Há mais um ponto nisso — interveio Jaeger. — Quando uma oficina pinta um carro, geralmente usa a cor da fabricação. A menos que alguém peça expressamente uma cor diferente.

— O que não seria provável — acrescentou Iris —, levando em consideração o que Teddy acabou de dizer sobre a esperteza das pessoas que estamos procurando. Queriam passar despercebidos, não o contrário.

— Concordo com tudo isso, pessoal — disse Cooper. — O que nos leva à noção de que as pessoas que procuramos pintaram os carros diretamente, sem pensar muito nas cores, talvez por não entenderem do assunto.

Partridge comentou, em dúvida: — Acho que estamos indo muito longe no terreno das suposições.

Rita se manifestou agora: — Será mesmo? Deixe-me lembrá-lo do que Teddy ressaltou antes. As pessoas de que falamos praticamente tinham uma frota de veículos, pelo menos três carros, um caminhão, talvez dois, o furgão de passageiros Nissan usado no sequestro... Pelo menos cinco veículos, ao que sabemos. Faz sentido que eles quisessem guardá-los juntos, no mesmo lugar, que teria de ser de um tamanho considerável. Portanto, não é provável que fosse um lugar grande o bastante para incluir uma oficina de pintura?

— Ou seja, uma base de operações — disse Jaeger. Ele virou-se para Teddy; um crescente respeito substituíra seu ceticismo da manhã. — Não é sobre isso que você está falando? Não é para esse ponto que procura nos levar?

— Exatamente! — respondeu Cooper, radiante.

O jantar — que se prolongou por oito pratos — continuava. Havia agora diante do grupo lagosta gratinada, com gengibre e cebolinha, Todos se serviram com expressões pensativas, concentrando-se no que acabara de ser dito.

— Um centro de operações... — murmurou Rita. — Talvez para as pessoas envolvidas, quem quer que seja, além dos veículos. Sabemos pela descrição da velha que havia quatro ou cinco homens no local do sequestro. Podia haver mais nos bastidores. Não seria razoável que tudo se concentrasse num só lugar?

— Inclusive os reféns — acrescentou Jaeger.

— Se presumimos tudo isso, e bem — disse Partridge —, vamos passar para a pergunta seguinte e óbvia: onde?

— Não sabemos, é claro — respondeu Cooper. — Mas um pensamento profundo a respeito pode sugerir o tipo de lugar provável; e também, possivelmente, a que distância estava, ou está, de Larchmont.

Divertida, Iris indagou: — E você já pensou nisso?

— Como está perguntando...

— Deixe de encenação, Teddy — disse Partridge, bruscamente. — Vá direto ao ponto.

Cooper continuou, imperturbável: — Tentei pensar da maneira como um sequestrador planejaria. E me fiz uma pergunta: depois do sequestro, quando agarrei quem queria, o que podia desejar em seguida?

— Que tal esta resposta? — disse Rita. — Ficar a salvo de perseguição; ou seja, sair do local o mais depressa possível e me esconder rapidamente.

Cooper bateu com as palmas das mãos.

— Acertou na mosca! E que lugar melhor para se esconder do que o centro de operações?

— Será que estou entendendo direito? — indagou Owens. — Está mesmo sugerindo que a base não era longe?

— Penso da seguinte maneira — respondeu Cooper. — Primeiro, teria de ser um lugar relativamente longe de Larchmont; permanecer em qualquer lugar na área. Segundo, mas não devia ser muito longe. Os sequestradores saberiam que em pouco tempo, talvez minutos, haveria um alarme e a polícia os procuraria por toda parte. Portanto, devem ter calculado de quanto tempo dispunham antes de começar a caçada.

— Se ainda está pensando como eles, quanto tempo? — perguntou Rita.

— Como um palpite, eu diria que meia hora. Até mesmo isso já acarretaria um risco elevado, mas eles precisariam desse tempo para se afastarem o suficiente.

Owens comentou, falando bem devagar: — Traduzindo isso em quilômetros, lembrando a área, eu diria que uns quarenta quilômetros.

— Foi o que eu também calculei.

Cooper pegou um mapa dobrado da área de Nova York e abriu-o. No mapa, tendo Larchmont como centro, ele traçara um círculo em crayon. Espetou um dedo no círculo.

— Um raio de quarenta quilômetros. Acho que a base de operações dos sequestradores está em algum ponto dentro deste círculo.

9

Às 8h40 da noite de sexta-feira enquanto o grupo da CBA ainda jantava no Shun Lee West, uma campainha soou no apartamento em Manhattan do diplomata peruano José Antônio Salaverry. Indicava um visitante.

O apartamento, na Rua 48, perto da Park Avenue, ficava num prédio de vinte andares. Embora houvesse um porteiro no saguão, os visitantes usavam um sistema de interfone externo para anunciar sua chegada, depois eram admitidos diretamente pelos moradores.

Salaverry estivera nervoso desde o encontro com Miguel naquela manhã no prédio da ONU, sentia-se ansioso em ouvir que o grupo Medellín/Sendero Luminoso deixara o país, são e salvo. A partida deles, pensava Salaverry, encerraria sua ligação com aquela coisa assustadora que povoava sua mente desde o dia anterior.

Ele e sua amiga Helga Efferen estavam bebendo vodca com água tônica na frente de uma lareira fazia mais de uma hora, nenhum dos dois se sentindo propenso a ir até a cozinha e preparar comida ou telefonar e mandar que trouxessem. A bebida os relaxara fisicamente, mas não removera a ansiedade.

Formavam um casal estranho: Salaverry, pequeno e insinuante, Helga, melhor descrita por uma única palavra, "ampla". Ela tinha uma estrutura óssea grande, carne abundante, seios fartos, uma loura natural. A natureza, no entanto, suspendera seu trabalho pouco antes de tomá-la bonita; havia uma aspereza em seu rosto e um comportamento azedo que repeliam os homens, mas não Salaverry. Desde o primeiro encontro no banco que ele se sentira atraído por Helga, talvez vendo nela um reflexo de si mesmo e sentindo também sua sensualidade forte, mas oculta.

Se assim fora, ele acertara em cheio nas duas coisas. Partilhavam os mesmos pontos de vista, baseados principalmente no pragmatismo, egoísmo e cobiça. Quanto ao sexo, nas fornicações frequentes, Helga tomava-se uma baleia frenética para o Jonas de José Antônio, envolvendo-o e quase devorando-o. O que ele adorava. Helga também era propensa a gritar, às vezes se esgoelar, no momento do orgasmo, o que o fazia sentir-se macho e — sob todos os aspectos — maior do que era.

Uma rara exceção a esse prazer erógeno ocorrera no início daquela noite. Haviam copulado, esperando apagar, mesmo temporariamente, sua grande preocupação. Mas isso não acontecera, e depois de algum tempo ambos compreenderam que não punham o coração na cópula e desistiram.

A empatia mental, porém, permanecia intacta, tipificada pela atitude dos dois em relação ao sequestro da família Sloane.

Ambos estavam conscientes de que possuíam um conhecimento importante sobre um crime sensacional que dominava os noticiários e cujas vítimas e autores eram procurados por quase todas as organizações policiais do país. Pior ainda, haviam ajudado e propiciado o financiamento da quadrilha que cometera o sequestro.

Apesar disso, não era a segurança das vítimas do sequestro que preocupava José Antônio e Helga. Era a própria segurança. Salaverry sabia que se fosse denunciado seu envolvimento, nem mesmo a imunidade diplomática o salvaria de consequências extremamente desagradáveis, inclusive a expulsão da ONU e dos Estados Unidos, a extinção de sua carreira e, mais do que provavelmente, a vingança do Sendero Luminoso no Peru. Helga, sem proteção diplomática, podia ser enviada para a prisão pelo crime de reter informações e também, possivelmente, por aceitar subornos para canalizar recursos secretamente no banco em que trabalhava.

Tais pensamentos passavam por sua mente quando a campainha tocou e seu amante levantou-se de um pulo, avançando apressado para o interfone na parede, ligando o apartamento com a entrada do prédio. Apertando um botão, ele perguntou: — Quem é?

Uma voz tomada metálica pelo sistema anunciou: — Aqui é Platão.

Aliviado, Salaverry informou a Helga: — É ele. — E acrescentou pelo interfone: — Suba, por favor. Ele apertou um botão para soltar a tranca da porta lá embaixo.

Dezessete andares abaixo, o homem que falara com Salaverry entrou no prédio através de uma pesada porta de placa de vidro. Era de compleição média, rosto fino e moreno, olhos fundos e pensativos, cabelos pretos lustrosos. Podia ter qualquer idade entre 38 e 55 anos. Usava uma capa, desabotoada na frente, por cima de um terno marrom comum. Entrara usando luvas e não as tirou, apesar do calor dentro do prédio.

Um porteiro uniformizado, que vira o homem chegar e usar o interfone, acenou-lhe na direção do elevador. Três outras pessoas já à espera no saguão também entraram no elevador. O homem de capa ignorou-as. Depois de apertar o botão do décimo oitavo andar, permaneceu impassível, olhando fixamente para a frente. Os outros ocupantes já haviam saltado quando o elevador chegou a seu andar.

Ele seguiu como uma flecha para o apartamento que procurava, notando com todo cuidado que havia mais três apartamentos no andar e uma escada de emergência à direita.

Não esperava usar a informação, mas memorizar rotas de fuga era um hábito. Apertou um botão na porta do apartamento e ouviu um carrilhão suave lá dentro. A porta foi aberta quase que no mesmo instante, e o homem perguntou: — Sr. Salaverry?

Sua voz era suave, com um sotaque latino.

— Isso mesmo. Entre. Não quer tirar a capa?

— Não se preocupe. Não ficarei muito tempo. — O visitante olhou rapidamente ao redor, avistou Helga e indagou: — Essa é a mulher do banco?

Parecia uma maneira indelicada de se expressar, mas mesmo assim Salaverry respondeu: — É, sim, a Srta. Efferen. E qual é seu nome?

— Platão servirá. — Ele acenou com a cabeça na direção do fogo. — Podemos ir até lá?

— Claro.

Salaverry notou que o homem continuava de luvas. Talvez, pensou, fosse um fetiche pessoal ou então uma deformidade.

Encontravam-se agora diante da lareira. Depois de um ligeiro balançar de cabeça, o homem perguntou: — Há mais alguém no apartamento?

Salaverry sacudiu a cabeça.

— Estamos sozinhos. Pode falar livremente.

— Tenho uma mensagem — disse o homem, enfiando a mão no bolso da capa.

Quando a mão saiu, empunhava uma pistola Browning de nove milímetros, com um silenciador.

A bebida retardara as reações de Salaverry, mas mesmo que estivessem normais, era improvável que pudesse fazer alguma coisa para alterar o que aconteceu em seguida.

Enquanto o peruano ficava paralisado de espanto, e antes que pudesse se mexer, o homem encostou a pistola em sua testa e puxou o gatilho. Em seu último instante de vida, a vítima escancarou a boca em surpresa e incredulidade.

O ferimento foi pequeno por onde a bala entrou — um círculo vermelho regular, cercado por queimadura de pólvora. Mas o buraco na saída, atrás da cabeça, era enorme e repulsivo, com fragmentos de osso, tecido cerebral e sangue se derramando. No instante antes do corpo cair, o homem de capa teve

tempo para notar a queimadura de pólvora, um efeito que desejara. Depois, virou-se para a mulher.

Helga também ficara paralisada pelo choque. Agora, no entanto, a surpresa se transformara em terror. Começou a gritar e ao mesmo tempo tentou fugir.

Mas era tarde demais para os dois esforços. O homem, um atirador exímio, acertou uma bala em seu coração. Helga caiu e morreu, o sangue espalhando-se pelo tapete.

O homem, o assassino de aluguel que Miguel enviara da Pequena Colômbia, parou para escutar com toda atenção. O silenciador na Browning abafara eficazmente o som dos tiros, mas ele não gostava de correr riscos, esperando por uma possível intervenção do exterior. Se houvesse qualquer barulho dos vizinhos ou outros sinais de curiosidade, partiria imediatamente. Mas o silêncio persistiu e ele pôs-se a trabalhar, com rapidez e eficiência, na execução do resto das instruções. Primeiro, removeu o silenciador da pistola e guardou-o no bolso. Largou a pistola temporariamente ao lado do corpo de Salaverry. Depois, tirou do outro bolso da capa uma pequena lata de tinta spray. Foi até a parede no outro lado e escreveu em enormes letras pretas a palavra CORNUDO.

Voltando a Salaverry, deixou que um pouco da tinta preta pingasse em sua mão direita. Estendeu os dedos inertes em tomo da lata e comprimiu-os, a fim de que as impressões digitais de Salaverry ficassem gravadas. O assassino largou a lata numa mesa próxima, pegou a pistola e ajeitou-a na mão do cadáver, tomando a apertar os dedos, a fim de imprimir as impressões digitais. Arrumou a arma e a mão para ficar parecendo que Salaverry se matara e caíra no chão.

Não fez nada com o corpo da mulher, deixando-o onde caíra.

Em seguida, tirou do bolso uma folha de papel dobrada, em que estavam datilografadas as seguintes palavras:

Então não quis acreditar em mim quando eu disse que ela é uma puta ninfomaníaca, indigna de você. Pensa que ela o ama, quando tudo que ela sente por você é desprezo.

Confiou nela, deu-lhe uma chave de seu apartamento. O que ela fazia com isso era levar outros homens para lá e se empenhar em sórdidos atos sexuais. Aqui estão fotografias para provar. Ela trouxe o homem e permitiu que o amigo dele fotógrafo registrasse tudo. Sua ninfomania se estende a colecionar essas fotos. É claro que o uso de seu apartamento de uma maneira tão monstruosa representa o supremo insulto para um macho como você.

Sua Antiga (e Verdadeira) Amiga

Deixando a sala de estar, o assassino foi para o que era obviamente o quarto de Salaverry. Amassou a folha datilografada numa bola e largou num cesto para papel.

Quando o apartamento fosse revistado pela polícia, como era inevitável, o papel certamente seria encontrado. Era bem provável que fosse considerada uma carta semianônima, a autoria conhecida apenas de Salaverry, quando ainda era vivo.

Um toque final foi um envelope que o assassino também tirou do bolso, contendo alguns fragmentos de fotos em preto e branco, cada fragmento queimado nas beiras.

Entrando no banheiro ao lado do quarto, ele esvaziou o conteúdo do envelope no vaso, deixando os fragmentos a flutuarem.

Os pedaços seriam pequenos demais para serem identificados. Mas haveria uma suposição razoável, a de que Salaverry recebera a carta acusadora, queimara as fotos que a acompanhavam e despejara as cinzas pelo vaso, alguns fragmentos não queimados ali permanecendo E depois de tomar conhecimento da traição de sua amada Helga, ele a matara num acesso de raiva ciumenta.

Salaverry em seguida teria escrito a palavra única na parede, uma mensagem patética, descrevendo como se sentia. (Se os investigadores da polícia não falassem espanhol, alguém logo lhes explicaria o que isso significava.) Havia mesmo um toque artístico naquele brado de despedida toscamente pintado. Talvez não fosse o tipo de coisa que um anglo-saxão ou um americano nato pudessem fazer, mas mostrava o frenesi volúvel de um amante latino.

Uma suposição final: em desespero, não querendo enfrentar as consequências de seu ato, Salaverry cometera suicídio, a queimadura de pólvora na testa sendo típica de um ferimento auto-infligido.

Como os experientes planejadores do crime sabiam muito bem, na cidade de Nova York, em que os homicídios sem solução eram comuns e os detetives da força policial viviam sobrecarregados de trabalho, pouco tempo e esforço seria dispensado à investigação de um crime em que as circunstâncias e a solução pareciam tão evidentes.

O assassino examinou a sala de estar, efetuando uma verificação final, depois saiu sem fazer barulho. Menos de quinze minutos depois de entrar, ele saiu do prédio, sem qualquer dificuldade. Alguns quarteirões adiante, tirou as luvas e largou-as numa lata de lixo na calçada.

10

Norman Jaeger perguntou: — Acha que Teddy Cooper vai descobrir alguma coisa?

— Não me surpreenderia — respondeu Partridge. — Ele já fez isso antes.

Passava de dez e meia da noite e estavam caminhando para o sul, pela Broadway, perto do Central Park. O jantar no Shun Lee West fora encerrado quinze minutos antes, pouco depois de Cooper declarar que o quartel-general dos sequestradores se encontrava num raio de quarenta quilômetros de Larchmont. A essa primeira opinião, ele acrescentara uma segunda.

Os sequestradores e suas vítimas, ele achava, encontravam-se agora nesse centro de operações, os membros da quadrilha escondidos até que a busca inicial acalmasse e os bloqueios nas estradas fossem diminuídos ou suspensos, o que inevitavelmente aconteceria em breve. Depois, a quadrilha e os prisioneiros seguiriam para um lugar mais distante, talvez nos Estados Unidos, possivelmente no exterior.

O raciocínio de Cooper fora levado a sério pelos outros. Como Rita Abrams explicou: — Faz tanto sentido quanto qualquer outra coisa até agora.

Mas Karl Owens ressaltou: — Está falando de uma área enorme, densamente povoada, não há possibilidade de revistá-la de maneira eficaz, nem mesmo com um exército. — E ele acrescentou, espicaçando Cooper: — Isto é, a menos que você tenha outra ideia brilhante por trás de tudo isso.

— Não tenho agora. Preciso de uma boa noite de olhos fechados. Depois, talvez eu tenha, como você expressou tão gentilmente, alguma coisa "brilhante" pela manhã.

Encerraram a discussão nesse ponto. Embora o dia seguinte fosse um sábado, Partridge convocou outra reunião da força-tarefa para as dez horas da manhã. A maioria do grupo dispersou-se em táxis, mas Partridge e Jaeger, apreciando o ar noturno, resolveram seguir a pé para seus respectivos hotéis.

— Onde foi que descobriu Cooper? — perguntou Jaeger.

Partridge relatou seu encontro com Cooper na BBC, como ficara impressionado com seu trabalho e logo depois lhe arrumara um emprego melhor na CBA.

— Uma das primeiras coisas que ele fez para nós em Londres foi em 1984, na época em que o Mar Vermelho estava sendo minado — relatou

Partridge. — Muitos navios explodiam e afundavam por toda a área, mas ninguém sabia quem punha as minas. Lembra?

— Claro que lembro. Irã e Líbia eram os principais suspeitos, mas não se sabia de mais nada. Era evidente que um navio estava fazendo o trabalho sujo, mas ninguém sabia qual era ou a quem pertencia.

Partridge acenou com a cabeça.

— Teddy começou a pesquisar e passou dias e dias no Lloyds de Londres, verificando pacientemente os registros dos movimentos de navios. Começou com a convicção de que o navio que pusera as minas passara pelo Canal de Suez. Fez uma relação de todos os navios que haviam passado por Suez desde pouco antes do início dos afundamentos por minas... e era navio que não acabava mais.

Ele fez uma pausa, pensativo. — Depois, Teddy verificou mais registros, determinando os movimentos subsequentes de cada navio que relacionara, de porto em porto, comparando esses movimentos com as datas de afundamentos por minas em áreas específicas. Finalmente, e foi uma pesquisa realmente longa, ele tinha o nome de um navio, o *Ghat*. Estivera em todos os lugares em que outros navios haviam batido em minas, sempre um ou dois dias antes. Fale-se numa "agulha no palheiro"... Teddy encontrou-a.

Uma pausa, e Partridge acrescentou: — Como sabemos agora, o navio era líbio. Depois que o nome foi descoberto, não levou muito tempo para se provar que Kadhafi estava por trás de tudo.

— Eu sabia que saímos na frente na história, mas não tinha ideia do que havia por trás — comentou Jaeger.

— Não é assim que costuma acontecer? — Partridge sorriu. Nós recebemos o crédito pelo trabalho que caras como você e Teddy realizam.

— Não estou me queixando. E vou lhe dizer uma coisa, Harry, eu não trocaria de lugar com você, especialmente na minha idade. — Jaeger ficou em silêncio por um instante, pensativo. — Cooper é apenas um garoto. São todos garotos. Passou a ser uma profissão de garotos. Eles possuem a energia e a esperteza. Não há dias em que você se sente velho, como acontece comigo?

Partridge fez uma careta. — Ultimamente, isso ocorre com muita frequência.

Alcançaram Columbus Circle. À esquerda havia a formidável escuridão do Central Park, por onde poucos nova-iorquinos se aventuravam à noite. Imediatamente à frente ficava a Rua 59, com as luzes mais brilhantes do centro

de Manhattan além. Partridge e Jaeger atravessaram o cruzamento com todo o cuidado, o tráfego turbilhonando ao redor.

— Você e eu já testemunhamos muitas mudanças em nosso negócio — comentou Jaeger.

— Com um pouco de sorte, creio que veremos ainda mais. O que acha que temos pela frente?

Jaeger pensou por um momento, antes de responder: — Direi primeiro o que não vejo acontecer, que é o desaparecimento dos noticiosos das redes; estou convencido de que nem sequer haverá uma mudança de rumo, apesar de algumas predições sinistras. Talvez a CNN suba ao primeiro escalão, pois há espaço para isso. Mas o importante é que existe um enorme apetite por notícias, mais do que em qualquer outro momento da história e em todos os países.

— Foi a televisão que fez isso.

— Tem toda razão! A televisão é o equivalente do século XX a Gutenberg e Caxton*. E tem mais: apesar de todas as suas deficiências, seus noticiosos tomam as pessoas ansiosas por saber mais. É por isso que os jornais se tomarão mais fortes e assim permanecerão.

** Introdutor da impressora na Inglaterra em 1476.*

— Duvido que eles nos concedam o crédito.

— Talvez não o façam, mas nos acompanham com toda atenção. Don Hewitt, da CBS, ressaltou que o *New York Times* tem quatro vezes mais pessoas destacadas para acompanhar a televisão em tempo integral do que repórteres cobrindo a ONU. E muito do que se escreve é a nosso respeito: as notícias de tevê, seu pessoal, o que fazemos.

Jaeger fez uma pausa, sorrindo.

— Mas observe o inverso. Quando houve alguma coisa bastante importante no *Time*s para ser apresentada na tevê? Tudo isso se aplica também ao resto da mídia impressa. Temos então de nos perguntar: qual o meio de comunicação que está sendo reconhecido como o mais importante?

Partridge soltou uma risada. — Esse importante é o colorido da história.

— Por falar em cor, isso é mais uma coisa que a tevê mudou. Os jornais hoje parecem mais telas de televisão; algo iniciado pelo *USA Today*. Você e eu, Harry, ainda viveremos para ver quatro cores na primeira página do *New York Times*. O público vai exigir, e o velho *Times* cinzento se tomará todo colorido.

— Você está cheio de novidades esta noite — comentou Partridge. — O que mais prevê?

— Acho que as revistas noticiosas semanais vão desaparecer. São dinossauros. Quando *Time* e *Newsweek* chegam aos assinantes, a maior parte do que há lá dentro já é velha de uma semana a dez dias. Hoje em dia, quem quer ler notícias velhas? E pelo que sei, diga-se de passagem, os anunciantes estão se fazendo a mesma pergunta.

Jaeger continuou: — Assim, apesar de suas datas de capa desonestas e da redação primorosa, as revistas noticiosas semanais seguirão o mesmo caminho de *Collier's*, *Look* e *Saturday Evening Post*. Por falar nisso, a maioria dos garotos trabalhando nas redações hoje em dia nunca ouviu falar dessas publicações.

Haviam chegado ao Parker-Meridien, na Rua 57, onde Jaeger estava hospedado. Partridge preferira um hotel que considerava mais aconchegante, o Inter-Continental, na Rua 48.

— Somos uma dupla de veteranos, Harry — disse Jaeger. — Até amanhã.

Eles trocaram um aperto de mãos e se separaram.

Meia hora depois, na cama, cercado por vários jornais que comprara a caminho do hotel, Partridge começou a ler. Mas não demorou muito para que as letras ficassem enevoadas, e ele largou os jornais de lado. Ficariam para o dia seguinte, junto com as novas edições que viriam com o café da manhã.

Ainda assim, o sono não veio facilmente. Muita coisa acontecera nas últimas 36 horas. Sua mente estava repleta — um caleidoscópio de eventos, ideias, responsabilidades, tudo se misturando com lembranças de Jessica, o passado, o presente... recordações ressuscitadas...

Onde Jessica estaria agora? Teddy estava certo na questão do raio de quarenta quilômetros? Haveria alguma possibilidade de que ele, Harry, o Guerreiro Calejado, como algum cavaleiro medieval numa armadura reluzente, pudesse liderar com sucesso uma cruzada para descobrir e libertar sua antiga paixão? Pare com essa besteira! Guarde os pensamentos sobre Jessica e os outros para amanhã! Ele tentou clarear a mente para descansar ou pelo menos pensar em outra coisa.

Inevitavelmente, essa outra coisa tornou-se Gemma — a outra grande paixão de sua vida.

Na véspera, durante a viagem de Toronto para Nova York, recordara aquele memorável voo papal. O DC-10 da Alitalia... o compartimento da imprensa e o encontro com o papa... sua decisão de não usar a palavra "escravos"

que o pontífice usara, recompensada com uma rosa por Gemma... o início da paixão mútua...

Não mais evitando as lembranças de Gemma, como fizera por tanto tempo, ele recomeçou na memória do ponto em que parara no dia anterior.

11

A excursão papal, pela América Central e Caribe, fora longa e árdua. Era uma das mais ambiciosas empreendidas pelo papa. O itinerário incluía oito países e longos voos, alguns à noite.

Desde o instante do encontro inicial, Partridge decidira que queria conhecer Gemma melhor, mas seu trabalho para a CBA não lhe deixava muito tempo para vê-la durante as escalas. Mas se tomaram cada vez mais conscientes da presença um do outro. Às vezes, em voo, quando não estava ocupada, Gemma ia sentar ao seu lado. Logo passaram a ficar de mãos dadas, e uma vez, antes de se afastar, Gemma se inclinou e trocaram um beijo.

Quando isso aconteceu, o desejo de Partridge por ela, já intenso, tornou-se ainda maior.

Conversavam com tanta frequência quanto era possível, e ele foi descobrindo mais coisas sobre Gemma.

Ela nascera na Toscana, a mais moça das três irmãs, numa pequena cidade de veraneio nas montanhas, Vallombrosa, não muito distante de Florença.

— Não é um lugar em moda, frequentado pelos turistas, Harry querido, mas é muito bonito.

Vallombrosa, como ela explicou, era um refúgio da classe média italiana, que ali passava o verão. A um quilômetro e meio de distância ficava II Paradisino, onde John Milton outrora vivera. Segundo a lenda, fora ali que encontrara a inspiração para O Paraíso Perdido.

O pai de Gemma era um artista talentoso que ganhava a vida restaurando quadros e afrescos; trabalhava com frequência em Florença.

A mãe era uma professora de música.

A arte e a música eram partes integrantes da vida da família e continuavam a ser da vida de Gemma.

Ela ingressara na Alitalia três anos antes.

— Queria conhecer o mundo e não tinha condições para fazê-lo de outra forma.

Partridge perguntou: — E tem visto muita coisa dessa maneira?

— Alguma coisa. Não tanto quanto gostaria, e estou me cansando de ser uma cameriera del cielo.

Ele riu.

— Você é muito mais do que uma camareira do céu. Mas deve ter conhecido muitas pessoas. — com uma pontada de ciúme, Partridge acrescentou: — — Muitos homens? Gemma deu de ombros.

— A maioria eu não gostaria de encontrar outra vez fora de um avião.

— Mas houve outros? Ela sorriu, aquele seu típico sorriso exuberante e meigo.

— Não houve ninguém de quem eu gostasse tanto quanto gosto de você.

Isso foi dito com a maior simplicidade, e Partridge, o cético profissional, especulou se estaria sendo ingênuo e tolo ao acreditar nela. Mas logo pensou: por que não deveria acreditar, quando me sinto exatamente da mesma maneira, quando nenhuma outra mulher desde Jessica teve tanto efeito sobre mim como Gemma? Os dois, ele refletiu, sentiam que a viagem estava sendo muito rápida. Pouco tempo restava. Ao final, provavelmente se afastariam, nunca mais tomariam a se ver.

Talvez por causa do senso de tempo se esgotando, numa noite memorável, em que as luzes do compartimento estavam baixas e quase todos os outros dormiam, Gemma ajeitou-se ao seu lado e fizeram amor em um cobertor. Nas limitações de uma fileira de três poltronas de classe turista deveriam ficar desconfortáveis, mas isso não aconteceu.

Partridge haveria de se lembrar sempre desse acontecimento como uma das mais belas experiências de sua vida.

Foi logo depois de fazerem amor, num súbito impulso, lembrando que perdera Jessica por causa da indecisão, que ele sussurrou: — Gemma, quer casar comigo?

Ela sussurrou em resposta: — Oh, amore mio, claro que sim!

A escala seguinte seria o Panamá. Em voz baixa, Partridge fez perguntas e formulou planos, enquanto Gemma, rindo suavemente, maliciosamente, na semiescuridão, concordava com tudo.

Pousaram no aeroporto Tocumen, no Panamá, ao amanhecer, o DC-10 da Alitalia taxiou. O papa desembarcou e, como o ator tarimbado que outrora fora, beijou o solo, enquanto as câmeras o focalizavam. Depois disso, começaram as formalidades habituais.

Antes do pouso, Partridge conversara com seu produtor e equipe de câmera, pedindo-lhes que cobrissem as atividades do papa durante umas poucas

horas subsequentes sem a sua participação. Iria se encontrar com eles mais tarde, afim de narrar e ajudar a editar a matéria para o O Jornal da Noite. O Panamá, que não tinha horário de verão, ficava apenas uma hora atrás de Nova York, e assim haveria tempo suficiente.

Embora obviamente curiosos, os outros homens da CBA não fizeram perguntas. Mas Partridge sabia que era improvável que sua crescente ligação com Gemma tivesse passado despercebida.

Partridge também procurou o repórter do New York Times no voo, Graham Broderick, pedindo para partilhar suas anotações naquele dia. Broderick, enquanto levantava as sobrancelhas ironicamente, concordou. Jornalistas em ação costumavam fazer aqueles acordos, nunca sabendo quando se podia precisar da ajuda dos outros.

Partridge ficou para trás, enquanto os outros desembarcavam. Não tinha ideia da explicação que Gemma dera ao comissário de bordo que comandava os serviços, mas o fato é que ela se juntou a ele e deixaram o DC-10 juntos. Gemma, ainda no uniforme da Alitalia, começou a explicar que não tinha como trocar de roupa. Mas Partridge deteve-a e disse: — Eu a amo como você está.

Ela virou para fitá-lo, uma expressão solene.

— Ama sinceramente, Harry?

Ele balançou com a cabeça lentamente.

— Amo.

Fitaram-se nos olhos e cada um pareceu satisfeito com o que viu.

Partridge deixou Gemma por um instante depois que entraram no terminal do aeroporto. Foi até um balcão de informações para turistas e fez diversas perguntas a um rapaz espinhento que ali estava. O rapaz, rindo, disse-lhe que deveria ir com a senora para Las Bóvedas, parte da Cidade Velha, na Plaza de Francia. Ali encontraria o juizado Municipal.

Partridge e Gemma pegaram um táxi para a Cidade Velha. Saltaram perto de um obelisco encimado por um galo, celebrando os construtores franceses do canal, entre os quais o famoso Ferdinand de Lesseps.

Cerca de vinte minutos depois, diante de um juiz numa sala ornamentada que outrorafora uma cela de prisão, Harry Partridge e Gemma Baccelli tomaram-se marido e mulher. Numa cerimônia de cinco minutos, o juiz, vestindo informalmente uma guayabera de algodão, assinou uma Acta Matrimonial, que custou 25 dólares. Partridge ainda pagou vinte dólares para cada uma das estenógrafas que serviram como testemunha.

Os recém-casados foram informados de que a formalidade adicional de registrar o casamento era opcional, desnecessária mesmo, até que voltassem para um divórcio.

— Vamos fazer o registro e não voltaremos — declarou Partridge. Ao final, sem muita convicção, o juiz desejou-lhes: — Que vivan los novios!

Eles refletiram que o homem já dissera aquilo muitas vezes antes.

Tanto naquele momento quanto mais tarde, Partridge especulou como Gemma, que concordara sem hesitar com uma cerimônia civil, conciliava isso com sua religião.

Ela nascera católica, e sua educação inicial, como lhe contara, fora numa escola de Sacré Coeur. Mas cada vez que ele perguntava, Gemma se limitava a dar de ombros e dizer: — Deus compreenderá.

Ele refletiu que era uma atitude típica da informalidade com que muitos italianos tratam a religião. Ouvira uma vez alguém comentar que os italianos sempre presumiam que Deus também era italiano.

Inevitavelmente, a noticia do casamento espalhou-se a bordo do avião papal — como disse o correspondente do Times de Londres, citando a Bíblia, mais depressa do que "os quatro ventos da Terra". No compartimento de imprensa, depois da partida do Panamá, houve uma festa, com muito champanhe e caviar. Na medida em que seus deveres permitiam, as aeromoças e outros tripulantes participaram da festa e avisaram a Gemma que ela não teria mais trabalho pelo resto daquele dia. Até mesmo o comandante da Alitalia deixou a cabine de voo por um instante para dar os parabéns aos recém-casados.

Em meio à alegria e votos de felicidades, Partridge percebeu que alguns tinham fortes dúvidas sobre a possibilidade do casamento durar, mas também havia entre os homens um sentimento de inveja.

Destacou-se em particular, embora não chegasse a constituir,"' surpresa, a ausência de representantes dos eclesiásticos na festa. Durante o resto da viagem, Partridge pôde sentir a frieza e desaprovação deles. Se o papa fora ou não informado do acontecimento foi coisa que nenhum dos jornalistas descobriu, apesar das indagações naquela viagem, o papa não tornou a visitar o compartimento destinado à imprensa.

No tempo limitado que conseguiam passar juntos, Partridge e Gemma começaram a planejar o futuro.

Num quarto de hotel em Nova York... lentamente, tristemente a imagem de Gemma se desvaneceu. O presente substituiu o passado Afinal, exausto, Harry Partridge adormeceu.

12

Na base dos sequestradores em Hackensack, Miguel recebeu um telefonema às 7h30 da manhã de sábado. Atendeu num pequeno cômodo no primeiro andar da casa principal, que reservara para si mesmo, como escritório e quarto.

Dos seis telefones celulares portáteis usados pelo grupo, um estava reservado para receber ligações especiais, o número conhecido apenas dos que tinham autoridade para fazê-las. Miguel sempre mantinha esse telefone por perto.

O interlocutor, cumprindo ordens, estava usando um telefone público, a fim de que a ligação não pudesse ser traçada.

Miguel, alerta, na expectativa, aguardava a ligação havia uma hora. Atendeu ao primeiro toque da campainha e disse: — Si?

A pessoa no outro lado da linha respondeu com a palavra em código previamente combinada: — Tiempo?

Ao que Miguel declarou: — Relâmpago.

Havia uma resposta alternativa. Se Miguel respondesse à indagação "tempo?" com "trovoada" em vez de "relâmpago", isso significaria que, por algum motivo, o grupo precisava de um adiamento de horas. "Relâmpago" transmitia: "Estamos prontos para partir. Indique lugar e hora."

Seguiu-se a mensagem crucial: — Sombrero profundo sur dois mil.

Sombrero era o aeroporto de Teterboro, a menos de dois quilômetros de distância, profundo sur era o portão sul do aeroporto. A expressão "dois mil" indicava a hora — 2000 ou oito horas da noite — em que as vítimas do sequestro e as pessoas que as acompanhariam na viagem deveriam embarcar num Learjet 55LR, com registro da Colômbia, que ali estaria à espera.

O 55, como Miguel já sabia, era um modelo maior, com um interior mais espaçoso do que as séries 20 e dos Lears. O LR significava Long Range, longo alcance. Miguel disse bruscamente, encerrando a conversa: — Lo comprendo.

O interlocutor fora outro diplomata, este integrando o consulado colombiano em Nova York; era o canal para as mensagens desde a chegada de Miguel aos Estados Unidos, um mês antes. Os corpos diplomáticos peruano e colombiano estavam infiltrados de dissidentes, simpatizantes do Sendero Luminoso ou na folha de pagamento do cartel de Medellín, às vezes as duas coisas, cometendo suas traições pelas quantias vultosas pagas pelos magnatas das drogas da América Latina.

Depois de receber a ligação, Miguel percorreu a casa e os prédios anexos, informando aos outros, embora os preparativos para a partida já se encontrassem em andamento e cada pessoa soubesse o que devia fazer. Viajariam no Learjet, acompanhando as vítimas do sequestro em seus caixões, Miguel, Baudelio, Socorro e Rafael. Júlio permaneceria nos Estados Unidos, retomando sua identidade anterior e tomando-se mais uma vez um agente adormecido do cartel de Medellín. Carlos e Luís deixariam o país nos próximos dias, voando separados para a Colômbia.

Júlio, Carlos e Luís, porém, tinham uma última missão a cumprir depois que o Learjet partisse: dispersar os veículos restantes e abandoná-los.

Miguel pensara muito sobre o que fazer com o esconderijo em Hackensack. Pensara inicialmente, como um ato final, em incendiar tudo, junto com os veículos. Os prédios eram velhos e queimariam como uma fornalha, especialmente com a ajuda de gasolina.

Mas um incêndio atrairia atenção, e, numa investigação, as cinzas poderiam oferecer pistas. Embora de certa forma não fizesse a menor diferença, já que todos teriam partido, não fazia sentido facilitar as coisas para a polícia americana. Por isso, a ideia de um incêndio fora excluída.

Se desocupassem os prédios simplesmente, deixando-os como estavam, era possível que o uso do local como base de operações do sequestro não fosse descoberto por semanas ou meses, talvez nunca. Mas isso exigia que os veículos fossem dispersados, levados por uma longa distância, em direções diferentes, depois abandonados. Era verdade que havia riscos envolvidos, em particular para os que guiariam os três carros, o caminhão GMC e o carro fúnebre, mas Miguel achava que não seriam grandes. De qualquer forma, foi a sua decisão. Ele procurou Rafael primeiro e comunicou: — Saímos daqui esta noite, às 7h40.

O corpulento mecânico faz-tudo, que estava no prédio usado como oficina de pintura, grunhiu e balançou a cabeça, parecendo mais interessado no caminhão GMC, que repintara no dia anterior. O antigo caminhão branco com a inscrição "Superpão" se tomara quase totalmente preto, com o nome "Agência Funerária Serena" em letras douradas discretas nos dois lados.

O próprio Miguel ordenara a mudança. Satisfeito, ele disse a Rafael: — Bien hecho! Uma pena que só seja usado uma vez.

O grandalhão virou-se, visivelmente satisfeito, um sorriso no rosto abrutalhado e coberto de cicatrizes. Era estranho, pensou Miguel, que Rafael, capaz de ser tão selvagem na ação, demonstrando um prazer demoníaco em infligir sofrimento ou matar, em outros momentos se comportasse como uma

criança precisando de aprovação. Miguel apontou para as placas de Nova Jersey do caminhão.

— Essas são as novas?

Rafael tornou a balançar com a cabeça.

— Do último jogo. Ainda não foram usadas, e também troquei as outras.

Isso significava que todos os cinco veículos restantes tinham placas que não podiam ter sido vistas durante a vigilância em Larchmont; assim, seria muito mais seguro guiá-los para longe e abandoná-los.

Miguel saiu para o lugar em que Luís e Júlio escavavam um buraco fundo, no meio de algumas árvores. A terra estava molhada da chuva do dia anterior, e o trabalho era árduo. Júlio usou sua pá para cortar uma raiz retorcida de árvore. Vendo Miguel, ele parou, limpou o rosto moreno e suado na manga, praguejou.

—Este é um trabalho de merda... para bois, não para homens!

A ponto de responder com um palavrão, Miguel se conteve. A horrível cicatriz de faca no rosto de Júlio estava ficando avermelhada, um sinal de sua profunda irritação, a indicação de que estava ansioso por uma briga.

— Descanse um pouco — disse Miguel, bruscamente. — Há tempo. Partiremos às 7h40.

Brigar naquelas últimas horas seria um desperdício estúpido. Além do mais, Miguel precisava dos homens para terminar de escavar o buraco em que enterrariam os telefones celulares e alguns equipamentos médicos que Baudelio deixaria para trás.

Enterrar os telefones, em particular, não era um arranjo ideal. Miguel preferiria jogá-los em algum lugar de águas profundas. Mas embora houvesse bastante água na área de Nova York-Nova Jersey, as possibilidades de fazer isso sem ser observado não eram das maiores — pelo menos no curto tempo disponível.

Mais tarde, naquele mesmo dia, depois que o buraco fosse tapado, Júlio e Luís espalhariam folhas por cima, sem deixar vestígios do que havia por baixo.

Carlos, a quem Miguel procurou em seguida, estava em outro prédio anexo, queimando papéis num forno de ferro. Carlos, jovem e bem-educado, organizara os registros da vigilância do mês inteiro na casa dos Sloanes, com fotos dos visitantes; tudo isso alimentava o fogo agora.

Quando Miguel deu a notícia da partida naquela noite, Carlos pareceu aliviado. Os lábios finos se contraíram, e ele exclamou: — Que bueno!

No instante seguinte, porém, os olhos retomaram a dureza normal. Miguel estava a par da tensão das últimas 48 horas em todos, especialmente em Carlos, talvez por causa de sua juventude. Mas o homem mais jovem mantivera o controle, numa atitude louvável. Miguel previa para breve uma função de comando para Carlos no terrorismo.

Havia uma pequena pilha do que pareciam ser as roupas de Rafael ao lado do fogão. Miguel, Rafael e Baudelio usariam ternos escuros na partida, antecipando-se a uma possível inspeção do governo dos EUA; iam se apresentar como homens enlutados, levando parentes para sepultamento em sua terra, usando uma história de cobertura cuidadosamente planejada. Todo o resto ficaria para trás. Miguel apontou para as roupas.

— Não queime isso, faria fumaça demais. Reviste os bolsos, tire tudo, arranque as etiquetas. Depois enterre o resto. — Ele gesticulou na direção da escavação lá fora. — Avise aos outros.

— Está bem. — Depois de alimentar o fogo novamente, Carlos acrescentou: — Deveríamos ter flores.

— Flores?

— Algumas, no caixão que vai no carro fúnebre, talvez nos outros também. É o que uma família faria.

Miguel hesitou. Sabia que Carlos estava certo, e era algo em que não pensara ao planejar a saída dos Estados Unidos, primeiro através de Teterboro, depois a bordo do Learjet até o aeroporto Opa Locka, na Flórida, de onde voariam direto para o Peru.

Originalmente, quando esperava apenas dois cativos inconscientes, Miguel planejara fazer duas viagens no carro fúnebre entre Hackensack e o aeroporto de Teterboro, levando um caixão de cada vez, tudo o que cabia no carro. Mas três viagens, com três caixões, representavam um risco muito grande; por isso, Miguel tivera de formular um novo plano.

Um caixão — Baudelio decidiria qual — seria transportado para Teterboro no carro fúnebre. O caminhão da General Motors repintado de "Agência Funerária Serena" levaria os outros dois.

Miguel sabia que o Lear 55LR tinha uma porta de carga com espaço suficiente para a passagem de dois caixões. Colocar um terceiro lá dentro poderia ser difícil, mas ele tinha certeza de que era possível.

Ainda avaliando a sugestão de Carlos, ele pensou: as flores tornariam a história de cobertura ainda mais convincente. Teriam de passar pela segurança do aeroporto em Teterboro. Provavelmente haveria também um policiamento

extra por causa do alerta do sequestro, e as perguntas eram quase inevitáveis, sobre os caixões e seu conteúdo. Alguns momentos tensos eram prováveis em Teterboro, na opinião de Miguel, seriam fundamentais numa partida segura. Não esperava problemas em Opa Locka, de onde deixariam os Estados Unidos.

Miguel resolveu assumir um pequeno risco agora para compensar o maior que viria depois. Balançou a cabeça e murmurou: — Tem razão, precisamos de flores.

— Pegarei um dos carros — disse Carlos. — Sei onde encontrá-las em Hackensack. Tomarei cuidado.

— Use o Plymouth.

Fora repintado de azul-escuro e tinha placas que não haviam sido usadas antes, como Rafael ressaltara.

Depois de deixar Carlos, Miguel procurou Baudelio. Encontrou-o junto com Socorro, no cômodo grande do segundo andar da casa principal que àquela altura mais parecia uma enfermaria de hospital. Baudelio, parecendo ele próprio um paciente, tinha um curativo no lado direito do rosto, cobrindo os pontos que fizera em si mesmo depois de cortado por Jessica, durante seu breve período de consciência.

Normalmente Baudelio parecia encovado, pálido e mais velho do Que era, mas hoje o efeito era ainda maior. O rosto tinha uma palidez doentia, e era evidente que seus movimentos exigiam o maior esforço. Mas ele continuava nos preparativos para a partida. Depois de informado que a partida seria às 7:40, Baudelio garantiu; — Estaremos prontos.

Sob o estímulo de Miguel, o ex-médico confirmou que o dia e meio de experiências com o propofol havia lhe mostrado que dose deveria ser aplicada em cada cativo para proporcionar uma inconsciência profunda durante períodos específicos. Esse conhecimento era necessário para as ocasiões em que cada "paciente" ficaria desassistido e sem controle num dos caixões fechados.

Além disso, o período de inanição forçada para todos os três, que seria de 56 horas no momento da partida — era satisfatório. Não deveria haver vômito ou aspiração para os pulmões; todavia, como precaução extra contra sufocamento, explicou Baudelio, um tubo seria introduzido em cada garganta, e os corpos seriam virados de lado antes dos caixões serem fechados. Enquanto isso, as injeções intravenosas de fluidos impediriam a desidratação. Tubos levavam glicose de sacos em suportes ao lado de cada cativo para sondas em seus braços.

Miguel parou por um momento, observando os três corpos. Pareciam tranquilos, os rostos serenos. A mulher tinha alguma beleza, ele pensou; mais tarde, se houvesse uma oportunidade, poderia aproveitá-la sexualmente. O homem parecia distinto, como um velho soldado em repouso, o que de fato ele era, segundo as informações. O menino dava uma impressão de fragilidade, o rosto fino; talvez a inanição forçada o tivesse deixado fraco, o que não tinha importância, desde que ainda vivesse ao chegar ao Peru, como fora prometido ao Sendero Luminoso. Todos os três estavam pálidos, com um mínimo de cor apenas nas faces, mas a respiração era regular. Satisfeito, Miguel virou-se.

Os caixões em que Angus, Jessica e Nicky seriam colocados pouco antes do êxodo geral para o aeroporto de Teterboro estavam na horizontal, sobre cavaletes. Miguel sabia, porque observava Rafael fazê-lo sob a orientação de Baudelio, que uma série de pequenos buracos de ventilação haviam sido abertos em cada caixão. Quase invisíveis, permitiriam a passagem de ar fresco.

— O que é isto? — perguntou Miguel, apontando para um jarro com cristais, ao lado dos caixões.

— Grânulos de cal de soda — respondeu Baudelio. — Serão espalhados dentro de cada caixão para anular o dióxido de carbono da respiração exalada. Haverá também um cilindro de oxigênio, controlado do exterior.

Ciente de que a competência médica de Baudelio seria vital para todos nas horas difíceis pela frente, Miguel indagou: — E que mais?

O ex-médico gesticulou para Socorro.

— Diga a ele. Cuidará dessa parte junto comigo.

Socorro estivera observando e escutando, o rosto inescrutável como sempre. Miguel ainda tinha dúvidas em sua mente sobre o empenho total da mulher, mas hoje ficou distraído por seu corpo provocante, os movimentos sensuais, a sexualidade gritante. Como se lesse seus pensamentos, Socorro tinha uma insinuação de ironia na voz quando explicou: — Se algum deles precisar mijar, mesmo inconsciente, pode se mexer e fazer barulho. Por isso, antes de fecharmos... — Ela apontou para os caixões. — ...Vamos inserir sondas. São tubos para os paus dos homens e a babaca da piranha. — Entiendes?

Miguel declarou, irritado: — Sei o que é cateterismo.

Ele já ia dizer que o pai era médico, mas conteve-se a tempo. Um momento de fraqueza, sob a influência de uma mulher, quase o levara a revelar um detalhe de seu passado, algo que jamais fazia. Em vez disso, ele perguntou a Socorro: — Quando precisarmos, você será capaz de chorar? Como parte do plano, ela seria também uma enlutada chorosa.

— Si.

Baudelio acrescentou, com o orgulho profissional que de vez em quando aflorava: — Porei um grão de pimenta sob as pálpebras inferiores de Socorro. E sob as minhas também. As lágrimas serão abundantes e não cessarão enquanto os grãos de pimenta não forem removidos. — Ele fitou Miguel nos olhos. — Farei o mesmo com você, se quiser.

— Veremos.

Baudelio concluiu a lista de sua estratégia: — Todos os três caixões terão monitores de eletrocardiograma para registrar a respiração e a profundidade da sedação. Farei uma ligação para observá-los do exterior.

A infusão de propofol pode ser ajustada também de fora.

Avaliando a conversa, e apesar das apreensões anteriores, Miguel convenceu-se de que Baudelio sabia o que fazia. E Socorro também.

Agora, era apenas uma questão de esperar que o dia passasse. As horas pela frente pareciam intermináveis.

13

Na sede da CBA, na manhã de sábado, a reunião da força-tarefa especial marcada para as dez horas mal começara, quando foi abruptamente interrompida.

Harry Partridge, sentado à cabeceira da mesa de reuniões, iniciara uma discussão, quando um alto— falante soou — um aviso da redação. Partridge parou de falar e ficou escutando, junto com os outros seis.

— Editoria local, Richardson. Acabamos de receber a seguinte notícia da UPI...

WhitePlains, Nova York— Um furgão de passageiros, que se acredita ser o veículo usado no sequestro na quinta-feira da família de Crawford Sloane, explodiu violentamente há poucos minutos. Pelo menos três pessoas morreram, outras ficaram feridas, A polícia se encontrava a caminho para inspecionar o furgão quando a explosão ocorreu, num estacionamento ao lado do centro comercial da cidade, Era o momento em que muitas pessoas chegavam ao estacionamento em seus carros para as compras de fim de semana. Houve graves danos no prédio do centro comercial. Bombeiros, equipes de resgate e ambulâncias estão no local, que uma testemunha descreve como "um pesadelo de Beirute".

Mesmo antes da notícia terminar, cadeiras já eram empurradas para trás na sala de reuniões, os membros da força-tarefa levantando-se apressados. No

instante em que o alto— falante ficou silencioso, Partridge foi o primeiro a deixar a sala, correndo, a caminho da redação, um andar abaixo, com Rita Abrams em seu encalço.

A manhã de sábado na divisão de jornalismo de qualquer rede de tevê era um período relativamente informal. A maior parte da equipe que trabalhava de segunda a sexta ficava em casa. Os poucos de plantão no fim de semana, embora às vezes sob pressão, estavam conscientes da ausência do alto comando. Por esse motivo, os trajes eram informais, predominando os jeans, os homens apareciam sem gravata.

A redação principal da CBA estava estranhamente quieta, nem um terço das mesas ocupadas. O editor de plantão naquele dia era Orv Richardson, cobrindo também a editoria nacional. Jovem e ansioso, Richardson viera recentemente de um escritório regional para a matriz da rede. Embora não se sentisse contrafeito com o comando, a notícia tão importante de White Plains deixara-o um pouco nervoso. Queria ter certeza de fazer a coisa certa.

Por isso, foi com alívio que viu Harry Partridge e Rita Abrams entrarem na redação e se encaminharem apressados na sua direção.

Enquanto Partridge lia a notícia da United Press e depois uma sequência que saía num monitor de computador, Rita disse a Richardson: — Temos de entrar no ar imediatamente. Quem pode autorizar?

— Tenho um número.

Com um fone instalado no ombro e consultando um aviso, Richardson bateu os dígitos do telefone de um vice-presidente da CBA, disponível em casa. Quando o homem atendeu, ele explicou a situação e pediu autorização para entrar no ar com um boletim especial. O vice-presidente respondeu: — Está autorizado. Entre no ar imediatamente!

O que se seguiu foi quase uma repetição da interferência na programação da rede na quinta-feira, quando a notícia do sequestro fora transmitida, pouco antes de meio-dia.

As diferenças estavam na natureza da notícia de hoje e no elenco envolvido. Partridge instalou-se no estúdio de emergência, Rita assumiu o papel de produtora executiva, um diretor diferente apareceu na sala de controle, vindo às pressas de outra parte do prédio, ao ouvir o chamado de "boletim especial".

A CBA entrou no ar quatro minutos depois de receber a notícia da UPI. As outras redes — observadas em monitores na sala de controle — interromperam suas programações quase que no mesmo momento.

Harry Partridge, como sempre, mostrou-se controlado e articulado, o supremo profissional, Não houve tempo para escrever um roteiro ou usar o ponto mecânico. Partridge simplesmente memorizou o conteúdo da notícia e improvisou.

A transmissão especial terminou em dois minutos. Havia apenas os fatos mínimos, poucos detalhes, nenhuma imagem do local — 5 fotos providenciadas às pressas, projetadas por cima do ombro de Partridge, da família Sloane, a casa em Larchmont e o supermercado em que o sequestro ocorrera na quinta-feira. Partridge prometeu aos espectadores que um noticiário mais completo, com imagens de White Plains, seria apresentado no jornal noturno da CBA.

Assim que as luzes vermelhas na câmera apagaram, no estúdio de emergência, Partridge fez contato com Rita, na sala de controle, informando: — Vou para White Plains. Pode providenciar tudo?

— Já providenciei. Iris, Minh e eu também vamos, Iris produzirá uma matéria para esta noite. Você pode fazer uma gravação ali. Há um carro com motorista à espera.

14

A cidade de White Plains tinha uma longa história, que remontava a1, quando era um acampamento de índios siwanoys, que chamavam o local de Quarropas — o que significa árvores brancas, o abeto balsâmico, que ali cresce em abundância.

No século XVIII, era um importante centro de mineração de ferro e uma encruzilhada de transporte. Em 1776, durante a Revolução Americana, uma batalha em Chatterton Hill, ali perto, obrigara Washington a bater em retirada. No mesmo ano, um Congresso Provincial em White Plains aprovara a Declaração de Independência e a criação do Estado de Nova York. Houvera outros marcos na história da cidade, bons e maus, embora nenhum superasse em infâmia a explosão engendrada pelo cartel de Medellín e o Sendero Luminoso no estacionamento do centro comercial. Havia, como se tornou patente mais tarde, uma certa inevitabilidade no ciclo de acontecimentos.

Durante a noite anterior, um guarda de segurança em patrulha registrara as placas e marcas dos veículos deixados ali durante a noite — um procedimento normal e uma precaução contra motoristas trapaceiros, que poderiam alegar a perda do canhoto de estacionamento e dizer que só haviam passado um dia ali.

A presença de um furgão de passageiros Nissan com placa de Nova York também tinha sido registrada na noite anterior, o que não chegava a ser excepcional. Às vezes, por motivos diversos, os veículos ficavam estacionados ali por uma semana ou mais. Mas na segunda noite, um segurança diferente, mais alerta, especulou se o Nissan não seria o mesmo de que ouvira falar, relacionado com o sequestro da família Sloane.

Ele escreveu uma anotação a respeito em seu relatório e o supervisor de manutenção, ao lê-lo na manhã seguinte, prontamente ligou para a polícia de White Plains, que mandou um carro de patrulha investigar. Segundo os registros da polícia, eram 9h50 da manhã.

O supervisor de manutenção, porém, não esperou pela chegada da polícia. Foi até o Nissan, levando um enorme molho de chaves que acumulara ao longo dos anos. Orgulhava-se de serem bem poucos os carros que não conseguia abrir com sua coleção de chaves.

Tudo isso aconteceu no momento em que os compradores do sábado começavam a entrar no estacionamento em seus carros.

O supervisor não demorou a encontrar uma chave que se ajustava ao Nissan e abriu a porta do motorista. Foi seu último ato nos instantes finais de sua vida.

Com um estrondo que alguém descreveu mais tarde como o de "cinquenta trovoadas", o Nissan desintegrou-se numa enorme bola de fogo. Uma parte considerável do prédio e vários carros próximos, felizmente desocupados, também foram destruídos, os destroços que restaram ardendo intensamente. A explosão abriu buracos enormes no prédio do estacionamento por cima e por baixo do local em que o Nissan estava, fazendo com que carros em chamas caíssem para andares inferiores.

O efeito também não se limitou ao prédio do estacionamento. O próprio centro comercial sofreu danos estruturais, janelas e portas de vidro foram espatifadas. Outros destroços, inicialmente lançados para o alto, caíram em ruas adjacentes sobre veículos e pessoas.

O efeito de choque foi total. Depois que o estrondo inicial se desvaneceu, além do som mais suave de incêndio e objetos caídos, houve um silêncio terrível. E depois os gritos começaram, berros e imprecações incoerentes, súplicas histéricas de socorro, ordens ininteligíveis e, logo depois, sirenes aproximando-se de todas as direções.

Ao final, parecia extraordinário que o tributo humano, quando somado, não fosse maior. Além da morte instantânea do supervisor de manutenção, duas

outras pessoas morreram depois, dos ferimentos, e quatro ficaram em estado crítico, pairando entre a vida e a morte. Mais 22 pessoas, inclusive meia dúzia de crianças, foram feridas e hospitalizadas.

No total, a referência a Beirute no comunicado da UPI não parecia imprópria.

Haveria discussões posteriores, focalizando um ponto: a explosão ocorreria se o supervisor de manutenção aguardasse a chegada da polícia? A polícia garantiu que não, alegando que chamados os peritos do FBI, estes examinariam o furgão, descobririam os explosivos e os desarmariam. Outros se mostraram céticos, achando que a polícia abriria o furgão de qualquer maneira, diretamente ou com as chaves do supervisor de manutenção. Mas a discussão acabou sendo considerada inútil e definhou.

Uma coisa era evidente. O Nissan fora de fato usado pelos sequestradores da família Sloane, dois dias antes. A proximidade de Larchmont, o aparecimento registrado do furgão no estacionamento do centro comercial na quinta-feira e o fato de estar armado para explodir, tudo apontava para essa conclusão. O mesmo acontecia com a placa, que se descobriu pertencer a um sedã Oldsmobile 1983. Mas logo se descobriu que o nome, endereço e dados de seguro nos registros oficiais eram falsos; o registro e o seguro haviam sido pagos em dinheiro, o pagante não deixando qualquer identidade verdadeira em sua esteira.

O que significava que o Oldsmobile desapareceu, provavelmente abandonado num ferro— velho, embora seu registro fosse mantido, para usos ilícitos. Assim, as placas do Nissan eram ilegais, embora não constassem de qualquer "lista quente" da polícia.

Uma dúvida foi levantada porque uma testemunha em Larchmont descrevera o Nissan como tendo placa de Nova Jersey, enquanto o que explodira no estacionamento de White Plains tinha placa de Nova York. Mas, como os investigadores ressaltaram depois, era normal os criminosos trocarem as placas imediatamente depois de cometido um crime.

Uma outra conclusão foi manifestada pelo chefe de polícia de White Plains, no local da explosão. Ele disse aos repórteres, sombriamente: — Isso foi obviamente um trabalho de terroristas calejados.

Quando indagado se, ampliando o raciocínio, achava que haviam sido terroristas estrangeiros os sequestradores da família Sloane, o chefe de polícia respondeu: — Isso não aconteceu na minha jurisdição, mas eu diria que sim.

15

— Vamos focalizar nosso noticiário desta noite na teoria do terrorista estrangeiro — disse Harry Partridge a Rita e Iris Everly ao tomar conhecimento do comentário do chefe de polícia.

O contingente da CBA chegara poucos minutos antes em dois veículos: a equipe técnica num jipe Wagoneer; Partridge, Rita, Iris e Teddy Cooper num sedã Chevrolet, guiado por um motorista da rede. Os dois veículos percorreram os quarenta quilômetros desde Manhattan numa velocidade vertiginosa, chegando ao local em meia hora. Além dos jornalistas, uma crescente multidão de curiosos era contida por trás das barreiras da polícia. Minh Van Canh e o homem do som, Ken O'Hara, começaram no mesmo instante a gravar cenas e o som natural, mostrando o prédio em ruínas, os feridos que continuavam a ser removidos, as pilhas de carros retorcidos, alguns ainda pegando fogo. Também se juntaram a uma entrevista coletiva improvisada a tempo de gravar a declaração do chefe de polícia.

Depois de fazer uma avaliação geral da situação, Partridge chamou Minh e O'Hara e passou a fazer entrevistas com algumas pessoas que participavam dos esforços de resgate, além de diversos espectadores que haviam testemunhado a explosão. Era um trabalho que podia ser realizado pela equipe de câmera sozinha ou com um produtor, mas proporcionava a Partridge um sentimento de envolvimento, de estar em ação, de tocar diretamente na história pela primeira vez.

Tocar numa notícia em andamento era psicologicamente essencial para um repórter, não importava quão bem informado pudesse estar sobre os antecedentes. Partridge trabalhava no sequestro da família Sloane havia cerca de 42 horas, mas até agora sem contato direto com qualquer dos seus elementos. Em alguns momentos sentira-se enjaulado, com apenas uma mesa, um telefone e um monitor de computador ligando-o com a realidade exterior. Ir para White Plains, por mais trágico que fossem as circunstâncias, preenchia uma necessidade. E ele sabia que o mesmo se aplicava a Rita. Pensar nela levou-o a procurá-la e perguntar: — Alguém falou com Crawf?

— Acabo de telefonar para a casa dele. Ele estava prestes a sair e vir para cá. Supliquei que não viesse. Por um lado, seria atropelado pela multidão. Por outro, ficaria profundamente transtornado ao ver do que esses filhos da puta são capazes.

— Mas ele verá as imagens.

— Ele quer mesmo ver. Vai se encontrar conosco na rede, assim como Les. Já tenho as imagens. — Rita indicou várias fitas cassetes que segurava. — Acho que você e eu devemos ir embora, Iris e Minh podem ficar mais um pouco.

Partridge acenou com a cabeça.

— Está certo, mas dê-me só mais um minuto.

Estavam no terceiro andar do edifício-garagem. Deixando Rita, ele se encaminhou para um canto vazio e intacto. Oferecia uma vista de White Plains, a cidade empenhada em suas atividades normais. A distância ficava a estrada para a Nova Inglaterra e, mais além, as verdes colinas de Westchester — eram cenas de normalidade, em contraste com a devastação próxima.

Partridge afastara-se do caso querendo um momento tranquilo para pensar, formular e responder a uma pergunta angustiante: tendo aceitado a missão de encontrar de alguma forma e talvez libertar Jessica, o filho e o pai de Crawford, havia esperança, por menor que fosse, de ser bem-sucedido? Partridge temia que naquele momento a resposta fosse não.

O que acontecera ali hoje, observando do que os adversários eram capazes, constituía um terrível confronto. Levantava mais indagações: Seria possível igualar uma selvageria tão implacável? Agora que uma ligação terrorista estava virtualmente confirmada, haveria recursos civilizados para descobrir e sobrepujar um inimigo tão diabólico? E mesmo que a resposta por acaso fosse sim, apesar do otimismo inicial na matriz da CBA, não era uma presunção vazia acreditar que jornalistas desarmados podiam sair vitoriosos onde a polícia, governos, serviços secretos e militares fracassavam com tanta frequência? Em seu caso pessoal, pensou Partridge, aquilo não era uma batalha franca, o tipo de guerra que o excitava, fazia a adrenalina correr. Era uma operação furtiva e sórdida, o inimigo desconhecido, as vítimas inocentes, a competição doentia...

Mas pondo de lado os sentimentos pessoais, deveria aconselhar, por razões pragmáticas, o abandono do empenho ativo da CBA, defender o retomo à função normal de observação das notícias ou, falhando isso, pelo menos transferir a responsabilidade para outra pessoa? Ele percebeu um movimento às suas costas. Virou-se e viu Rita, que indagou: — Posso ajudar?

— Nunca tivemos um caso assim antes, com tanta coisa dependendo não apenas do que noticiarmos, mas também do que fizermos.

— Sei disso. Estava pensando em desistir, devolver a responsabilidade?

Rita já o surpreendera antes com sua percepção. Ele balançou a cabeça.

— Estava sim.

— Não faça isso, Harry. Não desista. Porque se você desistir, não há mais ninguém que seja pela metade tão bom quanto você.

Partridge, Rita e Teddy Cooper voltaram juntos para Manhattan, num ritmo consideravelmente menos frenético do que a viagem de ida. Partridge sentava na frente, ao lado do motorista da rede, Teddy e Rita iam no banco de trás.

Cooper, cuja decisão de ir a White Plains fora tomada no último momento, permanecera em segundo plano ali, apenas observando; naquela ocasião e agora parecia preocupado, como se estivesse concentrado num problema. Partridge e Rita também pareciam a princípio relutantes em falar. Para ambos, a experiência daquela manhã fora terrível.

Já haviam testemunhado muitas vezes os efeitos do terrorismo no exterior, mas era traumático observar sua invasão numa comunidade suburbana americana. Era como se a loucura bárbara finalmente chegasse, envenenando um ambiente que podia não ser tranquilo, mas até agora possuía uma base de razão. A erosão dessa base começara hoje, eles desconfiavam, seria ampla e talvez irreversível.

Depois de algum tempo, Partridge virou-se no banco da frente, fitou os outros dois e disse: — Os britânicos estavam convencidos de que o terrorismo importado não poderia acontecer em seu país, mas acabou acontecendo. Muita gente boa acreditava na mesma coisa aqui.

— Eles estavam enganados desde o início — comentou Rita. — Não foi sempre inevitável, nunca se, mas quando!

Ambos presumiam, com alguma certeza — confirmada pelo chefe de polícia de White Plains —, que o sequestro Sloane fora um ato terrorista estrangeiro.

— Mas quem são eles, afinal? — Partridge bateu com o punho na outra palma. — É nisso que devemos nos concentrar. Quem?

Era evidente para Rita que Harry esquecera a ideia de abdicar da liderança da força-tarefa da CBA. Ela respondeu: — É natural pensar primeiro no Oriente Médio... Irã, Líbano, Líbia..., a turma religiosa: Hezbolá, Amai, xiitas, Jihad Islâmica, FARL, OLP, por aí afora.

Partridge balançou a cabeça. — Estive pensando nisso também. Mas me pergunto: Por que fariam isso? Por que se dariam ao trabalho de operar tão longe, assumindo riscos desnecessários com tantos alvos mais fáceis perto de sua terra?

— Talvez para causar uma impressão. Para convencer o "grande Satã" de que não há segurança em parte alguma.

Partridge tornou a balançar a cabeça, lentamente. — Talvez você tenha razão. — Ele olhou para Cooper. — Teddy, devemos considerar o IRA como uma possibilidade?

O pesquisador saiu abruptamente de seu devaneio.

— Acho que não. O IRA é uma ralé capaz de qualquer coisa, mas não na América, porque ainda há irlandeses-americanos idiotas que lhes mandam dinheiro. Se entrassem em atividade aqui, esse pagamento seria suspenso.

— Alguma outra ideia?

— Concordo com o que você disse, Harry, sobre a turma do Oriente Médio. Talvez devêssemos olhar para o Sul.

— América Latina! — exclamou Rita. — Faz sentido. A Nicarágua é mais provável, Honduras e México são possibilidades, até mesmo a Colômbia.

Continuaram a teorizar, mas não haviam chegado a qualquer conclusão, quando Partridge disse a Teddy: — Sei que há alguma coisa em ação nessa sua mente tortuosa. Não quer partilhar conosco?

— Acho que sim. — Cooper refletiu por um instante. — Suponho que eles deixaram este país.

— Os sequestradores?

O pesquisador acenou com a cabeça.

— E levaram a família do senhor S. O que aconteceu esta manhã... — Ele inclinou a cabeça na direção de White Plains. — ...foi como uma assinatura. Para nos alertar sobre o tipo de pessoas que são, como jogam duro. É um lembrete para mais tarde, para alguém que tenha de negociar com eles.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse Partridge. — Acha que eles calcularam quanto tempo seria necessário para o furgão ser descoberto e explodir, planejaram para só acontecer depois de partirem?

— É isso aí.

— Está adivinhando — protestou Partridge. — Pode estar enganado.

Cooper sacudiu a cabeça. — É mais do que adivinhar... digamos que seja uma avaliação inteligente. E que provavelmente está certa.

— Vamos supor que tenha razão; aonde isso nos leva? — perguntou Rita.

— Precisamos decidir se queremos efetuar um esforço grande e dispendioso para localizar o esconderijo, mesmo que esteja vazio quando chegarmos lá.

— Por que perderíamos tempo com isso, se os pássaros já escaparam, como você presume?

— Lembre-se do que Harry disse ontem: todo mundo deixa pistas. Não importa quão cuidadosas sejam, essas pessoas também deixarão.

O carro da rede aproximava-se de Manhattan. Estavam na Via Expressa Major Deegan, a ponte da Terceira Avenida logo à frente; o motorista diminuiu a velocidade no tráfego crescente. Partridge olhou pela janela, confirmou a posição, depois tornou a concentrar a atenção nos outros dois.

— Ontem à noite você nos disse que tentaria uma ideia para localizar a base de operações dos sequestradores — lembrou ele a Cooper. — Esse "esforço grande e dispendioso" seria parte disso?

— Seria... e também seria um tiro no escuro.

— Conte-nos tudo — pediu Rita.

Cooper consultou suas anotações antes de começar.

— Trabalhei primeiro na definição do tipo de lugar que a quadrilha precisaria para fazer todas as coisas que discutimos ontem à noite: estacionar pelo menos cinco veículos, provavelmente escondidos, instalar uma oficina grande o bastante para pintar os carros, dispor de alojamentos para quatro pessoas no mínimo, talvez mais duas. Precisariam de espaço para armazenar coisas, um lugar seguro para esconder os três Sloanes depois do sequestro... e, para uma operação desse vulto, alguma espécie de escritório. Portanto, não poderia ser um lugar pequeno, especialmente não uma casa comum, com vizinhos curiosos.

— Certo — concordou Partridge. — Aceito tudo isso, para começar.

— Então que tipo de lugar seria? — continuou Cooper. — A meu ver, seria provavelmente uma de três coisas: uma pequena fábrica desativada, um armazém vazio ou uma casa grande com prédios anexos., Mas o que quer que fosse, teria de ser um lugar sem muito movimento ao redor, isolado, solitário, e, como já concordamos, não deveria ficar a mais de quarenta quilômetros de Larchmont.

— Você é que concordou com isso — ressaltou Rita. — Nós acompanhamos, porque não conseguimos pensar em nada melhor.

— O problema é que, mesmo nesse raio de quarenta quilômetros, pode haver vinte mil lugares correspondendo a essa descrição — objetou Partridge.

Cooper sacudiu a cabeça.

— Nem tanto assim. Depois de nosso jantar ontem à noite, conversei com os outros e calculamos, quando se inclui a parte do isolamento, que não

deve chegar a três mil.

— Mesmo assim, como descobriríamos o que queremos?

— Eu disse que era um tiro no escuro, mas pode haver uma saída.

Com Partridge e Rita escutando atentamente, Cooper passou a descrever seu plano.

— Devemos começar pelo seguinte: Quando os sequestradores chegaram aqui, de onde quer que tenham vindo, precisavam se instalar numa base perto de Larchmont, mas não muito perto, já definimos isso. Como poderiam encontrá-la? Primeiro, escolhendo a área em geral. Depois, fazendo o que qualquer um faria, ainda mais quando dispõe de pouco tempo: procurar nos anúncios imobiliários dos jornais. Sem dúvida, o tipo de lugar que precisavam para alugar estaria nos classificados. Claro que não podemos ter certeza, mas há uma boa possibilidade de que tenha sido assim que conseguiram o lugar que usaram.

— Tem razão, é uma possibilidade — admitiu Partridge. — Mas é também possível que eles contassem com ajuda local antecipada, com a base instalada antes de chegarem.

Cooper suspirou.

— Absolutamente certo! Mas quando se tem de trabalhar com possibilidades, é preciso aproveitar o que se tem.

— Então estou sendo um advogado do diabo, Teddy. Continue.

— Muito bem, vamos em frente. O que devemos fazer agora é examinar os anúncios classificados de imóveis em cada jornal, regional e local, publicados nos últimos três meses, dentro daquele raio de quarenta quilômetros, tendo Larchmont como centro, Procuraríamos anúncios de determinados tipos, dos prédios que acabei de falar, especialmente aqueles publicados por algum tempo e subitamente suspensos.

Rita estava aturdida.

— Tem alguma ideia de quantos jornais, diários e semanais, quantas pessoas...

Partridge interrompeu-a. — Estou pensando da mesma forma, mas deixe-o acabar.

Cooper deu de ombros.

— Se tenho ideia do número de jornais? Não, exatamente, exceto que são muitos. Mas contrataríamos pessoas, garotos espertos, para examiná-los. Fui informado de que existe um livro... — Cooper fez uma pausa, consultando suas anotações: — Anuário Internacional de Editores. Relaciona todos os jornais,

grandes e pequenos. Começaríamos daí. Partiríamos em seguida para bibliotecas, que têm coleções dos jornais, algumas em microfilmes. Em outros casos, iríamos diretamente aos jornais e pediríamos para dar uma olhada nos números atrasados. Vai ser preciso muita gente, e a coisa tem de ser feita depressa, antes que a trilha esfrie.

Partridge disse: — E acha que três meses de classificados cobririam...

— Sabemos que os sequestradores bisbilhotavam os Sloanes por um mês. Pode apostar que já tinham uma base instalada ao começarem. Portanto, três meses é um período razoável.

— O que acontecerá quando descobrirmos algum anúncio que corresponda ao tipo de lugar que procuramos? — Deve haver um grande número de "possibilidades" — respondeu Cooper. — Vamos definir as prioridades e depois usaremos algumas das pessoas que contratamos para examinar os jornais a fim de fazer o acompanhamento. Primeiro, entraremos em contato com as pessoas que publicaram os anúncios e faremos perguntas extras. Depois, de acordo com as respostas, determinaremos em que lugares devemos dar uma olhada.

Cooper deu de ombros antes de acrescentar: — Na maior parte, a busca será infrutífera, mas pode haver uma chance. Eu posso participar pessoalmente do acompanhamento.

Houve silêncio, enquanto Partridge e Rita avaliavam o que tinham acabado de ouvir. Partridge foi o primeiro a anunciar seu veredicto: — Cumprimento-o por uma ideia original, Teddy, mas você mesmo disse que era um tiro no escuro. E é mesmo. Neste momento não imagino como pode funcionar.

— Francamente, acho que é impossível o que está tentando — acrescentou Rita. — Primeiro, por causa do número de jornais envolvidos... são incontáveis! Segundo, a quantidade de ajuda necessária custaria uma fortuna.

— Não valeria a pena para resgatar a família do senhor S.? — indagou Cooper.

— Claro que valeria, mas o que você sugere não os traria de volta. Na melhor das hipóteses, poderá proporcionar algumas informações, mas até isso é improvável.

— De qualquer forma — decidiu Partridge —, não podemos tomar uma decisão aqui. Por causa do dinheiro, isso caberá a Les Chippingham. Quando nos encontrarmos com ele, ainda hoje, você poderá expor sua ideia de novo, Teddy.

A matéria de dois minutos e meio produzida por Iris Everly para o Jornal da Noite do sábado foi dramática, chocante e -nos termos do jargão — rica em vídeo. Em White Plains, Minh Van Canh, como sempre, usara sua câmera criativamente, Iris, de volta à CBA e trabalhando outra vez com o mesmo editor de imagens, Bob Watson, preparou uma pequena obra-prima de noticiário.

O processo começou com Iris e Partridge se juntando a Watson numa pequena sala de edição — uma de meia dúzia, lado a lado, em uso constante quando se aproximava o momento de entrar no ar. Ali, os três assistiram a todas as gravações disponíveis, enquanto Iris fazia registros sumários do conteúdo de cada cassete. Uma das últimas fitas, que certamente seria usada, mostrava a chegada de agentes do FBI ao local da explosão em White Plains. Indagado se houve alguma comunicação dos sequestradores, o chefe da equipe do FBI gesticulou ao redor e disse, com uma expressão sombria: — Apenas isto.

Outras fitas incluíam cenas de devastação e as entrevistas de Partridge no local. Depois que assistiram a tudo, Iris disse: — Acho que devemos começar pela pilha de carros em chamas, mostrar os pisos do prédio arrebentados, depois cortar para os mortos e feridos sendo removidos.

Partridge concordou e, depois de mais alguma discussão, definiram um roteiro geral.

Depois, ainda na sala de edição, Partridge gravou o áudio, os comentários em over nas imagens. Lendo de um texto datilografado às pressas, ele começou: — Hoje, qualquer dúvida ainda restante de que os sequestradores da família de Crawford Sloane são terroristas cotejados foi brutalmente dissipada...

A participação de Partridge na transmissão daquela noite seria diferente daquelas dos dois dias anteriores, quando apresentara o noticiário na quinta-feira e depois dividira com Crawford Sloane na noite seguinte. Naquela noite ele estaria em sua função normal como um repórter, já que Jornal da Noite na noite de sábado tinha sua âncora regular, Teresa Toy, uma encantadora e popular sino-americana. Teresa inicialmente discutiu com Partridge e Iris a linha geral da matéria. Depois, sabendo que lidava com dois dos melhores profissionais da rede, deixou-os sozinhos, a atitude mais sensata.

Ao concluir a gravação do áudio, Partridge foi cuidar de outras coisas. Depois disso, Iris e Watson levaram mais três horas para completar o meticuloso processo de edição, um aspecto do noticioso de tevê raramente compreendido pelos espectadores, que assistiam apenas ao resultado final refinado.

Exteriormente, Bob Watson parecia um candidato improvável ao trabalho meticuloso e paciente de edição. Era atarracado e simiesco, com dedos roliços. Fazia a barba todas as manhãs, mas no meio da tarde já dava a impressão de ter uma barba de três dias. E fumava um charuto grosso e pungente atrás de outro, motivo de queixas reiteradas das pessoas que eram obrigadas a trabalhar com ele no cubículo mínimo. Mas ele sempre dizia: — Se não posso fumar, então não consigo pensar direito e sai uma edição medíocre.

Produtores como Iris Everly suportavam a fumaça pela competência de Watson.

A edição de vídeo e áudio das notícias da tevê era efetuada na sede da rede, em escritórios distantes, espalhados pelo mundo, até mesmo no local próximo do cenário de uma notícia. As matérias Apresentadas diariamente pelas redes eram dos três tipos.

Os instrumentos normais de um editor de tevê que Watson encarava ao lado da pequena e determinada Iris, eram duas máquinas, cada uma sendo um requintado gravador de vídeo, com controles e medições precisas. Ligados aos gravadores e dispostos por cima, havia uma série de monitores de tevê e alto-falantes. Ao lado e por trás do editor, prateleiras continham dezenas de cassetes, recebidos dos cinegrafistas da rede, biblioteca de imagens ou emissoras filiadas.

O objetivo era transferir para uma fita master, inserida no gravador da esquerda, trechos de imagens e sons de inúmeras outras fitas, que eram vistas e revistas no gravador da direita. Transferir uma cena raramente com mais de três segundos de duração, de uma fita à direita para a master, exigia um julgamento artístico e jornalístico, infinita paciência e a delicadeza de toque de um relojoeiro. Ao final, o conteúdo da fita master entraria no ar.

Watson começou por montar a sequência de abertura já definida: os carros em chamas e o prédio avariado. Com a rapidez de um separador de correspondência, pegou cassetes nas prateleiras, inseriu um na máquina de vídeo da direita e, usando o movimento rápido para a frente, encontrou a cena procurada. Insatisfeito, voltou a fita, tornou a avançar, parou em outra cena, retornou à primeira.

— Não está bom — disse ele. — Em algum lugar há cena do ângulo oposto, que é melhor.

Ele trocou os cassetes, analisou e descartou um segundo, depois escolheu um terceiro e encontrou o que procurava.

— Devemos começar com isto, depois voltar à primeira para um close.

Iris concordou e Watson transferiu as imagens e o som para a fita master. Insatisfeito com a primeira e segunda tentativas, apagou-as, depois ficou feliz com a terceira. Algum tempo depois, Iris sugeriu: — Vamos dar uma olhada naquela imagem de um Nissan.

Viram pela segunda vez; mostrava um furgão de passageiros Nissan novo e impecável avançando ao sol, por uma estrada rural, cercada por árvores.

— Idílico — comentou ela. — O que acha de usar essa cena e cortar para o que restou do furgão da explosão depois do sequestro?

— Vai funcionar.

Depois de várias tentativas, Watson combinou as duas imagens com o máximo efeito de choque.

— Que beleza! — murmurou Iris.

— Não é tão estúpida assim, menina.

O editor de teipe pegou seu charuto e lançou no cubículo uma nuvem de fumaça. As ideias e sugestões continuaram a fluir de um lado para outro. A aliança de trabalho entre um produtor e um editor de teipe já fora descrita como um dueto.

E muitas vezes era isso mesmo.

Dentro do processo, porém, as possibilidades de tendenciosidade e distorção eram infinitas. Podia-se apresentar pessoas fazendo coisas fora de sequência. Um candidato político, por exemplo, podia ser apresentado rindo diante de pessoas desabrigadas, quando na verdade chorava — o riso ocorrera antes e tivera outra motivação. Usando uma técnica especial conhecida como "pulo de áudio", o som ou a fala podiam ser transferidos de uma cena para outra, apenas o produtor e o editor tendo conhecimento da mudança. Quando tais coisas estavam prestes a ser feitas, um apresentador que por acaso estivesse na sala de edição era convidado a se retirar. Ele podia adivinhar quais eram as intenções dos dois, mas preferia não saber com certeza.

Oficialmente, tais práticas eram condenadas, mas aconteciam em todas as redes.

Iris perguntou em certa ocasião a Bob Watson se ele alguma vez deixava que suas posições políticas — conhecidas como firmemente socialistas — influenciassem o trabalho de edição. Ele respondeu com a maior tranquilidade: — Claro, em época de eleições, se acho que posso escapar impune. Não é difícil fazer alguém parecer bom, mau ou completamente ridículo, desde que o produtor concorde.

— Nunca tente isso comigo ou vai se meter numa tremenda encrenca — declarara Iris.

Watson batera com a mão na testa numa continência zombeteira. Agora, continuando a trabalhar na matéria de White Plains, Iris sugeriu: — Tente aquela cena com o efeito de rosca.

— Está melhor... ora, mas que idiota!

A cabeça de um fotógrafo aparecera, estragando a cena, um lembrete da eterna guerra entre os fotógrafos de imprensa e as equipes de câmera de tevê.

Em determinado momento, as imagens na fita master não se ajustavam ao áudio, e Watson disse: — Precisamos de Harry para mudar algumas palavras.

— Ele pode fazer isso depois. Vamos terminar a nossa parte primeiro.

Watson se irritava com a limitação de três segundos para a duração de várias cenas.

— Nos noticiosos da tevê britânica, eles incluem cenas de cinco segundos; pode-se desenvolver um clima assim, usando o áudio para ajudar. Sabia que os britânicos têm uma extensão de atenção mais longa do que a nossa?

— Já ouvi falar nisso.

— Por aqui, se você usa cenas de cinco segundos mais do que ocasionalmente, vinte milhões de imbecis vão ficar entediados e trocar de canal.

Quando fizeram uma pausa de alguns minutos para um café e Watson acendeu outro charuto, Iris perguntou: — Como entrou nessa profissão?

Ele soltou uma risada. — Não acreditaria se eu contasse.

— Experimente.

— Eu vivia em Miami, era faxineiro noturno de uma emissora local. Uma noite, um dos garotos do jornalismo de plantão percebeu que eu estava interessado e me mostrou como funcionavam as máquinas de edição; isso foi no tempo em que usavam filmes, não teipes. Depois disso, eu trabalhava como o diabo para acabar a faxina depressa. Às três ou quatro da madrugada eu ia para uma sala de edição, pegava as tomadas descartadas do dia anterior, montava histórias. Depois de algum tempo, acho que fiquei bom nesse negócio.

"Um dia, quando eu ainda era faxineiro, houve um distúrbio racial em Miami. Tudo estava enlouquecido, uma grande parte da área dos negros, a Liberty City, pegava fogo. A emissora em que eu trabalhava convocou todo o pessoal, mas alguns tiveram dificuldades para chegar. Não tinham um editor de imagens, precisavam de alguém desesperadamente.

— E você se ofereceu — disse Iris.

— A princípio, ninguém queria acreditar que eu seria capaz. Mas o desespero foi aumentando e me deixaram experimentar. Minha matéria foi logo para o ar. E mandaram alguma coisa para a rede. No dia seguinte, a rede aproveitou tudo. Fiquei trabalhando durante dez horas. E depois o gerente da emissora me despediu.

— Despediu?

— Do cargo de faxineiro. Disse que eu fazia tudo errado, não me concentrava no trabalho. — Watson riu. — E depois me contratou como editor de vídeo. Não olhei para trás desde então.

— É uma história sensacional — comentou Iris. — Vou aproveitá-la quando escrever meu livro algum dia.

Pouco depois, por sugestão de Watson e Iris, Partridge mudou algumas palavras do comentário para combinar com a edição, e Watson introduziu a alteração. Partridge também gravou uma cena final para a matéria, de frente para uma câmera, na rua diante do prédio da CBA.

Desde que voltara de White Plains que Partridge pensara muito, em alguns momentos com angústia, sobre o que diria. O que tomava aquela história diferente era o envolvimento de Crawford Sloane.

Partridge sabia que algumas palavras que tencionava usar na cena final causariam uma profunda angústia em Crawford. Assim sendo, deveria atenuá-las, abrandar um pouco, ou se mostrar um jornalista intransigente, com um único padrão -a objetividade? Ao final, a decisão aconteceu espontaneamente. Diante do prédio da CBA, com uma equipe de câmera esperando e alguns curiosos observando, Partridge escreveu a essência do que diria, memorizou as anotações e improvisou.

— Os acontecimentos em White Plains hoje, uma tragédia monstruosa para vítimas inocentes dessa cidade, representam também a pior das notícias para meu amigo e colega Crawford Sloane. Significa, sem a menor dúvida, que sua esposa, filho e pai estão nas mãos de criminosos selvagens e impiedosos, de identidade e origem desconhecidas. A única coisa evidente é que, quaisquer que sejam os objetivos, eles não se deterão diante de nada para consumá-los. A natureza e a ocasião do crime em White Plains também levantam uma indagação que muitos formulam neste momento: As vítimas do sequestro já terão sido removidas dos Estados Unidos a esta altura e levadas para algum lugar distante, onde quer que seja? Harry Partridge, CBA, Nova York.

16

Teddy Cooper estava enganado. Os sequestradores e suas vítimas não haviam deixado os Estados Unidos. Contudo, de acordo com os planos atuais, isso aconteceria em algumas horas.

Para o grupo de Medellín ainda escondido em Hackensack na tarde de sábado, a tensão alcançara o auge, os nervos se distendiam ao limite. A causa imediata para a preocupação eram as notícias de rádio e tevê sobre os acontecimentos daquela manhã em White Plains.

Miguel, inquieto e ansioso, respondia com brusquidão às perguntas dos outros, várias vezes xingando os que o abordavam. Quando Carlos, geralmente o mais moderado dos cinco colombianos, sugeriu furioso que fazer uma armadilha com explosivos no furgão Nissan fora uma ideia imbecil, Miguel levantou uma faca. Depois, recuperando o controle, largou-a.

Na verdade, Miguel sabia que a armadilha no furgão de passageiros deixado em White Plains fora mesmo um erro crasso. A intenção era dar um aviso violento da seriedade dos sequestradores, depois que eles partissem, Depois era a palavra fundamental.

Miguel estava confiante que as mudanças efetuadas na aparência do furgão depois do sequestro -a remoção das janelas escuras, a troca das placas de Nova Jersey para placas de Nova York — fariam com que passasse despercebido no estacionamento em White Plains por cinco ou seis dias, talvez mais.

Era evidente que errara em seu julgamento. Pior ainda, a explosão daquela manhã e suas consequências tomavam a focalizar a atenção nacional nos sequestradores da família Sloane e levavam o alerta da polícia e do público ao máximo, no instante em que eles se preparavam para deixar furtivamente o país, Nem Miguel nem os outros se importavam ao mínimo que fosse com as mortes e a destruição geral em White Plains. Em outras circunstâncias, até achariam graça. Só se importavam na medida em que eles próprios agora corriam um perigo maior, e isso não precisava ter acontecido.

Os sequestradores em Hackensack levantavam dúvidas: Os bloqueios da polícia nas estradas, que segundo as notícias haviam sido aliviados desde quinta-feira, seriam reinstituídos? Nesse caso, haveria algum bloqueio entre o esconderijo e o aeroporto de Teterboro? E como estaria a situação no aeroporto? A segurança seria reforçada por causa do novo alerta? E mesmo que os quatro que partiriam e mais os cativos conseguissem deixar Teterboro sãos e salvos, no Learjet particular, como seria a escala no aeroporto Opa Locka, na Flórida? Quão grande seria o perigo ali? Ninguém tinha as respostas, nem mesmo Miguel. Tudo que sabiam com certeza é que estavam comprometidos com a partida; as

engrenagens para a transferência já se encontravam em movimento, e eles deviam assumir os riscos.

Outro motivo para tensão, talvez inevitável, era o crescente desencantamento dos conspiradores uns com os outros. Em rigoroso confinamento havia mais de um mês, com apenas os mais restritos contatos externos, algumas irritações pessoais se ampliaram a um ponto próximo do ódio.

Particularmente detestável para os outros era o hábito de Rafael de tossir catarro e depois cuspir onde quer que se encontrasse, inclusive à mesa de refeição. Em uma refeição, Carlos ficou tão ofendido que chamou Rafael de bruto odioso. No mesmo instante, Rafael agarrou-o pelos ombros, jogou-o contra uma parede, depois esmurrou-o com seus punhos enormes. Somente a intervenção de Miguel salvou Carlos de ferimentos mais graves. Desde então, Rafael não mudara seu hábito, embora Carlos fervesse de raiva.

Luís e Júlio também se tomaram antagonistas. Na semana anterior, Júlio acusara Luís de trapacear nas cartas. Houve uma briga a socos, que nenhum dos dois venceu, mas no dia seguinte ambos estavam com os rostos inchados e mal se falavam desde então.

Socorro era agora outra fonte de atrito. Apesar de sua rejeição anterior a propostas sexuais, na noite passada ela fora para a cama com Carlos. Os ruídos animais haviam despertados inveja nos outros homens e um ciúme intenso em Rafael, que sempre quisera Socorro e lembrara-a disso naquela manhã. Mas ela lhe dissera, na presença dos outros, durante o café da manhã: — Você terá de mudar suas maneiras nojentas antes de meter sua verga em mim.

A situação era complicada pelo desejo intenso por Socorro do próprio Miguel. Mas como o líder do grupo, ele lembrava continuamente a si mesmo que não podia se dar ao luxo de participar da competição por Socorro.

O papel de liderança, ele compreendia, também tinha outros efeitos. Contemplando-se no espelho ao fazer a barba, recentemente, percebera que estava perdendo sua aparência indefinida e apagada. Menos e menos se parecia com um burocrata inócuo ou um chefe subalterno, o que fora outrora sua camuflagem natural. A idade e a responsabilidade lhe proporcionavam cada vez mais a aparência do que era de fato — um comandante experiente e firme.

Ora, ele pensou hoje, todos os comandantes cometem erros, e White Plains fora obviamente um dos seus.

Assim, por razões diversas, foi um grande alívio para todos quando se aproximaram de 7h40 da noite e iniciaram os procedimentos finais para a partida.

Júlio guiaria o carro fúnebre, e Luís o caminhão da "Agência Funerária Serena". Os dois veículos estavam carregados e prontos.

O carro fúnebre continha um único caixão, ocupado por Jessica, sob profunda sedação. Angus e Nicholas, também inconscientes e em caixões fechados, estavam no caminhão.

Carlos colocara em cima de cada caixão uma coroa de crisântemos brancos e cravos rosas, as flores que providenciara naquela manhã.

Estranhamente, a visão dos caixões e das flores acalmou os sequestradores, como se os papéis que haviam ensaiado em suas mentes e estavam prestes a representar se tomassem de alguma forma mais fáceis de assumir.

Só Baudelio, movimentando-se em tomo dos três caixões, efetuando as leituras de última hora com o equipamento externo, permanecia exclusivamente sintonizado com suas preocupações imediatas, de que várias vezes, nas poucas horas subsequentes, o sucesso do empreendimento dependeria totalmente de seus julgamentos anteriores.

Se um dos cativos recuperasse a consciência e se debatesse ou gritasse enquanto o grupo estivesse a caminho, em particular no momento de um interrogatório, todos poderiam ser detidos.

Até mesmo uma suspeita de que os caixões eram estranhos por qualquer motivo podia provocar a sua abertura e frustrar todo o plano, como acontecera no aeroporto britânico de Stansted, em 1984. Nessa ocasião, um nigeriano, Dr. Umaru Dikko, que fora sequestrado e drogado, estava prestes a ser levado de avião para Lagos, num caixote fechado. Trabalhadores do aeroporto informaram que havia um forte "cheiro de medicamento", e os inspetores alfandegários britânicos exigiram que o caixote fosse aberto. A vítima foi descoberta, inconsciente mas viva.

Miguel e Baudelio estavam a par desse incidente em 1984 e não queriam uma repetição.

Ao se aproximar o instante da partida para Teterboro, Socorro apareceu, extremamente sedutora, num vestido de linho preto com um casaco combinando; os cabelos presos num *cloche* preto, ela usava brincos e um colar fino de ouro. Chorava copiosamente, em consequência da prescrição de Baudelio, o grão de pimenta sob cada pálpebra inferior. Aplicou agora o mesmo tratamento a Rafael; a princípio, ele se recusou, mas Miguel insistiu e o grandalhão acabou cedendo. Pouco depois, Rafael se ajustou ao desconforto mínimo, as lágrimas também rolando.

Rafael, Miguel e Baudelio, de terno preto e gravata tinham a aparência apropriada de parentes enlutados. Se houvesse perguntas, Rafael e Socorro se apresentariam como irmãos de uma colombiana morta num acidente de automóvel quando visitava os Estados Unidos, cujo corpo estava sendo levado de avião para sepultamento na Colômbia.

E como o filho pequeno da mulher — essa era a história de cobertura — era uma das duas outras pessoas mortas no mesmo acidente, Rafael e Socorro seriam também os tios pesarosos de Nicky. A terceira pessoa "morta", Angus, seria descrita como um distante parente idoso, que viajava com os outros dois.

Baudelio seria um membro solícito da família desconsolada, Miguel um amigo íntimo.

Uma documentação elaborada corroborava a história de cobertura — atestados de óbito falsificados da Pensilvânia, onde o acidente fatal supostamente ocorrera, fotos expressivas de um desastre na estrada e até mesmo recortes de jornal, aparentemente do *Philadelphia Inquirer*, mas na verdade produzida numa gráfica particular. Os documentos incluíam novos passaportes para Miguel, Rafael, Socorro e Baudelio, além de dois atestados de óbito extras, um dos quais seria usado para Angus. O "pacote" de documentos fora obtido por intermédio de outro dos contatos de Miguel na Pequena Colômbia e custara mais de vinte mil dólares Incluída na história de cobertura e nas falsas notícias, havia uma informação crítica: todos os três corpos haviam ficado tão mutilados e queimados que estavam irreconhecíveis. Miguel contava com isso para evitar a abertura dos caixões durante a remoção dos Estados Unidos.

O carro fúnebre e o caminhão estavam agora com os motores ligados, e por trás se encontrava o Plymouth Reliant, com Carlos ao volante. Ele seguiria os outros veículos a alguma distância, pronto para interferir se surgisse algum problema. Com a exceção de Baudelio, todos se achavam armados.

O plano imediato era seguir diretamente para o aeroporto, o que levaria cerca de dez minutos, quinze no máximo.

No pátio da casa em Hackensack, Miguel conferiu o relógio: 7h35 Ele ordenou aos outros: — Podem embarcar.

Sozinho, ele fez uma inspeção final da casa e das construções anexas, convencendo-se de que não restava nenhum vestígio significativo da ocupação. Só uma coisa o perturbava. O lugar em que fora escavado o buraco para enterrar os telefones celulares e outros equipamentos ficara irregular em comparação com o terreno ao redor.

Júlio e Luís haviam se esforçado ao máximo para nivelar a terra e espalhar folhas por cima, mas os sinais de distúrbio persistiam. Miguel refletiu que não tinha muita importância e nada mais se poderia fazer àquela altura.

Voltando ao carro fúnebre, ele sentou no banco da frente e disse tensamente a Júlio: — Vamos embora.

O crepúsculo se adensava, com os últimos vestígios do pôr do sol à direita, enquanto seguiam para Teterboro.

Luís foi o primeiro a avistar as luzes da polícia piscando à frente. Praguejou baixinho ao pisar no freio. No banco de passageiros do carro fúnebre, Miguel também viu as luzes, depois esticou a cabeça para verificar a posição deles em relação ao tráfego. Socorro sentava entre os dois homens. Estavam na Rodovia Estadual 17, seguindo para o sul, com o elevado da Via Expressa Passando um quilômetro e meio para trás. O tráfego era intenso na 17, nos dois sentidos. Entre eles e as luzes piscando não havia desvio para a direita, e a mureta central da estrada impossibilitava uma curva em U. Miguel, começando a suar, fez um esforço para se controlar e ordenou a Luís: — Continue em frente.

Ele virou a cabeça para se certificar de que o caminhão da "Agência Funerária Serena" vinha logo atrás.

Carlos, no Plymouth, estaria mais atrás, embora fosse impossível vê-lo.

Podiam agora constatar que o tráfego à frente era afunilado para as duas faixas da direita por vários patrulheiros estaduais. Havia entre as pistas uma estrutura portátil que parecia uma cabine de pedágio, e patrulheiros adicionais falavam com os motoristas que paravam. À direita, havia mais veículos da polícia estadual, com as luzes piscando. Miguel disse aos outros dois: — Fiquem frios. E deixem que eu fale tudo.

Avançaram lentamente por mais dez minutos antes de terem uma visão melhor da frente da fila. Mesmo assim, ainda não era muito claro o que acontecia; a esta altura já estava bastante escuro, as muitas luzes tomavam as coisas confusas. Mas parecia que, depois da conversa entre a polícia e os ocupantes de cada veículo, alguns carros e caminhões eram desviados para o acostamento, onde seriam examinados mais meticulosamente, enquanto outros seguiam em frente.

Miguel conferiu o relógio. Quase oito horas. Não havia possibilidade de alcançarem o Learjet na hora marcada.

Apesar da advertência para os outros permanecerem calmos, a tensão de Miguel era crescente. Depois de todo o sucesso extraordinário até agora, aquilo seria o fim da linha, a captura ou morte num tiroteio com a polícia? Das duas

coisas, Miguel sabia que preferiria a morte. As chances de blefar para sair do perigo atual pareciam mínimas. Ele especulou: seria melhor tentar escapar agora, pelo menos lutar, ou continuarem sentados ali, deixando os minutos passarem, a única esperança a possibilidade improvável de passarem pela barreira? Luís murmurou: -os filhos da puta estão olhando para nós! Enfiando a mão sob o paletó, ele tirou uma pistola Walther P38 e colocou-a no assento, ao seu lado. Miguel rosnou: — Mantenha isso escondido!

Luís cobriu a arma com um jornal.

Miguel sentiu Socorro tremer ao seu lado. Pôs a mão no braço dela, e o movimento cessou. Viu-a olhando fixamente para a frente, Os olhos focalizados num guarda a se aproximar.

O vulto uniformizado parecia estar sozinho, desligado do grupo na frente da fila. Olhava para os carros parados ao passar, parando de vez em quando, aparentemente respondendo a perguntas. Miguel decidiu tomar a iniciativa quando o guarda se encontrava a alguns metros de distância. Apertou o botão que abaixava eletricamente a janela ao seu lado.

— Seu guarda, pode fazer o favor de me explicar o que está acontecendo? — disse Miguel.

O guarda, que parecia pouco mais que um adolescente, aproximou-se. Um crachá identificava-o como "Quiles" — É apenas uma verificação de sobriedade dos motoristas, senhor, no interesse da segurança pública — respondeu o guarda, com um sorriso que parecia forçado.

Miguel não acreditou.

Examinando o carro fúnebre e seu conteúdo, o guarda acrescentou: — Espero que não tenham vindo de um velório em que serviram bebidas.

Era uma débil tentativa de humor que saiu meio contrafeita, mas Miguel percebeu sua oportunidade e tratou de aproveitá-la. Fixando o guarda Quiles com um olhar furioso, ele disse firmemente: — Se a intenção era um gracejo, devo dizer que foi de extremo mau gosto.

A expressão do jovem patrulheiro mudou no mesmo instante, e ele murmurou, consternado: — Desculpe...

Como se não tivesse ouvido, Miguel continuou: — A senhora ao meu lado visitava este país com a irmã. E é a sua amada irmã que se encontra no caixão... tragicamente morta num acidente de automóvel, junto com mais duas pessoas, cujos corpos se encontram no caminhão atrás de nós. Serão levados de avião para serem sepultados em sua própria terra. Temos um avião à espera em Teterboro e não apreciamos seu humor nem o atraso.

Pegando a deixa, Socorro virou a cabeça para que o guarda pudesse ver as lágrimas escorrendo por seu rosto. Quiles disse, penitente: — Eu já disse que sinto muito. Simplesmente me escapou. Peço desculpas.

— Aceitamos a desculpa — murmurou Miguel, com a maior dignidade. — E agora gostaria de saber se podemos seguir nosso caminho.

— Esperem um instante, por favor. — O patrulheiro encaminhou-se apressado para a frente da fila de carros, onde consultou um sargento. O sargento escutou, olhou na direção do carro fúnebre, acenou com a cabeça. O jovem voltou e comunicou a Miguel: — Lamento, senhor, mas estamos todos um pouco nervosos.

Baixando a voz, ele acrescentou, em tom confidencial: — A verdade é que estamos procurando por aqueles sequestradores. — Já soube o que eles fizeram hoje em White Plains?

— Já — respondeu Miguel, solenemente. — Foi horrível.

O carro imediatamente à frente avançou, deixando um espaço.

— Os dois veículos podem passar pela esquerda, senhor. Basta me seguirem até a barreira e depois acompanharem o tráfego além. Mais uma vez, peço desculpas pelo que disse.

O patrulheiro gesticulou para que o carro fúnebre e o caminhão GMC saíssem da fila, mandando que o carro de trás avançasse. Olhando para trás, Miguel não viu sinal do Plymouth Reliant. Carlos terá de cuidar de si mesmo, pensou.

O patrulheiro precedeu-os a pé até a cabine portátil que haviam divisado a distância, depois acenou para que passassem. A estrada à frente estava desimpedida.

Enquanto o carro fúnebre passava, o patrulheiro Quiles bateu continência e assim permaneceu até os dois veículos se afastarem.

Submetida ao primeiro teste, refletiu Miguel, a história de cobertura funcionara. Com o desafio de Teterboro iminente, ele se perguntou: daria certo de novo? Miguel visitara o aeroporto de Teterboro duas vezes, para estudar as disposições, durante as semanas que passaram em Hackensack.

Era um aeroporto movimentado, usado exclusivamente por aviões particulares. Durante um período médio de 24 horas, cerca de quatrocentos aparelhos podiam decolar ou pousar, muitos à noite. Havia cerca de cem aviões baseados em Teterboro, estacionados ao longo do perímetro nordeste. Ali ficavam os prédios das seis companhias que prestavam serviços operacionais aos

aviões visitantes e residentes. Cada um deles dispunha de uma entrada particular para o aeroporto e cuidava de sua própria segurança.

Das seis companhias em Teterboro, a maior era a Brunswick Aviation, a que seria usada pelo Learjet 55LR procedente da Colômbia, por sugestão de Miguel.

Durante uma de suas visitas, Miguel conhecera o gerente da Brunswick, além dos gerentes de duas outras companhias, apresentando-se como o proprietário de um avião particular. Nessas reuniões, ficara evidente que, para carregar um avião, havia certas áreas do aeroporto que eram mais isoladas. A área de chegada e estacionamento menos privada e mais popular era conhecida como a Mesa, localizada no centro do aeroporto, perto dos prédios operadores.

A área de estacionamento menos usada, considerada inconveniente, ficava na extremidade sul. As solicitações de espaço eram concedidas com a maior satisfação, porque aliviava a pressão na Mesa. Havia ali perto um portão trancado, que podia ser aberto a pedido de qualquer das companhias operando um Teterboro.

Com essas informações, Miguel enviara uma mensagem para Bogotá, através de seu contato no consulado colombiano em Nova York, aconselhando que o Learjet solicitasse espaço na extremidade sul, perto do portão. E hoje, na ligação final de um telefone celular, ligara para a Brunswick Aviation, solicitando que o portão sul fosse aberto de 7h45 às 8h15.

Miguel sabia, por suas conversas anteriores em Teterboro, que tal pedido não era excepcional. Os proprietários de aviões particulares muitas vezes tinham negócios que preferiam que os outros ignorassem, e os operadores do aeroporto possuíam uma reputação de discrição. Um gerente do aeroporto até relatara para Miguel um incidente envolvendo uma carga de marijuana.

Ao observar fardos de aparência suspeita sendo transferidos de um avião para um caminhão, o gerente ligara para a polícia, causando a prisão dos traficantes. Depois, o proprietário do avião, um usuário regular de Teterboro, queixara-se amargurado da invasão de sua privacidade, comentando: — Afinal, este é supostamente um aeroporto discreto e confiável. Agora, quando o carro fúnebre e o caminhão se aproximavam de Teterboro, Miguel mandou que Luís seguisse para o portão sul. Não esperavam evitar completamente a atenção da segurança, mas ele apostava na possibilidade de ser mais informal do que na entrada principal.

Houve um silêncio tenso no carro fúnebre desde o encontro com a polícia estadual. Mas agora, o momento de perigo cada vez mais distante,

Socorro comentou com Miguel: — Você foi magnífico lá atrás!

— Foi mesmo! — acrescentou Luís.

Miguel deu de ombros. — Não relaxem. Pode haver mais pela frente.

Ele verificou o relógio ao se aproximarem da cerca do aeroporto: 8h25. Já estavam meia hora atrasados, dez minutos além do período em que pedira que o portão sul ficasse aberto.

Quando os faróis do carro fúnebre iluminaram o portão, ele descobriu que estava fechado e trancado. Mais além, havia a escuridão, sem ninguém à vista. Frustrado, Miguel bateu com o punho no painel, exclamando: — Mierda!

Luís saltou do carro fúnebre para examinar o cadeado. Rafael também saltou do caminhão e foi se juntar a ele, depois se aproximou do carro fúnebre e comunicou a Miguel: — Posso abrir aquela porra com uma bala.

Miguel sacudiu a cabeça, especulando por que um dos pilotos do Learjet não estava ali para recebê-los. Podia divisar vários aviões estacionados na escuridão além da cerca, mas não havia luzes ou qualquer atividade. Seria possível que o voo tivesse atrasado? Qualquer que fosse a resposta, ele sabia que deveriam usar a entrada principal da Brunswick Aviation. Ordenou então a Luís e Rafael: — Vamos embora.

Ao se afastarem do portão sul, o Plymouth Reliant apareceu por trás. Obviamente, Carlos passara pelo bloqueio da polícia sem dificuldades. Suas instruções eram para segui-los até a entrada do aeroporto e depois esperar do lado de fora pela volta do carro fúnebre e do caminhão.

Aproximando-se do prédio todo iluminado da Brunswick, eles constataram que outro portão bloqueava a passagem. Ao lado, na entrada de uma guarita, havia um guarda de segurança uniformizado. Junto dele estava um homem alto e calvo, em trajes civis, observando atentamente o carro fúnebre se aproximar. Um detetive da polícia? Mais uma vez, Miguel sentiu um frio no estômago.

O segundo homem adiantou-se. Provavelmente com cinquenta e poucos anos, exibia um ar de autoridade. Luís baixou a janela, e o homem perguntou: — Tem algum carregamento fora do comum para o señor Pizarro?

Miguel ficou aliviado. Era uma pergunta em código, previamente combinada. Ele usou a resposta em código que memorizara: — A carga está pronta para transferência, com todos os documentos em ordem.

O homem acenou com a cabeça. — Sou o seu piloto. Meu nome é Underhill. — O sotaque era americano. — Está atrasado.

— Tivemos problemas.

— Não precisa me contar. Já apresentei o plano de voo. Vamos embora.

Ao dar a volta para a porta de passageiro, Underhill gesticulou para o guarda, que abriu o portão.

Era evidente que não haveria uma inspeção de segurança, nenhuma verificação policial. A história de cobertura, preparada com tanto cuidado, não era necessária.

Miguel descobriu que não se importava absolutamente com isso.

Ficou muito apertado, os quatro no banco da frente do carro fúnebre, mas conseguiram fechar a porta. O piloto orientou Luís, o carro fúnebre entrando numa faixa de taxiagem entre luzes azuis e se encaminhando para o lado sul do aeroporto. O caminhão GMC seguia logo atrás.

Vários aviões assomaram à frente. O piloto apontou para o maior, um Learjet 55LR. Um vulto emergiu das sombras. Underhill disse, laconicamente: — Faulkner. Copiloto.

Havia uma porta de levantar aberta no lado esquerdo do Learjet: a parte inferior incluía degraus da fuselagem para o solo. O copiloto entrou no aparelho e acendeu as luzes.

Luís manobrou o carro fúnebre de ré para perto dos degraus do Lear. O caminhão parou a uma curta distância, Júlio, Rafael e Baudelio saltaram.

Com todos reunidos junto da porta do Learjet, Underhill perguntou: — Quantos vivos voarão?

— Quatro — respondeu Miguel.

— Preciso desses nomes para o manifesto, e também dos nomes dos mortos — explicou o piloto. — Afora isso, Faulkner e eu não queremos saber mais nada sobre vocês ou seus negócios. Estamos fornecendo um voo fretado. Mais nada.

Miguel balançou a cabeça. Não tinha a menor dúvida de que os dois pilotos receberiam um pagamento em ouro pelo voo daquela noite. Nas rotas aéreas entre a América Latina e os Estados Unidos havia muitas tripulações, americanas e outras, que confrontavam as leis, correndo alto risco por muito dinheiro. Miguel não se importava com o desejo daqueles dois de se manterem apartados do que estava acontecendo. Mas duvidava que isso pudesse fazer alguma diferença se enfrentasse problemas.

Os pilotos também os partilhariam.

Com o copiloto supervisionando, e Rafael, Júlio, Luís e Miguel levantando, o primeiro caixão, com Jessica, foi transferido do carro fúnebre para o jato. Foi difícil dar a volta através da porta na fuselagem, com poucos

centímetros de sobra. Lá dentro, os assentos do lado direito haviam sido removidos. Correias para segurar a carga — neste caso, os caixões — estavam ligadas a trilhos no chão e encaixes por cima.

Quando o primeiro caixão acabou de ser embarcado, o carro fúnebre já se afastara e o caminhão se aproximava de ré. Os outros dois caixões foram embarcados rapidamente.

Miguel, Baudelio, Socorro e Rafael entraram no avião e a porta foi fechada. Ninguém perdeu tempo em despedidas. Quando Miguel se sentou e olhou pela janela, as luzes dos dois veículos já se afastavam.

Com o copiloto ainda prendendo as correias no caixão, o piloto ligou os controles na carlinga e o zumbido dos motores começou. O copiloto foi para a carlinga, o rádio entrou em funcionamento, a autorização para a decolagem foi solicitada à torre e concedida. Momentos depois estavam taxiando.

Inclinando-se em seu assento, Baudelio começou a ligar os equipamentos de monitoração externa aos caixões. Continuou a trabalhar enquanto o Learjet decolava, subindo rapidamente pela escuridão e seguindo para o Sul, na direção da Flórida.

Restavam algumas tarefas inacabadas no solo.

Quando o carro fúnebre e o caminhão GMC saíram do aeroporto, Carlos, esperando lá fora, ligou o Plymouth e seguiu o carro fúnebre até Paterson, cerca de quinze quilômetros a oeste. Luís levou o carro fúnebre para uma modesta agência funerária ali, escolhida ao acaso, parou no estacionamento. Deixou as chaves na ignição, encaminhou-se para o Plymouth e foi embora com Carlos.

Talvez, pela manhã, o proprietário da agência funerária lutasse com sua consciência, sem saber se chamava a polícia ou esperava para ver o que acontecia — no caso de acontecer — com o aparente presente de um valioso carro fúnebre. Qualquer que fosse o resultado, Carlos, Luís e os outros já estariam longe a essa altura.

De Paterson, Carlos e Luís viajaram dez quilômetros para o norte, até Ridgewood, para onde Júlio já levara o caminhão GMC. Deixou-o do lado de fora do estacionamento de um vendedor de caminhões usados, fechado à noite. Era possível que um caminhão quase novo, não reclamado por ninguém, pudesse ser absorvido, sua presença jamais comunicada.

Os outros dois apanharam Júlio num ponto próximo previamente acertado, os três retornando ao esconderijo em Hackensack pela última vez. Ali, Júlio e Luís pegaram o Chevrolet Celebrity e o Ford Tempo. Sem mais demora, os três se dispersaram.

Deixariam os carros em pontos divergentes, as portas destrancadas e as chaves na ignição, na esperança de que alguém os roubasse, o que tornaria extremamente improvável qualquer ligação com o sequestro da família Sloane.

17

Foi só depois da primeira edição do Jornal da Noite ao final da tarde de sábado que a reunião da força-tarefa especial, interrompida pelos terríveis acontecimentos em White Plains naquela manhã, recomeçou na sede da CBA. Eram então 7h10 da noite, e os membros da força-tarefa haviam cancelado seus planos para o fim de semana, resignados. Dizia-se com frequência que os jornalistas de tevê, por causa de seus horários de trabalho irregulares, longas ausências de casa e a impossibilidade de levar qualquer vida social previsível, constituem a categoria profissional que apresenta uma das mais altas taxas de divórcio do país.

Sentado mais uma vez à cabeceira da mesa de reuniões, Harry Partridge contemplou os outros — Rita, Norman Jaeger, Iris Everly, Karl Owens, Teddy Cooper. Quase todos pareciam exaustos; Iris, por uma vez, mostrava-se menos do que imaculada, os cabelos desarrumados e a blusa branca manchada de tinta. Jaeger, em mangas de camisa, inclinara a cadeira para trás, pondo os pés em cima da mesa.

A própria sala se encontrava na maior desordem, cestas transbordando, cinzeiros cheios, xícaras de café sujas e jornais descartados espalhados pelo chão. Um preço pago por manter trancadas as salas da força-tarefa era a impossibilidade das faxineiras entrarem. Rita lembrou a si mesma de providenciar para que o lugar fosse limpo antes da manhã de segunda-feira.

Os registros nos quadros de "Sequência de Eventos" e "Miscelânea" haviam aumentado consideravelmente. A contribuição mais recente era um sumário da tragédia naquela manhã em White Plains, datilografado por Partridge. O mais frustrante, porém, era que ainda não havia nada conclusivo nos quadros sobre a identidade dos sequestradores ou o paradeiro das vítimas.

— Alguém tem novas informações? — indagou Partridge. Jaeger, que baixara os pés e puxara a cadeira para junto da mesa, levantou a mão. — Pode falar, Norm.

O veterano produtor falou à sua maneira suave e pomposa: — Passei a maior parte do dia telefonando para Europa e Oriente Médio, nossos chefes de escritórios, correspondentes, repórteres, informantes, fazendo perguntas: O que

souberam de novo ou excepcional sobre atividade terrorista? Há sinais de movimentos insólitos do pessoal do terrorismo? Alguns terroristas, especialmente grupos, desapareceram nos últimos dias? Se desapareceram, é possível que estejam nos Estados Unidos? E assim por diante.

Jaeger fez uma pausa, arrumando suas anotações, depois continuou: — Há algumas respostas parcialmente positivas. Todo um grupo da Hezbolá sumiu de Beirute há cerca de um mês e ainda não apareceu. Mas os rumores situam o grupo na Turquia, planejando um novo ataque aos judeus. Há confirmação de Ancara de que a polícia turca está à procura deles. Só que não há nenhuma prova. Eles poderiam estar em qualquer lugar. A FARL, facção Armada Revolucionária Libanesa, teria pessoas em ação, mas três informações separadas, inclusive uma de Paris, dizem que estão na França. Também não há provas. Abu Nidal desapareceu da Síria, e acredita-se que esteja na Itália, onde estaria tramando, segundo os rumores, algo terrível, em colaboração com a Jihad Islâmica e as Brigadas Vermelhas.

Jaeger levantou as mãos.

— Todos esses vagabundos são como sombras escorregadias, mas as fontes que usei sempre foram confiáveis no passado.

Leslie Chippingham entrou na sala, seguido um instante depois por Crawford Sloane. Juntaram-se aos outros à mesa. Como todos ficassem em silêncio, o diretor da divisão de jornalismo exortou-os: — Continuem, por favor.

Enquanto Jaeger continuava a falar, Partridge observou Sloane e refletiu que o âncora parecia um fantasma, ainda mais pálido e encovado do que no dia anterior, o que não era de surpreender, com a crescente tensão.

— Os rumores dos serviços de informações são de que há mais movimentos terroristas individuais. Não vou incomodá-los com os detalhes, exceto para dizer que aparentemente estão confinados à Europa e ao Oriente Médio. Mais importante ainda, as pessoas com quem falei não acreditam que haja qualquer êxodo terrorista, pelo menos em número considerável, para Estados Unidos ou Canadá. Se houvesse, eles dizem que é improvável que soubessem de alguma coisa. Mas pedi a todos que continuassem a procurar, escutar e informar.

— Obrigado, Norm. — Partridge virou-se para Karl Owens. — Sei que você andou fazendo indagações pelo Sul, Karl. Algum resultado?

— Nada realmente positivo.

O produtor mais jovem não precisou consultar as anotações dos seus telefonemas naquele dia. Típico de seus métodos precisos, resumira cada ligação

num cartão, escrito à mão de forma impecável, os cartões em ordem.

— Conversei com os mesmos tipos de contatos de Norm, fazendo perguntas similares... em Manágua, San Salvador, Havana, La Paz, Buenos Aires, Tegucigalpa, Lima, Santiago, Bogotá, Brasília, Cidade do México. Como sempre, há atividade terrorista na maioria desses lugares, além de informações sobre terroristas mudando de países, atravessando fronteiras como passageiros trocando de trem. Mas nada nas informações se ajusta a um movimento de grupo do tipo que estamos procurando. Mas tropecei com uma coisa que ainda estou investigando...

— Conte — disse Partridge. — Queremos saber de tudo.

— É uma coisa da Colômbia. Sobre um cara chamado Ulises Rodríguez.

— Um terrorista dos piores — comentou Rita. — Já foi chamado de Abu Nidal da América Latina.

— Ele é tudo isso — confirmou Owens. — Também se acredita que esteja envolvido em diversos sequestros colombianos. Não são muito noticiados aqui, mas acontecem a todo instante. Há três meses foi confirmada a presença de Rodríguez em Bogotá, mas depois ele desapareceu completamente. As pessoas que sabem dessas coisas estão convencidas de que ele esteja em ação em algum lugar. Houve um rumor de que poderia ter ido para Londres, mas ele conseguiu permanecer escondido, onde quer que seja, desde junho.

Owens fez uma pausa, deu uma olhada num cartão. — Mais uma coisa. Num pressentimento, liguei para um contato no Departamento de Imigração, em Washington, dei o nome de Rodríguez, A fonte me telefonou mais tarde e disse que há três meses, mais ou menos a ocasião em que Rodríguez desapareceu, a Imigração foi avisada pela CIA de que ele poderia tentar entrar nos Estados Unidos, através de Miami. Há um mandado federal de prisão contra ele e o pessoal da Imigração e da Alfândega em Miami entrou em alerta vermelho. Mas Rodríguez não apareceu.

— Ou conseguiu passar despercebido — acrescentou Iris Everly.

— É possível. Ou pode ter vindo por um caminho diferente, talvez de Londres, a se confirmar o rumor que mencionei. Há mais uma coisa a respeito dele. Rodríguez estudou inglês em Berkeley e fala sem sotaque. O que estou querendo dizer é que ele pode passar despercebido.

— Está ficando interessante — comentou Rita. — Mais alguma coisa?

Owens balançou a cabeça. — Acho que sim.

Os outros ao redor da mesa escutavam atentamente, e Partridge refletiu que só as pessoas no jornalismo compreendiam quantas informações se podiam

obter através de contatos e telefonemas persistentes.

— O pouco que há nos registros sobre Rodríguez inclui o que acabei de falar e ainda que ele se formou em Berkeley com a turma de 72.

— Há fotos dele? — perguntou Partridge.

Owens sacudiu a cabeça. —Perguntei à Imigração, e a resposta foi não. Disseram que ninguém tem uma foto de Rodríguez, nem mesmo a CIA. Rodríguez foi cuidadoso. Nesse ponto, porém, creio que somos afortunados.

— Pelo amor de Deus, Karl! — protestou Rita. — Se quer agir como um novelista, continue logo com a história!

Owens sorriu. O progresso lento e paciente era seu estilo pessoal. Dava certo e não tinha intenção de mudá-lo, fosse por Abrams ou qualquer outra pessoa.

— Depois de obter essas informações sobre Rodríguez, liguei para o nosso escritório em São Francisco e pedi que mandassem alguém a Berkeley para investigar. — Ele olhou para Chippingham. — Usei seu nome, Les. Disse que você autorizou prioridade máxima.

Chippingham balançou a cabeça em assentimento, e Owens continuou: — Mandaram Fiona Gowan, que também estudou em Berkeley. Sabe como são as coisas por lá. Fiona teve sorte, especialmente no sábado e, se der para acreditar, localizou um professor do departamento de inglês que se lembra de Rodríguez da turma de 72.

Rita suspirou. — Nós acreditamos. — Seu tom dizia: Continue logo!

— Rodríguez, ao que parece, era um solitário, não tinha amigos. Outra coisa que o tal professor lembrou foi que Rodríguez não gostava de câmeras, não deixava ninguém tirar sua foto. O *Daily Cal*, o jornal dos estudantes, queria mostrá-lo num grupo de estudantes estrangeiros; ele se recusou. Acabou se tomando uma piada, e por isso um colega de turma, que era um excelente artista, fez um desenho a carvão de Rodríguez sem que ele soubesse. Quando o artista mostrou o desenho, Rodríguez teve um acesso de raiva. Propôs comprar o desenho e assim o fez, pagando mais do que valia. Mas o artista já fizera uma dúzia de cópias, que distribuiu entre os amigos. Rodríguez nunca soube disso.

— Essas cópias.... — começou Partridge.

— Já vamos chegar a esse ponto, Harry. — Owens sorriu, ainda se recusando a ser apressado. — Fiona voltou a São Francisco, passou a tarde inteira ao telefone. Foi um trabalho e tanto, porque a turma de inglês de 72 em Berkeley teve 388 alunos. Ela descobriu os telefones de casa de alguns ex-alunos, uns indicaram outros. Pouco antes desta reunião, ela me ligou para

informar que localizou uma das cópias do desenho e que o teremos amanhã. Assim que isso acontecer, o escritório de São Francisco o transmitirá para nós.

Houve um murmúrio de aprovação ao redor da mesa.

— Um bom trabalho de equipe — disse Chippingham. — Agradeça a Fiona por mim.

— Mas devemos manter um senso de proporção — ressaltou Owens. — Neste momento não temos mais que coincidências, e é apenas um palpite o envolvimento de Rodríguez com o nosso sequestro. Além disso, o desenho já tem vinte anos.

— As pessoas não mudam tanto assim, nem mesmo em vinte anos — disse Partridge. — Podemos mostrar o retrato em Larchmont e perguntar se alguém se lembra de tê-lo visto. Mais alguma coisa?

— O escritório de Washington ligou — informou Rita. — Disseram que o FBI não tem nenhuma novidade. Os peritos estão trabalhando no que restou do furgão Nissan em White Plains, mas não têm muitas esperanças. Como Salerno disse no jornal da sexta-feira, em caso de sequestro o FBI depende dos sequestradores fazerem contato.

Partridge olhou para Sloane através da mesa. — Sinto muito, Crawf, mas parece que é tudo que temos.

Rita lembrou: — Exceto pela ideia de Teddy.

Sloane indagou bruscamente: — Que ideia? Não soube nada.

— É melhor deixar o próprio Teddy explicar — disse Partridge.

Ele acenou com a cabeça para o jovem inglês, também sentado à mesa. Cooper animou-se com a atenção.

— É uma maneira possível de descobrir o esconderijo dos sequestradores, senhor S. Embora eu tenha certeza de que a esta altura eles já partiram.

— Se eles foram embora, de que isso nos adiantaria? — indagou Chippingham.

Sloane gesticulou, impaciente. — Isso não importa. Quero saber qual é a ideia.

Apesar da intervenção, Cooper dirigiu-se primeiro a Chippingham.

— Pistas, senhor S. Há sempre uma possibilidade de deixarem pistas, indicando quem são, de onde vieram, talvez mesmo para onde foram.

Incluindo os outros em seus comentários, Cooper repetiu a proposta que apresentara antes a Partridge e Rita; descreveu o tipo de propriedade e localização que imaginava como a base de operações dos sequestradores; sua

convicção de que os sequestradores poderiam ter conseguido o local através de um anúncio de jornal; o plano de examinar classificados publicados nos últimos três meses em jornais num raio de quarenta quilômetros de Larchmont. Objetivo da busca: encontrar uma propriedade correspondente à descrição teórica da base de operações. O trabalho, em bibliotecas e nos próprios jornais, seria realizado por jovens espertos, especialmente contratados. Mais tarde, o mesmo grupo, sob supervisão, investigaria possíveis locações resultantes da busca...

— Admito que as possibilidades são mínimas — concluiu Cooper.

— Eu diria que nem isso — comentou Chippingham, que se mantivera de rosto franzido durante o relato, a expressão preocupada aumentando quando se mencionou contratar pessoal. — De quantas pessoas estamos falando?

— Fiz um levantamento — informou Rita. — Há 160 jornais, entre diários e semanais, na área. As bibliotecas não guardam os números atrasados de mais que uns poucos, e por isso a maior parte do trabalho teria de ser nas próprias publicações. Ler três meses de anúncios e tomar anotações será um trabalho monumental. Mas para que seja de algum proveito, terá de ser feito depressa...

Chippingham interrompeu: — Alguém pode fazer o favor de responder à minha pergunta? Quantas pessoas?

— Calculo sessenta — respondeu Rita. — Além disso, o pessoal na supervisão.

Chippingham virou-se para Partridge. — Harry, está mesmo recomendando isso?

Seu tom insinuava: Não pode ser tão louco assim!

Partridge hesitou. Partilhava as dúvidas de Chippingham. Naquela manhã, voltando de White Plains, classificara mentalmente a ideia de Teddy como um plano absurdo; nada acontecera desde então para fazê-lo mudar de pensamento. Mas acabou raciocinando: Às vezes, tomar uma posição era uma boa ideia, mesmo que as possibilidades fossem mínimas.

— É isso mesmo, Les, estou recomendando — disse ele. — Minha opinião é de que devemos tentar tudo. Neste momento não estamos sobrecarregados de pistas ou novas ideias.

Chippingham ficou visivelmente infeliz com a resposta. Sentia-se apreensivo com a perspectiva de contratar sessenta pessoas extras, sem falar nas despesas de viagens e outras, talvez por várias semanas e ainda havia a supervisão que Rita mencionara. Esse tipo de contratação sempre resultava em quantias assustadoras. Claro que nos tempos antigos de despesas à vontade do

jornalismo de tevê ele não pensaria duas vezes. Ninguém pensava. Mas agora a advertência de Margot Lloyd-Mason sobre a força-tarefa do sequestro ressoou em sua mente: "Não quero ninguém... gastando dinheiro deforma desvairada... deve fazer tudo que for necessário dentro da sua divisão." Tanto quanto qualquer outro, pensou Chippingham, ele queria descobrir para onde Jessica, o garoto Sloane e o velho haviam sido levados, estava disposto a brigar com Margot por causa de dinheiro, se necessário. Mas teria de ser por alguma coisa em que acreditasse, não por aquela merda idiota daquele inglês arrogante.

— Vou vetar esta ideia, Harry, pelo menos por enquanto — disse Chippingham. — Não creio que as possibilidades sejam altas o suficiente para justificar o esforço.

Mesmo agora, ele refletiu, os outros o chamariam de covarde se soubesse que parte do seu pensamento era influenciado por Margot. Mas não importava, ele tinha problemas — inclusive o de permanecer em seu emprego — que os outros ignoravam.

— Eu acho, Les... — começou Jaeger.

Crawford Sloane não o deixou continuar: — Deixe-me falar, Norm. — Jaeger se calou, e Sloane acrescentou, a voz incisiva: — Quando fala em não justificar o esforço, Les, está realmente se referindo ao dinheiro?

— Esse é um fator, e você sabe que sempre existe. Mas acima de tudo é um julgamento. A sugestão não é uma boa ideia.

— Talvez tenha alguma melhor.

— Não neste momento.

— Então tenho uma pergunta a fazer, e gostaria de uma resposta franca — disse Sloane, friamente. — Margot Lloyd-Mason impôs um congelamento dos gastos?

— Discutimos o orçamento, mais nada — explicou Chippingham, contrafeito. — Você e eu podemos conversar em particular?

— Não! — berrou Sloane, levantando-se de um pulo, olhando furioso para Chippingham. — Não há privacidade para aquela cadela de coração de gelo! Já respondeu a minha pergunta. Há um congelamento dos gastos.

— Não é significativo. Por qualquer coisa que valha a pena, falarei com Stonehenge...

— E eu falarei numa entrevista coletiva... aqui mesmo, esta noite! Para dizer ao mundo que enquanto minha família sofre em algum buraco, só Deus sabe onde, esta rede tão rica fica se resguardando com contadores, revisões de orçamento, discutindo por moedas...

Chippingham protestou: — Ninguém está discutindo por moedas! Isso não é necessário, Crawf. Sinto muito.

— E de que isso adianta?

Os outros em tomo da mesa mal podiam acreditar no que ouviam. Em primeiro lugar, que um congelamento dos gastos fosse aplicado secretamente ao projeto; em segundo, na atual situação, desesperadora, que não se tentassem todas as possibilidades. Outra coisa era igualmente inacreditável: que a CBA pudesse ofender tanto seu mais ilustre cidadão, o âncora principal. Margot Lloyd-Mason fora mencionada; portanto, só se podia concluir que ela representava a mão empunhando o machado da Globanic Industries.

Norman Jaeger também se levantou, a forma mais simples de protesto. Disse calmamente: — Harry acha que devemos dar uma chance à ideia de Teddy. Eu também.

Karl Owens aderiu: — Eu também.

— Acrescentem-me à lista.

Iris Everly. Rita, um pouco relutante, preocupada com Chippingham, disse: — Acho que pode me incluir também.

— Está bem, está bem, vamos deixar de lado a representação.

Chippingham compreendia que era culpado de um julgamento errado, sabia que de qualquer forma era o perdedor, e silenciosamente xingou Margot. — Mudo de posição. Talvez eu estivesse enganado. Vamos em frente, Crawf.

Mas não procuraria Margot para pedir aprovação, decidiu Chippingham; sabia muito bem, soube desde o início, qual seria a resposta dela. Autorizaria a despesa e correria os riscos.

Rita, pragmática como sempre e tentando desarmar o conflito, comentou: — Se vamos agir, não podemos perder tempo. Precisamos dos pesquisadores trabalhando na segunda-feira. Por onde começamos?

— Procuraremos Tio Arthur — disse Chippingham. — Falarei com ele em casa esta noite e o terei aqui para iniciar o recrutamento.

Crawford Sloane animou-se. — Uma boa ideia.

Teddy Cooper, sentado ao lado de Jaeger, sussurrou: — Quem é Tio Arthur?

Jaeger soltou uma risada. — Ainda não conheceu Tio Arthur? Amanhã, meu jovem amigo, terá uma experiência excepcional.

18

— As bebidas são por minha conta — anunciou Chippingham.

Mentalmente, ele acrescentou: Trouxe vocês todos aqui para reparar os pequenos ferimentos.

Ele e os outros haviam se transferido para o Sfuzzi, um restaurante e bar perto do Lincoln Center, com uma decoração *nouveau ancient roman*. Era um ponto de encontro regular do pessoal de telejornalismo. Embora o Sfuzzi estivesse apinhado na noite de sábado, conseguiram se espremer em tomo de uma mesa, com cadeiras extras.

Chippingham convidara todos que haviam participado da reunião da força-tarefa, inclusive Sloane, mas o âncora recusara, preferindo voltar para casa em Larchmont, acompanhado por seu vigia do FBI, Otis Havelock. Ali esperariam por mais uma noite pelo telefonema tão ansiosamente aguardado dos sequestradores.

Depois que todos estavam com seus drinques, as tensões atenuadas, Partridge disse: — Les, há uma coisa que acho que precisa ser dita. Nas melhores ocasiões, eu não gostaria de ter o seu cargo. Mas especialmente não agora. Tenho certeza que nenhum de nós aqui poderia manobrar com prioridades e pessoas como você faz... pelo menos não melhor do que você.

Chippingham lançou um olhar agradecido a Partridge e acenou com a cabeça. Era um testemunho de compreensão de alguém que Chippingham respeitava e um lembrete de Partridge para os outros de que nem todas as questões eram simples ou as decisões fáceis.

— Harry — disse ele —, sei como você trabalha, e que tem uma "percepção" rápida das situações. Isso já aconteceu nessa história?

— Acho que sim. — Partridge olhou para Teddy Cooper. — Teddy acha que os pássaros já deixaram o país; também cheguei a essa conclusão. Mas tenho um pressentimento de que estamos próximos de uma abertura... através de nossos esforços ou acontecendo espontaneamente. Saberemos então sobre os sequestradores: quem e onde.

— E quando isso ocorrer?

— Então estarei a caminho — respondeu Partridge. — Para onde quer que a pista nos leve, quero chegar lá depressa e primeiro.

— Assim será — declarou Chippingham. — E prometo que terá todo o apoio de que precisar.

Partridge riu e correu os olhos pela mesa. — Lembrem-se disso, todos vocês. Ouviram o que ele disse.

— Claro que ouvimos — disse Jaeger. — Se for necessário, Les, vamos lembrá-lo dessas palavras.

Chippingham sacudiu a cabeça. — Isso não será necessário.

A conversa continuou. Rita deu a impressão de que procurava alguma coisa na bolsa, aproveitando para escrever um bilhete. Discretamente, por baixo da mesa, colocou-o na mão de Chippingham.

Ele esperou que as atenções se desviassem de sua pessoa, depois baixou os olhos. O bilhete dizia: Les, não está com vontade de trepar? Vamos sair daqui.

Foram para o apartamento de Rita. Ficava na Rua 72, a pouca distância de táxi do Sfuzzi. Chippingham morava mais longe, na altura das ruas 80, enquanto se processava o divórcio de Stasia, mas o apartamento era pequeno, ordinário pelos padrões de Nova York, um lugar de que não se orgulhava. Sentia saudade do luxuoso apartamento em Sutton Place que partilhara com Stasia por uma década, antes do rompimento. Era agora um território proibido para ele, uma utopia perdida. Os advogados de Stasia haviam cuidado disso.

De qualquer forma, Rita e ele queriam naquele momento o lugar íntimo mais próximo. As mãos de ambos se mantiveram ocupadas no táxi, até que ele murmurou: — Se continuar assim, vou explodir como o Vesúvio, e vários meses podem se passar antes que o vulcão retome as atividades.

Ela soltou uma risada.

— Não você!

Mesmo assim, Rita interrompeu o que fazia. No caminho, Chippingham mandou que o motorista do táxi parasse numa banca de jornal. Saltou do táxi e voltou com as primeiras edições dominicais do *New York Times*, do *Daily News* e do *Post*.

— Pelo menos sei onde me situo nas suas prioridades — comentou Rita. — Só espero que não esteja planejando ler esses jornais antes...

— Mais tarde — assegurou Chippingham. — Muito mais tarde.

Mesmo enquanto falava, Chippingham especulava se algum dia cresceria em relação às mulheres. Provavelmente não ou pelo menos não até que sua libido ardesse com menos intensidade. Sabia que alguns homens invejariam sua virilidade, quase tão boa, agora que se aproximava dos cinquenta anos, o que ocorreria dentro de poucos meses, quanto no tempo em que tinha metade dessa idade. Por outro lado, um tesão permanente tinha seus inconvenientes.

Embora o excitasse agora, como já fizera em ocasiões anteriores, e soubesse que ambos desfrutariam um intenso prazer, Rita também sabia que dentro de uma ou duas horas perguntaria a si mesma: Valeu a pena todo o

esforço? Na mesma linha, ele especulava com frequência: Suas aventuras sexuais haviam valido a perda de uma esposa de quem gostava sinceramente e, ao mesmo tempo, o risco para sua carreira — a última coisa uma realidade que Margot Lloyd-Mason deixara bem clara no recente encontro em Stonehenge? Por que fazia isso? Em parte porque nunca podia resistir a uma diversão carnal quando surgia a oportunidade, e no jornalismo as possibilidades eram incontáveis.

Havia também a emoção da caçada, que nunca diminuía, depois a invasão e a satisfação física — receber e dar, as duas coisas eram igualmente importantes.

Les Chippingham mantinha uma agenda, cuidadosamente escondida, registrando todas as suas conquistas sexuais — uma lista de nomes num código especial que só ele podia decifrar. Todos os nomes eram de mulheres de quem gostara, e algumas amara sinceramente, por algum tempo.

O nome de Rita, recentemente acrescentado à lista, era o 127º registro. Chippingham procurava não pensar na lista como um boletim de resultados, embora de fato fosse isso.

Algumas pessoas que levavam vidas mais tranquilas ou mais inocentes podiam achar esse número excessivo, talvez difícil de acreditar. Mas os que trabalhavam em televisão ou qualquer outra área criativa — artistas, atores, escritores — não teriam a menor dificuldade para acreditar.

Ele duvidava que Stasia tivesse alguma ideia de suas excursões extraconjugais — o que fazia aflorar em sua mente outra indagação recorrente: Haveria alguma possibilidade de reconstituir seu casamento, uma chance de recuperar a intimidade que desfrutara com Stasia, mesmo quando ela já sabia de suas aventuras? Ele gostaria que a resposta pudesse ser sim, mas sabia que era tarde demais. A amargura e a mágoa de Stasia eram agora opressivas. Poucas semanas antes ele tentara lhe escrever uma carta, numa busca de reaproximação. O advogado de Stasia respondera, advertindo Chippingham a não se comunicar outra vez diretamente com sua cliente.

Mesmo que essa partida em particular estivesse perdida, ele refletiu, nada podia prejudicar o prazer da próxima hora em companhia de Rita.

Rita também vinha pensando em relacionamentos, embora num nível mais simples. Jamais se casara, pois nunca encontrara um homem disponível a quem quisesse se ligar em caráter permanente. Sabia que sua ligação atual com Les não tinha um futuro a longo prazo. Conhecendo-o e observando-o desde muito tempo, estava convencida de que Les era incapaz de fidelidade. Passava

de uma mulher para outra com a mesma tranquilidade com que outros homens trocavam de cueca. Mas ele possuía um corpo grande e comprido, com um acessório equivalente, por isso uma aventura sexual com Les era um sonho eufórico, alegre, divino. Quando chegaram ao prédio e Les pagou a corrida, ela não conseguia pensar em outra coisa, Rita fechou e trancou a porta do apartamento, e no instante seguinte começaram a se beijar. Não perdendo mais tempo, ela seguiu na frente para o quarto, acompanhada por Les, já tirando o paletó, removendo a gravata, desabotoando a camisa.

O quarto era típico de Rita — organizado, mas de uma maneira confortável e informal, com tecidos em cores suaves e almofadas por toda parte. Ela puxou e dobrou a colcha de qualquer maneira, jogou-a numa poltrona próxima. Despiu-se num instante, arremessando as roupas em todas as direções, um gesto instintivo de amante que também se livrara das inibições. Sorria para Les à medida que cada peça voava. Ele avaliou-a, enquanto tirava a cueca, mandando-a para o canto, atrás da calcinha e sutiã de Rita.

Como antes, ele gostou do que viu.

Rita, uma morena natural, começara a pintar os cabelos com trinta e poucos anos, quando os primeiros fios brancos apareceram. Mas depois de mudar de emprego e imagem, passando de repórter a produtora, deixara a natureza se impor, e agora seus cabelos eram uma atraente mistura de castanho — escuro e prateado. O corpo também amadurecera e tinha cinco quilos a mais do que os esbeltos 55 anteriores.

— Pode-se dizer que passei de Afrodite a uma Vênus tranquila — comentara ela com Les, na primeira vez em que ele a vira nua.

— Gosto dessa Vênus — respondera ele.

De qualquer forma, o corpo de l,67m de Rita estava em excelente forma, os quadris arredondados, os seios empinados e firmes.

Ao baixar os olhos, ela constatou que Les não precisava mais ser excitado. Mesmo assim, ele se adiantou lentamente, inclinou-se para beijar sua testa, olhos, boca.

Pôs as mãos em seus seios, gentilmente, chupou os mamilos. Rita experimentou um tremor de prazer percorrer seu corpo, sentindo os mamilos endurecerem.

Respirando, cada movimento de seu corpo uma crescente satisfação, Rita estendeu as mãos para a virilha de Les, deslocando os dedos devagar, suavemente, de leve, com a maior experiência. Sentiu todo o corpo de Les se contrair, ouviu o seu ofego e um suave suspiro de prazer.

Gentilmente, Chippingham empurrou-a para a cama, as mãos e a língua continuando a explorar todo o corpo quente e macio de Rita. Quando nenhum dos dois conseguia esperar por mais tempo, ele penetrou-a. Rita soltou um grito e momentos depois elevou-se para um pique final e glorioso.

Rita flutuou por algum tempo, saboreando os instantes de indolência, até que sua mente, sempre ativa, passou a formular indagações. A cada vez, o ato de amor era tão perfeito, tão experiente, que ela especulava: sempre fora assim para as mulheres que haviam feito sexo com Les? Ela calculava que sim. Ele tinha um jeito de manipular um corpo de mulher que proporcionava a Rita — e provavelmente a todas as outras — um êxtase incomparável. E a excitação de Rita indubitavelmente aumentava a de Les. Só depois de seu orgasmo requintado — e como era maravilhoso não ter de simular ou fazer um esforço para alcançá-lo! —, Les também explodiu dentro dela.

Mais tarde, os corpos úmidos, o suor se misturando numa doce união, eles ficaram deitados lado a lado, a respiração profunda, serena.

— Leslie Chippingham — falou Rita —, alguém já lhe disse que é o amante mais perfeito do mundo?

Ele riu e beijou-a. — Amar é poesia. Poesia se alimenta de inspiração. Neste momento, você é a minha inspiração.

— Você também é bom com as palavras. Talvez devesse entrar para o jornalismo.

Eles acabaram dormindo depois de algum tempo e despertaram para fazer amor outra vez.

Eventualmente, como era inevitável, Chippingham e Rita trocaram o sexo pela pilha de jornais dominicais que ele comprara no caminho. Espalharam os jornais pela cama, Les começou com o *Times*, Rita com o *Post*.

Ambos devoraram as últimas notícias sobre o sequestro da família Sloane, a ênfase na explosão da manhã de sábado em White Plains do veículo usado pelos sequestradores e na devastação resultante. De um ponto de vista profissional, Rita ficou satisfeita ao constatar que a CBA não deixara escapar nada importante em sua cobertura na noite de sábado. Embora as matérias do jornal fossem mais longas, com mais reações, os elementos essenciais eram os mesmos.

Do sequestro, Rita e Les passaram para as grandes notícias internacionais e nacionais, a que não tinham prestado muita atenção nos últimos dias. Nenhum dos dois perdeu tempo em ler e mal percebeu uma notícia de uma coluna que só saiu no *Post*, escondida numa página interna.

DIPLOMATA ASSASSINA AMANTE E SE SUICIDA EM ACESSO DE CIÚME

Um diplomata na ONU, José Antônio Salaverry, e sua namorada, Helga Efferen, foram encontrados mortos a tiros no sábado, no apartamento de Salaverry, na Rua 48. A polícia descreve as mortes como "assassinato e suicídio num acesso de ciúme".

Salaverry era membro da delegação peruana na ONU. Efferen, uma cidadã americana, ex-imigrante libanesa, trabalhava no Banco América-Amazonas, em sua agência na Dag Hammarskjöld Plaza.

Os corpos foram encontrados no início da manhã de sábado por uma faxineira. Um médico— legista fixou o momento da morte entre oito e onze horas da noite anterior.

Provas concretas, informa a polícia, indicam que Salaverry descobrira que Efferen usava o apartamento dele para encontros sexuais com outros homens. Enfurecido, ele a matou e depois se suicidou.

19

Com a graciosidade de uma gaivota, o Learjet 55LR desceu pela noite, os motores potentes momentaneamente reprimidos. Seguiu para duas linhas paralelas de luz à frente, assinalando a pista um-oito do aeroporto Opa Locka. Além do aeroporto podiam-se avistar as luzes incontáveis da Grande Miami, o reflexo formando um vasto halo no céu. Miguel espiou por uma janela na cabine de passageiros, torcendo para que as luzes dos Estados Unidos e tudo que representavam ficassem para trás muito em breve.

Ele verificou o relógio: 23h18. O voo desde Teterboro levara pouco mais de duas horas e quinze minutos.

Rafael, no banco da frente, observava as luzes que se aproximavam. Socorro, ao seu lado, parecia cochilar.

Miguel virou a cabeça na direção de Baudelio, que a poucos passos de distância continuava a monitorar os três caixões, usando os equipamentos externos que fixara.

Baudelio acenou com a cabeça, indicando que estava tudo bem, e Miguel concentrou-se em outro problema potencial que acabara de surgir. Poucos minutos antes, ele fora até a cabine de voo e perguntara: — Em Opa Locka, quanto tempo vai levar para fazer o que for necessário e partirmos em seguida?

— Não devemos levar mais de meia hora — respondera o piloto, Underhill. — Só precisamos reabastecer e apresentar um plano de voo.

Ele hesitara por um instante e depois acrescentara: — Mas pode levar mais tempo se o pessoal da alfândega resolver nos inspecionar.

— Não precisamos passar pela Alfândega aqui! — exclamara Miguel.

O piloto concordara. — Normalmente, não; eles não se preocupam com os aviões de partida. Mas eu soube que ultimamente eles têm realizado inspeções ocasionais, às vezes à noite.

Embora tentasse parecer tranquilo, sua voz traía a preocupação. Miguel ficara abalado com a informação. Suas próprias informações e as do cartel de Medellín sobre as regras e hábitos da Alfândega dos Estados Unidos eram o motivo para a escolha de Opa Locka como o aeroporto de partida.

Como Teterboro, Opa Locka na Flórida era usado apenas por aviões particulares. Por causa dos voos que chegavam do exterior, mantinha um escritório da Alfândega americana — pequeno, improvisado, instalado num trailer, com uma equipe correspondentemente pequena. Em comparação com os escritórios da Alfândega em aeroportos internacionais importantes como Miami, Nova York, Los Angeles ou São Francisco, Opa Locka era um primo pobre, obrigado a usar procedimentos menos rigorosos do que em outros lugares.

De um modo geral, não havia mais que dois inspetores alfandegários de plantão, e mesmo assim apenas de onze da manhã às sete da noite nos dias de semana, e de dez às seis nos domingos. A viagem do Learjet foi programada na pressuposição de que a esta hora, tão tarde, a alfândega já estaria fechada e o pessoal teria partido desde muito tempo. Underhill acrescentara: — Se houver alguém na alfândega e com o rádio do aeroporto ligado, eles nos ouvirão falando com a torre. Depois disso, talvez se interessem por nós, talvez não.

Miguel concluíra que nada podia fazer a não ser voltar para seu lugar e esperar. Já sentado, analisou mentalmente as possibilidades.

Se encontrassem inspetores da Alfândega dos Estados Unidos naquela noite, por mais improvável que parecesse, a história de cobertura poderia ser usada. Socorro, Rafael e Baudelio desempenhariam seus papéis; Miguel, o dele. Baudelio poderia rapidamente desligar os controles fixados nos caixões. O problema não era a história de cobertura e todos os elementos que a apoiavam, mas as regras que um inspetor alfandegário deveria seguir quando um cadáver deixava o país.

Miguel estudara os regulamentos oficiais e conhecia-os de cor. Eram exigidos documentos específicos para cada corpo — um atestado de óbito, uma

autorização de remoção de um serviço de saúde local, uma permissão de entrada do país de destino. O passaporte do morto não era necessário, mas, detalhe crítico, o caixão devia ser aberto, e o conteúdo examinado pelo inspetor alfandegário.

Com uma previdência meticulosa, Miguel providenciara todos os documentos necessários; eram falsificações, mas boas. Havia complementos, como as fotografias macabras do acidente de automóvel, não identificadas, mas se ajustando à história, assim como os falsos recortes de jornal, informando que os corpos estavam tão mutilados e queimados que ficaram irreconhecíveis. Assim, se um inspetor da alfândega estivesse de serviço em Opa Locka e se aproximasse, encontraria todos os documentos em ordem; mas insistiria em abrir os caixões? Igualmente importante: depois de ler as descrições, haveria de querer fazer isso? Miguel sentiu-se mais uma vez tenso, enquanto o Learjet pousava suavemente e taxiava para o Hangar Um.

O inspetor alfandegário Wally Amsler achava que algum burocrata inconsequente de Washington inventara a Operação Saída. Quem quer que fosse, ele (ou talvez ela) provavelmente se encontrava na cama agora, dormindo, o lugar em que Wally preferia estar, em vez de vagueando pelo aeroporto Opa Locka, esquecido de Deus, afastado do movimento durante o dia e solitário como o inferno à noite. Eram onze e meia da noite e faltavam mais duas horas para que ele e seus dois outros colegas da Alfândega em plantão especial pudessem largar a Operação Saída e voltar para casa.

A irritação era excepcional para Amsler, normalmente jovial e cordial, exceto com as pessoas que violavam as leis que ele defendia. Podia então se tomar frio e duro, com um senso de dever inflexível. De um modo geral, gostava de seu trabalho, embora não apreciasse o plantão noturno e o evitasse sempre que possível. Uma semana antes, tivera uma gripe, e ainda não se sentia bem; no início daquela noite, pensara em se declarar doente e deixar o serviço, mas decidira não fazê-lo. E havia mais uma coisa que o afligia ultimamente — sua posição no serviço alfandegário.

Apesar de realizar seu trabalho meticulosamente havia mais de vinte anos, não progredira para a posição que achava que deveria ocupar na sua idade, faltando poucos meses para os cinquenta anos. Era um inspetor GS-9. Um cargo realmente subalterno. Havia muitos outros, mais jovens do que ele e com menos experiência, que já haviam sido promovidos ao posto de inspetor sênior GS-11. Amsler recebia ordens deles.

Sempre presumira que algum dia se tomaria inspetor sênior, mas agora, sendo realista, sabia que suas possibilidades eram remotas. Isso era justo? Ele não sabia. Sua ficha era boa, e ele sempre pusera o dever acima de todas as outras considerações, inclusive algumas pessoais. AO mesmo tempo, nunca se empenhara a fundo para virar um líder, e nada do que fizera, no cumprimento do dever, era espetacular; talvez fosse esse o problema. Reconhecia que o salário, mesmo para um GS-9, não era dos piores. Com horas extras, trabalhando seis dias por semana, ganhava cerca de cinquenta mil dólares por ano, e receberia uma boa pensão dentro de quinze anos.

Mas pagamento e pensão, apenas, não eram suficientes. Ele precisava agitar sua vida, fazer alguma coisa pela qual pudesse ser lembrado, mesmo que de uma maneira modesta. Queria que isso acontecesse, e achava que merecia. Mas em Opa Locka, tarde da noite e trabalhando na Operação Saída, não era muito provável.

A operação determinava a inspeção ao acaso de aviões prestes a deixar os Estados Unidos para outros países. Não havia possibilidade de inspecionar todos; a Alfândega não dispunha de uma equipe para isso. Por isso, efetuava-se uma blitz, com um grupo de inspetores aparecendo num aeroporto sem aviso prévio e durante as horas subsequentes inspecionando os voos para o exterior, quase sempre de aviões particulares. O programa era muitas vezes executado à noite.

O objetivo oficial era procurar equipamentos de alta tecnologia exportados ilegalmente. Extraoficialmente, a Alfândega também procurava por moeda em excesso das quantias autorizadas, em particular grandes somas de dinheiro das drogas. O último motivo tinha de ser extraoficial porque legalmente, pela Quarta Emenda da Constituição dos Estados Unidos, não podia haver busca de dinheiro sem uma "causa provável". Contudo, se muito dinheiro era descoberto em outro tipo de busca, a Alfândega tinha o direito de agir.

Às vezes a Operação Saída produzia resultados, até mesmo sensacionais. Mas nada desse tipo acontecia quando Amsler se encontrava presente, um motivo pelo qual não se entusiasmava com o programa. Apesar disso, era a causa para a sua presença e de dois outros inspetores em Opa Locka naquela noite, embora os voos para o exterior fossem em menor número do que o habitual e parecesse provável que não haveria muitos mais.

Um dos poucos se preparava para decolar em breve — um Learjet Que chegara de Teterboro e poucos minutos antes apresentara um plano de voo para Bogotá, Colômbia.

Amsler se encontrava agora a caminho do Hangar Um para dar uma olhada no avião.

Em contraste com a maior parte do sul da Flórida, a pequena cidade de Opa Locka era um lugar sem atrativos. Seu nome derivava de uma palavra dos índios seminoles, *opatishawockalocka*, significando "outeiro alto e seco", A descrição era apropriada, assim como outra mais recente, feita pelo escritor T.D. Allman, que descrevia Opa Locka como um "gueto" empobrecido, "parecendo um parque de diversões há muito abandonado e vandalizado". O aeroporto adjacente, embora movimentado, tinha poucos prédios, e o nivelamento seco geral da área transmitia a impressão de um deserto.

No meio desse deserto, o Hangar Um era um oásis.

20

Era um prédio branco moderno e atraente, apenas uma parte utilizada como hangar, havendo também um terminal de luxo para atender a aviões particulares, seus passageiros e pilotos.

Setenta pessoas trabalhavam no Hangar Um, seus deveres variando de limpar o interior dos aviões que pousavam e remover o lixo ao reabastecimento das cozinhas de bordo com refeições e bebidas e manutenção mecânica, pequenos reparos ou uma revisão geral. Outros funcionários cuidavam das salas VIP, banheiros e uma sala de reuniões, equipada com aparelhos de audiovisual, fax, telex, e copiadoras.

Através de uma linha divisória, quase mas não completamente invisível, havia instalações similares para os pilotos, além de uma área para planejamento de voo. Foi nessa área que o inspetor Wally Amsler abordou o piloto do Learjet, Underhill, que estava estudando um mapa meteorológico.

— Boa noite, comandante. Creio que está programado para Bogotá.

Underhill levantou os olhos, não ficando muito surpreso ao se deparar com o uniforme. — Isso mesmo.

Na verdade, tanto a resposta como o plano de voo eram mentirosos. O destino do Learjet era uma pista de terra nos Andes, perto de Sion, no Peru, num voo sem escalas.

Mas as instruções rigorosas que Underhill recebera e por cuja execução o pagamento seria extraordinário determinavam que os dados de partida deveriam indicar Bogotá.

De qualquer forma, não tinha importância. Assim que se livrasse do Controle de Tráfego dos Estados Unidos, pouco depois da decolagem, poderia voar para qualquer lugar que escolhesse, sem que ninguém fiscalizasse ou se importasse.

— Se não se incomoda — disse Amsler polidamente —, eu gostaria de inspecionar seu avião e as pessoas a bordo.

Underhill se incomodava, mas sabia que não adiantaria protestar. Só esperava que seu estranho quarteto de passageiros pudesse satisfazer aquele cara da Alfândega, levando-o a liberar o avião e permitindo que o voo continuasse. Sentia-se apreensivo, porém, não pelos passageiros, mas por seu envolvimento potencial com o que estava acontecendo, o que quer que fosse.

Havia algo insólito, possivelmente ilegal, naqueles caixões, Denis Underhill desconfiava. Seu palpite era de que continham outra coisa que não cadáveres, sendo contrabandeada para fora do país; e se eram mesmo corpos, deviam ser vítimas de uma guerra entre quadrilhas colombianas ou peruanas, sendo removidas dos Estados Unidos antes que as autoridades americanas descobrissem. Não acreditara por um momento sequer na história que lhe fora contada quando o voo fora contratado em Bogotá, sobre as vítimas de acidente e uma família enlutada. Se isso fosse verdade, por que todo aquele segredo e mistério? Além do mais, Underhill tinha certeza de que pelo menos duas das pessoas a bordo estavam armadas. E também por que a tentativa óbvia de evitar o que agora acontecia, um encontro com a Alfândega dos Estados Unidos? Embora não possuísse o Learjet — pertencia a um rico investidor colombiano e estava registrado naquele país —, ele estava sob a sua responsabilidade; e além do salário e despesas, Underhill recebia também uma generosa participação nos lucros. Tinha certeza de que seu empregador sabia que os voos contratados eram às vezes ilegais ou quase, mas o homem confiava nele para cuidar de tais situações e manter seu investimento e seu avião fora de riscos.

Lembrando essa confiança e seus próprios interesses, Underhill decidiu usar agora a história das vítimas de acidente, assumindo assim uma posição oficial e pondo o Learjet a salvo do que quer que pudesse acontecer.

— É uma triste situação — disse ele ao inspetor.

Relatou a história que lhe fora contada em Bogotá e que se ajustava, embora Underhill não soubesse disso, aos documentos em poder de Miguel. Amsler escutou impassivelmente e depois disse: — Vamos dar uma olhada no avião, comandante.

Ele já encontrara antes o tipo de Underhill e não estava impressionado. Amsler avaliava o piloto como um soldado da fortuna que pelo dinheiro certo voaria para qualquer lugar, com qualquer carga, Apresentando-se depois, no caso de surgir algum problema, como vítima inocente, enganado por seus empregadores. Com uma frequência excessiva, na opinião de Amsler, tais pessoas eram flagrantes violadoras da lei que escapavam impunes.

Saíram juntos do setor principal do Hangar Um e se encaminharam para o Learjet 55LR, estacionado sob uma cobertura. A porta do avião estava aberta; Underhill subiu os degraus e entrou no compartimento de passageiros na frente do inspetor Amsler, anunciando: — Senhora e senhores, temos uma visita cordial da Alfândega dos Estados Unidos.

Durante os quinze minutos anteriores, desde o pouso e a taxiagem, os quatro membros do grupo de Medellín haviam permanecido a bordo do Learjet, por ordem de Miguel.

Depois que os motores foram desligados e os dois pilotos saíram — Underhill para apresentar um plano de voo, Faulkner para supervisionar o reabastecimento —, Miguel falara a sério com os outros três. Advertira-os para a possibilidade de uma inspeção da Alfândega; deviam estar preparados para desempenhar os papéis ensaiados. Havia um senso de tensão, alguma ansiedade óbvia, mas tudo indicava que estavam preparados. Socorro, usando o espelho de um estojo de maquilagem, pusera um grão de pimenta sob cada pálpebra inferior.

Quase que no mesmo instante seus olhos se encheram de lágrimas. Rafael desta vez se recusara a aceitar a pimenta e as lágrimas; Miguel não discutira. Baudelio já desligara os equipamentos externos dos três caixões, depois de se certificar de que os ocupantes ainda estavam em sedação profunda e não se mexeriam por uma hora ou mais.

Miguel deixara claro que ele seria o porta-voz. Os outros só falariam a seu estímulo. Por isso, não foi um choque quando Underhill fizera o comunicado e um inspetor da Alfândega aparecera.

— Boa noite, pessoal.

Amsler falou no mesmo tom polido que usara com Underhill. Ao mesmo tempo, olhou ao redor, registrando os caixões presos num lado do compartimento e os passageiros no outro, três sentados, Miguel de pé.

— Boa noite, inspetor — respondeu Miguel.

Ele segurava um maço de documentos e quatro passaportes. Estendeu os passaportes primeiro. Amsler pegou-os, mas não olhou para baixo. Em vez disso, perguntou: — Para onde estão indo e qual o propósito deste voo?

Tendo visto o plano de voo, Amsler já conhecia o destino declarado e o motivo da viagem descrito por Underhill. Mas uma técnica da Imigração e Alfândega era pôr as pessoas para falarem; havia ocasiões em que o comportamento, assim como qualquer sinal de nervosismo, revelava mais do que as respostas concretas.

— Esta é uma viagem trágica, inspetor, de uma família antes feliz, agora acabrunhada pela dor.

— Qual é o seu nome, senhor?

— Sou Pedro Palácios. Não sou da família desolada, mas um amigo íntimo que veio a este país para ajudar num momento de necessidade.

Miguel usava um novo pseudônimo, para o qual tinha um passaporte colombiano correspondente. O passaporte era autêntico, a fotografia sua mesmo, mas o nome e outros detalhes, inclusive um visto de entrada nos Estados Unidos poucos dias antes, eram hábeis falsificações. Ele acrescentou: — Meus amigos me pediram para falar por eles porque não sabem inglês muito bem.

Amsler olhou para os passaportes em sua mão, localizou o de Miguel e, levantando os olhos, comparou a foto com o rosto à sua frente.

— Fala inglês muito bem, senhor Palácios.

Miguel pensou rapidamente e depois respondeu com segurança: — Parte de minha educação foi em Berkeley. Amo profundamente este país. Se não fosse este lamentável acontecimento, teria o maior prazer em permanecer aqui.

Abrindo os demais passaportes, Amsler comparou as fotos com as outras três pessoas e depois dirigiu-se a Socorro: — Madame, entendeu o que falamos?

Socorro levantou o rosto molhado de lágrimas. O coração batia depressa. Hesitante, esquecendo o seu inglês fluente normal, ela respondeu.

— Sim... um pouco.

Balançando a cabeça, Amsler tornou a se virar para Miguel.

— Fale-me sobre aquilo. — Ele apontou para os caixões.

— Tenho todos os documentos necessários...

— Darei uma olhada neles mais tarde. Fale-me primeiro.

Miguel deu um jeito para que a voz saísse embargada.

— Houve um terrível acidente. A irmã da senhora, seu filho pequeno, um homem mais velho, também da família, estavam de férias nos Estados Unidos. Chegaram a Filadélfia, de automóvel... Um caminhão, fora de controle, atravessou um cruzamento em alta velocidade... Atingiu o carro da família de frente, matando a todos. O tráfego era intenso... mais oito veículos bateram, com outras mortes... o fogo queimou os carros e os corpos... Oh, Deus, os corpos!

À menção dos corpos, Socorro gemeu e soluçou. Rafael pôs a cabeça entre as mãos, os ombros sacudindo; Miguel admitiu mentalmente que era um gesto mais convincente do que as lágrimas. Baudelio simplesmente parecia pálido e desolado.

Enquanto falava, Miguel observara atentamente o inspetor da Alfândega. Mas o homem nada deixava transparecer, escutando impassível, o rosto inescrutável. Miguel estendeu agora os documentos restantes.

— Está tudo aqui. Por favor, inspetor, eu lhe peço, leia pessoalmente!

Desta vez Amsler pegou os papéis e deu uma olhada. Os atestados de óbito pareciam em ordem; o mesmo acontecia com as autorizações para remoção

dos corpos e as permissões de entrada na Colômbia. Ele passou a ler os recortes de jornal, e seu estômago ficou embrulhado com as palavras "corpos queimados... mutilados além de reconhecimento".

Passou para as fotografias. Um olhar foi suficiente, e ele cobriu-as no mesmo instante. Lembrou que no início daquela noite pensara em deixar o serviço, alegando doença. Por que não o fizera? Naquele momento sentia-se fisicamente nauseado, mais doente ainda ao pensar no que tinha de fazer em seguida.

Miguel, fitando o inspetor, não tinha a menor ideia de que ele também estava preocupado, embora por um motivo diferente.

Wally Amsler acreditou no que lhe foi dito. A documentação estava em ordem, o resto do material confirmava a história, e ninguém, em sua opinião, podia simular a espécie de sofrimento que testemunhara nos últimos minutos. Um homem também dedicado à família, Amsler não podia deixar de sentir compaixão por aquelas pessoas, e gostaria de despachá-las imediatamente. Mas não podia. Por lei, os caixões tinham de ser abertos para inspeção, sendo esse o motivo para a aflição. Pois Wally tinha um problema. Não suportava ver cadáveres, e sentia o maior horror à perspectiva de olhar corpos mutilados e queimados, descritos primeiro por Palácios e depois nos recortes que acabara de ler. O problema começou quando Wally, aos oito anos, fora obrigado a beijar a avó morta, estendida no caixão. A lembrança da carne inerte contra seus lábios, enquanto ele se debatia e gritava em protesto, ainda o fazia estremecer; assim, pelo resto da vida, Wally jamais quis ver de novo um cadáver. Quando adulto, aprendera que a psiquiatria tinha um nome para isso — necrofobia. Wally não se preocupava. Pedia apenas que os mortos fossem mantidos a distância.

Só uma vez antes, em seus muitos anos como inspetor alfandegário, contemplara um cadáver no cumprimento do dever. Um cadáver de um americano chegara tarde da noite, num voo do exterior, quando Amsler se achava de serviço sozinho. O passaporte indicava o peso do falecido como sendo de 68kg, mas o peso da carga passava de 130kg.

Mesmo descontando o caixão, a diferença parecia suspeita. Com a maior relutância, Amsler ordenara que o caixão fosse aberto. O resultado foi horrível.

O homem lá dentro engordara muito desde que tirara o passaporte. Ainda pior, a morte e o embalsamamento malfeito haviam inchado o corpo, causando a putrefação e um mau cheiro insuportável. Enquanto aspirava o ar repulsivo, Amsler gesticulara freneticamente para que o caixão fosse fechado. Depois, saíra correndo e vomitara violentamente. A sensação de náusea e o

cheiro horrível permaneceram com ele por dias a fio, e a lembrança, jamais apagada, retornou agora.

Contudo, mais forte do que a lembrança, mais forte do que seus medos, havia o inflexível senso de dever. Ele declarou a Miguel: — Lamento profundamente, mas os regulamentos exigem que os caixões sejam abertos para inspeção.

Era o que Miguel mais temia. Fez uma última tentativa de vencer pela argumentação.

— Oh, inspetor, por favor! Eu lhe suplico! Já houve angústia demais, sofrimento demais. Somos amigos dos Estados Unidos. Certamente, por compaixão, pode abrir uma exceção.

Ele acrescentou em espanhol para Socorro: — *El hombre quiere abrir los ataúdes*.

Ela gritou, horrorizada: — *Ay, no! Madre de Dios, no*!

Rafael aderiu ao coro: — *Le suplicamos, señor. En nombre de la decência, por favor, no*!

Baudelio, o rosto lívido, sussurrou: — *Por favor, no lo haga, señor! No lo haga*!

Sem conhecer todas as palavras, Amsler entendeu o essencial do que fora dito e declarou a Miguel: — Por favor, informe a seus amigos que não fui eu quem escreveu os regulamentos. Às vezes, não tenho o menor prazer em cumpri-los, mas é meu trabalho, minha obrigação.

Miguel não se deu ao trabalho de transmitir a declaração. Não havia sentido em prolongar a encenação. O momento de decisão chegara. O idiota da Alfândega continuava a falar: — Sugiro que os caixões sejam retirados do avião e levados para algum lugar isolado. Seu piloto pode providenciar isso. Conseguirá ajuda no Hangar Um.

Miguel sabia que não podia permitir. Os caixões não deviam sair do avião. Portanto, só restava um recurso: a força armada. Não haviam chegado tão longe para serem derrotados por um único *cabrón* da Alfândega; mataria o homem ali mesmo no avião ou o tomaria como prisioneiro e o mataria mais tarde, no Peru. Os segundos subsequentes definiriam sua atitude. Os pilotos também teriam de ser rendidos; com medo das consequências posteriores, poderiam se recusar a decolar. Miguel enfiou a mão por baixo do paletó. Tateou a pistola Makarov 9mm que levava e puxou a trava de segurança. Olhou para Rafael e viu o grandalhão sinalizar com a cabeça. Socorro pegara sua bolsa.

— Os caixões não serão removidos — declarou Miguel.

Ele mudou um pouco de posição, postando-se entre o inspetor, os dois pilotos e a porta. Seus dedos apertaram a pistola. Aquele era o momento. Agora! Foi nesse instante que soou uma nova voz: — Eco um-sete-dois. Setor.

Surpreendeu a todos, menos a Wally Amsler, que estava acostumado a ouvir o walkie-talkie que carregava no cinto. Sem perceber que alguma coisa mudara, ele levou o rádio aos lábios: — Setor, aqui é Eco um-sete-dois.

— Eco um-sete-dois, Alfa dois-sete-oito exige que você encerre sua missão atual e faça um contato imediato com ele pela linha de terra, em quatro-seis-sete, vinte-quatro, vinte-quatro. Não use o rádio, repito, não use o rádio.

— Setor, dez-quatro. Aqui é Eco um-sete-dois encerrando.

Ao terminar de falar, Amsler mal conseguia esconder a exultação de sua voz. No último instante, antes de remover os caixões, encontrara uma saída honrosa — uma ordem expressa a que não podia desobedecer. Alfa dois-seis-oito era o número de código do chefe de seu setor para a área de Miami, e um "contato imediato", no jargão de seu superior, significava "mexa esse rabo!" Amsler também reconheceu o número do telefone fornecido; era na seção de carga do aeroporto internacional de Miami. A mensagem provavelmente significava que fora recebida uma informação sobre um voo iminente trazendo contrabando — a maioria das grandes descobertas da Alfândega ocorria assim —, e a ajuda de Amsler era necessária. E o motivo para usar a linha telefônica em vez do rádio era a necessidade de proteger a informação.

— Fui chamado para outro trabalho, señor Palácios — anunciou ele. — Assim, vou liberar seu voo agora e poderá partir.

Escrevendo para completar a documentação necessária, Amsler nem notou a tensão dissipada e o alívio súbito, não apenas dos passageiros, mas também dos pilotos. Underhill e Miguel trocaram olhares. O piloto, que sentira que as armas estavam prestes a serem sacadas, especulou se deveria exigir que lhe fossem entregues antes da decolagem.

Depois, avaliando Miguel e aqueles olhos gelados, concluiu que era melhor deixar como estava. Já tinha havido muito atraso e complicação. Teriam a autorização e partiriam.

Momentos depois, enquanto se encaminhava apressado para o interior do Hangar Um, à procura de um telefone, Amsler ouviu a porta do Learjet ser fechada e os motores ligados. Sentia-se contente por deixar para trás aquele incidente, e especulava sobre o que encontraria no aeroporto internacional de Miami. Seria a grande e importante oportunidade pela qual esperava havia tanto tempo?

O Learjet 55LR, deixando para trás o espaço aéreo dos Estados Unidos, em curso para Sion, Peru, foi subindo... subindo... através da noite.

PARTE TRÊS

1

Arthur Nalesworth — cortês, distinto e hoje conhecido por todos como Tio Arthur — já fora um dos homens mais importantes na CBA quando era mais jovem. Durante três décadas na rede, ocupara uma série de cargos na alta hierarquia, entre os quais o de vice-presidente do noticiário internacional, produtor executivo do Jornal da Noite, e vice-diretor executivo de toda a divisão de jornalismo. Depois, a sorte mudara e, como muitos antes e depois, ele fora afastado para o lado, aos 56 anos, informado de que seus dias de grandes responsabilidades estavam encerrados, recebendo a opção entre uma aposentadoria prematura ou uma função subalterna decorativa.

A maioria das pessoas, diante dessas alternativas, preferia a aposentadoria, por uma questão de orgulho. Arthur Nalesworth, não dominado pela presunção e com uma grande dose de filosofia eclética, preferiu se manter num emprego — em qualquer função. A rede não esperava por essa decisão e teve de encontrar alguma coisa para ele fazer. Primeiro, decidiram que ele manteria o título de vice-diretor. Como o próprio Tio Arthur costumava comentar depois: — Temos por aqui três tipos de vice-diretores: os que trabalham de fato, em funções honestas e produtivas, fazendo jus ao que recebem; os burocráticos, que não produzem nada, mas se dispõem a arcar com a culpa pelos que estão acima, se alguma coisa sair errada; e os "já era", no comando de lápis e clipes, como é o meu caso agora.

Depois, se estimulado, ele confidenciava ainda mais: — Uma coisa para a qual deviam se preparar todos os que alcançam sucesso neste negócio, e que a maioria negligencia, é o dia em que deixamos de ser importantes. Perto do topo do pau de sebo, devemos lembrar a nós mesmos que mais cedo do que pensamos seremos descartados, substituídos por alguém mais jovem e provavelmente melhor. É claro... — E neste ponto Tio Arthur gostava de citar o Ulysses de Tennyson. — ... A morte tudo encerra: mas alguma coisa ao final, alguma obra de mérito, ainda se pode fazer...

Inesperadamente, depois de encerrados seus dias de voo alto, surpreendendo tanto à rede como a si próprio, Tio Arthur encontrara sua "obra de mérito".

Envolvia jovens, candidatos a empregos.

Os executivos de tevê achavam um inconveniente e às vezes um dilema ouvir uma pergunta quase idêntica de uma sucessão de pessoas — amigos,

parentes, contatos de negócios, políticos, médicos, dentistas, corretores de valores, convidados em festas, uma lista infinita.

A pergunta era: "Pode ajudar meu filho/filha/sobrinho/sobrinha/afilhado/aluno/protegido a conseguir um emprego no jornalismo da televisão?" Havia dias, especialmente na época de formatura das faculdades, em que parecia às pessoas já no ramo que toda uma geração de jovens tentava arrombar os portões e invadir o ofício.

Alguns patrocinadores em potencial podiam ser repelidos com a maior facilidade pelos executivos de tevê assim abordados, mas nem todos. Entre os não— descartáveis estavam importantes anunciantes ou suas agências, membros do conselho de administração da CBA, washingtonianos com influência na Casa Branca ou Capitólio, outros políticos que seria um absurdo ofender, importantes fontes de notícias e muito mais.

Nos tempos ATA -as iniciais indicando "Antes do Tio Arthur" —, os executivos da CBA gastavam mais tempo do que deveriam com telefonemas uns para os outros à procura de vagas, depois tentando apaziguar aqueles cujos filhos/filhas e assim por diante não podiam ser atendidos.

Mas isso não mais acontecia. A função de Arthur Nalesworth, criada em parte pelo desespero da direção da CBA, poupava os colegas de todo esse trabalho.

Agora, quando confrontado pelo patrocinador de um candidato a emprego, um executivo da CBA podia dizer: "Claro que ajudarei. Temos um vice-diretor especial para tratar com os jovens brilhantes. Diga a seu candidato para ligar para este número, mencionar meu nome, e será marcada uma entrevista." A entrevista era sempre concedida, porque Arthur Nalesworth, na sala pequena e sem janelas que lhe fora designada, entrevistava todo mundo. Nunca houve antes tantas entrevistas com candidatos a empregos, e todas eram prolongadas, de uma hora, às vezes mais. Durante as entrevistas, eram feitas e respondidas as perguntas mais diversas, trocadas confidências.

Ao final, o entrevistado ia embora satisfeito com a CBA, mesmo que não obtivesse um emprego — como acontecia na maioria dos casos —, e Nalesworth ficava com uma impressão perceptiva da personalidade e potencial do jovem que sentara no outro lado de sua mesa.

A princípio, a quantidade de entrevistas e o tempo consumido se tomaram uma piada na divisão de jornalismo, com referências sardônicas a "ocupar o tempo" e "construção de império". Além disso, por causa do

encorajamento simpático a cada candidato, promissor ou não, o apelido de "Tio Arthur" foi criado e pegou.

Pouco a pouco, no entanto, um relutante respeito substituiu o ceticismo. Aumentou ainda mais quando Tio Arthur recomendou com insistência a contratação de determinados jovens, que se adaptaram depressa e com sucesso à divisão de jornalismo. Com o passar do tempo, tornou-se um motivo de orgulho, como possuir um diploma, ter sido uma escolha de Tio Arthur.

Agora, com Tio Arthur aos 65 anos e a apenas cinco meses da aposentadoria normal, dizia-se que o comando da divisão de jornalismo suplicava para que ele não se afastasse. Subitamente, para surpresa de todos, Arthur Nalesworth era importante outra vez.

Assim, numa manhã de domingo, na terceira semana de setembro, Tio Arthur chegou à sede da CBA para desempenhar seu papel na busca por Jessica, Nicholas e Angus Sloane.

De acordo com as instruções de Les Chippingham pelo telefone na noite anterior, ele seguiu direto para a sala de reuniões da força-tarefa especial, onde Partridge, Rita e Teddy Cooper esperavam para cumprimentá-lo.

Tio Arthur era corpulento, ombros largos, estatura mediana, um rosto de querubim, cabelos prateados abundantes, repartidos e meticulosamente penteados. Seu comportamento era tranquilo e descontraído. Indicando que não era um dia normal de trabalho, usava um casaco marrom de tweed Harris, calça cinza— clara com vinco impecável, gravata fina e sapatos bem engraxados, em vez do terno escuro habitual.

Quando Tio Arthur falava, era um discurso sonoro, quase churchilliano. Um antigo colega comentara certa ocasião que qualquer opinião de Arthur Nalesworth parecia gravada na pedra.

Depois de apertar as mãos de Partridge e Rita e ser apresentado a Cooper, Tio Arthur disse: — Soube que precisam de sessenta dos meus melhores e mais brilhantes jovens... se eu conseguir reuni-los em tão curto prazo. Primeiro, no entanto, sugiro que me contem o que está acontecendo.

— Teddy fará isso — disse Partridge.

Ele fez sinal para que Cooper começasse. Tio Arthur escutou, enquanto o pesquisador britânico descrevia as tentativas de identificar os sequestradores e o aparente beco sem saída que haviam alcançado. Cooper explicou em seguida sua ideia de examinar os anúncios de imóveis nos jornais, numa tentativa de localizar a base de operações que os sequestradores poderiam ter usado, a partir

de sua teoria de espaço para alugar num raio de quarenta quilômetros do local do crime.

— Sabemos que as chances são mínimas, Arthur, mas no momento é o melhor que temos — acrescentou Partridge.

— Minha experiência é de que quando não se tem nada, as chances mínimas são o jeito de seguir em frente — comentou Tio Arthur.

— Fico contente que pense assim, senhor — disse Cooper.

Tio Arthur balançou a cabeça. — Uma coisa com esses tiros no escuro é que quase nunca se encontra exatamente o que se procura, mas é bem provável que se tropece em algo que ajudará de maneira diferente. — Uma pausa, e ele acrescentou, dirigindo-se diretamente a Cooper: — Vai descobrir também, meu rapaz, que entre os jovens que estou prestes a convocar há alguns dinâmicos, bem parecidos com você.

Cooper acompanhou Tio Arthur até sua pequena sala, onde o homem mais velho espalhou fichas, cobrindo inteiramente a mesa. Começou então a telefonar, um fluxo incessante de ligações, com um padrão comum, embora cada uma parecendo pessoal, como se um amigo familiar estivesse na linha.

— ...Pois é, Ian, você disse que queria uma oportunidade de entrar neste negócio, por mais modesta que fosse. Pois acaba de surgir uma...

— ...Não, Bernard, não posso garantir que duas semanas de trabalho levarão a algo permanente, mas por que não assumir o risco?

— ...Tem toda razão, Pamela, concordo que esse emprego temporário não é grande coisa para alguém com diploma de jornalismo. Mas deve se lembrar que alguns dos grandes nomes na tevê começaram assim.

— ...Claro, Howard, reconheço que cinco dólares e meio por hora não é grande coisa como salário. Mas se o dinheiro é sua preocupação principal, esqueça o jornalismo e vá para Wall Street...

— ...Sei que a ocasião pode não ser oportuna, Felix; raramente é. Mas se quer trabalhar no jornalismo de tevê, terá de aprender a abandonar, se necessário, a festa de aniversário de sua esposa.

— ...Não se esqueça, Erskine, que você poderá incluir em seu currículo que fez um trabalho especial para a CBA.

Ao final de uma hora, Tio Arthur dera doze telefonemas, resultando em sete "certos", que se apresentariam para o trabalho no dia seguinte, mais um provável. Ele continuou a trabalhar pacientemente em suas listas.

Discou um número fora de suas listas, de um amigo antigo, professor Kenneth K. Goldstein, diretor-associado da Faculdade de Jornalismo de

Colúmbia. Depois que o problema da rede CBA foi explicado, o educador se mostrou no mesmo instante compreensivo e prestativo.

Os dois sabiam que as pressões escolares tomavam impossível a participação dos estudantes, mas alguns jovens fazendo pós-graduação provavelmente ficariam interessados e estariam disponíveis. O que podia acontecer também com outros recém-formados que ainda não haviam encontrado emprego.

— Vamos classificar o assunto como uma emergência — declarou Goldstein. — Farei o melhor que puder para recrutar uma dúzia de jovens ou mais, e entrarei em contato com você mais tarde.

— Colúmbia primeira e única! — exclamou Tio Arthur, para depois continuar com as outras ligações.

Enquanto isso, Teddy Cooper voltou à sala de reuniões, a fim de preparar um plano de trabalho para os empregados temporários que chegariam no dia seguinte. Seus dois pesquisadores assistentes vieram ajudar e juntos examinaram o Anuáriío Internacional de Publicações, mapas locais e listas telefônicas, selecionando bibliotecas e jornais a serem visitados, determinando percursos e programações.

Ao mesmo tempo, Cooper elaborou especificações para orientar os jovens recrutas que verificariam os três meses de anúncios classificados em 160 jornais. O que deveriam procurar? Além da condição de estar num raio de quarenta quilômetros de Larchmont, Cooper definiu o seguinte:

• Uma localização relativamente isolada, sem muitas outras atividades ao redor. As pessoas procuradas queriam privacidade, além da capacidade de ir e vir sem despertar curiosidade. Qualquer casa ou instalação num local movimentado ou densamente povoado devia ser descartada.

• A instalação seria provavelmente uma fábrica abandonada, um armazém vazio ou uma casa grande. Se fosse uma casa, seria provavelmente velha, meio dilapidada e portanto não muito procurada. Teria construções anexas, dispondo de espaço para esconder vários veículos e conter uma oficina de pintura de automóveis. Uma fazenda desativada era uma grande possibilidade. Outros tipos de instalações correspondendo ao conceito geral deveriam também ser verificadas, usando-se a imaginação para isso.

• Acomodações para um mínimo de quatro ou cinco pessoas, e possivelmente outro espaço habitável. Contudo, os ocupantes seriam capazes de ficar em acomodações improvisadas, e era possível que não estivessem incluídas na descrição do anúncio. (Em "outro espaço habitável", Cooper incluía

mentalmente a prisão das vítimas do sequestro, mas não mencionaria isso expressamente.)

• A localização e as instalações podiam ser indesejáveis para alguém procurando um espaço normal de atividade profissional ou algum lugar para viver. Portanto, devia-se dispensar atenção especial a qualquer anúncio publicado por um período prolongado e depois suspenso abruptamente. Essa sequência podia indicar que não havia interessados, seguindo-se a súbita locação ou venda para um propósito excepcional.

• O custo do aluguel ou venda não devia ser um fator na busca do anúncio. As pessoas procuradas quase que certamente dispunham de vastos recursos.

Isso era suficiente, decidiu Cooper. Embora quisesse transmitir uma ampla ideia geral, não desejava ser muito restritivo ou desestimular a iniciativa. Tencionava também falar com os recrutas de Tio Arthur quando chegassem no início da manhã seguinte, e pedira a Rita que providenciasse um lugar apropriado.

Pouco depois do meio-dia, Cooper foi encontrar com Tio Arthur para o almoço no restaurante da CBA. Tio Arthur escolheu um sanduíche de atum e leite, Cooper um retângulo de carne com um molho espesso, uma torta e — com uma expressão de resignação — uma xícara de água quente e um saquinho de chá.

— Infelizmente — comentou Tio Arthur —, o "21" está fechado hoje. Talvez em outra ocasião possamos almoçar lá.

Como era domingo, com menos pessoas no prédio do que o habitual, eles puderam se instalar sozinhos a uma mesa. Pouco depois de se acomodarem, Cooper disse: — Eu gostaria de perguntar, senhor...

Tio Arthur deteve-o com um gesto. — Seu respeito britânico é muito agradável. Mas você está agora na terra do grande nivelamento, em que os plebeus se dirigem aos reis como "Joe" ou "Ei, você!", em que cada vez menos pessoas usam o "Sr." num envelope. Aqui, sou conhecido de todos pelo meu primeiro nome.

— Está certo, Arthur — disse Cooper, um pouco contrafeito. Eu só queria saber como se sente agora com os noticiosos de tevê em comparação com...

— Em comparação com os velhos tempos, quando eu contava alguma coisa? Pois minha resposta pode surpreendê-lo. Está muito melhor. As pessoas que fazem o noticiário e a produção representam uma melhoria em relação ao

que havia no meu tempo, eu inclusive. Mas isso acontece porque a cobertura das notícias está sempre melhorando. Tem de melhorar.

Cooper alteou as sobrancelhas. — Há muita gente que pensa o contrário.

— Isso ocorre, meu caro Teddy, porque há pessoas que sofrem de prisão de ventre nostálgica. Tais pessoas precisam de um supositório mental. Uma maneira de obtê-lo é visitar o Museu da Televisão, aqui em Nova York, e assistir, como eu fiz recentemente, alguns dos velhos noticiosos dos anos 60, por exemplo. Avaliados pelos padrões de hoje, a maioria parece fraca, até mesmo amadorística. Não falo apenas da qualidade técnica, mas também da profundidade da investigação jornalística.

— Algumas pessoas que não gostam de nós dizem que hoje em dia investigamos demais.

— Uma crítica que geralmente parte de quem tem alguma coisa para esconder.

Enquanto Cooper ria, Tio Arthur continuava, expansivo: — Uma medida da melhoria do nosso jornalismo é que menos coisas que devem ser denunciadas permanecem escondidas. Os abusos da confiança pública são revelados. É claro que até mesmo pessoas de bem na vida pública pagam por isso. A perda da privacidade é uma das penalidades. Mas, ao final, a sociedade é melhor servida.

— Quer dizer que não acha que os repórteres antigos eram melhores que os de hoje?

— Não apenas não eram melhores, mas também a maioria não possuía a implacabilidade, a indiferença à autoridade e a disposição de saltar para a jugular que um repórter de primeira classe precisa ter atualmente. É verdade que os antigos repórteres eram bons pelos padrões de sua época, e uns poucos eram excepcionais. Mas mesmo esses, se ainda estivessem em ação agora, ficariam embaraçados pela santidade que hoje lhes conferem.

Cooper contraiu os olhos, em curiosidade. — Santidade?

— Isso mesmo. Não sabia que os jornalistas dedicados consideram a nossa vocação como uma religião? Usamos palavras solenes, dizendo por exemplo que a informação é uma "confiança sagrada". Pontificamos sobre uma "época áurea da televisão", no passado, é claro, e depois canonizamos os astros do jornalismo. Lá na CBS eles criaram o Santo Ed Murrow, que era extraordinário, não resta a menor dúvida. Mas Ed tinha suas fraquezas humanas, embora o mito prefira ignorá-las. A CBS ainda vai criar o São Cronkite, embora Walter, infelizmente, tenha de morrer primeiro. Uma pessoa viva não pode sustentar essa eminência. E isso apenas na CBS, que é a mais antiga. As outras

redes, mais novas, também criarão seus santos com o passar do tempo... a ABC inevitavelmente terá São Arledge. Afinal, Roone, mais do que qualquer outra pessoa isolada, moldou o noticioso de rede em sua forma moderna.

Tio Arthur levantou-se. — Escutar suas opiniões, meu caro Teddy, foi bastante instrutivo, mas agora devo retomar a esse senhor onipresente de nossas vidas, o telefone.

Ao final do dia, Tio Arthur comunicou que 58 de seus "melhores e mais brilhantes jovens" estariam se apresentando para o trabalho na manhã de segunda-feira.

2

No início do domingo, o Learjet 55LR entrou no espaço aéreo sobre a Província de San Martin, na região de selva do Peru, escassamente povoada. A bordo do jato, Jessica, Nicholas e Angus Sloane ainda se encontravam nos caixões e drogados.

Depois de um voo de cinco horas e quinze minutos desde Opa Locka, Flórida, o Lear aproximava-se de seu destino -a pista de Sion, nos contrafortes dos Andes. Eram 4h15 da madrugada, pelo horário local.

No convés de voo pouco iluminado, os pilotos inclinavam-se para a frente, os olhos esquadrinhando a escuridão lá fora. A altitude do avião era de mil metros acima do nível do mar, mas apenas trezentos metros acima da floresta lá embaixo. Não muito à frente estavam as altas montanhas.

Dezoito minutos antes, haviam deixado uma rota aérea regular, com seus faróis de rádio confiáveis. A fim de localizar a pista de pouso, acionaram o sistema de navegação GNS-50O VLF, um esquema tão preciso que os pilotos às vezes o descreviam como "capaz de encontrar uma espinha no rabo de uma mosca". Mas quando estivessem próximos ou sobre a pista, deveria haver um sinal visual do solo.

A velocidade aerodinâmica fora consideravelmente reduzida, mas ainda voavam a mais de trezentos nós.

O copiloto, Faulkner, foi o primeiro a avistar a luz branca no solo. Piscou três vezes e depois apagou, mas não antes que Faulkner, que se achava nos controles, fizesse a volta com o avião e o pusesse no curso da luz.

O comandante Underhill, que vira a luz um momento depois de Faulkner, estava agora ocupado com um rádio, usando uma frequência especial e

uma mensagem em código — Atención, amigos de Huallaga. Este es el avión La Dorada. El embarque Pizarro.

O sinal de código fora fornecido a Underhill no momento da negociação do voo. Funcionou, e a resposta veio no mesmo instante: — Somos sus amigos de tierra. Estamos esperando. La Dorada, se puede aterrizar. No hay viento.

A permissão para pousar era bem-vinda, mas o mesmo não acontecia com a informação de que não havia vento no solo para ajudar a diminuir a velocidade do pesado 55LR.

Contudo, enquanto Underhill transmitia o recebimento do aviso, a mesma luz tornou a se acender e continuou a piscar, intermitentemente. Momentos depois, mais além, outras três luzes acenderam, ao longo da pista de terra compactada. Underhill, que já estivera ali duas vezes antes, tinha certeza que o rádio que acabara de ser usado era um equipamento portátil e provavelmente transportado no mesmo caminhão de um refletor de campanha. Os equipamentos sofisticados não o surpreendiam. Os traficantes pousavam ali com frequência, e os cartéis das drogas não mediam as despesas em matéria de equipamentos.

— Eu vou pousar — disse Underhill.

O copiloto entregou-lhe os controles. Trezentos metros acima do solo, o piloto sobrevoou a área, avaliando o pouco que podia avistar da pista e calculando sua aproximação.

Sabia que precisariam de cada palmo de terreno disponível, sabia também que havia árvores e folhagem cerrada nos lados da pista, mais motivos ainda para que o pouso fosse perfeito. Satisfeito, ele iniciou o padrão de aproximação, com uma curva a favor do vento, voando paralelo à pista e perdendo altitude.

Ao seu lado, Faulkner efetuava a verificação anterior ao pouso. Em "trem de pouso para baixo", o rumor das rodas descendo começou. Ao virarem para a esquerda, acertando o rumo, as três luzes verdes do trem de aterrissagem piscavam.

Na aproximação final, duas luzes de pouso brilhantes vararam a escuridão à frente, e Underhill deixou a velocidade baixar para 120 nós. Descobriu-se a desejar que aquele pouso pudesse ter sido efetuado à luz do dia, mas tinham pouco combustível para esperar o amanhecer, às seis horas. Enquanto a pista ficava mais perto, Underhill compreendeu que estavam muito alto. Reduziu a potência. O limiar estava a apenas quinze metros de distância. Manete para trás, potência desligada, nariz levantado.

Agora! Tocaram no terreno irregular com um solavanco. Força no leme de direção para permanecer reto, aquelas árvores uma confusão de sombras às luzes de pouso.

Reversão... freios. Agora haviam passado pela luz do meio e estavam diminuindo. Mas seria o suficiente? O final da pista estava desconcertantemente próximo, mas a velocidade quase contida. Iam conseguir e conseguiram sem nenhum palmo de sobra.

— Muito bom — comentou Faulkner.

Ele não gostava muito de Underhill; seu superior era egoísta, irrefletido e geralmente arredio. Apesar disso, era um magnífico piloto.

Enquanto Underhill virava o Lear e taxiava de volta à extremidade de aproximação da pista, eles avistaram um caminhão e vários vultos em movimento. Além do caminho e para o lado havia uma cabana pequena e tosca, ao lado de uma dúzia de tambores de metal.

— Lá está o nosso combustível — disse Underhill, apontando. Os caras vão nos ajudar a bombeá-lo, e terá de ser depressa, porque quero sair daqui ao amanhecer.

Bogotá, Colômbia, era o destino seguinte e o final do voo fretado. Depois que levantassem voo, seria uma etapa curta e fácil.

Outra coisa que Underhill sabia sobre aquela área da selva era que se tratava de uma terra de ninguém, disputada regularmente pelo Sendero Luminoso, o Exército peruano e às vezes a polícia antiterrorismo do governo. Com todos os três grupos notórios pela extrema brutalidade, não era um lugar para se ficar por muito tempo. Mas os passageiros do Learjet desembarcariam ali, e por isso Underhill gesticulou para Faulkner, que se inclinou e abriu a porta entre o convés de voo e a cabine principal.

Miguel, Socorro, Rafael e Baudelio sentiram-se aliviados por estar em terra, depois da descida através da escuridão. Mas com o alívio veio a percepção de que uma nova etapa da missão começava. Em particular, Baudelio, que estivera monitorando os caixões com os instrumentos externos, passou a diminuir a sedação, sabendo que muito em breve os caixões seriam abertos, e seus pacientes — continuava a pensar neles assim — removidos.

Momentos depois, o Learjet parou, os motores silenciaram, e Faulkner deixou seu banco para abrir a porta externa. Em súbito contraste com a temperatura controlada no interior, o ar lá fora estava sufocantemente quente e úmido.

À medida que os ocupantes do avião saíam, ficou evidente que a atenção e respeito dos homens à espera se concentravam em Miguel e Socorro. Obviamente, a recepção a Miguel era decorrência de seu papel como líder, e a de Socorro, de sua filiação ao Sendero Luminoso.

Havia oito homens ali. Mesmo na escuridão, a luz refletida permitia ver os rostos morenos e curtidos, todos camponeses corpulentos. O mais jovem do grupo adiantou-se e apresentou-se como Gustavo dizendo a Miguel: — Tenemos ordens de ayudarle cuando lo necesite, señor.

Depois de indicar sua disposição de receber ordens, Gustavo virou-se para Socorro, com uma reverência.

— *Senora, la destinación de sus prisioneros será Nueva Esperanza. El viaje será noventa kilometros, La mayor parte por el rio. El barco está listo.*

Underhill deixou o avião a tempo de ouvir a última parte da conversa e indagou bruscamente: — Que prisioneiros serão levados noventa quilômetros de barco?

Miguel não queria que Underhill tivesse ouvido o nome do destino final, Nueva Esperanza. Mas já estava cansado daquele piloto arrogante, recordando o cumprimento ríspido em Teterboro por causa do atraso e outras ocasiões durante o voo em que a hostilidade do piloto se tornara patente. Agora que estava no chão, onde o outro homem não tinha autoridade, Miguel disse desdenhosamente. — Não é da sua conta.

Underhill reagiu bruscamente. — Tudo que acontece neste avião é da minha conta.

Ele olhou para os caixões. Originalmente achara que era melhor só saber o mínimo a respeito. Agora, mais por instinto do que por algo racional, concluiu que para sua própria proteção posterior precisava saber mais. — O que tem ali dentro?

Ignorando o piloto, Miguel disse a Gustavo: — Digale a los hombres que descarguen los ataudes cuidadosamente sin moverlos demasiado y que los lleven adentro de la choza.

— Não! — Era Underhill, que bloqueou a porta. — Não vai descarregar esses caixões enquanto não me responder!

Em reação ao calor, o suor já escorria por sua cabeça calva e rosto. Miguel olhou para Gustavo e acenou com a cabeça. No mesmo instante houve uma agitação e uma sucessão de estalidos metálicos; Underhill descobriu-se a fitar os canos de seis rifles Kalashnikov, empunhados pelos homens da força de terra, as travas de segurança puxadas, os dedos enroscados nos gatilhos. Com um

súbito nervosismo, o piloto gritou: — Pelo amor de Deus, está tudo bem! — Seus olhos se desviaram das armas para Miguel. — Já entendi. Quero apenas reabastecer e sair daqui.

Ignorando o pedido, Miguel berrou: — Saia da frente dessa porta!

Underhill obedeceu, Miguel tornou a acenar com a cabeça, os rifles foram baixados e quatro homens entraram no avião, encaminhando-se para os caixões. O copiloto acompanhou-os, soltando as correias de carga. Um a um, os caixões foram descarregados e levados para a pequena cabana. Baudelio e Socorro foram atrás.

Uma hora e meia passara desde o pouso do Learjet, e agora, faltando poucos minutos para o nascer do sol, a pista e os arredores, se tomavam mais claros. O Learjet já fora reabastecido para o voo até Bogotá, o combustível removido dos tambores e transferido através de uma bomba portátil. Underhill procurou Miguel para comunicar sua partida iminente Miguel e os outros estavam na cabana tosca, informou Gustavo. Underhill foi até lá.

A porta da cabana estava parcialmente fechada. Ouvindo vozes no interior, o piloto empurrou-a. E parou no instante seguinte, chocado e horrorizado pelo que viu.

Havia três pessoas sentadas no chão de terra da cabana, encostadas na parede, cabeças balançando, bocas entreabertas, comatosas, mas sem dúvida vivas. Dois dos caixões retirados do Learjet — agora abertos e vazios — haviam sido colocados nos lados do trio, para ajudá-los a se apoiarem. Um único lampião a óleo iluminava a cena.

Underhill compreendeu prontamente quem eram os três. Era impossível não saber. Ele escutava todos os dias o noticiário de emissoras de rádio americanas e lia os jornais americanos, disponíveis em aeroportos e hotéis. Os meios de comunicação colombianos também haviam publicado reportagens sobre o sequestro de um famoso astro do telejornalismo americano.

O medo, um medo gelado, envolveu Denis Underhill. Já sobrevoara antes as fronteiras do crime; era inevitável para qualquer um pilotando voos fretados na América Latina. Mas nunca antes estivera envolvido em algo tão terrível. Sabia, sem pensar a respeito, que poderia ir para a cadeia pelo resto da vida se fosse conhecida nos Estados Unidos a sua participação no transporte daquelas pessoas até ali.

E sabia que os outros na cabana o observavam — os três homens e a mulher que haviam sido seus passageiros de Teterboro a Opa Locka e Sion. Também pareciam surpresos com a sua entrada. Foi nesse momento que a

mulher semiconsciente no chão se mexeu. Levantou a cabeça fracamente. Fitou Underhill, os olhos entrando em foco, mexeu os lábios, mas nenhum som emergiu. Depois, ela conseguiu balbuciar: — Socorro... por favor, socorro... avise a alguém...

Abruptamente, os olhos perderam o foco, a cabeça pendeu para a frente. Um vulto avançou do outro lado da cabana para Underhill, apressado. Era Miguel. Com uma pistola Makarov 9mm na mão, ele gesticulou.

— Saia!

Underhill afastou-se à frente da pistola de Miguel para a selva lá fora. Ali, Miguel disse, calmamente: — Posso matá-lo agora. Ninguém vai se importar.

Um senso de entorpecimento dominou Underhill. Ele deu de ombros. — Já me liquidou de qualquer maneira, seu filho da puta. Obrigou-me a participar do sequestro daquelas pessoas. Por isso, o que fizer agora não causará grande diferença.

Seus olhos baixaram para a Makarov; a trava de segurança estava solta. Era de esperar, ele pensou. Já estivera antes em situações difíceis, e parecia que não escaparia daquela. Conhecera outros como aquele Palácios — ou qualquer que fosse seu verdadeiro nome. Uma vida humana nada significava para eles, liquidar mais um não representaria mais do que cuspir na terra. Só esperava que o cara o matasse com um único tiro. Depressa e sem dor... Por que ele ainda não atirou?... Subitamente, apesar do raciocínio, um medo desesperado tornou conta de Underhill. O suor ainda escorria, mas ele começou a tremer de frio. Abriu a boca para suplicar, mas a saliva encheu-a, as palavras não saíram.

Por algum motivo, ele percebeu que o homem à sua frente, empunhando a arma, hesitava.

Na verdade, Miguel fazia seus cálculos. Se matasse um piloto, teria de liquidar os dois, o que significava que o Learjeat não poderia sair dali por enquanto — uma complicação que preferia evitar. Sabia também que o proprietário colombiano do avião tinha amigos no cartel de Medellín. E o proprietário podia criar problemas...

Miguel puxou a trava de segurança e disse, ameaçador: — Talvez a sua imaginação o tenha traído. Talvez não tenha visto nada, no fim das contas. Talvez não tenha visto nada em toda a viagem.

A mente de Underhill transmitiu uma mensagem: Por uma razão que não entendia, estava recebendo uma chance. E ele se apressou em confirmar, ofegante: — É isso mesmo, não vi porra nenhuma.

— Tire logo o avião daqui e depois fique de boca fechada! — ordenou Miguel. — Se falar alguma coisa, juro que será encontrado e morto, onde quer que se esconda. Entendido? Tremendo de alívio, sabendo que estivera mais próximo da morte do que em qualquer outra ocasião anterior de sua vida e que a ameaça era concreta, Underhill balançou a cabeça. — Entendido.

Depois ele se virou e voltou à pista.

A neblina da manhã e nuvens isoladas pairavam sobre a selva. O Learjet atravessou a camada de nuvens, subindo. O sol em ascensão era turvo em meio ao nevoeiro, o sinal de um dia escaldante pela frente para os que haviam ficado no solo.

Mas Underhill, efetuando automaticamente os movimentos de pilotar, só pensava no que ele próprio teria pela frente.

Raciocinou que Faulkner, sentado ao seu lado, não vira os cativos da família Sloane, nada sabia do seu envolvimento ou do que acontecera poucos minutos antes. E assim deveria continuar. Não apenas não havia necessidade de Faulkner ser informado agora de que havia pessoas vivas, sequestradas, nos caixões transportados, como também o copiloto poderia jurar mais tarde, se ignorasse agora, que Underhill também não sabia de nada.

Isso era essencial para Underhill poder alegar em qualquer inquérito futuro, que sabia ser inevitável: Ele não sabia. Do princípio ao fim, não tinha conhecimento dos Sloanes.

Acreditariam em suas declarações? Talvez não, mas não importava, pensou ele, com crescente confiança. Não fazia a menor diferença, desde que não houvesse ninguém que pudesse provar o contrário.

Lembrou a mulher que lhe dirigira a palavra. Seu nome era Jessica, recordava das notícias. Haveria de lembrar que o vira? Poderia identificá-lo mais tarde? Considerando-se o seu estado, era extremamente improvável. Era também improvável, convencia-se Underhill quanto mais pensava a respeito, que ela conseguisse algum dia deixar o solo peruano com vida.

Recostando-se no assento, deixou que um sorriso se insinuasse em seu rosto. Em nenhum momento Underhill pensou num possível resgate dos cativos da família Sloane. E também não pensou em comunicar às autoridades quem os estava mantendo e onde.

3

Depois de menos de três dias completos de investigação, a força-tarefa especial da CBA já obtivera um sucesso importante.

Em Larchmont, Nova York, um infame terrorista colombiano, Ulises Rodríguez, fora positivamente identificado como um dos sequestradores do trio da família Sloane, talvez mesmo líder da quadrilha.

Na manhã de domingo — como fora prometido no dia anterior —, uma cópia de um desenho a carvão de Rodríguez, feito vinte anos antes por um colega estudante na Universidade da Califórnia em Berkeley, chegou à sede da CBA. O produtor Karl Owens, que descobrira o nome de Rodríguez por intermédio de contatos em Bogotá e no Serviço de Imigração dos Estados Unidos, recebeu pessoalmente o desenho e mais tarde remeteu-o para Larchmont. Foi acompanhado por uma equipe de câmera e um repórter de Nova York convocado às pressas.

Owens mandou que o repórter, com a câmera rodando, mostrasse seis fotos a Priscilla Rhea, a professora aposentada que testemunhara o sequestro no estacionamento do Grand Union. Uma foto era do desenho de Rodríguez, as outras cinco tiradas de arquivos, apresentando homens de aparência similar. A Srta. Rhea apontou a fotografia de Rodríguez sem a menor hesitação.

— É ele. Foi ele quem gritou que estavam fazendo um filme. Está mais jovem na foto, mas é o mesmo homem. Eu o reconheceria em qualquer lugar. — Uma pausa e ela acrescentou: — Quando o vi, ele parecia estar no comando.

A essa altura, a informação era exclusiva da CBA. Não se sabia, é claro, que Ulises Rodríguez estava usando o codinome de Miguel ou que durante o voo de Learjet para o Peru empregara o pseudônimo de Pedro Palácios. Mas como um terrorista habitualmente usava muitos nomes, isso não era importante. A descoberta foi discutida no fim do domingo numa reunião informal de quatro membros da força-tarefa — Harry Partridge, Rita Abrams, Karl Owens e Iris Everly.

Owens, com toda razão satisfeito por sua descoberta, recomendou que a notícia fosse incluída na edição de segunda-feira do Jornal da Noite.

Como Partridge hesitasse, Owens argumentou com veemência: — Ninguém tem essa notícia até agora, Harry. Estamos à frente de todo mundo. Se entrarmos no ar amanhã, todos os outros nos seguirão e terão de nos dar o crédito, o que inclui, e sabemos que eles detestam fazer isso, o *New York Times* e o *Washington Post*. Mas se retivermos a informação e esperarmos tempo demais, a notícia sobre Rodríguez pode vazar e perderemos a exclusividade. Sabe tão bem quanto eu que as pessoas falam. Há a mulher Rhea, em Larchmont; ela pode

falar a alguém, e a notícia se espalhará. Até mesmo o nosso pessoal costuma falar, e há sempre a possibilidade de que alguém de outra rede esteja escutando.

— Concordo com tudo isso — disse Iris Everly. — Está esperando que eu faça uma sequência amanhã, Harry. Sem Rodríguez, não tenho nenhuma novidade.

— Sei disso — murmurou Partridge. — Estou pensando em jogar a história no ar, mas também há alguns motivos para esperar. Tomarei uma decisão amanhã.

Os outros tiveram de se contentar com isso.

Uma decisão particular de Harry Partridge foi a de informar Crawford Sloane sobre a descoberta. Crawf, ele raciocinou, estava sofrendo tamanha agonia mental que qualquer passo à frente, mesmo inconclusivo, seria um alívio. Por mais tarde que fosse — quase dez horas da noite —, Partridge resolveu procurar Sloane pessoalmente.

Era evidente que não podia telefonar. Todas as ligações para a casa de Sloane em Larchmont estavam sendo controladas pelo FBI, e Partridge ainda não estava disposto a transmitir a nova informação aos agentes federais.

Usando um telefone em sua sala temporária, ele pediu que um carro com motorista da CBA fosse esperá-lo na entrada principal do prédio.

— Estou grato por ter vindo, Harry — disse Crawford Sloane, depois que Partridge fez seu relato. — Vai lançar a notícia no ar amanhã?

— Ainda não sei. — Partridge explicou o que pensava, nos dois sentidos, depois acrescentou: — Quero dormir com a ideia, antes de tomar uma decisão.

Tomavam drinques na sala de estar, onde apenas quatro dias antes, pensou Sloane tristemente, ele sentara com Jessica e Nicholas para conversar, depois de voltar do trabalho.

Um agente do FBI olhara inquisitivo para Partridge quando ele entrara. O homem naquela noite substituía Otis Havelock, que estava em casa, com sua família.

Mas Sloane fechara a porta da sala de estar, e os dois jornalistas falaram em voz baixa.

— O que quer que você decida, Harry, apoiarei seu julgamento. De qualquer forma, você já tem motivos suficientes para ir à Colômbia?

Partridge sacudiu a cabeça. — Ainda não, porque Rodríguez é um pistoleiro mercenário. Tem operado em toda a América Latina e também na Europa. Por isso, preciso saber mais; especificamente, onde a operação está

baseada. Voltarei a trabalhar pelo telefone amanhã. Os outros farão a mesma coisa.

Um telefonema em particular que Partridge queria dar era para o advogado do crime organizado com quem falara na sexta-feira, mas que ainda não o procurara de volta.

O instinto lhe dizia que alguém operando nos Estados Unidos, como Rodríguez parecia ter feito, precisaria de uma ligação com o crime organizado. Quando Partridge ia se retirar, Sloane pôs a mão em seu ombro e disse, emocionado: — Harry meu amigo, passei a acreditar que minha única possibilidade de recuperar Jessica, Nicky e meu pai está em suas mãos. Ele hesitou por um instante, mas continuou: — Acho que houve ocasiões em que você e eu não fomos os colegas mais ligados ou sequer aliados. Qualquer que tenha sido minha responsabilidade nisso, sinto muito. Mas, tirando esse fato, quero que saiba que a maior parte do que tenho e prezo neste mundo está dependendo de você.

Partridge tentou encontrar palavras para responder, mas não conseguiu. Limitou-se a balançar a cabeça várias vezes, também pôs a mão no ombro de Sloane e murmurou: — Boa noite.

— Para onde, Sr. Partridge? — perguntou o motorista da CBA. Era quase meia-noite, e Partridge respondeu, cansado: — Para o Hotel Inter-Continental, por favor.

Recostando-se no carro e lembrando as palavras de despedida de Sloane, Partridge refletiu que sabia o que significava perder ou enfrentar a possibilidade de perder alguém que se amava. Em seu caso, muito tempo atrás, primeiro Jessica, embora as circunstâncias não fossem na ocasião comparáveis à situação desesperadora de Crawf agora. E depois houve Gemma...

Ele parou. Não! Não se permitiria pensar em Gemma naquela noite. A lembrança aflorava com muita frequência ultimamente... parecia ocorrer com o cansaço... e sempre, acompanhando a recordação, havia a angústia.

Ele forçou a mente a voltar a Crawf, que, nas circunstâncias igualmente terríveis que envolviam Jessica, ainda sofria a perda do filho. O próprio Partridge nunca soubera o que significava ter um filho. Apesar disso, sabia que a perda de um filho devia ser um fardo insuportável, talvez o mais insuportável de todos. Ele e Gemma queriam filhos...

Partridge suspirou... Oh, Gemma querida...

Desistiu... relaxou tanto quanto podia no carro em movimento, a caminho de Manhattan... e deixou que a mente vagueasse.

Para sempre, depois daquela cerimônia de casamento tão simples na Cidade do Panamá, quando ele e Gemma se postaram diante do juez municipal em sua guayabera de algodão, fazendo os votos despretensiosos, Partridge acalentou a convicção de que as cerimônias simples produziam os melhores casamentos, e os circos exuberantes e ostentosos tinham mais probabilidades de serem acompanhados pelo divórcio.

Admitiu que era um preconceito, baseado em grande parte na sua experiência pessoal. Seu primeiro casamento, no Canadá, começara com uma cerimônia de gala, completa, com damas de honra, várias centenas de convidados e o ritual numa igreja — exigências da mãe da noiva —, tudo precedido por ensaios teatrais que pareciam privar a cerimônia de seu significado. Depois, o casamento não dera certo. Partridge reconhecia que pelo menos cinquenta por cento fora culpa sua. O compromisso retórico de "até que a morte nos separe" fora reduzido para um ano, por acordo mútuo, e desta vez no tribunal diante de um juiz.

O casamento com Gemma, no entanto, desde o começo improvável a bordo do avião do papa, fora se consolidando à medida que o amor aumentava. Partridge jamais fora tão feliz em qualquer outra ocasião de sua vida.

Continuou a ser correspondente da rede em Roma, onde os jornalistas estrangeiros podiam, como um colega trabalhando para a CBS expressou, "viver como reis". Quase que imediatamente depois de voltarem do voo papal, Partridge e Gemma encontraram um apartamento num palazzo do século XVI. Localizado entre a Escadaria Espanholo e a Fonte de Trevi, tinha oito cômodos e três varandas. Naquele tempo, quando as redes gastavam dinheiro como se não houvesse amanhã, os correspondentes providenciavam suas próprias acomodações e eram reembolsados. Mais recentemente, com orçamentos reduzidos e contadores vigilantes, a rede fornecia os alojamentos — de menor qualidade e mais baratos.

Naquela ocasião, ao contemplar o que seria o primeiro lar do casal, Gemma declarou: — Harry, mio amore, é o paraíso agora. Farei com que se transforme em sete paraísos para você. E foi o que aconteceu.

Gemma possuía um talento para irradiar riso, alegria e amor pela vida. Além disso, dirigia a casa com eficiência e era uma magnífica cozinheira. O que ela não podia fazer, como Partridge logo descobriu, era administrar dinheiro ou equilibrar uma conta bancária. Quando emitia um cheque, muitas vezes esquecia de preencher o canhoto e por isso o saldo na conta era invariavelmente menor do que o suposto. E não ficava nisso: mesmo quando se lembrava do canhoto, sua

aritmética era inconfiável — às vezes ela somava em vez de subtrair —, e por isso Gemma e o banco se mantinham em constante conflito.

— Harry, tesoro mio — queixou-se ela, depois de uma rigorosa preleção do gerente —, os banqueiros não têm ternura. Eles são... Como é mesmo a palavra em inglês?

Ele sugeriu, divertido: — Que tal pragmáticos?

— Oh, Harry, como você é esperto! — E ela acrescentou, decidida: — É isso mesmo, os banqueiros são pragmáticos demais.

Partridge encontrou a solução fácil. Simplesmente assumiu o controle das finanças domésticas, o que parecia uma pequena contribuição em troca dos muitos condimentos agradáveis agora acrescentados à sua vida.

Outro problema com Gemma exigia um trato mais delicado. Ela adorava carros, possuía um velho Alfa Romeo em péssimo estado e, como muitos outros italianos, guiava como uma bruxa endiabrada. Houve ocasiões em que Partridge, sentado ao seu lado no Alfa ou em seu próprio BMW, que Gemma também gostava de dirigir, fechava os olhos, convencido de que o desastre era inevitável. Mas jamais acontecia, e a cada vez ele suspirava como um gato que perdera mais uma de suas nove vidas.

Estava reduzido a quatro quando reuniu coragem para perguntar a Gemma se ela não consideraria a ideia de desistir de guiar.

— Falo isso porque a amo muito — garantiu ele. — Tenho pesadelos quando estou ausente, temendo que alguma coisa aconteça com o carro e você esteja ferida quando eu voltar.

— Mas sou uma motorista segura e prudente, Harry! — protestou Gemma, sem compreender.

Partridge deixou por aí no momento, mas conseguiu levantar o assunto de novo, várias vezes, sua estratégia revista sendo a de que Gemma era de fato uma boa motorista, enquanto ele próprio era neuroticamente nervoso. O melhor que conseguiu, no entanto, foi uma promessa condicional.

— Assim que engravidar, mio amore, não guiarei mais. Isso eu juro a você.

Era um lembrete do quanto ambos queriam filhos.

— Pelo menos três — anunciara Gemma logo depois do casamento, e Partridge não via motivos para discordar.

Enquanto isso, ele saía de Roma periodicamente, em missões da CBA, e, no começo, Gemma continuou em seu emprego de aeromoça. Muito depressa, porém, ficou evidente que pouco veriam um ao outro, porque às vezes, quando

Partridge voltava de uma viagem, Gemma estava voando; em outras ocasiões, acontecia o inverso. Foi Gemma quem decidiu que faria o ajuste para ambos, deixando de voar.

Felizmente, quando ela comunicou à Alitalia que estava disposta a largar o emprego, a empresa providenciou-lhe um trabalho em terra, que a mantinha permanentemente em Roma. Gemma e Partridge ficaram deliciados, porque agora podiam passar muito mais tempo juntos.

Aproveitavam as horas de folga para se divertir em Roma e explorar a cidade, mergulhando em sua história milenar, a respeito da qual, Partridge descobriu, a mente de Gemma continha um tesouro de bricabraque.

— O imperador Augusto, Harry... ele era filho adotivo de Júlio César... criou uma brigada de bombeiros formada por escravos. Mas houve um grande incêndio que eles não apagaram, e por isso Augusto livrou-se dos escravos e contratou homens livres como bombeiros, *vigiles*, que eram melhores. É por isso que as pessoas que são livres querem apagar incêndios.

Partridge murmurou, desconfiado: — Isso é mesmo verdade?

Gemma limitou-se a sorrir, embora mais tarde ele descobrisse numa pesquisa que ela estava certa e que a troca para homens livres ocorrera no ano 6 da era cristã. Posteriormente, quando a ONU promoveu um Simpósio sobre a Liberdade em Roma, que Partridge cobriu, ele encontrou um jeito de introduzir habilmente em sua matéria para a CBA a história da antiga brigada de bombeiros. Em outra ocasião, Gemma disse: A Capela Sistina, Harry, em que os novos papas são escolhidos, recebeu esse nome em homenagem ao Papa Sisto V. Ele liberou os bordéis em Roma e teve vários filhos, inclusive um da irmã. Promoveu três de seus filhos a cardeais. E mais: — Nossa famosa Escadaria Espanhola, Scala di Spagna, recebeu um nome errado. Deveria ser Scala di Francia. Os franceses sugeriram os degraus, um francês deixou o dinheiro para construí-la em seu testamento. Acontece apenas que a embaixada espanhola por acaso ficava ali. A Espanha nada tem a ver, Harry, absolutamente nada, com aqueles degraus.

Quando o trabalho e o tempo permitiam, Partridge e Gemma faziam viagens mais longas, a Florença, Veneza e Pisa. Foi quando voltavam de trem de Florença que Gemma, parecendo pálida, pediu licença para ir ao banheiro várias vezes. Quando Partridge manifestou sua preocupação, ela descartou o assunto como se não tivesse a menor importância: — Provavelmente comi alguma coisa que não devia. Não se preocupe.

Em Roma, depois de deixarem o trem, Gemma parecia ter voltado ao normal. No dia seguinte, Partridge foi para o escritório da CBA, como sempre. Ao final do dia, quando chegou em casa, ficou surpreso ao encontrar um pequeno prato extra à mesa do jantar, tendo em cima as chaves do Alfa Romeo de Gemma. Indagou o que aquilo significava, e Gemma, sorrindo, respondeu: — Uma promessa é para ser cumprida.

Por um instante ele ficou perplexo; depois, com uma explosão de amor e um grito de alegria, lembrou a declaração de Gemma: "Assim que engravidar, mio amore, não guiarei mais." Gemma tinha lágrimas de felicidade nos olhos ao se beijarem e abraçarem.

Uma semana depois, Partridge recebeu o aviso da CBA de que não seria mais correspondente em Roma, sendo transferido para uma função mais importante — correspondente sênior em Londres.

Sua reação imediata foi especular como Gemma se sentiria em relação à mudança. Nem precisava ter se preocupado — É uma notícia maravilhosa, Harry querido — declarou ela. — Adoro Londres. Voei até lá na Alitalia. Teremos ali uma vida feliz juntos.

— Chegamos, Sr. Partridge.

Partridge fechara os olhos no carro da CBA — por um instante, como pensava —, e abriu-os para descobrir que haviam chegado a Manhattan e estavam na Rua 48, diante do Hotel Inter-Continental. Ele agradeceu ao motorista, disse boa-noite e entrou.

No elevador, subindo para seu quarto, percebeu que já era segunda-feira — início do que seria provavelmente uma semana crucial.

4

Jessica tentava desesperadamente se apegar à consciência, manter a mente em funcionamento e compreender o que acontecia ao redor, mas não estava conseguindo. Tinha momentos de lucidez, em que podia ver outras pessoas e sentir o próprio corpo — sua dor e desconforto, náusea, uma sede intensa. Mas mesmo enquanto isso acontecia, o pânico a envolvia, com um pensamento dominante: Nicky! Onde ele estava? O que ocorrera? E depois tudo se desvanecia abruptamente, tomava-se uma montagem turbilhonante e enevoada; ela não podia absorver nada mentalmente, nem mesmo sabia quem era. Durante esses lapsos, parecia engolfada por algum líquido apático e opaco.

De alguma forma, mesmo enquanto oscilava de um lado para outro da percepção, conseguiu manter lembranças do que percebera por um instante. Sabia que alguma coisa fora ligada a seu braço e retirada agora, deixando em seu lugar uma dor latejante. Tinha noção de que fora ajudada a sair de algum lugar de repouso e meio andara, meio fora carregada para o lugar em que agora sentava e que parecia -nos momentos de percepção -ser uma superfície plana. Havia algo sólido — não sabia direito o quê — por trás de suas costas.

Entre tais pensamentos, à medida que o medo e o pânico voltavam, tentava dizer a si mesma o que sabia ser importante: Mantenha o controle! Uma coisa de que tinha certeza era a súbita visão e agora a lembrança de um homem. A imagem dele era nítida e forte. Era um homem alto, meio calvo, empertigado, dando a impressão de que tinha alguma autoridade. Fora essa aparência de autoridade que a levara a tentar falar com ele, suplicar ajuda. Sabia que o homem ficara aturdido com sua voz, essa reação também ficara gravada com precisão embora a realidade do homem tivesse desaparecido. Mas conseguira fazer a súplica? Ele voltaria para ajudar?... Oh, Deus! Quem podia saber? Agora... a consciência aflorou mais uma vez, turbilhonante. Havia outro homem, desta vez inclinado sobre ela... Espere! Já vira aquele homem antes, reconhecia o rosto cadavérico... É isso mesmo! Poucos minutos antes, quando lutava desesperadamente com algum tipo de faca, cortara seu rosto, vira o sangue esguichar... Mas por que ele não estava sangrando agora? Como era possível que seu rosto estivesse coberto por uma atadura? O longo intervalo de inconsciência não existia na mente de Jessica.. Ela raciocinou: Aquele homem era um inimigo. E agora se lembrou: Ele fizera alguma coisa com Nicky, Ah, como o odiava!... Uma ira incontrolável bombeou adrenalina, devolveu movimento aos membros. Ela estendeu as mãos, agarrou o curativo e arrancou-o. E, depois, as unhas rasgaram a carne e crosta do ferimento.

Baudelio pulou para trás, com um grito de espanto. Levou a mão ao rosto e contemplou-a, vermelha de sangue... Que mulher desgraçada! Arruinara seu rosto outra vez.

Instintivamente pensara como um médico, e na mulher como uma paciente, mas não agora! Enfurecido, ele cerrou o punho, inclinou-se para a frente e golpeou-a com toda a força.

Um momento depois, por razões clínicas, lamentou ter feito isso. Queria verificar até que ponto os três cativos haviam avançado na recuperação da consciência — até que ponto haviam saído da sedação satisfatoriamente e seus

pulsos e respiração estavam bem. A mulher parecia um pouco à frente dos outros. Baudelio pensou, pesaroso: foi o que ela acabou de provar.

Todos sofreriam os efeitos posteriores, é claro — ele sabia disso muito bem por sua experiência como anestesista. Haveria um senso de confusão, provavelmente seguido por depressão, alguma dormência, uma dor de cabeça intensa, quase que certamente náusea. O efeito geral seria muito parecido com o de uma ressaca de bêbado. Deveriam tomar um pouco de água em breve; ele providenciaria. Mas nada de alimento — pelo menos até que alcançassem seu próximo destino. O acampamento no inferno, pensou Baudelio.

Socorro apareceu a seu lado e ele lhe falou sobre a necessidade de água. Ela acenou com a cabeça e saiu para verificar o que podia conseguir. Paradoxalmente, como Baudelio bem sabia, naquela selva úmida, escassamente povoada, a água potável era um problema.

Os rios e córregos, embora abundantes, estavam contaminados por substâncias químicas — ácido sulfúrico, querosene e outros subprodutos, usados pelos traficantes de drogas para transformar as folhas de coca em pasta, a base da cocaína.

Havia também os perigos de malária e tifo, e por isso até mesmo os camponeses mais pobres só bebiam refrigerantes, cerveja e, quando possível, água fervida.

Miguel entrara na cabana a tempo de testemunhar o incidente envolvendo Jessica e Baudelio e ouvir as instruções deste para Socorro. E gritou enquanto ela se afastava: — Traga também alguma coisa para amarrar as mãos desses miseráveis... nas costas! Virando-se para Baudelio, Miguel ordenou: — Prepare os prisioneiros para a viagem. Primeiro, vamos de caminhão. Depois todos seguirão a pé.

Jessica, agora apenas simulando inconsciência, ouviu tudo. Ao golpeá-la, Baudelio na verdade lhe prestara um favor. O efeito de choque do murro fizera com que a percepção fronteiriça entrasse subitamente em foco. Sabia agora quem era, e a memória começava a voltar. Mas o instinto advertiu-a para não revelar esse conhecimento, por enquanto.

Sabia que se apavorara e entrara em pânico poucos minutos antes, mas agora devia tentar manter seu pensamento em ordem. Primeiro: Onde estava? Como chegara ali? As respostas se acumulavam... Tudo estava voltando. O supermercado Grand Union e a notícia transmitida a respeito de Crawford e um acidente... obviamente uma mentira.

Depois, no estacionamento, a brutal captura... ela, Nicky e...

Nicky! Ele estava ferido? Onde se encontrava agora? Ainda se empenhando em manter o controle, ela se lembrou de ter vislumbrado Nicky por um instante em alguma espécie de cama, amarrado... e o mesmo acontecia com Angus. Oh, pobre Angus! Ela o vira enquanto se engalfinhava com o homem e cortava seu rosto... Ainda se encontrava no mesmo lugar? Achava que não. Mais importante ainda, Nicky também estava ali? Mal abrindo os olhos, mantendo a cabeça abaixada, ela se virou para olhar. Oh, graças a Deus! Nicky estava ao seu lado! Os olhos abriam e fechavam, ele bocejava. E Angus? Ali! Angus se encontrava ao lado de Nicky, os olhos fechados, mas ela podia perceber que ele respirava. O que levantava a questão: Por que os três haviam sido capturados? Jessica concluiu que a resposta teria de ser adiada. Havia uma preocupação mais imediata: Onde estavam? Em vislumbres rápidos, ela constatara que era um cômodo pequeno, na semiescuridão, iluminado apenas por um lampião a óleo. Por que não havia eletricidade? Jessica e os outros dois sentavam no que parecia ser um chão de terra, ela tinha a impressão de que podia sentir insetos, embora tentasse não pensar a respeito. Fazia um calor incrível, estava abafado, o que a deixava aturdida, já que setembro daquele ano fora excepcionalmente frio e não havia previsão de mudança do tempo.

Portanto... sendo um lugar diferente daquele em que vira Nicky e Angus amarrados, como haviam chegado ali? Ela fora drogada? O pensamento fê-la lembrar de mais uma coisa: o chumaço sobre seu nariz e boca depois que fora arrastada para o furgão, no estacionamento do Grand Union.

Não se lembrava de mais nada do que acontecera no furgão; ou seja, fora mesmo drogada, provavelmente os outros dois também. Por quanto tempo? Meia hora, ela calculou — uma hora no máximo. A lembrança da escaramuça no estacionamento era muito próxima para que fosse mais.

Portanto, a probabilidade era de que não se encontravam muito longe de Larchmont, o que significava algum lugar no Estado de Nova York, Nova Jersey ou Connecticut.

Jessica pensou ainda em Pensilvânia e Massachusetts, mas descartou-os. Ficavam muito longe... Vozes interromperam seus pensamentos...

— A cadela está fingindo — disse Miguel.

— Sei disso — respondeu Baudelio. — Está plenamente consciente e pensa que é esperta. Presta atenção em tudo que falamos. — Miguel estendeu o pé direito e cutucou com força as costelas de Jessica.

— Levante-se, cadela! Temos de sair daqui.

O sapato a fez estremecer, e como parecia não haver mais vantagem em fingir, Jessica levantou a cabeça e abriu os olhos. Reconheceu os dois homens que a fitavam — aquele cujo rosto cortara, o outro que vislumbrara por um instante no furgão. Sentia a boca ressequida e a voz rouca, mas conseguiu dizer: — Vão se arrepender por isso. Serão apanhados. E punidos.

— Cale-se! — Miguel usou o pé outra vez, agora para chutar sua barriga. — Daqui por diante, só vai falar quando eu permitir.

Ao seu lado, ela ouviu Nicky se mexer e balbuciar: — O que aconteceu? Onde estamos?

Jessica percebeu em sua voz o mesmo pânico que ela própria experimentara. Foi Angus quem respondeu, suavemente: — Parece-me, meu caro, que fomos sequestrados por algumas pessoas horríveis. Mas mantenha-se calmo. Seja forte. Seu pai nos encontrará.

Jessica, ainda resistindo à dor do chute violento, sentiu uma mão em seu braço e ouviu a voz de Nicky indagar gentilmente: — Você está bem, mamãe?

As lágrimas afloraram a seus olhos ao pensar que a primeira preocupação de Nicky era com ela. Virando a cabeça, ela tentou acenar tranquilizadoramente, apenas para ver Nicky sendo brutalmente chutado também. Num momento de horror, ela pensou: o que tudo aquilo causaria a Nicky?

— A regra do silêncio se aplica a você também, garoto idiota! — berrou Miguel. — Não se esqueça disso!

— Ele não vai esquecer. — Era Angus, a voz seca e rouca, mas conseguindo transmitir desdém. — Quem pode esquecer um rebotalho humano que chuta uma mulher e um menino indefesos?

O velho fazia um esforço para levantar. Jessica balbuciou: — Angus, não!

Sabia que nada poderia naquele momento melhorar a situação; as palavras duras só serviriam para piorá-la.

Angus teve dificuldade para se equilibrar e ficar de pé. Enquanto tentava, Miguel olhou ao redor e foi pegar um pedaço de galho caído no chão. Avançou para Angus e golpeou-o violentamente na cabeça e ombros. O velho caiu para trás, um olho fechado de um golpe, grunhindo de dor.

— Que essa lição sirva a todos vocês! Fiquem de boca fechada! — Miguel virou-se para Baudelio e acrescentou: — Apronte-os para a partida.

Socorro voltara, trazendo um jarro de água com uma cobertura de vime e uma corda.

— Eles devem tomar água primeiro — disse Baudelio, para depois acrescentar, com uma insinuação de petulância: — Isso é, se quer mantê-los vivos.

— Primeiro amarrem as mãos deles — ordenou Miguel. — Não quero mais problemas.

De cara amarrada, ele deixou a cabana. Lá fora, enquanto o sol subia, o calor úmido aumentava.

Jessica estava cada vez mais perplexa com o local em que estavam.

Poucos minutos antes, ela, Nicky e Angus haviam sido transferidos do que percebia agora ser uma cabana tosca para a traseira imunda de um caminhão aberto, com uma carga misturada de engradados, caixotes e sacos. Depois de saírem da cabana com as mãos amarradas nas costas, os três foram em parte levantados, em parte rudemente empurrados por cima da grade traseira do caminhão por vários pares de mãos. Depois, meia dúzia de homens com os mais diversos trajes, que a não ser pelas armas poderiam ser camponeses, também embarcaram, seguidos pelo homem que Jessica rotulara mentalmente de "Cicatriz" e um outro que ela se recordava vagamente de já ter visto antes.

Enquanto tudo isso acontecia, ela se concentrara nos arredores, tentando avistar tudo que podia. Mas não adiantou grande coisa. Não havia outros prédios à vista, apenas uma floresta densa ao redor, o caminho de terra para a cabana não podia ser chamado de estrada. Ela tentou ver a placa do caminhão, mas se havia alguma, estava coberta pela grade traseira arriada.

Fisicamente, Jessica sentia-se melhor depois de ter tomado a água. Antes de deixarem a cabana, Nicky e Angus também haviam tomado água, servida por uma mulher de cara azeda, que ela se lembrava de já ter visto antes por um instante — provavelmente durante sua primeira luta com Cicatriz.

Tentando apelar de uma mulher para outra, Jessica sussurrara, entre um gole e outro, despejados de uma caneca de estanho toda amassada: — Obrigada pela água. Por favor... pode me dizer onde estamos e por quê?

A resposta fora brutal e inesperada. Largando a caneca, a mulher aplicara dois tapas com toda força no rosto de Jessica, com a palma e o dorso da mão, fazendo-a cambalear para os lados. — Você ouviu a ordem! Fique de boca fechada! Fale de novo e passará um dia sem água!

Depois disso, Jessica permaneceu em silêncio. Nicky e Angus também.

A mesma mulher se encontrava agora no banco da frente do caminhão, ao lado do motorista, que acabara de ligar o motor. Também na frente se achava o homem que chutara Jessica e Nicky, e espancara Angus. Jessica ouvira um dos

outros chamá-lo de Miguel, e ele parecia estar no comando. O caminhão começou a andar, aos solavancos, sobre o terreno irregular.

O calor era ainda mais intenso do que na cabana. Todos suavam. Mas onde estavam? A noção de Jessica sobre a localização em algum ponto do Estado de Nova York parecia menos plausível a cada minuto. Não podia imaginar nenhum lugar tão quente naquela época do ano. A menos...

Seria possível, especulou Jessica, que ela e os outros tivessem permanecido inconscientes, drogados, por muito mais tempo do que acreditara a princípio? E se assim fosse, podiam ter sido levados para algum lugar mais distante, mais para o sul, como Georgia ou Arkansas? Quanto mais pensava no tipo de região em que se achavam, mais se convencia de que ela lembrava as partes mais remotas desses estados, onde também fazia calor. A perspectiva a consternava, porque se fosse verdade, a esperança de resgate iminente diminuía.

Ainda procurando pistas, ela passou a prestar atenção às conversas entre os homens armados. Reconheceu a língua como espanhol; embora não falasse, conhecia uma porção de palavras.

— Maldito camión! Me hace dano en la espalda.

— Por que no te acuestas encima de la mujer? Es una buena almohada.

Risos estrondosos.

— No, esperaré hasta que termine ei viaje. Entonces ella debe tener cuidado!

— Los Sinchis, los cabrónes, torturaron a mi hermano antes de matarlo.

— El rio no puede llegar tan pronto como yo descarto que llegara. La Selva ve y oye todo.

Ouvindo isso, Jessica calculou que eram imigrantes recentes; muitos hispânicos se mudavam hoje em dia para os Estados Unidos. Abruptamente, ela se lembrou do homem que primeiro a abordara no supermercado em Larchmont. Ele falava inglês com um sotaque espanhol. Havia uma ligação? Ela não podia pensar em nenhuma.

O pensamento de Larchmont, no entanto, levou-a a lembrar-se de Crawford. Que tormento ele devia estar passando! Havia algo que Angus dissera a Nicky na cabana. "Seu pai nos encontrará." com toda certeza, àquela altura, Crawf estaria movendo céus e terras à procura deles, tinha muita influência, muitos amigos nos mais altos escalões Que ajudariam. Mas teriam alguma ideia do lugar em que deveriam Procurar? Ela precisava descobrir de alguma forma onde se encontravam e pensar numa maneira de transmitir o aviso a Crawf.

Outra coisa que Angus dissera a Nicky era que haviam sido sequestrados. Jessica não pensara nisso antes — não tivera tempo —, mas refletiu agora que Angus devia estar certo. Mas sequestrados por quê? Por dinheiro? Não era esse o motivo habitual? Os Sloanes tinham dinheiro, é verdade, mas não em grande quantidade, não do tipo a que Crawf às vezes se referia como "o dinheiro industrial ou de Wall Street".

E como era incrível, pensou Jessica, que ainda na noite anterior — se é que fora mesmo a noite anterior, pois ela estava perdendo a noção do tempo — Crawf tivesse falado na possibilidade de ele próprio ser sequestrado...

Seus pensamentos foram desviados pela visão de Nicky. Desde que o caminhão começara a andar, Nicky tivera dificuldade em manter o corpo erguido; agora, por causa das mãos amarradas, resvalara para a horizontal, a cabeça batendo no chão a cada solavanco.

Jessica, frenética e incapaz de ajudar, já ia romper o silêncio e apelar para Cicatriz quando viu um dos homens armados perceber a dificuldade de Nicky e se adiantar em sua direção. Erguendo Nicky parcialmente, o homem ajeitou-o de costas contra um saco e deixou os pés tocando num caixote, garantindo assim que ele não tornaria a escorregar. Jessica tentou agradecer ao homem com os olhos e um meio sorriso. Em resposta, ele lhe ofereceu um ligeiro cumprimento de cabeça. Era algo bem pequeno, ela pensou, mas pelo menos havia alguém que tinha sentimentos entre aquelas pessoas brutais.

O homem ficou sentado perto de Nicky. Murmurou algumas palavras que Nicky, tendo iniciado recentemente aulas de espanhol na escola, pareceu compreender. Enquanto a viagem continuava, houve mais duas conversas entre o homem e o menino.

Depois de uns vinte minutos, num ponto em que a trilha desaparecia e havia apenas árvores, o caminhão parou. Jessica, Nicky e Angus foram outra vez levantados e empurrados para fora do caminhão, Quando estavam de pé lá fora, Miguel deu a volta na frente do caminhão e anunciou bruscamente: — Daqui por diante vamos a pé.

Gustavo e dois outros homens armados seguiram na frente pela densa folhagem, por uma trilha irregular, quase imperceptível. Folhas e galhos se projetavam dos lados; embora as copas por cima proporcionassem sombra, o calor intenso persistia, em meio a um constante zumbido de insetos.

Havia momentos em que os três cativos ficavam bem juntos. Houve uma ocasião em que Nicky murmurou: — Este caminho leva a um rio, mamãe. Vamos pegar um barco.

Jessica indagou, também num sussurro: — O homem lhe disse isso?

— Disse.

Pouco depois, Jessica ouviu Angus murmurar: — Estou orgulhoso de você, Nicky. Está sendo muito corajoso.

Era a primeira vez que Jessica ouvia a voz de Angus desde que haviam deixado a cabana. Sentiu-se aliviada porque o velho estava pelo menos enfrentando a situação, embora temesse pelo efeito que a terrível experiência produziria nele e também em Nicky. Jessica ainda especulava sobre a salvação. Quais eram suas possibilidades? Quando e como a ajuda chegaria? Nicky aguardou uma oportunidade e depois respondeu a Angus, falando bem baixo: — Estou fazendo o que me aconselhou, vovô. Quando estiver realmente apavorado, resista.

Com súbita emoção, Jessica recordou a conversa ao café da manhã dos quatro, incluindo Crawf, sobre o atentado a bomba na Alemanha... Schweinfurt?... O que Nicky acabava de dizer eram justamente as palavras de Angus naquela ocasião. Quanto tempo fazia isso?... Horas, dias?... Jessica tornou a pensar que perdera a noção do tempo.

Pouco depois, Nicky perguntou: — Vovô, como está se sentindo?

— Ainda há vida neste cachorro velho. — Uma pausa. — Jessie... Como você está?

Na oportunidade seguinte, ela disse: — Estou tentando imaginar onde estamos. Georgia? Arkansas? Onde?

Foi Nicky quem deu a resposta. — Eles nos tiraram da América, mamãe. O homem me contou. Estamos no Peru.

5

— No início desta manhã — disse Teddy Cooper aos rostos jovens e atentos à sua frente —, planejei contar-lhes uma história imaginária sobre o motivo da contratação de vocês e o que farão. Como um autêntico espertinho, eu tinha o que julgava ser uma cobertura convincente toda elaborada. Mas há poucos minutos, depois de conversar com alguns de vocês, compreendi que são muito inteligentes para se deixarem iludir. Creio também que, ao saberem dos fatos verdadeiros, vocês sairão daqui de boca fechada, preocupados. Quero que prestem atenção, pessoal. Estão prestes a conhecer toda a verdade.

A introdução foi recompensada com alguns sorrisos e a atenção solicitada.

Eram 9h30 da manhã de segunda-feira. Na última meia hora, exatamente sessenta rapazes e moças, os sexos quase que igualmente divididos, haviam se apresentado para o trabalho temporário na CBA, Tio Arthur tendo persistido em seus telefonemas pela tarde e noite de domingo para obter o contingente necessário. Todos se encontravam agora reunidos no prédio auxiliar da CBA, a um quarteirão de distância da sede principal, o mesmo usado na quinta-feira anterior para a entrevista coletiva de Crawford Sloane. No mesmo estúdio, cadeiras dobráveis haviam sido dispostas outra vez.

— O trabalho de vocês será realmente relacionado com o sequestro da Sra. Crawford Sloane, o jovem Nicholas Sloane e o Sr. Angus Sloane, do qual todos já ouviram falar, é claro. Ele visa a ajudar essas vítimas de sequestro, e é da maior importância. Quando saírem daqui, seguirão para as sedes de jornais locais e algumas bibliotecas, onde lerão os números publicados nos últimos três meses. Não apenas lerão, é claro, mas procurarão como Sherlock Holmes por pistas que lhes indicarei, pistas que podem nos levar aos sequestradores.

O interesse nos rostos à sua frente era ainda maior do que antes, acompanhado por um murmúrio de conversa que rapidamente silenciou quando Cooper continuou: -assim que eu terminar aqui, vocês serão divididos em grupos e receberão instruções sobre os lugares para onde deverão ir e o que fazer. Já telefonamos para alguns jornais esta manhã; eles estão dispostos a cooperar e esperam por vocês. Em outros, porém, terão de se apresentar, dizendo que representam a CBA. Antes de saírem daqui, todos receberão um cartão de identificação da CBA. Guardem-no, será uma lembrança para seus netos.

"Quanto ao transporte, temos alguns carros à espera que levarão vários grupos a cada dia enquanto durar esta operação, deixando uma pessoa de cada vez em seu ponto de partida. Depois disso, vocês estarão por conta própria. Todos são capazes de iniciativa; terão a oportunidade de usá-la. Alguns de vocês chegarão a seus lugares de pesquisa de trem ou de ônibus. De qualquer forma, as despesas de viagem serão por conta da CBA.

"Não precisam voltar aqui ao fim de cada dia, mas devem se comunicar pelo telefone, e também avisar imediatamente se descobrirem alguma coisa importante."

As disposições descritas por Teddy Cooper haviam sido definidas ao longo do domingo e no início daquela manhã por ele próprio, seus dois pesquisadores assistentes e uma secretária emprestada pela redação. Algum trabalho de apoio, inclusive telefonemas para jornais locais, ainda continuava.

— Bem — declarou Cooper —, isso foi o início. Vamos agora ao grande quadro. Daqui a pouco vocês estarão recebendo várias... ah, aqui estão.

O esfuziante Jonathan Mony estivera em consulta com os assistentes de Cooper, trabalhando numa mesa no outro lado da sala. Voltou agora, carregando uma pilha de papéis — cópias do plano e orientações para o trabalho, elaborados no dia anterior e impressas da noite para o dia. Mony começou a distribuir cópias para seus colegas temporários.

— Quando chegarem aos jornais locais — continuou Cooper —, pedirão primeiro para ver os números dos últimos três meses, a partir da quinta-feira passada, ou seja, a partir de 14 de junho. Quando os tiverem, procurem os anúncios classificados de imóveis, atentos a qualquer anúncio oferecendo para alugar pequena fábrica, um armazém ou uma casa grande e antiga, mas não apenas isso. Para sermos mais específicos, vamos dar uma olhada na primeira página das anotações que acabaram de receber.

Enquanto explicava seu raciocínio e planejamento, Teddy Cooper sentia-se aliviado por sua decisão de revelar a verdade. Quanto ele deveria dizer àqueles ajudantes fora deixado ao seu critério, e, agora, não usar uma história falsa tomava tudo mais simples. Havia riscos envolvidos, é claro. Um era a possibilidade de que o empenho da CBA se tomasse conhecido de um concorrente, talvez outra rede, que divulgaria a informação ou realizaria seu próprio projeto paralelo. Cooper tencionava recomendar àqueles jovens que não revelassem detalhes sobre o objetivo secreto da CBA. Esperava que sua confiança fosse justificada. Contemplando sua audiência, ainda atenta, a maior parte escrevendo anotações, ele se convenceu de que assim seria.

Cooper também se mantinha atento a uma porta. Pedira a Jonathan Mony que desse alguns telefonemas, solicitando que Harry Partridge e Crawford Sloane aparecessem ali por um instante. Ficou satisfeito quando ambos deram resposta positiva.

Os dois chegaram juntos. Cooper, descrevendo sua imagem da base de operações dos sequestradores, parou e apontou para a porta. Todas as cabeças se viraram. Apesar da sofisticação do grupo, houve um murmúrio de espanto audível quando Sloane se adiantou, acompanhado por Partridge.

Com a deferência apropriada, Cooper desceu do palanque. Não teria a presunção de apresentar o âncora do noticioso noturno da CBA, apenas lhe cederia o lugar.

— Olá, Teddy — disse Sloane. — O que gostaria que eu fizesse?

— Basicamente, senhor, acho que todos gostariam de conhecê-lo.

Sloane manteve a voz baixa: — Quanto contou a eles?

— Quase tudo. Achei que ficariam mais entusiasmados assim, e devemos confiar neles.

— Concordo com isso — declarou Partridge.

Sloane balançou a cabeça.

— Por mim, está certo.

Ele se encaminhou para as fileiras de cadeiras, ignorando o palanque. Seu rosto era sério; ninguém esperaria que ele se mostrasse sorridente e feliz naquele dia, e quando falou, a voz combinava com o ânimo sombrio: — Senhoras e senhores, é bem possível que nos próximos dias o que vocês estão prestes a começar possa contribuir diretamente para o retorno de minha esposa, filho e pai, sãos e salvos. Se por uma grande sorte isso acontecer, podem ter certeza de que os procurarei para agradecer pessoalmente. Por enquanto, quero expressar minha satisfação pela presença de todos. Boa sorte!

Sloane permaneceu no lugar, enquanto muitos jovens se levantavam e alguns se adiantavam, querendo apertar sua mão e desejando sinceramente que tudo terminasse bem; Teddy Cooper percebeu uns poucos olhos brilhando com lágrimas. Ao final, Sloane fez um gesto de despedida e se retirou tão discretamente quanto chegara. Partridge, que também apertou mãos e falou com alguns dos colaboradores temporários, acompanhou-o.

Cooper continuou a dar instruções, descrevendo o que os investigadores neófitos deveriam procurar. Quando abriu a sessão a perguntas, diversas mãos se levantaram.

Um jovem com um blusão da Universidade de Nova York foi o primeiro: — Muito bem, um de nós encontra um anúncio que corresponde às especificações fornecidas. Telefonamos para cá. O que acontece em seguida?

— Para começar — respondeu Cooper —, descobrimos quem publicou o anúncio. Geralmente há um nome, e vocês nos informarão. Se não houver nome, há pelo menos uma caixa postal. Tentem obter essa informação do jornal; se eles não quiserem prestá-la, então cuidaremos do assunto.

— E depois disso?

— Se pudermos, entramos em contato com o anunciante pelo telefone e fazemos algumas perguntas. Se isso não for possível, vamos visitá-lo. Depois, se a pista ainda parecer promissora, damos uma olhada, com toda cautela, no lugar anunciado.

— Está falando muito na primeira pessoa do plural.

— Quem falava agora era uma jovem atraente, num elegante costume bege. — Isso significa apenas você e alguns outros figurões, ou alguns de nós também poderão participar da parte mais interessante, onde estiver a ação?

Houve aplausos e risos, a que Teddy Cooper aderiu.

— Vamos começar com algo objetivo — respondeu ele. — Sou apenas uma figurinha. (Mais risos.) Mas lhes prometo uma coisa: até onde pudermos, vamos incluí-los em qualquer novo desenvolvimento, especialmente aqueles que tiverem uma participação direta. Há um motivo para isso: precisaremos da ajuda de vocês. Não temos muita gente para trabalhar nisso, e, se houver um objetivo, as possibilidades são de que vocês sejam aproveitados.

— Quando se chegar a esse estágio — indagou uma ruiva pequena —, haverá equipes de câmera?

— Está querendo saber se você pode aparecer na tela?

A moça sorriu. — Mais ou menos isso.

— Não será uma decisão minha, mas eu diria que é provável.

Depois que as perguntas terminaram, Cooper encerrou com alguns pensamentos que não discutira com ninguém, mas que analisara com o maior cuidado na noite anterior.

— Além de procurarem por anúncios de prédios como descrevi, quero que aproveitem a oportunidade, com os três meses de números de jornal à sua frente, para se manterem atentos a qualquer coisa insólita. Não me perguntem o que pode ser, porque não tenho a menor ideia. Mas lembrem-se de uma coisa: os sequestradores que procuramos provavelmente estão escondidos nesta área há pelo menos um mês, talvez dois. Nesse período, não importa quão cuidadosos

tenham sido, devem ter feito alguma coisa, por menor que fosse, que deixou uma pista. A outra possibilidade é de que essa coisinha possa ter sido publicada em algum jornal.

— Parece muito incerto — comentou alguém. Teddy Cooper balançou a cabeça em concordância.

— Pode-se dizer que é uma chance em dez mil de que tenha acontecido algo que foi noticiado; e se isso aconteceu, é ainda mais improvável que um de vocês descubra.

Portanto, as chances são contra nós. Mas também não esqueçam que alguém sempre ganha a loteria, quando as probabilidades são de uma em milhões. Tudo que posso lhes dizer é: pensem, pensem, pensem! Procurem com atenção e inteligência. Usem a imaginação. Foram contratados porque achamos que são inteligentes; portanto, provem-nos que estamos certos. Procurem por nosso primeiro objetivo, o anúncio do imóvel, mas se mantenham atentos à outra possibilidade.

Ao final de seus comentários, para grande surpresa de Cooper, os jovens à sua frente levantaram-se e aplaudiram.

No início daquela manhã, assim que começara o chamado expediente comercial, Harry Partridge telefonara para um dos seus contatos, o advogado com clientes no crime organizado. A reação não fora muito cordial.

— Ah, é você... Eu lhe disse na sexta-feira que faria algumas indagações discretas, e já fiz isso duas vezes, sem resultado. Não preciso que fique em cima de mim.

— Lamento se...

Mas o advogado não estava escutando e continuou: -o que vocês jornalistas não compreendem é que, numa situação assim, é minha cabeça que está em jogo. As pessoas com quem trato, meus clientes, confiam em mim, e tenciono manter o relacionamento assim. Também sei que eles não estão interessados nos problemas dos outros, inclusive os seus e os de Crawford Sloane, por piores que os imaginem.

— Claro, que compreendo — protestou Partridge. — Mas trata-se de um sequestro e...

— Cale-se e escute! Quando conversamos na primeira vez, eu lhe disse que tinha certeza que nenhuma das pessoas que represento cometera o sequestro ou sequer estivera envolvida. Ainda tenho essa certeza. Também admiti que estava lhe devendo em favor e tentaria descobrir o que pudesse. Mas tenho de

andar como se estivesse num campo minado e, além disso, convencer um eventual informante de que qualquer coisa que diga poderá beneficiá-lo.

— Já disse que lamento muito se... O advogado continuou: — Portanto, não é uma coisa que se possa fazer com um trator ou trem expresso. Entendido? O advogado moderou o tom para acrescentar: — Dê-me mais alguns dias. E não me procure; espere que eu ligue para você.

Desligando, Partridge refletiu que os contatos podiam ser úteis, mas não se precisava necessariamente gostar deles.

Antes de sua chegada à CBA naquela manhã, Partridge chegara a uma decisão sobre se deveria ou não revelar no Jornal da Noite que um conhecido terrorista colombiano, Ulises Rodríguez, estava conclusivamente ligado ao sequestro da família Sloane.

Sua decisão era reter a informação por enquanto.

Depois da reunião com os recrutas de Cooper, Partridge procurou os membros da força-tarefa especial para comunicar a decisão. Karl Owens e Iris Everly estavam na sala de reuniões, e ele lhes explicou seu raciocínio.

— Vejam pelo seguinte ângulo: neste momento, Rodríguez representa a nossa única pista, e ele não sabe que temos essa informação, ^as se revelarmos o que sabemos, é bem possível que isso chegue aos seus ouvidos, e então perderemos nossa vantagem.

Owens indagou, em dúvida: — Isso tem importância? — Acho que sim. Tudo indica que Rodríguez tem se mantido escondido, e o efeito seria o de levá-lo a se esconder ainda mais. Não preciso dizer o quanto isso diminuiria nossas possibilidades de descobrir onde ele se encontra... e, por seu intermédio, os Sloanes.

— Concordo com tudo isso, Harry — admitiu Iris —, mas acha mesmo que uma notícia tão quente como essa, já conhecida pelo menos por uma dúzia de pessoas, vai permanecer convenientemente em segredo até estarmos prontos para divulgá-la? Não se esqueça que cada rede, cada jornal e cada agência noticiosa puseram seus melhores repórteres na história. Dou 24 horas no máximo antes que todo mundo saiba.

Rita Abrams e Norman Jaeger haviam entrado na sala e escutavam a conversa.

— Talvez você tenha razão — disse Partridge a Iris —, mas creio que é um risco que temos de correr. Detesto parecer banal, mas devemos lembrar de vez em quando que a notícia não é nenhum Santo Graal. Quando a revelação

representa um risco para a vida e a liberdade, a notícia deve ficar em segundo lugar.

— Também não quero parecer tacanho, mas neste caso estou com Harry —, interveio Jaeger.

— Há mais uma coisa que temos de levar em consideração: O FBI — disse Owens. — Retendo essa informação, podemos ter problemas.

— Pensei nisso, e concluí que devemos assumir o risco — declarou Partridge. -se isso preocupa algum de vocês, quero lembrar que sou o único responsável. Se contarmos ao FBI, sabemos por experiência que provavelmente eles falarão com outros jornalistas, e perderemos assim a nossa exclusividade.

— Voltando à questão principal — disse Rita —, há precedentes para o que estamos fazendo. Lembro de um na ABC.

— Conte-nos — pediu Iris.

— Estão lembrados do sequestro da TWA... em Beirute, 1985? Os outros balançaram a cabeça, recordando que em meados da década de 1980 Rita trabalhara para a ABC; e também que o sequestro fora uma afronta terrorista, prendendo a atenção do mundo durante duas semanas, em que um mergulhador da Marinha dos Estados Unidos, passageiro do voo 847 da TWA, fora brutalmente assassinado.

— Praticamente desde o início do sequestro, sabíamos na ABC que havia três militares americanos a bordo do avião, à paisana; estávamos convencidos de que tínhamos a informação com exclusividade — continuou Rita. -a questão era a seguinte: deveríamos usá-la no ar? Nunca o fizemos, achando que se os sequestradores soubessem disso, aqueles militares seriam executados. Ao final, os terroristas acabaram descobrindo por si mesmos, mas consideramos que ajudamos dois dos três militares a sobreviverem, porque fizemos uma coisa decente.

— Está bem, concordo em não revelar nada — anunciou Iris. — Mas se ninguém usar a história até amanhã, sugiro que façamos uma reavaliação.

— Também tomo essa posição — concordou Owens.

A discussão foi encerrada. Contudo, por causa da importância do assunto, Partridge resolveu partilhar sua decisão com Les Chippingham e Chuck Insen. O diretor da divisão de jornalismo, que recebeu Partridge em sua sala revestida com painéis de madeira, limitou-se a dar de ombros quando informado e comentou: — É você quem toma as decisões da força-tarefa, Harry; se não confiássemos em seu julgamento, você não estaria lá. Mas obrigado por me informar.

O produtor executivo do Jornal da Noite estava em seu posto na Ferradura. Enquanto escutava, seus olhos se iluminaram. Ao final, ele balançou a cabeça e disse: — Muito interessante, Harry; um bom trabalho de investigação. Quando você nos der o sinal verde, vamos fazer um espetáculo e tanto. Mas não antes de nos autorizar.

Isso deixava Partridge livre para recomeçar seus telefonemas; ele foi se instalar em sua sala temporária.

6

Mais uma vez usou seu caderninho azul com nomes e telefones, mas ao contrário da semana passada, quando suas ligações haviam sido principalmente para fontes nos Estados Unidos, hoje ele tentou alcançar contatos na Colômbia e países vizinhos — Venezuela, Brasil, Equador, Panamá e Peru, além da Nicarágua. Em todos esses lugares, nos quais frequentemente fizera coberturas para a CBA, havia pessoas com as quais sabia que podia contar e algumas a quem já prestara favores.

Uma coisa diferente hoje era ter a pista positiva de Rodríguez, o que possibilitava uma pergunta dupla: Conhece um terrorista chamado Ulises Rodríguez? Se conhece, tem alguma informação sobre o lugar em que ele possa se encontrar ou o que estaria fazendo? Karl Owens falara com contatos latino-americanos na sexta-feira, mas não havia superposição, até onde Partridge podia saber — um fato que nada tinha de surpreendente, já que os produtores, assim como os repórteres, cultivavam suas próprias fontes e as mantinham para si mesmos depois que as obtinham.

Hoje, as respostas à primeira pergunta foram quase que inteiramente "sim", e à segunda, "não". Confirmando a informação anterior de Owens, Rodríguez parecia ter desaparecido três meses atrás, e ninguém o vira desde então. Um ponto interessante, no entanto, aflorou numa conversa com um antigo amigo colombiano, repórter de uma emissora de rádio em Bogotá.

— Onde quer que ele esteja — disse o repórter —, posso quase garantir que não é neste país. Afinal, Rodríguez é um colombiano, e mesmo que permaneça fora do alcance da lei, é muito conhecido em seu país para ficar aqui muito tempo sem que a notícia se espalhe. Por isso, minha aposta é de que ele se encontra em outro lugar.

A conclusão fazia sentido. Um país de que Partridge desconfiava era a Nicarágua, onde os sandinistas, apesar de uma derrota eleitoral eram ainda uma

forte presença e continuavam seu longo antagonismo aos Estados Unidos. Poderiam eles estar envolvidos de alguma forma com o sequestro, esperando ganhar com isso uma vantagem que ainda seria revelada? A perspectiva não fazia muito sentido, mas também pouca coisa naquele história fazia. Mas meia dúzia de ligações para a capital, Manágua, produziram um consenso de que Rodríguez não estava na Nicarágua nem estivera ali recentemente.

Havia também o Peru. Partridge deu vários telefonemas para esse país, e uma conversa em particular deixou-o intrigado.

Falou com outro velho conhecido, Manuel León Seminário, proprietário e editor da revista semanal *Escena*, de Lima.

Depois que Partridge deu seu nome, Seminário atendeu imediatamente. Sua saudação foi num inglês impecável, e Partridge pôde imaginá-lo, franzino e empertigado, elegante, imaculadamente arrumado.

— Mas que prazer ouvi-lo, meu caro Harry! Onde você está? Espero que em Lima!

Quando informado de que a ligação era de Nova York, o proprietário-editor manifestou seu desapontamento. — Por um momento, acalentei a esperança de que pudéssemos almoçar amanha em La Pizzeria. Posso lhe assegurar que a comida continua tão boa como sempre. Por que não pega um avião e dá um pulo até aqui?

— Eu adoraria, Manuel, mas infelizmente tenho de me concentrar num trabalho importante.

Partridge explicou sua função na força-tarefa especial do sequestro da família Sloane.

— Mas eu devia ter imaginado que você estava envolvido! É uma coisa horrível! Estamos acompanhando a situação atentamente e daremos matéria de página inteira no número desta semana. Há alguma novidade que devamos incluir?

— Há de fato uma novidade, e é por isso que estou ligando para você. Mas por enquanto a informação é sigilosa, e eu agradeceria se pudéssemos conversar em caráter confidencial.

— Bom... — a reação era cautelosa. — Desde que não seja uma informação que já temos.

— Podemos confiar um no outro, Manuel. Na base que você acabou de indicar... certo?

— Com essa compreensão, certo.

— Temos motivos para acreditar que Ulises Rodríguez está envolvido.

Houve um momento de silêncio antes do dono da revista murmurar: — Está falando de péssima companhia, Harry. Por aqui, esse nome é desprezado e temido.

— Por que temido?

— O homem é suspeito de ser o cérebro de muitos sequestros, passando da Colômbia para o Peru, contratado por gente daqui. É assim que operam nossos elementos criminosos-revolucionários. Como sabe, o sequestro é quase um meio de vida no Peru hoje em dia. Empresários prósperos ou suas famílias são os alvos prediletos. Muitos de nós usamos guarda-costas e andamos em carros blindados, na esperança de evitar um sequestro.

— Eu já sabia disso, mas havia me esquecido até agora — comentou Partridge.

Seminário suspirou audivelmente. — Não está sozinho, meu amigo. A atenção da imprensa ocidental para o Peru é irregular, para dizer o mínimo. Quanto aos seus noticiários de tevê, é como se não existíssemos.

Partridge sabia que a declaração tinha um fundo de verdade. Nunca entendera por que, mas os americanos raramente dispensavam o mesmo interesse continuado ao Peru que demonstravam com outros países. Em voz alta, ele disse: — Ouviu falar alguma coisa sobre a presença de Rodríguez no Peru talvez neste momento ou recentemente, trabalhando para alguém aí?

— Ahn... não.

— Será que eu percebi alguma hesitação na resposta?

— Não em relação a Rodríguez. Não ouvi nada a respeito dele, Harry. Mas lhe diria se soubesse alguma coisa.

— O que sabe então?

— Tudo por aqui, no que chamo de frente criminosa-revolucionária, tem se mantido estranhamente quieto há várias semanas. Quase nada tem ocorrido. Nada de significativo.

— E daí?

— Já testemunhei esses sinais antes, e creio que são característicos do Peru. Quando as coisas estão muito quietas significa que algo grande está prestes a acontecer. Geralmente desagradável e de uma natureza inesperada.

A voz de Seminário mudou de ritmo, tomando-se objetiva e profissional.

— Meu caro Harry, foi um prazer falar com você, e estou contente que tenha ligado. Mas *Escena* não se edita sozinha e preciso trabalhar. Venha me ver breve aqui em Lima. E não se esqueça: o convite para a almoço em La Pizzeria está de pé.

Pelo resto do dia, as palavras ressurgiram na mente de Partridge: Quando as coisas estão muito quietas, isso significa que algo grande está prestes a acontecer.

7

Por coincidência, no mesmo dia em que Harry Partridge falou com o proprietário-editor de *Escena*, o Peru foi discutido numa reunião ultraconfidencial dos altos escalões da proprietária jurídica da rede CBA, a Globanic Industries Inc. A reunião era realizada duas vezes por ano, um "seminário de política" de três dias, presidida por Theodore Elliott, presidente do conselho de administração e principal executivo do conglomerado. O comparecimento era limitado aos outros executivos principais Theodore Elliott — os das nove subsidiárias da Globanic, todas grandes empresas por si mesmas, a maioria com suas próprias subsidiárias.

Em tais reuniões eram trocadas confidencias e revelavam-se planos secretos, alguns capazes de promover ou liquidar concorrentes, investidores e mercados ao redor do mundo. Mas nunca havia agenda escrita ou minutas desses encontros bianuais. A segurança era rigorosa, e a cada dia, antes da reunião começar, a sala em que se realizava era varrida eletronicamente, à procura de microfones.

Fora da sala, mas nunca entrando, havia um batalhão de assessores -meia dúzia ou mais para cada companhia subsidiária — prontos para fornecer dados ou informações de que seus diversos chefes pudessem precisar.

O local da reunião raramente variava. Nesta ocasião, como na maioria das anteriores, era o Fordly Cay Club, perto de Nassau, nas Bahamas. O Fordly Cay, um dos clubes particulares mais exclusivos do mundo, oferecia todas as instalações de lazer, inclusive um ancoradouro para iates, campo de golfe, quadras de tênis e praias de areia branca. Permitia ocasionalmente a grupos VIP o uso dispendioso de suas instalações. Grandes convenções eram *verboten*; as reuniões de vendas não existiam para o Fordly Cay.

Era difícil se obter o título de sócio do Fordly Cay; uma lista de espera obrigava muitos aspirantes a aguardar por longos períodos, alguns em vão. Theodore Elliott era um sócio recente, embora sua aprovação tivesse ocorrido dois anos antes.

No dia anterior, quando todos chegaram, Elliott assumira uma atitude de proprietário, em particular dando as boas— vindas às esposas dos executivos da

Globanic, que só participariam das ocasiões sociais, tênis, golfe e passeios de barco. Hoje, na primeira reunião, todos se encontraram pela manhã numa pequena e confortável biblioteca, com cadeiras de rotim, estofadas em couro bege, um carpete estampado que se estendia de parede a parede. Entre as estantes cheias de livros, havia caixas suavemente iluminadas com troféus esportivos de prata. Por cima de uma lareira — raramente usada — havia um retrato do fundador do clube, olhando radiante para o pequeno e seleto grupo.

Elliott estava apropriadamente vestido, de calça branca e uma camisa polo azul— clara com o escudo do clube — uma palmeira, raquetes de tênis cruzadas, tacos de golfe e um iate, tudo sobre ondas do mar. Com ou sem esse traje, Theo Elliott tinha uma beleza clássica — alto, esguio, ombros largos, queixo forte e uma cabeleira abundante, agora totalmente branca. Os cabelos eram um lembrete de que dentro de dois anos o presidente do conselho de administração e principal executivo alcançaria a idade da aposentadoria e seria sucedido, quase que certamente, por um dos presentes.

Descontando-se o fato de que alguns dos líderes de companhias eram muito velhos para serem candidatos viáveis, havia três pessoas com fortes possibilidades. Margot Lloyd-Mason era uma delas.

Margot estava consciente dessa perspectiva ao apresentar seu relatório sobre a situação da CBA no início da reunião.

Falando com precisão, ela declarou que, desde que a Globanic Industries adquirira a rede de televisão e rádio CBA e emissoras filiadas, haviam sido introduzidos rigorosos controles financeiros, com orçamentos aparados e o pessoal redundante dispensado. Em decorrência, os lucros aumentariam em 22 por cento, em comparação com o ano anterior.

— É um bom começo — comentou Theodore Elliott —, mas esperamos que seja ainda melhor no futuro.

Houve sinais de cabeça na sala. Margot vestira-se com o maior cuidado hoje, não querendo parecer feminina demais, mas ao mesmo tempo não desejando perder a vantagem do sexo. Pensara a princípio usar um tailleur, como fazia com frequência em seu escritório em Stonehenge, mas concluiu que seria impróprio no clima semitropical.

Por fim escolheu uma calça comprida de linho bege e uma blusa de algodão com uma suave tonalidade de pêssego. O traje realçava seu corpo bem proporcionado, um julgamento confirmado pelos olhares prolongados de alguns homens.

Continuando em seu relatório, Margot mencionou o recente sequestro da família de Crawford Sloane.

O presidente da International Forest Products, um impetuoso natural do Oregon, chamado Dewitt, interveio: — É uma coisa lamentável, e todos torcemos para que os culpados sejam apanhados. De qualquer forma, sua rede está obtendo muita atenção por isso, — Tanta atenção que os índices do nosso Jornal da Noite passaram de 9,2 para 12,1 nos últimos cinco dias — informou Margot. Isso significa um adicional de seis milhões de espectadores e nos coloca no primeiro lugar. Os índices de nossa programação diária, nas cinco emissoras que possuímos e operamos, também subiram imediatamente depois do noticiário. E o mesmo aconteceu com o Ben Largo Show, na sexta-feira, que passou de 22,5 para 25,9. Todos os patrocinadores estão na maior satisfação; com isso, estamos conseguindo melhores condições contratuais para a próxima temporada.

Alguém perguntou: — Essa ampliação dos melhores índices significa que mais pessoas não trocam de canal? A pergunta lembrou a Margot que mesmo entre os componentes da classe A havia um fascínio inerente pelas minúcias da televisão.

— As redes sabem por longa experiência que se os espectadores sintonizam para o noticiário noturno, as possibilidades são de que permaneçam no mesmo canal pelos noventa minutos seguintes, as vezes mais. Ao mesmo tempo, outros se juntam à audiência.

— Portanto, é uma questão de vento ruim trazendo benefícios comentou o homem dos produtos florestais, sorrindo.

Margot retribuiu ao sorriso.

— Já que estamos em particular, eu concordo, mas, por favor, não me citem.

— Ninguém cita ninguém — declarou Theo Elliott. -a privacidade e a verdade são os motivos para realizarmos estas sessões.

— Por falar nos seus anunciantes, Margot. -a voz pertencia a Leon Ironwood, da West World Aviation, um californiano bronzeado e atlético e outro dos três candidatos à sucessão de Elliott. A companhia que Ironwood comandava era uma bem-sucedida empreiteira da defesa, produzindo aviões de caça. — Quais são os últimos dados sobre o problema permanente do videocassete? Já existe em quantas casas? — Cerca de cinquenta por cento, e está certo ao dizer que é um problema — respondeu Margot. -a maioria das pessoas que grava os

programas da rede para assistir mais tarde corta os comerciais sem vê-los, reduzindo a nossa eficiência como veículo de anúncios.

Ironwood balançou a cabeça.

— Além do mais, os proprietários de videocassetes representam um próspero segmento da população. É assim que vejo tevê.

Alguém mais acrescentou: — E não esqueçam o botão para diminuir o volume. Uso o meu sempre que há um comercial.

— A verdade é que os problemas de videocassete e redução do volume são como nuvens de tempestade permanentes sobre nós, e é por isso que as redes relutam em pesquisar seus efeitos — disse Margot. — Já poderia haver uma providência técnica há muito tempo, só que não queremos tomar conhecimento das más notícias, e nesse ponto temos um aliado: as agências de propaganda, que temem que a informação possa afastar os grandes anunciantes, privando-as assim de enormes lucros.

— Tenho certeza que seu planejamento fiscal levou isso em consideração — sugeriu Elliott.

— Claro que sim, Theo. Olhando para o futuro e admitindo que o dinheiro de publicidade da rede vai diminuir, estamos procurando fontes de renda adicionais. É por isso que a CBA e as outras adquiriram discretamente operações de tevê a cabo e vão investir ainda mais nisso. As redes dispõem de capital, e um dia, muito em breve, a tevê a cabo pode despertar para se descobrir possuída quase que inteiramente pelas redes. Ao mesmo tempo, estamos explorando acordos de empreendimentos comuns com as companhias telefônicas.

— Como assim? — indagou Ironwood.

— Vou explicar. Primeiro, temos de aceitar o fato de que transmissão terrestre, televisão pelo ar, é um processo que está quase no fim de sua vida útil. Dentro de dez a quinze anos, só se encontrará uma antena de tevê convencional no museu. Além disso, as emissoras de tevê terão abandonado seus transmissores convencionais como antieconômicos.

— Com a tevê a cabo e as antenas parabólicas predominando?

— Em parte, mas não inteiramente.

Margot sorriu. Estava discorrendo sobre um assunto familiar e ao mesmo tempo, assim esperava, demonstrando sua previdência.

— A próxima coisa que se deve compreender é que não há um grande futuro neste negócio apenas para as operações de tevê a cabo — continuou. —

Para sobreviver, o pessoal dessa área deve conjugar recursos, e nós também, com o pessoal do telefone, cujas linhas já entram em todas as casas.

Várias pessoas balançaram a cabeça em aprovação, e Margot prosseguiu: — A tecnologia para uma combinação de linha de telefone e tevê, usando um cabo de fibras óticas, já é disponível neste momento. Só falta pôr o sistema para funcionar, o que inclui uma rede como a nossa desenvolvendo uma programação a cabo especializada. O potencial de receita é enorme.

— Não há restrições do governo ao ingresso das companhias telefônicas nessa área? — indagou Ironwood.

— São restrições que o Congresso vai mudar. Estamos trabalhando nisso, e posso informar que já foi elaborada uma nova legislação.

— E está convencida de que o Congresso aceitará?

Theo Elliott soltou uma risada. — Se está, tem bons motivos para isso. Presumo que a maioria aqui já leu o livro *O Dinheiro Pode Comprar o Melhor Congresso*. Se alguém não leu, então devo dizer que se trata de uma leitura obrigatória para pessoas como nós... Quem é mesmo o autor?

— Philip Stern — respondeu Margot.

— Isso mesmo. Como Stern descreveu, a Globanic Industries contribui generosamente para cada Comitê de Ação Política afetando nossos interesses, o que significa que os votos no Congresso já estão comprados e esperando a nossa necessidade. Quando Margot quiser alterar os regulamentos, basta me avisar. Providenciarei tudo.

— Fala-se em abolir o sistema do Comitê de Ação Política — comentou DeWitt.

— Fala-se... mera conversa— garantiu Elliott. — E mesmo que isso aconteça, podem estar certos de que as pessoas no Congresso encontrarão outro meio de continuar a fazer exatamente como fazem agora.

A discussão franca e confidencial continuou. A questão do sequestro da família Sloane não tornou a ser levantada.

Ao final da manhã, foi a vez de K. Phocis ("Fossie") Xenos, presidente do conselho de administração da Globanic Financial Services, falar aos colegas.

Três anos antes, a Tri-Trade Financial Services, como se chamava então, era um empreendimento de crédito ao consumidor, concedendo empréstimos a americanos de classe média através de uma cadeia de lojas; vendia também seguros de morte e acidentes. A Globanic comprara então a Tri-Trade, Theo Elliott considerando-a como uma base já pronta — muito mais simples do que iniciar uma nova empresa para atrair investidores internacionais procurando

aplicações de risco promissoras. Pusera no comando Fossie Xenos, um jovem greco-americano de segunda geração, com um mestrado de administração em Wharton, que atraíra sua atenção por causa de algumas hábeis manobras de investimento bancário.

Praticamente a primeira providência de Xenos fora encerrar a operação de crédito ao consumidor, que só proporcionava lucros modestos, e fechar as lojas; pouco depois encerrara também as operações de venda de seguros, descrevendo-as como "uma monotonia insignificante para anões mentais". Estava mais interessado em algo novo e excitante no setor financeiro -as aquisições influenciadas, financiadas por títulos de segunda.

Desde então, trabalhando com qualquer coisa considerada financeiramente "quente", Fossie Xenos criara fabulosos lucros para a Global Financial, além de conquistar uma reputação de dinamismo. Era por esse último motivo que Margot Lloyd-Mason considerava Fossie, o terceiro candidato possível ao comando do conglomerado, como seu rival mais respeitável.

Apesar de suas habilidades de manipulação e de conquistas, Fossie conservava uma atitude infantil, que o fazia parecer pelo menos oito anos mais moço do que os seus quarenta e um. As roupas eram informais demais, os cabelos desgrenhados, o resultado de passar as mãos pela cabeça a todo instante, enquanto falava num ritmo acelerado.

Era persuasivo e convincente; isso e mais um sorriso cativante que exibia para todos constituíam as forças de sua personalidade.

Fossie Xenos apresentou hoje um projeto complexo, delicado e em grande parte secreto, ainda nos estágios iniciais, mas que deveria proporcionar muitos bilhões de dólares à Global. Envolvia os chamados swaps e um gigantesco fundo de investimentos imobiliários, ambos relacionados com o Peru, a Globanic operando de acordo com o governo do país.

Como Fossie descreveu para seus colegas na reunião, as condições e providências eram as seguintes: No momento, o Peru tinha mais de dezesseis bilhões de dólares de dívida externa atrasada, o que o isolava da comunidade financeira internacional, que não lhe emprestava mais dinheiro. O país, no entanto, sofrendo uma crise econômica desesperada, estava ansioso para recuperar uma posição respeitável e começar a obter novos empréstimos.

• A Globanic Financial Services comprara discretamente quatro e meio bilhões de dólares da dívida pendente do Peru — mais de um quarto —, pagando uma média de cinco cents por dólar, um desembolso de 225 milhões de dólares. Os emprestadores originais do dinheiro, principalmente bancos americanos,

ficaram contentes em vender mesmo a esses preços ínfimos, porque havia muito consideravam que nada conseguiriam em troca. A Globanic agora convertera a dívida peruana em papéis negociáveis.

• O governo do Peru, através de três de seus ministros, controlando a economia, o turismo e as obras públicas, havia sido informado de que dispunha agora de uma oportunidade incomparável de liquidar os quatro e meio bilhões de dólares de dívida, através da aquisição dos papéis em poder da Globanic a dez cents por dólar, mas com todos os pagamentos efetuados na própria moeda do Peru, o inti. Essa era a isca que Fossie habilmente apresentara, porque assim permaneceriam intactas as pequenas e preciosas reservas de moedas fortes do outro país, principalmente dólares.

• Três condições fundamentais eram impostas à aceitação da moeda peruana pela Globanic. A empresa não queria dinheiro, mas uma operação que lhe proporcionasse a propriedade total de dois centros turísticos espetaculares, pertencentes ao governo peruano. A Globanic Financial desenvolveria e finalmente operaria esses centros, convencida de que ambas tinham um potencial gigantesco como locais de férias. Um local era costeiro e seria a "Punta dei Este do Pacífico". O outro, um vale nas montanhas, seria um magnífico ponto de partida para excursões a Machu Pichu e Cuzco, que figuravam entre as maiores atrações turísticas do mundo.

• Além das vastas extensões de terra, o governo teria de garantir que a Globanic poderia desenvolver os centros turísticos livremente, à sua maneira. Ao mesmo tempo, a Globanic traria moeda forte para custear as obras, ao mesmo tempo que aproveitaria a mão de obra local, duas coisas extremamente úteis para o Peru.

• A condição final, um segredo entre o governo peruano e a Globanic, era que o preço a ser pago pelos dois locais seria 25 por cento menor que o valor real.

• A Globanic se beneficiaria de várias maneiras. Inicialmente, pela venda dos títulos da dívida pelo dobro do que pagara — lucro imediato de 225 milhões de dólares. Depois, pela obtenção de dois locais magníficos por apenas três quartos de seu valor. Em seguida, atraindo investimentos internacionais para o desenvolvimento dos centros turísticos e finalmente colhendo os lucros gigantescos.

O relato de Fossie foi encerrado com a informação de que, depois de prolongadas e delicadas negociações entre o governo peruano e a Globanic

Financial, chegara-se a um acordo poucos dias antes, com todas as exigências da Globanic aceitas.

Quando K. Phocis Xenos concluiu e se sentou, houve aplausos espontâneos da pequena mas poderosa audiência. Theo Elliott, radiante, indagou: — Alguém tem alguma pergunta a fazer?

— O senhor falou sobre esses ministros de Estado — começou um executivo de nome Warren Graydon; ele era diretor da Empire Chemical Corporation. — Há alguma prova de que manterão a palavra?

— Deixe-me responder — pediu Elliott. — A resposta é sim, adotamos as precauções necessárias. Mas não creio que precisemos revelar os detalhes, nem mesmo aqui.

Houve sorrisos sutis, a resposta indicando que houvera de fato suborno. Na verdade, quando o acordo Peru-Globanic fosse assinado e sacramentado, os três ministros receberiam contas bancárias na Suíça, abertas em seus nomes, com um depósito em cada uma de um milhão e meio de dólares. Também teriam o uso gratuito, sempre que quisessem, de apartamentos de luxo em Londres, Paris e Genebra, com os benefícios secundários inerentes. Companhias internacionais como a Globanic Industries frequentemente faziam esses acordos com seus amigos políticos.

— Fale-nos sobre a estabilidade do Peru, Fossie — disse Margot. — Ultimamente tem havido um aumento na atividade revolucionária' não apenas nas regiões habituais dos Andes, mas também em Lima e outros lugares. Nessas circunstâncias, os centros seriam viáveis? Os turistas estariam dispostos a ir para lá?

Margot sabia que andava numa corda bamba. Por um lado, por causa do relacionamento competitivo, não podia permitir que Fossie Xenos concluísse sua apresentação sem qualquer contestação; além disso, se alguma coisa saísse errada com o projeto mais tarde, queria que fosse lembrado que ela manifestara dúvidas no início. Por outro lado, se se tomasse a nova presidente do conselho de administração da Globanic Industries, precisaria da amizade de Fossie e de suas consideráveis contribuições para a receita do conglomerado. Mantendo isso em mente, ela tentou formular as indagações de uma forma racional, num meio-termo. Se Fossie percebeu a manobra, não deixou transparecer, respondendo jovialmente: — Todas as minhas informações dizem que a perspectiva revolucionária é de curta duração e que a longo prazo o Peru sobreviverá com uma democracia consolidada, dentro da lei e favorável à expansão do turismo.

Confirmando isso, há uma longa tradição no país de respeito aos valores democráticos.

Margot não fez mais nenhum comentário, mas registrou que Fossie acabara de demonstrar uma fraqueza que poderia algum dia explorar. Já observara a mesma coisa antes com outros, especialmente em negócios imobiliários, em que objetivos fascinantes podiam prevalecer sobre julgamentos normalmente cautelosos. Os psicólogos chamavam de suspensão da realidade; na opinião de Margot, quem acreditava num final próximo da insurreição armada no Peru fazia justamente isso. É claro, ela raciocinou, mesmo assim os centros turísticos poderiam ser construídos e depois protegidos; afinal, havia um crescente número de lugares no mundo em que férias e perigo conviviam lado a lado. No caso do Peru, porém, só o tempo e grandes despesas poderiam definir o resultado. Mas era evidente que Theo Elliott não partilhava as dúvidas de Margot, pois declarou: -se isso é tudo que têm a perguntar, quero dizer o seguinte: Faz algum tempo que tenho conhecimento do que Fossie acabou de expor, mas chamei-os aqui hoje por dois bons motivos. Primeiro, sei que todos nós podemos guardar segredos, e é de nosso proveito manter este. Segundo, não quero que nada prejudique nosso relacionamento ainda delicado com o governo do Peru, o que frustraria o que pode se tomar o negócio do século.

O presidente do conselho de administração da Globanic Industries levantou-se e arrematou: — Agora que estamos entendidos, vamos almoçar.

8

Jessica levou vários minutos para aceitar a possibilidade de que o que Nicky lhe dissera — que na verdade estavam no Peru — podia ser genuína.

Mas não podia ter acontecido! Não houvera tempo! Pouco a pouco, porém, descartando suposições anteriores, e com lembranças específicas voltando, a possibilidade se tornou mais forte. Não era possível, ela raciocinou, que tivesse passado mais tempo inconsciente, assim como Nicky e Angus, do que calculara antes, mesmo quando pensara que poderiam se encontrar no Sul dos Estados Unidos? Era perfeitamente possível.

Mas se estavam mesmo no Peru, como haviam sido levados até ali? Não poderia ser fácil contrabandear três pessoas inconscientes...

Um súbito lampejo de memória! Uma imagem nítida, mas totalmente esquecida até aquele momento.

Durante o breve intervalo em que lutara e conseguira ferir Cicatriz... naqueles instantes desesperados ela vira dois caixões vazios, um menor do que o outro. A visão aterradora convencera-a de que ela e Nicky estavam prestes a serem mortos.

Mas agora, com um estremecimento, Jessica compreendeu que deviam ter sido transportados naqueles caixões — como cadáveres! O pensamento era tão horrendo que ela não queria e não podia se deter no assunto. Em vez disso, forçou sua mente de volta ao presente, por mais sombrio e angustiante que fosse.

Jessica, Nicky e Angus, com as mãos amarradas nas costas, ainda andavam, cambaleando pela estreita trilha, através das densas árvores e moitas. Havia alguns homens armados à frente, outros atrás. A qualquer sinal de diminuição do ritmo, os homens por trás gritavam "Andale!", "Apúrense!", empurrando-os com os rifles. E fazia calor. Um calor terrível. O suor escorria de todos eles.

Jessica preocupava-se desesperadamente com os outros dois. Ela própria sofria uma dor de cabeça intensa, náusea, havia uma miríade de insetos zumbindo que não podia afugentar. Por quanto tempo aquilo poderia continuar? Nicky dissera que seguiam para um rio. Então deveriam chegar lá em breve! É isso mesmo, concluiu Jessica, o informante de Nicky devia estar certo. Era de fato o Peru; e compreendendo como estavam longe de casa e como eram mínimas as chances de resgate, ela sentiu vontade de chorar.

O terreno sob seus pés se tomara encharcado, tomando cada vez mais difícil andar. Subitamente, Jessica ouviu um grito estridente por trás, uma algazarra e um baque.

Virando-se, descobriu que Angus caíra, estava com o rosto na lama.

Corajosamente, o velho fez um esforço para se levantar, mas não conseguiu, por causa das mãos amarradas. Os homens armados na retaguarda estavam rindo. Um deles adiantou-se com o rifle levantado, a fim de bater com o cano nas costas de Angus.

Jessica gritou: — Não! Não! Não! As palavras surpreenderam o homem por um instante. Antes que ele pudesse se recuperar, Jessica correu para Angus e caiu de joelhos ao seu lado. Conseguiu manter o corpo empertigado, mesmo com as mãos amarradas, embora fosse impotente para ajudar Angus a levantar. O homem com o rifle tornou a avançar em sua direção, furioso, mas parou à voz ríspida de Miguel. Ele veio da frente da coluna, acompanhado por Socorro e Baudelio. Antes que mais alguém pudesse falar, Jessica alteou a voz, impregnada de emoção: — Somos prisioneiros de vocês. Não sabemos o motivo, mas

sabemos que não podemos escapar, e vocês também sabem disso. Por que então amarrar nossas mãos? Tudo que queremos é ajudar a nós mesmos, evitar uma queda. Vejam o que acontece quando não podemos fazer isso! Por favor, demonstrem alguma misericórdia! Eu suplico, soltem nossas mãos!

Pela primeira vez, Miguel hesitou, ainda mais quando Socorro lhe disse, em voz baixa: — Se um deles quebrar um braço ou perna, até mesmo sofrer um corte, pode infeccionar. E não teremos condições de cuidar de uma infecção em Nueva Esperanza.

Ao lado de Socorro, Baudelio acrescentou: — Ela tem razão.

Miguel, com um gesto impaciente, gritou uma ordem em espanhol. Um dos homens armados adiantou-se — o mesmo homem que ajudara Nicky no caminhão. Tirou uma faca de uma bainha no cinto e inclinou-se para as costas de Jessica. Ela sentiu a corda que prendia seus pulsos se afrouxar e depois cair. Nicky foi o seguinte. Angus foi virado para que o homem cortasse a corda; depois, Jessica e Nicky o ajudaram a levantar.

Em meio a ordens gritadas, eles tomaram a partir.

Nos últimos minutos, apesar de sua emoção, Jessica descobrira várias coisas. Primeiro, estavam indo para Nueva Esperanza, embora o nome nada significasse para ela.

Segundo, o homem que fizera amizade com Nicky era Vicente — ouviu alguém dizer seu nome enquanto ele cortava as cordas. Terceiro, a mulher que intercedera junto a Miguel, a mesma que a agredira na cabana, possuía algum conhecimento médico. E Cicatriz também. Era bem possível que um dos dois fosse médico, talvez ambos.

Ela arquivou as informações, o instinto lhe dizendo que qualquer coisa que descobrisse agora poderia se tomar útil mais tarde.

Momentos depois, quando a coluna completou uma curva na trilha, um rio largo surgiu à frente.

Miguel lembrava-se de ter lido em seus primeiros dias de niilista que um terrorista bem-sucedido devia se despojar das emoções humanas convencionais e alcançar seus fins pelo expediente de incutir o terror nos que se opunham a seus desejos e vontade. Até mesmo a emoção de ódio, embora útil para proporcionar aos terroristas uma paixão psíquica, podia ser um risco demasiado, prejudicando o julgamento.

Em sua carreira como terrorista, Miguel seguira esses princípios fielmente, acrescentando mais um: a ação e o perigo eram os estimulantes de um

terrorista. Para si mesmo, precisava disso da maneira como um viciado precisava de drogas.

Esse era o motivo para o seu desencanto com o que tinha imediatamente à frente.

Durante quatro meses, a partir do voo para Londres e a aquisição do passaporte ilegal que usara para entrar nos Estados Unidos, fora impelido pelo estímulo do perigo sempre presente, a necessidade de vida ou morte de um planejamento cuidadoso, mais recentemente o gosto inebriante do sucesso e, em todo o tempo, uma vigilância constante para assegurar a sobrevivência.

Mas agora, naquela região atrasada da selva do Peru, os perigos já não eram tão grandes. Embora sempre houvesse a possibilidade de tropas do governo surgirem de repente, disparando suas armas automáticas e fazendo perguntas depois, a maioria das outras pressões ficara reduzida ou ausente. Mas Miguel fora contratado para permanecer na selva — ou pelo menos em Nueva Esperanza, a pequena aldeia que alcançariam hoje — por um período indeterminado. Quando fora efetuado o acordo com o cartel de Medellín, o Sendero Luminoso assim exigira. Por que motivo? Miguel não sabia.

Também não sabia exatamente por que os prisioneiros haviam sido capturados e o que aconteceria, agora que se encontravam ali. Sabia apenas que deviam ser rigorosamente vigiados, que provavelmente era esse o motivo para sua permanência, já que possuía uma reputação de confiabilidade. Quanto ao resto, tudo estava presumivelmente nas mãos de Abimael Guzmán, o lunático delirante — como Miguel o julgava atualmente — que fundara o Sendero Luminoso e se considerava um imaculado Jesus maoísta.

Ele presumia, é claro, que Guzmán ainda vivia. Os rumores de que ele estava vivo ou morto afloravam com a mesma persistência — e inconfiabilidade — da chuva na selva.

Miguel detestava a selva. Detestava aquela umidade que impregnava tudo, a deterioração e o mofo... a sensação de confinamento, como se o mato impenetrável, de crescimento rápido, estivesse sempre tentando sufocar a tudo... a dissonância incessante de insetos até que se ansiava por uns poucos minutos de silêncio e alívio... a terrível legião de cobras silenciosas e insidiosas. E a selva era imensa: quase duas vezes o dobro da Califórnia e representando três quintos do Peru, embora apenas cinco por cento dos habitantes do país vivessem ali.

Os peruanos gostavam de proclamar que havia três Perus: a movimentada região costeira, mil e quinhentos quilômetros de cidades, comércio, praias; as montanhas andinas meridionais, seus picos magníficos

rivalizando com os Himalaias, a região perpetuando a história e tradição dos incas; e, finalmente, aquela selva, a região amazônica, dominada pelos índios, selvagem e tribal. Miguel podia suportar e até mesmo desfrutar as duas primeiras regiões. Nada, no entanto, seria capaz de mudar sua aversão à terceira. A selva era asquerosa.

Seus pensamentos voltaram ao Sendero Luminoso -o "Caminho Brilhante" para a revolução, o nome tirado dos textos do falecido filósofo marxista peruano José Carlos Mariátegui. Em 1980, Abimael Guzmán enveredara por esse caminho, depois de se ungir como "a quarta espada da revolução mundial", considerando que seus antecessores eram Marx, Lenin e Mao Tsé-tung. Todos os outros revolucionários eram desprezados por Guzmán como pálidos charlatães, os rejeitados incluindo todos os sucessores soviéticos de Lenin e Castro de Cuba. Os guerrilheiros do Sendero Luminoso acreditavam que derrubariam o governo existente e predominariam em todo o Peru. Mas não rapidamente. O movimento dizia contar o tempo em décadas, não em anos. Contudo, o Sendero já era grande e forte, seu corpo de líderes e poder aumentando; Miguel esperava que a derrubada do governo ocorresse ainda em sua vida.

Mas não daquela abominável selva.

Por enquanto, Miguel tinha de aguardar ali as instruções sobre os prisioneiros, instruções que provavelmente partiriam de Ayacucho, uma pequena cidade histórica nos contrafortes dos Andes, em que o Sendero exercia um controle quase total. Não que Miguel se importasse com quem dava as ordens, desde que alguma, envolvendo ação, o alcançasse em breve.

Mas agora o Rio Huallaga surgia diretamente à frente — uma súbita abertura na paisagem opressiva da selva. Miguel parou para contemplá-lo.

Largo e turvo, com uma coloração laranja-marrom do aluvião de laterita dos Andes, o Huallaga seguia para seu encontro com o Rio Maranon, a quinhentos quilômetros de distância, e pouco depois se fundia com o poderoso Amazonas. Séculos antes, exploradores portugueses haviam batizado todo o complexo do Amazonas de O Rio Mar.

Ao chegarem mais perto, Miguel pôde avistar dois barcos de madeira, cada um com cerca de dez metros de comprimento e dois motores de popa, ancorados perto da margem.

Gustavo, líder da pequena força que os recebera na pista de pouso, estava dando ordens sobre o embarque das cargas levadas por seus homens. Também determinou como os passageiros nos barcos seriam divididos; os

prisioneiros viajariam no primeiro. Miguel balançou a cabeça em aprovação quando as instruções de Gustavo incluíram a colocação de dois guardas armados enquanto o embarque ocorria, uma precaução contra um súbito aparecimento de tropas do governo.

Satisfeito com o que estava sendo feito, Miguel não viu motivo para interferir. Retomaria o comando total em Nueva Esperanza.

Para Jessica, o rio ampliou o sentimento de isolamento que experimentava. Parecia-lhe uma abertura desolada para um mundo desconhecido, desligado do que ficava para trás. Impulsionados por armas, ela, Nicky e Angus avançaram pela água, na altura dos joelhos, para subirem num dos barcos. Depois de embarcarem, receberam ordens para sentar no fundo úmido, uma superfície plana, formada por tábuas, estendendo-se por cima da quilha. Era possível se recostarem, se assim quisessem, numa única tábua, transversal em cima do barco, mas isso apenas proporcionava uma opção entre duas posições desconfortáveis, nenhuma delas suportável por muito tempo.

Jessica notou nesse instante que Nicky empalideceu e subitamente foi sacudido por ânsias de vômito. Embora nada saísse de sua boca, à exceção de um pouco de catarro, o peito arfava. Jessica aproximou-se e amparou-o, ao mesmo tempo em que procurava desesperadamente por ajuda.

Percebeu que Cicatriz viera da margem e se encontrava ao lado do barco. Antes que Jessica pudesse falar, a mulher que ela observara várias vezes antes apareceu, e Cicatriz ordenou: — Dê mais água a todos... ao menino primeiro.

Socorro encheu com água uma caneca de estanho e entregou a Nicholas, que bebeu sofregamente; o tremor do corpo desapareceu. E, depois, ele balbuciou: — Estou com fome.

— Não há comida aqui — disse Baudelio. — Terá de esperar.

Jessica protestou: — Deve haver alguma coisa que ele possa comer!

Cicatriz não respondeu, mas a ordem que ele dera sobre a água tomava evidente a sua posição de médico. Jessica exclamou, em tom de acusação: — Você é médico!

— Isso não é da sua conta.

— E é americano — acrescentou Angus. — Preste atenção à voz.

A água parecia ter recuperado Angus, que se virou agora para Baudelio e indagou: — Não é verdade, seu miserável nojento? Não sente a menor vergonha?

Baudelio limitou-se a dar as costas, tratando de subir no outro barco.

— Por favor, estou com fome — insistiu Nicky. Ele virou-se para Jessica. — Tenho medo, mamãe.

Jessica, tomando a abraçá-lo, confessou: — Também tenho, querido.

Socorro, que ouvira tudo, parecia hesitar. Enfiando a mão na bolsa pendurada no ombro, tirou uma barra grande do chocolate Cadbury's. Sem dizer nada, rasgou o papel, partiu meia dúzia de quadrados e ofereceu dois a cada prisioneiro. Angus foi o último e sacudiu a cabeça — Dê minha parte ao menino.

Socorro soltou um resmungo de irritação e depois, impulsivamente, jogou toda a barra de chocolate no barco. Caiu aos pés de Jessica. Socorro afastou-se no mesmo instante, embarcando no segundo barco.

Alguns dos homens armados que haviam viajado no caminhão e percorrido a trilha na selva subiram no mesmo barco dos prisioneiros, e as duas embarcações partiram.

Jessica notou que outros homens na tripulação dos barcos também se achavam armados. Até mesmo os dois timoneiros, sentados à frente dos motores de popa, tinham rifles estendidos nos joelhos e pareciam preparados para usá-los. As possibilidades de escapar, mesmo que houvesse algum lugar para ir, pareciam inexistentes.

Enquanto os barcos subiam o rio, contra a correnteza, Socorro se enfurecia consigo mesma pelo que fizera. Esperava que ninguém mais tivesse percebido, porque dar aos prisioneiros aquele chocolate de qualidade, que não se encontrava no Peru, fora um sinal de fraqueza, de total compaixão — um sentimento desprezível numa revolucionária.

O problema era que ela tinha momentos de vacilação interior, um cabo—de— guerra psíquico.

Menos de uma semana antes, Socorro lembrara a si mesma a necessidade de se precaver contra as emoções banais. Fora na noite seguinte ao sequestro, quando a mulher, o menino e o velho estavam inconscientes no quarto no segundo andar da casa em Hackensack, convertido em enfermaria. Na ocasião, Socorro esforçava-se ao máximo para odiar os cativos — rebotalho da burguesia rica, como os classificara mentalmente e ainda o fazia. Mas o ódio tivera de ser imposto nessa ocasião, e mesmo agora, ela pensou para seu descrédito, o mesmo parecia acontecer.

Algumas horas antes, na cabana ao lado da pista de pouso, quando a mulher Sloane fizera uma pergunta depois que Miguel ordenara silêncio, Socorro deliberadamente a esbofeteara com força, fazendo-a cambalear de um lado para outro. Na ocasião, achando que Miguel observava, Socorro apenas tentara

demonstrar seu apoio. Contudo, momentos depois, sentira-se envergonhada pelo que fizera. Envergonhada! Não deveria se sentir assim.

Socorro disse a si mesma: devia ser resoluta, deixando para trás, de uma vez por todas, as lembranças daquelas coisas de que gostara — correção: fora induzida a gostar — durante os três anos que passara nos Estados Unidos. Tinha de odiar, odiar, odiar os Estados Unidos. E aqueles prisioneiros também.

Pouco depois, enquanto o rio e suas margens desabitadas de densa folhagem passavam, Socorro cochilou. Cerca de três horas após a partida, os barcos diminuíram a velocidade, deixaram o rio principal e entraram num afluente menor. As margens foram se comprimindo e se elevavam íngremes à medida que os barcos avançavam. Aproximavam-se de Nueva Esperanza, presumiu Socorro; ali, ela assegurou a si mesma, haveria de se fortalecer e ressuscitar seu fervor radical.

Baudelio, observando o outro barco seguir na frente por um vale transversal ao Rio Huallaga, concluiu que a viagem estava quase terminando e sentiu-se contente por isso. Seu tempo com aquele projeto também chegava ao fim, e ele esperava voltar a Lima muito em breve.

Haviam-lhe prometido isso, assim que os cativos fossem entregues ali em boa saúde. E eles mantinham a saúde, mesmo naquele calor úmido e horrível.

Como se o pensamento de umidade provocasse, o céu por cima se tornou escuro de repente, um cinza sombrio, uma torrente de chuva caiu em lençóis, encharcando tudo à vista. Embora um atracadouro pudesse ser avistado à frente, com diversos barcos presos ali e outros na praia, ainda restavam vários minutos para atracarem. Tanto cativos como captores não tinham mais nada para fazer além de sentar e esperar, sob a chuva.

Baudelio estava indiferente à chuva, assim como se mantinha indiferente a praticamente tudo que lhe acontecia agora — por exemplo, os insultos do velho e da mulher Sloane. Havia muito que deixara de se importar com essas coisas, e quaisquer sentimentos humanos que pudesse ter pelas pessoas de quem tratava como médico haviam desaparecido muitos anos antes.

O que realmente desejava naquele momento era um trago — vários tragos; na verdade, Baudelio queria se embriagar o mais depressa possível. Embora continuasse a tomar as pílulas de Antabus que tomavam impossível ingerir álcool sem passar violentamente mal — Miguel ainda exigia que o ex-médico alcoólatra engolisse uma pílula em sua presença todos os dias —, Baudelio tencionava suspender o medicamento no instante em que se separasse de Miguel, o que para ele já não era sem tempo.

Outra coisa que Baudelio queria era sua mulher em Lima. Sabia que ela não prestava, fora prostituta, era uma bêbada como ele, mas nos detritos sórdidos de sua vida desmoronada, a mulher era tudo que tinha, e sentia a maior saudade. A solidão era o motivo para o uso ilícito, uma semana antes, de um dos telefones celulares, ligando para a mulher da casa em Hackensack. Desde o telefonema, contra as ordens de Miguel, Baudelio se preocupara muito, temendo que o outro descobrisse. Mas a ligação aparentemente passou despercebida, pelo que se sentia aliviado.

Ah, como precisava de um trago!

9

O chocolate, embora não fosse um substituto duradouro para comida de verdade, ajudara.

Jessica não desperdiçou esforço mental especulando por que a mulher de cara azeda deixara tão impetuosamente uma barra de chocolate, além de registrar que se tratava de uma pessoa de ânimo imprevisível. Em vez de meditar a respeito, limitou-se a esconder o chocolate num bolso do vestido, mantendo-o fora de vista dos homens armados a bordo.

Enquanto viajavam rio acima, deu a maior parte do chocolate a Nicky, mas comeu um pouco e também insistiu para que Angus se alimentasse. Era importante, ela ressaltou, mantendo a voz baixa, que todos preservassem as forças — que obviamente diminuíam desde a viagem de caminhão, a marcha extenuante pela selva e agora as várias horas no barco.

Quanto ao período em que os três haviam ficado inconscientes, Jessica compreendia que havia uma pista no crescimento da barba de Angus. Não notara antes, mas os pêlos grisalhos em seu rosto estavam surpreendentemente compridos. Quando ela comentou isso, Angus tateou o rosto e calculou que quatro ou cinco dias haviam passado desde que fizera a barba pela última vez.

Talvez isso não fosse importante agora, mas Jessica ainda tentava absorver todas as informações que podia, um motivo para que tentasse permanecer alerta durante a viagem pelo rio.

Não havia muito para ver, exceto árvores enormes e densa folhagem nas duas margens, o próprio rio, sinuoso, quase nunca em linha reta. Em diversas ocasiões, pequenas canoas se tomaram visíveis a distância, mas nenhuma se aproximou.

Durante toda a viagem, Jessica foi atormentada por uma coceira constante. Antes, na cabana em que recuperara a consciência, sentada no chão de terra, sentira insetos rastejando por seu corpo. Percebia agora que eram pulgas, que haviam permanecido com ela e a picavam com persistência. Mas a não ser tirando as roupas, não havia como removê-las. Esperava que houvesse bastante água no lugar para onde estavam sendo levados, a fim de poder se livrar daqueles insetos enervantes.

Como todos os outros, Jessica, Nicky e Angus ficaram encharcados pela chuvarada pouco antes de atracarem em Nueva Esperanza Mas quando o barco se aproximava depressa de um tosco atracadouro de madeira, a chuva cessou tão subitamente quanto começara; e no mesmo instante todos os três se sentiram desesperados, ao avistarem o lugar horrível à frente.

Além de um caminho lamacento, partindo da margem do rio, havia uma série de habitações dilapidadas, cerca de duas dúzias no total, algumas meras choupanas, construídas em parte com caixotes velhos e ferro corrugado enferrujado, complementadas por bambu. A maioria não tinha janelas, mas duas exibiam o que pareciam ser pequenas lojas. Os telhados de colmo indicavam o abandono, alguns com enormes buracos. Latas descartadas e outros refugos espalhavam-se pela área ao redor. Umas poucas galinhas esqueléticas corriam de um lado para outro. A um lado, um cachorro morto era devorado por urubus.

Poderia haver algo melhor mais adiante? A resposta desoladora surgiu quando avistaram uma estrada tosca, agora lamacenta, saindo do povoado. Subia por uma encosta, e nos lados, além das poucas casas já à vista, não havia coisa alguma além dos paredões da selva. A estrada desaparecia no topo da colina.

Mais tarde, Jessica e os outros saberiam que Nueva Esperanza era basicamente uma aldeia de pescadores, embora o Sendero Luminoso a usasse de vez em quando para propósitos que a organização queria ocultar.

— Vánse a tierra! Muévanse! Apúrense! — gritou Gustavo para os prisioneiros, fazendo sinais para que deixassem o barco.

Desolados, temendo qualquer coisa que estivesse para acontecer, Jessica e os outros obedeceram.

E o que aconteceu poucos minutos depois foi ainda pior do que haviam temido.

Escoltados por Gustavo e mais quatro homens armados pelo caminho lamacento, foram metidos na cabana mais distante do rio. Lá dentro, seus olhos demoraram alguns momentos para se ajustarem à semiescuridão. Quando isso aconteceu, Jessica soltou um grito angustiado.

— Oh, Deus, não! Não podem nos meter aqui! Não em jaulas, como animais! Por favor, não! Ela divisara na parede do outro lado três celas pequenas. Bambus finos e fortes, presos firmemente, eram substitutos para barras de ferro. Além disso, havia uma tela pregada entre cada cela, impedindo o contato físico entre os ocupantes ou que alguma coisa fosse passada de uma para outra. Na frente de cada cela havia uma porta presa por uma única barra de ferro, com um pesado cadeado.

Dentro de cada cela havia uma cama baixa de madeira e um colchão fino e sujo, ao lado da cama um balde de metal, presumivelmente servindo como latrina. O cheiro era horrível.

Enquanto Jessica suplicava e protestava, Gustavo agarrou-a. Embora ela continuasse a se debater, as mãos do homem eram como aço. Empurrando-a para a frente, ele ordenou: — Vete para adentro! — E depois acrescentou, num inglês hesitante: — Entre aí!

"Aí" era a cela mais longe da porta externa da cabana. Com um empurrão vigoroso, Gustavo lançou Jessica contra a parede no outro lado. Enquanto ela caía, a porta da cela foi fechada, e ela pôde ouvir o estalido metálico do cadeado. No lado oposto da cabana ela escutou Angus lutar e protestar também, até ser subjugado, empurrado para dentro, o cadeado sendo fechado. Na cela ao lado da sua, Jessica ouviu Nicky chorar.

Lágrimas de raiva, frustração e desespero escorriam por suas faces.

10

Uma semana e meia se passara desde que os sessenta recrutas temporários foram acionados pela CBA para efetuar um estudo dos jornais locais da região, procurando pela base de operações que os sequestradores da família Sloane poderiam ter usado. Mas nenhum progresso fora alcançado, também não houvera novidades em outras áreas.

O FBI, embora não dissesse expressamente, encontrava-se num beco sem saída, não tinha nada de novo a revelar. A CIA, que segundo os rumores estaria envolvida agora, recusava-se a fazer qualquer declaração.

O que todos esperavam, ao que parecia, era alguma palavra dos sequestradores, provavelmente acompanhada por exigências. Mas até agora isso não acontecera.

A história do sequestro ainda tinha destaque no noticiário, embora na tevê deixasse de ser a matéria principal, e nos jornais geralmente saísse numa página interna.

Apesar da aparente diminuição do interesse público, não havia escassez de especulações. Nos meios de comunicação, parecia haver uma convicção crescente de que as vítimas do sequestro haviam sido retiradas do país e se encontravam no exterior. Quanto ao paradeiro exato, a maioria das hipóteses se concentrava no Oriente Médio.

Apenas na CBA havia indicações em contrário. Por causa da identificação pela força-tarefa especial de um terrorista colombiano, Ulises Rodríguez, como um participante do sequestro e possivelmente o líder da quadrilha, a América Latina tomara-se o foco da atenção. Infelizmente, nenhum país específico fora determinado como a base dos sequestradores.

Para surpresa de todos os envolvidos, o conhecimento da ligação de Rodríguez permaneceu exclusivo da CBA. Esperava-se que a descoberta fosse rapidamente alcançada pelas outras redes e jornais, a informação se tomando pública; mas embora isso ainda pudesse ocorrer a qualquer momento, por enquanto não acontecera. Havia mesmo alguma apreensão na CBA pelo fato da divisão de jornalismo continuar a ocultar do FBI a informação sobre Rodríguez.

Enquanto isso, a CBA, mais do que as outras redes, mantinha agressivamente em destaque a história do sequestro, usando uma técnica emprestada da rival CBS. Durante a crise dos reféns no Irã em 1979-81, Walter Cronkite, então o âncora do noticioso noturno da CBS, concluía cada

transmissão com as seguintes palavras: — Hoje é (a data), o (...) dia do cativeiro de reféns americanos no Irã. (O número de dias chegou a 444.) Como Barbara Matusow, historiadora e consciência da televisão, ressaltou em seu livro *The Evening Stars*, Cronkite tornou "uma decisão de que os reféns... eram tão importantes que o foco da atenção nacional não devia se desviar deles sequer por uma noite".

Da mesma forma, Harry Partridge, ainda desempenhando o papel de apresentador de qualquer coisa relativa ao sequestro da família Sloane, agora começava: — Neste (o número) dia desde o brutal sequestro da esposa, filho e pai do âncora da CBA, Crawford Sloane...

E depois seguia a notícia. Como uma questão de política, aprovada por Les Chippingham e combinada pelo produtor executivo Chuck Insen, havia sempre uma referência ao sequestro em cada noticioso, mesmo para registrar apenas a ausência de novidades.

Mas numa manhã de quarta-feira, dez dias após começar a busca de jornais locais, ocorreu um evento que tornou a acelerar as coisas na CBA. Acabou com a inatividade que frustrara todos os integrantes da força-tarefa especial.

Harry Partridge estava em sua sala na ocasião. Levantou os olhos para se deparar com Teddy Cooper na porta, e por trás Jonathan Mony, o jovem negro que lhe causara uma impressão tão forte quando os pesquisadores temporários se reuniam.

— Talvez tenhamos alguma coisa, Harry — anunciou Cooper.

Partridge acenou para que os dois entrassem.

— Jonathan vai lhe contar. — Cooper gesticulou para Mony. — Pode falar.

— Fui ontem a um jornal em Astoria, Sr. Partridge — começou Mony, confiante. — Fica em Queens, perto de Jackson Heights. Fiz todas as coisas que mandou, nada encontrei.

Ao sair, avistei o escritório de um semanário de língua espanhola chamado Semana. Não constava da lista, mas fui até lá assim mesmo.

— Fala espanhol?

Mony balançou a cabeça. — E muito bem. Pedi para dar uma olhada nos números atrasados do período que procuramos, e eles deixaram. Não encontrei nada, mas quando saía, eles me deram o último número. Levei para casa e dei uma olhada ontem à noite.

— E me trouxe isto esta manhã — acrescentou Cooper. Ele mostrou um tabloide, que abriu na mesa de Partridge. — Aqui está uma coluna que achamos que vai interessá-lo, com uma tradução feita por Jonathan.

Partridge deu uma olhada no jornal e depois leu a tradução, datilografada numa única folha:

Vocês não imaginariam, mas algumas pessoas compram caixões assim como compramos queijo na padaria. É verdade; perguntem a Alberto Godoy, da Agência Funerária Godoy.

Parece que o cara simplesmente passou pela porta e comprou dois caixões, sem mais aquela, na base de quero aqueles-dois-ali-na-prateleira, um normal, outro pequeno.

Explicou que queria para o pai e mãe, o pequeno para a mãe. O que acham disso como uma insinuação para os velhos? "Está na hora de bater as botas, papai e mamãe, a festa acabou!" Não, não parem de ler, pois há mais. Na semana passada, isto é, seis semanas depois da primeira compra, o mesmo cara voltou, queria outro caixão como antes, do tamanho normal. Pagou em dinheiro e levou-o, como fizera com os outros dois. Não disse para quem era. Eu fico me perguntando se é à esposa que ele está enganando.

E lhes digo que há alguém que não se importa com isso: Alberto Godoy. Ele está sempre pronto e ansioso por mais negócios assim.

— E tem mais — disse Cooper, — Há poucos minutos telefonamos para o escritório de *Semana*. Jonathan falou e tivemos sorte. O cara que escreveu a coluna estava lá.

— E ele me disse que escreveu essa matéria que acabou de ler uma semana antes da última sexta-feira — informou Mony. — Encontrou Godoy num bar, no mesmo dia em que ele vendeu o terceiro caixão.

— Ou seja, logo depois do sequestro, no dia seguinte mesmo — acrescentou Cooper.

— Esperem um pouco — pediu Partridge. — Não falem. Deixem-me pensar.

Os outros ficaram em silêncio, e ele se pôs a refletir.

Permaneça calmo, disse a si mesmo. Não se deixe arrebatar! Mas as possibilidades eram inegáveis: os primeiros dois caixões, adquiridos seis semanas antes do sequestro, apenas um pouco à frente da vigilância calculada de um mês da família Sloane e dentro do prazo máximo de três meses da operação, também calculado pela força-tarefa.

Havia também o tamanho dos dois caixões: um normal, outro pequeno, o segundo supostamente para uma velha, mas que podia ser também para um garoto de onze anos.

E depois o terceiro caixão — segundo o jornal, de tamanho normal. Um fato confirmado: o pai de Crawf, o velho Angus, chegara na casa de modo virtualmente inesperado, tendo telefonado só no dia anterior. Portanto, se a família não o esperava, o mesmo acontecia com os sequestradores. Mas haviam-no capturado mesmo assim, levando-o com Jessica e o garoto. Três cativos em vez de dois.

Perguntas: os sequestradores já dispunham de dois caixões? A presença do velho foi o motivo para comprarem um terceiro? Seria para ele o caixão extra adquirido na Agência Funerária Godoy no dia seguinte ao sequestro? Ou toda a coisa não passava de uma incrível coincidência? Podia ser. Ou não.

Partridge levantou os olhos para os outros dois, que o fitavam atentamente.

— Levanta algumas indagações, não é mesmo? — murmurou Cooper.

— Você acha...

— O que eu acho é que talvez tenhamos descoberto a maneira como a Sra. Sloane e os outros foram retirados do país.

— Em caixões? Acredita que estavam mortos?

Cooper sacudiu a cabeça.

— Drogados. Isso já foi feito antes.

A declaração confirmava o que Partridge já estava pensando. — O que acontece agora, Sr. Partridge?

A pergunta era de Mony.

— Entrevistaremos o agente funerário o quanto antes... — Partridge olhou para a tradução datilografada, a que fora acrescentada o endereço da agência funerária. — Godoy... Eu mesmo cuidarei disso.

— Eu gostaria de acompanhá-lo.

— Acho que ele mereceu, Harry — exortou Cooper.

— Eu também acho. — Partridge sorriu para Mony. — Bom trabalho, Jonathan.

O jovem pesquisador ficou radiante.

Partiriam imediatamente e levariam um cinegrafista, decidiu Partridge. Ele instruiu Cooper: — Creio que Minh Van Canh está na sala de reuniões. Diga a ele para pegar seu equipamento e nos acompanhar.

Enquanto Cooper se retirava, Partridge pegou um telefone e pediu um carro da rede.

Na saída, passando pela redação principal, ele e Mony encontraram Don Kettering, o responsável pelo noticiário econômico da CBA. Quando a notícia do sequestro da família Sloane estourara, fora Kettering o homem designado para o estúdio de emergência, tomando-se o primeiro a entrar no ar com a matéria. Ele perguntou agora: — Alguma novidade, Harry?

Impecavelmente vestido, num terno marrom, o bigode fino aparado com perfeição, Kettering, como sempre, parecia um próspero executivo.

Partridge já ia dar uma resposta superficial e seguir adiante apressado, mas hesitou. Respeitava Kettering não apenas como um especialista, mas também como um repórter de primeira classe. Com sua experiência, Kettering podia se sentir mais à vontade do que Partridge com o assunto que estavam prestes a enfrentar.

— Aconteceu algo, Don. O que está fazendo agora?

— Não muita coisa. Wall Street está quieta hoje. Precisa de alguma ajuda?

— É possível. Venha conosco. Explicarei no caminho.

— Deixe-me só avisar na Ferradura. — Kettering pegou um telefone na mesa mais próxima. — Irei logo.

Um jipe Wagoneer da rede chegou à entrada principal da sede da CBA menos de um minuto depois que Partridge, Mony e Minh Van Canh saíram para a calçada. O cinegrafista instalou-se no banco traseiro com seu equipamento, Mony ajudando. Partridge sentou na frente, ao lado do motorista. Enquanto a porta da frente era batida, Don Kettering chegou e espremeu-se atrás.

— Estamos indo para Queens — disse Partridge ao motorista. Ele trouxera o exemplar de *Semana* e a tradução de Mony e o endereço da Agência Funerária Godoy. Fazendo uma rápida curva em U e virando para leste, o motorista seguiu na direção da Ponte Queensboro.

— Don — disse Partridge, virando-se no banco —, aqui está o que sabemos e especulamos...

Vinte minutos mais tarde, na sala atravancada e enfumaçada de Alberto Godoy, Harry Partridge, Don Kettering e Jonathan Mony defrontavam-se com o obeso e calvo agente funerário, no outro lado da mesa. O trio simplesmente entrara, depois de resistir às perguntas de uma recepcionista.

Por instruções de Partridge, Minh Van Canh permanecera lá fora, no jipe Wagoneer. Se houvesse necessidade de imagens, seria chamado mais tarde.

Enquanto isso, do veículo, ele discretamente filmava a agência funerária.

De trás de seu cigarro aceso habitual, o agente funerário examinou os visitantes, desconfiado. Por sua vez, eles já haviam avaliado o estabelecimento miserável, as feições inchadas de Godoy, que sugeriam muita bebida, e as manchas de comida no paletó preto e calça listrada. Não era uma agência funerária de qualidade e provavelmente também não era dirigida de forma escrupulosa.

— Sr. Godoy — disse Partridge —, como avisei à sua recepcionista lá fora, somos todos da CBA.

A expressão de Godoy se tornou interessada. — Já não o vi antes na tela? Falando da Casa Branca?

— Esse é John Cochran; as pessoas às vezes nos confundem. Ele trabalha para a NBC. Sou Harry Partridge.

Godoy bateu com a mão no joelho.

— É quem está dando todas aquelas notícias do sequestro!

— Isso mesmo... e é esse em parte o motivo para a nossa presença aqui. Podemos sentar?

Godoy gesticulou para as cadeiras. Partridge e os outros se acomodaram. Mostrando o exemplar de *Semana*, Partridge disse: — Posso lhe pedir para dar uma olhada nisto?

Godoy assumiu uma expressão furiosa.

— Aquele filho da puta bisbilhoteiro! Ele não tinha o direito de publicar uma coisa que apenas ouviu, que não lhe foi dita diretamente!

— Então já viu o jornal e sabe o que contém.

— Claro que sei. E qual é o problema?

— Agradeceríamos se respondesse a algumas perguntas, Sr. Godoy. Primeiro, qual era o nome do homem que comprou os caixões? Como era ele? Pode descrevê-lo para nós?

O agente funerário sacudiu a cabeça.

— Tudo isso são meus negócios particulares.

— É importante. — Deliberadamente, Partridge mantinha a voz baixa e cordial. — É até possível que haja alguma ligação com algo que acabou de mencionar... o sequestro da família Sloane.

— Não sei como poderia haver. — Uma pausa, e Godoy acrescentou, obstinado: — De qualquer forma, é um assunto particular, não vou falar nada. E se não se importam, tenho muito trabalho para fazer agora.

Don Kettering falou pela primeira vez: — O que me diz dos preços que cobrou pelos caixões, Godoy? Não quer nos revelar quanto foi?

O rosto do agente funerário ficou vermelho. — Quantas vezes terei de dizer a vocês? Eu cuido da minha vida, vocês cuidam das suas!

— Muito bem, faremos isso — disse Kettering. — Por exemplo, faremos com que seja da nossa conta sair daqui diretamente para a coletoria de impostos da cidade de Nova York. Embora esteja dito aqui... — ele tocou no exemplar de *Semana* — ...que você recebeu em dinheiro pelos três caixões, estou convencido de que pagou direitinho o imposto de vendas de Nova York, o que será uma questão de registro público, inclusive o nome do comprador.

Kettering virou-se para Partridge. — Harry, por que não deixamos esse homem que se recusa a cooperar e procuramos agora o pessoal da coletoria?

Godoy, que um momento antes empalidecera, agora balbuciou: — Ei, esperem um pouco!

Kettering fitou-o, com uma expressão inocente.

— Pois não?

— Talvez eu...

— Talvez você não tenha pago o imposto, comunicado a venda, mas posso apostar que não se esqueceu de cobrar.

A voz de Kettering se tomara áspera; abandonando qualquer simulação de cordialidade, ele inclinou-se para a frente, sobre a mesa do agente funerário. Partridge, que nunca vira antes o correspondente econômico em ação desse jeito, sentiu a maior satisfação por tê-lo trazido.

11

— Preste muita atenção, Godoy — continuou Kettering. — Uma rede como a nossa tem muita influência, e vamos usá-la se for necessário, ainda mais porque neste momento estamos lutando por um dos nossos... contra um crime sórdido, o sequestro de sua família. Precisamos de resposta a perguntas bem depressa, e se nos ajudar, tentaremos ajudá-lo também, não revelando o que não é importante para nós, como sonegação de impostos... provavelmente também trapaceou a Receita Federal. Mas se não recebermos respostas honestas, traremos para cá, ainda hoje, o FBI, a polícia de Nova York, o pessoal da coletoria municipal e da Receita Federal. Portanto, escolha. Pode tratar conosco ou com eles.

Godoy passava a língua pelos lábios.

— Responderei a todas as perguntas que me fizerem. A voz soou tensa. Kettering balançou a cabeça.

— Sua vez, Harry.

— Sr. Godoy — disse Partridge —, quem comprou os caixões?

— Ele disse que seu nome era Novack. Não acreditei.

— Provavelmente estava certo. Sabe alguma coisa a respeito do homem?

— Não.

Partridge enfiou a mão no bolso.

— Vou lhe mostrar um retrato. Quero que me diga se reconhece o homem.

Ele estendeu uma fotocópia do desenho a carvão de Ulises Rodríguez, feito há vinte anos antes.

Sem hesitação, Godoy declarou: — É ele. Esse é Novack. Está mais velho do que no retrato...

— Sabemos disso. Tem certeza absoluta?

— Tenho sim. Vi-o duas vezes. Ele sentou no mesmo lugar em que você está agora.

Pela primeira vez desde que começara o fluxo de acontecimentos daquele dia, Partridge experimentou um ímpeto de satisfação. Mais uma vez a força-tarefa especial alcançara uma abertura na investigação. Havia uma ligação positiva entre os caixões e o sequestro. Olhando para Kettering e Mony, constatou que ambos pensavam a mesma coisa.

— Vamos reconstituir a conversa que teve com Novack — disse ele a Alberto Godoy. — Desde o início.

Durante as perguntas e respostas subsequentes, Partridge arrancou tudo que podia do agente funerário. Ao final, porém, não era muita coisa, e ficou evidente que Ulises Rodríguez adotara a precaução de não deixar qualquer pista. Partridge perguntou a Kettering: — Mais alguma coisa, Don?

— Algumas.

Kettering virou-se para Godoy.

— Sobre o dinheiro com que Novack lhe pagou... Creio que disse ter recebido, somadas as duas vendas, quase dez mil dólares, principalmente em notas de cem. Certo?

— Certo.

— Alguma coisa especial nas notas?

Godoy sacudiu a cabeça.

— O que pode haver de especial em dinheiro, a não ser que é dinheiro?

— Eram notas novas?

O agente funerário pensou por um instante. — Algumas podiam ser, mas não a maioria.

— O que aconteceu com todo esse dinheiro?

— Acabou. Usei, gastei, paguei algumas contas. — Godoy deu de ombros. — Hoje em dia o dinheiro desaparece depressa.

Jonathan Mony ficara observando atentamente o agente funerário durante o interrogatório. Antes, quando começara a conversa sobre dinheiro, percebera um certo nervosismo de Godoy. Tinha a mesma impressão agora. Ele escreveu uma mensagem num bloco de anotações e passou-a a Kettering. A mensagem dizia: Ele está mentindo, ainda sobrou algum dinheiro. Tem medo de nos contar porque ainda se preocupa com os impostos de vendas e renda.

Kettering leu o bilhete, balançou a cabeça quase imperceptivelmente e devolveu-o. Falando suave, ao mesmo tempo se levantando como se fosse embora, ele perguntou a Godoy: — Há mais alguma coisa de que se lembre e que poderia nos ser útil?

Kettering virou-se ao concluir. Godoy, agora relaxado e confiante, obviamente querendo que aquilo terminasse logo, respondeu: — Não há mais nada.

Kettering tornou a se virar, bruscamente. O rosto contorcido, vermelho de raiva, ele avançou para a mesa, inclinou-se e agarrou o agente funerário pelos ombros.

Puxando-o até que os rostos quase encostavam, gritou: — Você é um mentiroso sem-vergonha, Godoy! Ainda tem uma parte do dinheiro. E como não quer nos mostrar, veremos se a Receita Federal pode dar um jeito de vê-lo. Eu lhe disse que não chamaríamos ninguém se nos ajudasse. Pois isso agora está acabado.

Kettering empurrou Godoy para a cadeira, tirou um caderninho de telefones do bolso e puxou o telefone.

Godoy gritou: — Não! — Ele arrancou o telefone da mão de Kettering, balbuciando, ofegante: — Miserável! Está bem, vou mostrar.

— Esta é a última vez que brincamos — disse Kettering. — Depois disso...

Godoy, de pé, já estava removendo um diploma emoldurado de embalsamador da parede por trás da mesa. Apareceu um cofre. O agente funerário girou a combinação.

Poucos minutos depois, enquanto os outros observavam, Kettering examinou o dinheiro que Godoy tirara do cofre — quase quatro mil dólares. Durante a inspeção, ele verificou atentamente os dois lados de cada nota, separando-as em três pilhas, duas pequenas, a terceira maior. Ao final, empurrou a pilha maior na direção de Godoy e apontou para as duas restantes.

— Precisamos levar estas notas emprestadas. Daremos um recibo em nome da CBA. Pode anotar os números de série, se quiser. O Sr. Partridge e eu assinaremos o recibo. Garanto pessoalmente que terá todo o dinheiro de volta dentro de 48 horas, sem mais perguntas.

Godoy murmurou, relutante: — Acho que está bem assim.

Kettering gesticulou para que Partridge e Mony dessem uma olhada nas duas pilhas pequenas de notas. Eram todas de cem dólares.

— Muitas pessoas se mostram cautelosas com as notas de cem dólares, com receio de que sejam falsificadas — explicou Kettering. Por isso escrevem com frequência nelas, indicando sua procedência. Por exemplo, se você aluga um carro e paga com notas de cem dólares, a Hertz ou qualquer outra anota o número do contrato em cada nota, o que significa que poderá determinar sua origem mais tarde, se for falsificada. Pelo mesmo motivo, os caixas de banco anotam o nome do depositante ou o número da conta nas notas de cem dólares.

— Já vi esses registros centenas de vezes e sempre me perguntei o que significavam — comentou Partridge.

— Não é o meu caso — interveio Mony. — Esse tipo de nota não chega ao meu bolso.

Kettering sorriu. — Pois continue na tevê, garoto. Com o tempo, vai acabar acontecendo. — Uma pausa, e ele acrescentou: — Todas essas marcas nas notas são ilegais, é claro. Desfigurar o dinheiro é crime, embora raramente alguém seja condenado por isso, se é que tal acontece. Seja como for, o que temos nesta pilha são números, e na outra, nomes. Se quiser, Harry, mostrarei as notas a amigos em bancos, que poderão reconhecê-las e verificar nos computadores. Quanto aos nomes, tentarei localizar pela lista telefônica quem tinha essas notas de cem dólares e as usou.

— Creio que percebo a ideia geral — disse Partridge. — Mas mesmo assim, Don, gostaria que me explicasse exatamente o que vamos procurar.

— Bancos. Qualquer informação que obtivermos nos levará a bancos, que em algum momento receberam estas notas; talvez alguém num banco tenha escrito os números e nomes. Se tivermos uma sorte excepcional, poderemos identificar o banco que manipulou todo esse dinheiro e o transferiu a um cliente.

— Já entendi — disse Mony. — O dinheiro foi dado aos sequestradores, que o usaram para comprar os caixões do Sr. Godoy.

Kettering confirmou com a cabeça.

— Exatamente. Claro que é muito difícil, mas se der certo, saberemos que banco os sequestradores usaram e onde provavelmente tinham uma conta. — Ele deu de ombros.

— Depois que descobrirmos isso, Harry, sua investigação continuará desse ponto em diante.

— Sensacional, Don! — exclamou Partridge. — Temos nos dado bem até agora com mínimas possibilidades.

Olhando para o exemplar de *Semana* que os levara até ali, ele recordou as palavras de Tio Arthur quando começara a busca nos jornais locais: "A coisa com esses tiros no escuro é que quase nunca se encontra exatamente o que se procura, mas é bem provável que se tropece em algo que ajudará de maneira diferente."

As tensões diminuíam na sala de Alberto Godoy.

Agora que as exigências dos visitantes da tevê estavam satisfeitas e a ameaça fora removida, o agente funerário relaxou. Afinal, lembrou ele a si mesmo, nada fizera de ilegal ao vender os três caixões a Novack ou qualquer que fosse o seu nome verdadeiro. Era verdade que desconfiara do homem nas duas ocasiões em que ele aparecera e não acreditara em uma só palavra de sua falsa história sobre o motivo para querer os caixões. Mas como poderia saber que os malditos caixões seriam usados para um ato criminoso? Ninguém poderia provar o contrário. De jeito nenhum! As duas coisas que o preocuparam ao começar aquela reunião: não ter recolhido o imposto de vendas e ter manipulado os livros para que os dez mil dólares recebidos de Novack não aparecessem. Se o pessoal da Receita Federal descobrisse, ele estaria frito. Mas aqueles caras da tevê tinham prometido que não denunciariam nenhum dos dois golpes, e ele estava convencido de que cumpririam a palavra. Pelo que já ouvira, era assim, com esses acordos, que o pessoal da tevê obtinha muitas informações. E não podia deixar de admitir, agora que tudo acabara, que aprendera alguma coisa observando-os em ação. Mas de uma coisa tinha certeza: não falaria nada sobre hoje se aquele idiota bisbilhoteiro de *Semana* estivesse por perto.

— Se me der um papel — disse Don Kettering, apontando para as duas pilhas pequenas de notas ainda na mesa —, farei um recibo por este dinheiro que vamos levar.

Godoy abriu uma gaveta na mesa em que guardava coisas diversas, tirando um bloco de papel pautado. Quando já ia fechar a gaveta, viu uma folha única rasgada do bloco, com alguma coisa que ele próprio escrevera. Largara o papel ali fazia mais de uma semana e o esquecera até aquele momento.

— Ei, tem mais uma coisa aqui! Na segunda vez em que Novack apareceu...

— O que aconteceu? — indagou Partridge, bruscamente.

— Eu disse a vocês que ele estava num carro fúnebre Caddy, com outro cara guiando. Foi nele que levaram o caixão.

— Isso mesmo.

Godoy estendeu o papel.

— Esta era a placa do carro fúnebre. Anotei-a, guardei aqui, depois esqueci.

— Por que fez isso? — indagou Kettering.

— Talvez um pressentimento. — Godoy deu de ombros. — Isso tem importância?

— Não, não tem — respondeu Partridge. — De qualquer forma, obrigado. Vamos investigar.

Ele dobrou o papel e guardou num bolso, embora não estivesse esperançoso com os possíveis resultados. Lembrava que a placa do furgão Nissan na explosão em White Plains era fria e não levara a parte alguma. Ainda assim, qualquer pista tinha de ser investigada, não se podia desprezar nada.

Os pensamentos de Partridge se deslocaram para problemas mais específicos. Ele raciocinou que uma parcela ou a maior parte do que haviam descoberto, inclusive o envolvimento de Ulises Rodríguez, teria de entrar no ar em breve, quase que certamente nos próximos dias. Havia um limite para a quantidade de informação que podia ficar retida na CBA; a sorte os acompanhara até agora, mas poderia mudar a qualquer momento. Além disso, o ofício deles era o da notícia. Partridge sentiu seu excitamento aumentar com a perspectiva de noticiar os progressos, e decidiu que agora tinha de pensar em termos de apresentação.

— Sr. Godoy — disse ele —, podemos ter começado da maneira errada, mas sua ajuda nos foi muito útil. Que tal aparecer no ar, repetindo a maior parte do que nos contou?

A ideia de aparecer na tevê, ainda por cima numa rede, atraía Godoy. Mas depois ele compreendeu que publicidade o exporia a todos os tipos de

perguntas, inclusive sobre os impostos que tanto o haviam preocupado antes. Ele sacudiu a cabeça. — Não, obrigado.

Como se lesse seus pensamentos, Partridge sugeriu: — Não precisamos dizer quem é ou mostrar seu rosto. Podemos fazer o que chamamos de entrevista de silhueta, usando uma iluminação por trás para que os espectadores só vejam uma sombra. Podemos até disfarçar sua voz.

— Vai dar a impressão de que está saindo por um moedor de café — acrescentou Kettering. — Nem sua própria esposa conseguirá reconhecer. Vamos, Godoy, o que tem a perder? Temos esperando lá fora um cinegrafista que é um perito nessas coisas; e estará nos ajudando a resgatar aquelas pessoas sequestradas.

— Bom... — O agente funerário hesitou. — Prometem que será confidencial, não revelarão a ninguém?

— Prometo — declarou Partridge.

— Eu também — acrescentou Kettering. E Mony arrematou: — Pode contar comigo.

Kettering e Partridge trocaram um olhar, conscientes de que a promessa que faziam e cumpririam — à maneira honesta dos jornalistas, não importavam as consequências — poderia lhes causar problemas mais tarde. O FBI e outras agências oficiais poderiam protestar contra o sigilo, querendo saber de quem era a silhueta. Os advogados da rede teriam de cuidar disso; já tinham enfrentado outras confusões desse tipo.

Partridge lembrou-se de 1986, quando a NBC realizara uma entrevista muito procurada mas controvertida com o terrorista palestino Mohammed Abul Abbas. Depois, muitos críticos denunciaram a NBC, não apenas por fazer a entrevista, mas também por um acordo anterior — que a rede respeitara — de não revelar o local em que ocorrera.

Até mesmo algumas pessoas da mídia aderiram à campanha de protesto, embora em vários casos fosse óbvio que havia uma parcela de ciúme profissional. Enquanto a discussão fervilhava, um porta-voz do Departamento de Estado dos Estados Unidos ameaçara com intimações judiciais e interrogatório a equipe de tevê que fizera a entrevista; ao final, no entanto, nada acontecera. (O secretário de Estado na ocasião, George Shultz, limitara-se a dizer, quando indagado: "Acredito na liberdade de imprensa.") A verdade é que as redes de televisão, como todos sabiam, eram sob muitos aspectos sua própria lei. Por um lado, poucos departamentos governamentais ou políticos queriam enfrentá-las num litígio judicial. Além disso, o jornalismo no mundo livre, de um modo

geral, representava a transparência, liberdade e integridade. Claro que não era totalmente assim; os padrões ficavam abaixo do nível ideal com mais frequência do que deveriam, porque os jornalistas também eram humanos. Mas quando alguém se tomava um oponente inexorável do que o jornalismo representava, as possibilidades eram de que pertencia ao lado "sujo", não ao "limpo".

Enquanto Harry Partridge refletia sobre esses fundamentos de seu ofício, Minh Van Canh preparava o equipamento para gravar a entrevista com Alberto Godoy, que seria conduzida por Don Kettering.

Partridge sugerira que Kettering fizesse a entrevista, em parte porque era evidente que o homem queria continuar sua participação no sequestro da família Sloane — afinal, era um assunto que ocupava os corações e mentes de todos na divisão de jornalismo. Além disso, havia outros aspectos da história dos quais Partridge tencionava cuidar pessoalmente.

Já decidira que partiria para Bogotá, Colômbia, assim que pudesse. Apesar de partilhar a opinião de seu amigo repórter de rádio colombiano de que Ulises Rodríguez não estava no país, Partridge estava convencido de que chegara o momento de iniciar a busca na América Latina, e a Colômbia era o ponto de partida óbvio.

Minh Van Canh anunciou que estava pronto para começar. Poucos minutos antes, ao ser chamado lá fora e dar uma olhada pela agência funerária, Minh decidira realizar a entrevista no porão, onde os caixões se achavam em exposição. Por causa da iluminação especial, não se veria muita coisa da sala; apenas a parede por trás de Godoy se encontrava bem iluminada, com o entrevistado no escuro. Contudo, ao lado da silhueta de Godoy havia agora a de um caixão, um efeito engenhosamente macabro. O disfarce da voz do agente funerário seria providenciado mais tarde, na sede da CBA.

Não havia técnico de som presente naquele momento, e Minh usava o equipamento para um único homem, uma Betacam incorporando vídeo e áudio. Ele trouxera também um pequeno monitor e colocou-o de forma a que Godoy, agora sentado, pudesse observar exatamente o que a câmera via — uma técnica destinada a deixar o entrevistado, naquelas circunstâncias especiais, mais relaxado. Godoy não apenas estava relaxado, mas também divertido.

— Ei — ele disse a Kettering, sentado próximo, fora da câmera —, vocês são mesmo muito espertos!

Kettering, que tinha ideias próprias sobre a maneira como a entrevista deveria ser conduzida, limitou-se a exibir um pequeno sorriso, levantando os olhos das anotações que escrevera poucos minutos antes. A um sinal de cabeça

de Minh, ele começou, depois de reservar um tempo para a apresentação que seria gravada mais tarde, precedendo a entrevista.

— Qual foi sua impressão na primeira vez que viu o homem que sabe agora ser o terrorista Ulises Rodríguez?

— Nenhuma em especial. Pareceu-me um cara comum.

Mesmo sob disfarce, Godoy decidira, não ia admitir que desconfiara de Novack-Rodríguez.

— Por isso, não se preocupou ao lhe vender dois caixões inicialmente, e mais um depois?

A silhueta deu de ombros. — Por que deveria? Afinal, esse é o meu negócio.

— "Por que deveria?" — Repetindo as palavras de Godoy, Kettering conseguiu transmitir ceticismo. — Mas esse tipo de venda não é extremamente excepcional?

— Talvez... de certa forma.

— E como agente funerário, não providencia ou vende normalmente o que se costuma chamar de pacote... um funeral completo?

— Quase sempre, é verdade.

— Não é verdade que, antes dessas duas vendas ao terrorista Rodríguez, nunca tinha vendido caixões assim?

Kettering estava adivinhando, mas raciocinava que Godoy não saberia disso e não mentiria numa entrevista gravada.

— Acho que sim — murmurou Godoy.

A entrevista já não seguia os rumos que ele esperava. Na escuridão parcial, lançou um olhar furioso a Kettering, mas o jornalista insistiu: — Em outras palavras, a resposta é não, nunca havia vendido caixões assim antes.

O agente funerário alteou a voz. — Achei que não era da minha conta saber para que ele queria os caixões.

— Não pensou em procurar as autoridades, a polícia, por exemplo, e dizer algo assim: "Pediram-me para fazer uma coisa estranha, algo que nunca tinha acontecido antes, acho que gostariam de investigar essa pessoa." Não pensou nisso?

— Não, não pensei. Não havia motivo para isso.

— Porque não estava desconfiado?

— Exatamente. Kettering pressionou: — Se não estava desconfiado, então por que, na segunda vez em que foi visitado por Rodríguez, anotou

discretamente a placa do carro fúnebre que ele usou para levar o caixão, mantendo essa informação oculta até agora?

Godoy berrou, furioso: — Ei, escute aqui! Porque eu lhe disse uma coisa confidencial, isso não significa...

— Correção, senhor agente funerário! Não disse que coisa alguma era confidencial.

— Mas era a minha intenção.

— Há uma diferença e tanto. E, diga-se de passagem, também não disse que era confidencial a revelação, antes desta entrevista, de ter cobrado quase dez mil dólares pelos três caixões. Pelo tipo de caixões que descreveu, não era um preço alto?

— O cara que comprou não se queixou. Por que você deveria?

— Talvez ele não tivesse se queixado por bons motivos pessoais. — A voz de Kettering se tomara gelada e acusadora. — Não pediu esse preço excessivamente alto por saber que o homem pagaria; sabia durante todo o tempo que havia algo suspeito e podia se aproveitar da situação, arrancar algum dinheiro extra...

— Ei, não sou obrigado a ficar sentado aqui e ouvir todo esse lixo! Esqueça essa história de entrevista! Estou fora!

Irritado, Godoy levantou-se e afastou-se, o fio do microfone se esticando enquanto o fazia. O percurso levou-o para mais perto da Betacam; Minh, virando a câmera num reflexo, filmou seu rosto iluminado. Assim, Godoy violava sua própria confidencialidade. Haveria discussão mais tarde sobre o aproveitamento ou não dessa sequência.

— Seu miserável! — berrou Godoy para Kettering.

— Também não gosto de você — respondeu Kettering.

Godoy virou-se para Partridge.

— Cancelo o nosso acordo. — Ele apontou para a Betacam. Não vai usar isso. Entendido?

— Entendo o que está dizendo — declarou Partridge —, mas não posso garantir que não usaremos. A decisão caberá à direção da rede.

— Saiam daqui!

Alberto Godoy ficou olhando furioso enquanto o equipamento de gravação era desmontado e o quarteto da CBA deixava a agência funerária.

12

Durante a viagem de volta de Queens, Kettering anunciou: — Eu gostaria de saltar assim que chegarmos a Manhattan. Quero começar a investigar logo o dinheiro marcado, e há um escritório na Lex de onde posso dar alguns telefonemas.

— Eu poderia ir com você? — indagou Jonathan Mony, acrescentando para Partridge: — Eu gostaria muito de ver como se desenvolve a outra metade do que fizemos hoje.

— Por mim, não tem problema — assegurou Kettering. — Se Harry concordar, eu lhe mostrarei como algumas coisas são feitas.

Partridge concordou, e eles se separaram depois de passarem pela Ponte de Queensboro. Enquanto o jipe Wagoneer continuava para a sede da CBA, Kettering e Mony pegaram um táxi para o escritório de uma corretora na Lexington Avenue, perto do Hotel Summit.

Entraram numa sala ampla, em que cerca de duas dúzias de pessoas — algumas sentadas, outras de pé — olhavam para uma tela que mostrava as cotações em rápida mudança do mercado de ações. Um tapete verde-escuro contrastava com as paredes verde-claras; cadeiras confortáveis, fixadas no chão em fileiras, eram estofadas em tweed verde e laranja. Algumas das pessoas observando as cotações do mercado seguravam blocos de anotações com canetas; outras pareciam menos preocupadas. Um jovem oriental estudava partituras de música; uns poucos liam jornais; vários cochilavam.

A um lado havia uma fila de computadores e algumas extensões telefônicas, um cartaz por cima avisando: Levante o Fone para a Operação. Vários telefones estavam sendo usados; apesar das vozes baixas, podiam-se ouvir trechos de conversas: — Comprou duas mil? Então venda.

— Pode conseguir quinhentas a dezoito? Pois faça isso.

— Muito bem, caia fora a quinze e trinta.

Uma recepcionista no outro lado da sala viu os dois jornalistas entrarem e levantou um telefone, com um sorriso de reconhecimento para Kettering.

— Dê uma boa olhada ao redor — disse Kettering a Mony. — Este tipo de escritório muito em breve passará para a história; estamos num dos últimos assim. A maioria dos outros já acabou, da mesma forma que os bares clandestinos desapareceram depois que a Lei Seca foi revogada.

— Mas o mercado de ações não terminou.

— Tem razão. Acontece que os corretores verificaram os custos e descobriram que lugares assim não compensam. Há gente demais entrando para descansar ou apenas por curiosidade. E depois as pessoas sem casa passaram a

vir também... no inverno; que lugar melhor para passar um dia quente e tranquilo? Infelizmente, pessoas assim não geram muitas comissões para uma corretora.

— Talvez devesse fazer uma matéria a respeito — sugeriu Mony. — Nostálgica, como falou, antes de a última desaparecer.

Kettering fitou-o atentamente. — É uma grande ideia, companheiro. Por que não pensei nisso antes? Falarei com a Ferradura na próxima semana.

Uma porta fechada se abriu por trás da recepcionista, e um homem corpulento, de sobrancelhas hirsutas, adiantou-se para cumprimentar Kettering efusivamente.

— Don, que prazer tomar a vê-lo! Não tem aparecido ultimamente, embora sejamos seus fiéis seguidores no noticiário. Podemos ajudá-lo em alguma coisa?

— Obrigado, Kevin. — Kettering apontou para Mony. — Meu jovem colega, Jonathan, gostaria de comprar uma ação que pudesse vender amanhã com lucro de trezentos por cento. Além disso, há uma mesa e um telefone que eu possa usar por meia hora?

— Não há problema quanto ao telefone e a mesa. Use a minha sala; terá mais privacidade. Sobre a outra coisa, lamento, Jonathan, mas nossa bola de cristal enguiçou. Se voltar a funcionar enquanto estiver aqui, eu o avisarei.

Os dois foram levados a uma sala pequena e confortável, com uma escrivaninha de mogno, duas cadeiras com estofamento de couro, o inevitável computador e um telefone.

O nome na porta era de Kevin Fane.

— Fiquem à vontade — disse Fane. — Mandarei servir café e sanduíches.

Assim que ficaram a sós, Kettering disse a Mony: — Quando Kevin e eu estávamos na universidade, durante o verão trabalhávamos como mensageiros no pregão da Bolsa de Valores de Nova York. Mantivemos o contato desde então. Quer um conselho profissional?

Mony acenou com a cabeça.

— Claro. — Como repórter, o que parece que você pode se tomar, tenha sempre muitos contatos, não apenas nos altos níveis, mas também nos inferiores, apareça de vez em quando, como estamos fazendo agora. É um meio de colher informações, às vezes quando você menos espera. E lembre-se também que as pessoas gostam de ajudar os repórteres de tevê; o simples fato de deixar que você use seu telefone faz com que se sintam mais íntimas e, de uma maneira

estranha, agradecidas. Enquanto falava, Kettering retirava de um bolso interno do paletó as várias notas de cem dólares emprestadas de Alberto Godoy, espalhando-as sobre a mesa. Abriu uma gaveta e pegou uma folha de papel para escrever anotações.

— Primeiro, vamos tentar a sorte com as notas que têm nomes escritos. Depois, se necessário, trabalharemos com as que têm apenas números de contas. — Pegando uma nota, ele leu o nome, James W. Mortell, e acrescentou: — Esta nota de cem dólares passou pelas mãos desse homem em algum momento. Veja se consegue encontrá-lo na lista telefônica de Manhattan, Jonathan.

Mony anunciou poucos momentos depois: — Está aqui.

Ele leu o número em voz alta, enquanto Kettering batia as teclas do telefone. Depois de dois toques da campainha, uma agradável voz de mulher atendeu: — Encanamentos Mortell.

— Bom dia. O Sr. Mortell está, por favor?

— Ele saiu para um trabalho. Sou sua esposa. Posso ajudá-lo?

A voz não apenas era simpática, pensou Kettering, mas também jovem e cativante.

— Obrigado, Sra. Mortell. Meu nome é Don Kettering. Sou repórter econômico da CBA.

Uma pausa, e depois uma reação hesitante: — Isso é um trote?

— Não, madame, não é um trote. — Kettering estava relaxado e afável. — Estamos realizando algumas investigações na CBA, e creio que o Sr. Mortell poderia nos ajudar.

Em sua ausência, talvez possa nos dar uma informação.

— Você é mesmo Don Kettering. Reconheço a voz. Não sei como poderíamos ajudá-lo. — Uma risada suave. — A menos que tenha um cano vazando por aí.

— Não que eu saiba, mas se acontecer, não esquecerei de chamá-los. Na verdade, estou telefonando a propósito de uma nota de cem dólares que tem o nome de seu marido escrito.

— Não fizemos nada de errado, eu espero.

— Claro que não, Sra. Mortell. Apenas parece que a nota passou pelas mãos de seu marido, e estou tentando descobrir para onde foi.

A mulher pensou por um instante.

— Temos clientes que pagam em dinheiro, inclusive em notas de cem dólares. Mas nunca fazemos perguntas.

— Não há motivos para isso.

— Mais tarde, no banco, quando pagamos as contas grandes ou fazemos o depósito, um caixa às vezes escreve nosso nome nelas. Acho que não deveriam fazer isso, mas alguns fazem. — Uma pausa. — Perguntei uma vez por quê. O caixa explicou que há muitas notas de cem dólares falsificadas, é uma precaução para se resguardarem.

— Foi o que pensei, e provavelmente foi assim que a nota em minha mão acabou marcada. — Enquanto falava, Kettering fazia para Mony o sinal de polegar para cima.

— Tem alguma objeção a me informar o nome de seu banco, Sra. Mortell?

— Não, absolutamente. É o Citibank. — Ela indicou a agência.

— Obrigado! Isso é tudo que eu queria saber.

— Só mais um momento, Sr. Kettering. Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Vai aparecer alguma coisa disso no noticiário? Se vai, como posso ter certeza de que não perderei?

— É muito fácil. Foi tão prestativa, Sra. Mortell, que prometo telefonar pessoalmente e avisar no dia que for para o ar.

Enquanto Kettering desligava, Jonathan Mony comentou: — Achei que poderia aprender alguma coisa aqui. E foi o que aconteceu.

— O que aprendeu?

— Como iniciar uma amizade.

Kettering sorriu. Já decidira que a Sra. Mortell parecia tão encantadora e com uma tal insinuação de convite na voz, que a procuraria pessoalmente, em vez de telefonar.

Anotou o endereço; não era muito distante. Poderia ficar desapontado, é claro. As vozes eram enganadoras, ela podia ser mais velha do que parecia e um autêntico canhão, mas o instinto lhe dizia o contrário. Outra coisa que Jonathan indubitavelmente aprenderia com o tempo era que entre os benefícios secundários da televisão havia as frequentes oportunidades românticas, levando — quando assim se queria — a agradáveis diversões sexuais. Ele selecionou outra nota de cem dólares.

— Vamos experimentar esta. — Ele apontou para a lista telefônica. — O nome é Nicolini Brothers.

Era uma padaria e confeitaria na Terceira Avenida. O homem que atendeu a ligação parecia desconfiado a princípio, e depois de uma ou duas perguntas se mostrava propenso a desligar. Mas Kettering, polidamente

persistente, persuadiu-o em contrário. Foi fornecido o nome de um banco em que normalmente eram pagas as contas grandes da loja: o American-Amazonas Bank, na Dag Hammarskjöld Plaza.

Os nomes nas duas notas seguintes selecionadas por Kettering não constavam da lista telefônica de Manhattan.

A nota seguinte que produziu resultados levou ao gerente cooperativo de uma loja de roupas de homem. Ele informou que a loja tinha conta no Bank Leumi, numa agência na esquina da Terceira Avenida com a Rua 67. Não foi possível encontrar o nome na nota seguinte. A próxima levou a uma mulher desconfiada e abusada, com quem Kettering nada conseguiu, acabando por desistir.

O quinto telefonema levou a um velho de 86 anos, vivendo num apartamento na East End Avenue. Estava muito fraco para falar ao telefone, e um enfermeiro atendeu, embora fosse evidente que não havia nada de errado com a mente do velho. Kettering pôde ouvi-lo a sussurrar jovialmente que seu filho, proprietário de várias casas noturnas, muitas vezes deixava notas de cem dólares ao visitá-lo, notas que eram depois depositadas numa conta bancária que ele, o velho de 86 anos declarou com uma risada, estava guardando para sua velhice. Ah, sim, a conta era no American-Amazonas Bank, Dag Hammarskjöld Plaza.

O telefonema seguinte foi para um restaurante de frutos do mar perto da Grand Central. Kettering falou com várias pessoas, nenhuma das quais quis assumir a responsabilidade de lhe dizer qualquer coisa importante. Ao final, o proprietário do restaurante foi localizado e disse, impaciente: — Mas que droga! Claro que pode saber o nome de nosso banco; em troca, espero que faça uma referência a nós em seu noticiário. O banco fica naquela maldita praça cujo nome não consigo soletrar direito... Dag Hammarskjöld... é o American-Amazonas.

Ao desligar, Kettering recolheu as notas de cem dólares e disse a Mony: — Acertamos a sorte grande. Não precisamos mais fazer ligações. Já temos a resposta.

Em resposta a um olhar inquisitivo, ele acrescentou: — Preste atenção: três em cinco pessoas indicando o mesmo banco é demais para ser mera coincidência. Portanto, os outros nomes, nas notas que passaram pelo Citibank e Leumi, foram postos antes, e as notas voltaram a circular, provavelmente passando também pelo American-Amazonas.

— Então foi de lá que saiu o dinheiro que Novack-Rodríguez deu a Godoy pelos caixões.

— Exatamente! — A voz de Kettering endureceu. — Também aposto que era de lá que os sequestradores sacavam seu dinheiro. Talvez ainda tenham uma conta lá.

— Próxima parada: Dag Hammarskjöld Plaza — anunciou Mony. Kettering empurrou a cadeira para trás e levantou.

— Para onde mais? Vamos embora!

13

Don Kettering foi imediatamente reconhecido ao entrar no American-Amazonas Bank e teve o pressentimento de que sua presença não era uma surpresa total. Quando pediu para falar com o gerente, uma secretária matronal informou: — Ele está com um visitante, Sr. Kettering, mas vou interromper e avisá-lo de sua presença. — Ela olhou para Jonathan Mony. — Tenho certeza que ele não deixará os senhores esperando por muito tempo.

Enquanto aguardavam, Kettering correu os olhos pelo banco. Ficava localizado no andar térreo de um prédio antigo, perto da extremidade norte da praça. Vista de fora, a entrada cinzenta de ardósia do banco não tinha qualquer imponência. O interior, no entanto, embora pequeno para um banco em Nova York, era atraente e pitoresco.

Em vez do chão de ladrilhos convencional, havia um carpete estampado, num padrão suave de cereja, anteparos em vermelho e laranja estendendo-se por todo o comprimento e largura da área de atendimento ao público, com uma pequena placa informando em letras douradas que haviam sido feitos no Amazonas, Brasil.

Embora o mobiliário fosse convencional — uma linha de balcões de caixa num lado, três mesas de atendentes no outro —, o trabalho em madeira por toda parte era de qualidade excepcional. Ocupando a maior parte de uma parede, onde os clientes não poderiam deixar de vê-lo, havia um mural extraordinário — uma cena revolucionária de cavalos resfolegando, as crinas desgrenhadas, carregando soldados uniformizados. Kettering contemplava o mural quando a secretária avisou: — O Sr. Armando está livre agora. Queiram entrar, por favor.

Quando eles entraram na sala com uma parede de vidro, que proporcionava uma vista da área de operações lá fora, o gerente adiantou-se com a mão estendida. Uma placa identificava-o como Emiliano W. Armando, Jr. — É um prazer conhecê-lo pessoalmente, Sr. Kettering. Vejo-o com frequência e admiro muito o que diz. Mas imagino que está sempre ouvindo esse comentário.

— Mesmo assim, ainda me sinto agradecido.

Kettering apresentou Mony. A um gesto de Armando, os três sentaram, os visitantes diante de uma tapeçaria em azuis e amarelos brilhantes, que continuava a decoração temática do banco.

Kettering avaliou o gerente, um homem pequeno, um rosto enrugado com sinais de cansaço, cabelos brancos já ralos, sobrancelhas espessas. Armando movia-se com uma agilidade nervosa, a expressão preocupada, o efeito geral lembrando Kettering de um terrier envelhecido, apreensivo com o mundo mudando ao seu redor. Instintivamente, porém, ele descobriu que simpatizava com o homem — em contraste com seu recente encontro com Alberto Godoy. Recostando-se numa cadeira giratória, o gerente suspirou.

— Eu já adivinhava que você ou alguém como você apareceria por aqui em breve. É um momento infeliz e desconcertante para nós aqui, mas tenho certeza que pode compreender.

Kettering inclinou-se para a frente. O gerente presumia que ele sabia de alguma coisa que na verdade ignorava. Ele murmurou, cauteloso: — Muitas vezes é mesmo verdade.

— Apenas por curiosidade, como descobriu?

O jornalista resistiu à vontade de indagar "Descobri o quê?" e sorriu.

— Temos nossas fontes de informações na tevê, embora às vezes não possamos revelá-las.

Ele notou que Mony acompanhava a conversa com interesse, mas mantinha o rosto impassível. Pois aquele jovem ambicioso recebia hoje uma lição de jornalismo em ação.

— Eu me pergunto se foi a notícia do *Post* — comentou Armando. — Deixou muitas coisas sem resposta.

Kettering franziu a testa. — Posso ter lido essa notícia. Por acaso tem o recorte?

— Claro.

Armando abriu uma gaveta e tirou um recorte encapado em plástico. O título dizia:

DIPLOMATA MATA AMANTE E SE SUICIDA EM ACESSO DE CIÚME

Kettering leu a notícia, notando que já tinha dez dias, saíra num domingo. Ao ver as referências aos dois mortos — Helga Efferen, do American-Amazonas Bank, e José Antônio Salaverry, membro da delegação peruana na ONU —, ele descobriu a causa da aflição do gerente. Mas não era claro se o incidente tinha ou não alguma ligação com o assunto que levara a CBA até ali.

Entregando a notícia a Mony, Kettering tornou a concentrar sua atenção em Armando, incitando-o: — Coisas sem resposta, creio que disse.

O gerente balançou a cabeça. — A descrição do jornal é a versão da polícia. Pessoalmente, não acredito nessa história.

Ainda procurando uma possível ligação, Kettering indagou: — Importa-se de me dizer por quê?

— Todo o problema é complexo demais para uma explicação tão simples.

— É evidente que conhecia a mulher, ela trabalhava aqui. Conhecia também o homem, Salaverry?

— Infelizmente, tendo em vista o que aconteceu, sim.

— Quer explicar?

Armando hesitou, antes de responder.

— Minha inclinação é ser franco, Sr. Kettering, em grande parte porque acho que tudo que descobrimos neste banco nos últimos dez dias vai acabar transpirando de qualquer maneira, e sei que será justo em seu relato. Contudo, tenho uma obrigação com o banco. Somos uma instituição sólida e respeitada na América Latina, e, além desta agência, temos outras nos Estados Unidos. Poderia esperar um dia ou dois, dando-me tempo para consultar a nossa diretoria fora deste país?

Havia uma ligação! O instinto de Kettering tornou a se manifestar e ele sacudiu a cabeça com firmeza.

— Não é possível esperar. Há uma situação crítica, envolvendo segurança e vidas.

Era tempo, ele decidiu, de revelar algumas informações suas, e por isso acrescentou: — Sr. Armando, temos motivos para acreditar, na CBA, que seu banco esteve envolvido de alguma forma com o sequestro há duas semanas da Sra. Crawford Sloane e dois outros membros da família. Tenho certeza de que já ouviu falar a respeito. Portanto, surge a questão: este outro episódio, as mortes de Efferen e Salaverry, está relacionado ao sequestro?

Se Armando já se mostrava perturbado antes, o pronunciamento de Kettering teve o efeito de um raio adicional. Aparentemente acabrunhado, ele pôs os cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos. Depois de vários segundos, levantou os olhos e sussurrou: — É bem possível. Percebo tudo agora. Não apenas é possível mas provável. — Ele acrescentou, a voz cansada: — Sei que é uma noção egoísta, mas devo me aposentar dentro de poucos meses, e meu

pensamento neste momento é o seguinte: por que tudo isso não pôde esperar até que eu me retirasse?

— Compreendo seus sentimentos. — Kettering fazia um esforço para reprimir a impaciência. — Mas o fato é que você e eu estamos aqui, ambos envolvidos. É óbvio que cada um tem informações diferentes, e também é óbvio que ambos poderemos nos antecipar, se trocarmos o que sabemos.

— Concordo — declarou Armando. — Por onde devemos começar?

— Preste atenção. Uma grande quantia, pelo menos dez mil dólares em dinheiro e provavelmente muito mais, passou por seu banco e ajudou os sequestradores.

O gerente balançou a cabeça solenemente.

— Juntando as suas informações e as minhas, não tenho a menor dúvida de que foi muito mais dinheiro. — Ele pensou por um instante. — Se eu ajudar a preencher alguns detalhes, é essencial que me cite diretamente?

Kettering refletiu sobre a proposta. — Provavelmente não. Há um acordo que se chama "informações de bastidores, sem atribuição". Se preferir, conversaremos nessa base.

— Eu prefiro assim. — Armando fez uma pausa, ordenando os pensamentos. — Temos neste banco diversas contas de várias delegações na ONU. Não discorrerei a respeito, exceto para dizer que nosso banco possui fortes ligações com certos países; por isso, esta agência fica convenientemente próxima do prédio da ONU. Várias pessoas nas delegações têm autoridade sobre essas contas, e uma em particular era controlada pelo Sr. Salaverry.

— Uma conta pertencente à delegação peruana?

— Ligada à delegação peruana, eu diria. Mas não sei quantas pessoas tinham conhecimento dessa conta, além de Salaverry, autorizado a operá-la. Deve compreender que qualquer delegação na ONU pode ter diversas contas, algumas para propósitos especiais.

— Está certo, mas vamos nos concentrar na conta importante.

— Nos últimos meses, quantias substanciais entraram e saíram dessa conta, tudo legítimo, sem qualquer irregularidade cometida pelo banco, exceto por uma anormalidade.

— Qual?

— A Srta. Efferen, que tinha consideráveis responsabilidades aqui, como gerente-assistente, cuidava da conta pessoalmente, ao mesmo tempo impedindo que eu e outros tomássemos conhecimento direto da existência da conta e sua movimentação.

— Em outras palavras, a fonte do dinheiro e o sacador eram mantidos em segredo.

Armando balançou a cabeça.

— Isso mesmo.

— E quem retirava o dinheiro?

— Em todos os casos, José Antônio Salaverry. Não há outra assinatura na conta, e todas as retiradas foram em dinheiro.

— Vamos voltar um pouco — sugeriu Kettering. — Disse-me que rejeita a conclusão da polícia sobre a maneira como Efferen e Salaverry morreram. Por quê?

— Quando comecei a descobrir as coisas na semana passada, refleti que as pessoas que passavam o dinheiro pela conta, presumindo que Salaverry era um intermediário, o que acho que era mesmo, provavelmente foram responsáveis pelas mortes, providenciando para que parecesse assassinato e suicídio. Mas agora o senhor me diz que os sequestradores da família Sloane estavam envolvidos, e me parece ainda mais provável.

Embora o pequeno e enrugado gerente estivesse sob grande tensão e próximo da aposentadoria, sua capacidade de raciocínio ainda era excelente, pensou Kettering. Ele percebeu que Mony se remexia impaciente e disse: — Se tem alguma pergunta, Jonathan, pode fazê-la.

Mony largou algumas anotações que estava escrevendo e inclinou-se para a frente.

— Sr. Armando, se é verdade o que diz, pode sugerir um motivo pelo qual essas duas pessoas foram assassinadas?

O gerente deu de ombros. — Em minha opinião, provavelmente sabiam demais.

— Por exemplo... os nomes dos sequestradores?

— Mais uma vez, pelo que o Sr. Kettering disse, creio que é bem provável.

— E sobre a fonte de dinheiro que Salaverry controlava? Sabe algo sobre isso?

O gerente hesitou pela primeira vez. — Desde segunda-feira tenho conversado com membros da delegação peruana na ONU; eles estão promovendo sua própria investigação. O que descobriram até agora e me revelaram é confidencial...

Kettering interrompeu-o: — Não vamos citá-lo expressamente; já combinamos isso. Portanto, conte-nos o que sabe! De quem veio o dinheiro?

Armando suspirou. — Deixe-me fazer-lhe uma pergunta, Sr. Kettering. Já ouviu falar de uma organização chamada Sendero Luminoso ou...

Mony completou a frase: — O Caminho Brilhante?

Kettering contraiu o rosto ao responder: — Já, sim.

— Não temos certeza — arrematou o gerente —, mas achamos que foi o Sendero Luminoso quem despejou o dinheiro na conta.

14

Depois de deixarem Kettering e Mony no lado de Manhattan da Ponte de Queensboro, Harry Partridge e Minh Van Canh pararam para comer alguma coisa na Wolfs Delicatessen, na esquina da Rua 56 com a Sexta Avenida. Por cima dos enormes sanduíches quentes de pastrami, Partridge observou Minh, que parecia pensativo hoje, estranhamente preocupado, embora isso não afetasse a eficiência de seu trabalho na Agência Funerária Godoy. Do outro lado da mesa, o rosto quadrado e bexiguento de Minh, por cima do corpo atarracado, fitava-o impassível, entre mordidas no sanduíche cheio de mostarda.

— Alguma coisa o preocupa, meu velho amigo? — perguntou Partridge.

— Umas poucas coisas.

A resposta era típica de Minh, e Partridge sabia que era melhor não pressioná-lo. Minh responderia com mais detalhes, a sua própria maneira, no momento que considerasse oportuno. Enquanto isso, Partridge confidenciou a Minh sua intenção de voar para a Colômbia, talvez no dia seguinte. Acrescentou que não tinha certeza se mais alguém viajaria em sua companhia; conversaria com Rita a respeito. Mas quando houvesse necessidade de uma equipe de câmera, no dia seguinte ou depois, ele queria Minh. Van Canh pensou por um momento, avaliando uma decisão. Depois, balançou a cabeça. — Está certo, farei isso por você, Harry, e por Crawf. Mas será a última vez, a última aventura.

Partridge ficou surpreso. — Pretende largar?

— Prometi à minha família; conversamos ontem à noite. Minha mulher quer que eu passe mais tempo em casa. Nossos filhos precisam de mim, meus negócios também. Assim, depois de voltarmos, eu caio fora.

— Mas é tão súbito!

Van Canh exibiu um dos seus raros sorrisos.

— Súbito como uma ordem às três da madrugada para viajar a Sri Lanka ou Gdansk?

— Entendo o que está pensando, mas sentirei sua falta; as coisas não serão mais as mesmas sem você.

Partridge sacudiu a cabeça tristemente, embora a decisão não o surpreendesse. Como um vietnamita trabalhando para a CBA, Minh sobrevivera a terríveis perigos durante a guerra no Vietnã, quase ao final conseguindo tirar a mulher e os dois filhos de avião do país, pouco antes da queda de Saigon, sempre registrando cenas históricas extraordinárias.

Nos anos subsequentes, a família Van Canh adaptara-se à sua nova vida americana -as crianças, como tantos imigrantes vietnamitas, estudavam muito e tiravam boas notas na escola e agora na universidade. Partridge conhecia-os bem e admirava, às vezes até invejava, a solidariedade da família. Como parte disso, viviam frugalmente, enquanto Minh poupava e investia a maior parte de seu pagamento substancial, suas economias tão óbvias que entre os colegas havia agora o rumor de que Minh era um milionário.

Era bem possível, Partridge sabia, porque nos últimos cinco anos Minh adquirira diversas pequenas lojas de equipamento de vídeo em comunidades suburbanas de Nova York, ligando-as e expandindo consideravelmente o movimento, com a ajuda da mulher, Thanh.

Era também razoável que àquela altura da vida Minh decidisse que já cansara de viagens e ausências prolongadas, já correra riscos suficientes, inclusive acompanhando Harry Partridge em missões perigosas.

— Por falar nos seus negócios, como estão indo? — perguntou Partridge.

— Muito bem. — Minh sorriu outra vez e acrescentou: — Mas se tomaram grandes demais para que Thanh possa administrá-los enquanto estou ausente.

— Fico satisfeito por você, porque ninguém merece mais — comentou Partridge. — E espero que continuemos a nos encontrar de vez em quando.

— Pode contar com isso, Harry. Em nossa casa, seu nome sempre estará em primeiro lugar na lista de hóspedes de honra.

Na volta do almoço, depois de deixar Van Canh, Partridge parou numa loja de material esportivo para comprar meias grossas, um par de botas de montanhismo e uma lanterna potente. Desconfiava que poderia precisar dos três artigos muito em breve. A tarde já estava no meio quando ele retornou ao prédio da CBA.

Rita Abrams acenou-lhe da sala de reuniões da força-tarefa.

— Um homem vem tentando insistentemente falar com você. Já ligou três vezes desde a manhã. Não quis dizer o nome, mas declarou que é essencial falar com você ainda hoje. Informei que você voltaria mais cedo ou mais tarde.

— Obrigado. Preciso lhe dizer uma coisa. Decidi que devo ir a Bogotá...

Partridge parou e virou a cabeça, assim como Rita, ao som de passos apressados se aproximando. Um momento depois, Don Kettering entrou na sala de reuniões, com Jonathan Mony logo atrás.

— Harry! Rita! — Kettering estava ofegante da pressa. — Acho que encontramos a lata de vermes... aberta!

Rita olhou ao redor, consciente da presença de outras pessoas na sala.

— Vamos para uma sala particular — sugeriu ela, seguindo na frente para a sua.

Kettering levou vinte minutos, ajudado ocasionalmente por Mony, para descrever tudo que haviam descoberto. Kettering mostrou a notícia do *New York Post* sobre o suposto assassinato-suicídio de Salaverry-Efferen, o recorte fornecido pelo gerente do Banco American-Amazonas. Os dois repórteres e Rita sabiam que, no momento em que terminasse aquela reunião, a equipe de pesquisa da CBA obteria rotineiramente mais material sobre o assunto. Depois de ler o recorte, Rita perguntou a Kettering: — Acha que devemos iniciar um trabalho investigativo sobre as duas mortes?

— Talvez, embora isso seja irrelevante agora. A verdadeira história é a ligação com o Peru.

— Concordo, e o Peru já apareceu antes — comentou Partridge.

Ele estava lembrando sua conversa dois dias antes com Manuel León Seminário, o proprietário-editor da revista *Escena*, de Lima. Embora nada de específico aflorasse, Seminário dissera: "Hoje em dia no Peru o sequestro é quase um modo de vida."

— Embora haja essa ligação com o Peru — ressaltou Rita —, não vamos esquecer que não temos certeza se as vítimas do sequestro foram mesmo tiradas do país.

— Não estou esquecendo — garantiu Partridge. — Tem mais alguma coisa?

Don Kettering fez que sim com a cabeça. — Tenho. Antes de deixar o banco, convenci o gerente a dar uma entrevista diante da câmera, talvez ainda hoje. Ele sabe que pode estar arriscando o pescoço com os donos do banco, mas é um bom sujeito, com senso de responsabilidade, diz que correrá o risco. Se quiser, Harry, posso fazer essa entrevista também.

— Eu gostaria muito. E, de qualquer maneira, a história é sua. — Partridge virou-se para Rita. — Cancele o que eu disse sobre a viagem a Bogotá. Agora é Lima. Quero estar lá amanhã de manhã.

— E quanto e quando devemos lançar no ar?

— Tudo o que sabemos, muito em breve. Quando exatamente, discutiremos com Les e Chuck, mas se possível eu gostaria de ter uma dianteira de 24 horas no Peru antes da chegada de um exército de repórteres, o que acontecerá assim que noticiarmos o que sabemos.

Uma pausa, e Partridge acrescentou: — Portanto, começando agora, trabalharemos durante toda a noite, juntando tudo. Convoque todos da força-tarefa para uma reunião...

— Ele consultou o relógio: três e quinze. — ...às cinco horas.

— Sim, senhor!

Gostando da ação, Rita sorriu. No mesmo instante o telefone em sua mesa tocou. Depois de atender, ela cobriu o bocal e avisou a Partridge: — É o mesmo homem... o que vem tentando falar com você o dia inteiro.

Ele pegou o fone. — Aqui é Harry Partridge.

— Não use meu nome em qualquer momento desta conversa. Entendido?

As palavras do interlocutor soavam abafadas, talvez deliberadamente, mas Partridge reconheceu a voz de seu contato, o advogado do crime organizado.

— Entendido.

— Sabe quem eu sou?

— Sei.

— Estou ligando de uma cabine telefônica, e assim a ligação não poderá ser traçada. E mais uma coisa: se algum dia indicar meu nome como a fonte do que vou lhe dizer agora, jurarei que é um mentiroso e negarei tudo. Certo?

— Certo.

— Assumi riscos para obter a informação, e se determinadas pessoas tomarem conhecimento desta conversa, isso poderá me custar a vida. Assim, quando esta ligação terminar, minha dívida com você estará integralmente saldada. Combinado?

— Combinado.

Os outros três na pequena sala mantinham-se em silêncio, os olhos fixos em Partridge, enquanto a voz abafada continuava, audível apenas para ele: —

Alguns dos meus clientes têm conexões latino-americanas. — Conexões com o tráfico de cocaína, pensou Partridge, mas não disse nada.

— Como eu tinha dito, eles não se envolveriam no tipo de coisa que você está investigando, mas há coisas que podem ouvir.

— Eu compreendo — murmurou Partridge.

— Pois muito bem, aqui está a informação, é procedente e eu garanto. As pessoas que você procura foram levadas de avião para fora dos Estados Unidos no último sábado e agora são prisioneiras no Peru. Entendido?

— Entendido. Posso fazer uma pergunta?

— Não.

— Preciso de um nome — suplicou Partridge. — Quem é o responsável? Quem as mantém no cativeiro?

— Adeus.

— Espere, por favor! Muito bem, não pedirei que me dê um nome, mas apenas o seguinte: direi um nome, e se estiver enganado, basta me dar algum sinal negativo. Se estiver certo, não fale nada. Concorda?

Uma pausa.

— Seja rápido.

Partridge respirou fundo.

— Sendero Luminoso.

No outro lado da linha, silêncio. E depois um estalido, quando o interlocutor desligou.

15

Quase desde o início, quando recuperara a consciência na cabana escura em Sion e descobrira pouco depois que se encontrava prisioneira no Peru, juntamente com Nicky e Angus, Jessica aceitara que só ela devia proporcionar liderança e inspiração ao trio acossado. Compreendia que as duas qualidades eram essenciais para a sobrevivência, enquanto aguardavam por uma eventual salvação. A alternativa era o profundo desespero, levando a uma rendição emocional, que poderia destruir a todos.

Angus era corajoso, mas muito velho e fraco para oferecer mais do que apoio; em última análise, podia até precisar extrair forças de Jessica. Nicky, como sempre, deveria ser a principal preocupação de Jessica.

Presumindo que sairiam daquele pesadelo sãos e salvos — e Jessica recusava-se a aceitar qualquer outro resultado —, era possível que o episódio deixasse para sempre uma cicatriz mental em Nicky. A intenção de Jessica, não importava quais fossem os sofrimentos e privações pela frente, era cuidar para que isso não acontecesse.

Ensinaria a Nicky — e a Angus também, se fosse necessário — que acima de tudo deviam manter o amor— próprio e a dignidade.

E sabia como fazê-lo. Fizera um curso de antiterrorismo que alguns de seus amigos julgaram um capricho. Acontecera porque Crawford, que deveria fazer o curso pessoalmente, carecia de tempo. Jessica, sentindo que alguém na família precisava saber daquelas coisas, fora em seu lugar.

Ah, obrigada, e que Deus o abençoe, brigadeiro Wade! Nunca sonhei, ao fazer aqueles exercícios e ou vir suas preleções, que um dia precisaria e usaria o que me ensinou.

O brigadeiro Cedric Wade, várias vezes condecorado, fora sargento no Exército britânico na Guerra da Coreia e mais tarde um oficial na unidade de elite britânica SÃS. Agora reformado e vivendo em Nova York, promovia pequenos cursos antiterrorismo. Possuía tanta reputação que até o Exército dos Estados Unidos às vezes lhe encaminhava discípulos.

Na Coreia, em 1951, o sargento Wade fora capturado por tropas norte— coreanas e mantido em confinamento solitário, durante nove meses e meio, num buraco na terra, abaixo do solo, com cerca de nove metros quadrados. Por cima de sua cabeça havia barras de ferro firmemente presas, abertas ao sol e à chuva. Em nenhum momento, durante o cativeiro, ele saíra daquela cela solitária. A

comunicação com os guardas era mínima, ele nada tinha para ler e só podia ver o céu por cima.

Ele descrevera sua experiência numa preleção, que Jessica ainda agora lembrava quase que palavra por palavra: "Eu sabia desde o início que eles tencionavam quebrar meu ânimo. Estava determinado a não permitir que isso acontecesse. Por pior que se tomasse a situação, mesmo que eu morresse naquele buraco, não perderia meu amor próprio." O brigadeiro Wade dizia aos participantes de seus cursos que conseguira isso se apegando por todos os meios a quaisquer resquícios de normalidade e ordem. Para começar, designara uma função separada para cada canto de sua pequena cela. A primeira era das mais desagradáveis. Não tinha opção que não urinar e defecar no chão da cela.

Um canto foi reservado apenas para esse propósito; cuidava para que nenhuma outra parte da cela fosse aviltada dessa maneira. "A princípio, o cheiro era horrível e nauseante. Acabei me acostumando depois de algum tempo, porque sabia que não havia outro jeito." O canto oposto, tão distante do primeiro quanto possível, era usado para comer as escassas refeições que lhe davam. Um terceiro canto era para dormir, o quarto para sentar e meditar. O centro da cela era usado para exercícios, três vezes por dia, inclusive correr sem sair do lugar. "Raciocinei que me manter em boa forma física era outra maneira de continuar a ser uma pessoa e preservar minha dignidade." Ele recebia uma ração de água potável por dia, mas nada para as abluções. Da água para beber, sempre guardava uma pequena parte, com que se lavava. "Não era fácil, e às vezes me sentia tentado a beber tudo, mas não o fazia, preferindo em vez disso me manter sempre limpo, algo muito importante na maneira como você se sente em relação a si mesmo." Ao final de nove meses, aproveitando a negligência de um guarda, o sargento Wade escapara. Fora recapturado três dias depois e reconduzido à cela, mas duas semanas mais tarde tropas americanas tomaram a posição norte—coreana e o libertaram. Fizera amizades nessa ocasião que muito tempo depois resultaram em sua mudança para os Estados Unidos.

Outra coisa que o brigadeiro Wade ensinara a Jessica e aos outros fora a BP, batalha próxima, uma forma de combate desarmado em que até uma pessoa pequena e leve, com as habilidades apropriadas, podia desarmar um atacante e cegá-lo ou quebrar-lhe um braço ou pescoço. Jessica demonstrara ser uma discípula ágil e que aprendia depressa.

Desde que chegara ao Peru como prisioneira já tivera oportunidades de usar seu treinamento de combate, mas se contivera, sabendo que tal ação seria

inútil. Mantivera sua capacidade oculta, de reserva para algum momento -se fosse o caso — em que poderia se tomar decisiva.

Nenhum momento assim surgira até agora em Nueva Esperanza. E não parecia provável que pudesse surgir.

Durante aqueles primeiros minutos terríveis, quando Jessica, Nicky e Angus foram jogados nas celas separadas, ela chorara ao ouvir Nicky soluçando, passara por um período de transtorno mental e desespero, sobre os quais nem mesmo suas melhores intenções puderam prevalecer. Como os outros, sucumbira por completo.

Mas não por muito tempo.

Menos de dez minutos haviam passado quando ela chamou Nicky baixinho: — Nicky, pode me ouvir?

Depois de uma pausa, a resposta quase inaudível: — Posso, mamãe.

A resposta foi acompanhada por um movimento, com Nicky se aproximando da tela entre as celas. Os olhos haviam se ajustado à semiescuridão, e eles podiam ver um ao outro, mas não se tocarem.

— Você está bem, Nicky?

— Acho que sim. — Depois, com a voz trêmula, ele acrescentou: — Não gosto daqui.

— Eu também não gosto, querido. Mas até que possamos fazer alguma coisa, precisamos aguentar firme. Fique lembrando a si mesmo que seu pai e muitos outros estão à nossa procura.

Jessica esperava que sua voz soasse tranquilizadora.

— Ouvi o que você disse, Jessie. E você também, Nicky. — Era Angus, falando da cela no outro lado de Nicky, embora sua voz parecesse fraca. — Não deixe de acreditar que todos nós sairemos daqui. É o que vai acontecer.

— Tente descansar um pouco, Angus.

Jessica estava lembrando a surra que o sogro recebera de Miguel na cabana em que todos haviam recuperado os sentidos, a caminhada extenuante pela selva e a longa viagem de barco, depois sua luta ali.

Enquanto ela falava, ouviu um arrastar de pés, e das sombras além das celas surgiu um vulto. Era um dos pistoleiros que os acompanhara na viagem, um homem corpulento, de bigode, que mais tarde identificariam como Ramón. Ele empunhava um rifle Kalashnikov, que apontou para Jessica, ordenando: — Silêncio!

Jessica já ia protestar, quando Angus advertiu-a, num sussurro: — Não faça isso, Jessie!

Ela reprimiu seu impulso e todos ficaram em silêncio. Depois de um momento, o rifle foi baixado e Ramón voltou à cadeira em que estivera sentado.

Foi a primeira experiência com uma sucessão de guardas armados, um dos quais estava sempre de plantão na cabana, em turnos de quatro horas.

16

Como logo descobriram, o rigor dos guardas variava. O mais complacente era Vicente, o homem que ajudara Nicky no caminhão e que cortara as cordas que prendiam seus pulsos, por ordem de Miguel. Apenas indicando que deviam falar em voz baixa, Vicente permitia que conversassem tanto quanto quisessem. Ramón era o mais rigoroso, não permitindo qualquer conversa, os outros guardas se colocando em estágios intermediários.

Nas ocasiões em que podiam falar, Jessica partilhou com Nicky e Angus suas lembranças do curso antiterrorismo, especialmente as privações e preleções do brigadeiro Wade. Nicky parecia fascinado pela história de Wade, provavelmente como um alívio do confinamento e monotonia. Era uma restrição cruel para um garoto de onze anos, ativo e extremamente inteligente. Nicky perguntava várias vezes por dia: -o que acha que papai está fazendo agora, mamãe, para nos tirar daqui? Jessica sempre tentava responder de forma imaginativa, comentando, certa ocasião: -seu pai conhece tantas pessoas, que não há ninguém que ele não possa chamar para ajudar. Tenho certeza de que ele já deve ter falado com o presidente dos Estados Unidos, que pode pôr muitas pessoas para trabalhar, procurando por nós.

Mesmo sendo verdade, era uma manifestação de vaidade que Jessica nunca se permitiria em circunstâncias normais. Mas se estimulava as esperanças de Nicky, isso era tudo que importava.

Jessica exortou os dois a seguirem o exemplo do brigadeiro Wade tanto quanto pudessem. Na questão do uso das instalações sanitárias precárias, respeitavam a privacidade um do outro, virando-se quando alguém pedia e não fazendo qualquer comentário sobre os odores inevitáveis, Todos começaram a fazer exercícios no segundo dia, seguindo outra vez o exemplo de Jessica.

À medida que os primeiros dias foram passando, um padrão de vida — basicamente miserável — foi se definindo. Três vezes por dia serviam-lhes uma comida gordurosa e sem atrativos, quase sempre constituída por mandioca, arroz e macarrão. No primeiro dia, Nicky sufocou com a gordura de gosto azedo, e Jessica quase vomitou; a fome acabou prevalecendo sobre a repulsa, e eles se

forçaram a comer. A cada 48 horas, mais ou menos, os baldes sanitários fétidos eram removidos e esvaziados por uma índia. Se havia uma lavagem, era apenas superficial; ao voltarem, o cheiro era quase tão ruim como antes. A água para beber era entregue em cada cela em garrafas de refrigerantes usadas; ocasionalmente havia tigelas com água para se lavarem. Os guardas advertiam aos prisioneiros, por sinais das mãos, que não deviam beber a água para lavar, que era turva, O moral de Nicky, o mais importante para Jessica, podia não ser alto, mas pelo menos permaneceu estável; ele também demonstrou ser flexível, depois de passado o choque inicial. Jessica, que em Nova York realizava um trabalho social com famílias carentes, observara que situações trágicas eram mais bem suportadas pelas crianças do que pelos adultos. Possivelmente, ela pensou, porque o pensamento das crianças era menos complicado e mais honesto; ou talvez as crianças se tomassem mentalmente adultas quando surgia a necessidade. No caso de Nicky, qualquer que fosse o motivo, ele suportava bem a situação.

Ele começou a tentar puxar conversa com os guardas. O espanhol de Nicky era rudimentar, mas ele conseguia manter diálogos e obter informações, dependendo da paciência e boa vontade da outra parte. Vicente era o mais cooperativo.

Foi por intermédio de Vicente que eles souberam da iminente partida do "doutor" — obviamente o homem que Jessica rotulara como Cicatriz —, que ele acreditava estar "voltando para sua casa em Lima". Mas a "enfermeira" ficaria; só podia ser a mulher de cara azeda, chamada Socorro, como haviam descoberto.

Especularam sobre o motivo pelo qual Vicente era diferente dos outros guardas, aparentemente mais gentil. Foi Jessica quem advertiu Nicky e Angus:
— Ele não é tão diferente assim. Vicente ainda é um dos homens que nos trouxeram para cá e nos mantêm prisioneiros... não se esqueçam disso. Mas não é tão mau e brutal quanto os outros, por isso parece gentil.

Havia outros aspectos do problema sobre os quais queria falar, mas resolveu guardar para mais tarde. Haveria necessidade de novos temas para reflexão e discussão durante o que ela previa como longos dias solitários pela frente. Por enquanto, ela se limitou a acrescentar: — Porque ele é como é, vamos aproveitá-lo o máximo que pudermos.

Por sugestão de Jessica, Nicky perguntou a Vicente se os prisioneiros não teriam permissão para sair das celas e ir até lá fora.

Vicente sacudiu a cabeça, mas não ficou claro se a resposta era negativa ou ele não entendera a pergunta. Jessica, persistindo, pediu que fosse transmitida

uma mensagem a Socorro, avisando que os prisioneiros gostariam de vê-la. Nicky procurou traduzir o pedido da melhor forma que podia, mas outra vez a resposta foi uma sacudidela de cabeça, o que tomava duvidosa a transmissão da mensagem.

O relativo sucesso de Nicky com a língua surpreendeu Jessica, já que ele começara a ter aulas de espanhol na escola apenas poucos meses antes. Quando comentou a respeito, Nicky explicou que dois de seus amigos na escola eram imigrantes cubanos que conversavam em espanhol no recreio.

— Alguns de nós ficavam escutando, pegavam coisas... — Nicky fez uma pausa, rindo. — Não vai gostar, mamãe, mas eles conhecem todos os palavrões. E nos ensinaram.

Angus, que escutava, indagou: — Também aprendeu alguns insultos obscenos?

— Claro, vovô.

— Pode me ensinar? É para que eu possa usar com o pessoal aqui, se for necessário.

— Não sei se mamãe gostaria...

— Pode falar — disse Jessica. — Não me importo.

Foi maravilhoso ouvir a risada de Nicky.

— Está bem, vovô. Se quer mesmo xingar alguém, pode dizer... Nicky atravessou sua cela e sussurrou para o avô, através da tela que os separava. Haviam encontrado mais uma maneira de passar o tempo, refletiu Jessica.

E mais tarde, ainda naquele dia, Socorro apareceu, em resposta à mensagem.

Ela parou na porta da cabana, o corpo esguio uma silhueta nítida, contemplando as três celas, torcendo o nariz ao cheiro que impregnava tudo.

Sem esperar, Jessica disse: — Sabemos que é enfermeira, Socorro. Foi por isso que se importou o suficiente para pedir que nossas mãos fossem desatadas e nos deu o chocolate.

Socorro respondeu irritada: — Não sou uma enfermeira, apenas uma atendente.

Ela se aproximou das celas, os lábios contraídos.

— Não faz diferença, pelo menos aqui — comentou Jessica. Agora que o médico vai partir, você será a única com algum conhecimento de medicina.

— Está tentando bancar a espertinha; não vai adiantar. Queria me falar. Por quê?

— Porque você já demonstrou que quer nos manter vivos e bem. Mas a menos que possamos sair daqui, respirar um pouco de ar fresco, todos acabaremos gravemente doentes.

— Devem permanecer aqui dentro. Eles não querem que sejam vistos.

— Por que não? E quem são "eles"?

— Isso não é da sua conta, e não tem o direito de me fazer perguntas.

Jessica reagiu com veemência: — Tenho o direito de uma mãe de se preocupar com seu filho; e também com seu sogro, que é idoso e tem sido tratado brutalmente.

— Ele mereceu. Fala demais. E você também.

O instinto dizia a Jessica que uma parte do antagonismo de Socorro era artificial. Ela tentou um elogio: — Seu inglês é excelente. Deve ter vivido por muito tempo nos Estados Unidos.

— Isso não é da sua... — Socorro parou e deu de ombros. — Três anos. E detestei. É um país sórdido e corrupto.

Jessica murmurou: — Tenho a impressão de que não acredita realmente nisso. Acho que foi bem tratada e agora tem dificuldade em nos odiar.

— Pense o que quiser! — disse Socorro, asperamente, afastando-se. Na porta, ela se virou. — Tentarei dar um jeito de providenciar mais ar fresco aqui. — Seus lábios se contraíram na insinuação mais próxima de um sorriso. — Será mais saudável para os guardas.

Dois homens apareceram com ferramentas no dia seguinte. Abriram diversos quadrados, criando janelas sem obstruções, nas paredes de frente para as celas. A semiescuridão do dia foi substituída pela claridade, os três cativos podiam divisar nitidamente uns aos outros e também o guarda. Além disso, havia agora um fluxo de ar pelo prédio, ocasionalmente uma brisa. Os odores fétidos não foram eliminados, mas ficaram bem reduzidos.

Foi uma vitória para Jessica e também, ela pensou, uma indicação de que por baixo da superfície Socorro não era tão hostil quanto tentava aparentar — talvez uma vulnerabilidade a ser explorada posteriormente, de uma forma mais ampla.

Mas a vitória da luz e do ar era mínima, e, como se comprovou mais tarde, havia agonias maiores ainda a serem suportadas. Uma delas, desconhecida de Jessica, já começava a assumir forma.

Seis dias depois dos cativos e guardas chegarem a Nueva Esperanza, Miguel recebeu uma série de ordens escritas do Sendero Luminoso, despachadas de Ayacucho. Foram entregues por um mensageiro viajando num caminhão que

levara dois dias para percorrer os oitocentos quilômetros de estradas tortuosas, uma viagem por desfiladeiros perigosos nas montanhas e trilhas lamacentas na selva. Várias peças de equipamento especializado também foram entregues.

A instrução mais importante envolvia uma gravação em videoteipe da mulher. Havia um roteiro determinado e não seria permitido qualquer desvio do que estava escrito ali. O projeto deveria ser supervisionado pessoalmente por Miguel.

Outra instrução confirmava que os deveres de Baudelio estavam concluídos. Ele acompanharia o mensageiro no caminhão até Ayacucho, de onde voaria para Lima. O caminhão retomaria a Nueva Esperanza alguns dias mais tarde, trazendo mais suprimentos e recolhendo a gravação pronta.

A notícia de que Baudelio seguiria para Lima, embora esperada, desagradou a Miguel. Por um lado, o ex-médico sabia demais. Por outro, com toda certeza reverteria ao alcoolismo, e bebida e língua solta eram coisas que inevitavelmente se juntavam. Por isso, Baudelio constituía uma ameaça não apenas para a segurança da pequena guarnição ali, mas também — o que era mais importante na visão de Miguel — para sua própria segurança pessoal.

Em outras circunstâncias, convidaria Baudelio a dar um passeio pela selva, do qual só ele, Miguel, voltaria. Mas o Sendero Luminoso, embora implacável sob muitos aspectos, podia se tomar beligerante se alguém de fora matava um dos seus, qualquer que fosse o motivo.

De qualquer modo, Miguel enviou um bilhete confidencial pelo mensageiro, em termos veementes, ressaltando os perigos de Baudelio permanecer em circulação. O Sendero tomaria sua decisão; e Miguel não tinha a menor dúvida sobre qual seria.

Uma coisa lhe agradara. Entre as instruções gerais que recebera, uma era para "manter os três reféns em boa saúde, até que seja ordenado o contrário". A referência a "três reféns", fato que o alto comando do Sendero deveria ter sabido através das notícias, transmitia aprovação à decisão de Miguel de incluir o velho no sequestro, algo que não fora originalmente planejado.

Ele concentrou sua atenção no equipamento trazido de Ayacucho para a gravação de áudio e vídeo. Havia um Sony Camcorder com cassetes, um tripé, um jogo de iluminação e um gerador portátil de 110 volts, acionado a gasolina. Nada disso representava um problema para Miguel, que já fizera antes gravações com vítimas de sequestro.

Mas ele concluiu que precisaria de apoio e de certas medidas rigorosas para assegurar a obediência da mulher, que desconfiava fosse se mostrar difícil.

Para ajudá-lo, escolheu Gustavo e Ramón, que já observara sendo rudes com os prisioneiros e que não deveriam se mostrar suscetíveis, qualquer que fosse a punição que lhes pedisse para aplicar.

A sessão de gravação, decidiu Miguel, seria feita na manhã seguinte.

17

Jessica começou a trabalhar assim que houve claridade suficiente.

Pouco depois que ela, Nicky e Angus haviam recuperado os sentidos no Peru, descobriram que em algum momento tudo que havia em seus bolsos, inclusive o dinheiro que levavam, fora confiscado. A bolsa que Jessica carregava em Larchmont desaparecera, o que não era de surpreender. Entre as poucas coisas que restavam, havia alguns clipes de papel, uma escova de Jessica e um caderninho de anotações no bolso traseiro da calça de Angus, que aparentemente passara despercebido. No forro do casaco de Nicky havia ainda uma caneta esferográfica, que caíra por um buraco no bolso e não fora encontrada.

Por recomendação de Jessica, o caderninho de anotações e a caneta foram escondidos com o maior cuidado, e só eram usados se o guarda de serviço fosse um dos mais complacentes, em vez dos rigorosos como Ramón.

Jessica tomara emprestado o caderninho de Angus e a caneta de Nicky no dia anterior. Embora as telas entre as celas impedissem a passagem de qualquer coisa, Vicente, quando estava de guarda, gentilmente recolhera os objetos e os entregara a Jessica.

Jessica tencionava fazer desenhos das pessoas que encontrara, enquanto a lembrança delas ainda permanecia nítida. Não era uma desenhista consumada, mas considerava-se uma amadora competente e tinha certeza de que os rostos nos desenhos seriam reconhecíveis se algum dia pudesse usá-los para identificar os envolvidos no sequestro e acontecimentos subsequentes.

O primeiro desenho, que iniciara no dia anterior e no qual ainda trabalhava, era do homem alto, calvo e com um ar de autoridade que vira na cabana escura ao recuperar os sentidos. Embora não estivesse totalmente alerta na ocasião, lembrava de sua súplica desesperada: "Socorro! ...por favor, ajude-nos... conte a alguém..." Uma impressão posterior, bem nítida, era a reação do homem, parecendo surpreso, mas depois não fazendo coisa alguma, como ficara patente agora.

Quem era ele? Por que estava ali? Como se encontrava presente, não podia deixar de estar envolvido. Jessica tinha a impressão de que era um

americano. Se era ou não, ela esperava que seu desenho ajudasse um dia a localizá-lo.

Ao terminar, Jessica fizera um retrato reconhecível do piloto do Learjet, comandante Denis Underhill.

O som de passos lá fora levou-a a dobrar o desenho apressadamente e escondê-lo no sutiã, o primeiro lugar em que pensou. Enfiou o caderninho e a caneta sob o colchão fino da cama.

Quase que no mesmo instante, Miguel, Gustavo e Ramón apareceram. Todos os três carregavam equipamentos que Jessica reconheceu no mesmo instante.

— Nada disso! — gritou ela para Miguel. — Não desperdice seu tempo armando isso. Não vamos ajudá-lo a fazer qualquer gravação.

Miguel ignorou-a. Sem pressa, instalou o Camcorder no tripé e ajeitou os refletores, ligando-os no cabo de extensão. O cabo saía pela Porta, e um momento depois se ouviu o gerador começando a funcionar. A área na frente das celas ficou toda iluminada, as luzes se concentrando na cadeira vazia diante do Camcorder. Ainda sem pressa, Miguel aproximou-se da cela de Jessica. Sua voz soou fria e dura: — Fará exatamente o que eu mandar e quando eu mandar, sua cadela. — Ele estendeu três folhas escritas a mão. — É isso que vai dizer... exatamente isso e mais nada, sem mudar uma única palavra.

Jessica pegou as folhas, leu rapidamente e depois rasgou-as, jogando os pedaços através das barras de bambu.

— Eu disse que não faria nada, e não vou fazer!

Miguel não reagiu, apenas olhou para Gustavo, que esperava um pouco atrás. Miguel acenou com a cabeça.

— Pegue o menino.

Apesar de sua determinação um momento antes, um tremor de apreensão percorreu o corpo de Jessica.

Enquanto ela observava, Gustavo abriu o cadeado da cela de Nicky. Entrando, agarrou o menino por um ombro e, torcendo o braço, empurrou-o para fora e levou-o até a frente da cela de Jessica. Nicky, embora visivelmente apavorado, não disse nada. Frenética e suando agora, Jessica indagou: — O que vão fazer?

Ninguém respondeu.

Ramón trouxe do outro lado a cadeira geralmente ocupada pelo guarda. Gustavo empurrou Nicky para a cadeira, e os dois homens amarraram-no com uma corda. Antes de imobilizar os braços, Gustavo abriu a camisa de Nicky,

expondo o peito miúdo. Enquanto isso, Ramón acendia um cigarro. Jessica, com um pressentimento do que estava para acontecer, gritou para Miguel: — Espere! Talvez eu tenha sido precipitada! Por favor, espere! Podemos conversar!

Miguel não respondeu. Agachando-se, recolheu vários pedaços de papel que Jessica rasgara.

— Havia três páginas — disse ele. — Felizmente, imaginei que poderia fazer alguma besteira e por isso lhe dei uma cópia. Mesmo assim, está nos devendo três.

Ele fez sinal para Ramón, levantando três dedos.

— Quémelo bien... três veces.

Ramón tragou, fazendo com que a ponta do cigarro em sua boca se tomasse de um vermelho brilhante. Depois, deliberadamente, num único movimento rápido, tirou o cigarro da boca e encostou a brasa no peito de Nicky. Por um breve instante, o menino ficou tão aturdido que nenhum som saiu. Depois, ao sentir a agonia da queimadura, ele gritou.

Jessica também gritava, freneticamente, incoerentemente, suplicando em lágrimas que a tortura cessasse, assegurando a Miguel que faria qualquer coisa que ele quisesse.

— Qualquer coisa! Qualquer coisa! Não me importo! Basta me dizer o que quer! Mas pare com isso! Pelo amor de Deus, pare com isso!

Na terceira cela, Angus batia com as mãos na tela e gritava também. Suas palavras misturavam-se com o resto da algazarra, mas algumas podiam ser ouvidas: — Seus filhos da puta nojentos! Covardes! Vocês são animais, não homens!

Ramón observava e escutava, um sorriso nos lábios. Levou o cigarro de volta à boca, tragou várias vezes para avivar a brasa. Quando estava forte e vermelha de novo, tornou a encostá-la no peito de Nicky. Os gritos do menino aumentaram, enquanto Ramón repetia o processo. A esta altura, um cheiro de carne queimada acompanhava os gritos e soluços desesperados de Nicky.

Miguel permaneceu friamente impassível, indiferente a tudo no exterior. Depois da terceira queimadura, ele esperou que o barulho diminuísse e disse a Jessica: — Vai sentar na frente da câmera e falar quando eu der o sinal. Escrevi em cartões o que tem de dizer. Os cartões serão levantados, e vai lê-los em voz alta. Só dirá exatamente o que há neles. Entendido?

— Entendido — balbuciou Jessica, apaticamente.

Ouvindo sua voz, sufocada e ressequida, Miguel ordenou a Gustavo.

— Dê um pouco de água à mulher. Jessica protestou: — Eu não... é Nicky quem precisa de atenção... alguma coisa para as queimaduras... Socorro poderá...

— Cale-se! — berrou Miguel. — Se criar mais algum problema, o menino sofrerá novamente. Ele ficará como está. E você vai obedecer! Ele lançou um olhar furioso a Nicky, que estava choramingando.

— Cale-se você também! Ramón, mantenha o atiçador pronto!

Ramón acenou com a cabeça.

— Si, jefe.

Ele tragou, até que a ponta do cigarro ficou outra vez vermelha. Jessica fechou os olhos. Sua obstinação, ela pensou, causara aquilo. Talvez Nicky a perdoasse um dia. Para protegê-lo agora, iria se concentrar no que tinha de fazer, concluindo tudo sem qualquer erro. Mas nesse instante mesmo ocorreu-lhe um súbito pensamento.

18

Em sua casa em Larchmont, na noite anterior ao sequestro, quando conversava com Crawf, ele descrevera sinais que um refém poderia fazer para transmitir uma mensagem furtiva, enquanto fazia uma gravação de vídeo. Alguém em casa saberia dos sinais e poderia reconhecê-los. Crawf tinha receio de que um dia o sequestrassem e fosse obrigado a fazer tal gravação. Em vez disso, porém, era Jessica quem se encontrava agora nessa situação — algo que nenhum dos dois jamais previra —, e ela se esforçou para recordar os sinais, sabendo que Crawf veria a gravação... Quais eram? A conversa em Larchmont estava voltando... sua memória sempre fora boa... Crawf dissera: "Passar a língua pelos lábios significaria “Estou fazendo isso contra a minha vontade, não acreditem em nada que eu disser”... Coçar ou tocar o lóbulo da orelha direita... “Meus captores são bem organizados e estão fortemente armados”...

Orelha esquerda... “A segurança aqui às vezes é relaxada, um ataque do exterior pode dar certo”... Havia outros sinais, dissera Crawf, mas não os descrevera. Por isso, aqueles três — ou melhor, dois, já que só poderia usar uma das mensagens de lóbulo da orelha — teriam de servir.

A cela de Jessica foi aberta por Gustavo, que fez sinal para que ela saísse.

Seu impulso inicial foi correr para Nicky, mas o rosto de Miguel estava carrancudo, e Ramón, também observando, acendera outro cigarro. Jessica

parou, seus olhos se encontrando com os de Nicky, percebeu que ele compreendia. Guiada por Gustavo, sentou na cadeira diante dos refletores e da câmera. Obediente, tornou a água que Gustavo estendeu.

A mensagem que diria na gravação fora escrita em letras grandes em dois cartões, que Gustavo suspendeu agora. Miguel deslocara-se para trás do equipamento e olhava por um visor.

— Comece quando eu baixar a mão — ordenou ele.

O sinal veio, e Jessica começou a falar, tentando manter a voz sob controle: — Temos sido todos bem tratados e respeitados. Agora que o motivo para a nossa captura nos foi explicado, compreendemos por que isso era necessário. Também fomos informados como será fácil para nossos amigos americanos garantirem nosso retomo sãos e salvos. Para nos libertar...

— Pare!

O rosto de Miguel estava vermelho, as feições contorcidas em fúria.

— Cadela! Está lendo como se fosse um rol de roupas... sem qualquer expressão, tentando bancar a espertinha, fazendo com que pareça inacreditável, como se estivesse sendo forçada...

— Estou sendo forçada!

Foi um lampejo de protesto de que Jessica se arrependeu no instante seguinte. Miguel fez um sinal para Ramón, que tornou a aplicar a brasa do cigarro no peito de Nicky, arrancando outro grito. Jessica, quase fora de si, levantou-se, suplicando: — Não! Já chega! Farei melhor! Como está querendo! Prometo! Desta vez não houve uma segunda queimadura, para seu alívio. Miguel pôs outro cassete no Camcorder e acenou para que Jessica voltasse a sentar. Mais uma vez, Gustavo serviu-lhe água. Um momento depois, ela recomeçou. Procurando se controlar, fez o melhor possível para que as frases de abertura parecessem convincentes, depois continuou: — Para nos libertar, devem simplesmente seguir, depressa e com exatidão, as instruções que acompanham esta gravação...

Imediatamente depois da gravação, Jessica passou a língua pelos lábios. Sabia que assim assumia um risco, para si mesma e para Nicky, mas achava que a ação pareceria natural e passaria despercebida. A ausência de protesto provou que estava certa, e agora ela confirmara para Crawf e os outros que aquelas palavras não eram suas.

Apesar de tudo mais que acontecera, experimentou uma satisfação intensa, enquanto continuava a ler os cartões que Gustavo levantava.

— ...mas estejam certos de uma coisa: Se não obedecerem às instruções, nunca mais tomarão a ver qualquer de nós. Suplicamos que não deixam isso acontecer...

Quais eram as instruções, o preço pedido pelos sequestradores para a libertação deles? Jessica só podia especular, sabendo a esta altura que era melhor não perguntar.

Mas só restava pouco tempo... e a outra mensagem? Era preciso optar... orelha esquerda ou direita... qual das duas? Era verdade que as pessoas ali estavam armadas e talvez fossem bem organizadas, mas a segurança às vezes era relaxada, os guardas adormeciam à noite com muita frequência; às vezes podiam ouvir um ou outro roncando... Tomando sua decisão, Jessica levantou a mão e casualmente coçou a orelha esquerda. Estava feito! Ninguém percebera! Ela continuou com as palavras finais.

— Ficaremos esperando, contando com vocês, torcendo desesperadamente para que tomem a decisão certa e...

Acabou segundos depois. Enquanto Jessica fechava os olhos, aliviada, Miguel desligou os refletores e recuou, com um sorriso de satisfação no rosto.

Uma hora transcorreu antes que Socorro aparecesse, uma hora de sofrimento para Nicky e angústia para Jessica e Angus, que podiam ouvir o menino gemendo baixinho em sua cama, sem serem capazes de confortá-lo. Jessica suplicara ao guarda de serviço — usando palavras e gestos — que a deixasse sair de sua cela e ficar com Nicky. O homem não falava inglês, mas era evidente que compreendia o que ela pedia. Só que sacudira a cabeça e insistira: — No se permite.

Um senso de culpa irresistível dominou Jessica. Ela murmurou para Nicky, através da tela: — Oh, querido, lamento muito. Se eu soubesse o que eles fariam, teria concordado imediatamente com a gravação. Nunca pensei...

— Não se preocupe, mamãe. — Apesar da dor, Nicky tentou tranquilizá-la. — Não foi sua culpa.

— Ninguém poderia imaginar que aqueles selvagens fariam uma coisa assim, Jessie! — gritou Angus de sua cela no outro lado. — Ainda dói muito, companheiro? — Dói, sim.

A voz de Nicky era trêmula. Jessica apelou de novo para o guarda.

— Chame Socorro! A enfermeira! Está me entendendo? Socorro!

Desta vez o homem nem deu atenção. Estava sentado, lendo o que parecia ser uma revista de quadrinhos, não levantou os olhos.

Enfim, Socorro apareceu, aparentemente por sua própria iniciativa.

— Por favor, ajude Nicky! — pediu Jessica. — Seus amigos o queimaram! — Provavelmente ele mereceu.

Socorro fez sinal para que o guarda abrisse a cela de Nicky e entrou. Ao ver as quatro queimaduras, soltou um grunhido, depois virou-se e deixou a cela, que foi de novo trancada pelo guarda.

— Vai voltar? — gritou Jessica.

Por um momento, Socorro deu a impressão de que ofereceria outra resposta brusca. Mas apenas balançou a cabeça bruscamente e se retirou. Retornou poucos minutos depois, trazendo uma bacia, um jarro com água e um pacote de gaze e panos dobrados.

Através da tela, Jessica observou Socorro limpar as queimaduras gentilmente com água, enquanto Nicky estremecia, embora não chorasse. Socorro enxugou as queimaduras com um pedaço de pano, depois estendeu uma gaze por cima, prendendo os curativos com esparadrapo. Jessica disse, cautelosa: — Obrigada. É muito boa nisso. Posso perguntar...

— São queimaduras de segundo grau e vão sarar. Tirarei os curativos em poucos dias.

— Pode fazer alguma coisa pela dor?

— Isto não é um hospital. — Socorro virou-se para Nicky, a voz nervosa, o rosto solene. — Fique deitado e quieto hoje, menino. Doerá menos amanhã.

Jessica decidiu fazer mais um apelo. — Posso ficar com ele, por favor? Ele só tem onze anos, e sou mãe dele. Não podemos ficar juntos, mesmo que seja apenas nas próximas horas?

— Falei com Miguel. Ele disse não.

Socorro foi embora. Houve um momento de silêncio, e depois Angus sussurrou: — Eu gostaria de poder fazer alguma coisa por você, Nicky. A vida não é justa. Você não merece isso. Uma pausa.

— Vovô...

— O que é, querido?

— Há uma coisa.

— Que eu posso fazer? Então me diga.

— Fale sobre aquelas velhas canções. E cante uma, se puder.

Os olhos de Angus ficaram úmidos. Era um pedido que não precisava de explicação.

Qualquer coisa sobre canções e música fascinava Nicky. Às vezes, nas noites de verão, no chalé dos Sloanes à beira do lago, perto de Johnstown, no

norte do Estado de Nova York, avô e neto conversavam e escutavam canções da Segunda Guerra Mundial, que duas gerações antes, em outros momentos difíceis, haviam sustentado Angus e outros como ele. Nicky parecia que nunca se cansava dessas conversas, e Angus esforçou-se agora em lembrar palavras e frases que usara antes.

— A turma da aviação militar, Nicky, adorava suas coleções de discos de 78 rpm... Esses 78 desapareceram há muito tempo... aposto que você nunca viu nenhum...

— Já vi sim. O pai de um amigo meu tinha alguns.

Angus sorriu. Como Nicky também sabia, um diálogo idêntico ocorrera poucos meses antes.

— Levávamos aqueles discos de uma base área para outra. Como quebravam facilmente, ninguém confiava o transporte a ninguém. E cada alojamento de oficiais solteiros vibrava com a música das grandes bandas, Benny Goodman, Tommy Dorsey, Glenn Miller. E os cantores eram o jovem Frank Sinatra, Ray Eberle, Dick Haymes. Ouvíamos as canções e as cantávamos debaixo do chuveiro.

— Cante uma agora, vovô.

— Não sei se dá. Minha voz está ficando velha.

— Tente, Angus! — exortou Jessica. — E eu o acompanharei, se puder.

Ele vasculhou a memória. Quando tinham feito aquilo antes, havia uma canção em especial que Nicky apreciava mais? E Angus lembrou: — Havia sim. Firmando a respiração, ele começou, embora olhasse antes para o guarda, especulando se exigiria o cumprimento da opressiva lei do silêncio. Mas o homem parecia não se importar que eles conversassem e virava as páginas da revista.

Angus tivera outrora uma boa voz para cantar; agora, como o resto dele, estava cansada e trêmula. Mas as palavras sobressaíam nítidas em sua mente, a lembrança precisa.

I'll be seeing you
In all the old familiar places
That this heart of mine embraces
All day and through

Jessica acompanhou-o, a letra aflorando de algum lugar. Um momento depois, a voz de tenor jovem de Nicky uniu-se ao coro:

In that small cafe
The park across the way

The children's carousel
The chestnut trees, the wishing well.
I'll be seeing you
In every lovely summer's day
In everything that's light and gay
I'll always think of you that way
I'll find you in the morning sun
And when the night is new
I'll be looking at the moon
But I'll be seeing you
I'll be seeing you
In every lovely summer's day
In everything that's light and gay
I'll always think of you that way
I'll find you in the morning sun
And when the night is new
I'll be looking at the moon
*But I'll be seeing you**

Para Angus, os anos se dissiparam. Jessica sentiu-se reanimada. Para Nicky, por um momento, a angústia das queimaduras foi aliviada.

*Verei você
Em todos os lugares familiares
Que meu coração abraça ao longo do dia...
Naquele pequeno café
No parque no outro lado,
No carrossel das crianças,
Nas árvores, no poço dos desejos.
Verei você
Em cada lindo dia de verão,
Em tudo que é alegre,
Sempre pensarei em você assim
Encontrarei você no sol da manhã;
E quando a noite surgir,
Contemplarei a lua,
Mas será você que eu verei! (N.T.)

A partir do momento na tarde de quarta-feira em que Harry Partridge anunciou sua decisão de viajar para o Peru no início do dia seguinte, a força-tarefa especial da CBA passou a trabalhar febrilmente.

A decisão decorrente de Partridge — abrir as comportas de informações cerca de 36 horas depois de sua partida — resultou em reuniões e consultas, durante as quais foi elaborado e aprovado um programa prioritário para os três dias seguintes.

A tarefa imediata era uma matéria a ser redigida e gravada da noite para o dia, tendo Partridge como apresentador, que dominaria O Jornal da Noite na noite de sexta-feira.

Contaria tudo que se sabia sobre o sequestro da família Sloane, inclusive as últimas informações sobre o Peru e o Sendero Luminoso; a identificação do terrorista, Ulises Rodríguez, também conhecido por Miguel; os caixões e o agente funerário, Alberto Godoy; o American-Amazonas Bank e o suposto assassinato-suicídio, que agora se suspeitava ter sido um duplo homicídio, de José Antônio Salaverry e Helga Efferen.

Antes dos preparativos começarem, no entanto, Harry Partridge visitou Crawford Sloane em sua sala, no quarto andar. Partridge ainda achava que Sloane deveria ser um dos primeiros a tomar conhecimento de qualquer novidade ou plano.

Desde o sequestro, treze dias antes, Crawford Sloane continuara a trabalhar, embora parecesse às vezes que apenas preenchia cada dia, seu coração e mente não se concentrando no trabalho. Hoje ele parecia mais encovado do que nunca, os olhos mais cansados, os sulcos no rosto ainda mais profundos que uns poucos dias antes.

Conferenciava com uma redatora e um produtor, levantando os olhos quando Partridge entrou na sala.

— Precisa falar comigo, Harry?

Partridge fez que sim com a cabeça, e Sloane disse aos outros dois: — Importam-se de sair? Terminaremos depois. Sloane apontou uma cadeira para Partridge.

— Você parece muito sério. Más notícias? — Infelizmente, sim. Já concluímos que sua família deixou o país. Estão prisioneiros no Peru.

Sloane arriou para a frente, os cotovelos na mesa; esfregou o rosto com a mão, antes de responder: — Eu já esperava algo assim... ou melhor, temia. Sabe quem os capturou? — Achamos que foi o Sendero Luminoso.

— Oh, Deus! Aqueles fanáticos, não! — Partirei para Lima pela manhã, Crawf.

— Irei com você! Partridge sacudiu a cabeça.

— Ambos sabemos que não pode, não daria certo. Além do mais, a rede nunca permitiria.

Sloane suspirou, mas não discutiu.

— Tem alguma ideia do que querem aqueles chacais do Sendero?

— Ainda não. Mas tenho certeza que logo saberemos. — Seguiu-se um silêncio, e depois Partridge acrescentou: — Convoquei uma reunião da força-tarefa para as cinco horas. Achei que você gostaria de comparecer. Depois, a maioria de nós trabalhará durante toda a noite.

Ele passou a descrever as descobertas durante o dia e o plano para transmitir todas as informações de que dispunham na sexta-feira.

— Estarei na reunião. Obrigado. — Quando Partridge se levantou para sair, Sloane perguntou: — Tem mesmo de ir agora?

Partridge hesitou. Tinha muita coisa para fazer, e o tempo era curto, mas ele sentia em Sloane um desejo de conversar. Deu de ombros.

— Creio que mais alguns minutos não farão diferença.

Houve uma pausa, antes que Sloane murmurasse, contrafeito: — Não sei como dizer isso ou mesmo se devo dizer. Mas num momento como este é preciso pensar em todas as coisas.

Partridge esperou, curioso, e Sloane continuou: — Seja como for, Harry, tenho pensado nos seus sentimentos em relação a Jessica. Afinal, há alguns anos vocês foram muito íntimos.

Então era isso. Um pensamento secreto expressando-se depois de tanto tempo. Partridge escolheu as palavras com o maior cuidado, sabendo que aquele momento era importante. — É verdade, eu me importo com Jessica, em parte porque fomos íntimos, como você falou, há alguns anos. Mas me importo principalmente porque ela é sua esposa, e você, meu amigo. Quanto a qualquer coisa que outrora existiu entre mim e Jessica, acabou no dia em que ela se casou com você.

— Suponho que estou falando nisso agora por causa de tudo o que aconteceu, mas houve ocasiões antes em que pensei a respeito.

— Sei disso, Crawf, e houve ocasiões em que eu quis lhe dizer o que lhe disse agora; e também que nunca tive qualquer ressentimento por você se casar com Jessica ou por se tomar o apresentador principal. Não havia motivo para que tivesse. Mas sempre tive a impressão de que você não acreditaria se eu dissesse.

— Provavelmente tem razão. — Sloane fez uma pausa, pensativo. — Mas se quer saber, Harry, acredito agora.

Partridge balançou a cabeça. Já fora dito o suficiente, e ele precisava ir. Parou na porta e virou-se. — Farei tudo o que puder quando chegar a Lima, Crawf. Prometo.

Ao chegar à sala de Sloane, Partridge notara a ausência de Otis Havelock, o agente do FBI, cuja presença fora tão evidente na semana seguinte ao sequestro. Passando pela Ferradura, onde comunicou a Chuck Insen a reunião da força-tarefa, Partridge perguntou pelo homem do FBI.

— Ele ainda aparece por aqui a todo instante, mas tenho a impressão de que está seguindo outras pistas — informou o produtor executivo.

— Sabe se ele voltará hoje?

— Não tenho a menor ideia.

Partridge descobriu-se a torcer para que o homem do FBI continuasse a fazer o que quer que estivesse fazendo pelo resto do dia. Se isso acontecesse, seria mais fácil manter o conhecimento da atividade naquela noite e da partida de Partridge no dia seguinte limitado a umas poucas pessoas na CBA. Na sexta-feira, é claro, presumindo que se avisasse com antecedência que a CBA faria novas revelações em seu noticioso noturno, o FBI provavelmente pressionaria para saber o que estava acontecendo e seria preciso ganhar tempo até a hora do jornal. Mas a esta altura Partridge estaria no Peru, e a responsabilidade seria de outra pessoa.

Mesmo assim, ele decidiu que lidar com o FBI era mais um fator a ser levado em consideração nos planos para os próximos dois dias.

20

A reunião de 17h da força-tarefa foi bastante concorrida. Les Chippingham e Crawford Sloane compareceram. Chuck Insen ficou por quinze minutos e depois se retirou porque se aproximava a primeira edição do Jornal da Noite, sendo substituído por outro produtor da Ferradura. Partridge sentou à cabeceira da comprida mesa de reunião, com Rita Abrams ao seu lado. Iris Everly, que produzira uma matéria sobre o sequestro para o jornal daquela noite -sem qualquer material novo obtido durante o dia —, chegou vários minutos atrasada. Teddy Cooper estava presente, depois de passar o dia com os pesquisadores temporários, que ainda visitavam os jornais locais para examinar os anúncios classificados, até agora sem resultados positivos. Minh Van Canh compareceu, assim como os produtores Norman Jaeger e Karl Owens. Um rosto novo à mesa era o de Don Kettering. Jonathan Mony ficara e foi apresentado aos outros. Vários membros da equipe de apoio se achavam presentes.

Partridge começou com um resumo do que acontecera durante o dia, sua intenção de viajar para o Peru no início do dia seguinte e a decisão de divulgar todas as informações na noite de sexta-feira. Les Chippingham interveio: — Concordo com tudo que você disse, Harry, mas acho que devemos dar um passo à frente e programar um noticioso especial de uma hora, também na noite de sexta-feira, apresentando toda a sequência do sequestro, incluindo o material novo.

Houve murmúrios de aprovação ao redor da mesa, enquanto o diretor de divisão de jornalismo continuava: — Lembro que temos uma reportagem já programada para as nove horas e que podemos substituir. E pelo que vocês dizem, parece que dispõem do suficiente para preencher uma hora.

— Mais até — garantiu Rita Abrams.

Pouco tempo antes ela assistira ao interrogatório em silhueta de Alberto Godoy e à entrevista de Don Kettering com o gerente do American-Amazonas, Emiliano Armando.

Ficara entusiasmada com as duas matérias.

Depois da projeção, Rita, Partridge e Kettering haviam discutido se a identidade do agente funerário deveria ser protegida, já que, durante o encerramento hostil da entrevista, Godoy voluntariamente levara o rosto para o alcance da iluminação e câmera. Havia uma tentação de mostrar seu rosto na televisão, pois era óbvio que a rede poderia ter problemas com a proteção da

identidade de Godoy. Contudo, por causa do acordo original com ele, havia uma complexa questão de ética envolvida.

Ao final, ficara decidido que o pacto original devia ser mantido, já que Godoy não sabia, tecnicamente, o que estava fazendo. Para garantir a decisão, Partridge apagou numa máquina de edição a parte da fita em que aparecia o rosto de Godoy, a fim de que não pudesse ser recuperada mais tarde, junto com cenas não aproveitadas.

Àquela altura, apagar uma parte da fita não era uma violação legal, mas seria, se isso fosse feito depois de iniciado um inquérito oficial.

Todos na reunião sabiam que a decisão de fazer um especial de uma hora era relativamente fácil, desde que o programa a ser cancelado era mesmo da divisão de jornalismo; portanto, não havia necessidade de consultar o alto comando de programação da rede. O programa marcado originalmente para as nove horas da noite de sexta-feira era Por Trás das Manchetes, produzido normalmente por Norman Jaeger, que a ele voltaria assim que terminasse sua atual missão. Chippingham decidiu particularmente que não precisava comunicar a decisão de mudança a Margot Lloyd-Mason de imediato, embora devesse avisá-la em algum momento da sexta-feira sobre o que seria apresentado naquela noite.

Outras decisões se sucederam.

Partridge anunciou que Minh Van Canh e Ken O'Hara, o técnico de som que estivera presente no desastre aéreo em Dallas-Fort Worth duas semanas antes, o acompanhariam ao Peru. Rita, olhando para Chippingham através da mesa, acrescentou: — Les, fretamos um Learjet para Harry e os outros, partindo de Teterboro às seis da manhã. Preciso de sua autorização.

— Tem certeza... — Chippingham, consciente das despesas crescentes, já ia acrescentar "que não há um voo comercial disponível?" mas percebeu os olhos frios de Crawford Sloane a fitarem-no. Mudando de ideia, limitou-se a declarar, laconicamente: — Está aprovado.

Rita, ficou decidido, permaneceria em Nova York para a supervisão global da matéria para o noticioso da noite de sexta-feira e o especial de uma hora, com Iris realizando a produção geral da matéria, e Norman Jaeger e Karl Owens cuidando do especial. Depois, na noite de sexta-feira, Rita seguiria Partridge e os outros para Lima, com Jaeger assumindo o comando em Nova York como produtor sênior.

Partridge, que discutira o assunto antes com Chippingham, comunicou que, depois de sua partida, o comando da força-tarefa do sequestro em Nova

York ficaria com Don Kettering. Temporariamente, as funções de Kettering na área econômica seriam exercidas por um assistente.

Mas, ressaltou Partridge, nem a matéria no Jornal da Noite de sexta-feira nem o especial de uma hora depois — ele apareceria nos dois — deveriam deixar transparecer que ele já partira para o Peru. Mais do que isso: se fosse possível em algum momento dar a impressão de que ele aparecia ao vivo, sem chegar a mentir sobre isso, tanto melhor.

Embora fosse improvável que as outras redes e os jornais se deixassem enganar por essa tática, se fosse possível atenuar a urgência dos concorrentes em despachar suas próprias equipes para o Peru, isso seria uma vantagem. Partridge tinha melhores possibilidades de realizar uma investigação proveitosa sozinho do que no meio de um enxame de outros repórteres.

O que levava à questão da segurança.

Tudo que aconteceria naquela noite e nos dois dias seguintes, declarou Les Chippingham, não devia ser discutido, nem mesmo com outras pessoas na divisão de jornalismo que não estivessem envolvidas, muito menos com gente de fora, inclusive as famílias. O critério para a discussão era o seguinte: só o que é preciso saber. Ele arrematou: — Isso não é um pedido; é uma ordem.

Chippingham continuou, olhando para cada pessoa ao redor da mesa: — Não vamos fazer ou dizer qualquer coisa que possa revelar prematuramente nossas informações e privar Harry da vantagem de 24h de que ele tanto precisa. Acima de tudo, lembrem-se de que há vidas em jogo... — Ele olhou para Crawford Sloane — ...vidas muito especiais, importantes para todos nós.

Outras medidas de segurança foram definidas.

Nos dois dias seguintes, enquanto um estúdio e a sala de controle estivessem sendo usados para produzir o especial de uma hora, seguranças seriam postados do lado de fora, permitindo o ingresso apenas das pessoas constantes de uma lista a ser preparada por Rita. Além disso, a linha de saída normal do estúdio seria desligada, a fim de que ninguém fora dele e da sala de controle pudesse ver num monitor o que acontecia lá dentro.

Ficou acertado, no entanto, que na manhã de sexta-feira a segurança seria um pouco relaxada, a fim de permitir chamadas promocionais durante o dia. Os espectadores seriam avisados de que importantes informações novas sobre o sequestro da família Sloane seriam reveladas no Jornal da Noite daquela noite e num especial de uma hora. Também durante o dia, como uma cortesia profissional, as outras redes agências noticiosas e os jornais receberiam o mesmo aviso, mas nenhum detalhe seria revelado.

— Há mais alguma coisa ou podemos nos lançar ao trabalho? — Perguntou finalmente Partridge.

— Só mais um detalhe. — Era Rita, num tom de malícia. — Les, preciso de sua aprovação para outro Learjet, este para a noite de sexta-feira, quando será a minha vez de partir para o Peru. Levarei um editor, Bob Watson, e um equipamento de edição. Além disso, também levarei uma fortuna.

Houve risos das pessoas à mesa que conheciam o problema, até mesmo um sorriso de Crawford Sloane. Rita aumentava suas possibilidades de viajar em avião particular, primeiro levando um editor e o equipamento, que era volumoso, difícil de transportar de outra maneira. Segundo, era considerado desaconselhável viajar em linhas comerciais com quantias grandes em dinheiro americano; embora Rita não tivesse mencionado a quantia, seriam cinquenta mil dólares. Um dinheiro forte era essencial num país como o Peru, em que a moeda local estava muito desvalorizada e os dólares podiam comprar quase tudo, inclusive privilégios especiais, que certamente seriam necessários.

Chippingham suspirou interiormente. Impensadamente, ele refletiu, e apesar da ligação entre os dois, que continuava a florescer, Rita deixava-o numa situação difícil.

— Está certo — respondeu Chippingham. — Pode fazer a reserva.

Apenas alguns minutos depois de encerrada a reunião, Partridge estava diante de um terminal de computador, escrevendo sua introdução para O Jornal da Noite da sexta-feira.

Vários fatos novos e surpreendentes afloraram sobre o sequestro, há quinze dias, da esposa, f ilha e pai do âncora da CBA, Crawford Sloane. Reportagens investigativas da CBA nos levam a acreditar que as três vítimas do sequestro f oram transportadas para o Peru, onde se mantêm aprisionadas pelos guerrilheiros revolucionários maoístas do Sendero Luminoso, que há muitos anos aterrorizam extensas áreas do país.

O motivo para o sequestro ainda é desconhecido.

O que se sabe é que um diplomata na ONU, usando uma conta bancária em Nova York, forneceu dinheiro aos sequestradores, que além desse crime possivelmente cometeram também outros atos de terrorismo.

Nossa ampla cobertura começa, como tantos outros crimes, pelo dinheiro. Don Kettering, o repórter econômico da CBA, explica.

Seria, refletiu Partridge, enquanto começava a revisar o que escrevera, a primeira de muitas apresentações similares que deveria redigir e gravar antes de deixar Manhattan para o aeroporto de Teterboro, às cinco horas da manhã.

PARTE QUATRO

1

Ainda estava escuro e chovendo, poucos minutos antes das seis horas da manhã, quando um Learjet 36A decolou do aeroporto de Teterboro, em Nova Jersey, para Bogotá, Colômbia. A bordo seguiram Harry Partridge, Minh Van Canh e Ken O'Hara.

O 36A não tinha autonomia para um voo sem escalas até Lima, mas ficariam em Bogotá apenas pelo tempo suficiente para reabastecer e esperavam chegar à capital peruana à uma e meia da tarde, pelo mesmo horário, que também prevalecia no Peru.

Partridge e os outros dois foram diretamente da sede da CBA para Teterboro num carro da rede. Durante a noite movimentada, Partridge conseguira escapulir por meia hora para o Hotel Inter— Continental, onde arrumara uma mala. Não perdera tempo em registrar a saída; alguém da rede cuidaria disso pela manhã.

Pedira também que o encarregado da CBA providenciasse um lugar para dormir no Lear e ficou na maior satisfação ao encontrá-lo pronto. No lado direito da cabine, duas poltronas haviam sido baixadas para se transformarem numa cama, com um colchão, lençóis e cobertor convidativos. Era possível que outra cama fosse ajeitada no lado oposto, mas Minh e O'Hara teriam de dividi-la. De qualquer forma, pensou Partridge, eles não tinham tido uma noite tão árdua quanto a sua.

Ao subirem, Partridge já pegara no sono. Dormiu profundamente durante três horas, depois acordou para descobrir a cabine na semiescuridão, alguém tendo fechado as cortinas atenciosamente, embora um sol brilhante -o suficiente para se ver -se infiltrasse pelas beiras. No outro lado da cabine, Minh dormia, enroscado numa poltrona.

O'Hara também dormia, na poltrona por trás.

Partridge conferiu o relógio: nove horas da manhã, pelo horário de Nova York. Pegando o plano de voo que o piloto entregara antes da decolagem, ele calculou que passariam mais duas horas até a escala para reabastecimento em Bogotá. O zumbido dos motores era firme mas suave, não havia a menor insinuação de turbulência. Uma expressão ocorreu a Partridge: uma viagem suave. Ele tornou a se acomodar, fechando os olhos.

Desta vez o sono não veio. Talvez as três horas fossem suficientes. Talvez coisas demais tivessem acontecido em pequeno espaço de tempo para que

descansasse por muito tempo. Em outras ocasiões no passado, descobrira que precisava de pouco sono durante os períodos de tensão e ação; esta era uma ocasião assim, ou seria em breve. Isso mesmo, entraria em ação — provável e literalmente em batalha —, todos os sentidos se agitavam de forma agradável.

Essa sensação, ele calculava, sempre estava latente em seu íntimo, fora despertada pelo Vietnã e mais tarde satisfizera sua necessidade em outras guerras, em outros lugares. Era o que o convertia, no jargão do telejornalismo, num repórter "bangue-bangue", um rótulo que antes o incomodava, mas para o qual não ligava agora.

Afinal, havia ocasiões em que um "bangue-bangue" como ele era necessário, assim como Balaklava tivera soldados que cumpriam seu dever sem se importar com *o canhão pela direita, o canhão pela esquerda, o canhão bem na frente, disparando e trovejando*.

Ele sorriu, divertido com o romantismo de Tennyson e o seu próprio.

Nem sempre fora assim. Por algum tempo, quando vivia com Gemma, deliberadamente evitava guerras e o perigo, porque a vida era doce, gloriosamente feliz, não dava para arriscar um fim súbito. Nessa ocasião, dentro da rede, ele sabia que se espalhara um aviso nesse sentido: Só vamos dar a Harry missões seguras; ele fez jus a isso. Que os repórteres mais novos acompanhem o som dos tiros por algum tempo.

Tudo isso mudara mais tarde, é claro. Quando Gemma não se encontrava mais em cena, Partridge deixara de ser protegido e fora enviado de novo à guerra, em parte porque era competente nisso, em parte porque avisara que não se importava com os riscos que corria. Esse último fato era um dos motivos, ele refletiu, para que realizasse esta viagem, aqui e agora.

Como era estranho que desde o início daquele projeto tivesse reconstituído mentalmente seu tempo com Gemma. Fora durante a viagem aérea de Toronto, imediatamente depois do sequestro, que lhe voltara a lembrança do voo do papa no DC-10 da Alitalia e do encontro com Gemma... sua conversa com o papa e a confusão "escravos-eslavos" que ele resolvera, e Gemma levando a bandeja do café da manhã e lhe dando uma rosa.

No dia seguinte naquela missão — ou teria sido dois dias depois? —, mais recordações, à noite, no hotel... apaixonando-se por Gemma, pedindo-a em casamento, ainda durante a excursão papal... Durante uma breve escala, a ida de táxi para a Cidade do Panamá, Gemma de pé ao seu lado, enquanto o *juez*, em seu gabinete ornamentado, os declarava marido e mulher.

E apenas uma semana antes, enquanto seguia na escuridão de Larchmont para Manhattan, depois de visitar Crawford Sloane, veio a lembrança dos dias serenos e idílicos de Partridge e Gemma em Roma, quando o amor entre os dois desabrochara; o riso exuberante e a alegria de Gemma; o talão de cheques que ela nunca conseguia equilibrar; o carro que guiava como uma maníaca, despertando seus temores... até que lhe entregara as chaves, ao saber que estava grávida. E, depois disso, a notícia de transferência de Roma para Londres...

Agora, ali estava ele, em outra viagem aérea e com momentos mais tranquilos, os pensamentos retomando a Gemma. Desta vez, ao contrário das outras, ele não resistiu às lembranças, deixando que aflorassem.

A vida que levavam em Londres era incrivelmente boa.

Instalaram-se num agradável apartamento mobiliado em St. John's Wood, desocupado pelo antecessor de Partridge, Gemma rapidamente acrescentando toques de seu estilo e cor. Os aposentos estavam sempre cheios de flores. Ela pendurou quadros que trouxera de Roma, comprou porcelana e toalhas de mesa em Kensington, acrescentou uma extraordinária escultura em bronze de um artista novo e jovem, expondo na Cork Street.

O trabalho de Partridge ia bem no escritório em Londres da CBA. Alguns dos acontecimentos que ele cobria ocorriam na Grã-Bretanha, outros no continente -na França, Holanda, Dinamarca e Suécia —, embora raramente passasse muito tempo longe de casa. Quando não estava trabalhando, ele e Gemma exploravam Londres juntos, experimentando a maior satisfação na descoberta de história, esplendor, curiosidades e estranhezas, muitas vezes em intrigantes ruas estreitas, algumas ainda como Dickens as descrevera, ou em tomo de esquinas estranhas.

As ruas como um labirinto desconcertavam Gemma, que se perdia com frequência. Quando Partridge sugeriu que partes de Roma podiam ser igualmente difíceis, ela sacudiu a cabeça em discordância.

— Não é por nada que chamam Roma de "Cidade Eterna", Harry querido. Em Roma, você pode avançar, é como algo que sente. Londres brinca com a gente como um gato com o rato; vira você de um lado para outro e para trás, sem que sequer perceba. Mas eu adoro; é como um jogo.

O tráfego também desconcertava Gemma. Parada com Partridge nos degraus da Galeria Nacional, contemplando o movimento intenso de táxis, carros particulares e ônibus duplos em tomo de Trafalgar Squaré, ela comentou: — É muito perigoso, querido. Todos estão seguindo pelo lado errado.

Por sorte, como não podia se ajustar mentalmente a guiar pela esquerda, Gemma não tinha o menor desejo de usar o carro. Assim, quando Partridge não estava, ela andava muito a pé, pegava o metrô ou um táxi.

A Galeria Nacional era uma das muitas que visitavam. Também saboreavam outros pontos pitorescos, tanto convencionais como fora do comum, da mudança da guarda no Palácio de Buckingham às janelas cobertas por tijolos — um remanescente do início do século XIX, quando as janelas eram taxadas para financiar as guerras napoleônicas.

Um guia que contrataram por um dia mostrou-lhes uma estátua da rainha Anne, informando que ela engravidara dezenove vezes. Na Casa da Nova Zelândia, o antigo Carlton Hotel, ele contou que Ho Chi Minh outrora trabalhara ali como auxiliar de cozinha — eram informações do tipo que Gemma adorava, e ela anotava tudo em seu caderninho.

Um passatempo muito apreciado no domingo era visitar o Canto dos Oradores, perto de Marble Arch; Partridge explicou que ali "os profetas, boquirrotos e lunáticos tinham o mesmo direito de falar o que quisessem".

— O que há de tão diferente nisso, Harry? — indagou Gemma uma vez, depois de escutar. — Alguns discursos que você noticia na tevê não são melhores. Deveria fazer uma matéria sobre o Canto dos Oradores.

Pouco depois, Partridge mandou a sugestão para Nova York, que prontamente aprovou. Foi feita uma reportagem, que se tornou uma "matéria de encerramento" na noite de sexta-feira, divertida e muito elogiada.

Outro ponto alto foi a visita ao Brown's Hotel, fundado pelo mordomo de Lorde Byron, onde tomaram o chá da tarde -a suprema experiência inglesa, com um serviço impecável, sanduíches requintados, bolinhos, geleia de morango e creme de Devonshire.

— É um ritual sagrado, mio amore — explicou Gemma. — Como a comunhão, só que mais saboroso.

Em suma, qualquer coisa que fizessem juntos era um tempo de alegria. E, durante todo o tempo, a gravidez de Gemma progredia, prometendo ainda mais felicidade pela frente.

Foi durante o sétimo mês de gravidez que Partridge foi enviado numa missão de um dia a Paris. O escritório da CBA em Paris, com uma equipe insuficiente, precisava de alguém para cobrir as acusações contra um filme americano, que apresentava em termos críticos — e inacuradamente, ao que se alegava — a Resistência Francesa na Segunda Guerra Mundial. Partridge fez a matéria, que foi transmitida por satélite para Nova York, via Londres, embora ele

duvidasse que pudesse ser considerada importante o suficiente para sair no Jornal da Noite; no fim, acabou não saindo.

Depois, na redação em Paris e prestes a sair para pegar o voo de volta, estenderam-lhe um telefone, com a informação: — Londres quer falar com você. Zeke está na linha.

Zeke era Ezekiel Thomson, o chefe do escritório de Londres, enorme, rude, severo e negro; para as pessoas que trabalhavam com ele, parecia também desprovido de emoções. A primeira coisa que Partridge percebeu, ao pegar o telefone, foi que a voz de Zeke estava abafada e trêmula.

— Harry, nunca tive de fazer nada assim antes... não sei como... mas tenho de lhe contar...

E Zeke conseguiu de alguma forma relatar tudo.

Gemma estava morta. Começava a atravessar a rua num cruzamento movimentado em Knightsbridge; as testemunhas disseram que olhava para a esquerda, em vez da direita...

Oh, Gemma! A querida, maravilhosa e avoada Gemma, que achava que todos na Inglaterra guiavam pelo lado errado, que ainda não aprendera para que lado olhar ao atravessar uma rua... Um caminhão, vindo pela direita, atropelou Gemma. As testemunhas diziam que o motorista do caminhão não devia ser culpado, não pôde fazer nada...

A criança — um menino, Partridge descobriu mais tarde — também estava morta.

Partridge voltou a Londres, e depois de fazer tudo que era necessário, sozinho no apartamento que haviam partilhado, desatou a chorar.

Passava os dias em completa solidão, recusando-se a receber qualquer pessoa, as lágrimas se derramando — não apenas as devidas a Gemma, mas todas as que ao longo dos anos nunca derramara.

Chorou finalmente pelas crianças galesas mortas em Aberfan, cujos corpos patéticos observara sendo retirados daquele horrível mar de lama. Chorou pelos famintos na África, alguns morrendo enquanto as câmeras rodavam e ele, Partridge, com os olhos secos, escrevia anotações em seu caderninho. Chorou por todos os outros, nos muitos lugares trágicos que visitara, onde se postara entre os desconsolados, ouvindo seus lamentos, registrando sua dor, mas como um jornalista cumprindo o seu dever e mais nada.

Em algum momento, no meio de tudo aquilo, ele recordou o que uma psiquiatra lhe dissera um dia: — Você está guardando tudo, armazenando a emoção em seu íntimo. Um dia vai transbordar, as comportas se abrirão, e você

vai chorar. Como vai chorar! Depois, da melhor forma que podia, Partridge reconstituiu sua vida. A CBA ajudou-o pelo expediente de mantê-lo ocupado, sem lhe dar tempo para a introspecção. Assim que uma missão difícil terminava, outra já começava. Onde quer que houvesse conflito ou perigo no mundo, lá estava Harry Partridge. Ele corria os riscos e sempre escapava, até que parecia, para si mesmo e para os outros, que tinha uma vida encantada. E enquanto isso acontecia, os meses e depois os anos foram passando.

Agora, havia períodos em que era capaz, se não de esquecer Gemma, pelo menos de não pensar nela por algum tempo. Havia também outras ocasiões — como as duas semanas desde o sequestro da família Sloane — em que ela era a presença mais destacada em sua mente.

Mas desde aqueles dias desesperados depois da morte de Gemma, ele não tomara a chorar.

Agora, a bordo do Learjet e ainda a uma hora de Bogotá, o sono estava voltando, e na sua mente o passado e o presente se fundiam...

2

Os contrastes de Lima, Harry Partridge pensou, eram tão intensos e sombriamente aparentes quanto as crises e conflitos, políticos e econômicos, que dividiam todo o Peru, amargamente, às vezes brutalmente.

A capital imensa, seca e esparramada, dividia-se em vários segmentos, cada um exibindo uma riqueza opulenta ou uma pobreza sórdida, com ódios se irradiando dos extremos como flechas envenenadas. Ao contrário da maioria das outras cidades que ele conhecia, raramente havia um segmento intermediário. Mansões espetaculares, cercadas por jardins impecáveis, construídas nos melhores terrenos de Lima, contrastavam com as abomináveis *barriadas*, as favelas apinhadas, erguidas nos piores terrenos.

A multidão dos favelados miseráveis, muitos vivendo em imundos barracos de papelão, era tão visivelmente miserável, a ira que se irradiava de olhos sinistros tão intensa, que, durante outras visitas ao Peru, Partridge sentira um ímpeto de revolução em fermentação. Agora, pelo que já descobrira durante seu primeiro dia ali, alguma forma de insurreição parecia prestes a eclodir.

Partridge, Minh Van Canh e Ken O'Hara desembarcaram no aeroporto Jorge Chávez, em Lima, às 13h40. Foram recebidos por Fernández Pabur, que era o representante regular da CBA no Peru e quando necessário, como agora —, providenciava as coisas de que a rede precisava.

Ele conduziu-os pela Imigração e Alfândega à frente de outras pessoas à espera — parecia provável que em algum momento dinheiro trocara de mãos — e escoltou-os para uma caminhonete Ford com motorista a postos.

Fernández era corpulento, moreno e dinâmico, provavelmente em tomo dos 35 anos, a boca proeminente e dentes brancos salientes, que exibia a intervalos de poucos segundos, no que obviamente esperava ser um sorriso deslumbrante.

Na verdade, por ser tão visivelmente falso, não o era — mas Partridge não se importava. O que apreciava em Fernández, a quem já usara em outras ocasiões, era a maneira como ele sabia instintivamente o que era necessário e obtinha resultados.

O primeiro resultado foi uma suíte no elegante Cesar's Hotel, de cinco estrelas, em Miraflores, para Partridge, além de bons quartos para os outros dois.

No hotel, enquanto Partridge se lavava e punha uma camisa limpa, Fernández telefonou a seu pedido para marcar a primeira reunião. Era com um velho conhecido de Partridge, Sérgio Hurtado, editor da rede da Rádio Andes.

Uma hora depois, os dois se encontraram num pequeno estúdio, que também servia como escritório.

— Harry, meu amigo, só tenho notícias deprimentes para dar — disse Sérgio, em resposta a uma pergunta. — O domínio da lei desapareceu em nosso país. A democracia nem sequer é uma fachada; deixou de existir. Estamos falidos em todos os sentidos. Os massacres são comuns, com inspiração política. Há esquadrões da morte particulares do partido do presidente; pessoas simplesmente somem. Estamos mais próximos de um banho de sangue total do que em qualquer outra ocasião na história do Peru. Eu bem que gostaria que nada disso fosse verdade, mas infelizmente é a realidade.

Embora saindo de um corpo grotescamente obeso, a voz profunda e suave era compulsiva e persuasiva como sempre, notou Partridge. Não era de admirar que Sérgio contasse com a maior audiência do país, já que o rádio ainda era o principal meio de comunicação, mais importante e influente do que a televisão. Os espectadores de tevê eram uma concentração próspera apenas nas cidades maiores.

A cadeira de Sérgio rangeu em protesto quando ele deslocou sua montanha de carne. As bochechas eram como salames descomunais. Os olhos, que ao longo dos anos haviam recuado à medida que o rosto crescia, eram agora porcinos. Mas não havia nada de errado com o cérebro nem com sua eminente educação americana, que incluía uma passagem por Harvard. Sérgio gostava que

os repórteres americanos o visitassem, como sempre acontecia, à procura de opiniões bem-informadas.

Depois de um acordo para que a conversa permanecesse confidencial até a noite seguinte, Partridge descreveu a cronologia do sequestro da família Sloane e depois perguntou: — Tem algum conselho para mim, Sérgio? Ouviu qualquer coisa que possa ajudar?

O peruano sacudiu a cabeça.

— Não ouvi nada, o que não é de surpreender. O Sendero é eficiente no sigilo, ainda mais porque matam qualquer um dos seus que falar com indiscrição; permanecer ativo é um incentivo a não fazer comentários. Mas vou ajudá-lo, se puder, com algumas sondagens. Tenho fontes de informações em muitos lugares.

— Obrigado.

— Quanto ao seu noticiário de amanhã, obterei uma gravação via satélite e adaptarei para meu uso. Mas devo dizer que não nos faltam notícias de desastres. Este país, em termos políticos e financeiros, sob todos os aspectos, está desmoronando.

— Ouvimos informações contraditórias sobre o Sendero Luminoso. Eles estão mesmo se tomando mais fortes?

— A resposta é sim... e não apenas mais fortes a cada dia que passa, mas também controlando mais e mais o país. É por isso que a tarefa a que você se propõe é difícil, alguns poderiam dizer até impossível. Presumindo que os sequestrados estejam aqui, há mil e um lugares em que podem estar escondidos. Mas fico contente que tenha me procurado primeiro, porque lhe darei um conselho.

— Qual?

— Não procure ajuda oficial... isto é, das forças armadas ou da polícia do Peru. Evite-as como aliadas, porque deixaram de merecer qualquer confiança, se é que alguma vez fizeram jus a isso. Quando se trata de assassinato e tortura, eles não são melhores do que o Sendero, e certamente são tão brutais quanto os guerrilheiros.

— Há exemplos recentes?

— Muitos. Posso enumerar alguns, se quiser.

Partridge já começara a pensar nas matérias que faria para O Jornal da Noite da CBA. Combinara que depois da chegada, no sábado, de Rita Abrams e do editor Bob Watson, eles fariam uma matéria para o jornal de segunda-feira. Partridge esperava incluir nessa matéria trechos de entrevistas com Sérgio

Hurtado e outros. Ele disse agora: — Você falou que a democracia aqui é inexistente. Foi retórica ou é mesmo verdade?

— Não apenas é verdade, como também para muitas pessoas aqui a presença ou ausência de democracia não faz a menor diferença em suas vidas.

— Parece um tanto exagerado, Sérgio.

— Só por causa de seu ponto de vista restrito, Harry. Os americanos encaram a democracia como um remédio para todos os males... a ser tomado três vezes por dia. E pronto, funciona para o mundo inteiro! O que a América esquece, na maior ingenuidade, é que, para que a democracia funcione, a maior parte da população deve ter pessoalmente alguma coisa que valha a pena preservar. Em termos gerais, isso não acontece com a maioria dos latino-americanos. E vamos à próxima pergunta: por quê?

— Está bem, eu aceito. Por quê?

— As regiões do mundo em maiores dificuldades, inclusive a nossa, têm dois grupos principais de habitantes: os relativamente instruídos e prósperos por um lado; os pobres ignorantes e desesperançados por outro, em grande parte desempregados. O primeiro grupo só se reproduz moderadamente, o segundo se reproduz como moscas, inexoravelmente se tomando maior... uma bomba-relógio humana pronta a destruir o primeiro. — Sérgio gesticulou para trás. — Dê uma olhada lá fora e observe o que está acontecendo.

— E você tem uma solução?

— A América poderia ter. Não pela distribuição de armas ou dinheiro, mas inundando o mundo com equipes de ensinamento das técnicas de controle da natalidade, enviadas do modo como Kennedy despachou os Voluntários da Paz. Levaria gerações, é claro, mas reprimir a explosão demográfica pode salvar o mundo.

— Não está se esquecendo de uma coisa? — indagou Partridge.

— Se se refere à Igreja Católica, devo lembrá-lo que também sou católico. Tenho muitos amigos católicos, em posições de destaque, instruídos e com dinheiro. Estranhamente, quase todos têm famílias pequenas. Já perguntei a mim mesmo: eles reprimiram suas paixões sexuais? Conhecendo homens e mulheres, tenho certeza que não. Na verdade, alguns se manifestam francamente, repudiando o dogma da Igreja sobre o controle da natalidade... que é, diga-se de passagem, um dogma criado pelo homem.

Uma pausa, e ele acrescentou: — Com a liderança americana, as vozes em oposição a esse dogma poderiam se multiplicar.

— Por falar em franqueza, Sérgio, você estaria disposto a repetir a maior parte do que conversamos diante de uma câmera?

O peruano abriu os braços.

— Ora, meu caro Harry, por que não? A melhor coisa que a América me incutiu talvez tenha sido a paixão pela liberdade de expressão. Sempre falo livremente pelo rádio, embora às vezes especule por quanto tempo mais me deixarão continuar. Nem o governo nem o Sendero gostam do que eu digo, e ambos possuem armas e balas. Mas não se pode viver para sempre, e por isso, Harry, farei o que me pede.

Por trás daquela gordura grotesca, Partridge reconheceu mentalmente, havia um homem de princípio e coragem.

3

Antes de chegar ao Peru, Partridge já decidira que só havia uma maneira de tentar localizar as vítimas do sequestro. Era agir como um repórter de tevê agiria em circunstâncias normais — procurando contatos conhecidos, descobrindo novos, indo atrás de notícias, viajando para onde pudesse, perguntando, perguntando, durante todo o tempo esperando que surgisse algum fragmento de informação, fornecendo uma pista, uma indicação do paradeiro dos cativos.

Depois disso, é claro, haveria o problema maior de resgatá-los. Mas teria de pensar nisso quando chegasse o momento.

A menos que ocorresse alguma abertura súbita e afortunada, Partridge previa que o processo seria extenuante, lento e tedioso.

Continuando na rotina de repórter de tevê, ele visitou em seguida a Entel Peru — a empresa nacional de telecomunicações, com sede no centro de Lima. A Entel seria a base da CBA para a comunicação com Nova York, incluindo transmissões por satélite. Quando as equipes das outras redes de tevê dos Estados Unidos chegassem, o que aconteceria provavelmente dentro de um ou dois dias, usariam as mesmas instalações.

Victor Velasco era o gerente internacional da Entel, sempre ocupado e assediado. Fernández Pabur já entrara em contato com ele. Na casa dos quarenta anos, com cabelos grisalhos e uma expressão permanentemente preocupada, Velasco parecia absorvido em outros problemas quando disse a Partridge: — É muito difícil conseguir espaço, mas reservamos uma cabine para seu editor e o

equipamento, instalamos duas linhas telefônicas. Seu pessoal vai precisar de passes...

Partridge sabia que em lugares como o Peru, em que políticos e líderes militares se pavoneavam e enriqueciam, eram os administradores do segundo escalão como Velasco — conscienciosos, com excesso de trabalho e remuneração insuficiente — que realmente mantinham o país em funcionamento.

De volta à sua suíte no hotel, Partridge pusera mil dólares num envelope, que agora tirou do bolso e entregou discretamente.

— Um pequeno agradecimento por seus esforços, señor Velasco. Tomaremos a nos encontrar antes de nossa partida.

Por um momento, Velasco ficou embaraçado, e Partridge especulou se ele recusaria o dinheiro. Depois, dando uma olhada no envelope e verificando que eram dólares, Velasco acenou com a cabeça e guardou no bolso.

— Obrigado. E se precisarem de mais alguma coisa...

— Vamos precisar — assegurou Partridge. — Isso é a única coisa de que tenho certeza.

— Por que demorou tanto, Harry? — indagou Manuel León Seminário quando Partridge lhe telefonou do hotel pouco depois de cinco da tarde, ao voltar da Entel Peru. — Espero-o desde a nossa última conversa.

— Tive algumas coisas para fazer em Nova York. — Partridge recordou a conversa telefônica dez dias antes com o proprietário-editor da revista *Escena*; na ocasião, o envolvimento do Peru com o sequestro da família Sloane era apenas uma possibilidade, não uma certeza como agora. — Eu queria saber, Manuel, se não podíamos jantar juntos esta noite. Já tem algum compromisso?

— Tenho sim. Jantarei em La Pizzeria às oito da noite, e meu convidado será um certo Harry Partridge.

Às 8h15 eles estavam sentados no restaurante, tomando Pisco, o popular coquetel peruano, picante e delicioso. La Pizzeria era uma combinação de bar e restaurante tradicional, frequentado pela elite de Lima.

O dono da revista, franzino e dinâmico, com uma barbicha impecavelmente aparada, usava óculos Cartier e um terno Brioni. Levara para a mesa uma pasta de couro.

Partridge relatou o motivo para sua presença no Peru e acrescentou: — Pelo que tenho ouvido, a situação aqui está bem ruim.

Seminário suspirou. — É verdade. Mas também nossa vida sempre foi contraditória. Nós... Como é mesmo que Milton escreveu? "Podemos fazer o

paraíso do inferno, e o inferno do paraíso." Mas nós, limeños, somos sobreviventes, algo que tento refletir nas capas de *Escen*a. — Ele estendeu a mão para a pasta e abriu-a. — Veja estas duas... nosso número nas bancas e o layout para a próxima semana. Juntando as duas, creio que dizem alguma coisa,

Partridge olhou primeiro para a revista já editada. A capa era uma fotografia em cores do telhado plano de um prédio alto no centro da cidade. O telhado continha uma confusão de detritos, obviamente de uma explosão. No meio da foto aparecia uma mulher morta, caída de costas. Dava a impressão de ser jovem; o rosto, não de todo desfigurado, podia ter sido bonito. Mas a barriga fora explodida, entranhas ensanguentadas espalhavam-se pelo corpo. Apesar de familiarizado com cenas de guerra, Partridge estremeceu.

— Vou poupá-lo da leitura da matéria, Harry. Havia uma convenção de empresários no outro lado da rua. O Sendero Luminoso, do qual essa mulher era uma ativista, resolveu bombardear o centro de convenções. Felizmente para a convenção, mas não para a mulher, a bomba era de fabricação doméstica e explodiu antes que ela pudesse dispará-la.

Partridge tornou a olhar para a fotografia e depois largou a revista. — Pelo que parece, o Sendero está cada vez mais ativo em Lima.

— Até demais. Seu pessoal circula livremente, e esse bombardeio que saiu errado foi uma exceção. A maioria é bem-sucedida. Mas dê uma olhada na capa da próxima semana.

O editor estendeu o layout por cima da mesa. Era sexo em grande estilo, quase beirando a pornografia. Uma jovem esguia, talvez com dezenove anos, usando um biquíni sumário, recostava-se numa almofada de seda, a cabeça inclinada para trás, os cabelos louros se desmanchando, lábios entreabertos, olhos fechados, pernas separadas.

— A vida continua, e há sempre dois lados, até mesmo no Peru — comentou Seminário. — Por falar nisso, vamos pedir o jantar e depois farei sugestões para que sua vida também continue, Harry.

A comida era italiana e excelente, o serviço impecável. Quase ao final da refeição, Seminário recostou-se na cadeira.

— Uma coisa que você deve compreender é que o Sendero Luminoso talvez já tenha conhecimento de sua presença; eles têm espiões por toda parte. Mas mesmo que ainda não saibam, descobrirão em breve, provavelmente depois da transmissão da CBA amanhã, que será amplamente repetida. Portanto, a partir de agora, você precisa de um guarda-costas para acompanhá-lo, em particular se sair à noite.

Partridge sorriu. — Parece que isso já aconteceu.

Fernández Pabur insistira em buscar Partridge no hotel e levá-lo ao restaurante. Um homem silencioso e corpulento, que parecia um lutador de boxe, acompanhara-os na caminhonete Ford. A julgar pelo volume sob o paletó, estava armado. Ao chegarem, o homem desembarcara primeiro, Fernández e Partridge permaneceram dentro do veículo, até que ele fizera um sinal para que saíssem. Partridge não fizera perguntas, mas Fernández disse: — Esperaremos aqui enquanto você janta.

Presumivelmente, a comitiva ainda estava lá fora.

— Isso é ótimo — disse Seminário. — Seu homem sabe o que está fazendo. Você tem uma arma?

Partridge sacudiu a cabeça.

— Pois deve ter. Muitos de nós sempre andam armados. E para citar a American Express, "Não saia de casa sem isso". Outra coisa: Não vá a Ayacucho, um baluarte do Sendero. Eles saberiam de sua presença ali, e seria a mesma coisa que cometer suicídio.

— Talvez eu tenha de ir em determinado momento.

— Se eu ou os outros que tentam ajudá-lo descobrirmos onde estão seus amigos. Nesse caso, terá de garantir a surpresa, chegando depressa e saindo ainda mais depressa. Não haverá outro meio, e precisará usar um avião fretado. Alguns pilotos daqui estarão dispostos a correr o risco, se pagar o suficiente.

Quando eles acabaram de conversar, a maioria dos outros fregueses já se retirara e o restaurante se aprontava para fechar.

Lá fora, Fernández e o guarda-costas esperavam.

Na caminhonete, voltando para o Cesar's Hotel, Partridge perguntou a Fernández: — Pode me arrumar uma arma?

— Claro. Tem alguma preferência?

Partridge pensou um pouco. A natureza de seu trabalho levara-o a conhecer armas, e aprendera a usá-las.

— Eu gostaria de uma Browning 9mm; e também de um silenciador.

— Receberá amanhã. E por falar em amanhã... há planos que eu deva saber?

— Será como hoje, verei mais pessoas.

Partridge acrescentou mentalmente: E nos dias subsequentes ainda mais... até que surja uma abertura.

4

Sexta-feira foi um dia de agitação na CBA, em Nova York. Uma parte da atividade fora prevista; muito mais era inesperado.

Como sempre, a programação da rede começou com o Jornal do Amanhecer, às seis horas da manhã. Durante esse programa foi exibido um promocional da CBA, entre os comerciais, como tomaria a acontecer ao longo do dia. Era uma mensagem gravada por Harry Partridge.

— Esta noite, no Jornal da Noite da CBA, uma matéria exclusiva sobre novas e surpreendentes descobertas no sequestro da família de Crawford Sloane.

E às nove horas da noite, horário da Costa Leste, sete no central, um especial de uma hora: "Rede em Perigo: O Sequestro Sloane. Não percam O Jornal da Noite e o especial de uma hora."

A escolha de Partridge era apropriada, já que ele apresentara regularmente todas as notícias sobre o sequestro. Era também oportuna, já que seu aparecimento transmitia a implicação de que se encontrava nos Estados Unidos, embora às seis horas da manhã já estivesse no Peru dezoito horas atrás.

Les Chippingham viu o promocional enquanto fazia a refeição matinal em seu apartamento na Rua 82. Estava com pressa, sabendo que muita coisa aconteceria durante aquele dia. Pela janela da cozinha, podia avistar a limusine com motorista da CBA já esperando lá fora. A limusine lembrou-o da instrução de Margot Lloyd-Mason na sua primeira reunião para que ele usasse táxis, uma ordem que ignorara. Mas não devia ignorar a necessidade de manter Margot informada; ligaria assim que chegasse ao escritório, pois era provável que ela também tivesse visto o promocional.

A decisão foi desnecessária. Quando entrou no carro, o motorista estendeu-lhe o telefone, e a voz de Margot berrou no mesmo instante: — Que história é essa de novas descobertas, e por que não fui informada? — Aconteceu de repente. Eu tencionava ligar para você assim que chegasse ao escritório.

— O público já foi informado. Por que eu tenho de esperar? — Margot, o público não foi informado de coisa alguma; só será esta noite. Você, por outro lado, saberá de tudo assim que eu chegar ao escritório, mas não por este telefone, porque não temos ideia de quem está escutando.

Houve uma pausa, durante a qual ele pôde ouvir uma respiração profunda.

— Ligue-me assim que chegar.

— Está certo.

Cerca de quinze minutos depois, em contato outra vez com a presidente do conselho de administração e principal executiva da rede, Chippingham

começou: — Há muita coisa para contar.

— Pois comece logo!

— Primeiro, do seu ponto de vista, as perspectivas são excelentes. Algumas de nossas melhores pessoas fizeram diversas descobertas importantes, que esta noite podem proporcionar à CBA a maior audiência de jornalismo em nossa história. Infelizmente, as notícias sobre a família Sloane não são tão boas para Crawf.

— Onde eles estão?

— No Peru. Prisioneiros do Sendero Luminoso.

— Peru! Tem certeza absoluta?

— Como eu disse, temos alguns dos nossos profissionais mais experientes trabalhando nisso, especialmente Harry Partridge; o que eles descobriram é convincente. Não tenho a menor dúvida, e estou certo de que eles também não.

Mesmo assim, a reação aturdida de Margot à menção do Peru surpreendera Chippingham, levando-o a especular o que havia por trás. Ela disse bruscamente: — Eu gostaria de falar com Partridge.

— Lamento, mas não é possível. Ele já está no Peru, desde ontem. Esperamos receber dele matéria atualizada para o jornal de segunda-feira.

— Por que estão agindo tão depressa?

— Estamos no negócio de notícias, Margot. Sempre trabalhamos assim.

A pergunta deixou Chippingham espantado. Assim como uma insinuação de incerteza, até mesmo de nervosismo, na voz de Margot. O que o levou a comentar: — Parece preocupada com o Peru. Importa-se de me explicar por quê?

Houve um momento de silêncio e hesitação óbvia antes da resposta: — No momento, a Globanic Industries tem operações substanciais lá. Há muita coisa em jogo, e é essencial que permaneça boa a nossa aliança com o governo peruano.

— Posso ressaltar que a CBA não tem nenhuma aliança com o governo peruano... boa ou má... nem com qualquer outro governo?

Margot respondeu com impaciência: — A CBA é a Globanic. A Globanic tem uma aliança com o Peru; portanto, a CBA também tem. Quando você vai entender esse fato tão simples?

Chippingham sentiu vontade de responder: Nunca! Mas sabia que não podia e comentou: — Somos primeiro uma organização noticiosa e temos de relatar as notícias como são. Devo também ressaltar que não envolvemos o

governo peruano; é o Sendero Luminoso que parece ter sequestrado a família de nosso âncora. De qualquer forma, assim que nossa história entrar no ar esta noite, todos... redes, jornais, revistas e por aí afora... cairão também sobre o Peru.

Num canto de sua mente, Chippingham estava perguntando: Será possível que esta conversa esteja mesmo ocorrendo? E devo rir ou chorar?

— Mantenha-me informada — disse Margot. — Se houver alguma mudança, em particular sobre o Peru, quero saber imediatamente, não no dia seguinte.

Chippingham ouviu um estalido quando a ligação foi cortada.

5

Em seu elegante escritório em Stonehenge, Margot Lloyd-Mason refletiu sobre a situação. Estava indecisa sobre o que fazer em seguida, o que não costumava acontecer.

Deveria ou não ligar para Theo Elliott, o presidente do conselho de administração da Globanic? Não esquecera suas palavras de advertência sobre o Peru na reunião: "Não quero que nada prejudique nosso relacionamento ainda delicado... estragando assim o que pode se tomar o negócio do século." Ao final, ela concluiu que deveria informá-lo. Era melhor que ele soubesse da notícia por seu intermédio do que ouvindo o noticiário. A reação de Elliott à informação foi surpreendentemente calma: — Se a ralé do Sendero Luminoso cometeu o sequestro, acho que não há como deixar de noticiar. Mas não vamos esquecer que o governo peruano não está absolutamente envolvido, pois é inimigo mortal do Sendero. Providencie para que seu pessoal deixe isso bem claro.

— Está certo — respondeu Margot.

— Eles podem ir ainda mais longe — acrescentou Theo Elliott. — O que está acontecendo agora é uma oportunidade para fazer o governo peruano parecer meritório, e a CBA deve aproveitá-la.

O comentário deixou-a perplexa.

— Como assim?

— É evidente que o governo peruano fará tudo que for possível para encontrar os americanos sequestrados e libertá-los... usando as forças armadas e a polícia do Peru. Enquanto estiverem fazendo isso, vamos garantir que recebam o crédito apropriado, com imagens favoráveis em nossos noticiosos. Ligarei então para o presidente Castañeda, a quem conheço pessoalmente, e direi: "Estamos fazendo com que você e seu governo pareçam sensacionais!" Isso deve nos ajudar quando a Globanic Financial e o Peru acertarem os detalhes finais de nossa operação.

Até mesmo Margot hesitou. — Não tenho certeza se podemos ir tão longe, Theo.

— Pois então passe a ter! Sei o que está pensando... que isso é manipulação das notícias. Em algo tão importante para nós, que assim seja! — O presidente do conselho de administração da Globanic alteou a voz. — Afinal, nós não possuímos a rede? Portanto, vamos aproveitar isso de vez em quando. Ao mesmo tempo, lembre a seus jornalistas que este é um negócio competitivo,

orientado para o lucro, que paga seus salários altos. Eles são uma parte disso, quer gostem ou não. Se não gostarem, há uma solução definida... saiam!

— Eu compreendo, Theo.

Enquanto escutava e tomava anotações, Margot definira um modus vivendi, que teria três estágios.

Primeiro, ligaria para Chippingham, exigindo que a CBA indicasse claramente a inocência do governo peruano, sem qualquer envolvimento no sequestro, como Theo recomendava. Segundo, ela própria, como executiva principal da CBA, entraria em contato com o Departamento de Estado americano, pedindo uma pressão imediata sobre o Peru para fazer tudo que fosse possível — inclusive o uso das forças armadas e polícia — para resgatar as três pessoas da família Sloane. Terceiro, a cooperação do governo do Peru seria noticiada pela CBA. Ao mesmo tempo, os jornalistas da rede noticiariam positivamente os esforços concretos.

Quase que certamente haveria dificuldade e discussões, mas de uma coisa Margot tinha certeza: seu relacionamento com Theo Elliott e a lealdade à Globanic eram mais importantes, prevalecendo sobre todo o resto.

Les Chippingham estava se acostumando à imprevisibilidade de Margot; por isso não ficou surpreso quando ela tornou a ligar, logo depois da conversa anterior. O assunto, no entanto, deixou-o apreensivo, porque era uma intervenção direta da administração no noticiário, o que acontecia ocasionalmente em todas as redes, mas quase nunca com uma história importante.

— Todos nós sabemos que o governo peruano não está envolvido no sequestro — disse Chippingham. — Tenho certeza que em nosso noticiário desta noite isso ficará implícito e evidente.

— Quero mais do que algo implícito. Quero uma declaração positiva.

Chippingham hesitou, sabendo que deveria assumir uma posição firme em defesa da divisão de jornalismo, mas consciente de sua precária dependência pessoal de Margot.

— Preciso dar uma olhada nos roteiros — disse ele. — Voltarei a ligar para você em quinze minutos.

— Não demore mais do que isso.

Chippingham ligou dez minutos depois.

— Acho que isto vai agradá-la. Harry Partridge escreveu antes de partir para o Peru e estará em nosso noticioso esta noite: " O governo do Peru e o Sendero Luminoso são inimigos encarniçados há muitos anos, empenhados na destruição um do outro. O presidente Castañeda, do Peru, já declarou: ‘A

existência do Sendero deixa o Peru em perigo. Esses criminosos são como uma faca em minhas costas.’ Essa última declaração será em áudio e vídeo de arquivo do próprio Castañeda.

A voz de Chippingham refletia alívio e jovialidade quando acrescentou: — Acho que Harry leu seus pensamentos, Margot. Espero que isto a satisfaça.

— Claro. Leia de novo. Quero anotar.

Depois de desligar, Margot chamou sua secretária e ditou um memorando para Theo Elliott: Theo:

Em decorrência de nossa conversa, o seguinte texto constará do Jornal da Noite desta noite: O governo do Peru e o Sendero Luminoso são inimigos encarniçados há muitos anos, empenhados na destruição um do outro. O presidente Castañeda, do Peru, já declarou: "A existência do Sendero deixa o Peru em perigo. Esses criminosos são como uma faca em minhas costas." Castañeda será visto e ouvido fazendo essa declaração. Obrigada por sua sugestão e ajuda.

Margot Lloyd-Mason

O memorando seria entregue por mensageiro especial na sede da Globanic Industries.

A ligação seguinte de Margot foi para Washington... para o Secretário de Estado.

6

Ao longo da sexta-feira, na CBA, até a primeira edição do Jornal da Noite, às seis e meia da tarde, a segurança foi rigorosa, com o pessoal de fora querendo se infiltrar, tentando obter acesso às informações exclusivas que a CBA prometia aos espectadores e concorrentes durante o dia inteiro. Repórteres de outras redes de tevê, emissoras de rádio, agências noticiosas e jornais ligavam para amigos e contatos na CBA, tentando descobrir — às vezes diretamente, mas quase sempre pelas manobras mais inventivas -a essência do que seria lançado no ar. Mas dentro da CBA, graças à limitação cuidadosa do número de pessoas a par das informações e do isolamento temporário dos computadores envolvidos, o sigilo foi preservado. Assim, quando as notícias foram divulgadas, os outros meios de comunicação imediatamente as repetiram pelo mundo inteiro, indicando a CBA como a fonte. Em outras redes, de tevê haveria em breve indagações irritadas: Como perdemos isso? O que poderíamos ter feito, mas não fizemos? Por que não conferimos isto ou não seguimos aquela pista? Por que

ninguém pensou nisso? Como podemos nos precaver para impedir que isso aconteça de novo? Enquanto isso, as redes de tevê alteravam apressadas as segundas edições de seus noticiosos, usando as gravações fornecidas com a indicação de "Cortesia da CBA", e os jornais reformulavam a primeira página para o dia seguinte. Ao mesmo tempo, todos os principais veículos de comunicação acionavam seus contatos regulares no Peru e despachavam para lá repórteres e equipes técnicas.

Em meio a tudo isso, surgiu um fato novo da maior importância.

Don Kettering, agora liderando a força-tarefa da CBA para o sequestro, tornou conhecimento dos fatos pouco antes das dez da noite, quando o especial de uma hora se aproximava do fim. Kettering ainda estava à mesa de apresentador, onde trabalhara — aparentemente, para os espectadores — com Harry Partridge, embora a contribuição deste fosse em gravação.

Norman Jaeger transmitiu a informação através de um telefone na mesa, durante um intervalo comercial. Jaeger era agora o produtor sênior, já que Rita Abrams partira uma hora antes para o aeroporto de Teterboro, de onde voaria para o Peru.

— Don, haverá uma reunião da força-tarefa assim que acabarmos.

— Aconteceu alguma coisa, Norm? Algo quente?

— Quente como o inferno! Acabo de receber o aviso de Les. Receberam em Stonehenge as exigências dos sequestradores, junto com um videoteipe de Jessica Sloane.

Passaram o videoteipe de Jessica primeiro.

Eram dez e meia da noite de sexta-feira. Numa sala de exibição particular na CBA, usada normalmente por executivos sêniores, dez pessoas estavam reunidas: Les Chippingham e Crawford Sloane; da força-tarefa, Don Kettering, Norman Jaeger, Karl Owens e Iris Everly; da administração da CBA em Stonehenge, Margot Lloyd-Mason, um vice-presidente executivo, Tom Nortandra, e Irwin Bracebridge, presidente do Grupo CBA; e do FBI, agente especial Otis Havelock.

O acaso tivera uma participação na formação desse grupo. No início da noite, por volta de sete e meia, um pacote pequeno e simples fora entregue por um mensageiro no saguão principal de Stonehenge, endereçado ao Presidente da Rede CBA, Depois de uma verificação de segurança rotineira, o pacote fora enviado ao gabinete de Margot Lloyd-Mason, onde normalmente ficaria esperando, sem ser aberto, até a manhã de segunda-feira. Mas Nortandra, cujo gabinete ficava ao lado do que era ocupado por Margot, por acaso estava

trabalhando até tarde com suas duas secretárias. Uma das secretárias recebeu o pacote e abriu-o. Compreendendo sua importância, informou a Nortandra, que telefonou para Margot no Waldorf, onde ela participava de uma recepção e jantar em homenagem ao presidente da França.

Margot abandonou a recepção e voltou às pressas para Stonehenge, onde, ao lado de Nortandra e Bracebridge, que também fora chamado, assistiram ao videoteipe e leram o documento que o acompanhava. Concluíram no mesmo instante que a divisão de jornalismo devia ser informada e marcaram uma reunião na sede da CBA.

Poucos minutos antes da reunião, Bracebridge, que já fora presidente da divisão de jornalismo da rede, levou Crawford Sloane para um canto.

— Sei que é uma situação muito difícil para você, Crawf, e devo avisá-lo que há alguns sons na gravação que não gostei de ouvir. Assim, se preferir assistir ao vídeo sozinho primeiro, enquanto os outros esperam aqui fora, esteja à vontade, nós compreenderemos.

Crawford Sloane viera de carro de Larchmont com Otis Havelock, o agente do FBI, que estava em sua casa quando ocorrera o telefonema sobre o videoteipe de Jessica. Agora, Sloane sacudiu a cabeça. — Obrigado, Irwin, mas verei junto com vocês.

Foi Don Kettering, assumindo o comando, quem gritou para um operador por trás da pequena audiência: — Muito bem, pode começar!

As luzes na sala diminuíram. Quase que no mesmo instante uma tela grande e elevada de tevê escureceu, com pontos de luz dispersos, como era usual quando se projetava uma fita em branco, sem imagens. Mas havia som na fita e foi transmitido subitamente — uma série de gritos estridentes. O grupo ficou paralisado. Crawford Sloane empertigou-se, exclamando em voz trêmula: — Oh, Deus! É Nicky! E depois, abruptamente, de forma tão inesperada quanto haviam começado, os gritos foram interrompidos. Um momento depois surgiu uma imagem — da cabeça e ombros de Jessica, contra um fundo pardo, obviamente uma parede. O rosto de Jessica estava composto e sério; para as pessoas no grupo que a conheciam, a maioria, ela parecia pálida e sob tensão. Mas a voz, quando começou a falar, mantinha-se firme e controlada, embora persistisse a impressão de que Jessica fizera um esforço para falar normalmente.

— Temos sido todos bem tratados e respeitados — disse ela. Agora que o motivo para a nossa captura nos foi explicado, compreendemos por que isso era necessário. Também fomos informados como será fácil para nossos amigos americanos garantirem nosso retomo sãos e salvos. Para nos libertar, devem

simplesmente seguir, depressa e com exatidão, as instruções que acompanham esta gravação, mas estejam certos de uma coisa...

Às palavras "estejam certos de uma coisa", houve um ofego brusco de Crawford Sloane e uma exclamação abafada, A gravação continuou: se não obedecerem às instruções, nunca mais tomarão a ver qualquer de nós. Suplicamos que não deixem isso acontecer...

Outro som repentino de Crawford Sloane, uma exclamação sussurrada: e o final da gravação: — Ficaremos esperando, contando com vocês, torcendo desesperadamente para que tomem a decisão certa e nos levem de volta para casa sãos e salvos.

Houve silêncio por um instante, enquanto o rosto de Jessica permanecia na tela, inexpressivo, os olhos aparentemente desfocados, fixados à frente. Depois, áudio e vídeo terminaram. As luzes se acenderam na sala.

— Passamos toda a fita antes — informou Irwin Bracebridge. Não há mais nada. E sobre os gritos no começo, achamos que foram transferidos de outra gravação. Quando se observa atentamente, com a fita em câmera lenta, há uma pequena interrupção visual, no ponto em que as duas fitas foram reunidas na edição.

— Por que fariam isso? — indagou alguém.

Bracebridge deu de ombros.

— Talvez para nos assustar. Se era essa a intenção, deu certo, não é mesmo?

Houve murmúrios de concordância. Les Chippingham perguntou, gentilmente: — Tem certeza de que o primeiro som era de Nicky, Crawf?

Sloane murmurou, angustiado: — Certeza absoluta. — E, depois, acrescentou: — Jessica transmitiu dois sinais.

— Que tipo de sinais? — indagou Chippingham, perplexo.

— O primeiro foi passar a língua pelos lábios, o que significa: "Estou fazendo isto contra a minha vontade. Não acreditem em nada do que estou dizendo."

— Sensacional! — exclamou Bracebridge. — Ponto para Jessica!

— Muito corajoso! — acrescentou mais alguém. Os outros acenaram com a cabeça em aprovação.

Sloane continuou: — Conversamos sobre sinais na noite anterior ao sequestro. Eu pensava que um dia poderia precisar pessoalmente... A vida é cheia de coincidências. Acho que Jessica lembrou.

— O que mais ela pôde lhe dizer? — perguntou Chippingham.

— Já chega! — A voz do homem do FBI, Havelock, interrompeu a conversa. — Qualquer coisa mais que tenha sabido, Sr. Sloane, guarde para si mesmo por enquanto. Quanto menos pessoas souberem, melhor. Vamos deixar para falar sobre isso daqui a pouco, por favor.

— Eu gostaria de participar dessa conversa — declarou Norm Jaeger. — A força-tarefa tem se saído muito bem em guardar segredos até agora. — Uma pausa, e ele acrescentou, incisivo: — E em descobri-los também.

O agente do FBI lançou-lhe um olhar furioso. — Pelo que sei, terão notícias em breve de nosso diretor... querendo saber por que não fomos informados.

Iris Everly interveio, impaciente: — Tudo isso é perda de tempo. A Sra. Sloane falou sobre instruções. Nós as temos?

Embora fosse a pessoa mais jovem entre os presentes, Iris tipicamente não se impressionava com a presença do alto comando da rede. Trabalhara arduamente no preparo do especial de uma hora durante o dia inteiro e sentia-se cansada, mas a mente ágil continuava a funcionar como sempre.

Margot, ainda usando o vestido lavanda de chiffon de Oscar de Ia Renta com que comparecera à recepção ao presidente da França, respondeu: — Estão aqui. — Ela acenou com a cabeça para Nortandra. — Acho que é melhor você ler em voz alta.

O vice-presidente executivo pegou meia dúzia de folhas presas por um clipe que Margot estendeu, ajeitou os óculos sobre o nariz e foi para baixo de uma lâmpada; a claridade ressaltou os cabelos brancos e o rosto taciturno. Nortandra fora advogado corporativo antes de se tomar um executivo da CBA; sua voz tinha autoridade e segurança, desenvolvida em anos de atuação nos tribunais.

— O título deste documento... ou talvez eu devesse dizer dessa diatribe extraordinária... é "O Tempo Luminoso Chegou". Lerei agora para vocês, sem comentários ou ênfase, exatamente o que está aqui.

Na história das revoluções iluminadas, houve momentos em que as pessoas que as lideravam e inspiravam optaram por permanecer em silêncio, suportar e sofrer, às vezes morrer miseravelmente, mas sempre mantendo a esperança e planejando. E também houve outras ocasiões — momentos de glória e vitória no levante de uma maioria oprimida e explorada, a derrubada do imperialismo e tirania, e a merecida destruição da classe capitalista-burguesa enraizada no poder.

Para o Sendero Luminoso, terminou o tempo de silêncio, paciência e sofrimento. O tempo luminoso, ao longo do Caminho Brilhante, chegou. Estamos prontos para avançar.

No mundo em geral as autoproclamadas superpotências, embora disputando entre si e fingindo procurar a paz, estão na realidade se preparando para uma confrontação catastrófica, entre as forças imperialistas e as socialistas— imperialistas, ambas procurando a hegemonia mundial. Em tudo isso, a maioria já escravizada e oprimida sofrerá ainda mais. Se lhes permitirmos que continuem a explorar, uns poucos donos do dinheiro, enlouquecidos pelo poder, haverão de controlar a humanidade, em proveito próprio.

Mas como um vulcão prestes a explodir, a revolução fervilha por toda parte. O Partido — Sendero Luminoso — comandará essa revolução. Ele possui o conhecimento e a experiência para isso. Sua crescente influência estende-se pelo mundo.

Chegou o tempo de fazer com que sejamos mais conhecidos e compreendidos.

Durante muitos anos os mentirosos meios de comunicação capitalistas— imperialistas, que imprimem e irradiam apenas o que os gananciosos donos do dinheiro determinam, têm ignorado ou deturpado a luta heroica do povo do Sendero Luminoso.

Pois isso agora vai mudar. É por isso que os cativos capitalistas foram sequestrados e são mantidos como reféns.

A rede de televisão americana CBA deve assim fazer o seguinte: Um: A partir da segunda segunda-feira depois do recebimento desta exigência, o programa O Jornal da Noite da CBA (nas duas edições da rede) será cancelado por cinco dias — uma semana inteira.

Dois: Em lugar do programa cancelado, outro será transmitido pela CBA, constando de cinco fitas cassetes que serão posteriormente entregues. O título do programa é "Revolução Mundial: o Sendero Luminoso Indica o Caminho".

Três: Durante as transmissões do programa do Sendero Luminoso não será permitido nenhum comercial.

Quatro: Nem a CBA nem qualquer outra organização tentarão descobrir a fonte dos cassetes recebidos, o primeiro dos quais chegará à rede na quinta-feira da próxima semana. Os outros serão entregues nos dias subsequentes, um a um. Uma única tentativa de encontrar a origem dos cassetes resultará na

execução imediata de um dos três prisioneiros mantidos no Peru. Qualquer tentativa similar adicional provocará o mesmo resultado.

Cinco: Essas ordens são inegociáveis e serão obedecidas literalmente.

Se houver plena obediência da rede CE A e de todos às ordens constantes deste documento, os três prisioneiros serão soltos quatro dias depois do quinto programa do Sendero Luminoso. Mas se as ordens não forem obedecidas, os prisioneiros nunca mais serão vistos, seus corpos não serão recuperados.

— Há mais uma coisa — informou Nortandra. — Está numa folha de papel separada.

Cópias de "O Tempo Luminoso Chegou" e da gravação da prisioneira foram enviadas às outras redes de televisão e aos jornais.

— Isto é tudo — concluiu Nortandra. — Nenhum dos papéis está assinado, mas creio que o fato de acompanharem a gravação os toma autênticos.

Um silêncio profundo seguiu-se à leitura. Ao que parecia, ninguém queria ser o primeiro a falar. Várias pessoas olharam para Crawford Sloane, arriado em sua cadeira, o rosto contraído sombriamente. Os outros partilhavam seu senso de desespero. Foi Les Chippingham quem disse finalmente: — Bom, agora sabemos. Desde o início temos especulado sobre o que essa gente queria. Pensávamos que podia ser dinheiro. Descobrimos agora que é muito mais.

— Mas muito mais mesmo — acrescentou Bracebridge. — Em termos de dinheiro, é claro, trata-se de algo incalculável, mas obviamente não é isso que está em jogo aqui.

— Como eu disse no início — comentou Nortandra —, toda a coisa, especialmente o jargão, não faz muito sentido.

Norm Jaeger interveio: — Os revolucionários raramente fazem sentido, exceto talvez para si mesmos. Mas isso não é motivo para não os levarmos a sério. Aprendemos essa lição com o Irã.

Jaeger olhou para o relógio na parede, marcando 10:55 da noite E acrescentou para Chippingham: — Les, vamos entrar na programação da rede? Se nos apressarmos, poderemos estar no ar dentro de cinco minutos, usando a gravação da Sra. Sloane. Se é verdade que foram enviadas cópias às outras redes, elas podem divulgar a história a qualquer momento.

— Pois que o façam — declarou Chippingham, firmemente. Este é um novo elemento, em que somos participantes e não podemos nos precipitar. Faremos um boletim à meia-noite, o que nos dá uma hora para considerar a

maneira de tratar a notícia e, ainda mais importante, definir qual será a nossa resposta... se é que haverá alguma.

— Não pode haver a menor dúvida sobre a resposta — declarou Margot Lloyd-Mason. — É mais do que óbvio que não podemos aceitar essas condições ridículas. Não deixaremos o jornal da rede fora do ar durante uma semana inteira.

— Mas não precisamos dizer isso, pelo menos não no início — ressaltou Nortandra. — Podemos dizer, por exemplo, que as exigências estão sendo estudadas com todo cuidado e que faremos um anúncio mais tarde.

— Se me perdoa dizer — falou Jaeger —, duvido que isso possa enganar alguém, muito menos o Sendero Luminoso. Gastei muitas horas pesquisando sobre essa gente e tenho certeza de uma coisa: não importa o que mais possam ser, eles não são idiotas; ao contrário, são muito espertos. Além disso, é evidente que estudaram nossa operação... por exemplo, sabem que o jornal vai ao ar em duas edições e que os índices de audiência caem aos sábados e domingos.

— Então o que sugere?

— Que deixe a divisão de jornalismo cuidar de uma resposta. Isso exige sutileza, não um tratamento arrogante do tipo "condições ridículas". Nós, na CBA, estamos mais bem preparados, mais sintonizados, nosso conhecimento da situação é mais amplo...

A um sinal de Chippingham, Jaeger parou de falar.

— Basicamente, concordo com Norman — declarou Chippingham. — Mas como a responsabilidade é minha, creio que devo dizer que sim, que a divisão de jornalismo deve cuidar de qualquer resposta, porque estamos mais bem informados, conhecemos o terreno, estabelecemos contatos e um dos nossos melhores homens, Harry Partridge, já está no Peru e deve ser consultado.

— Pode consultar e usar de toda a sutileza que quiser — declarou Margot, bruscamente, irritada com a referência de Jaeger ao seu comentário de "condições ridículas". — Mas o que está envolvido aqui é uma questão corporativa, exigindo uma decisão executiva.

— Não! De jeito nenhum!

As palavras foram gritadas. As cabeças se viraram. Era Crawford Sloane quem falava, não mais sentado e abatido, mas de pé, olhos inflamados, rosto vermelho. Quando continuou a falar, a voz estava emocionada, em momentos sufocada: — Mantenha a direção corporativa fora disso! Norman está certo sobre o tratamento arrogante; acabamos de testemunhar um, e isso acontece porque os executivos corporativos não têm conhecimento ou experiência para

fazer julgamentos jornalísticos. Além do mais, uma decisão corporativa já foi tomada. Ouvimos isso também: Não podemos aceitar essas condições. Não podemos deixar nosso jornal fora do ar durante uma semana. Acha que precisávamos realmente que nos dissesse isso? Nós no jornalismo já sabemos disso... todos nós, inclusive eu! Quer que fique registrado, Sra. Lloyd-Mason? Pois aqui está: eu sei que não podemos cancelar nosso jornal durante uma semana e entregar o horário ao Sendero. Que Deus me ajude! Aceito isso. E tem testemunhas.

Sloane fez uma pausa, engoliu em seco e continuou: — O que podemos fazer, no jornalismo, é usar nossa competência e conhecimento, ganhar tempo. E neste momento, tempo é o que mais precisamos. Além de usar Harry Partridge, que é a melhor esperança que temos... minha maior esperança de ter minha família de volta.

Sloane permaneceu de pé, mas se calou.

Antes que mais alguém pudesse reagir, Bracebridge, o antigo jornalista e agora um dos altos executivos da corporação, tentou um tom conciliador: — Uma ocasião como esta é difícil para todos. É emocional, a tensão aumenta, os ânimos se exaltam. Uma boa parte do que se falou aqui esta noite poderia ser dita de forma mais cortês e provavelmente deveria ter sido assim. — Ele virou-se para a presidente da rede. — De qualquer forma, Margot, creio que o exposto aqui é um ponto de vista que deve ser levado em consideração, lembrando, como Crawf deixou claro, que sua decisão final é compreendida e aceita. Parece não haver a menor dúvida quanto a isso.

Margot, diante do artifício oferecido para resguardar as aparências, hesitou apenas por um instante, depois aprovou. — Está certo. — Ela comunicou a Chippingham: — Nesses termos, você pode decidir um estratagema de resposta necessária.

— Obrigado. Podemos definir uma coisa?

— O quê?

— A decisão final deverá por enquanto permanecer confidencial.

— Está certo. Mas é melhor você obter a mesma garantia de todos os outros aqui. E me mantenha informada sobre tudo que acontecer.

Todos escutavam atentamente. Chippingham fitou-os e perguntou: — Podem me dar essa garantia, por favor?

Um a um, todos concordaram. Enquanto o faziam, Margot se retirou.

7

Eram 11h25 da noite quando Chippingham voltou à sua sala. Cinco minutos depois, recebeu a cópia de um despacho da Reuters, procedente de Lima, Peru, com informações sobre as exigências do Sendero Luminoso à CBA. Momentos depois, a AP em Washington transmitiu uma notícia mais detalhada, transcrevendo na íntegra o documento "O Tempo Luminoso Chegou".

Nos quinze minutos seguintes, a ABC, NBC e CBS irradiaram boletins noticiosos especiais, incluindo pequenos segmentos da gravação de Jessica. Houve promessas de detalhes mais completos nos noticiosos das redes no dia seguinte, inclusive outros boletins especiais, se necessário. A CNN, já transmitindo um programa de notícias, simplesmente inseriu a história e se antecipou às outras. Chippingham manteve sua decisão anterior de não interromper a programação, só entrando no ar à meia-noite, com uma matéria cuidadosa, que estava sendo agora preparada.

Eram 11h45 quando ele deixou sua sala e foi para a Ferradura, acionada para a ocasião. Norm Jaeger ocupava a cadeira do produtor executivo, Iris Everly, numa sala de edição, trabalhava com a gravação de Jessica e com outras que seriam usadas para compor a matéria. Don Kettering, que faria a apresentação especial da meia-noite, estava na maquiagem, ao mesmo tempo em que lia e emendava um esboço do roteiro.

— Vamos apresentar tudo secamente — disse Jaeger a Chippingham —, sem qualquer reação da CBA. Achamos que haverá muito tempo para isso mais tarde...

— Como você quiser.

— De passagem, todos estão telefonando, indagando por nossas reações, inclusive o *Times* e o *Post*. Respondemos a todos que não temos nenhuma por enquanto e que o assunto está sendo estudado.

Chippingham acenou com a cabeça em aprovação. — Ótimo.

Jaeger gesticulou para Karl Owens, sentado no outro lado da Ferradura. — Mas ele tem uma ideia sobre uma possível reação.

— Eu gostaria de ouvi-la.

Owens, o produtor júnior, perseverante e diligente, que já apresentara diversas outras ideias e cuja sondagem meticulosa identificara o terrorista como Ulises Rodríguez, consultou as anotações num cartão, seu banco de dados habitual.

— Fomos informados pelo documento do Sendero Luminoso de que cinco cassetes, para substituírem o nosso Jornal da Noite, serão entregues na CBA... o primeiro na quinta-feira da próxima semana, os outros nos dias

subsequentes. Ao contrário da gravação da Sra. Sloane a que assistimos esta noite, essas fitas aparentemente só serão entregues à CBA.

— Já sei de tudo isso — comentou Chippingham.

Jaeger sorriu, enquanto Owens continuava, em seu próprio ritmo, imperturbável: — O que sugiro é que continuemos a evitar a revelação de qualquer reação da CBA até terça-feira. Só que na segunda-feira, para manter o interesse atiçado, podemos dizer que haverá um comunicado no dia seguinte. Na terça-feira haveria outro anúncio: não haverá novos comentários até recebermos a fita prometida na quinta-feira, e só depois disso divulgaremos nossa decisão.

— E aonde tudo isso nos leva?

— Leva-nos a quinta-feira, daqui a seis dias. Vamos presumir então que a fita do Sendero seja entregue.

— Muito bem, está presumido. O que acontece?

— Nós a guardamos num cofre, ao qual ninguém tenha acesso, entramos no ar imediatamente... interrompendo a programação, fazendo o maior estardalhaço... dizendo que recebemos a fita, mas que ela está defeituosa. Tentamos tocá-la, depois consertá-la, mas não conseguimos. Deve ter sido danificada na viagem, a maior parte foi apagada.

Além de transmitir tudo isso pela tevê, mandamos cópias para os jornais e agências noticiosas, cuidando para que a mensagem seja repetida no Peru, a fim de chegar ao conhecimento do Sendero Luminoso.

— Acho que já percebi seu raciocínio — comentou Chippingham. — Mesmo assim, quero que explique.

— A turma do Sendero não saberá se estamos mentindo ou não. Saberão apenas, assim como nós, que é o tipo de coisa que pode acontecer. Talvez nos concedam o benefício da dúvida e mandem outra gravação, o que poderá demorar vários dias...

Chippingham arrematou por ele: — ...e isso significaria que não poderíamos iniciar as transmissões no dia que eles determinaram.

— Exatamente. Jaeger acrescentou: — Creio que Karl chegaria a esse ponto, Les. Mas o importante é que com isso ganharemos vários dias extras... se der certo, o que é bem possível. O que acha?

— Acho que é brilhante. Deixa-me contente por termos trazido as articulações para o jornalismo.

8

Durante o fim de semana, as notícias sobre as exigências do Sendero Luminoso e o videoteipe de Jessica permaneceram em destaque nos noticiários, com crescente interesse no mundo inteiro. A CBA recebeu incontáveis ligações, solicitando algum comentário da rede, de preferência sob a forma de uma declaração oficial. Todas essas ligações foram encaminhadas à rede de tevê. Outros executivos da CBA foram alertados de que não deveriam responder a perguntas sobre o assunto, mesmo extraoficiais.

Na rede de tevê, três secretárias, convocadas para trabalho especial no fim de semana, atendiam aos telefonemas. A resposta era sempre a mesma: A CBA não tinha comentários e não era possível informar quando haveria uma declaração oficial.

A ausência de uma reação da CBA, no entanto, não impediu que outros manifestassem suas opiniões. A opinião da maioria parecia ser a seguinte: Aguentem firme! Não cedam! Um número surpreendente, porém, não via qualquer mal em atender às exigências dos sequestradores como um preço pela libertação dos prisioneiros, o que levou Norm Jaeger a comentar, com repulsa: - será que esses idiotas não percebem os princípios envolvidos? Não compreendem que com a criação de um precedente estaríamos convidando todos os grupos de lunáticos do mundo a sequestrarem o pessoal de televisão? Nos programas de entrevistas no domingo, *Face the Nation*, *Meet the Press* e *This Week* (Cara a Cara com a Nação, Encontro com a Imprensa e Esta Semana) com David Brinkley, o assunto foi discutido, trechos do livro de Crawford Sloane *A Câmera e a Verdade* lidos em voz alta, em particular:

• "Os reféns... devem ser considerados dispensáveis."

• "A única maneira de lidar com terrorista é... não fazer acordos nem pagar resgate, direta ou indiretamente, jamais!"

Na CBA, as pessoas que haviam prometido a Les Chippingham não manter segredo sobre a decisão final de não aceitar as condições do Sendero Luminoso pareciam ter cumprido a palavra. Na verdade a única pessoa que a violou foi Margot Lloyd-Mason, que no domingo falou com Theo Elliott pelo telefone e relatou tudo que acontecera na noite anterior.

Sem dúvida, Margot alegaria ter agido corretamente ao manter informado o presidente do conselho de administração da Globanic. Infelizmente, certa ou errada, sua atitude permitiu um vazamento desastroso.

A sede mundial da Globanic Industries ficava num conjunto de escritórios ao estilo de mansão, num parque particular, em Pleasantville, Estado de Nova York, a cinquenta quilômetros de Manhattan. A intenção, ao escolher

esse local, era remover o pensamento de alto nível e definições políticas do clima de pressões diárias das subsidiárias da Globanic nas áreas industriais ou financeiras. A Globanic Financial, por exemplo, que realizava a operação com o Peru, ocupava três andares do World Trade Center, na área de Wall Street.

Na realidade, porém, muitas questões secundárias afetando as subsidiárias da Globanic eram levadas para a sede em Pleasantville. Era por isso que, às dez da manhã de segunda-feira, um jovem e dinâmico repórter do *Baltimore Star*, Glen Dawson, estava ali para entrevistar o controlador-chefe da Globanic sobre o problema do paládio. Esse precioso metal estava nas manchetes, e uma companhia da Globanic tinha minas de paládio e platina em Minas Gerais, Brasil, em que distúrbios trabalhistas ameaçavam o suprimento.

Dawson esperava fora do gabinete do controlador, num elegante salão circular que também dava acesso aos gabinetes de dois outros altos executivos da Globanic, um deles o presidente do conselho de administração do conglomerado.

O repórter, sentado num canto, discretamente, ainda aguardava quando uma das outras portas foi aberta e dois homens saíram. Um deles era Theodore Elliott, a quem Dawson reconheceu imediatamente pelas fotografias que já vira. O rosto do outro homem era familiar, embora Dawson não conseguisse situá-lo. Os dois continuavam uma conversa iniciada lá dentro, o segundo homem falando: — ...tenho ouvido informações sobre seu problema com a CBA. As ameaças daqueles rebeldes do Peru deixam vocês numa situação difícil.

O presidente do conselho de administração da Globanic acenou com a cabeça.

— De certa forma, sim... Vou acompanhá-lo até o elevador... Já tomamos uma decisão, embora não tenha sido anunciada. O que não vamos permitir é que um bando de comunas malucos nos diga o que devemos fazer.

— Então a CBA não vai cancelar seus jornais noturnos?

— Absolutamente não! Não há a menor possibilidade de exibirmos as fitas do Sendero Luminoso...

As vozes sumiram.

Usando uma revista que estivera folheando como uma cobertura para o bloco de anotações, Glen Dawson anotou rapidamente as palavras exatas que acabara de ouvir. Seu coração disparou. Sabia que tinha uma informação exclusiva que incontáveis outros jornalistas vinham procurando em vão desde a noite de sábado.

— Sr. Dawson — chamou uma recepcionista —, o Sr. Licata vai recebê-lo agora.

Ao passar pela mesa da jovem, Dawson parou e sorriu.

— Aquele outro cavalheiro com o Sr. Elliott... tenho certeza de que o conheço, mas não consigo situar seu rosto.

A recepcionista hesitou; ele percebeu a desaprovação e ampliou o sorriso. Deu certo.

— Era o Sr. Alden Rhodes, o subsecretário de Estado.

— Mas é claro! Como pude esquecer?

Dawson vira o subsecretário de Estado para Assuntos Econômicos uma vez antes na televisão, prestando depoimento num comitê da Câmara. Mas tudo que importava naquele momento era que ele tinha o nome.

A entrevista com o controlador da Globanic pareceu interminável para Dawson, embora ele tentasse encerrá-la o mais depressa possível. De qualquer forma, não estava muito interessado no problema do paládio; era um jovem ambicioso que queria escrever sobre assuntos de interesse mais amplo e esbarrara com algo que parecia um ingresso oportuno para um futuro mais emocionante. O controlador, no entanto, não demonstrou pressa na descrição da história e futuro do paládio. Descartou a agitação trabalhista no Brasil como temporária e improvável de prejudicar o suprimento, o que era basicamente o que Dawson desejava descobrir. Ao final, alegando um prazo de fechamento para a remessa do material, o repórter tratou de escapar.

Consultando o relógio, concluiu que ainda tinha tempo para chegar à sucursal do Baltimore Star em Manhattan, escrever as duas matérias e ainda pegar a principal edição vespertina do jornal. Guiando depressa, organizando mentalmente as frases, enquanto os quilômetros passavam, ele seguiu para o sul pela Saw Mill River Parkway e depois pela Interestadual 87.

Sentado a um terminal de computador no modesto escritório da sucursal, na Rockefeller Plaza, Glen Dawson escreveu primeiro, rapidamente, a história do paládio. Era o que lhe haviam mandado fazer, e sua obrigação original estava cumprida.

Passou então a redigir a segunda matéria, mais emocionante. A primeira matéria fora para a editoria financeira, como também aconteceria com a segunda, já que era a área em que trabalhava. Mas tinha certeza de que não permaneceria por muito tempo ali.

Os dedos voavam sobre o teclado, redigindo a matéria.

Enquanto escrevia, Dawson especulava sobre uma questão ética que sabia que teria de ser formulada e respondida em breve: a publicação da informação que redigia agora poria as vítimas do sequestro no Peru em maior perigo do que já corriam agora? Mais especificamente: os reféns da família Sloane seriam prejudicados pela revelação da decisão da rede CBA de rejeitar as exigências do Sendero Luminoso, uma decisão que àquela altura, obviamente, era mantida em segredo? Ou, por outro lado, o público tinha o direito de saber qualquer coisa que um repórter de iniciativa como ele fosse capaz de descobrir, não importando como a informação fora obtida? Embora tais dúvidas existissem, o fato puro e simples, como Dawson bem sabia, é que nada disso era de sua conta ou preocupação. As regras a respeito eram precisas e conhecidas de todas as partes envolvidas. A responsabilidade de um repórter era escrever qualquer informação importante que descobrisse. Se tinha notícias, seu trabalho não era suprimi-las ou modificá-las de qualquer forma, mas sim escrever um relato acurado e entregá-lo à organização que o empregava.

Sua matéria seria encaminhada a um editor. Caberia ao editor analisar a ética.

Em Baltimore, pensou Dawson, onde sua história aparecia agora em outro terminal de computador, era provavelmente o que acontecia naquele momento.

Ao concluir, ele apertou uma tecla para tirar uma cópia. Antes que pudesse pegá-la, outra mão se estendeu e arrancou-a da impressora. Era o chefe da sucursal, Sandy Sefton, que acabava de entrar. Um veterano repórter da geral, Sefton estava a poucos anos da aposentadoria, era um grande amigo de Dawson. Enquanto lia a matéria, o chefe da sucursal assoviou baixinho.

— Tem mesmo uma informação quente. As palavras de Elliott... anotou-as no momento mesmo em que ele falou?

— Segundos depois.

Dawson mostrou suas anotações ao homem mais velho. — Ótimo! Falou com o outro cara, Alden Rhodes?

Dawson sacudiu a cabeça. — Baltimore provavelmente vai querer que fale. — Um telefone tocou. — Quer apostar como é Baltimore?

Era mesmo. Sefton atendeu, escutou por um instante e depois disse: — Meu garoto vai dominar o jornal esta noite, não é mesmo?

Ele sorriu ao passar o fone para Dawson. — É Prazer.

J. Allardyce Prazer era o editor-executivo. Ele não perdeu tempo, a voz autoritária: — Ainda não falou diretamente com Theodore Elliott. Correto?

— Correto, Sr. Prazer.

— Pois então fale. Diga a ele o que tem e pergunte se quer fazer algum comentário. Se ele negar que falou, informe isso também. Se ele negar a informação, tente uma confirmação de Alden Rhodes. Sabe o tipo de pergunta que deve fazer?

— Acho que sim.

— Deixe-me falar com Sandy.

O chefe da sucursal pegou o fone. Piscou para Dawson enquanto escutava, depois disse: — Vi as anotações de Glen. Ele anotou as palavras de Elliott no local. Estão bem claras. Não há a menor possibilidade de mal-entendido.

Desligando, Sefton disse a Dawson: — Você ainda não pode ir para casa; eles estão discutindo o aspecto ético. Fale com Elliott. Tentarei localizar Rhodes; ele não deve ter voltado para Washington.

Sefton atravessou a sala para usar outro telefone. Dawson teclou o número da Globanic. Depois de passar pela telefonista, uma voz de mulher atendeu. O repórter identificou-se e pediu para falar com o "Sr. Theodore Elliott".

— O Sr. Elliott não pode atender agora — disse a voz, amavelmente. — Sou a Sra. Kessler. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Talvez.

Dawson explicou com todo cuidado o motivo da ligação. A voz tornou-se fria: — Espere um instante, por favor.

Vários minutos se passaram. Dawson já ia desligar e telefonar outra vez, quando a mulher voltou a falar, a voz ainda mais gelada: — O Sr. Elliott pede para avisar que qualquer coisa que julgue ter ouvido era confidencial e não pode ser usada.

— Sou um repórter — protestou Dawson. — Se escuto ou descubro alguma coisa e não me foi dito expressamente que era confidencial, tenho o direito de usá-la.

— Sr. Dawson, não vejo sentido em prolongar esta conversa.

— Só um momento, por favor. O Sr. Elliott nega ter usado as palavras que li para você?

— O Sr. Elliott não tem mais comentários a fazer.

Dawson anotou a pergunta e resposta, assim como o diálogo anterior.

— Sra. Kessler, importa-se de me dizer seu primeiro nome?

— Não há motivo para... ora, é Diana.

Dawson sorriu, adivinhando que Kessler raciocinara que se seu nome fosse aparecer em letra de forma, podia muito bem ser completo. Prestes a agradecer, ele percebeu que a ligação fora cortada. Ao repor o fone no gancho, o chefe da sucursal estendeu-lhe um pedaço de papel.

— Rhodes está a caminho do aeroporto La Guardia, num carro do Departamento de Estado. Aqui está o número do telefone do carro.

Dawson tornou a levantar o fone.

Desta vez, depois de um toque da campainha, uma voz de homem atendeu. Quando Dawson pediu para falar com o "Sr. Alden Rhodes", a resposta foi: — É ele.

O repórter tornou a se identificar, sabendo que Sandy Sefton escutava na extensão.

— Sr. Rhodes, meu jornal gostaria de saber se tem algum comentário a fazer sobre a declaração do Sr. Theodore Elliott de que a rede CBA rejeitará as recentes exigências do Sendero Luminoso; nas palavras do Sr. Elliott, "o que não vamos permitir é que um bando de comunas malucos nos diga o que devemos fazer".

— Theo Elliott lhe disse isso?!

— Ouvi-o dizer pessoalmente, Sr. Rhodes.

— Pensei que ele queria manter confidencial. — Uma pausa. — Ei, espere um pouco! Você estava sentado naquele salão quando passamos? — Isso mesmo.

— Dawson, você me enganou, e exijo que toda esta conversa seja extraoficial.

— Sr. Rhodes, antes de começar a falar, eu me identifiquei e não disse nada para tomar a conversa não oficial.

— Vá se foder, Dawson!

— Esta última parte não é para ser reproduzida, senhor. Já tinha me dito que a conversa era confidencial.

O chefe da sucursal, sorrindo, fez o sinal com o polegar para cima.

O debate sobre a ética em Baltimore não durou muito tempo.

Em qualquer organização jornalística sempre havia uma predileção pela revelação. Contudo, com algumas histórias — e esta era assim —, certas questões tinham de ser formuladas e respondidas. O editor-executivo e o editor nacional, que supervisionaria a matéria, formularam-nas um para o outro.

Pergunta: A publicação da decisão da CBA poria em perigo os reféns?

Resposta: Os reféns já corriam perigo; era difícil admitir que a publicação de qualquer coisa pudesse fazer muita diferença.

Pergunta: Alguém seria morto por causa da publicação?

Resposta: Era improvável, porque um refém morto deixaria de ter valor.

Pergunta: Como a CBA teria de divulgar sua decisão dentro de um ou dois dias, que diferença faria se fosse um pouco antes?

Resposta: Não muita, se é que faria alguma.

Pergunta: Como Theo Elliott da Globanic revelara a decisão da CBA casualmente e outros deviam conhecê-la também, era provável que permanecesse em segredo por muito mais tempo?

Resposta: Quase que certamente não.

Ao final, o editor-executivo expressou a conclusão de ambos: — Não há um problema ético. Vamos publicar!

A história foi destaque na principal edição vespertina do *Baltimore Star*, com uma manchete garrafal:

CBA DIZ NÃO A SEQUESTRADORES DA FAMÍLIA SLOANE

A matéria, assinada por Glen Dawson, dizia:

A CBA dirá um enfático Não às exigências dos sequestradores da família Sloane de cancelar seu Jornal da Noite durante uma semana, substituindo-o por videoteipes de propaganda fornecidos pelo grupo rebelde maoísta do Peru conhecido como Sendero Luminoso.

O Sendero Luminoso já admitiu que mantém as vítimas do sequestro num esconderijo no Peru.

Theodore Elliott, presidente do conselho de administração e executivo principal da Globanic Industries, a companhia que detém o controle da CBA, declarou hoje: "O que não vamos permitir é que um bando de comunas malucos nos diga o que devemos fazer." Falando na sede da Globanic Industries, em Pleasantville, Estado de Nova York, ele acrescentou: "Não há a menor possibilidade de exibirmos as fitas do Sendero Luminoso." Um repórter do Star *estava presente durante a declaração de Elliott.*

Alden Rhodes, subsecretário de Estado para Assuntos Econômicos, que estava com o Sr. Elliott quando a declaração foi feita, recusou-se a fazer comentários quando indagado pelo Star, *embora dissesse: "Pensei que ele queria manter confidencial." Uma tentativa ao final desta manhã de entrar em contato com o Sr. Elliott para informações adicionais foi infrutífera.*

"O Sr. Elliott não pode atender agora", foi o que informou ao Star *a Sra. Diana Kessler, assistente do presidente do conselho de administração da*

Globanic. Em resposta a perguntas, a Sra. Kessler insistiu: "O Sr. Elliott não tem mais comentários a fazer."

Havia mais, principalmente a história do sequestro. Antes mesmo de o *Baltimore Star* sair às ruas, as agências noticiosas já estavam divulgando a matéria, concedendo o crédito ao *Star*. Naquela noite, o *Star* foi citado em todos os noticiosos das redes, inclusive da CBA, onde a revelação prematura foi recebida quase com desespero.

Na manhã seguinte, no Peru, onde a história do sequestro já tinha o maior destaque, os jornais, assim como as emissoras de rádio e tevê, divulgaram a informação, dando ênfase especial à descrição de Sendero Luminoso por Theodore Elliott como "um bando de comunas malucos".

9

— Gosto de Vicente — disse Nicky. — Ele é nosso amigo.

— Também acho! — gritou Angus de sua cela.

O velho estava deitado no colchão fino e sujo da cama tosca, enchendo o tempo com a observação de dois besouros enormes na parede.

— Pois então tratem de mudar de ideia! — protestou Jessica bruscamente. — Gostar de qualquer pessoa aqui é estupidez e ingenuidade! Ela se conteve, sentindo vontade de morder a língua e retirar as palavras. Não havia necessidade de falar com tanta rispidez.

— Desculpem — acrescentou ela, mais suave. — Não tive a intenção de falar assim.

Depois de quinze dias de confinamento nas celas mínimas, a tensão dominava a todos, afetando o ânimo. Jessica esforçara-se ao máximo para manter o moral, se não alto, pelo menos num nível acima do desespero. Também cuidara para que todos realizassem exercícios diários, que ela comandava. Mas era evidente que, apesar de suas melhores intenções, a restrição física, a monotonia e a solidão causavam o efeito inevitável.

Ainda por cima, a comida gordurosa e intragável era mais um fardo para minar a resistência física.

Agravando esses sofrimentos, e apesar dos esforços para permanecerem lavados, estavam geralmente sujos, fedorentos e suando com frequência, as roupas imundas grudando no corpo.

Não adiantava, pensou Jessica, lembrar a si mesma que seu mentor do curso antiterrorismo, o brigadeiro Wade, sofrera muito mais e por um período

mais longo em seu buraco do inferno abaixo da superfície na Coreia. Cedric Wade era um homem excepcional e dedicado servindo a seu país em tempo de guerra. Não havia guerra ali para reforçar a mente e o corpo. Eram apenas civis apanhados numa escaramuça insignificante... Com que propósito? Jessica ainda não sabia. Mesmo assim, a lembrança do brigadeiro Wade e o comentário de Nicky de que gostava de Vicente, mais o endosso de Angus, fizeram-na recordar mais uma coisa que aprendera com Wade. Agora parecia uma boa oportunidade para levantar o assunto. Falando baixo, enquanto olhava cautelosa para o guarda de serviço, ela perguntou: — Angus e Nicky, vocês já ouviram falar da síndrome de Estocolmo?

— Acho que sim — respondeu Angus. — Mas não tenho certeza.

— E você, Nicky?

— Não, mamãe. O que é?

O guarda era o mesmo que às vezes trazia uma revisa de quadrinhos; parecia absorvido numa agora, indiferente à conversa. Jessica também sabia que ele não falava inglês.

— Vou explicar.

Na memória, Jessica podia ouvir a voz do brigadeiro Wade informando ao pequeno grupo de estudo que ela integrara: — Uma coisa que acontece em quase toda situação de sequestro terrorista é que, depois de algum tempo, pelo menos alguns dos reféns passam a gostar dos terroristas.

Às vezes, chegam ao ponto de pensar que os terroristas são seus amigos e consideram a polícia ou soldados lá fora, tentando salvá-los, como o inimigo. É a síndrome de Estocolmo— Tudo isso era verdade, e Jessica confirmara posteriormente, através de leituras adicionais. Também se sentira bastante curiosa para descobrir por que o processo adquirira esse nome.

Agora, vasculhando a memória e usando suas próprias palavras, ela relatou a estranha história, com Nicky e Angus escutando atentamente.

Aconteceu em Estocolmo, Suécia, a 23 de agosto de 1973.

Naquela manhã, em Norrmalmstorg, uma praça no centro da cidade, um preso fugitivo, Jan-Erik Olsson, de 32 anos, entrou no Sveriges Kreditbanken, um dos maiores bancos de Estocolmo. De baixo de um paletó dobrado, Olsson tirou uma submetralhadora, que disparou para o teto, criando pânico, em meio a uma chuva de concreto e vidro.

A provação subsequente prolongou-se por seis dias.

No seu decorrer, nenhum dos participantes tinha a menor ideia de que por anos e provavelmente séculos futuros um aspecto da experiência que

partilhavam se tomaria famosa como a síndrome de Estocolmo — uma expressão médica e científica destinada a ser tão familiar no mundo inteiro para estudantes e profissionais como cesariana, anorexia, inveja de pênis ou doença de Alzheimer.

Três mulheres e um homem, todos empregados do banco, foram tomados como reféns por Olsson e seu cúmplice, Clark Olofsson, de anos. Os reféns eram Birgitta Lundblad, 31 anos, uma loura bonita; Kristin Ehnmark, 23 anos, animada e de cabelos pretos; Elisabeth Oldgren, 21 anos, pequena, loura e gentil; e Sven Säfstròm, 25 anos, solteiro, alto e esguio. Durante a maior parte dos seis dias seguintes, o sexteto ficou confinado num cofre-forte, de onde os criminosos apresentaram suas exigências por telefone — três milhões de coroas suecas em dinheiro (o equivalente a 710 mil dólares), duas pistolas e um carro para a fuga.

Os reféns sofreram durante o sítio. Foram obrigados a ficar de pé com cordas no pescoço, que os estrangulariam se caíssem. De vez em quando uma submetralhadora era comprimida contra suas costelas, e eles esperavam a morte. Passaram cinquenta horas sem comida. Cestas de papel de plástico tomaram-se os únicos recursos sanitários.

Dentro do cofre— forte, a claustrofobia e o medo dominou-os por completo.

Contudo, durante todo o tempo, desenvolveu-se uma estranha intimidade entre reféns e captores. Houve um momento em que Birgitta poderia ter escapado, mas não o fez.

Kristin conseguiu transmitir informações à polícia, mas depois reconheceu: "Eu me senti como uma traidora." O homem que estava como refém, Sven, descreveu os captores como "gentis". Elisabeth concordou.

A polícia de Estocolmo, desfechando uma guerra de desgaste para libertar os prisioneiros, deparou com a hostilidade deles. Kristin disse por telefone que confiava nos assaltantes, acrescentando: "Quero que nos deixem fugir com eles... Eles têm sido muito bons." Sobre Olsson, ela declarou: "Ele está nos protegendo da polícia." Quando lhe disseram "A polícia não fará mal algum a você", ela respondeu: "Não acredito." Isso foi revelado depois que Kristin ficou de mãos dadas com o criminoso mais jovem, Olofsson. Ela disse a um detetive: "Clark me deu ternura." E depois da libertação dos reféns, enquanto era levada de maca para uma ambulância, Kristin gritou para Olofsson: "Clark, eu tomarei, a vê-lo." Técnicos de laboratório encontraram vestígios de sêmen no cofre-forte. Depois de uma semana de interrogatório, uma das mulheres, embora negando que fizera sexo, disse que uma noite, enquanto os outros dormiam,

ajudara Olsson a se masturbar. Os investigadores, embora céticos sobre a declaração de que não houvera o intercurso sexual, abandonaram o assunto.

Durante o interrogatório por médicos, os reféns libertos referiram-se à polícia como "o inimigo", achando que era aos criminosos que deviam sua vida. Elisabeth acusou um médico de tentar uma "lavagem cerebral"para eliminar sua consideração por Olsson e Olofsson.

Em 1974, quase um ano depois do drama no banco, Birgitta visitou Olofsson na penitenciária, conversando com ele durante meia hora.

Os médicos acabaram declarando que a reação dos reféns era típica de qualquer pessoa envolvida em "situação de sobrevivência". Citaram Anna Freud, que descreveu tais reações como "identificação com o agressor". Mas foi preciso o drama no banco sueco para criar um nome permanente e memorável: a síndrome de Estocolmo.

— É incrível, mamãe! — exclamou Nicky.

— Eu nunca soube de tudo isso — acrescentou Angus.

— Tem mais alguma coisa para nos contar? — perguntou Nicky. Jessica estava satisfeita.

— Um pouco.

Mais uma vez, ela recorreu a suas lembranças do britânico, brigadeiro Wade.

— Tenho dois conselhos para vocês — dissera ele um dia no curso de antiterrorismo. — Primeiro, se forem cativos e reféns: Cuidado com a síndrome de Estocolmo! Segundo, quando lidarem com terroristas, nunca se esqueçam de que "Amem seus inimigos" é uma tremenda bobagem. No outro extremo, não desperdicem tempo e esforço odiando terroristas, porque o ódio é uma emoção inútil e destrutiva. Apenas não confiem neles por um momento sequer nem gostem deles, nunca deixem de considerá-los como o inimigo.

Jessica repetiu os conselhos de Wade para Nicky e Angus. Descreveu sequestros de aviões em que as pessoas capturadas e maltratadas desenvolveram sentimentos de amizade por seus atacantes. Isso ocorrera com o infame voo 847 da T W A, em 1985, quando alguns passageiros manifestaram simpatia pelos sequestradores xiitas e defenderam as posições de propaganda de seus captores.

Mais recentemente, explicou Jessica, um refém libertado do Oriente Médio — uma figura patética, visivelmente outra vítima da síndrome de Estocolmo — chegara a entregar uma mensagem de seus captores 489 ao papa e ao presidente dos Estados Unidos, ganhando muita publicidade no processo. A

natureza da mensagem, não fora revelada, embora extra— oficialmente fosse classificada de banal e sem sentido.

De interesse ainda maior para os que compreendiam a síndrome de Estocolmo era o caso da vítima de sequestro Patrícia Hearst. Infelizmente para Hearst, que fora presa em 1975 e julgada no ano seguinte por supostos crimes enquanto dominada por seus brutais captores, os eventos em Estocolmo ainda não eram bastante conhecidos para lhe proporcionar compreensão e justiça. Falando numa das sessões antiterroristas de Wade, um advogado americano declarara: — Em termos legais e intelectuais, o julgamento de Patty Hearst deve ser comparado aos julgamentos das feiticeiras de Salem em 1692.

E acrescentara mais adiante: — Sabendo o que sabemos agora, e recordando que o erro cometido foi reconhecido pelo presidente Carter, que comutou sua sentença de prisão, será uma vergonha para o nosso país se permitirmos que Patrícia Hearst morra sem ser perdoada.

Angus comentou: — Portanto, Jessie, o que você está querendo dizer é que não devemos nos enganar com a aparente amabilidade de Vicente. Ele ainda é um inimigo.

— Se não fosse — ressaltou Jessica —, poderíamos sair daqui calmamente quando ele estivesse de guarda.

— O que sabemos que não é possível. — Angus dirigiu-se à cela do meio. — Entendeu isso, Nicky? Sua mãe tem razão, e nós dois estávamos errados.

Nicky acenou com a cabeça, a expressão sombria, sem dizer nada. Uma das tristezas do encarceramento, pensou Jessica, era que Nicky confrontava — mais cedo do que normalmente aconteceria — algumas das duras realidades da infâmia humana.

10

Como sempre no Peru, as notícias sobre o sequestro da família Sloane viajavam pelas distâncias mais longas e para os cantos mais remotos do país através do rádio.

A primeira notícia da ligação do Peru e do Sendero Luminoso com o sequestro foi veiculada no sábado, o dia seguinte à transmissão do Jornal da Noite da CBA em que foi revelado o material exclusivo reunido pela força-tarefa especial da rede. O sequestro já fora noticiado antes pelos meios de comunicação do Peru sem muito destaque, mas o envolvimento local fez com que se tomasse uma grande notícia.

Neste caso, também o rádio foi o meio de divulgação mais amplo.

Na manhã de terça-feira, depois da reportagem publicada na segunda pelo Baltimore S/ar, o rádio transmitiu para a cidade de Ayacucho, nos Andes, para o povoado de Nueva Esperanza, na selva, as primeiras informações sobre a rejeição de Theodore Elliott às exigências dos sequestradores e sua opinião desdenhosa sobre o Sendero Luminoso.

Em Ayacucho, as notícias pelo rádio foram ouvidas por líderes do Sendero, e em Nueva Esperanza pelo terrorista Ulises Rodríguez, também conhecido por Miguel.

Pouco depois, houve uma conversa telefônica entre Miguel e um líder do Sendero em Ayacucho, sem que nenhum dos dois revelasse seu nome enquanto falavam. Ambos sabiam que a ligação telefônica era precária pelos padrões modernos e que a linha passava por outros locais, em que qualquer um podia estar escutando, inclusive o exército ou a polícia. Por isso, conversaram em termos gerais e referências veladas, em que muitos no Peru eram experientes, embora o significado fosse evidente para ambos.

A essência da conversa foi a seguinte: era preciso fazer imediatamente alguma coisa para provar à rede de televisão americana CBA que não estava lidando com tolos ou fracos. Matar um dos reféns e deixar o corpo em Lima para ser encontrado era uma possibilidade. Miguel, embora concordando que isso seria eficaz, sugeriu que por enquanto os três reféns fossem mantidos vivos, preservando-os como um capital. Em vez de matar, ele aconselhou outra tática, que em sua opinião — recordando algo que descobrira em Hackensack — seria psicologicamente devastadora para as pessoas no outro lado da equação, em Nova York.

A sugestão foi prontamente aceita. Como haveria necessidade de transporte físico, um carro ou caminhão, o que estivesse disponível, partiria imediatamente de Ayacucho para Nueva Esperanza.

Em Nueva Esperanza, Miguel iniciou os preparativos mandando chamar Socorro.

Jessica, Nicky e Angus observaram quando uma pequena procissão aproximou-se das celas. Era formada por Miguel, Socorro, Gustavo, Ramón e um dos outros homens que serviam como guardas. Pela determinação deles, era evidente que algo estava prestes a acontecer, e Jessica e os outros esperaram apreensivos para descobrir do que se tratava.

De uma coisa Jessica tinha certeza: não importava o que quisessem dela, haveria de cooperar. Já haviam se passado seis dias desde a gravação do videoteipe em que, por causa de seu desafio inicial, Nicky fora torturado com queimaduras agoniantes. Desde então, Socorro aparecera todos os dias para examinar as queimaduras, já curadas, com Nicky não sentindo mais qualquer dor.

Por isso, quando a cela de Nicky foi aberta e os terroristas entraram, ignorando Jessica e Angus, ela gritou, na maior ansiedade: -o que estão fazendo? Não o machuquem, por favor! Ele já sofreu demais! Façam qualquer coisa que quiserem comigo!

Foi Socorro quem se virou para Jessica e gritou através da tela que separava as celas: — Cale-se! Não há a menor possibilidade de você evitar o que vai acontecer!

Jessica berrou, frenética: — Mas o que vai acontecer?

Miguel levara uma pequena mesa para a cela de Nicky, que fora agarrado por Gustavo e o quarto homem, ficando impossibilitado de se mexer. Jessica tornou a gritar: — Oh, isso não é justo! Larguem-no, pelo amor de Deus!

Ignorando Jessica, Socorro disse a Nicky: — Dois de seus dedos vão ser cortados.

À palavra "dedos", Nicky, já frenético, gritou e se debateu, mas foi em vão.

— Esses homens farão isso, e você não tem como impedir — acrescentou Socorro. — Mas doerá mais se você se debater. Portanto, fique quieto.

Ignorando a advertência, balbuciando palavras incoerentes, os olhos se deslocando desvairados, Nicky lutou ainda mais desesperadamente para se

libertar, para retirar as mãos de alguma forma, mas não conseguiu. Jessica soltou um gemido estridente.

— Oh, não! Não os dedos! Será que não compreendem? Ele toca piano! É a sua vida...

— Sei disso. — Desta vez foi Miguel quem se virou, com um sorriso insidioso. — Ouvi seu marido dizer isso na televisão, respondendo a uma pergunta. Quando receber estes dedos, vai se arrepender de ter falado.

Na cela do outro lado, Angus batia na tela e berrava também. Levantou as mãos.

— Cortem os meus dedos! Que diferença faz? Por que estragar o resto da vida do menino?

Miguel, o rosto se contraindo em fúria, respondeu bruscamente: — Qual é a importância de dois dedos de um pirralho burguês, quando a cada ano sessenta mil crianças peruanas morrem antes dos cinco anos de idade?

— Somos americanos! — bradou Angus. — Não somos culpados disso!

— São sim! O sistema capitalista, o seu sistema que explora o povo, é depravado, destrutivo. É o culpado...

A estatística de Miguel sobre as mortes de crianças era uma citação de Abimael Guzmán, o fundador do Sendero Luminoso. Como Miguel sabia, o dado de Guzmán podia ser exagerado, mas não havia a menor dúvida de que o índice de mortes infantis no Peru em decorrência da desnutrição era um dos mais elevados do mundo.

Enquanto os epítetos eram lançados de um lado para outro, aconteceu muito depressa.

A mesinha trazida por Gustavo foi colocada diante de Nicky. Enquanto o menino continuava a se contorcer, chorando, suplicando desesperadamente, Gustavo forçou seu indicador direito para cima da mesa, isolado, os outros dedos enroscados para trás, contra a beirada. Ramón tirou uma faca da bainha. Agora, sorrindo, ele testou a lâmina afiada com o polegar.

Satisfeito, adiantou-se, encostou a lâmina na segunda articulação do dedo exposto de Nicky e, num movimento rápido, bateu com a quina da mão esquerda no outro lado da faca. Com um som seco, um esguicho de sangue e um grito estridente de Nicky, o dedo foi quase que inteiramente cortado, mas não de todo. Ramón levantou a faca e cortou o resto de tecido e carne, concluindo a amputação. Os gritos desesperados de Nicky, agora de dor, eram estridentes e angustiantes, e o sangue espalhou-se pelo topo da mesa e as mãos dos homens e seguravam Nicky. Eles ignoraram e deslocaram o dedo mínimo menino, também

da mão direita, da beira da mesa para o topo. Desta t, a ação e o resultado foram mais rápidos. Com um único golpe de faca de Ramón, o dedo foi decepado, enquanto mais sangue esguichava. Socorro que já recolhera o primeiro dedo e o guardara num saco plástico, agora acrescentou o segundo e entregou o saco a Miguel. Socorro estava pálida, os lábios contraídos.

Olhou por um instante para Jessica, que cobria o rosto com as mãos, o corpo sacudido pelos soluços. A essa altura, Nicky — quase inconsciente, o rosto muito pálido caiu de costas na cama estreita, os gritos transformando-se em gemidos agoniados. Enquanto Miguel, Ramón e o quarto homem saíam da cela, levando a mesinha ensanguentada, Socorro disse a Gustavo, a quem ela fizera sinal para que esperasse: — Agarra el chico. Sentalo!

Gustavo levantou Nicky para uma posição sentada e manteve-o assim, enquanto Socorro saía para buscar uma bacia com água quente cheia de sabão, que trouxera quando o grupo chegara. Pegando a mão direita de Nicky, Socorro lavou meticulosamente os cotos em carne viva dos dois dedos cortados, a fim de evitar uma infecção. A água ficou vermelha no processo. Depois de cobrir os ferimentos com vários chumaços de gaze, ela enfaixou toda a mão. Mesmo através dos chumaços e da atadura, as manchas de sangue apareceram, embora parecesse que a hemorragia diminuía.

Durante todo o tempo, Nicky, obviamente, em estado de choque, nem ajudou nem atrapalhou o que estava sendo feito.

Miguel ainda se encontrava na frente das celas, e Jessica, que se aproximara da porta de sua própria cela, gritou para ele, em lágrimas: — Por favor, deixe-me ficar com meu filho! Por favor! Por favor!

Miguel sacudiu a cabeça e disse desdenhosamente: — Nada disso! Deixe o *mocoso* tentar se tornar um homem!

— Ele é um homem como você jamais será.

— A voz era de Angus, cheia de ódio e asco; ele também se aproximara da porta da cela para encarar Miguel. Angus fez um esforço para lembrar o xingamento em espanhol que Nicky lhe ensinara uma semana antes. — Você... Maldito hijo de puta!

Nicky repetira para Angus o que seus amigos cubanos na escola haviam lhe dito no recreio: invocar a mãe de um homem num xingamento em espanhol era o maior insulto possível.

Lentamente, deliberadamente, Miguel virou a cabeça. Fitou Angus com olhos gelados, ameaçadores e implacáveis. Depois, a expressão inalterada, saiu.

Gustavo deixara a cela de Nicky a tempo de ouvir as palavras e a reação de Miguel. Sacudindo a cabeça, Gustavo disse a Angus, em seu inglês precário:

— Velho, você fez um erro tremendo. Ele não esquece.

À medida que as horas passavam, Jessica foi ficando cada vez mais preocupada com o estado mental de Nicky. Tentara falar com ele, procurando encontrar algum meio, através das palavras, de confortá-lo, mas sem sucesso ou sequer uma reação. Nicky passava a maior parte do tempo deitado imóvel, gemendo ocasionalmente. De repente o corpo se sacudia várias vezes, gritos estridentes lhe escapavam, seguidos por um acesso de tremedeira.

Jessica tinha certeza de que os nervos cortados causavam o movimento e a dor que o acompanhava. Até onde ela podia perceber, os olhos de Nicky permaneciam abertos na maior parte do tempo, mas o rosto se mantinha vazio. Jessica até suplicou uma resposta.

— Só uma palavra, Nicky querido! Só uma palavra! Por favor... diga alguma coisa, qualquer coisa!

Mas não houve reação. Jessica especulou se ela própria não estaria enlouquecendo. A impossibilidade de entrar em contato e abraçar o filho, de tentar proporcionar algum alívio físico, era uma negação frustrante de tudo aquilo por que ansiava.

Por algum tempo, à beira da histeria, Jessica tentou esvaziar a mente de todos os pensamentos e, deitada, derramou lágrimas silenciosas e amargas.

E depois veio uma censura mental... Controle-se! Trate de se firmar! Não se entregue!... ela retornou a tentativa de falar com Nicky.

Angus também participou do esforço, mas o resultado foi tão improdutivo quanto antes.

A comida chegou e foi posta nas celas. Como já era de se esperar, Nicky não deu atenção. Sabendo que deveria preservar as forças, Jessica tentou comer, mas descobriu que não tinha apetite e pôs a comida de lado. Não tinha a menor ideia de como estava Angus.

A escuridão chegou. A noite foi avançando, e o guarda mudou. Vicente iniciou seu plantão. Os sons lá fora se tomaram mais fracos, e quando se ouvia apenas o zumbido dos insetos, Socorro apareceu. Trazia a bacia com água que já usara antes, mais chumaços de gaze, uma atadura e um lampião a querosene, que instalou na cela de Nicky.

Gentilmente, sentou Nicky e começou a trocar o curativo.

Nicky parecia mais calmo, sentindo menos dor, o corpo já não era sacudido por tremores com tanta frequência. Depois de algum tempo, Jessica

murmurou: — Por favor, Socorro...

A mulher virou-se no mesmo instante. Levando um dedo aos lábios, fez sinal para que Jessica se mantivesse em silêncio. Sem saber de mais nada, desorientada pela tensão e angústia, Jessica obedeceu.

Depois de trocar o curativo, Socorro deixou a cela de Nicky, mas não trancou a porta. Em vez disso, foi até a cela de Jessica e abriu o cadeado com uma chave.

Outra vez o sinal de silêncio. Depois, Socorro acenou para que Jessica saísse de sua cela e apontou para a porta aberta de Nicky.

O coração de Jessica disparou.

— Deve voltar antes do amanhecer — sussurrou Socorro. Ela acenou com a cabeça na direção de Vicente. — Ele lhe dirá quando.

Prestes a se encaminhar para Nicky, Jessica parou e virou-se. Impulsivamente, irracionalmente, aproximou-se de Socorro e beijou-a no rosto.

Momentos depois, Jessica estava abraçando o filho, tomando cuidado com a mão enfaixada.

— Oh, mamãe! — balbuciou ele.

Abraçaram-se da melhor forma que podiam. E logo depois Nicky adormeceu.

11

Na rede CBA, a busca sistemática de anúncios classificados em jornais locais, publicados nos últimos três meses, estava prestes a ser abandonada.

Quando fora iniciada, pouco mais de duas semanas antes, parecia importante para localizar a base de operações dos sequestradores nos Estados Unidos. Esperava-se na ocasião que, mesmo não se encontrando as vítimas do sequestro, pelo menos se descobriria alguma pista para indicar o paradeiro atual.

Agora, no entanto, quando já se sabia que os membros da família Sloane estavam no Peru, embora só o Sendero Luminoso soubesse exatamente onde, a busca pela base anterior parecia menos importante.

Do ponto de vista jornalístico de tevê, em particular, uma descoberta e imagens do local ainda seriam de interesse. Mas quanto à utilidade sob qualquer aspecto importante, porém, a probabilidade se tomava menor à medida que os dias passavam.

Apesar disso, o esforço não fora um fracasso. A busca de Jonathan Mony em jornais locais levara ao semanário em língua espanhola *Semana,* contendo

informações que terminaram no agente funerário Alberto Godoy. O interrogatório de Godoy revelara a venda dos caixões ao terrorista Ulises Rodríguez e sua identificação positiva.

Ainda mais: a pressão sobre Godoy proporcionara pistas que levaram ao Banco American-Amazonas, o aparente assassinato do diplomata na ONU José Antônio Salaverry e sua amante, Helga Efferen, além da ligação com o Peru.

Só isso, todos em geral concordavam, fazia com que se tomasse proveitosa a busca dos classificados.

Mas seria provável que a continuação da busca produzisse mais alguma coisa? Don Kettering, agora comandando a força-tarefa especial do sequestro da rede CBA, achava que não. Uma posição partilhada pelo produtor sênior da força-tarefa, Norman Jaeger. Até mesmo Teddy Cooper, que tivera a ideia da busca e a supervisionara desde o início, tinha dificuldades para encontrar motivos para prosseguir.

A questão aflorou numa reunião da força-tarefa na manhã de terça-feira.

Já haviam se passado quatro dias da revelação, na sexta-feira, de tudo que a CBA sabia sobre o sequestro, seus autores e a presença das vítimas no Peru, seguindo-se o videoteipe de Jessica e as exigências do sequestradores. Desde então, houve a revelação desconcertante da indiscrição de Theodore Elliott, resultando na divulgação no mundo inteiro da decisão da CBA, que deveria permanecer confidencial — no mínimo até a quinta-feira seguinte. Era notável que ninguém na rede CBA criticasse o *Baltimore Star*, todos compreendendo que o repórter e os editores do jornal haviam feito o que faria qualquer outra organização jornalística nas mesmas circunstâncias, inclusive provavelmente a CBA.

Theodore Elliott não explicou nem pediu desculpas pelo ocorrido.

No Peru, Harry Partridge, Minh Van Canh e o técnico de som, Ken O'Hara, haviam recebido no sábado a companhia de Rita Abrams e do editor de videoteipe, Bob Watson.

A primeira matéria conjunta foi transmitida por satélite de Lima na segunda-feira e apresentada no Jornal da Noite naquela noite.

O tema editorial de Partridge fora a situação em drástica deterioração no Peru — economicamente e em termos da lei e da ordem. Trechos das entrevistas com o homem de rádio peruano Sérgio Hurtado e com Manuel León Seminário, o proprietário— editor de Escena, ressaltavam esses pontos, complementados por cenas de uma multidão furiosa das *barriadas*, saqueando um supermercado e desafiando a polícia. Hurtado dizia: — Esta era uma terra democrática, repleta

de promessas, mas agora nos lançamos na viagem terrível da autodestruição, como a Nicarágua, El Salvador, Venezuela, Colômbia e Argentina.

E Seminário formulava a pergunta irrespondível: — O que há entre nós, latino-americanos, que nos toma cronicamente incapazes de um governo estável? — E acrescentava: — Representamos um lamentável contraste com os nossos prudentes vizinhos do norte. Enquanto o Canadá e os Estados Unidos alcançam uma concordância esclarecida sobre livre comércio, tomando suas nações vigorosas e estáveis por muitas gerações, nós no sul ainda polarizamos e massacramos.

Numa tentativa de equilibrar a matéria, Rita — por sugestão de Partridge — tentou obter uma entrevista gravada com o presidente Castañeda. Em vez disso, um ministro do segundo escalão do governo, Eduardo Loyaza, foi posto à disposição e concedeu uma entrevista insossa. Os problemas do Peru eram temporários, ele assegurou, através de um intérprete. A falência econômica do país seria revertida. O poder do Sendero Luminoso estava diminuindo, não crescendo. E os prisioneiros americanos do Sendero seriam encontrados e libertados em breve pelo exército ou a polícia do Peru.

As declarações de Loyaza foram incluídas na matéria da segunda-feira, mas o homem e sua mensagem eram -nas palavras de Rita "como mijo de mosca ao vento".

A comunicação entre o contingente da CBA em Lima e a CBA em Nova York era frequente, com Partridge e Rita sendo informados dos acontecimentos nos Estados Unidos, inclusive o videoteipe de Jessica, as exigências do Sendero e a indiscrição de Elliott, A última informação deixou Partridge incrédulo e furioso, pois assim era frustrada a aproximação clandestina que vinha tentando. Apesar disso, ele resolveu persistir na tática que iniciara.

12

Foi provavelmente porque a iniciativa na CBA passara de Nova York para Lima, que na reunião da força-tarefa na terça-feira se dispensou tanta atenção ao problema relativamente menor da busca dos anúncios classificados.

— Levantei o assunto porque você estava preocupado com o custo — disse Norm Jaeger a Les Chippingham, que entrou na reunião mais tarde —, que ainda é considerável, embora possamos suspender a busca a qualquer momento.

— Touché! — exclamou Chippingham. — Mas como vocês têm acertado no resto, então vamos tomar a decisão baseada nos méritos.

O que ele não explicou foi que os índices de audiência do Jornal da Noite eram agora tão extraordinariamente altos que não mais se alarmava com a perspectiva de ultrapassar o orçamento. Se Margot Lloyd-Mason criasse caso, ele simplesmente apontaria para o fato de que a audiência nunca fora tão grande com qualquer outro diretor de jornalismo. Chippingham perguntou a Teddy Cooper: — Qual é a sua opinião, Teddy, sobre o abandono da busca dos classificados?

O jovem pesquisador inglês sorriu do outro lado da mesa.

— Uma ideia sensacional que não deu resultados, hein?

— Exatamente, por isso que estou lhe perguntando.

— Ainda pode aparecer alguma coisa... Como virar as cartas na esperança de ainda receber um ás e acabar por recebê-lo. Mas não é provável. Se pararmos agora, encontrarei outra ideia brilhante.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — comentou Norm Jaeger, uma opinião diametralmente oposta à sua avaliação original do agressivo inglês.

Ao final, ficou decidido encerrar a busca dos anúncios classificados no dia seguinte.

Três horas mais tarde, como se o destino caprichosamente decidisse interferir, houve uma abertura na busca... do tipo esperado desde o início.

Às duas horas da tarde, na sala de reuniões da força-tarefa, Teddy Cooper atendeu a um telefonema de Jonathan Mony.

Mony, a esta altura, assumira uma função de supervisão, e nos últimos dias vinha tomando conta de todos os pesquisadores temporários. Uma pressuposição crescente era a de que haveria de se encontrar, quando concluído o atual trabalho, um lugar permanente para ele na divisão de jornalismo. Ao telefone, ele parecia ofegante e excitado.

— Acho que descobrimos. Você e talvez o Sr. Kettering poderiam vir até aqui?

— Descobriram o que, e onde você está?

— O lugar que os sequestradores usaram, tenho quase certeza. E estou em Hackensack, Nova Jersey. Havia um anúncio no *Record*... é o jornal local... e fomos investigar.

— Espere um instante! — pediu Cooper.

Don Kettering e Norman Jaeger haviam acabado de entrar na sala. Cooper tirou o fone do ouvido e apontou-o, informando aos dois: — É Jonathan. Ele acha que descobriu a Cidade dos Sequestradores.

Havia um alto-falante numa mesa próxima. Jaeger apertou um botão para acioná-lo.

— Muito bem, Jonathan — disse Kettering. — Conte-nos o que descobriu.

A voz amplificada de Mony respondeu: — Havia um anúncio classificado no *Record*. Parecia se ajustar ao que procurávamos. Posso lê-lo?

— Claro.

O trio na sala de reuniões ouviu um farfalhar de papel, enquanto Mony continuava em seu relato.

O anúncio apareceu em 10 de agosto — um mês e quatro dias antes do sequestro Sloane, o que o situava dentro do prazo calculado da vigilância anterior ao crime.

HACKENSACK— VENDA OU ALUGUEL

Casa grande tradicional com 6 quartos, aposentos para empregados, próprio para família grande ou casa de saúde etc. Lareiras, aquecimento a óleo, ar condicionado.

Prédios anexos espaçosos, bons para veículos, oficinas, estábulos. Locação isolada, privacidade. Preço atraente ou locação. Desconto por alguns reparos necessários.

PRANDUS & PAIGE Corretores

Uma das jovens pesquisadoras encontrara o anúncio, escondido no meio de muitos outros — o *Record* era um dos maiores jornais de anúncios classificados de imóveis da região. Ela entrou em contato com Mony, que estava na área e agora usava um bip da CBA. Ele foi encontrar a moça no jornal e telefonaram para a corretora, Prandus & Paige.

No início ele não estava otimista. Já tinham havido outros alertas assim nas duas semanas anteriores. Mas depois de rápidos excitamentos e investigações, incluindo visitas a "possíveis" instalações, nada. Não parecia muito grande a probabilidade de que essa nova perspectiva fosse diferente.

Neste caso, como na maioria dos outros, os corretores, ao saberem que a CBA investigava, mostraram-se cooperativos e forneceram o endereço. A diferença é que deram uma informação adicional: primeiro, quase que imediatamente depois da publicação do anúncio, foi fechado um contrato de locação de um ano, com pagamento integral adiantado. Segundo, uma inspeção recente revelara que a casa e os prédios estavam vazios, os locatários aparentemente tendo ido embora. Um diretor da corretora dissera a Mony: — Os locatários ficaram na propriedade por pouco mais de um mês, e não tivemos

mais notícias. Por isso, não temos a menor ideia se voltarão. Neste momento, não sabemos o que fazer e agradeceríamos se nos informassem de qualquer contato com essas pessoas.

Mony, o interesse aumentando, prometeu manter a corretora devidamente informada. Visitou em seguida a propriedade com a jovem pesquisadora.

— Sei que não deveríamos ter ido até lá diretamente — disse ele a Cooper e aos outros pelo telefone. — Mas isso foi antes de sabermos que os sequestradores estavam no Peru. Seja como for, descobrimos coisas que consideramos importantes e que me levaram a decidir que deveria fazer esta ligação.

Ele informou que telefonava de um café, a um quilômetro e meio da casa vazia.

— Primeiro, explique-nos como chegar aí — instruiu Kettering. — Depois, volte para a casa e espere. Estaremos aí o mais depressa possível.

Uma hora depois, um carro da CBA parou diante da propriedade em Hackensack, levando Don Kettering, Norm Jaeger, Teddy Cooper e uma equipe de câmera de dois homens.

Ao sair do carro e contemplar os prédios antigos em decadência Kettering comentou: — Agora entendo por que o anúncio se referia a "reparos necessários".

Cooper dobrou um mapa que estava estudando. — Este lugar está a quarenta quilômetros de Larchmont. Mais ou menos o que calculamos.

— O que você calculou — disse Jaeger.

Mony apresentou a jovem pesquisadora, Cokie Vale, uma ruiva pequena. Cooper reconheceu-a no mesmo instante. Na primeira reunião dos pesquisadores temporários, ela perguntou se haveria uma equipe de câmera presente no estágio que pareciam ter alcançado agora.

— Lembro de sua pergunta — disse ele à moça, gesticulando para a equipe que montava o equipamento. — Como pode verificar, a resposta é "sim".

Ela presenteou-o com um sorriso deslumbrante.

— A primeira coisa que devem ver está no segundo andar da casa — informou Mony.

Seguido pelos outros, ele entrou primeiro na casa e subiu uma escada ampla e curva. Perto do topo da escada, abriu uma porta e deu um passo para o lado, deixando os outros entrarem.

O quarto constituía um contraste total com tudo que haviam visto antes. Estava limpo, pintado de branco, com um linóleo verde-claro recente cobrindo o chão. Mony acendeu as lâmpadas fluorescentes por cima, também obviamente novas, revelando duas camas de hospital, ambas com grades nos lados e correias. Junto das camas havia um leito estreito de metal, todo amassado, também equipado com correias. Apontando para esse leito, Kettering comentou: — Creio que isto foi uma necessidade posterior. O quarto parece todo arrumado como uma enfermaria.

Jaeger balançou a cabeça.

— Ou aprontado para conter três pessoas drogadas, uma delas inesperada.

Mony abriu a porta de um armário.

— Quem quer que tenha estado aqui, não se deu ao trabalho de remover todo este material antes de partir.

Havia suprimentos médicos sortidos lá dentro: seringas hipodérmicas, ataduras, rolos de algodão, chumaços de gaze e dois recipientes farmacêuticos, ambos fechados.

Jaeger pegou um deles e leu em voz alta: — "Diprivan... propofol"... esse é o nome genérico. — Ele examinou as letras pequenas no rótulo. — Diz aqui "para anestesia intravenosa".

Trocando um olhar com Kettering, Jaeger acrescentou: — Tudo se ajusta. Parece que não há muita dúvida.

— Posso mostrar uma coisa lá embaixo? — sugeriu Mony.

— Claro — respondeu Kettering. — Afinal, você já teve tempo de dar uma olhada por aqui.

Entrando num pequeno prédio próximo da casa principal, Mony apontou para um forno de ferro, cheio de cinzas.

— Alguém andou queimando muita coisa aqui. Mas não conseguiu destruir tudo.

Ele levantou uma revista parcialmente queimada, o nome *Caretas* visível.

— A revista é peruana — informou Jaeger. — Eu a conheço.

Seguiram para um prédio maior. Era evidente que o local fora usado como uma oficina de pintura. Nenhuma tentativa de encobrir o fato. Latas de tinta, algumas parcialmente usadas, outras fechadas, ainda estavam ali. A maioria tinha o rótulo de Auto Lacqueur. Teddy Cooper verificou as cores.

— Lembram quando conversamos com as pessoas que perceberam a vigilância na casa dos Sloanes? Algumas informaram ter visto um carro verde, mas nenhuma das marcas mencionadas era fabricada nessa cor. Pois aqui tem tinta verde... e amarela também.

— É este o lugar — declarou Jaeger. — Tem de ser.

Kettering balançou a cabeça em concordância.

— Não resta a menor dúvida. Assim, vamos trabalhar. Usaremos isto no noticiário desta noite.

— Há mais uma coisa — informou Mony. — Algo que Cokie descobriu lá fora.

Desta vez, a atraente ruiva assumiu o foco. Conduziu o grupo a um aglomerado de árvores, a alguma distância da casa e dos prédios anexos, e explicou: — Alguém esteve cavando aqui, há pouco tempo. Tentaram depois nivelar o solo, mas não conseguiram. A grama também não tornou a crescer.

— Parece que a terra foi retirada, e alguma coisa enterrada; por isso, não ficou nivelado — comentou Cooper.

As pessoas no grupo se entreolharam. Cooper parecia agora indeciso, Jaeger desviou os olhos. Possivelmente algo fora enterrado... mas o quê? Um corpo ou corpos? Todos sabiam que era possível. Jaeger murmurou, em dúvida: — Teremos de comunicar a descoberta deste lugar ao FBI. Talvez devêssemos esperar e avisá-los...

Por trás da sugestão havia o fato de que depois do Jornal da Noite da sexta-feira o diretor do FBI em Washington telefonara a Margot Lloyd-Mason e protestara com veemência contra a omissão da CBA em comunicar imediatamente as novas descobertas. Surpreendendo alguns na CBA, a presidente da rede não levou o protesto muito a sério, talvez acreditando que a organização podia resistir a qualquer pressão do governo, sendo improvável que fosse levada aos tribunais. Ela se limitara a comunicar o telefonema a Les Chippingham. Este, por sua vez, advertira a força-tarefa a manter as autoridades policiais informadas, a menos que houvesse alguma razão compulsiva para o contrário.

Obviamente, porque havia provas concretas envolvidas na casa em Hackensack, o FBI devia ser informado da descoberta — certamente antes do noticioso daquela noite.

— Claro que avisaremos ao FBI — disse Kettering. — Mas primeiro eu gostaria de dar uma olhada no que está enterrado aqui, se é que há alguma coisa.

— Há algumas pás na sala da fornalha — avisou Mony.

— Vá buscá-las — pediu Kettering. — Somos todos saudáveis. Vamos começar a escavar.

Pouco depois, era evidente que não se tratava de uma sepultura, em vez disso, era um repositório de coisas descartadas pelos recentes ocupantes da propriedade e presumivelmente destinadas a ficarem escondidas. Algumas coisas eram inócuas — alimentos, roupas, objetos de toalete, jornais. Outras eram mais significativas — suprimentos médicos adicionais, mapas, alguns livros em espanhol e ferramentas de automóvel.

— Sabemos que eles tinham uma frota de caminhões e carros comentou Jaeger. — Talvez o FBI descubra o que fizeram com os veículos... se é que isso tem alguma importância a esta altura.

— Não creio que nada disso importe agora — declarou Kettering — Vamos embora.

Durante a escavação, começara a gravação, inicialmente com Cokie Vale, descrevendo a busca dos classificados e como esta levara à casa em Hackensack. Diante da câmera, ela era simpática, expressava-se com clareza e economia de palavras. Seria seu primeiro aparecimento na televisão, ela contou depois. As pessoas assistindo tiveram a impressão de que não seria o último.

Jonathan Mony, todos acharam, também merecia um tempo de câmera, e repetiu sua demonstração no quarto do segundo andar, onde o trio sequestrado quase que certamente tora mantido. Também se mostrou eficaz.

— Se nada mais resultar de nosso esforço — comentou Jaeger para Don Kettering —, pelo menos nos proporcionou algum talento novo.

Mony, de volta da casa, entrou no buraco e recomeçou a escavar. Foi nessa ocasião que Kettering tornou a decisão de irem embora. Prestes a sair do buraco, Mony sentiu o pé bater em alguma coisa sólida e sondou com a pá. Um momento depois, tirou um objeto e gritou: — Ei, olhem só para isto!

Era um telefone celular, embrulhado numa lona. Entregando o aparelho a Cooper, Mony acrescentou: — Acho que há outro por baixo.

Não apenas havia outro, mas quatro além desse. Não demorou muito para que seis telefones estivessem estendidos no chão, lado a lado.

— As pessoas que usaram este lugar não tinham problemas de dinheiro — observou Cokie.

— Tudo indica que era dinheiro do tráfico de drogas; de qualquer forma, era mesmo abundante — informou Don Kettering. Ele olhou para os telefones, pensativo. — Mas talvez... apenas talvez.,. estejamos chegando a algum lugar.

— Há registros de todas as ligações de telefones celulares? — perguntou Jaeger.

— Claro que sim. — Kettering, que recentemente fizera reportagem sobre o mercado em expansão de telefones celulares, respondeu confiante. — Há também muitos outros registros, inclusive o nome do usuário e o endereço para a remessa das contas. Para isso, a quadrilha precisava de um cúmplice local.

Ele virou-se para Cooper e acrescentou: — Teddy, em cada telefone deve haver um código de área, seguido por um número regular, como em qualquer linha domiciliar ou comercial.

— Já entendi — respondeu Cooper. — Quer que eu faça uma lista?

— Exatamente!

Enquanto Cooper trabalhava, eles continuaram a gravação, na casa e nos prédios anexos. Assumindo a posição de apresentador, Kettering disse:

— Alguns podem achar que a descoberta da base americana dos sequestradores ocorre, a esta altura, um pouco tarde demais. Talvez seja o caso. Mas enquanto o FBI e outros examinam as provas encontradas aqui, o mundo observa, ansioso, mantendo suas esperanças.

Don Kettering, CBA, de Hackensack, Nova Jersey.

Antes de partir, eles ligaram para a polícia local, pedindo que comunicassem ao FBI.

13

Antes mesmo do Jornal da Noite entrar no ar naquela noite, Kettering já telefonara para um amigo nos altos escalões da NYNEX Corporation, que operava os sistemas telefônicos de Nova York e Nova Jersey. Tendo na mão a lista de números compilada por Teddy Cooper, Kettering explicou que precisava do nome e do endereço da pessoa ou pessoas nos registros dos seis telefones, mais uma relação das ligações emitidas ou recebidas nos últimos dois meses.

— Tenho certeza que compreende que o fornecimento dessas informações constitui não apenas uma violação da privacidade, mas também um ato ilegal, que pode acarretar a perda do meu emprego — disse o amigo, um vice-presidente executivo. — Mas se você representasse uma organização oficial, com um mandado judicial...

— Não represento nada disso, nem poderia — respondeu Kettering. — Mas posso apostar que o FBI lhe pedirá a mesma informação amanhã e apresentará um mandado judicial. Tudo que quero é obter as respostas primeiro.

— Oh, Deus, como fui me envolver com alguém como você?

— Já que pergunta, lembro que já solicitou um ou dois favores da CBA e eu atendi. Deixe disso! Temos confiado um no outro desde a faculdade e nunca nos arrependemos.

Um suspiro no outro lado da linha.

— Está certo, dê logo os números!

Depois que Kettering recitou a lista, o amigo acrescentou: — Disse que o FBI vai nos procurar amanhã. Suponho que isso significa que precisa saber esta noite.

— Isso mesmo, mas a qualquer momento antes de meia-noite. Pode ligar para minha casa. Tem o número.

— Infelizmente.

A ligação ocorreu às 22h45, pouco depois de Kettering chegar em seu apartamento na Rua 77, tendo ficado até tarde na CBA. A esposa Aimée atendeu e estendeu-lhe o fone.

— Vi sua reportagem esta noite — disse o amigo. — Presumo que os telefones celulares dos números que me deu foram usados pelos sequestradores.

— É o que tudo indica — admitiu Kettering.

— Nesse caso, eu gostaria de ter mais informações para você. Não há muita coisa. Primeiro, todos os telefones foram registrados em nome de Helga Efferen. Tenho um endereço.

— Duvido que adiante alguma coisa. A mulher está morta. Assassinada. Espero que não tenha ficado devendo dinheiro a você.

— Santo Deus! Vocês jornalistas são mesmo uns caras de sangue-frio! — Depois de uma pausa, o homem da NYNEX acrescentou: — Sobre o dinheiro, acontece justamente o inverso. Logo depois que foram concedidos os números para os aparelhos, alguém fez um depósito de quinhentos dólares para cada conta, três mil dólares no total. Não pedimos, mas entrou nos livros como um crédito.

— Imagino que as pessoas usando os telefones não queriam que alguém enviasse contas ou fizesse perguntas embaraçosas até saírem do país sãs e salvas.

— Qualquer que seja o motivo, a maior parte do dinheiro ainda está lá. Menos de um terço foi gasto, porque todas as ligações, com uma única exceção, foram exclusivamente entre os seis telefones e não para outros números. As ligações locais são cobradas, mas o valor não é muito alto.

— Tudo aponta para a organização e disciplina dos sequestradores — confirmou Kettering. — Mas você disse que havia uma exceção.

— Isso mesmo... no dia 13 de setembro, uma ligação internacional de discagem direta para o Peru.

— É o dia anterior ao sequestro. Tem o número?

— Claro. Foi 011... esse é o código de acesso internacional... 51, que é o Peru, depois 14 28-9427. Meu pessoal informa que "14" é Lima. É lá que terá de descobrir o resto.

— Pode estar certo de que descobriremos. Obrigado.

— Espero ter podido ajudar. Boa sorte.

Kettering consultou um caderninho de anotações, e momentos depois discou um número para outra ligação: 011-51-14-44-1212. Uma voz atendeu: — Buenas noches, Cesar's Hotel.

E Kettering pediu: — Sr. Harry Partridge, por favor.

Era um dia desanimador para Harry Partridge. Sentia-se cansado e resolveu se deitar na suíte no hotel pouco antes das dez horas. Mas seus pensamentos ainda fervilhavam.

Meditava sobre o Peru.

O país inteiro, ele refletiu, era um paradoxo — uma mistura conflitante de despotismo militar e democracia livre. Em grande parte das regiões mais remotas do país, os militares e a chamada polícia antiterrorista reinavam com punhos de aço e frequente inobservância às leis. Ainda podiam matar arbitrariamente, depois rotulando as vítimas de "rebeldes", mesmo quando não eram — como as investigações independentes costumavam comprovar.

Uma organização de direitos humanos americana, Américas Watch, realizara um trabalho digno de crédito, na opinião de Partridge, investigando e registrando o que classificara de "uma cascata de execuções extrajudiciais, prisões arbitrárias, desaparecimentos e tortura", que constituíram "características centrais" na campanha de contra— insurgência do governo.

Por outro lado, não poupava os rebeldes. Num relatório recém-publicado, aberto ao lado da cama, dizia que o Sendero Luminoso "assassina sistematicamente pessoas indefesas, coloca explosivos que põem em risco as vidas de espectadores inocentes e ataca alvos militares sem se preocupar com o risco para a população civil" — tudo isso representando "violações das regras mais fundamentais do direito humanitário internacional".

E quanto ao país em geral, "o Peru possui agora o lamentável privilégio de estar incluído entre os lugares mais violentos e perigosos da América do Sul".

Uma conclusão inevitável, confirmada por outras fontes, era a de que existia pouca diferença entre as forças rebeldes e do governo em 509 matéria de

massacres indiscriminados e os mais variados atos de brutalidade.

Contudo, ao mesmo tempo, havia no Peru fortes elementos democráticos — mais reais do que meras fachadas, uma palavra usada às vezes pelos críticos. A liberdade de imprensa era um desses elementos, uma tradição aparentemente enraizada. Era essa liberdade que permitia que Partridge e outros repórteres estrangeiros viajassem, indagassem, sondassem e depois noticiassem qualquer coisa que quisessem, sem medo de expulsão ou represálias. Era verdade que houvera exceções a esse princípio, mas até agora eram raras e isoladas.

Partridge chegara perto desse assunto naquele dia, durante uma entrevista com o general Raul Ortiz, comandante da polícia antiterrorismo. Ele perguntara ao homem empertigado e sisudo, à paisana: — Não o preocupa que haja tantos informes responsáveis de seus homens sendo acusados de brutalidade e execuções ilegais? Ortiz respondera em tom meio desdenhoso: — Eu ficaria mais preocupado se meus homens fossem os executados... Como aconteceria se não se defendessem dos terroristas com que você e outros parecem se importar tanto. Quanto às notícias inverídicas, se nosso governo tentasse suprimi-las, pessoas como você fariam o maior clamor e as repetiriam assim mesmo. Por isso, uma notícia insignificante, esquecida 24 horas depois, é geralmente preferível.

Partridge solicitara a entrevista com Ortiz na convicção de que deveria cobrir todas as áreas, embora duvidasse que pudesse ser proveitosa. A reunião fora prontamente providenciada através do Ministério do Interior, mas fora negado o pedido para levar uma equipe de câmera. Além disso, quando Partridge fora revistado antes de entrar na sala do general, um pequeno gravador que levava no bolso e que tencionava pedir permissão para usar fora confiscado. Não se dissera, porém, que a conversa era confidencial, e o general não protestara quando o visitante escrevera anotações.

A sala despretensiosa do general Ortiz, revestida de madeira, era uma das muitas similares num velho e enorme prédio de concreto aparente, no centro de Lima. Muros altos cercavam a estrutura, que em parte fora outrora uma prisão. Para entrar, tinha-se de passar por uma sucessão de guardas desconfiados; depois, atravessando um pátio por trás dos muros, Partridge passara por fileiras de carros blindados de transporte de pessoal e caminhões com canhão d'água contra motins. Enquanto conversava com o general, Partridge estava consciente de que por baixo deles, no porão do prédio, havia celas em que prisioneiros eram muitas vezes mantidos por duas semanas sem qualquer contato exterior, e outras celas em que havia regularmente interrogatório e tortura.

No início da entrevista com Ortiz, Partridge formulara a pergunta que mais o interessava: se a polícia antiterrorismo tinha alguma ideia do paradeiro dos três Sloanes vítimas do sequestro.

— Pensei que viesse me dar essa informação, a julgar pelas muitas pessoas com quem se encontrou desde que chegou aqui — respondera o general.

Era uma admissão e talvez uma advertência não muito sutil, pensara Partridge, de que seus movimentos eram vigiados. Ele calculava também que as transmissões por satélite da CBA para Nova York, assim como das outras redes de televisão dos Estados Unidos, estavam sendo fiscalizadas e gravadas pelo governo peruano, apesar da liberdade de imprensa.

Quando Partridge declarara que não tinha qualquer informação sobre o paradeiro dos cativos americanos, apesar de seus esforços, Ortiz dissera: — Então sabe como são insidiosos e furtivos esses inimigos do Estado que usam o nome de Sendero Luminoso. E também que este país é muito diferente do seu, com vastos espaços em que é possível esconder exércitos. Mas temos algumas ideias sobre as áreas em que seus amigos podem estar, e nossas forças as estão vasculhando.

— Pode me dizer quais são essas áreas?

— Creio que isso não seria sensato. De qualquer forma, não poderia ir até lá pessoalmente. Ou será que tem algum plano nesse sentido?

Partridge tinha de fato um plano, mas respondeu negativamente.

O resto da entrevista prosseguiu da mesma maneira, nenhum dos dois confiando no outro e se empenhando num jogo de gato e rato, tentando arrancar informações sem revelar as suas. Ao final, nenhum dos dois conseguiu nada, embora num resumo para O Jornal da Noite Partridge usasse duas citações do general Ortiz: a que falava dos "vastos espaços em que é possível esconder exércitos" no Peru e o comentário cético sobre "uma notícia insignificante, esquecida 24 horas depois".

Como não houve gravação, Nova York apresentara as citações impressas na tela, sob uma foto do general.

Mais satisfatória foi outra entrevista, posterior, realizada naquele mesmo dia, com César Acevedo, outro amigo antigo de Partridge e líder leigo da Igreja Católica.

Reuniram-se numa sala particular no Palácio do Arcebispado, na Plaza de Armas, o centro oficial da cidade.

Acevedo, um homem pequeno, dinâmico, que falava muito depressa, na casa dos cinquenta anos, tinha convicções religiosas profundas e era um

estudioso da teologia.

Participava em tempo integral da administração da Igreja e possuía considerável autoridade, embora nunca tivesse dado o passo supremo de se tomar um sacerdote.

Se isso tivesse ocorrido, os amigos costumavam dizer, ele já seria agora no mínimo um bispo, eventualmente se tomando cardeal.

César Acevedo jamais casara, apesar de ser uma figura proeminente nos círculos sociais de Lima.

Partridge gostava de Acevedo porque ele era sempre o que parecia ser, além de modesto e absolutamente honesto. Numa ocasião anterior, quando Partridge indagara por que nunca ingressara no sacerdócio, ele respondera: — Por mais profundamente que eu ame Deus e Jesus Cristo, nunca me senti disposto a renunciar a meu direito intelectual de ser um cético, caso isso venha a acontecer algum dia, embora eu reze para que nunca aconteça. Mas renunciaria a esse direito se me tomasse um padre. Quando jovem e mesmo agora, nunca fui capaz de fazer isso.

Acevedo era secretário-executivo da Comissão de Ação Social Católica e estava envolvido em programas de longo alcance, levando ajuda médica a partes remotas do país em que não havia médicos ou enfermeiras regularmente disponíveis.

— Creio que de vez em quando você tem de lidar com o Sendero Luminoso — disse Partridge, no início da conversa.

Acevedo sorriu. — "Ter de lidar" é o modo correto. É claro que a Igreja não aprova o Sendero; nem os objetivos nem os métodos. Mas como uma questão prática, existe o relacionamento, embora bem peculiar.

Por suas próprias razões, explicara o líder leigo, o Sendero Luminoso não gostava de hostilizar a Igreja e raramente a atacava como uma instituição. Contudo, o grupo rebelde não confiava em autoridades individuais da Igreja; e quando havia alguma ação contra o governo ou se projetava outra insurreição, os rebeldes queriam que os padres e demais representantes da Igreja deixassem a área, a fim de que não pudessem testemunhá-la.

— Eles dizem pura e simplesmente a um padre ou nossos agentes sociais: "Saiam daqui! Não queremos vocês por perto! Serão avisados quando puderem voltar."

— E seus padres obedecem a esse tipo de ordem?

Acevedo suspirou. — Não parece admirável, não é mesmo? Mas geralmente obedecem, porque não há muita opção. Se a ordem é desobedecida, o

Sendero não hesita em matar. Um padre vivo pode voltar um dia. Um padre morto, não.

Um pensamento súbito ocorrera a Partridge.

— Há algum lugar, neste momento, do qual seu pessoal tenha sido obrigado a sair, e para o qual o Sendero Luminoso não queira a atenção externa?

— Há uma área assim, e está criando muitos problemas para nós. Venha até aqui. Mostrarei no mapa.

Foram até uma parede em que havia um mapa grande do Peru, sob uma capa de plástico, com marcas em crayon.

— É toda esta área aqui. — Acevedo apontara para uma parte da Província de San Martin, circulada em vermelho. — Tínhamos uma grande equipe médica aqui até três semanas atrás, realizando um programa de assistência que promovemos todos os anos. Uma grande parte do trabalho é vacinar crianças. É importante, porque a área faz parte da selva, onde as doenças tropicais abundam e podem ser fatais. Seja como for, há cerca de três semanas o Sendero Luminoso, que controla a região, exigiu que nosso pessoal se retirasse. Eles protestaram, mas tiveram de ir embora. Agora queremos que nosso pessoal volte, mas o Sendero não permite.

Partridge estudou a área marcada. Esperava que fosse pequena. Em vez disso, era desanimadoramente grande. Leu os nomes dos lugares, todos bem distantes uns dos outros: Tocache, Uchiza, Sion, Nueva Esperanza, Pachiza. Anotou-os, sem muita esperança. No caso improvável de os cativos estarem num desses lugares, de nada adiantaria entrar na região sem saber qual. Efetuar uma operação de resgate em qualquer lugar seria difícil, talvez impossível. A única possibilidade mínima seria a surpresa total.

— Desconfio que sei o que está pensando — comentara Acevedo. — Especula se seus amigos sequestrados não estariam em algum lugar nesse círculo.

Partridge acenara com a cabeça, sem dizer nada. — Não acredito nessa possibilidade — acrescentara Acevedo. Se fosse o caso, acho que eu já teria ouvido algum rumor. Não soube de nada. Mas a Igreja tem uma rede de contatos. Transmitirei o aviso e me comunico com você se descobrir alguma coisa.

Era o melhor que podia esperar, concluíra Partridge. Mas sabia que o tempo estava se esgotando e não se achava mais próximo da descoberta do paradeiro dos Sloanes do que no momento em que chegara.

O pensamento o deixara deprimido enquanto ainda estava no Palácio do Arcebispado. Agora, em sua suíte no hotel, recordando os acontecimentos do

dia, ele sentia frustração e fracasso pela falta de progresso.

Abruptamente, o telefone na mesinha de cabeceira tocou.

— É você, Harry?

Partridge reconheceu a voz de Don Kettering. Trocaram saudações, e depois Kettering disse: — Descobrimos algumas coisas e acho que você deve tomar conhecimento.

Rita, também no Cesar's Hotel, atendeu ao telefone no segundo toque da campainha.

— Acabo de receber uma ligação de Nova York — informou Partridge.

Ele relatou o que Don Kettering lhe contara sobre a descoberta da casa em Hackensack e os telefones celulares, e acrescentou: — Don me forneceu um número em Lima que foi chamado. Quero descobrir a quem pertence e qual é o endereço.

— Passe para mim.

Ele repetiu: 28-9427.

— Tentarei falar com aquele cara da Entel, Victor Velasco, pedirei que comece a trabalhar nisso imediatamente. Ligarei para você assim que tiver alguma coisa.

Rita ligou quinze minutos depois.

— Falei com Velasco em casa. Ele disse que seu departamento não cuida dessa parte, talvez tenha alguma dificuldade em obter a informação, mas acha que pode tê-la pela manhã.

— Obrigado — murmurou Partridge, desligando e pegando no sono logo depois.

Só no meio da tarde de quarta-feira é que se identificou o número de telefone transmitido por Don Kettering. O gerente internacional da Entel Peru desculpou-se pelo atraso.

— Trata-se, é claro, de uma informação confidencial — explicou Victor Velasco a Partridge e Rita, na cabine de edição da CBA no prédio da Entel, trabalhando com o editor Bob Watson em mais uma matéria para Nova York.

Com um sorriso, Velasco acrescentou: — Tive dificuldades para persuadir um colega meu a fornecer a informação, mas acabei conseguindo.

— Com dinheiro? — Ele confirmou com a cabeça e Rita garantiu: — Vamos reembolsá-lo.

Uma folha tirada de um bloco de memorandos continha a informação: Calderón, G. — Rua Huancavelica, 547, 10F.

— Precisamos de Fernández — disse Partridge.

— Ele está vindo para cá — comunicou Rita.

Poucos minutos depois, o dinâmico e moreno representante da CBA no Peru apareceu. Ele continuava trabalhando com Partridge desde a chegada ao aeroporto de Lima em companhia de Minh Van Canh, e agora ajudava Rita em tudo que era necessário.

Informado sobre o endereço na Rua Huancavelica e o motivo pelo qual poderia ser importante, Fernández Pabur acenou com a cabeça bruscamente.

— Eu o conheço. Um velho prédio de apartamentos perto do cruzamento com a Avenida Tacna. Não é o que vocês chamariam de... — Ele fez uma pausa, procurando pela palavra em inglês apropriada. — ...suntuoso.

— O que quer que seja, quero ir até lá agora. — Partridge virou-se para Rita. — Eu gostaria que você, Minh e Ken me acompanhassem, mas deixem-me entrar sozinho primeiro para ver o que posso descobrir.

— Não sozinho — protestou Fernández. — Seria atacado e assaltado, talvez pior. Irei com você e Tomás também.

Tomás, eles haviam descoberto, era o nome do corpulento e taciturno guarda-costas.

A caminhonete alugada por Fernández, que eles agora usavam regularmente, esperava diante do prédio da Entel. Sete.pessoas, incluindo o motorista, tomavam o recinto bastante desconfortável, mas a viagem levou apenas dez minutos.

— É aqui — informou Fernández, apontando pela janela.

14

A Avenida Tacna era larga e bastante movimentada, a Rua Huancavelica cruzava-a em ângulo reto. O bairro, embora não tão miserável quanto as *barriadas*, obviamente já conhecera melhores dias. O número 547 da Huancavelica era um prédio grande e comum, a tinta descascando, a alvenaria lascada. Diversos homens, alguns sentados nos degraus da entrada, outros de pé indolentemente ao redor, observaram Partridge, Fernández e Tomás saltarem da caminhonete, deixando Rita, Van Cahn e O'Hara esperando, junto com o motorista.

Percebendo as expressões hostis e calculistas dos espectadores, Partridge sentiu-se contente pela insistência de Fernández em não deixá-lo entrar sozinho.

Havia no interior do prédio um cheiro de urina e decadência geral. Lixo espalhava-se pelo chão. Previsivelmente, o elevador não funcionava, e por isso

os homens não tiveram opção que não subir os nove lances da escada de cimento, imunda e escura.

O apartamento F ficava na extremidade de um corredor sombrio, sem carpete. Partridge bateu na porta simples de madeira. Pôde ouvir movimento lá dentro, mas ninguém veio atender e ele bateu de novo. Desta vez a porta foi aberta apenas sete ou oito centímetros, presa por uma corrente. No mesmo instante, uma voz estridente de mulher se pôs a berrar em espanhol, falando muito depressa para que Partridge pudesse entender, embora registrasse algumas palavras: — Animales!... Asesinos!... Diablos!

Ele sentiu uma mão tocar em seu ombro, e o vulto corpulento de Fernández se adiantou. Aproximando a boca da abertura, Fernández falou também depressa, mas em tom suave, tranquilizante. Enquanto ele insistia, a voz no outro lado hesitou, depois a corrente foi solta, e a porta aberta.

A mulher na porta tinha provavelmente uns sessenta anos. Muito tempo antes podia ter sido bonita, mas o tempo e a vida difícil deixaram-na desmazelada e vulgar, a pele inchada, o rosto uma mistura de cores e desleixo. Por baixo das sobrancelhas depiladas e pintadas, os olhos estavam vermelhos e inchados de chorar, a maquiagem intensa toda borrada. Fernández passou por ela, e os outros foram atrás. Depois de um momento, a mulher fechou a porta, aparentemente tranquilizada.

Partridge olhou ao redor rapidamente. A sala era pequena e mobiliada com a maior simplicidade, com algumas cadeiras de madeira, um sofá com o estofamento puído, uma mesa apinhada de coisas e uma estante tosca de tijolos e tábuas. Surpreendentemente, a estante estava cheia de livros, quase todos grossos. Fernández virou-se para Partridge.

— Parece que há poucas horas o homem com quem ela vivia aqui foi morto... assassinado. Ela tinha saído e voltou para encontrá-lo morto; a polícia já levou o corpo.

Ela pensou que éramos as pessoas que o haviam matado, voltando para liquidá-la também. Convenci-a de que somos amigos.

Ele tornou a falar para a mulher, cujos olhos se desviaram para Partridge, que lhe assegurou: — Lamentamos sinceramente saber da morte de seu amigo. Tem alguma ideia de quem o matou?

A mulher sacudiu a cabeça e murmurou alguma coisa. Fernández explicou: — Ela quase não fala inglês. — E ele traduziu para a mulher: Lo sentimos mucho la muerte de su amigo. Sabe usted quién lo mató?

A mulher balançou a cabeça vigorosamente, soltando um fluxo de palavras que concluiu com "Sendero Luminoso".

Confirmava o que Partridge temia. A pessoa que esperavam encontrar — quem quer que fosse — tinha ligações com o Sendero, mas agora se tomara inacessível. Restava uma questão: aquela mulher sabia alguma coisa sobre as vítimas do sequestro? Parecia improvável. Ela tornou a falar, em espanhol, não tão depressa; desta vez, Partridge compreendeu e disse a Fernández: — Isso mesmo, gostaríamos de sentar. E diga a ela que ficaríamos agradecidos se respondesse a algumas perguntas.

Fernández repetiu as palavras, e a mulher respondeu; ele traduziu em seguida: — Ela diz que sim, que pode responder. Também informei a ela quem você é. E por falar nisso, ela se chama Dolores. Perguntou se você não aceita um drinque.

— Gracias — disse Partridge.

Dolores balançou a cabeça e foi até um aparador, obviamente a fim de preparar um drinque para si mesma. Mas levantou a garrafa de gim e descobriu que estava vazia.

Parecia prestes a chorar de novo, mas murmurou alguma coisa e tornou a sentar. Fernández informou: — Ela diz que não sabe como vai viver. Não tem dinheiro.

Partridge comunicou diretamente a Dolores: — Le daré dinero si usted tiene la información que estoy buscando.

A menção de dinheiro produziu outro rápido diálogo entre Dolores e Fernández, que informou: — Ela diz que pode fazer suas perguntas.

Partridge resolveu não confiar em seu espanhol restrito e continuou a usar Fernández como intérprete.

— Seu amigo que foi morto... que tipo de trabalho ele fazia?

— Ele era médico. Um médico especial.

— Está querendo dizer, um especialista?

— Ele punha as pessoas para dormir.

— Um anestesista?

Dolores sacudiu a cabeça, sem entender. Foi até um armário, procurou lá dentro, tirou uma valise pequena, toda arrebentada. Abrindo a valise, removeu uma pasta de arquivo, contendo vários papéis. Folheou-os, selecionou dois e estendeu para Partridge. Eram diplomas médicos.

O primeiro declarava que Hartley Harold Gossage, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Boston, tinha direito a exercer a

medicina. O segundo certificava que o mesmo Hartley Harold Gossage era "especialista qualificado em Anestesiologia".

Com um gesto, Partridge indagou se podia examinar os outros documentos. Dolores balançou a cabeça em aprovação.

Vários documentos pareciam envolver questões médicas rotineiras e não tinham o menor interesse. O terceiro que ele verificou era uma carta em papel timbrado do Conselho Regional de Medicina de Massachusetts. Endereçado a "H.H. Gossage, M.D.", assim começava: "Fica por este notificado de que sua licença para o exercício da medicina foi revogada em caráter permanente..."

Partridge largou a carta. Um quadro começava a se tomar claro. O homem que vivia ali e acabara de ser assassinado era presumivelmente Gossage, anestesista americano que caíra em desgraça e estabelecera alguma ligação com o Sendero Luminoso. Por essa ligação, raciocinou Partridge, as vítimas de sequestro haviam sido retiradas dos Estados Unidos drogadas, sob o efeito de algum sedativo. As descobertas no dia anterior na casa em Hackensack, descritas por Don Kettering, confirmavam isso. Parecia provável, portanto, que o ex-médico, Gossage, se encarregara da sedação. O rosto de Partridge se contraiu. Gostaria de encontrar o homem ainda vivo e confrontá-lo.

Os outros observavam-no. Com a ajuda de Fernández, ele recomeçou o interrogatório de Dolores.

— Disse que o Sendero Luminoso assassinou seu amigo. Por que pensa assim?

— Porque ele trabalhava para aqueles bastardos. — Uma pausa e depois uma recordação: — O Sendero tinha um nome para ele... Baudelio.

— Como soube?

— Ele me contou.

— Ele contou outras coisas que fazia para o Sendero?

— Algumas. — Um sorriso tênue, que desapareceu no mesmo instante. — Quando tomávamos porre juntos.

— Sabia sobre o sequestro? Saiu em todos os jornais.

Dolores sacudiu a cabeça. — Não leio jornais. Só publicam mentiras.

— Baudelio esteve ausente de Lima recentemente?

Uma série de vigorosas confirmações de cabeça.

— Por muito tempo. Senti saudade. — Uma pausa. — Ele me telefonou da América.

— Sabemos disso.

Tudo se ajustava, pensou Partridge. Baudelio esteve no local do sequestro. Ele perguntou, por intermédio de Fernández: — Quando ele voltou para cá?

Dolores pensou por um momento antes de responder: — Há uma semana. Estava contente por voltar. Mas também sentia medo de que o matassem.

— Ele explicou por quê?

Dolores tornou a pensar por um instante. — Acho que ele ouviu alguma coisa. Sobre ele saber demais. Ela começou a chorar. — Passamos muito tempo juntos. O que vou fazer agora?

Restava uma pergunta importante. Partridge ainda não a formulara deliberadamente e quase tinha medo de fazê-lo.

— Depois que estava na América e antes de voltar para cá, Baudelio foi a algum outro lugar no Peru?

Dolores acenou com a cabeça afirmativamente.

— Ele disse onde era?

— Disse, sim. Nueva Esperanza.

Partridge mal podia acreditar no que descobrira tão súbita e inesperadamente. As mãos tremiam quando ele virou as páginas do caderninho de anotações de volta à conversa com César Acevedo e a relação dos lugares de onde o Sendero Luminoso ordenara a saída das equipes médicas católicas. Um nome aflorou na página: Nueva Esperanza.

Ele descobrira! Sabia finalmente onde Jessica, Nicky e Angus Sloane estavam escondidos.

Ainda era primeiro e acima de tudo um repórter de tevê, lembrou Partridge a si mesmo, enquanto discutia com Rita, Minh e o O'Hara as gravações de que precisavam — de Dolores, o apartamento e a fachada do prédio. Estavam todos no apartamento no décimo andar, Tomás tendo descido para chamar os outros na caminhonete.

Partridge também queria closes dos diplomas médicos e da carta de Massachusetts expulsando Gossage-Baudelio da profissão. O ex-médico americano podia ter ido para a sepultura, mas Partridge faria com que a vilania que cometera contra a família Sloane ficasse gravada para sempre.

Contudo, embora a função aparente de Baudelio no sequestro fosse importante, Partridge sabia que divulgar a história agora seria um erro, levando os outros à informação que a CBA tinha com exclusividade. Mas queria que a

matéria sobre Baudelio fosse preparada, pronta para ser usada de um momento para o outro, quando chegasse a ocasião oportuna.

Dolores foi gravada em close, o registro de sua voz falando em espanhol devendo ser substituído mais tarde por uma tradução. Ao final da gravação, Fernández disse a Partridge: — Ela está lembrando que você prometeu dinheiro.

Partridge conferenciou com Rita, que pegou mil dólares em notas de cinquenta. Nas circunstâncias, o pagamento era generoso, mas Dolores fornecera uma informação da maior importância; além disso, Partridge e Rita sentiam pena dela e também acreditavam em sua declaração de que nada sabia sobre o sequestro, apesar da associação com Baudelio.

Rita instruiu Fernández: — Por favor, explique que é contra a política da CBA pagar pelo aparecimento em um noticiário; portanto, o dinheiro é pelo uso de seu apartamento e a informação que nos prestou.

Era uma distinção semântica, muitas vezes usada pelas redes para fazer exatamente o que diziam que não faziam, mas Nova York gostava que os produtores cumprissem o ritual.

A julgar pela gratidão de Dolores, ela não entendeu nem se importou com a explicação. Partridge tinha certeza de que a garrafa vazia de gim seria substituída no instante em que eles se retirassem.

Agora, sua mente estava livre para se concentrar no essencial: planejar uma expedição de resgate a Nueva Esperanza o mais depressa possível. Ao pensar nisso, sua excitação aumentou, o antigo vício pelo perigo, armas e batalhas agitando-se em seu íntimo.

15

O instinto de Crawford Sloane durante todo o dia de espera fora o de telefonar para Harry Partridge no Peru e indagar: "Tem alguma novidade?" Mas absteve-se, sabendo que qualquer notícia haveria de chegar a seu conhecimento no mesmo instante. Além disso, sabia que era importante deixar Partridge se concentrar e livre para trabalhar à sua maneira, Sloane ainda tinha mais fé em Partridge do que em qualquer outro que pudesse ser enviado ao Peru naquela missão.

Outro motivo para se abster era o fato de que Harry Partridge se mostrara atencioso, ligando para sua casa em Larchmont em algumas noites ou no início da manhã para informá-lo dos progressos.

Mas vários dias haviam passado desde o último telefonema do Peru; embora desapontado por não receber notícias, Crawford Sloane presumiu que nada havia para informar.

Estava enganado.

O que Sloane não sabia e não podia saber era que Partridge concluíra que qualquer comunicação entre Lima e Nova York — por telefone, satélite ou escrita — não era mais segura. Depois da entrevista com o general Ortiz, em que o chefe da polícia antiterrorismo deixara claro que os movimentos de Partridge eram vigiados, parecia possível que os telefones estivessem sendo grampeados e talvez até a correspondência examinada. As transmissões por satélite podiam ser vistas por qualquer pessoa com o equipamento certo, e o uso de uma linha telefônica diferente da habitual não oferecia qualquer garantia de privacidade.

Outro motivo para cautela era o fato de Lima estar agora apinhada de jornalistas, inclusive equipes de tevês das outras redes, todos competindo na cobertura do sequestro Sloane e procurando por novas pistas. Partridge conseguira até agora evitar a multidão da mídia, mas por causa da cobertura já bem-sucedida da CBA, sabia que todos se interessavam pelos lugares a que ia e por seus interlocutores.

Por todos esses motivos, Partridge resolvera não discutir, especialmente por telefone, sua visita ao apartamento da Rua Huancavelica e o que descobrira ali. Ordenou aos outros na turma da CBA que respeitassem a mesma regra, advertindo também que a expedição em planejamento a Nueva Esperanza devia ter sigilo total. Até mesmo a CBA em Nova York deveria esperar por informações a respeito.

Assim, na manhã de quinta-feira, em Nova York, nada sabendo da brecha aberta em Lima no dia anterior, Crawford Sloane seguiu para o prédio da CBA, chegando um pouco depois do habitual, às 10h55.

Estava acompanhado por um jovem agente do FBI Ivan Ungar, que dormira na casa em Larchmont na noite anterior. O FBI ainda mantinha precauções contra uma possível tentativa de sequestro de Sloane, e havia também rumores de que várias pessoas de destaque em outras redes estavam sob proteção. Contudo, desde que se tivera notícias dos sequestradores fora suspensa a vigilância de 24 horas sobre os telefones da casa e escritório de Crawford Sloane.

O agente especial do FBI Otis Havelock ainda estava envolvido com o caso, mas depois da descoberta na terça-feira da base de operações dos sequestradores em Hackensack assumira o comando dos esforços ali. Outro alvo da investigação do FBI, Sloane descobrira, era o aeroporto de Teterboro, pela proximidade com Hackensack.

Fazia-se uma inspeção dos registros dos voos de partida, cobrindo o período imediatamente posterior ao sequestro até o dia em que se soubera que as vítimas se encontravam no Peru. Mas os progressos eram lentos por causa da grande quantidade de voos nesses treze dias.

Na CBA, quando Sloane entrou no saguão, um segurança uniformizado cumprimentou-o, mas não havia sinal de qualquer policial da cidade de Nova York, como acontecera por mais de uma semana depois do sequestro. Como de hábito, pessoas entravam e saíam do prédio; embora as que entrassem se identificassem na recepção, Sloane especulou se a segurança da CBA não retomara aos costumes antigos e descuidados.

Do saguão, acompanhado por Ungar, ele pegou um elevador para o quarto andar, depois foi para sua sala, várias pessoas levantando os olhos do trabalho para cumprimentá-lo.

Sloane deixou a porta da sala aberta. Ungar instalou-se numa cadeira no lado de fora.

Ao pendurar a capa, Sloane notou que havia em sua mesa uma caixa de isopor branca, do tipo usado pelos restaurantes que vendiam refeições para viagem. Havia vários estabelecimentos assim nas proximidades, e faziam muitos negócios na CBA, entregando lanches ou refeições, pedidos por telefone. Como Sloane não pedira coisa alguma e geralmente almoçava na lanchonete da CBA, presumiu que a entrega era equívoco.

Para sua surpresa, no entanto, descobriu que na embalagem, amarrada de forma impecável com um barbante branco, havia o nome "C. Sloane" escrito na tampa. Sem muito interesse, ele tirou uma tesoura de uma gaveta e cortou o barbante, depois abriu a caixa. Removeu vários pedaços de papel branco dobrado antes que o conteúdo fosse revelado.

Depois de vários segundos a olhar numa incredulidade atordoada, gritou — um grito torturado e estridente. As pessoas que trabalhavam por perto viraram a cabeça.

O agente do FBI Ungar levantou-se de um pulo e entrou correndo na sala, sacando um revólver. Mas Sloane estava sozinho ali, gritando sem parar e contemplando fixamente a embalagem, os olhos arregalados e desvairados, o rosto pálido.

Outros se levantaram e correram para a sala de Sloane. Alguns entraram, uma dúzia ou mais bloquearam a porta. Uma produtora inclinou-se sobre a mesa e olhou a caixa branca.

— Santo Deus! — balbuciou ela, sentindo-se nauseada e tratando de sair no mesmo instante.

Ungar examinou a caixa, viu dois dedos humanos, salpicados de sangue seco. Reprimindo a repulsa, assumiu o comando da situação. Gritou para as pessoas que se encontravam na sala e agrupadas na porta: — Saiam todos, por favor! Mesmo enquanto falava, ele já pegava um telefone, apertava o botão de "telefonista", depois pedindo: -segurança... depressa! > Quando houve uma resposta, ele acrescentou: — Aqui é o agente especial do FBI, Ungar, e estou dando uma ordem, Avise aos seguranças que ninguém pode deixar o prédio a partir deste momento. Não haverá exceções; use a força se for necessário. Depois que transmitir essa ordem, ligue para a polícia e peça ajuda. Já estou descendo para o saguão. Quero que alguém da segurança me encontre lá.

Enquanto Ungar falava, Sloane arriou na cadeira. Alguém comentou mais tarde: "Ele parecia a própria morte." O produtor executivo, Chuck Insen, abriu caminho pela multidão crescente lá fora e perguntou: -o que está acontecendo aqui? Reconhecendo— o, Ungar apontou para a caixa branca e depois instruiu: -nada aqui deve ser tocado. Sugiro que leve o Sr. Sloane para outro lugar e tranque a porta até eu voltar.

Insen concordou com a cabeça, já tendo visto a esta altura o conteúdo da caixa e reparando, como outros, que os dedos eram pequenos e delicados, obviamente de uma criança. Virando-se para Sloane, ele fez a pergunta

inevitável com os olhos. Sloane conseguiu balançar a cabeça e balbuciar: — Sim.

— Oh, Deus! — murmurou Insen.

Sloane parecia prestes a desfalecer. Insen passou os braços em tomo dele e, amparando— o, levou-o para fora da sala. As pessoas na porta se afastaram prontamente.

Insen e Sloane foram para a sala do produtor executivo; no caminho, Insen deu várias ordens. Disse a uma secretária: — Tranque a sala do Sr. Sloane e não deixe ninguém entrar, exceto o agente do FBI. Depois fale com a telefonista; há um médico de plantão... mande-o vir até aqui.

Avise que o Sr. Sloane sofreu um choque terrível e pode precisar de um sedativo.

A um produtor: — Informe a Don Kettering o que aconteceu e peça que ele venha até aqui; vamos precisar de alguma coisa para o jornal desta noite.

E aos outros: — Vocês outros, voltem ao trabalho.

A sala de Insen tinha um enorme painel de vidro dando para a Ferradura, com uma veneziana para proporcionar privacidade quando era preciso. Depois de ajudar Sloane a se acomodar numa cadeira, Insen baixou a veneziana.

Sloane recuperava o controle, inclinando-se para a frente, a cabeça nas mãos. Falando meio para si mesmo, meio para Insen, ele se lamentou: — Aquelas pessoas sabiam sobre Nicky e o piano. E como descobriram? Eu deixei escapar! Sou o culpado! Contei tudo naquela entrevista coletiva depois do sequestro! Insen disse, gentilmente: — Lembro disso, Crawf. Mas respondia a uma pergunta, não foi iniciativa sua. De qualquer forma, quem poderia prever...

Ele parou de falar, sabendo que o raciocínio de nada adiantaria naquele momento. Mais tarde, Insen comentaria para outras pessoas: "Tenho de tirar o chapéu para Crawf. Ele tem muita coragem. Depois daquela experiência, a maioria das pessoas faria exatamente o que os sequestradores queriam, suplicando pelo atendimento das exigências. Mas desde o início Crawf sabia que não deveríamos fazer isso, não podíamos fazer; não hesitou por um instante sequer." Houve uma suave batida na porta, e uma secretária entrou, comunicando: -o médico já está a caminho.

A proibição temporária das pessoas deixarem o prédio foi levantada depois que todos lá dentro, muitos prestes a sair, foram identificados e sua presença explicada.

Tudo indicava que a embalagem com os dedos fora deixada muito antes; e como os entregadores dos restaurantes entravam e saíam a todo instante,

ninguém reparara em nada de anormal.

O FBI iniciou uma investigação nos restaurantes próximos, numa tentativa de determinar quem poderia ter levado a encomenda, mas não houve resultados positivos. Embora a segurança da CBA devesse verificar a identidade de todos os entregadores, constatou-se que só o fazia de forma irregular e superficial.

Qualquer dúvida sobre o fato dos dedos serem de Nicky foi dissipada por uma inspeção em seu quarto na casa dos Sloanes em Larchmont. Havia ali muitas impressões digitais, e combinavam com as dos dois dedos cortados na caixa sobre a mesa de Crawford Sloane.

Em meio à depressão geral na CBA, houve outra entrega significativa, esta em Stonehenge. No início da tarde de quinta-feira, um pequeno pacote chegou ao gabinete de Margot Lloyd-Mason. Havia lá dentro um cassete de videoteipe enviado pelo Sendero Luminoso.

Como a fita era esperada —a entrega na quinta-feira fora indicada no comunicado do Sendero, "O Tempo Luminoso Chegou", seis dias antes —, Margot e Les Chippingham haviam combinado que a gravação seria imediatamente enviada para o diretor de jornalismo da CBA. Assim que soube, Chippingham chamou Don Kettering e Norman Jaeger para sua sala, onde os três assistiram à gravação, em particular.

Notaram logo a excelente qualidade da gravação, tanto em termos técnicos quanto na apresentação. Os títulos de abertura, começando com "Revolução Mundial: o Sendero Luminoso indica o Caminho", eram superpostos sobre algumas das paisagens mais espetaculares do Peru -a imponência das montanhas e geleiras dos Andes, Machu Pichu em seu impressionante esplendor, os intermináveis quilômetros de selva verde, a área desértica litorânea e o impetuoso Oceano Pacífico. Foi Jaeger quem reconheceu a música majestosa que acompanhava a abertura: a Terceira Sinfonia de Beethoven, a Eroica.

— Eles tinham pessoal de produção que conhecia o ofício — comentou Kettering. — Eu esperava algo mais rudimentar.

— No fundo, não chega a surpreender — disse Chippingham. — O Peru não é um país tão atrasado assim, conta com pessoal de talento e o melhor equipamento.

— E o Sendero tem muito dinheiro para comprar essas coisas — acrescentou Jaeger. — Além de estar infiltrado em toda parte.

Até mesmo o discurso extremista que se seguiu tinha por fundo cenas de movimento — distúrbios em Lima, greves de operários, choques entre polícia e

manifestantes, as consequências macabras de ataques a aldeias andinas por forças do governo.

— Somos o mundo, e o mundo está pronto para uma explosão revolucionária — declarou um comentarista invisível.

Ao final, havia uma entrevista, enunciada como sendo de Abimael Guzmán, o fundador e líder do Sendero Luminoso. Havia alguma incerteza, porque a câmera focalizava as costas de uma pessoa sentada. O narrador explicou: -nosso líder tem muitos inimigos, que gostariam de matá-lo. Mostrar seu rosto seria ajudar esses sórdidos objetivos.

A suposta voz de Guzmán começou em espanhol: — Compañeros revolucionários, nuestro trabajo y objetivo es unir los creyentes en la filosofia de Marx, Lenin y Mao...

Depois, as palavras se desvaneceram e uma nova voz continuou: — Camaradas, devemos destruir uma ordem social internacional que não tem condições de ser preservada...

— Guzmán não fala inglês? — perguntou Kettering. Foi Jaeger quem respondeu: — Por mais estranho que possa parecer, ele é um dos poucos peruanos instruídos que não fala.

O que se seguiu era previsível, e Guzmán já dissera aquelas mesmas coisas várias vezes antes: -a revolução é justificada por causa da exploração imperialista de todos os povos pobres do mundo. (...) Falsas notícias culpam o Sendero Luminoso de desumanidade.

O Sendero é mais humanitário do que as superpotências, que estão dispostas a destruir a humanidade com arsenais nucleares, que nossa revolução proletária banirá para sempre. (...) O movimento sindical dos Estados Unidos, uma elite da classe burguesa, enganou e traiu os operários americanos. (...) Os comunistas na União Soviética não são melhores do que os imperialistas. Os soviéticos traíram a revolução de Lenin. (...) Castro de Cuba é um palhaço, um lacaio imperialista.

As declarações de Guzmán eram invariavelmente de caráter geral. Quem queria detalhes específicos vasculhava seus discursos e escritos em vão.

— Se projetássemos isso no lugar do Jornal da Noite — comentou Chippingham —, perderíamos toda a audiência e os índices cairiam a zero.

A gravação de meia hora terminou com mais um pouco de Beethoven, mais algumas paisagens deslumbrantes e um grito de guerra do locutor: — Vida longa para o marxismo-leninismo-maoísmo, a doutrina que nos guia! Ao final, Chippingham disse: — Muito bem, guardarei esta fita em meu cofre, como

combinamos. Só nós três a vimos. Sugiro que não comentemos com ninguém o que assistimos aqui.

Jaeger perguntou: — Ainda pretende adotar a sugestão de Karl Owens... de que a fita estava danificada quando a recebemos?

— Mas claro que sim! O que temos mais? Uma coisa é certa: não vamos usar essa gravação no lugar do jornal de segunda-feira.

— Acho que não temos mais nada — concordou Jaeger.

— Mas devemos compreender que as possibilidades de que acreditem em nós não são tão boas agora... não depois da indiscrição de Theo Elliott com o *Baltimore Star* — ressaltou Kettering.

— E como sei disso! — A voz de Chippingham refletia toda a tensão dos últimos dias. Ele olhou para o relógio: 3h53. — Às quatro horas, Don, entre na rede com um boletim. Diga que recebemos uma fita dos sequestradores, só que está defeituosa e não conseguimos repará-la. Caberá ao Sendero Luminoso providenciar outra.

— Certo.

— Enquanto isso — acrescentou Chippingham —, transmitirei um comunicado às agências noticiosas pedindo que o repitam para o Peru. E agora vamos ao trabalho!

A desinformação usada pela CBA foi amplamente divulgada. Como o Peru estava uma hora atrás de Nova York — os Estados Unidos mantinham o horário de verão, o Peru não —, a declaração da CBA pôde ser transmitida pelos noticiosos noturnos de rádio e tevê, além de ser aproveitada pelos jornais no dia seguinte.

Outra notícia do dia, divulgada antes, era a descoberta dos dedos cortados de Nicholas Sloane pelo pai consternado.

16

Em Ayacucho, os líderes do Sendero Luminoso tomaram conhecimento das duas notícias. Não acreditaram na segunda, sobre a fita avariada. E concluíram que era necessária alguma ação imediata mais compulsiva do que os dedos de um menino.

Jessica lembrou depois que tivera um pressentimento ao despertar naquele dia, na semiescuridão do amanhecer. Estivera insone durante uma boa parte da noite, mentalmente atormentada, duvidando que a salvação pudesse chegar um dia. Sua confiança inicial numa eventual libertação definhara ao

longo dos últimos três dias, embora ela tentasse esconder de Nicky e Angus a redução de suas esperanças. Era mesmo provável, ela especulava, que naquela parte obscura de uma terra estranha e distante alguma força amistosa pudesse encontrá-los e levá-los para casa? À medida que mais dias passavam, parecia cada vez mais duvidoso.

O moral de Jessica desmoronou com o brutal desmembramento da mão direita de Nicky. Mesmo que conseguissem escapar, a vida nunca mais seria a mesma para ele. O sonho mais querido, de se tomar um grande pianista, estava súbita e irremediavelmente... e tão desnecessariamente... encerrado. E que outros perigos, incluindo talvez a morte, os aguardava nos dias pela frente? Os dedos de Nicky haviam sido decepados na terça-feira. Hoje era sexta. Nicky sentia menos dor graças a Socorro, que trocava os curativos todos os dias. Mas ele se mantinha silencioso e taciturno, não reagindo às tentativas de Jessica de arrancá-lo de seu profundo desespero. E havia sempre a separação entre os dois — os bambus e a tela resistente. Socorro permitira uma noite que ela fosse para a cela de Nicky, mas o favor não se repetia, apesar das súplicas de Jessica.

Hoje, portanto, o futuro imediato parecia sombrio, sem muito que esperar e com tudo para temer. Ao despertar plenamente, Jessica compreendeu, como nunca acontecera antes, um poema de Thomas Hood que aprendera na infância e terminava assim: Mas agora desejo muitas vezes Que a noite levasse meu alento! Mas ela sabia que tal desejo, se aplicado a si mesma, era egoísta e derrotista. Apesar de tudo, devia resistir, continuar a ser o cajado forte em que Nicky e Angus se apoiavam.

Foi pouco depois desses pensamentos e em plena claridade que Jessica ouviu barulho de atividade lá fora e passos se aproximando da cabana dos prisioneiros.

A primeira pessoa a entrar foi Gustavo, líder dos guardas, que seguiu direto para a cela de Angus e abriu-a.

Miguel veio logo atrás. Estava de cara amarrada e se encaminhou também para Angus, carregando algo com que Jessica nunca o vira antes — um rifle automático.

A implicação sinistra era inevitável. À visão da arma terrível, o coração de Jessica bateu mais depressa, a respiração se tornou ofegante. Oh, não! Angus não!

Gustavo entrou na cela de Angus e levantou o velho rudemente. As mãos dele foram amarradas nas costas. Jessica gritou: — O que estão fazendo? Por quê?

Angus virou a cabeça para fitá-la.

— Jessie, querida, não fique aflita. Não há nada que possa fazer. Estes homens são bárbaros, não compreendem coisas como decência e honra...

Jessica viu Miguel apertar a arma com toda força, até que as articulações dos dedos ficaram brancas. E ele ordenou a Gustavo, impaciente: — Deprisa! No pierdas tiempo!

Nicky estava de pé. Também entendeu o significado do rifle automático e perguntou: — Mamãe, o que vão fazer com vovô?

Sem acreditar em suas próprias palavras, Jessica murmurou: — Não sei.

Angus, as mãos amarradas, empertigou o corpo, empinou os ombros e fitou-os.

— Não temos muito tempo. Vocês dois... permaneçam firmes e continuem a acreditar! Não se esqueçam de que, em algum lugar, Crawford está fazendo tudo o que pode. A ajuda virá!

As lágrimas escorriam pelas faces de Jessica. A voz abafada, ela conseguiu balbuciar: — Angus... Angus querido... nós o amamos tanto!

— Eu também amo você, Jessie... e você, Nicky!

Gustavo empurrava Angus para a frente, do interior da cela. Todos sabiam agora que ele seguia ao encontro da morte. Cambaleando, Angus tornou a gritar: — Nicky, que tal uma canção? Vamos experimentar esta. A voz de Angus se elevou:

Verei você,

Em todos os lugares familiares...

Jessica viu Nicky abrir a boca, mas o menino estava sufocado pelas lágrimas, assim como ela, não pôde cantar.

Angus deixara a cabana agora, não podiam mais vê-lo. Mas ainda ouviam sua voz, embora diminuindo na distância.

Que o meu coração contempla durante o dia inteiro,

Naquele pequeno café...

A voz definhou por completo. A espera pareceu mais longa do que foi na realidade, depois o silêncio foi rompido por disparos — quatro tiros, quase em rápida sucessão.

Outro breve silêncio e depois uma segunda rajada, os tiros muito rápidos para contar.

Lá fora, à beira da selva, Miguel pairava sobre o cadáver de Angus Sloane.

Os primeiros quatro tiros que disparara haviam matado o velho instantaneamente. Depois, recordando o insulto da última terça-feira — Maldito hijo de puta! — e a referência desdenhosa a "bárbaros" apenas alguns momentos antes, Miguel se adiantara num acesso de raiva e esvaziara outra rajada do AK-47, de fabricação soviética, no corpo caído.

Cumpria as instruções recebidas de Ayacucho ao fim da noite anterior. Gustavo também fora informado de uma missão desagradável, que poderia começar agora, com a ajuda dos outros.

Um pequeno avião, operando para o Sendero Luminoso, se achava agora a caminho de uma pista próxima na selva, que podia ser alcançada de Nueva Esperanza por barco.

Muito em breve, um barco partiria para a pista; em seguida, o avião transportaria para Lima o resultado do trabalho de Gustavo.

Mais tarde, naquela mesma manhã, em Lima, um carro parou derrapando diante da embaixada americana, na Avenida Garcilaso de la Vega. Um homem saltou, carregando uma enorme caixa de papelão. Largou a caixa diante da grade protetora da embaixada, perto de um portão, voltou correndo para o carro, que partiu a toda velocidade.

Um policial à paisana que testemunhara a cena deu o alarme, e todas as saídas da embaixada, construída como uma fortaleza, foram temporariamente fechadas. Enquanto isso, um esquadrão de bombas das forças armadas peruanas foi chamado para ajudar.

Depois que os testes revelaram que a caixa não continha explosivos, abriram-na com o maior cuidado, descobrindo a cabeça ensanguentada e decapitada de um homem idoso, provavelmente na casa dos setenta anos. Ao lado da cabeça havia uma carteira, contendo um cartão da previdência social, uma licença de motorista da Flórida com foto e outros documentos que identificavam a cabeça como sendo de Angus McMullen Sloane.

17

Na ocasião em que o incidente ocorreu em Lima, um repórter do *Chicago Tribune* por acaso estava na embaixada. Acompanhou de perto os acontecimentos e foi o primeiro a transmitir a notícia, inclusive o nome da vítima. A notícia do Tribune foi prontamente reproduzida pelas agências noticiosas, emissoras de rádio e tevê e outros jornais, primeiro nos Estados

Unidos e depois no resto do mundo O plano para uma tentativa de resgate em Nueva Esperanza estava concluído.

Os detalhes finais foram definidos na sexta-feira, os últimos equipamentos reunidos. No sábado, ao amanhecer, Partridge e seu grupo decolariam de Lima, seguindo para a selva, na Província de San Martin, perto do Rio Huallaga.

Desde o final da quarta-feira, ao saber onde os prisioneiros se encontravam, Partridge agitara-se na maior impaciência. Sua primeira inclinação fora a de partir imediatamente, mas os argumentos de Fernández Pabur, mais sua própria experiência, persuadiram-no a protelar.

— A selva pode ser uma amiga, mas também uma inimiga — ressaltou Pabur. — Não se pode entrar nela como se fosse uma visita a outra parte da cidade. Passaremos pelo menos uma noite na selva, talvez duas, há certas coisas que precisamos providenciar, como uma questão de sobrevivência. Devo também escolher nosso transporte aéreo com todo cuidado... usando alguém em que possamos confiar. Haverá necessidade de muita coordenação e cálculo de tempo para que possamos chegar lá e voltar. Precisamos de dois dias pelo menos para os preparativos, e mesmo isso é apenas o mínimo indispensável.

O uso da primeira pessoa do plural deixou claro desde o início que o engenhoso representante da rede em Lima tencionava participar da expedição.

— Vão precisar de mim — declarou ele, com toda simplicidade.

— Já estive na selva muitas vezes e sei como se tem de agir lá.

Partridge sentiu-se na obrigação de lembrar que haveria perigo mas Pabur limitou-se a dar de ombros.

— A vida é um risco. No meu país, hoje em dia, levantar-se pela manhã já é um risco.

O transporte aéreo era a maior preocupação. Depois de desaparecer parte da manhã de quinta-feira, Fernández voltou para pegar Partridge e Rita, e levou-os a um prédio de alvenaria de um andar, não muito longe do aeroporto de Lima. O prédio continha vários pequenos escritórios. Pararam diante de uma porta em que estava escrito ALSA, AeroLibertad S.A, Fernández entrou na frente e apresentou os companheiros ao dono do serviço de voos fretados e também ao piloto principal, Oswaldo Zileri.

Zileri tinha trinta e poucos anos, era bem-apessoado e arrumado, um corpo esguio e atlético. Sua atitude era cautelosa, mas objetiva e profissional. Ele disse a Partridge: -sei que tenciona fazer uma visita de surpresa a Nueva Esperanza, e isso é tudo que preciso ou desejo saber.

— Isso é ótimo — disse Partridge. — Mas devo ressaltar que esperamos ter mais três passageiros na volta.

— O avião que está fretando é um Cheyenne II. Haverá dois pilotos e espaço para sete passageiros. Como vai preencher esses sete lugares é problema exclusivamente seu. E agora podemos falar de dinheiro?

— Fale comigo — interveio Rita. — Qual é o seu preço?

— Vai pagar em dólares?

Rita balançou a cabeça afirmativamente.

— O preço regular de cada viagem é de 1.400 dólares. Se houver tempo extra no destino, exigido para circular a área, cobraremos uma taxa adicional. Além disso, para cada pouso nas proximidades de Nueva Esperanza, que é uma região das drogas controlada pelo Sendero Luminoso, haverá uma taxa especial de periculosidade de cinco mil dólares. Antes de partirmos, no sábado, eu gostaria de um depósito em dinheiro de seis mil dólares.

— Está certo — concordou Rita. — Se puser tudo isso no papel, em duas cópias, assinarei e ficarei com uma.

— Será feito antes da partida. Desejam conhecer alguns detalhes do meu serviço aéreo?

— Acho que devemos — respondeu Partridge, polidamente.

Com um tom de orgulho, Zileri fez um discurso obviamente padronizado: -o Cheyenne II... temos três... é um bimotor de hélice. Tratase de um aparelho extraordinariamente confiável e pode pousar numa pista pequena, o que é importante na selva. Todos os nossos pilotos, inclusive eu, têm treinamento americano. Conhecemos bem a maioria das regiões do Peru, assim como os controladores de voo locais, civis e militares, que estão acostumados à nossa presença. De passagem, eu pilotarei este voo pessoalmente.

— Tudo isso está ótimo — reconheceu Partridge. — Mas também precisamos de um conselho.

— Fernández me contou.

Zileri foi até uma mesa, em que estava aberto um mapa em grande escala da região meridional da Província de San Martin. Os outros o acompanharam.

— Presumi que vão querer pousar bem longe de Nueva Esperanza para que a chegada não seja notada.

Partridge balançou a cabeça.

— A pressuposição é correta.

— Neste caso, partindo-se de Lima, recomendo o pouso aqui.

Zileri indicou com um lápis um ponto no mapa.

— Isso não é uma estrada?

— É, sim, a estrada principal da selva. Mas há pouco tráfego, quase nenhum na maior parte do tempo. Em diversos pontos, como este, ela foi alargada e recapeada pelos traficantes de drogas, para que seus aviões possam pousar. Já aterrissei aí antes.

Partridge especulou sobre os motivos. Transportando drogas ou traficantes? Já ouvira dizer que eram poucos os operadores aéreos no Peru que não estavam envolvidos com o tráfico de drogas, mesmo que indiretamente.

— Antes de pousarmos — continuou Zileri —, vamos nos certificar de que a estrada não esteja em uso e não haja ninguém no solo. Uma trilha segue deste ponto até Nueva Esperanza.

Fernández informou: — Tenho um bom mapa em que a trilha está assinalada.

— E agora vamos ao retomo com os passageiros extras — acrescentou Zileri. — Fernández e eu já discutimos o assunto e sugeri um plano.

— Pode falar — disse Partridge.

A discussão continuou, decisões e fatos salientes emergiram.

Havia três possíveis pontos de recolhimento para a viagem de volta. Primeiro, a estrada em que se tencionava fazer o pouso inicial. Segundo, a pista em Sion, que se podia alcançar pelo rio, depois de sair de Nueva Esperanza, com mais uma viagem de cinco quilômetros por terra. Terceiro, uma pista de pouso muito pequena, usada por traficantes de drogas e conhecida de poucas pessoas, que ficava entre os outros dois pontos e também alcançada principalmente pelo rio. Fernández explicou os motivos para as opções: — Não sabemos o que acontecerá em Nueva Esperanza ou que caminho estará desimpedido e será melhor para o retomo.

O avião fazendo o recolhimento poderia facilmente passar pelos três pontos e responder a um sinal do solo. O grupo de Partridge levaria uma pistola com foguetes verdes e vermelhos. Um foguete verde significaria: Pode pousar, tudo limpo; um foguete vermelho: Pouse o mais depressa possível, estamos em perigo! Se fosse observado, do ar, fogo próximo de rifle ou metralhadora, o avião não aterrissaria, retomando a Lima.

Como não se podia saber exatamente quando o voo de volta seria necessário, um avião seria enviado para sobrevoar a área, primeiro na manhã do domingo, às oito horas; se não houvesse contato entre o solo e ar, o avião retomaria na segunda-feira, na mesma hora. Depois disso, qualquer ação seria

decidida por Rita, que permaneceria em Lima durante a expedição, em contato com Nova York, um arranjo que Partridge considerava essencial.

Ao final do planejamento operacional, foi assinado um contrato entre Rita em nome da CBA, e Oswaldo Zileri. Depois, trocaram apertos de mãos formais. Fitando Partridge, o piloto declarou: — Cumpriremos nossa parte do acordo e faremos o melhor que pudermos por vocês.

Partridge teve o pressentimento de que ele faria mesmo.

Depois de combinar todos os detalhes sobre a viagem de avião e retomar ao Cesar's Hotel, Partridge realizou uma reunião em sua suíte com todos os membros do grupo da CBA, a fim de decidir quem participaria da expedição a Nueva Esperanza. Já havia três pessoas definidas: Partridge, Minh Van Canh, uma vez que era essencial um registro visual, e Fernández Pabur. Com as reservas para três passageiros extras na volta, um quarto lugar permanecia em aberto.

A opção era entre Bob Watson, o editor de vídeo; o técnico de som, Ken O'Hara; ou Tomás, o silencioso guarda-costas. Fernández era favorável a Tomás, e argumentara antes: — Ele é forte e sabe lutar.

Bob Watson, fumando um de seus charutos, insistiu: — Leve-me, Harry! Sei cuidar de mim mesmo numa briga. Descobri isso nos distúrbios em Miami.

O'Hara disse simplesmente: — Eu gostaria muito de ir.

Ao final, Partridge escolheu O'Hara, porque já demonstrara que podia manter o controle numa situação tensa e era engenhoso. Além disso, embora não pretendessem levar equipamento de som — Minh usaria uma Betacam com som incorporado —, Ken O'Hara tinha um jeito instintivo com qualquer coisa mecânica, um trunfo que poderia ser útil.

Partridge incumbiu Fernández de organizar o equipamento, e sob sua orientação as peças foram se acumulando no hotel: redes leves, mosquiteiros e repelentes, alimentos secos para dois dias, garrafas com água, tabletes para esterilizar água, facões, pequenas bússolas, binóculos, algumas folhas de plástico. Como cada pessoa carregaria as coisas de que precisasse, usando uma mochila, procurou-se um equilíbrio entre a necessidade e o peso.

Fernández também insistiu em que cada um levasse uma arma, e Partridge concordou. Era um fato normal na vida da tevê que os repórteres e equipes técnicas no exterior às vezes saíssem armados em missões, embora mantendo as armas escondidas. As redes não justificavam nem desencorajavam essa prática, deixando a decisão ao critério do pessoal no local. Naquele caso, a necessidade parecia incontestável e era ajudada pelo fato de que todos os quatro

integrantes da expedição haviam tido experiência com armas de fogo em diversos momentos de suas vidas.

Partridge decidiu que ficaria com sua Browning 9mm, equipada com silenciador. Tinha também uma faca de comando Fairburn, que lhe fora dada por um major da SAS britânica.

Minh, que teria de carregar o equipamento de vídeo além da arma, queria alguma coisa poderosa, mas leve; Fernández informou que poderia obter uma submetralhadora Uzi israelense. O'Hara disse que levaria qualquer arma disponível e obteve um rifle automático M-16 americano. Ao que tudo indicava, podia-se adquirir qualquer arma em Lima, sem perguntas a quem tivesse dinheiro na mão.

Desde quarta-feira, quando soube que Nueva Esperanza era o alvo, Partridge perguntava a si mesmo: deveria informar as autoridades peruanas, em particular a polícia antiterrorismo? Na quinta-feira, ele foi se aconselhar com Sérgio Hurtado, o comunicador de rádio que o advertira a não pedir ajuda das forças armadas e polícia. No encontro no primeiro dia de Partridge no Peru, Sérgio dissera: "Evite-as como aliadas, porque deixaram de merecer confiança, se é que algum dia mereceram. Quando se trata de assassinato e brutalidade, não são melhores do que o Sendero e certamente tão impiedosos." Falando em sigilo e confiança, Partridge comunicou a Sérgio os acontecimentos e perguntou se o conselho ainda era o mesmo.

— E reforçado — respondeu Sérgio. — No tipo de situação em que você está, as forças do governo são notórias por entrarem em ação com o máximo poder de fogo. Não correm riscos. Liquidam a todos, tanto inocentes como culpados, fazem perguntas depois. E quando acusados de matar pessoas erradamente, os responsáveis dizem: "Como podíamos saber a diferença? Era matar ou morrer." Partridge lembrou que o general Raul Ortiz dissera praticamente a mesma coisa. Sérgio acrescentou: — Por outro lado, ao agir como planeja, estará correndo risco de vida.

— Sei disso — admitiu Partridge. — Mas não vejo outra possibilidade.

Era o início da tarde. Sérgio estivera mexendo com um papel em cima da mesa nos últimos minutos e agora perguntou: — Antes de vir para cá, Harry, você recebeu más notícias hoje?

Partridge sacudiu a cabeça.

— Pois então lamento ter que lhe dar uma. — Pegando o papel, Sérgio estendeu-o através da mesa. — Recebi isto pouco antes de sua chegada.

"Isto" era um despacho da Reuters, descrevendo a *entrega* no prédio da CBA em Nova York dos dedos de Nicholas Sloane e a desolação de seu pai.

— Santo Deus!

Partridge sentiu-se subitamente sufocado pela angústia e autocensura. Por que não organizara antes sua ação planejada?

— Sei o que está pensando — comentou Sérgio. — Mas não tinha como evitar o que aconteceu. Não com o tempo limitado e as poucas informações de que dispunha.

Era verdade, concordou Partridge, mentalmente. Mas sabia que as dúvidas sobre o seu próprio ritmo de progresso o atormentariam por muito tempo.

— Já que está aqui, Harry, há mais um assunto que eu gostaria de levantar. A sua rede, a CBA, não pertence à Globanic Industries? — É isso mesmo.

O homem de rádio abriu uma gaveta da mesa e tirou várias folhas presas por um clipe.

— Obtenho minhas informações de muitas fontes, e pode surpreendê-lo que uma delas seja o Sendero Luminoso. Eles me odeiam, mas me usam. O Sendero tem simpatizantes e informantes em muitos lugares, e um deles me mandou isto recentemente, na esperança de que eu divulgasse.

Partridge pegou as folhas e começou a ler.

— Como pode perceber — acrescentou Sérgio —, revela um acordo entre a Globanic Financial Services, outra subsidiária da Globanic Industries, e o governo peruano. O acordo é o que se chama nos círculos financeiros de *swap* da dívida.

Partridge sacudiu a cabeça. — Lamento, mas não é minha especialidade.

— Não é tão complicado assim. Como parte do acordo, a Globanic receberá vastas extensões de terra, inclusive duas importantes áreas turísticas, por um preço que só pode ser classificado de simbólico. Em troca, uma parte da dívida externa do Peru, convertida em títulos negociáveis pela Globanic, será reduzida.

— A operação é honesta e legal?

Sérgio deu de ombros. — Digamos que esteja na fronteira, embora provavelmente seja legal. O mais importante é que se trata de um acordo extremamente lucrativo para a Globanic e bem prejudicial para o povo do Peru.

— Se pensa assim, então por que não divulga o assunto? — perguntou Partridge.

— Não o fiz até agora por dois motivos. Nunca aceito qualquer informação do Sendero sem antes verificar até que ponto é acurada. Já fiz isso e confirmei a história. E outra coisa: para a Globanic obter um negócio tão favorável, alguém no governo deve ter sido subornado. Estou trabalhando nesse aspecto e pretendo divulgar toda a história na próxima semana.

Partridge levantou as folhas. — Pode me dar uma cópia?

— Fique com essa. Tenho outra.

No dia seguinte, sexta-feira, Partridge resolveu uma outra questão que precisava ser verificada antes da partida no sábado. Mais alguém obtivera o número do telefone que levara o grupo da CBA ao apartamento na Rua Huancavelica, antes ocupado pelo ex-médico conhecido como Baudelio e agora por Dolores? Se assim fosse, significaria que mais alguém podia conhecer o significado de Nueva Esperanza.

Como Don Kettering explicou pelo telefone na noite de quarta-feira, o FBI teve acesso aos telefones celulares logo depois de sua descoberta pela CBA em Hackensack.

Portanto, parecia provável que o FBI verificasse as ligações efetuadas desses telefones e soubesse do número em Lima que Kettering fornecera a Partridge. Era possível que o FBI passasse essa informação à CIA — mas não era certo, porque a rivalidade entre as duas agências era notória. Alternativamente, o FBI poderia ter pedido a um departamento do governo peruano para investigar o número.

A pedido de Partridge, Fernández fez uma segunda visita a Dolores, na tarde de sexta-feira. Encontrou-a embriagada, mas coerente o bastante para informar que ninguém mais estivera no apartamento fazendo perguntas. Portanto, qualquer que fosse o motivo, a pista do telefone não fora investigada por mais ninguém, além da CBA.

Naquela mesma tarde, através de uma emissora de rádio peruana, eles tomaram conhecimento da trágica morte de Angus Sloane e da descoberta de sua cabeça cortada diante da embaixada americana em Lima.

Assim que soube, Partridge seguiu para o local em companhia de Minh Van Canh e mandou uma matéria via satélite para o Jornal da Noite daquela noite. A essa altura, equipes de outras redes e repórteres de jornais já se encontravam no lugar, mas Partridge conseguiu evitar qualquer conversa com eles.

A morte macabra do pai de Crawf era um peso terrível na consciência de Partridge, assim como os dedos cortados de Nicky. Na medida em que viera ao

Peru com a esperança de salvar os três reféns, já fracassara, disse a si mesmo.

Depois de fazer tudo que era necessário, ele voltou ao Cesar's Hotel e passou parte da noite acordado, estendido na cama, solitário e desolado.

Na manhã seguinte, levantou-se mais de uma hora antes do amanhecer, com a intenção de concluir duas tarefas. Uma era redigir um testamento simples, outra era preparar um telegrama. Pouco depois, a caminho do aeroporto na caminhonete alugada, ele pediu que Rita assinasse o testamento como testemunha e deixou-o com ela. Também lhe pediu que remetesse o telegrama, endereçado a Oakland, Califórnia.

Discutiram ainda o acordo entre a Globanic e o governo peruano, de que Partridge tomara conhecimento por intermédio de Sérgio Hurtado. Ele disse a Rita: — Depois que você ler, acho que devemos enviar esta cópia para Les Chippingham. Mas não tem nada a ver com nossa presença aqui e não planejo usar a informação, embora Sérgio tenha me informado que divulgará a história na próxima semana. — Partridge sorriu. — Acho que é o mínimo que podemos fazer pela Globanic, já que são eles que passam manteiga em nosso pão.

18

O avião Cheyenne II decolou de Lima no ar sereno que precede o amanhecer sem incidentes. Setenta minutos depois, o avião alcançou o trecho da estrada na selva em que Partridge, Minh, O'Hara e Fernández deveriam desembarcar.

A essa altura já havia claridade suficiente para se observar o solo. A estrada estava deserta: não havia carros, caminhões ou qualquer outro sinal de atividade humana. Quilômetros de selva estendiam-se dos dois lados, cobrindo a terra como uma vasta colcha verde. Virando-se por um instante dos controles, o piloto, Oswaldo Zileri, gritou para seus passageiros: — Estamos descendo. Preparem-se para saltar depressa. Não quero permanecer no solo por um segundo além do necessário. — com uma volta fechada, descendo, ele alinhou com a estrada, pousou na parte mais larga e parou depois de uma corrida surpreendentemente curta. Tão depressa quanto podiam, os quatro passageiros desembarcaram, levando as mochilas e equipamentos. Momentos depois, o Cheyenne II taxiou para a posição correta e decolou.

— Vamos logo procurar uma cobertura! — exortou Partridge aos outros. — Eles se encaminharam para a trilha na selva.

Sem que Harry Partridge soubesse durante a sua movimentada sexta-feira, irrompeu em Nova York uma crise que o envolvia.

Enquanto fazia a refeição matinal em sua casa na manhã de sexta-feira, Margot Lloyd-Mason recebeu uma mensagem telefônica, comunicando que Theodore Elliott desejava vê-la "imediatamente" na sede da Globanic Industries, em Pleasantville. Depois de indagar, ela descobriu que o "imediatamente" significava uma reunião às dez da manhã. Seria a primeira reunião do dia do presidente do conselho de administração da Globanic, informou uma secretária em Pleasantville a Margot.

Margot ligou em seguida para uma de suas duas secretárias em casa e deu instruções para que cancelasse ou mudasse os horários de todos os seus compromissos para aquela manhã.

Não tinha a menor ideia do que Theo Elliott queria.

Na sede da Globanic, Margot teve de esperar alguns minutos na elegante sala externa dos gabinetes dos executivos, ocupando sem saber a mesma poltrona usada apenas quatro dias antes pelo repórter Glen Dawson, do Baltimore Star.

Quando Margot entrou em sua sala, Elliott não perdeu tempo com preliminares e foi logo perguntando. — Por que não consegue manter um controle melhor sobre seu pessoal no Peru?

Surpresa, Margot indagou: — Que tipo de controle? Estamos recebendo elogios por nossa cobertura ali. E os índices de audiência...

— Estou falando de notícias desagradáveis e deprimentes! — Elliott bateu com a mão na mesa. — Ontem à noite o presidente Castañeda me telefonou de Lima. Ele afirma que tudo que a CBA tem divulgado sobre o Peru é negativo e prejudicial. Está furioso com sua rede, e eu também!

Margot tentou argumentar: — As outras redes e o *New York Times* têm adotado a mesma linha que nós, Theo.

— Não me venha com os outros! Estou falando sobre nós! Além do mais, o presidente Castañeda acha que neste momento é a CBA que imprime o ritmo e os outros seguem seu exemplo. Foi o que ele me disse.

Os dois estavam de pé. Elliott, furioso, não convidou Margot a sentar. Ela perguntou: — Há alguma coisa específica?

— Claro que sim! — O presidente do conselho de administração da Globanic apontou para meia dúzia de cassetes em sua mesa. — Depois de falar com o presidente ontem à noite, mandei um dos meus assistentes pegar as gravações de todos os jornais nacionais desta semana. Agora que já assisti a

todos, compreendo o protesto de Castañeda: o noticiário é sombrio e trágico... Como é grave a situação no Peru. Não há nada positivo! Nada dizendo que o Peru tem um grande futuro ou que é um lugar maravilhoso para se ir nas férias, nenhuma indicação de que os miseráveis rebeldes do Sendero Luminoso serão derrotados muito em breve!

— Há um forte consenso de que isso não vai acontecer, Theo.

Elliott continuou, furioso, como se não tivesse ouvido: — Posso entender por que o presidente Castañeda está furioso... algo que a Globanic não pode permitir que aconteça, e você sabe o motivo. Adverti-a sobre isso, mas parece evidente que não deu a devida atenção. E outra coisa... Fossie Xenos também está furioso. Até pensa que você está deliberadamente prejudicando sua operação.

— O que é um absurdo, e tenho certeza que você sabe disso. Mas talvez possamos fazer alguma coisa para melhorar a situação.

Margot pensava depressa, compreendendo que a situação era mais grave do que pensara a princípio. Era bem possível que seu próprio futuro na Globanic estivesse em jogo.

— Pois eu lhe direi exatamente o que vai fazer. — A voz de Elliott era incisiva e dura. — Quero que esse repórter intrometido... esse tal Partridge... volte no próximo avião e seja despedido.

— Sem dúvida podemos trazê-lo de volta. Não tenho tanta certeza se será possível despedi-lo.

— Eu mandei despedi-lo! Está tendo problemas com a audição esta manhã, Margot? Quero que o filho da puta saia da CBA para que eu possa telefonar para o presidente do Peru na manhã de segunda-feira e informar: "Despedimos o repórter que estava criando problemas. Pedimos desculpas por enviá-lo a seu país. Foi um grave erro, mas não tomará a acontecer."

Prevendo dificuldades para si mesma na CBA, Margot insistiu: — Tenho de ressaltar que Partridge está na rede há muito tempo, Theo, uns 25 anos. E tem uma ficha excelente.

Elliott permitiu-se um sorriso insidioso. — Então dê um relógio de ouro ao filho da puta. Não me importo. Quero apenas que se livre dele, a fim de que eu possa dar meu telefonema na segunda-feira. E vou avisá-la de mais uma coisa, Margot.

— O que é, Theo?

Elliott foi para trás de sua mesa e sentou. Acenou para que Margot se instalasse numa das cadeiras no outro lado, enquanto dizia: — O perigo de

redatores ou repórteres que pensam é muito grande. Não são tão importantes assim, embora às vezes acreditem que sejam e acalentem noções exageradas sobre sua própria importância. A verdade é que nunca há escassez de redatores. Corta-se um e mais dois surgem, como erva daninha.

Animando-se com o tema, Elliott continuou. — São pessoas como você e eu que realmente contam neste mundo, Margot. Somos nós que fazemos as coisas acontecerem todos os dias. É por isso que podemos comprar redatores sempre que quisermos. Eles não valem nada... nunca se esqueça disso! Assim, quando esgotar um jornalista de aluguel como Partridge, escolha um novo... algum garoto recém-saído da faculdade... Como faria com um repolho.

Margot sorriu; era evidente que já passara o pior da ira de seu superior.

— É um ponto de vista interessante.

— Pois trate de aplicá-lo. E mais uma coisa.

— Estou escutando.

— Não pense que o pessoal na Globanic, inclusive eu, não percebe como você, Leon Ironwood e Fossie Xenos estão disputando uma posição, com a esperança de se sentarem um dia no lugar que ocupo agora. Pois posso lhe garantir, Margot, que na disputa entre você e Fossie... esta manhã ele está vários corpos à sua frente.

O presidente do conselho de administração da Globanic acenou com a mão para dispensá-la.

— Isso é tudo. Ligue-me ainda hoje, assim que estiver resolvido o problema no Peru.

A manhã já se aproximava do fim quando Margot, de volta a seu gabinete em Stonehenge, mandou um recado a Les Chippingham. O diretor da divisão de jornalismo deveria procurá-la "imediatamente".

Ela não gostou de ser convocada para uma reunião naquela manhã, pois sempre preferia convocar os outros. Descobria-se agora satisfeita com a inversão da situação.

Outra coisa de que Margot não gostara fora a referência de Elliott ao fato de Fossie Xenos estar "vários corpos” à frente. Se essa posição era verdadeira, ela pensou, teria de alterá-la prontamente. Não tinha a menor intenção de permitir que seus planos de carreira fossem prejudicados pelo que já considerava como uma questão insignificante de administração, que podia ser resolvida de forma rápida e decidida.

Por isso, quando Chippingham entrou em sua sala, pouco depois de meio-dia, foi direto ao ponto, como Theo Elliott fizera.

— Não quero qualquer discussão a respeito do que vou dizer. É simplesmente uma ordem.

Uma pausa, e ela acrescentou: — Harry Partridge deve ser dispensado imediatamente. Quero que ele saia da CBA até amanhã. Sei que ele tem um contrato e você deve cumprir todas as cláusulas. Ele também deve ser removido do Peru, de preferência até amanhã ou, no máximo, domingo. Se for preciso fretar um voo especial, não pense duas vezes.

Chippingham fitava-a fixamente, boquiaberto e incrédulo. Só conseguiu falar depois de um longo tempo, com dificuldade para encontrar as palavras: — Não pode estar falando sério!

— Pois saiba que falo sério, e já disse que não admito discussão a respeito.

— Essa não! — Chippingham alteou a voz, levado pela emoção. — Não vou ficar de braços cruzados e deixar que um de nossos melhores repórteres, que serve tão bem à CBA há vinte e tantos anos, seja despedido sem qualquer motivo!

— O motivo não é da sua conta.

— Estou no comando da divisão de jornalismo, não estou? Faço um apelo a você, Margot! Afinal, o que Harry fez? É tão terrível assim? Se é, quero saber do que se trata.

— Se quer mesmo saber, é o tipo de cobertura que ele tem realizado.

— Que é absolutamente a melhor! Honesta. Bem-informada. Sem preconceitos. Pergunte a qualquer um.

— Não tenho de perguntar a ninguém. E, de qualquer forma, nem todos concordam com você.

Chippingham observou-a atentamente, desconfiado. — Isso é coisa da Globanic, não é mesmo? — Ele teve uma intuição. — É obra de seu amigo, aquele tirano de sangue gelado chamado Theodore Elliott!

— Tome cuidado com o que fala!

Margot decidiu que a conversa já fora longe demais e declarou, friamente: — Não quero dar mais nenhuma explicação, mas posso lhe garantir uma coisa: se minha ordem não for cumprida até o fim do expediente de hoje, então você também estará desempregado, e amanhã designarei outra pessoa para assumir seu lugar e fazer o que precisa ser feito.

— É mesmo capaz disso, hein? Chippingham fitava-a com uma mistura de espanto e ódio.

— Não se engane quanto a isso... sou mesmo. E se decidir que prefere permanecer no emprego, procure-me ao final da tarde para comunicar que cumpriu a minha ordem. Agora pode se retirar.

Depois que Chippingham saiu, Margot refletiu com satisfação que, quando necessário, podia ser tão dura quanto Theo Elliott.

De volta à sede da CBA, sabendo que apenas protelava o problema, Les Chippingham cuidou de várias questões de rotina, antes de instruir sua secretária, pouco antes de três da tarde, para não incomodá-lo e barrar qualquer ligação até um novo aviso. Precisava de tempo para pensar.

Fechando a porta da sala por dentro, ele se sentou na área de reunião, longe de sua escrivaninha, de frente para um de seus quadros prediletos — uma desolada paisagem de Andrew Wyeth. Mas hoje Chippingham mal via o quadro, totalmente concentrado na decisão crucial que tinha de tomar.

Sabia que se defrontava com uma crise em sua vida.

Se cumprisse a ordem de Margot e despedisse Harry Partridge sem motivo aparente, perderia o amor-próprio. Teria feito algo vergonhoso e injusto com um ser humano decente, competente e respeitado, um amigo e colega, apenas para satisfazer o capricho de outra pessoa. Chippingham não sabia quem era essa outra pessoa e o motivo para o capricho, mas tinha certeza de que, juntamente com outros, acabaria por descobrir. Enquanto isso, tudo que tinha certeza era de que Theodore Elliott estava de alguma forma envolvido — um palpite no qual acertara em cheio, a julgar pela reação de Margot.

Chippingham poderia conviver com uma coisa assim? Aplicando os padrões pelos quais sempre tentara conduzir sua vida, não seria capaz.

Por outro lado — e sempre havia outro lado —, se não cumprisse a ordem, outro o faria. Margot deixara isso bem claro. E ela não teria a menor dificuldade para encontrar alguém capaz disso. Havia muitas pessoas ambiciosas na profissão, inclusive na CBA...

Portanto, Harry Partridge estava de qualquer maneira liquidado — pelo menos na CBA.

E esse era o ponto importante: na CBA.

Quando se espalhasse a notícia, tão depressa quanto era inevitável, de que Harry Partridge estava deixando a CBA e estava disponível, ele não ficaria desempregado por quinze minutos. As outras redes disputariam prontamente seus serviços. Harry era um astro — e com uma reputação de bom sujeito, o que constituía um trunfo.

Nada, absolutamente nada, manteria Harry Partridge no ostracismo. Mais do que isso: com um novo contrato, em outra rede, provavelmente ele ficaria em melhor situação, Mas o que aconteceria com um diretor de jornalismo despedido e caído em desgraça? Era uma história totalmente diferente, e Chippingham sabia o que teria pela frente se Margot cumprisse sua palavra — como tinha certeza que ocorreria — se não obedecesse à sua ordem.

Como diretor de jornalismo, Chippingham também tinha um contrato e receberia cerca de um milhão de dólares de indenização por seu rompimento. Podia parecer muito dinheiro, mas na verdade não era tanto assim. Uma parcela substancial seria consumida pelos impostos. E depois disso, como estava bastante endividado, seus credores tomariam a maior parte do restante. O que sobrasse seria disputado gananciosamente pelos advogados que cuidavam do divórcio para Stasia. Ao final, seria uma surpresa se ficasse com dinheiro suficiente para um jantar a dois no Four Seasons, Além disso, havia o problema de outro emprego. Ao contrário de Harry Partridge, ele não seria procurado pelas outras redes. O motivo era simples: só podia haver um diretor de jornalismo em cada rede, e ele não soubera de qualquer vaga se abrindo. Além disso, as redes queriam diretores de jornalismo bem-sucedidos, não alguém que tivesse sido despedido em circunstâncias duvidosas; havia muitos ex-diretores de jornalismo vivos para que não houvesse a menor dúvida a respeito.

Tudo isso significava que teria de se contentar com um cargo inferior, quase que certamente com um salário menor — e que ainda por cima seria disputado por Stasia.

A perspectiva era assustadora.

A menos... a menos que ele fizesse o que Margot queria.

Se expressasse em termos dramáticos o que fazia agora, refletiu Chippingham, estava removendo as camadas de sua alma, olhando para dentro e não gostando do que via.

Mas uma conclusão era inevitável: havia momentos na vida em que a autopreservação ficava em primeiro lugar.

Detesto fazer isso com você, Harry, declarou ele silenciosamente, mas não tenho alternativa.

Quinze minutos depois, Chippingham releu a carta que datilografara pessoalmente numa velha Underwood mecânica que mantinha — em nome dos velhos tempos — numa mesinha em sua sala. Dizia o seguinte:

Prezado Harry: É com grande pesar que tenho de comunicar que seu contrato com a CBA está cancelado, a partir desta data.

De acordo com as cláusulas...

Chippingham sabia, porque tivera a oportunidade de revisar recentemente o contrato de Partridge, que uma das cláusulas previa que a rede podia cancelá-lo a qualquer momento, ficando, porém, obrigada a pagar todos os salários e benefícios até o final do prazo. No caso de Partridge, ainda faltava um ano para que isso acontecesse.

Havia também uma cláusula de "não concorrência", pela qual Partridge, aceitando o pagamento até o fim do prazo, concordava em não trabalhar para outra rede pelo menos durante seis meses depois do rompimento do contrato.

Em sua carta, Chippingham abria a mão da cláusula de "não concorrência", deixando Partridge com os benefícios intactos, mas livre para aceitar outro emprego imediatamente.

Ele refletiu que, nas circunstâncias, era o mínimo que podia fazer por Harry.

Tencionava despachar a carta por fax para Lima. Havia uma máquina na outra sala, e a usaria pessoalmente. Concluíra antes que não seria capaz de comunicar a decisão por telefone.

Chippingham já ia assinar o que escrevera quando ouviu uma batida na porta, que foi aberta no instante seguinte. Instintivamente, ele virou a carta ao contrário.

Crawford Sloane entrou. Segurava um telegrama na mão. Quando falou, a voz saiu embargada. As lágrimas escorriam pelas faces.

— Eu tinha de falar com você, Les. Isto acaba de chegar.

Ele estendeu o telegrama, que Chippingham pegou e leu. Repetia uma notícia do Chicago Tribune, procedente de Lima, descrevendo a descoberta da cabeça decapitada de Angus Sloane.

— Oh, Deus! Crawf, eu...

Incapaz de continuar, Chippingham balançou a cabeça e estendeu os braços; num gesto espontâneo, os dois se abraçaram. Ao se separarem, Sloane balbuciou: — Não diga mais nada. Não tenho certeza se poderei aguentar. Não posso fazer o jornal esta noite. Já pedi que chamassem Tersa Toy...

— Esqueça tudo, Crawf! Cuidaremos de todos os problemas...

— Não! — Sloane sacudiu a cabeça. — Há mais uma coisa, algo que tenho de fazer. Quero um Learjet para Lima. Enquanto ainda houver uma possibilidade... para Jessica e Nicky... preciso estar lá. — Sloane fez uma pausa, esforçando-se para manter o controle. — Vou a Larchmont primeiro e depois para Teterboro.

Chippingham indagou, em dúvida: — Tem certeza de que quer fazer isso, Crawf? Acha que é o mais sensato?

— Vou de qualquer maneira, Les. Não tente me impedir. Se a CBA não quiser pagar o avião, eu mesmo pago.

— Isso não será necessário. Fretarei o Lear.

E foi o que Chippingham fez.

Partiria de Teterboro naquela noite e chegaria ao Peru na manhã seguinte.

Por causa da súbita e trágica notícia da morte de Angus Sloane, a carta de Chippingham para Partridge só foi assinada e despachada por fax para Lima no fim da tarde. Depois que sua secretária foi embora, Chippingham ligou para um número de fax da Entel Peru; a carta seria entregue na cabine da CBA no mesmo prédio. Ele acrescentou um bilhete à transmissão, pedindo que a carta fosse posta num envelope endereçado ao "Sr. Harry Partridge", com o aviso de "Pessoal".

Chippingham pensou em falar da carta com Crawford Sloane, mas refletiu que Crawf já sofrera todos os golpes que podia absorver em uma semana. Sabia que a carta deixaria Crawf indignado, assim como Partridge. Esperava ligações de protesto, com exigências de explicações. Mas só aconteceria no outro dia, e ele trataria de enfrentar a situação da melhor forma que pudesse.

Finalmente Chippingham telefonou para Margot Lloyd-Mason, que ainda estava em sua sala, às 6h15 da tarde.

— Fiz o que você pediu — informou ele, transmitindo em seguida a notícia da morte do pai de Crawford Sloane.

— Eu já sabia, e lamento muito — disse Margot. — Sobre o outro assunto, você fez bem, embora eu já começasse a pensar que não me ligaria. De qualquer forma, obrigada.

19

Longe da estrada em que o Cheyenne II pousara, a excursão pela selva era difícil e lenta para Partridge e os outros três.

A trilha — se é que se podia chamar assim — fora invadida pelo mato e com frequência desaparecia por completo. Diante de uma vegetação densa e emaranhada, era necessário abrir caminho com facões, com a esperança de se encontrar um caminho mais livre além. Árvores altas formavam um toldo por

cima de suas cabeças, sob um céu nublado que insinuava uma chuva iminente. Muitas árvores tinham troncos grotescamente retorcidos, cascas grossas e folhas duras; Partridge lera em algum lugar que havia no Peru oito mil espécies de árvores conhecidas. Nos níveis inferiores, bambus, samambaias, cipós e plantas parasitárias se entrelaçavam por toda parte -o resultado era descrito pela mesma fonte como "inferno verde".

"Inferno" era uma designação apropriada naquele dia por causa do calor sufocante, com o qual todos os quatro homens já sofriam. O suor escorria de cada poro, e a situação era agravada pelos enxames de insetos. No começo, eles haviam se encharcado com repelentes de mosquitos, aplicando mais ao longo do caminho, mas era como O'Hara comentou: -os pequenos demônios parecem gostar do repelente. Felizmente, quando se restabeleceu o contato com a trilha, havia áreas em que a sombra de árvores compactas fazia com que a vegetação no solo fosse menos abundante, o que tomava o progresso mais fácil. Era óbvio que o avanço seria mínimo sem a trilha.

— Este caminho não é muito usado, e isso nos ajuda bastante — ressaltou Fernández.

O objetivo era a aproximação de Nueva Esperanza, mas ficariam longe da vista de qualquer um ali, enquanto procuravam uma posição em terreno superior De lá, ocultos pela selva, observariam o povoado, principalmente durante as horas de claridade.

Toda a região ao redor, por duzentos ou mais quilômetros quadrados, era de selva densa, rompida apenas pelo Rio Huallaga, sobre uma planície ondulante. Mas o mapa de contorno adquirido por Fernández mostrava várias colinas perto do objetivo, uma das quais poderia ser convertida em posto de observação. Nueva Esperanza ficava a cerca de quatorze quilômetros do local em que se encontravam agora — uma distância formidável naquelas condições.

Uma coisa que Partridge memorizara era a segunda mensagem que Jessica conseguira transmitir ao fazer a gravação de videoteipe. Como Crawford Sloane lhe informara, numa carta lacrada que Rita levara pessoalmente para o Peru, Jessica cocara o lóbulo da orelha esquerda, o que significava: A segurança aqui é às vezes relaxada.

Um ataque do exterior pode dar certo. Essa informação seria testada em breve.

Enquanto isso, eles faziam o maior esforço para avançar pela selva.

A tarde já ia adiantada e todos se encontravam à beira da exaustão, quando Fernández avisou que Nueva Esperanza podia estar próxima.

— Acho que já percorremos uns onze quilômetros — anunciou ele, para depois advertir: — Não devemos ser vistos. Se ouvirmos o barulho de alguém se aproximando, temos de nos fundir na selva no mesmo instante.

Olhando para os arbustos densos e espinheiros nos lados da trilha, Minh Van Canh comentou: — Faz sentido, mas vamos torcer para que isso não seja necessário.

Pouco depois do aviso de Fernández, o avanço se tornou mais fácil e várias outras trilhas cruzaram a que seguiam. Fernández explicou que toda aquela área de encostas e colinas era ocupada por plantações de coca, e em outras épocas do ano estaria fervilhando de atividade. Durante o período de crescimento, que durava de quatro a seis meses, as plantas não precisavam de maiores cuidados e por isso a maioria dos plantadores vivia em outros lugares, voltando para ocupar os barracões no alto das colinas na época da colheita.

Usando o mapa e a bússola, Fernández continuava a guiar os outros três; o esforço extra necessário para andar indicava que estavam gradativamente subindo por uma encosta. Depois de mais uma hora, entraram numa clareira e mais além puderam avistar um barracão, através das árvores.

A essa altura, parecia evidente para Partridge que Fernández conhecia a região melhor do que admitira antes. Quando interrogado, o peruano reconheceu: — Já estive aqui várias vezes.

Partridge suspirou interiormente. Fernández seria mais um do exército de pessoas supostamente direitas que se beneficiavam secretamente do tráfico de cocaína? A América Latina, com o Caribe em particular, estava repleta de pessoas assim, muitos em altos postos.

Como se percebesse o pensamento, Fernández acrescentou: — Uma delas para um espetáculo organizado por nosso governo para o seu Departamento de Estado. Havia um visitante... se bem me lembro, o procurador geral dos Estados Unidos... e os jornalistas foram convidados. Integrei o grupo.

Apesar de sua reação um momento antes, Partridge não pôde deixar de sorrir à descrição de "espetáculo". Era um termo aplicado desdenhosamente pelos repórteres quando governos estrangeiros — em geral comunistas ou ditaduras — organizavam uma encenação para impressionar uma delegação americana visitante. Partridge podia imaginar a cena ali: uma "invasão" de soldados transportados por helicópteros, que destruiriam e incendiariam uns poucos hectares de plantações de coca e dinamitariam um ou dois laboratórios de processamento. Os visitantes elogiariam os esforços no combate aos traficantes do governo anfitrião, sem saber ou preferindo ignorar o fato de que milhares de

outras plantações de coca e dezenas de laboratórios permaneciam intactos nas proximidades.

No dia seguinte, as fotos dos visitantes apareceriam em jornais dos Estados Unidos, acompanhadas por declarações laudatórias, um processo repetido na tevê. E os repórteres — sabendo que haviam participado de uma farsa, mas incapazes de revelar isso — engoliriam em seco e se angustiariam na vergonha.

Acontecera no Peru, que não era uma ditadura nem um regime comunista, mas que em breve podia se tomar uma coisa ou outra, pensou Partridge.

Fernández inspecionou a clareira que haviam alcançado, inclusive a cabana, certificando-se de que não havia ninguém ali. Depois seguiu para leste, tomando a se embrenhar pela selva, mas apenas por uma curta distância, os outros parando quando ele alertou-os com um sinal. Um momento depois, ele entreabriu algumas samambaias e gesticulou para que os outros olhassem. Todos assim fizeram, um a um, observando um conjunto de construções dilapidadas, a menos de um quilômetro de distância e sessenta metros abaixo. Havia cerca de duas dúzias de barracões de madeira, à margem de um rio. Uma trilha lamacenta levava das construções a um tosco ancoradouro de madeira, em que diversas embarcações estavam atracadas. Partridge murmurou: — Parabéns a todos! — E foi com alívio que ele acrescentou: Acho que encontramos Nueva Esperanza.

Depois de entregar o comando a Fernández na trilha, Harry Partridge reassumiu-o agora.

— Não nos resta muita claridade do dia agora — disse ele aos outros. O sol já se encontrava quase no horizonte, a jornada se prolongando por mais tempo do que fora previsto. — Quero observar tanto quanto possível antes do escurecer. Minh, pegue o outro binóculo e junte-se a mim lá na frente. Fernández e Ken, escolham um posto de sentinela e fiquem de vigia, para ver se alguém se aproxima por trás. Se alguém aparecer, avisem-me imediatamente.

Aproximando-se da faixa de selva que impedia que fossem vistos lá debaixo, Partridge deitou no chão de barriga para baixo e rastejou para a frente, levando o binóculo que trouxera. Minh, ao seu lado, fez a mesma coisa, ambos parando quando já podiam ver claramente, mas ainda protegidos pela folhagem ao redor.

Deslocando o binóculo lentamente, Partridge estudou a cena lá embaixo.

Quase não havia atividade. Dois homens trabalhavam no atracadouro, retirando um motor de popa. Uma mulher saiu de um barracão, despejou um

balde e tornou a entrar.

Um homem emergiu da selva, encaminhou-se para outra cabana e entrou. Dois cachorros esqueléticos remexiam uma pilha de lixo. Havia lixo por toda parte. Vista de cima, Nueva Esperanza parecia uma favela na selva.

Partridge passou a estudar as construções individualmente, focalizando o binóculo em cada uma por vários minutos. Podia-se presumir que os prisioneiros eram mantidos em uma delas, mas não havia indicação de qual. Já era patente, ele pensou, que pelo menos um dia inteiro de observação seria necessário, e que era impossível qualquer tentativa de resgate naquela noite e partida de avião na manhã seguinte. Ele acomodou-se para esperar e observar, enquanto a claridade decrescia.

Como sempre nos trópicos quando o sol desaparece, a escuridão seguiu-se rapidamente. Umas poucas luzes fracas acenderam-se nas habitações, à medida que os últimos vestígios do dia se desvaneciam. Partridge baixou o binóculo e esfregou os olhos, que estavam doloridos depois de mais de uma hora de concentração na paisagem lá embaixo. Ele concluiu que não poderia descobrir muito mais hoje.

Foi nesse instante que Minh tocou em seu braço, apontando para as cabanas lá embaixo. Partridge pegou o binóculo e tornou a espiar. Avistou o movimento na semiescuridão: o vulto de um homem avançando pelo caminho entre dois grupos de habitações. Havia alguma coisa diferente; Partridge esforçou-se para determinar o que era — e logo descobriu! O homem tinha um rifle pendurado no ombro. Partridge e Minh acompanharam-no com seus binóculos.

Havia um barracão isolado, afastado das outras construções. Partridge já o observara antes, mas não havia nada de especial para atrair sua atenção. O homem alcançou esse barracão e entrou. Havia uma abertura na parede da frente pela qual a luz passava.

Continuaram a observar por alguns minutos sem que nada acontecesse. Depois, um vulto saiu do mesmo barracão e afastou-se. Mesmo na semiescuridão, duas coisas eram evidentes: tratava-se de outro homem, e também carregava uma arma.

Seria possível, especulou Partridge, excitado, que tivessem acabado de testemunhar a troca da guarda dos prisioneiros? Mais confirmação era necessária, e teriam de continuar na observação. Mas era grande a possibilidade de que o barracão isolado fosse o lugar em que Jessica e Nicky Sloane estavam sendo mantidos.

Ele fez um esforço para não permitir que sua mente lembrasse que apenas um ou dois dias antes Angus Sloane também se encontrava confinado ali.

As horas foram passando. Partridge avisara aos outros: — Precisamos saber quanta atividade ocorre à noite em Nueva Esperanza, mais ou menos quanto tempo dura e a que horas tudo se aquieta, com a maioria das luzes apagadas.

Eu gostaria de ter um registro escrito, com todas as horas anotadas.

A pedido de Partridge, Minh permaneceu por mais uma hora no ponto de observação, sozinho, sendo mais tarde substituído por O'Hara.

— Todos devem descansar o máximo possível — determinou Partridge. — Mas devemos guarnecer o ponto de observação e o posto de sentinela na clareira em caráter permanente, o que significa que só dois homens podem dormir ao mesmo tempo.

Acabaram decidindo que alternariam o dever com o sono, em turnos de duas horas.

Antes, Fernández armara as redes com mosquiteiros dentro da cabana que haviam encontrado ao chegarem. As redes não eram muito confortáveis, mas os homens estavam exaustos demais de toda a atividade do dia para se importarem com isso e pegaram no sono imediatamente. A ideia de trazer folhas de plástico foi justificada durante a noite, quando caiu um aguaceiro, vazando pelo telhado da cabana. Fernández cobriu as redes, protegendo os homens que dormiam. Os que estavam lá fora se abrigaram sob o plástico da melhor forma possível até que a chuva cessou, meia hora depois.

Não houve nenhuma providência específica para as refeições. A comida e água haviam sido distribuídas individualmente, mas todos sabiam que os alimentos deviam ser consumidos com moderação. O suprimento de água trazido de Lima no dia anterior já acabara, e algumas horas antes Fernández enchera os cantis num córrego na selva, acrescentando os tabletes de purificação. Ele avisara aos outros que a maior parte da água local estava contaminada pelas substâncias químicas usadas no processamento da coca. A água nos cantis agora tinha um gosto horrível, e todos bebiam o mínimo possível.

No dia seguinte, ao amanhecer, Partridge já tinha respostas para as instalações sobre Nueva Esperanza à noite: havia bem pouca atividade, apenas o dedilhar ocasional de um violão, algumas vozes estridentes e risos embriagados no interior das habitações. Tal atividade persistia por cerca de três horas e meia depois do escurecer.

Por volta de uma e meia da madrugada, todo o povoado ficava escuro e silencioso.

O que ainda precisavam saber — se eram corretas as suposições de Partridge sobre os guardas e o local em que se encontravam os prisioneiros — era com que frequência ocorria a mudança de guarda e a que horas. Ainda não havia qualquer definição sobre isso ao amanhecer. Se houvera outra troca de guarda durante a noite, escapara à observação.

A rotina se prolongou durante o dia.

O plantão no posto de sentinela e no ponto de observação foi mantido, as redes permanecendo à disposição dos que não estavam de serviço mesmo durante o dia. Todos aproveitaram, sabendo que poderiam precisar de suas reservas de resistência mais tarde.

À tarde, quando era sua vez de ocupar uma rede, Harry Partridge refletiu sobre o que ele e os outros estavam fazendo — e perguntou a si mesmo, com um senso de irrealidade: tudo isso está realmente acontecendo? Aquela pequena força, extra— oficial, tentaria mesmo um resgate? Dentro de poucas horas, não mais do que isso, provavelmente teriam de matar ou morrer. Tudo aquilo seria uma loucura? Como a frase em Macbeth, "...a vida é uma febre intermitente..." Ele era um jornalista profissional, não era? Um repórter de tevê, um observador de guerras e conflitos, não um participante. Mas subitamente, por sua própria decisão, tomara-se um aventureiro, um mercenário, um soldado em potencial. A mudança fazia algum sentido? Qualquer que fosse a resposta, havia outra questão: Se ele, Harry Partridge, não conseguisse fazer o que era necessário, aqui e agora, quem poderia fazê-lo? E mais uma coisa: um jornalista cobrindo guerras, em particular um correspondente de tevê, nunca se encontrava longe da violência, ferimentos, morte súbita. Convivia com esses perigos, partilhava-os, às vezes sofria-os, depois os levava todas as noites para as confortáveis salas de estar da América urbana, um ambiente em que não passavam de imagens numa tela, não oferecendo qualquer perigo para os que assistiam.

E, no entanto, cada vez mais, aquelas imagens se tomavam perigosas, aproximavam-se no tempo e na distância, muito em breve deixariam de ser meras imagens numa tela, convertendo-se na dura realidade nas cidades e ruas americanas, em que o crime já fervilhava. Agora a violência e o terrorismo na metade do mundo desprivilegiada e dilacerada pela guerra se aproximava mais e mais do território americano. Era inevitável, um fato previsto pelos estudiosos dos problemas internacionais muito tempo atrás.

A Doutrina Monroe, outrora considerada como uma proteção americana, não mais vigorava; agora, poucos se davam ao trabalho de sequer falar a respeito. O sequestro da família Sloane nos Estados Unidos por agentes estrangeiros demonstrava que o terrorismo internacional já alcançara o país. Havia mais para acontecer, muito mais — atentados a bomba, tomada de reféns, tiroteios nas ruas. E o trágico era que não havia como evitar. E igualmente trágico era o fato de que muitas pessoas que não eram participantes assim se tomariam em breve — quer gostassem ou não.

Portanto, naquele momento, pensou Partridge, seu envolvimento e dos outros três não era irreal. Ele desconfiava que Minh Van Canh, em particular, não via nada de contraditório na atual situação. Minh, que vivera e sobrevivera a uma terrível guerra divisória em seu país, acharia mais fácil do que a maioria aceitar o que faziam agora.

E, de uma forma pessoal, projetando-se além e ofuscando todas essas considerações, havia Jessica. Jessica, que provavelmente se encontrava bem perto, no interior daquela cabana. Jessica— Gemma, cujas lembranças e personalidades fundiam-se em sua mente.

E depois... a fadiga dominando-o de repente... ele pegou no sono.

20

Ao despertar, cerca de quinze minutos antes de seu plantão, Partridge deixou a rede e saiu para verificar a situação geral.

No posto de sentinela, como antes, não houvera alarmes ou ação. O ponto de observação, porém, produzira informações e opiniões específicas.

Havia mesmo uma troca regular de um homem armado — presumivelmente um guarda — no mesmo barracão da noite anterior, sugerindo que os prisioneiros se encontravam de fato na construção isolada das outras. Parecia provável que a mudança de guarda ocorresse a cada quatro horas, mas o prazo não era exato. A troca às vezes acontecia com vinte minutos de atraso; e a imprecisão, na opinião de Partridge, indicava uma negligência da parte dos guardas, confirmando a mensagem transmitida por Jessica: A segurança aqui às vezes é relaxada.

Desde a manhã, recipientes parecendo conter comida haviam sido entregues duas vezes por mulheres entrando no barracão em que supostamente estavam os prisioneiros.

A mesma mulher que entregara a comida saíra duas vezes com baldes que esvaziara no mato.

Dentro do povoado, apenas no barracão suspeito havia guarda ou posto de sentinela.

Os homens da guarda estavam armados com rifles automáticos, mas não pareciam ser soldados ou operar como uma unidade treinada.

Durante o dia, todas as idas e vindas de e para Nueva Esperanza eram por barco. Nenhum veículo fora avistado. Os motores nos barcos pareciam não ter uma chave; portanto, seria fácil roubar uma embarcação, se esse fosse o caminho de fuga escolhido. Por outro lado, havia muitas outras embarcações que poderiam ser usadas numa perseguição. Ken O'Hara, que conhecia barcos, identificou os melhores.

Uma conclusão unânime entre os observadores, embora não passasse de uma opinião, era que as pessoas sob observação se achavam totalmente relaxadas, o que parecia indicar que não esperavam uma incursão agressiva do exterior.

Se admitissem essa possibilidade — ressaltou Fernández —, haveria patrulhas por toda parte, inclusive aqui em cima, procurando por pessoas como nós.

Ao anoitecer, Partridge chamou os outros três e anunciou: — Já observamos por tempo suficiente. Vamos descer esta noite. Ele disse a Fernández: — Você vai nos guiar a partir daqui. Quero chegar àquele barracão às duas horas da madrugada. Todos devem permanecer em silêncio durante o percurso. Se precisarmos nos comunicar, devemos sussurrar.

Minh perguntou: — Há alguma ordem de batalha, Harry? — Há, sim. Eu chegarei perto, verei o que for possível lá dentro, depois entrarei na frente. Quero você atrás de mim, cobrindo minhas costas. Fernández ficará atrás, observando os outros barracões para prevenir o aparecimento de qualquer pessoa, mas se juntará a nós, se precisarmos de ajuda.

Fernández balançou a cabeça em assentimento. Partridge virou-se para O'Hara.

— Ken, você irá diretamente para o atracadouro. Decidi que vamos sair daqui de barco. Não sabemos em que condições Jessica e Nicky estão, e talvez eles não consigam viajar por terra.

— Entendido! — exclamou O'Hara. — Presumo que você quer que eu apronte um barco.

— Isso mesmo... e se puder desativar os outros, melhor ainda. Mas não se esqueça de uma coisa: nada de barulho!

— Haverá barulho quando ligarmos o motor.

— Nada disso. Remaremos para longe e deixaremos que a correnteza nos leve quando chegarmos ao meio do rio. Felizmente está seguindo na direção certa. Só ligaremos o motor quando não puderem mais ouvir no povoado.

Mesmo enquanto falava, Partridge sabia que estava presumindo que tudo correria bem. Se tal não acontecesse, teriam de improvisar da melhor forma possível, o que incluía o uso de armas. Recordando o encontro planejado com o Cheyenne II da AeroLibertad, Fernández perguntou: — Já decidiu que pista vamos tentar... Sion ou a outra?

— Tomarei a decisão no barco, dependendo do resto da situação e de quanto tempo vamos dispor.

O necessário agora, concluiu Partridge, era verificar as armas, descartar o equipamento desnecessário e providenciar para que pudessem viajar tão leves e depressa quanto possível.

Uma mistura de excitamento e apreensão envolveu a todos.

21

Em Lima, na manhã de sábado, depois de assistir à partida do Cheyenne II da AeroLibertad, Rita Abrams foi completamente surpreendida por dois fatos.

Primeiro, não esperava o aparecimento no local de Crawford Sloane. Uma mensagem que a aguardava na cabine da CBA na Entel Peru informava que Sloane estaria em Lima no início daquela manhã, talvez já tivesse chegado. Ela ligou para o Cesar's Hotel, onde Sloane se hospedaria, de acordo com a mensagem. Crawf ainda não se registrara, e ela deixou um recado, informando onde se encontrava e pedindo que ele lhe telefonasse.

Segundo, e ainda mais surpreendente, havia a carta de Les Chippingham transmitida por fax, enviada no noite anterior para Harry Partridge. A instrução para pôr a carta num envelope com o aviso de "Pessoal" não tinha sido anotada pelo atarefado operador de fax da Entel e fora entregue com o resto da correspondência, aberta, permitindo que qualquer um a lesse. Rita leu-a e se mostrou incrédula.

Harry estava despedido, dispensado pela CBA! "A partir desta data", dizia a carta; e ele devia deixar o Peru de preferência no sábado — hoje! —, não depois do domingo. Se um voo comercial para os Estados Unidos não estivesse disponível, ele estava autorizado a fretar um avião. Grande coisa! Quanto mais Rita pensava a respeito, mais ridícula e afrontosa parecia a demissão, especialmente agora. A chegada de Crawf a Lima, ela especulou, poderia ter alguma relação com a demissão? Rita tinha certeza que sim e ficou aguardando impaciente a ligação de Sloane para ouvir as explicações, enquanto a raiva pelo tratamento abominável aplicado a Harry aumentava.

E agora não havia como comunicar o conteúdo da carta a Partridge, já que ele estava na selva, a caminho de Nueva Esperanza.

Sloane não telefonou. Ao chegar ao hotel e receber o recado de Rita, pegou um táxi e seguiu imediatamente para a Entel Peru. Já trabalhara em Lima no passado e conhecia a cidade. Sua primeira pergunta para Rita foi: — Onde está Harry?

Ela respondeu bruscamente: — Na selva, arriscando a vida para tentar salvar sua mulher e filho. — Rita estendeu a carta. — O que significa isto?

— De que está falando?

Crawford Sloane pegou a carta e leu, enquanto Rita o observava. Ele leu duas vezes, depois sacudiu a cabeça.

— Isto é um equívoco. Só pode ser.

Ainda havia alguma rispidez na voz de Rita quando ela perguntou: — Está querendo me dizer que não sabe de nada a respeito?

— Claro que não. — Sloane sacudiu a cabeça, impaciente. — Harry é meu amigo. E neste momento preciso mais dele do que qualquer outra pessoa no mundo. Por favor, diga-me o que ele está fazendo na selva... não foi o que acabou de dizer?

Era evidente que Sloane descartara a carta como absurda, algo com que não perderia tempo.

Rita engoliu em seco. Lágrimas afloraram a seus olhos; estava furiosa por seu erro de julgamento e injustiça.

— Oh, Crawf, sinto muito! Pela primeira vez, ela notou as rugas extras de tensão no rosto de Sloane, a angústia em seus olhos. Ele parecia muito pior do que na última ocasião em que o vira, oito dias antes.

— Pensei que você, de alguma forma... Ora, não importa! — Rita recuperou o controle. — Vou explicar o que está acontecendo, o que Harry e os outros tentam fazer.

Ela descreveu a expedição a Nueva Esperanza e o que Partridge esperava realizar. Forneceu detalhes adicionais, explicando as dúvidas de Partridge sobre a segurança telefônica -o motivo para que seu plano não fosse transmitido a Nova York. Ao final, Sloane disse: — Eu gostaria de conversar com o piloto, descobrir como era a situação quando deixou Harry e os outros. Como ele se chama?

— Zileri. — Rita olhou para o relógio. — Provavelmente ainda não voltou, mas telefonarei daqui a pouco e depois iremos até lá. Já comeu alguma coisa?

Sloane sacudiu a cabeça.

— Há uma lanchonete no prédio. Vamos até lá.

Enquanto tomavam café e comiam croissants, Rita comentou, gentilmente: — Crawf, estamos todos chocados e tristes pelo que aconteceu com seu pai... Harry em particular. Sei que ele se culpou por não agir mais depressa, mas não dispúnhamos da informação...

Sloane deteve-a com um gesto. — Jamais culparei Harry por coisa alguma... não importa o que aconteça, mesmo agora. Ninguém poderia ter feito mais.

— Concordo, e é isso que toma esta carta tão incrível. — Mais uma vez, ela exibiu a carta assinada por Les Chippingham. — Isto não é um equívoco, Crawf. Foi intencional. As pessoas não cometem erros assim.

Ele tornou a ler.

— Quando subirmos, telefonarei para Les em Nova York.

— Antes de fazer isso, pense no seguinte: há alguma coisa para trás, algo que você e eu ignoramos. Ontem em Nova York... aconteceu alguma coisa fora do normal?

— Na CBA?

— Isso mesmo.

Sloane procurou se lembrar.

— Acho que não... mas ouvi dizer que Les foi chamado às pressas por Margot Lloyd-Mason. Ele esteve em Stonehenge. Mas não tenho a menor ideia do motivo.

Um pensamento súbito ocorreu a Rita. — Poderia ser algo relacionado com a Globanic? Talvez isto.

Abrindo a bolsa, ela tirou as folhas de papel que Harry Partridge lhe entregara naquela manhã. Sloane leu-as.

— Muito interessante! Uma grande operação, dinheiro alto! Onde conseguiu isto?

— Harry.

Rita repetiu o que Partridge lhe contara a caminho do aeroporto — como recebera o documento do comunicador de rádio peruano, Sérgio Hurtado, que tencionava divulgar a informação na semana seguinte. E acrescentou: — Harry disse que não planejava usar a história. Em sua opinião, era o mínimo que podia fazer pela Globanic, que passa manteiga em nosso pão.

— Pode haver uma ligação entre isto e a demissão de Harry — comentou Sloane, pensativo. — Vejo uma possibilidade. Vamos subir e ligar para Les agora.

— Há uma coisa que quero fazer primeiro, quando chegarmos lá. Essa coisa era chamar Victor Velasco.

Quando o gerente internacional da Entel apareceu, alguns minutos depois, Rita disse: — Quero uma linha segura para Nova York, sem ninguém escutando.

Velasco parecia embaraçado. — Tem motivos para supor...

— Tenho.

— Por favor, vamos para a minha sala. Podem usar um telefone ali.

Rita e Crawford Sloane seguiram o gerente para uma sala agradável e acarpetada, no mesmo andar.

— Podem usar minha mesa. — Ele apontou para um telefone vermelho. — Aquela linha é segura. Eu garanto. Podem fazer uma ligação direta.

— Obrigada.

Com Partridge a caminho de Nueva Esperanza, Rita não tinha a menor intenção de permitir que seu paradeiro, que podia ser mencionado na conversa, se tomasse conhecido das autoridades peruanas.

Com um sinal de cabeça cortês, Velasco deixou a sala e fechou a porta.

Sloane, sentando à mesa, tentou primeiro a linha direta de Les Chippingham na CBA. Ninguém atendeu -o que era normal numa manhã de sábado. O que não era normal era o fato do diretor de jornalismo da CBA não ter deixado com a telefonista um número em que podia ser encontrado. Consultando um caderninho de telefones, Sloane tentou um terceiro número, o apartamento de Chippingham em Manhattan. Também ninguém atendeu. Havia um número em Scarsdale onde Chippingham passava às vezes o fim de semana. Mas ele também não estava ali.

— Parece que ele procurou deliberadamente não estar disponível esta manhã — comentou Sloane.

Ele continuou sentado, pensativo, avaliando uma decisão.

— Em que está pensando? — perguntou Rita.

— Em ligar para Margot Lloyd-Mason. — Ele pegou o telefone vermelho. — E é o que vou fazer.

Sloane tornou a bater o código exterior dos Estados Unidos e depois o número de Stonehenge. Uma telefonista informou: — A Sra. Lloyd-Mason não está no escritório hoje.

— Aqui é Crawford Sloane. Pode me dar o número da casa dela, por favor?

— Não consta da lista, Sr. Sloane. E não estou autorizada a fornecê-lo.

— Mas você o tem?

A telefonista hesitou. — Tenho, sim, senhor.

— Qual é o seu nome, telefonista?

— Noreen.

— Um lindo nome; sempre gostei dele. E agora, por favor, preste muita atenção, Noreen. Por falar nisso, reconhece minha voz?

— Claro que sim, senhor. Assisto ao jornal todas as noites. Mas ultimamente ando preocupada...

— Obrigado, Noreen. Eu também. Estou ligando de Lima, Peru, preciso muito falar com a Sra. Lloyd-Mason. Se me fornecer o número, prometo que não contarei a ninguém como o obtive, e na próxima vez que for a Stonehenge passarei por aí para lhe agradecer pessoalmente.

— Oh! Faria mesmo isso, Sr. Sloane? Nós todas adoraríamos.

— Sempre cumpro as promessas. Qual é o número, Noreen?

Sloane anotou enquanto ela dizia.

Desta vez a ligação foi atendida no segundo toque da campainha por uma voz de homem, que parecia de um mordomo. Sloane identificou-se e pediu para falar com a Sra. Lloyd-Mason.

Esperou vários minutos, até ouvir a voz inconfundível de Margot — Alô?

— Aqui é Crawf. Estou ligando de Lima.

— Foi o que me disseram, Sr. Sloane. Estou curiosa sobre o seu motivo para me telefonar, ainda mais em casa. Primeiro, no entanto, eu gostaria de oferecer meus pêsames pela morte de seu pai.

— Obrigado.

Extraordinariamente para alguém em sua posição, Sloane nunca mantivera um relacionamento de primeiro nome com a presidente da CBA, e era evidente que ela tencionava manter a coisa assim. Ele também desconfiou, pelo tom e indiferença de Margot, que não descobriria nada com perguntas diretas. Resolveu tentar o antigo recurso dos jornalistas, que quase sempre funcionava, até mesmo com pessoas sofisticadas.

— Sra. Lloyd-Mason, ontem, quando decidiu despedir Harry Partridge da CBA, sabia o quanto ele realizou no esforço global para encontrar e libertar minha mulher, filho e pai?

A resposta foi explosiva. — Quem lhe contou que foi minha decisão?

Sloane sentiu-se tentado a dizer: Você acaba de me contar! Mas conteve-se e comentou apenas: — No telejornalismo, onde há muita união, quase nada fica em segredo. É por isso que estou ligando.

Margot declarou rispidamente: — Não quero falar sobre isso agora.

— É uma pena — disse Sloane, falando depressa, antes que ela pudesse desligar —, porque pensei que talvez quisesse conversar sobre a ligação entre a demissão de Harry e a grande operação financeira que a Globanic está negociando com o Peru. As reportagens honestas de Harry ofenderam alguém que pode influir nas negociações?

Houve um silêncio prolongado no outro lado da linha, e ele pôde ouvir nitidamente a respiração de Margot. Depois, em voz abafada, ela perguntou: — Onde soube disso?

Então, no final das contas, havia mesmo uma ligação! — Harry Partridge tornou conhecimento da operação. É um repórter de primeira classe, um dos melhores em nosso meio, e neste momento está arriscando a vida pela CBA.

Mas decidiu que não usaria a informação. Suas palavras, pelo que estou informado, foram as seguintes: "É o mínimo que posso fazer pela Globanic, que passa manteiga em nosso pão!”

Outro silêncio. Depois, Margot indagou: — Quer dizer que o assunto não será divulgado?

— Ah, esse é outro problema! — Em circunstâncias diferentes, pensou Sloane, ele poderia até apreciar a situação; agora, no entanto, sentia-se profundamente deprimido. — Há um repórter de rádio em Lima que descobriu a história, tem uma cópia do acordo e tenciona divulgá-lo na próxima semana. Tenho a impressão de que a notícia será divulgada também fora do Peru. Não concorda?

Margot não respondeu. Especulando se ela desligara, Sloane perguntou: — Ainda está na linha?

— Estou.

— E por acaso está desejando não ter feito o que fez com Harry Partridge?

— Não. — A resposta parecia desencarnada, como se a mente de Margot estivesse distante. — Não. Eu pensava em outras coisas.

— Sra. Lloyd-Mason... — Crawford Sloane usou o tom cortante que às vezes empregava para notícias repulsivas no jornal — ...alguém já lhe disse ultimamente que é uma piranha desumana?

Ele desligou o telefone vermelho.

Margot também desligou quando seu telefone ficou mudo. Um dia, muito em breve, ela decidiu, encontraria um meio de dar um jeito no presunçoso Sr. Crawford Sloane.

Mas aquele não era o momento. Agora, outras coisas eram mais importantes.

A notícia que acabava de receber sobre a Globanic e o Peru deixou-a muito abalada. Mas já tinha ficado abalada no passado, e raramente permanecia assim por muito tempo.

Margot não subiu tão alto e tão depressa no mundo dos negócios sem sofrer graves reveses, e quase sempre conseguia revertê-los em seu proveito. Precisava encontrar uma maneira de fazer isso agora. Avaliou as iniciativas que podia tomar.

Sem a menor dúvida, devia ligar para Theo Elliott hoje mesmo. Ele nunca se importava de ser incomodado com problemas importantes, em qualquer ocasião, até mesmo nos fins de semana. Diria a ele que fora informada de que

circulava no Peru a notícia sobre a operação da Globanic, que um repórter peruano obtivera uma cópia da minuta do acordo e estava prestes a divulgá-la. Nada tinha a ver com a CBA ou, diga-se de passagem, com qualquer outra rede ou jornal dos Estados Unidos; era um vazamento peruano local, embora terrível.

Era uma situação lamentável, ela diria a Theo, não queria fazer julgamentos, mas não podia deixar de especular: Fossie Xenos teria sido negligente com as pessoas com quem falara, em particular no Peru? Parecia possível, com base no que ela ouvira, que o entusiasmo pelo qual Fossie era afamado o levasse à indiscrição.

Diria também a Theo que o assunto, pela atividade entre a imprensa peruana, chegara ao conhecimento da CBA. Ela, porém dera ordens expressas para que a CBA nada divulgasse.

Com um pouco de sorte, refletiu, no início da próxima semana qualquer atenção adversa seria transferida de sua pessoa para Fossie. Ótimo! Durante suas considerações, Margot pensou por um instante em Harry Partridge. Ele deveria ser reintegrado? Ela decidiu que não. Isso só serviria para confundir as coisas, e Partridge não era importante.

Portanto, a decisão permanecia. Além do mais, Theo ainda haveria de querer telefonar para o presidente Castañeda do Peru na segunda-feira, comunicando que o elemento incômodo estava demitido e afastado do Peru.

Sorrindo, confiante em sua estratégia, ela pegou o telefone e ligou para a casa de Theo Elliott.

22

O proprietário e piloto da AeroLibertad, Oswaldo Zileri, já ouvira falar de Crawford Sloane e mostrou-se devidamente respeitoso.

— Quando seus amigos contrataram o voo, Sr. Sloane, eu disse que não queria saber qual era o propósito. Agora que o vejo aqui, posso imaginar, e desejo sorte a todos.

— Obrigado. — Sloane e Rita estavam no modesto escritório de Zileri no aeroporto de Lima. — Como parecia a situação quando deixou o Sr. Partridge e os outros esta manhã?

Zileri deu de ombros. — Como sempre, tratando-se de selva... verde, impenetrável, interminável. Não havia qualquer atividade, além da dos seus amigos.

Rita disse a Zileri: — Quando falamos sobre passageiros extras na volta, esperávamos que fossem três. Mas agora serão apenas dois.

— Já ouvi a triste notícia sobre o pai do Sr. Sloane. — O piloto sacudiu a cabeça. — Vivemos em tempos selvagens.

Sloane começou: — Eu gostaria de saber se agora... Zileri concluiu por ele: — Não haveria lugar para o senhor e a Srta. Abrams nas outras viagens, uma, duas ou mais, a fim de trazer o pessoal de volta.

— Isso mesmo.

— Está certo. Como um dos passageiros esperados é um menino, e não haverá carga ou bagagem, o peso não será problema. Devem estar aqui amanhã, antes do amanhecer; e no dia seguinte, se precisarmos de outra viagem.

— Estaremos. — Rita virou-se para Sloane. — Harry não estava otimista sobre a possibilidade de um contato no primeiro dia. O voo é uma precaução, para o caso de eles precisarem. Desde o início ele achava que o segundo dia seria mais provável.

Havia outra coisa que Rita sentia que tinha de fazer. Não contou a Crawf, mas escreveu uma mensagem a ser transmitida por fax para Les Chippingham, que o aguardaria na manhã de segunda-feira. Deliberadamente não enviou a mensagem para a máquina de fax no gabinete do presidente da rede CBA, mas sim para Ferradura. Seria o inverso de particular e poderia ser lida por outros — como acontecera com a carta de Chippingham demitindo Harry Partridge ao chegar à Entel Peru.

Rita assim endereçou sua comunicação:

L. W. Chippingham,

Presidente da rede CBA.

Cópias: Todos os Quadros de Avisos

Ela não tinha ilusões de que a mensagem iria para todos os quadros de avisos. Isso jamais aconteceria. Mas era um alerta, que seria compreendido pelos companheiros na Ferradura, de que ela queria a mais ampla divulgação. Alguém faria uma cópia ou cópias, que seriam distribuídas e lidas, provavelmente copiadas muitas outras vezes. A mensagem era a seguinte:

Seu filho da puta sórdido, egoísta e covarde! Despedir Harry Partridge da maneira como você fez — sem motivo, aviso ou sequer uma explicação —, apenas para satisfazer sua amiguinha, a Mulher de Gelo, Lloyd-Mason, é uma traição a tudo que costumava ser justo e decente na CBA.

Harry sairá desta confusão cheirando como Chanel nº 5. Você já fede como o rato de esgoto que é.

Como fui capaz de ir para a cama com você regularmente é algo além da minha compreensão. Mas nunca mais! Mesmo que você fosse o último pau duro no mundo, eu não admitiria que chegasse perto de mim.

Quanto a continuar trabalhando para você por mais tempo... de jeito nenhum!

Com profunda tristeza pelo que você já foi, em comparação com o que se tornou,

Sua ex-amiga, ex-admiradora, ex-amante e ex-produtora

Rita Abrams

Obviamente, pensou Rita, depois que a mensagem fosse recebida e digerida, Harry não seria o único que teria de procurar um novo emprego. Mas ela não se importava.

Sentiu-se muito melhor ao observar o fax deixar a Entel Peru, sabendo que um momento depois já estaria em Nova York.

Eram 2h10 da madrugada em Nueva Esperanza.

23

Jessica sentia-se inquieta desde várias horas, dormindo e acordando, sonhando às vezes -os sonhos se transformando em pesadelos fundidos com a realidade.

Momentos antes, convencida de que estava desperta, Jessica espiara através da janela tosca diante de sua cela e tivera a impressão de avistar na luz difusa refletida do interior o rosto de Harry Partridge. Depois o rosto desaparecera, tão subitamente quanto surgira. Estaria mesmo desperta? Ou ainda sonhava? Não seria talvez uma alucinação? Jessica sacudia a cabeça, tentando desanuviá-la, quando o rosto tornou a aparecer, erguendo-se lentamente acima do nível mais baixo da janela e desta vez ali permanecendo.

Uma mão fez um sinal que Jessica não entendeu, mas ela estudou o rosto outra vez. Seria mesmo possível? Seu coração disparou ao chegar a uma conclusão: Era possível! Era mesmo Harry Partridge! O rosto estava formulando alguma coisa silenciosamente, os lábios fazendo movimentos exagerados, tentando uma comunicação. Jessica concentrou-se, tentando compreender, conseguiu absorver as palavras "o guarda". Era isso: Onde estava o guarda? O guarda no momento era Vicente. Entrara de serviço uma hora antes — aparentemente muito atrasado — e tivera uma discussão acalorada com Ramón, que fizera o turno anterior. Ramón gritara furioso. Vicente, ao responder, parecia

embriagado — pelo menos sua voz era engrolada. Jessica não se importara com a discussão, mas, como sempre, ficara contente com a saída de Ramón, que era perverso e imprevisível, ainda insistia na lei do silêncio para os prisioneiros, àquela altura já não mais imposta pelos outros guardas.

Virando a cabeça, Jessica avistou Vicente. Ele estava sentado na cadeira que todos os guardas ocupavam, além das celas e fora de vista da janela. Ela não podia ter certeza, mas seus olhos pareciam fechados. O rifle automático fora encostado na parede, ao seu lado. Perto, um lampião a querosene pendia de uma viga do teto; era pela luz refletida do lampião que Jessica podia ver o rosto lá fora.

Tomando todo cuidado, uma precaução para a possibilidade de Vicente observá-la, Jessica respondeu à pergunta silenciosa, inclinando a cabeça na direção do lugar em que ele sentava.

No mesmo instante, a boca no rosto à janela — Jessica ainda tinha dificuldade para aceitar que era Harry Partridge — começou a formular palavras outra vez. Ela voltou a se concentrar. Compreendeu a mensagem na terceira vez: "Chame-o!" Jessica acenou com a cabeça ligeiramente, avisando que entendera. Seu coração batia forte à visão de Harry. Só podia significar, ela pensou, que o resgate pelo qual haviam esperado por tanto tempo estava acontecendo, finalmente. Ao mesmo tempo, ela sabia que não seria fácil concluir o que fora iniciado.

— Vicente!

Ela alteou a voz não mais do que julgava necessário, mas o som não foi suficiente para penetrar no cochilo do guarda. Um pouco mais alto, ela tentou de novo: — Vicente!

Desta vez ele se mexeu. Os olhos se abriram e fitaram os de Jessica. E foi nesse instante que ela fez um sinal para que Vicente se aproximasse.

Vicente remexeu-se na cadeira. Começou a se levantar, e Jessica, observando-o, teve a impressão de que ele se organizava mentalmente, tentando ficar sóbrio. Vicente começou a avançar em sua direção, depois voltou apressado para pegar o rifle. Manteve-o numa posição profissional, ela notou, pronto para usá-lo, se fosse necessário.

Era melhor ter uma boa desculpa para chamar Vicente, raciocinou Jessica, decidindo que indagaria por gestos se podia ir para a cela de Nicky. O pedido seria recusado, mas àquela altura isso não tinha a menor importância.

Não tinha ideia do que Harry pretendia fazer. Sabia apenas, enquanto sua ansiedade e tensão aumentavam, que aquele era o momento com que sonhara,

embora temendo que nunca ocorresse.

Agachado sob a janela, Partridge apertou a pistola Browning 9mm, o silenciador projetando-se do cano. Até agora tudo transcorrera exatamente como o planejado, mas ele sabia que a parte mais difícil e crucial da ação estava prestes a começar.

Os próximos segundos lhe ofereceriam alternativas limitadas, uma das quais teria de escolher. Pelo que parecia agora, poderia render o guarda, usando a Browning como uma ameaça, deixando-o depois na cabana amarrado e amordaçado ou levando-o como um cativo. A segunda opção era a pior. Havia uma terceira possibilidade: matar o guarda — mas isso era algo que preferia não fazer.

Uma coisa atuava em seu favor: Jessica era esperta, ágil para pensar e compreender — exatamente como a lembrava.

Ele escutou-a chamar duas vezes, ouviu pequenos ruídos em algum lugar fora de sua vista, depois passos, quando o guarda se adiantou. Partridge prendeu a respiração, pronto para arriar abaixo do nível da janela se o guarda virasse a cabeça em sua direção.

O que não aconteceu. O homem ficou de costas para Partridge e de frente para Jessica. Isso proporcionou a Partridge um segundo extra para avaliar a situação.

A primeira coisa que ele percebeu foi que o guarda empunhava um rifle automático Kalashnikov, uma arma que Partridge conhecia muito bem; e pela maneira como era empunhada, o guarda sabia como usá-la. Em comparação com o Kalashnikov, a Browning de Partridge era insignificante.

A conclusão era inevitável: Partridge teria de matar o guarda, e atirando primeiro, com a vantagem da surpresa.

Mas havia um obstáculo: Jessica. Ela estava agora na linha do guarda e Partridge. Um tiro disparado contra o guarda poderia acertar em Jessica.

Partridge tinha de arriscar. Não haveria outra oportunidade, não podia haver outra opção. E a aposta seria no pensamento rápido e ação instantânea de Jessica. Respirando fundo, Partridge disse, em alto e bom som: — Jessica, jogue-se no chão... agora!

No mesmo instante o guarda virou-se, o rifle levantado, puxando a trava de segurança. Mas Partridge já tinha a Browning levantada e apontada. Um momento antes lembrara-se do conselho de um instrutor de tiro, que o ensinara a usar armas: "Se quer matar uma pessoa, não mire a cabeça. Por mais gentilmente que aperte o gatilho, as possibilidades sempre são de que a arma levante e a bala

saia mais alto, talvez por cima da cabeça. Por isso, mire o coração ou um pouco mais baixo. Assim, mesmo que a bala saia mais alto, causará muito dano, provavelmente matará e se não matar, você terá a oportunidade de um segundo tiro." Partridge apertou o gatilho, e a Browning disparou quase sem barulho. Embora tivesse experiência com silenciadores, a ausência quase total de ruído sempre surpreendia Partridge. Ele espiou pelo visor, pronto para um segundo tiro, mas não foi necessário. O primeiro atingira o guarda no peito, mais ou menos no lugar em que o coração deveria estar, o sangue começava a aparecer. Por um instante o homem pareceu surpreso depois caiu no mesmo lugar, largando o rifle, que criou o único barulho Mesmo antes que isso acontecesse, Partridge vira Jessica jogar-se* no chão, obedecendo prontamente à sua ordem. Num recesso de sua mente, ele sentiu-se aliviado e grato. Jessica agora se levantava.

Partridge virou-se para a porta da cabana, mas um vulto em movimento rápido se antecipou. Era Minh Van Canh, que se postara em sua retaguarda, como ordenado, mas agora trocava de posição, adiantando-se. Minh encaminhou-se para o guarda, sua Uzi de prontidão depois confirmou com um sinal de cabeça para Partridge, entrando na cabana, que o homem estava morto. Minh avançou em seguida para a cela de Jessica, examinou o cadeado que a prendia e perguntou: — Onde está a chave?

— Em algum lugar na área em que o guarda sentava. A da cela de Nicky também.

Na cela ao lado, Nicky agitou-se, saindo do sono. Sentou abruptamente.

— O que está acontecendo, mamãe?

Jessica assegurou-lhe: — Está tudo bem, Nicky. É o melhor que podia acontecer.

Nicky olhou para os recém-chegados — Partridge aproximando-se e segurando o rifle Kalashnikov, que acabara de pegar, e Minh recolhendo as chaves, penduradas num prego na parede.

— Quem são eles, mamãe?

— Amigos, querido. Grandes amigos.

Nicky, ainda sonolento, animou-se. Foi então que avistou o vulto caído e imóvel, no meio de uma poça de sangue se alargando, e gritou: — É Vicente! Eles mataram Vicente! Por quê?

— Cale-se, Nicky! — advertiu Jessica.

Mantendo a voz baixa, Partridge respondeu: — Não gostei de fazer isso, Nicholas. Mas ele ia atirar em mim. Se o fizesse, eu não poderia tirar você e sua

mãe daqui, que é o que viemos fazer.

Com um lampejo de reconhecimento, Nicky murmurou: — É o Sr. Partridge, não é mesmo?

— Isso mesmo.

Jessica disse, emocionada: — Oh, Harry, Deus o abençoe! Harry querido!

Sempre falando baixo, Partridge advertiu-a: — Ainda não escapamos e temos um longo caminho a percorrer. E temos de fugir depressa.

Minh voltara com as chaves e experimentava-as, uma a uma, no cadeado da cela de Jessica. Um instante depois, a porta foi aberta e Jessica saiu. Minh foi até a cela de Nicky e também experimentou as chaves. Em poucos segundos o menino também estava livre, e Jessica Abraçou-o por um momento, na área entre as celas e a porta da cabana.

— Ajude-me! — pediu Partridge a Minh.

Ele arrastava o corpo do guarda para a cela de Nicky; juntos, levantaram o cadáver para a cama de madeira baixa. A ação não impediria a descoberta da fuga dos prisioneiros, pensou Partridge, mas poderia protelá-la um pouco. Com a mesma motivação, ele reduziu a luz do lampião a querosene, mergulhando na escuridão o interior da cabana.

Nicky deixou Jessica e aproximou-se de Partridge, dizendo em voz monótona: — Não importa a morte de Vicente, Sr. Partridge. Ele nos ajudou algumas vezes, mas era um deles. Mataram meu avô e cortaram dois dedos meus, por isso não posso mais tocar piano.

Ele levantou a mão enfaixada.

— Pode me chamar de Harry — disse Partridge. — Eu já sabia sobre seu avô e os dedos. E lamento profundamente.

Nicky tornou a falar, a voz tensa e rígida: — Conhece a síndrome de Estocolmo, Harry? Minha mãe conhece. Se quiser, ela poderá lhe contar.

Sem responder, Partridge examinou Nicky atentamente. Já deparara com o choque antes — em pessoas afetadas por mais exposição ao perigo ou desastre do que suas mentes podiam absorver —, e o tom e escolha de palavras do menino nos últimos minutos indicavam sintomas de choque. Nicky precisaria de ajuda muito em breve. Enquanto isso, fazendo o melhor que podia, Partridge inclinou-se e passou o braço pelos ombros do menino. Sentiu Nicky reagir, aconchegando-se contra ele.

Partridge percebeu que Jessica observava, o rosto indicando a mesma preocupação. Ela também gostaria que o guarda pudesse ter sido outro que não

Vicente. Se fosse Ramón, não ficaria absolutamente perturbada. Mesmo assim, estava consternada com as palavras e a atitude de Nicky.

Partridge balançou a cabeça, tentando transmitir segurança a Jessica, ao mesmo tempo em que ordenava: — Vamos embora.

Com a mão livre, ele segurava o Kalashnikov; era uma boa arma e poderia ser útil. Também pusera no bolso dois pentes de balas extras que encontrara em poder do guarda.

Minh se postava na porta. Recuperara a câmera lá fora e agora levantou-a, registrando a partida, com as celas ao fundo. Partridge notou que Minh usava uma lente noturna especial — a infravermelha não funcionava em videoteipe —, o que propiciaria imagens aceitáveis, mesmo na semiescuridão.

Desde o dia anterior, Minh filmava cenas de vez em quando, embora de forma seletiva e comedida, já que houvera limitações no número de cassetes que pudera trazer.

Foi nesse instante que Fernández, que estivera observando os outros prédios, entrou na cabana. Avisou a Partridge, ofegante: — Uma mulher... vindo para cá! Sozinha. Acho que está armada.

Os passos se tomaram audíveis e próximos. Não havia tempo para ordens ou disposições. Todos ficaram imóveis onde se encontravam, Jessica se encontrava perto da porta, mas para o lado. Minh se postava diante da entrada, os outros mais para trás, nas sombras. Partridge tinha o Kalashnikov levantado. Sabia que se disparasse agora acordaria todo o povoado, mas para pegar a Browning com o silenciador teria de largar o rifle e trocar de mão. Não havia tempo.

Socorro entrou apressada. Usava um roupão e empunhava um revólver Smith & Wesson apontado para a frente, engatilhado. Jessica já vira Socorro com uma arma antes, mas sempre no coldre, nunca na mão.

Apesar da arma, Socorro não parecia esperar por qualquer coisa fora do normal; na semiescuridão, a princípio confundiu Minh, que se encontrava mais próximo, com o guarda.

— Pensé que escuché... — Percebeu então que não era o guarda e olhou para a esquerda, avistando Jessica. Surpresa, ela murmurou: — Que haces...?

O que aconteceu em seguida ocorreu tão depressa, que, mais tarde, ninguém foi capaz de descrever a sequência de eventos.

Socorro levantou o revólver e, com o dedo no gatilho, avançou rapidamente para Jessica. Mais tarde, presumiu-se que ela tentava capturar Jessica e mantê-la como refém, talvez com o revólver encostado em sua cabeça.

Jessica percebeu o avanço no mesmo instante e, com igual rapidez, recordou as lições de combate que aprendera, mas que não usara desde a captura. Embora tentada a empregá-las em ocasiões anteriores, compreendera que isso de nada adiantaria, resolvendo reservá-las para um momento em que pudessem realmente ser úteis.

O brigadeiro Wade enfatizara durante as aulas e demonstrações: "Quando um adversário avançar em sua direção, seu instinto humano é de recuar. O adversário também esperará por isso. Mas não o faça! Em vez disso, surpreenda-o e se adiante — chegue mais perto!" com uma incrível agilidade, Jessica saltou para Socorro, levantando o braço esquerdo, rígido, contra o braço direito da mulher. Os braços se tocaram com algum barulho, o de Socorro levantando involuntariamente, a mão forçada para trás, até que os dedos se abriram num reflexo e a arma caiu. Toda a manobra não durara mais que um segundo, Socorro mal entendendo o que acontecera.

Sem qualquer pausa, Jessica enfiou dois dedos rígidos na carne macia sob o queixo de Socorro, comprimindo a traqueia e impedindo-a de respirar. Ao mesmo tempo, estendeu uma perna por trás da oponente e empurrou-a para trás, desequilibrando— a. Virou-a em seguida, mantendo-a na posição de estrangulamento e tomando impossível qualquer movimento. Se fosse uma guerra, o passo seguinte seria partir o pescoço de Socorro, matando-a.

Jessica, que nunca matara ninguém e jamais imaginara que poderia ter de fazer isso, hesitou. Sentiu Socorro se debatendo para falar e atenuou um pouco a pressão dos dedos. Ofegante, Socorro suplicou, num sussurro: — Deixem-me ir... ajudarei vocês... fugirei também... conheço o caminho.

Partridge se aproximou o suficiente para ouvir, e perguntou a Jessica: — Pode confiar nela?

Mais uma vez, Jessica hesitou. Teve um momento de compaixão. Socorro não se mostrara totalmente má. Desde o início, Jessica tivera a impressão de que os dias de Socorro nos Estados Unidos como enfermeira haviam-na inclinado para o bem. Cuidara de Nicky depois das queimaduras e, mais tarde, quando seus dedos foram cortados.

Havia ainda o incidente da barra de chocolate, que Socorro jogara no barco quando os três estavam famintos. Socorro melhorara as condições de vida ao providenciar as aberturas nas paredes — desobedecera às ordens de Miguel ao permitir que Jessica fosse para a cela de Nicky...

Mas também foi Socorro que participou do sequestro desde o início e que gritara, insensível, quando os dedos de Nicky eram cortados: "Cale-se! Não

há a menor possibilidade de impedir o que vai acontecer." Depois, em sua mente, Jessica ouviu as palavras de Nicky, pronunciadas apenas uns poucos minutos antes: "Não importa a morte de Vicente... Ele nos ajudou algumas vezes, mas era um deles... Conhece a síndrome de Estocolmo? Minha mãe conhece... Cuidado com a síndrome de Estocolmo!”

Jessica respondeu à pergunta de Partridge sacudindo a cabeça e declarou: — Não!

Os olhos se encontraram.

Harry ficou espantado com a demonstração de habilidade de Jessica no combate corpo a corpo. Especulou onde ela aprendera e por quê. No momento, porém, isso não importava. O que importava era que Jessica alcançara um ponto de decisão, e seus olhos faziam uma indagação a Partridge. Ele fez um sinal com a cabeça. E depois virou-se, não querendo testemunhar o que aconteceria em seguida.

Estremecendo, Jessica aumentou a pressão, partiu o pescoço de Socorro e torceu a cabeça bruscamente para romper a medula espinhal. Houve um estalido, surpreendentemente fraco, e o corpo que Jessica segurava ficou inerte. Ela deixou-o cair.

Liderado por Partridge, com Jessica, Nicky, Minh e Fernández seguindo em silêncio, o grupo atravessou o povoado às escuras, sem encontrar ninguém. No atracadouro, Ken O'Hara disse: — Pensei que nunca chegariam aqui.

— Tivemos problemas — informou Partridge. — Vamos sair depressa! Qual é o barco?

— Aquele.

Era uma embarcação de madeira aberta, com cerca de dez metros de comprimento e dois motores de popa. Dois cabos a prendiam ao atracadouro.

— Peguei um pouco de combustível extra nos outros barcos — acrescentou O'Hara, apontando para vários recipientes de plástico perto da popa.

— Todos a bordo! — ordenou Partridge.

Antes, uma lua quase cheia fora obscurecida por uma nuvem, mas nos últimos minutos a nuvem se deslocara e agora tudo se achava mais claro, em particular sobre a água.

Fernández ajudou Jessica e Nicky a embarcarem. Jessica tremia incontrolavelmente e sentia-se enjoada, efeitos posteriores de ter matado Socorro apenas poucos minutos antes. Minh, filmando o cais, foi o último a pular para bordo, enquanto O'Hara soltava os cabos e usava um remo para se afastar da

margem. Fernández pegou outro remo. Os dois levaram o barco para o meio da correnteza.

Olhando ao redor, Partridge percebeu que O'Hara aproveitara o tempo de espera de forma eficaz. Vários barcos haviam afundado na água perto da margem, outros estavam à deriva.

— Arranquei algumas tampas. — O'Hara gesticulou para os barcos mais próximos. — Aqueles podem flutuar de novo, mas vai demorar um pouco. E joguei dois bons motores no rio.

— Bom trabalho, Ken.

A decisão de trazer O'Hara já fora justificada várias vezes, pensou Partridge.

Não havia assentos apropriados no barco. Como a embarcação em que Jessica, Nicky e Angus haviam viajado antes, os passageiros sentavam em tábuas que se estendiam da proa à popa, por cima da quilha. Os dois remadores haviam se posicionado em lados opostos e se esforçavam em alcançar o meio do Rio Huallaga. À medida que a vista de Nueva Esperanza se desvanecia ao luar, uma forte correnteza já começava a levá-los rio abaixo.

Partridge verificara a hora ao deixarem o cais: 2h35. Às 2h50, com o barco se deslocando depressa, no curso noroeste do rio, ele disse a Ken O'Hara que podia ligar os motores.

O'Hara abriu o vazamento de ar do tanque de combustível, ajustou um afogador, bombeou uma bola de borracha e deu um puxão no cordão. O motor pegou no mesmo instante.

Ele ajustou a velocidade e repetiu o processo com o segundo motor. Quando acelerou, o barco arremeteu para a frente.

O céu permanecia claro. O luar intenso, refletido na água, tomava a navegação relativamente fácil, ao longo do curso sinuoso do rio. Fernández perguntou: — Já decidiu para que pista vamos? Partridge fez seus cálculos, visualizando o mapa de Fernández, que àquela altura já conhecia quase de cor.

Primeiro, a escolha do rio para a partida excluíra o encontro no pouso na estrada, por onde haviam chegado. Isso deixava como alternativas a pista intermediária usada pelos traficantes de drogas, que podiam alcançar em uma hora e meia, ou a pista mais distante de Sion, o que significaria uma viagem de três horas pelo rio e mais uma jornada a pé de cinco quilômetros pela selva — um desafio difícil, como já sabiam.

Não seria fácil chegar a Sion às oito da manhã, quando o Cheyenne II da AeroLibertad sobrevoaria o local. Por outro lado, a pista intermediária podia ser

alcançada várias horas antes; neste caso, contudo, se uma perseguição os encontrasse ali, haveria um tiroteio, que quase certamente perderiam, pela inferioridade numérica e de armamentos.

Portanto, o melhor e mais sensato parecia ser distanciarem-se o máximo possível de Nueva Esperanza.

— Vamos para Sion — anunciou Partridge. — Quando desembarcarmos, teremos de avançar depressa pela selva. Por isso, tratem de descansar tanto quanto conseguirem.

À medida que o tempo passava, Jessica foi recuperando o controle; o tremor involuntário cessou, a náusea desapareceu. Ela duvidava, porém, que algum dia fosse capaz de recuperar a paz de espírito, depois do que fizera. A lembrança do sussurro suplicante e desesperado de Socorro a atormentaria por muito tempo.

Mas Nicky estava são e salvo — pelo menos por enquanto —, e isso era o mais importante.

Ficou observando o filho, percebendo que ele permanecia junto de Harry Partridge desde que haviam deixado a prisão, às vezes quase sob seus pés. Parecia que Harry era um ímã a que Nicky procurava se ligar. Mesmo agora, ele se instalara ao lado de Harry no barco, obviamente querendo algum contato físico, aconchegando-se. Harry dava a impressão de não se importar. Como já acontecera antes, Harry até passou o braço pelos ombros de Nicky, e os dois pareciam um só naquele momento.

Jessica gostava disso. Parte do sentimento de Nicky — algo inevitável, ela refletiu — era o fato de Harry, aparecendo daquela maneira, representar o oposto da quadrilha impiedosa que promovera todos os horrores por que haviam passado — Miguel, Baudelio, Gustavo, Ramón... os outros conhecidos e desconhecidos... até mesmo Vicente e Socorro.

Mas havia mais do que isso. O instinto de Nicky em relação às pessoas sempre tinha sido bom. Jessica outrora amara Harry — de certa forma, ainda amava, especialmente agora, quando gratidão e amor se misturavam. Portanto, não lhe parecia estranho que o filho instintivamente partilhasse esse sentimento.

Nicky parecia ter dormido. Desvencilhando-se gentilmente, Partridge foi sentar ao lado de Jessica. Fernández, observando o movimento, também trocou de lado, equilibrando o barco.

Partridge também estivera pensando no passado -o que ele e Jessica haviam significado um para o outro. E mesmo naquele curto período, ele pudera constatar que Jessica não mudara essencialmente. Todas as coisas que ele mais

admirara — sua mente ágil, espírito forte, entusiasmo, desembaraço inteligente — ainda persistiam, Partridge sabia que seu amor antigo ressuscitaria se permanecesse ao lado de Jessica por algum tempo. Um pensamento tentador — só que isso não aconteceria.

Jessica virou-se para ele, talvez lendo seus pensamentos. Ele recordou que nos velhos tempos isso ocorria com frequência.

— Quando ainda era prisioneira, houve algum momento em que perdeu a esperança? — perguntou ele.

— Houve ocasiões em que estive perto disso, mas nunca totalmente. — Jessica sorriu. — Claro que faria uma grande diferença se eu soubesse que você estava no comando da operação de resgate.

— Formamos uma equipe, que Crawf também integrava. Ele passou pelo inferno, mas a mesma coisa aconteceu com você. Quando voltarmos, precisarão muito um do outro.

Partridge sentiu que ela compreendia o que ele também insinuava: embora eu tenha retomado a sua vida por um instante, muito em breve tornarei a desaparecer. — É um doce pensamento, Harry. E o que você vai fazer?

Ele deu de ombros.

— Continuarei a ser um repórter, Haverá outra guerra em algum lugar. Sempre há.

— E entre as guerras?

Não havia respostas para algumas perguntas. Ele mudou de assunto. — Nicky está bem... o tipo de menino que eu gostaria de ter como filho.

Podia ter acontecido, pensou Jessica. Para nós dois, há tantos anos.

Sem querer, Partridge descobriu-se a pensar em Gemma e em seu filho que não nascera.

Ouviu Jessica suspirar ao seu lado.

— Oh, Harry...

Ficaram em silêncio, escutando o ronco dos motores de popa e o barulho da água. Depois, Jessica inclinou-se e pôs a mão sobre a dele.

— Obrigada, Harry. Obrigada por tudo... o passado, o presente... meu amor querido.

24

Miguel disparou três tiros para o ar, rompendo o silêncio.

Sabia que era a maneira mais rápida de dar o alarme.

Menos de um minuto antes, ele descobrira os cadáveres de Socorro e Vicente, constatando que os prisioneiros haviam desaparecido.

Eram 3h15 da madrugada. Miguel não sabia, mas exatamente quarenta minutos antes o barco levando Partridge, Jessica, Nicky, Minh, O'Hara e Fernández deixara o cais de Nueva Esperanza.

A ira de Miguel fora instantânea, selvagem e explosiva. Dentro da cabana dos prisioneiros, pegara a cadeira dos guardas e a arremessara contra uma parede, espatifando-a.

Queria agora espancar e depois esquartejar os responsáveis pela fuga dos prisioneiros.

Infelizmente, dois já estavam mortos. E Miguel sabia, angustiado, que também tinha sua parcela de culpa.

Sem se preocupar, deixara a disciplina afrouxar. Agora que já era tarde demais, podia perceber isso claramente. Relaxara desde que chegara ali, em ocasiões em que deveria ser mais rigoroso. Deixava que os outros supervisionassem as precauções à noite, quando deveria fazer isso pessoalmente.

O motivo fora uma fraqueza — sua atração por Socorro.

Desejara-a sexualmente ainda na casa em Hackensack, tanto antes como imediatamente depois do sequestro. Mesmo agora, ainda podia lembrar a sensualidade clamorosa de Socorro no dia da partida, quando ela lhe falara, com um sorriso zombeteiro, sobre as sondas inseridas nos prisioneiros para a viagem: "São tubos nos paus dos homens e na boceta da mulher, entiendes? Ele entendia; e também entendia que ela o provocava, assim como provocara os outros em Hackensack — por exemplo, na noite de sua súbita e ruidosa trepada com Carlos, deixando Rafael, a quem ela recusara, quase louco de ciúme.

Mas na ocasião Miguel tinha que se preocupar com outras coisas, com as responsabilidades que o mantinham ocupado, mantivera-se firme e autodisciplinado em seu desejo por Socorro. Não fora assim em Nueva Esperanza.

Odiava a selva; lembrava seus sentimentos no primeiro dia ali. Agravando isso, havia pouco para fazer. Nunca considerara a sério, por exemplo, a possibilidade de tentativas de resgatar os prisioneiros; Nueva Esperanza, no fundo do território dominado pelo Sendero, parecia um lugar seguro e remoto. Assim, os dias passavam lentamente, como as noites — até que Socorro, respondendo a suas súplicas, abrira a porta para o que ele logo descobrira ser um paraíso sexual.

Desde então faziam amor, às vezes durante o dia, sempre à noite. Ela demonstrara ser a mais consumada e satisfatória amante que Miguel já conhecera. Ao final, ele se tomara um vassalo de bom grado; e como um viciado aguardando o próximo pico, negligenciara quase todas as outras coisas.

Pagava agora por esse vício.

No início da noite, depois de uma orgia extremamente satisfatória, ele caíra num sono profundo. Cerca de vinte minutos atrás, despertara com uma ereção e, querendo Socorro mais uma vez, sentira-se infeliz ao descobrir que ela desaparecera. Esperara a sua volta por algum tempo. Como tal não acontecesse, saíra à sua procura, com a pistola Makarov que sempre carregava.

O que descobrira fizera com que voltasse — como um golpe violento e brutal -a um mundo de sombria realidade.

Pensou, amargurado: pagaria pelo que acontecera, provavelmente com sua vida, quando o Sendero Luminoso soubesse, especialmente se os prisioneiros não fossem recapturados.

Portanto, a prioridade maior era recapturá-los -a qualquer custo! Alertados agora por seus tiros, os outros guardas, com Gustavo à frente, saíram das casas e correram em sua direção. Miguel açoitou-os com a língua: — Maldita escoria, imbéciles inservibles! Por su estupidez... Nunca vigilar! Solo dormir y tomar! Sin cuidar! Los presos de mierda se escaparon.

Escolhendo Gustavo para alvo, ele continuou: — Seu idiota imprestável! Um cão sarnento seria um líder melhor! Estranhos estiveram aqui enquanto você dormia, e ignorou-os, até ajudou-os! Descubra como eles vieram e por onde foram embora! Deve haver pistas!

Gustavo voltou poucos momentos depois e anunciou: — Eles partiram pelo rio! Alguns barcos desapareceram, outros afundaram!

Numa raiva incontrolável, Miguel correu para o atracadouro. A confusão que encontrou ali — cabos cortados, barcos e motores desaparecidos, alguns barcos afundados na água rasa — foi suficiente para lançá-lo num frenesi. Mas sabia que se não esfriasse e recuperasse o controle, nada se salvaria daquele desastre. Com um esforço de vontade, começou a pensar objetivamente. Continuando a falar em espanhol, disse a Gustavo: — Quero os dois melhores barcos que sobraram, com dois motores em cada. Não prontos em dez minutos, mas agora! Use todo mundo! Trabalhem depressa, muito depressa! E depois quero todos reunidos no cais, com armas e munição, preparados para partir!

Avaliando as possibilidades, ele concluiu que quem quer que tivesse efetuado a libertação dos prisioneiros quase que certamente chegara à região

pelo ar; era o meio de transporte mais rápido e mais prático. Portanto, sairiam da mesma forma, sendo improvável, contudo, que já o tivessem feito.

Ramón acabara de informar que fora substituído por Vicente pouco depois de uma hora da madrugada, quando tudo estava bem e os prisioneiros em suas celas. Mesmo que a libertação tivesse ocorrido logo depois, a dianteira máxima dos intrusos era de duas horas. O instinto de Miguel — ajudado pelo fato de que os corpos de Socorro e Vicente ainda se achavam quentes quando encontrados — dizia-lhe que era muito menos.

Ele continuou a raciocinar: deixando Nueva Esperanza, uma partida pelo rio para o encontro com um avião envolvia uma opção entre duas possíveis pistas na selva.

Uma delas, a mais próxima, não tinha nome; era usada apenas pelos aviões que operavam no tráfico de drogas. A outra era Sion -a uma distância quase duas vezes maior e na qual pousara o Learjet trazendo Miguel, os outros conspiradores e os prisioneiros, pouco mais de três semanas antes.

Poderia haver razões para usar qualquer das pistas; por isso, Miguel resolveu despachar um barco armado para a pista mais próxima, e o outro para Sion. Decidiu que iria no barco para Sion.

Mesmo enquanto ele pensava, a atividade em tomo do cais aumentara. Dois dos barcos parcialmente afundados haviam sido puxados para a praia e estavam sendo esvaziados. Os homens do Sendero contavam com a ajuda dos moradores do povoado. Todos sabiam que se a liderança do Sendero Luminoso ficasse enfurecida com Nueva Esperanza, poderia ordenar a liquidação de toda a população, sem compaixão. Atos similares já haviam ocorrido antes.

Apesar da pressa, a partida demorou mais do que Miguel gostaria. Mas poucos minutos depois das quatro da manhã, os dois barcos estavam a caminho, seguindo para noroeste com a correnteza, os motores em cada um na potência máxima. O barco de Miguel, indo para Sion, era consideravelmente mais veloz e se distanciou pouco depois de deixarem o cais de Nueva Esperanza. Gustavo estava no leme.

Miguel, empunhando uma submetralhadora Beretta, complementada por sua pistola Makarov, sentiu a raiva aumentar outra vez. Ainda não tinha ideia de quem libertara os prisioneiros. Mas quando os pegasse e trouxesse de volta — vivos, como tencionava —, sofreriam torturas lentas e horríveis.

25

Enquanto o Cheyenne II da AeroLibertad decolava do aeroporto de Lima, à primeira claridade cinzenta do amanhecer, algumas palavras lembradas de uma ocasião anterior afloraram na mente de Crawford Sloane: Se eu assumir as asas da manhã e habitar nas regiões mais remotas do mar...

Ontem, domingo, haviam assumido as asas da manhã, não para o mar, mas para o interior, embora sem resultados. Hoje seguiam outra vez para o interior -na direção da selva.

Rita sentava ao lado de Sloane, na segunda fileira de assentos do avião. À frente estava o piloto, Oswaldo Zileri, e um jovem segundo piloto, Felipe Guerra.

Durante o voo no dia anterior, que se prolongara por três horas, haviam sobrevoado os três pontos combinados. Embora fosse informado da chegada em cada um deles, Sloane tivera dificuldade para distinguir um do outro, tão contínua e impenetrável parecia a selva quando vista de cima.

— É como partes do Vietnã — comentou ele para Rita —, só que mais compacta.

Enquanto circulavam cada ponto, todos os quatro a bordo esquadrinharam a área, à procura de qualquer sinal ou indício de movimento. Mas não havia qualquer tipo de atividade.

Sloane torcia desesperadamente para que hoje fosse diferente.

Enquanto o amanhecer se transformava em pleno dia, o Cheyenne II passou sobre os picos dos Andes. No outro lado, iniciaram uma lenta descida para a selva e o vale superior do Huallaga.

Partridge compreendeu que calculara mal. Estavam muito atrasados.

O que ele não contara, ao escolher Sion em vez da pista mais próxima, era um problema com o barco. Acontecera duas horas depois de deixarem Nueva Esperanza, faltando ainda uma hora para alcançarem o lugar em que abandonariam o barco e iniciariam a viagem por terra até a pista.

Os dois motores de popa funcionavam de modo ruidoso, mas uniformemente quando uma estridente buzina interna soou abruptamente no motor de bombordo. Ken O'Hara reverteu a aceleração no mesmo instante, desengrenou o motor e desligou-o. No mesmo instante, a buzina e o motor silenciaram.

O motor de boreste continuou a funcionar, embora o barco se deslocasse agora a uma velocidade bem menor. Partridge foi até a popa e perguntou a O'Hara: — O que quer que seja, dá para consertar?

— Infelizmente, é improvável. — O'Hara removera a cobertura do motor e o examinava. — O motor está superaquecido; foi por isso que a buzina tocou. A entrada de água continua desobstruída, o que indica que foi a bomba refrigerante que pifou. Mesmo que eu tivesse as ferramentas necessárias para desmontar o motor, provavelmente precisaria de peças novas e como não temos nenhuma...

— Ou seja, positivamente, não podemos consertá-lo?

O'Hara sacudiu a cabeça. — Lamento, Harry.

— O que acontece se o pusermos para funcionar?

— Funcionará por pouco tempo, com o superaquecimento. E depois ficará tão quente que os pistons e o bloco de cilindro fundirão. Então só servirá para o lixo.

— Ponha-o para funcionar — decidiu Partridge. — Se não há mais nada que podemos fazer, vamos tratar de aproveitá-lo ao máximo, enquanto for possível.

— Você é o comandante — respondeu O'Hara, embora detestasse destruir um motor que em outras circunstâncias poderia ser consertado.

Exatamente como O'Hara previra, o motor funcionou por mais alguns minutos e depois, com a buzina tocando e um cheiro de queimado, parou, não pegando outra vez.

O barco retornou à velocidade mais lenta, e Partridge, ansioso, conferiu o relógio.

A velocidade em que avançavam, pelo que podia calcular, fora reduzida à metade. O restante da viagem pelo rio levaria duas horas em vez de uma, como previsto.

Na verdade, levou duas horas e quinze minutos. Às 6h50 avistaram o ponto em que deveriam desembarcar. Partridge e Fernández identificaram-no pelo mapa e também por sinais de uso anterior -latas de refrigerantes e outros detritos na margem. Teriam agora de percorrer em uma hora os cinco quilômetros da difícil trilha pela selva até a pista de Sion. Era muito menos tempo do que fora calculado. Será que conseguiriam?

— Temos de conseguir — disse Partridge, explicando o problema a Jessica e Nicky. — Pode ser extenuante, mas não há tempo para descansar. Se

for necessário, ajudaremos um ao outro. Fernández seguirá na frente. Eu ficarei na retaguarda.

Minutos depois, a quilha do barco roçou na praia arenosa, e eles andaram até a margem pela água rasa. Havia uma abertura imediatamente à frente no sólido paredão de selva.

Se dispusessem de mais tempo, Partridge tentaria esconder o barco ou empurrá-lo para a correnteza no meio do rio e deixá-lo à deriva. Nas circunstâncias, deixaram-no encalhado na praia.

Quando estavam prestes a entrar na selva, Fernández parou, gesticulando para que todos permanecessem em silêncio. Inclinando a cabeça para o lado, ele escutou, no ar quieto da manhã. Era mais familiarizado com a selva do que os outros, a audição mais sintonizada para os seus sons. Ele perguntou baixinho a Partridge: — Está ouvindo? Prestando atenção, Partridge teve a impressão de ouvir um murmúrio distante na direção de que tinham vindo, mas não podia ter certeza. Ele indagou: -o que é? — Outro barco — respondeu Fernández. — Ainda a uma grande distância, mas se aproximando depressa.

Sem mais demora, eles se embrenharam pela selva.

A trilha não era tão difícil de percorrer quanto a outra que levava do ponto de pouso na estrada até Nueva Esperanza, que Partridge e os outros três da equipe de resgate haviam seguido três dias antes. Parecia evidente que esta era usada com mais frequência, porque o mato não crescera tanto e não se tornara intransponível em qualquer trecho, como acontecia com a outra.

Mesmo assim, o solo era traiçoeiro, irregular, com raízes protuberantes e pontos macios, em que o pé podia afundar na lama ou água, constituindo perigos constantes.

— Vejam bem onde pisam — advertiu Fernández da frente, onde imprimia à marcha um ritmo acelerado.

Partridge acrescentou, tentando parecer jovial e manter o ânimo elevado: — Não queremos carregar ninguém. Já estou suando o suficiente. E o mesmo acontecia com todos. Como ocorrera durante a outra jornada pela selva, o calor era sufocante e aumentaria à medida que o dia avançasse. Os insetos também eram ativos.

A indagação que angustiava Partridge era a seguinte: por quanto tempo mais Jessica e Nicky conseguiriam aguentar aquela terrível pressão? Depois de algum tempo, ele concluiu que Jessica resistiria; possuía a determinação e também, aparentemente, o vigor necessário. Nicky, no entanto, dava a impressão de que começava a vacilar.

No começo, Nicky ficara para trás, obviamente querendo continuar perto de Partridge. Mas ele insistiu em que o menino e Jessica seguissem na frente, logo atrás de Fernández, declarando: — Ficaremos juntos mais tarde, Nicky. Agora quero que você fique junto de sua mãe.

Com relutância evidente, Nicky obedeceu. Presumindo que o barco ouvido trazia os perseguidores, Partridge sabia que o ataque seria desfechado pela retaguarda.

Se e quando isso ocorresse, faria o melhor possível para rechaçá-lo, enquanto os outros seguiam em frente. Já inspecionara o rifle Kalashnikov que carregava no ombro e tinha dois pentes de balas extras num bolso de onde poderiam ser retirados com a maior facilidade.

Tornou a consultar o relógio: 7h35. Seguiam pela trilha por quase quarenta minutos. Recordando o encontro combinado às oito com o avião da AeroLibertad, ele torceu para que já tivessem percorrido três quartos do caminho.

Momentos depois, foram obrigados a parar.

Ao se pensar depois, pareceu irônico que Fernández, que advertira os outros a pisarem com cuidado, fosse dar um passo em falso e caísse pesadamente, o pé preso num emaranhado lamacento de raízes. Enquanto Partridge se adiantava apressado, Minh já levantava Fernández, O'Hara se esforçando em desvencilhar o pé; ao mesmo tempo, Fernández fazia uma careta de dor.

— Parece que os prejudiquei — disse ele a Partridge. — Lamento decepcioná-los.

Quando o pé foi solto, Fernández descobriu que não podia andar sem uma dor terrível. Era evidente que fraturara o tornozelo ou o torcera gravemente.

— Isso não é verdade — protestou Partridge. — Você nunca nos decepcionou. Foi o nosso guia e grande companheiro, agora vamos carregá-lo. Precisamos improvisar uma espécie de liteira.

Fernández sacudiu a cabeça.

— Mesmo que fosse possível, não há tempo. Não falei nada, Harry, mas ouvi sons atrás de nós. Eles estão nos seguindo, e não muito longe. Devem seguir em frente e me deixar aqui.

Jessica juntara-se a eles e disse a Partridge: — Não podemos deixá-lo aqui!

— Um de nós pode carregá-lo nas costas — garantiu O'Hara. Eu tentarei.

— Com este calor? — Fernández estava impaciente. — Não aguentaria por cem metros e atrasaria a todos.

Partridge já ia acrescentar seu protesto, mas compreendeu que seria um exercício de inutilidade. Fernández estava certo; não havia opção que não deixá-lo ali. Mas ele garantiu: -se houver ajuda na pista e for possível, voltaremos para buscá-lo.

— Não perca mais tempo, Harry. Preciso dizer algumas coisas rapidamente.

Fernández se sentara ao lado da trilha, de costas contra uma árvore; o mato era muito denso para que se afastasse mais. Partridge ajoelhou-se a seu lado e Jessica juntou-se aos dois.

— Tenho mulher e quatro filhos — disse Fernández. — Gostaria de pensar que alguém cuidará deles.

— Você trabalha para a CBA, e a CBA fará isso — garantiu Partridge. — Dou minha palavra solene, uma promessa oficial. A educação das crianças... tudo.

Fernández assentiu com a cabeça e depois apontou para o rifle M-16 que estivera carregando, agora caído ao seu lado.

— É melhor você levar isso. Pode precisar, além das armas que já tem. Mas não tenciono ser capturado vivo. Gostaria de ficar com uma pistola.

Partridge entregou-lhe a Browning 9mm depois de remover o silenciador.

— Oh, Fernández! — A voz de Jessica saiu abafada, os olhos cheios de lágrimas. — Nicky e eu lhe devemos muito.

Ela se inclinou e beijou-o na testa.

— Então vá logo! — exortou Fernández. — Não desperdicem mais tempo! Não percam o que conseguimos!

Enquanto Jessica se levantava, Partridge inclinou-se para a frente, abraçou Fernández e beijou-o nas faces. Por trás dele, Minh e O'Hara aguardavam para dar um abraço de despedida.

Erguendo-se, Partridge seguiu para a frente. Não olhou para trás.

26

No momento em que avistou um barco encalhado na praia, à entrada da trilha na selva, reconhecendo-o como de Nueva Esperanza, Miguel sentiu-se satisfeito por sua decisão de acompanhar a expedição até a pista de Sion.

Ficou ainda mais satisfeito quando Ramón, saltando apressado do barco quando tocou na terra, correu para a embarcação encalhada e anunciou: — Un motor está caliente, el otro frio... fundido.

O motor quente significava que não tinha muito tempo que a presa se embrenhara na selva. O motor frio, queimado, indicava que a velocidade do outro barco fora reduzida, seus ocupantes atrasados na chegada ali.

Além de Miguel, o grupo do Sendero era integrado por sete homens bem armados. Falando em espanhol, ele lhes disse: -a ralé burguesa não pode estar muito à frente. Vamos apanhá-los e puni-los. Avançaremos como a ira de Guzmán! Houve aclamações enquanto eles penetravam na selva.

— Chegamos alguns minutos antes da hora — disse Rita Abrams ao piloto do Cheyenne II, Oswaldo Zileri, ao se aproximarem da pista de Sion, a primeira escala do itinerário aéreo.

Um momento antes, ela verificara o relógio: 7h55 — Vamos circular e observar — respondeu ele. — De qualquer forma, este é o lugar menos provável para seus amigos estarem.

Como no dia anterior, as quatro pessoas no avião — Rita, Crawford Sloane, Zileri e o copiloto, Felipe — esquadrinharam o lençol verde lá embaixo. Procuravam por qualquer sinal de movimento, em particular ao redor da curta pista, margeada por árvores, difícil de avistar se não estivessem diretamente por cima. Outra vez, como na véspera, não havia atividade visível de qualquer tipo.

Ao longo da trilha na selva, Nicky tinha uma dificuldade cada vez maior para manter o ritmo extenuante. Jessica e Minh ajudavam-no, cada um segurando um braço e em parte puxando-o, em parte levantando-o nos trechos mais difíceis, enquanto continuavam a avançar. Talvez fosse preciso carregar Nicky daqui a pouco, mas por enquanto os outros poupavam as forças que lhes restavam.

Cerca de dez minutos haviam passado desde que deixaram Fernández. Ken O'Hara seguia na frente agora. Partridge recuara para sua posição na retaguarda, de onde ocasionalmente olhava para trás. Até agora não avistara qualquer sinal de movimento.

Por cima de suas cabeças, as árvores pareciam se tomar mais ralas, mais claridade passava pelos galhos; além disso, a trilha se alargara. Era um indício, Partridge esperava, de que se aproximavam da pista. Em determinado momento, ele teve a impressão de escutar o som distante de um avião, mas não podia ter certeza. Tornou a verificar o relógio: 7:55.

Nesse momento, em algum lugar por trás, soou um estampido, inconfundivelmente o som de um único tiro. Só podia ser Fernández, raciocinou Partridge. E mesmo usando a Browning, da qual Partridge deliberadamente removera o silenciador, o dedicado representante da CBA no Peru prestara um serviço final — um aviso de que os perseguidores estavam próximos. Como em confirmação, vários outros tiros se sucederam.

Talvez os perseguidores, tendo visto Fernández — presumivelmente morto — pensassem avistar os outros à frente e disparassem ao acaso. Depois, por qualquer motivo, o tiroteio cessou.

O próprio Partridge estava à beira da exaustão. Durante as últimas cinquenta horas, quase sem dormir, ele se exigira ao limite máximo. Agora sentia dificuldade para concentrar a atenção.

Num desses momentos, mentalmente divagando, ele decidiu que a coisa que mais queria era alívio da ação... Quando aquela aventura terminasse, retomaria as férias que mal começara e desapareceria, não seria encontrado por ninguém... E para onde quer que fosse, talvez devesse levar Vivien — a única mulher que lhe restava cujo amor era disponível... Jessica e Gemma eram o passado; Vivien podia ser o futuro. Talvez a tivesse tratado injustamente até agora; deveria no final das contas pensar em casamento... Não era tarde demais... Sabia que era uma coisa que agradaria a Vivien.

Com um esforço, ele retornou ao presente.

Subitamente, haviam emergido da selva. A pista estava à vista! Um avião circulava por cima — era um Cheyenne! Ken O'Hara — confiável até o fim, pensou Partridge — estava pondo um cartucho com faixa verde na pistola de foguete. Verde para *Aterrisse normalmente, tudo está em ordem*.

E também subitamente, por trás, soaram outros dois tiros, desta vez muito mais perto.

— Dispare um foguete vermelho, não um verde! — gritou Partridge para O'Hara. — E depressa! Vermelho para *Aterrisse o mais depressa possível, estamos em perigo*.

Passavam vários minutos de oito horas. No Cheyenne II, por cima da pista de Sion, Zileri virou a cabeça para trás e olhou para Rita e Sloane.

— Nada está acontecendo aqui — disse ele. — Vamos para os outros dois pontos.

O avião virou. E foi nesse instante que Crawford Sloane gritou: — Espere um instante! Acho que vi alguma coisa!

Zileri interrompeu a volta e indagou: — Onde?

— Em algum lugar ali embaixo. — Sloane apontou. — Não tenho certeza do local exato. Foi apenas por um instante... pensei...

A voz revelava sua incerteza. Zileri levou o avião num círculo. Tomaram a esquadrinhar o solo tanto quanto era possível. Concluído o círculo, o piloto declarou: — Não vejo nada. Acho que devemos seguir em frente.

Foi nesse momento que um foguete vermelho subiu lá debaixo.

O'Hara disparou um segundo foguete vermelho.

— É suficiente — disse Partridge. — Eles nos viram.

O avião já iniciara a aproximação. O que Harry precisava saber agora era em que direção pousaria. Escolheria então uma posição para repelir os perseguidores e mantê-la, enquanto os outros embarcavam na frente.

A resposta logo se tornou evidente. O Cheyenne II efetuava uma curva fechada, em descida, perdendo altitude depressa, passaria por cima de suas cabeças. Pousaria no outro lado da trilha na selva de onde haviam partido os tiros.

Olhando para trás, Partridge ainda não pôde avistar ninguém, apesar dos tiros. Só podia adivinhar o motivo para os disparos. Talvez alguém, enquanto avançava, atirasse às cegas, na esperança de acertar um tiro de sorte. Ele disse a O'Hara: — Leve Jessica e Nicky depressa pela pista de pouso e fique com eles! Quando o avião pousar no outro lado, vai taxiar e voltar. Devem ir ao encontro do avião e embarcar. Está me ouvindo, Minh? — Sim.

Minh, com um olho grudado na câmera, fixava imagens, imperturbável, como já fizera antes, em vários momentos, ao longo da expedição. Partridge decidiu que não se preocuparia mais com Minh. Ele saberia cuidar de si mesmo. Jessica perguntou, ansiosa: — E você, Harry?

— Darei cobertura a vocês, disparando pela trilha. Assim que embarcarem, eu me juntarei a vocês. E agora saiam daqui!

O'Hara passou o braço pelos ombros de Jessica, que segurava a mão boa de Nicky, e os três se afastaram apressadamente.

Mesmo enquanto eles se moviam, Partridge olhou para a selva e divisou vários vultos avançando para a pista, as armas apontadas para a frente.

Partridge deitou de barriga para baixo por trás de uma pequena elevação próxima. Apoiou o Kalashnikov à sua frente, apontando o visor do rifle automático para os vultos em movimento. Puxou o gatilho e, durante uma rajada, viu um dos vultos cair e os outros correrem para se proteger. Ao mesmo tempo ouviu o Cheyenne II passar baixo sobre sua cabeça. Embora não se virasse para observar, sabia que deveria estar pousando naquele instante.

— Lá estão eles! — gritou Crawford Sloane, quase histérico de excitamento. — Posso vê-los! Jessica e Nicky!

O avião ainda estava na corrida de pouso, deslocando-se depressa sobre uma superfície de terra irregular.

O final da pista curta se aproximava, Zileri freando fundo. Enquanto a corrida de pouso terminava, com o emprego dos freios e um motor, o piloto virou o avião para o lado pelo qual tinham vindo. Depois, usando os dois motores, ele taxiou de volta pela pista, avançando depressa para a extremidade oposta.

O Cheyenne II parou no lugar em que Jessica, Nicky e O'Hara esperavam. O copiloto, Felipe, já deixara seu assento e se encaminhara para trás. Soltou e baixou a porta— escada.

Nicky primeiro, depois Jessica e O'Hara embarcaram, mãos estendidas, inclusive as de Sloane, ajudando-os a subir. Minh apareceu e subiu atrás dos outros.

Enquanto Sloane, Jessica e Nicky se abraçavam, emocionados, O'Hara gritou, ofegante: — Harry está lá na frente! Temos de pegá-lo! Ele está repelindo os terroristas!

— Já o vi! — exclamou Zileri. — Segurem-se!

Ele acelerou e o avião arremeteu para a frente, taxiando depressa. Na extremidade da pista, virou o avião mais uma vez. Estava agora de frente para a direção por onde pousara, pronto para a decolagem, mas com a porta ainda aberta. Podiam-se ouvir tiros através da porta.

— Seu amigo terá de correr para nos alcançar. -a voz de Zileri era angustiada. — Quero sair daqui o mais depressa possível.

— Ele fará isso -assegurou Minh. — Já nos viu e virá num instante.

27

Partridge viu e ouviu o avião. Olhando para trás, constatou que estava tão próximo quanto poderia chegar. A distância que o separava do avião era de cerca de cem metros. Conseguiria alcançá-lo correndo depressa, abaixado. Primeiro, no entanto, tinha de disparar mais uma rajada pela trilha na selva, a fim de deter qualquer avanço da força do Sendero. Nos últimos minutos, avistara outros vultos, atirando e derrubando mais um. Os outros homens se abrigavam agora por trás de árvores.

Uma rajada os manteria ali, fora de vista, pelo tempo suficiente para que ele alcançasse o avião.

Acabara de inserir um pente novo no Kalashnikov. Apertando o gatilho, depois suspendendo a pressão, disparou uma rajada mortífera pelos lados da trilha. Desde que o combate começara que sentira o prazer antigo e visceral pela batalha... a emoção sensual, a adrenalina ativada, fluindo... um vício ilógico e absurdo nas visões e sons de guerra...

Depois de esvaziar o pente, ele largou o rifle, levantou-se e correu, meio abaixado. O avião se achava à frente. Ele tinha certeza que conseguiria alcançá-lo! Encontrava-se a um terço da distância para o avião quando uma bala atingiu-o na perna. Caiu no mesmo instante. Tudo aconteceu tão depressa que ele levou vários segundos para absorver o que acontecera. A bala acertara por trás do joelho direito, arrebentando a articulação. Não podia continuar. Uma angústia terrível, maior do que algum dia acreditara ser possível, envolveu-o nesse instante. Compreendeu que nunca alcançaria o avião. E compreendeu também que não restava mais nenhum tempo. O avião devia partir. E ele devia fazer o mesmo que fizera Fernández apenas meia hora antes.

Recorrendo às suas últimas forças, ergueu-se e acenou para que o Cheyenne II partisse. Tudo que importava agora era que sua intenção fosse bem clara.

Minh estava na porta do avião, filmando. Focalizou Partridge na lente de zoom — um close — e registrou o momento em que a bala o atingiu. O copiloto, Felipe, estava ao lado de Minh e gritou: — Ele foi atingido! Acho que gravemente! Está acenando para partirmos!

Dentro do avião, Sloane encaminhou-se para a porta.

— Temos de buscá-lo!

Jessica acrescentou: — Isso mesmo!

Nicky suplicou: — Não podemos ir embora sem Harry!

Foi Minh, o realista em matéria de guerra, quem disse: — Não podemos recolhê-lo. Não há tempo.

Minh já observara através da lente o avanço da força do Sendero. Vários homens haviam alcançado o perímetro da pista, corriam para a frente, disparando as armas.

E neste momento diversas balas atingiram o avião.

— Estou partindo! — gritou Zileri.

Ele já baixara os flaps para a decolagem e agora empurrou as manetes para a frente. Minh, segurando a câmera, cambaleou para trás. Felipe fechou e

trancou a porta-escada.

Enquanto a velocidade aerodinâmica aumentava, Zileri puxou para trás a coluna de controle. O Cheyenne II deixou a pista e começou a subir.

Jessica e Nicky se abraçavam, chorando. Sloane, os olhos meio fechados, sacudia a cabeça lentamente, como se não acreditasse no que acabara de ver.

Minh suspendeu a câmera para uma janela, registrando as últimas cenas lá embaixo.

No solo, Partridge viu o Cheyenne II partir.

E viu mais uma coisa. Através de um nevoeiro de dor, divisou na porta do avião partindo um vulto sorridente, no uniforme da Alitalia. Ela estava acenando As lágrimas de Partridge, reprimidas por tanto tempo, começaram a fluir. Depois, mais balas o atingiram e ele morreu.

28

Olhando para o corpo de Harry Partridge, Miguel jurou a si mesmo que nunca mais permitiria que acontecesse algo como o fracasso daquele dia.

No primeiro estágio do sequestro, complexo e difícil, teve um sucesso fabuloso. Neste segundo estágio, que deveria ser fácil e simples, fracassou totalmente.

A lição era clara: nada era fácil e simples. Deveria tê-la aprendido muito tempo atrás.

Haveria de se lembrar, porém, dali por diante.

E o que aconteceria em seguida? Primeiro, devia deixar o Peru. Sua vida estaria perdida se ficasse; o Sendero Luminoso providenciaria isso.

Não podia sequer retomar a Nueva Esperanza.

Felizmente, não tinha motivo para voltar. Antes da partida, prevendo a possibilidade do que acabara ocorrendo, guardara todo o seu dinheiro — inclusive a maior parte dos cinquenta mil dólares que recebera de José Antônio Salaverry durante sua última visita à sede da ONU — num cinturão que estava usando. Podia senti-lo agora. Desconfortável, mas tranquilizador.

Era dinheiro suficiente para permitir que deixasse o Peru e chegasse à Colômbia.

Tencionava agora esgueirar-se pela selva. Havia uma pista a 25 quilômetros de distância — além das duas visadas hoje — em que aviões do tráfico de drogas, pilotados por colombianos, pousavam com frequência. Sabia

que poderia comprar uma passagem para a Colômbia, e estaria seguro depois que chegasse lá.

Mataria qualquer um no grupo de Nueva Esperanza que tentasse detê-lo. Mas duvidava que alguém ousasse tentar. Dos sete que o haviam acompanhado até ali, apenas quatro estavam vivos; Ramón e dois outros haviam sido mortos por aquele gringo caído a seus pés — identidade desconhecida, mas um bom atirador.

Mesmo na Colômbia, sua reputação sofreria um pouco com o desastre de Nueva Esperanza, mas isso não duraria muito. E. ao contrário do Sendero Luminoso, os cartéis de drogas colombianos não eram fanáticos. Implacáveis, é verdade, mas fora isso pragmáticos e profissionais. Miguel tinha talentos eminentemente vendáveis como um anarquista-terrorista. Os cartéis precisavam dele.

Ele soubera recentemente que havia um programa a longo prazo para converter diversos países de tamanho pequeno e médio à mesma situação de dominados pelos cartéis da Colômbia. Tinha certeza que o projeto ofereceria uma oportunidade para seus talentos especiais.

Como uma democracia, a Colômbia estava liquidada. Restavam alguns ornamentos de exibição, mas mesmo esses já desapareciam, à medida que os assassinatos ordenados pelos poderosos chefes bilionários dos cartéis eliminavam a reduzida minoria que ainda acreditava nos costumes passados.

O necessário para transformar outros países em réplicas da Colômbia era a corrupção na cúpula ou junto aos governos, permitindo que os cartéis de drogas se instalassem e operassem. Em seguida, de maneira insidiosa e discreta, eles se tomariam mais fortes que os governos — e quando isso acontecesse, como na Colômbia, não haveria mais retomo.

Quatro países eram mencionados como alvos em potencial para serem "colombianizados". Eram Bolívia, El Salvador, Guatemala e Jamaica. Mais tarde, outros poderiam ser acrescentados à lista.

Com sua excepcional experiência e capacidade de sobrevivência, concluiu Miguel, tudo indicava que deveria se manter ocupado por muito tempo.

29

A bordo do Cheyenne II, vários minutos passaram antes que alguém se sentisse capaz de falar. Crawford Sloane enlaçava Jessica e Nicky, os três

indiferentes a tudo mais. Mas, finalmente, Sloane levantou a cabeça e perguntou a Minh Van Canh: — Sobre Harry... viu mais alguma coisa?

Minh acenou com a cabeça, tristemente.

— Eu o focalizava. Ele foi atingido de novo, várias vezes. Não há qualquer dúvida.

Sloane suspirou. — Ele era o melhor...

Minh interrompeu-o, a voz excepcionalmente forte: — O melhor de todos. Como um repórter. Como um ser humano. Já conheci muitos e nunca encontrei, em todos esses anos, ninguém que chegasse perto de Harry.

As palavras foram pronunciadas quase como um desafio. Minh conhecia Sloane e Partridge por igual período. Se era mesmo um desafio, Sloane não o contestou, limitando-se a dizer: — Concordo.

Jessica e Nicky escutavam, absorvidos em seus pensamentos. Foi Rita, a profissional com responsabilidades, quem perguntou a Minh: — Posso ver algumas imagens?

Ela sabia que, apesar da morte de Harry, precisava preparar uma matéria quando chegassem a Lima, o que ocorreria em menos de uma hora.

E sabia também que tinha uma história de interesse internacional exclusiva.

Minh enrolou alguma coisa e depois entregou a Betacam a Rita. Comprimindo um olho contra o visor, ela observou as cenas: como sempre, Minh captara o essencial de tudo. As imagens eram magníficas. Algumas cenas finais — de Harry ferido, depois caindo sob as balas fatais — eram comoventes. Ao devolver a câmera, Rita tinha os olhos úmidos; limpou-os com o dorso da mão, sabendo que não havia tempo agora para lamentar ou chorar por Harry. Isso aconteceria mais tarde, provavelmente quando ficasse sozinha à noite.

Sloane perguntou: — Harry tinha alguém... uma namorada? Sei que ele nunca mais se casou depois de Gemma.

— Havia... há alguém — respondeu Rita. — O nome dela é Vivien. É uma enfermeira e mora num lugar chamado Port Credit, perto de Toronto.

— Devemos ligar para ela. Falarei com ela, se você quiser.

— Eu gostaria — murmurou Rita. — E quando o fizer, diga a ela que Harry fez um testamento antes de partir, está comigo. Deixou tudo para ela. Vivien não sabe, mas é uma milionária agora. Parece que Harry espalhou dinheiro por paraísos fiscais no mundo inteiro. Junto com o testamento, ele deixou uma lista.

Minh, despercebido enquanto conversavam, estivera filmando Jessica e Nicky. Agora, Rita percebeu que a câmera focalizava a mão direita enfaixada de Nicky. O que a lembrou de uma coisa que trouxera de Lima. Abrindo sua pasta, ela tirou uma mensagem em teletipo recebida através da Entel Peru.

— Antes de partir, Harry me pediu para enviar um telegrama a um de seus amigos... um cirurgião em Oakland, Califórnia — disse Rita aos outros. — Ele explicou que esse amigo é um dos maiores especialistas do mundo em mãos lesionadas. O telegrama fazia perguntas a respeito de Nicholas. Aqui está a resposta.

Ela entregou a mensagem a Sloane, que a leu em voz alta.

LI INFORMAÇÕES VOCÊ MANDOU E TAMBÉM DETALHES EM JORNAIS SOBRE MÃO DE SEU JOVEM AMIGO. PRÓTESE NÃO RECOMENDADA. NÃO FUNCIONARIA NEM AJUDARIA SEU AMIGO A TOCAR PIANO, PODENDO ATÉ ATRAPALHAR. EM VEZ DISSO, ELE DEVE E PODE APRENDER A GIRAR MÃO PARA BAIXO, ATÉ O QUE RESTA DO INDICADOR E DEDO MÍNIMO ENTRAR EM CONTATO COM TECLAS DO PIANO. DIGA-SE DE PASSAGEM QUE ELE É DE CERTA FORMA AFORTUNADO, PORQUE ISSO NÃO SERIA POSSÍVEL SE PERDESSE DEDOS DIFERENTES. SÓ SE APLICA A ESSES DOIS.

APRENDIZADO PARA GIRAR A MÃO EXIGIRÁ PACIÊNCIA, PERSEVERANÇA, MAS PODE SER FEITO SE HOUVER ENTUSIASMO. SER JOVEM AJUDA. TENHO UMA PACIENTE QUE PERDEU OS MESMOS DEDOS E AGORA TOCA PIANO. TEREI O MAIOR PRAZER EM PROMOVER ENCONTRO DOS DOIS, SE VOCÊ QUISER.

TRATE DE SE CUIDAR, HARRY. UM ABRAÇO.

JACK TUPPER, M. D.

Houve um momento de silêncio e depois Nicky pediu: — Posso dar uma olhada nisso, papai?

Sloane entregou-lhe a mensagem.

— Não perca isso! — advertiu Jessica a Nicky. — Será uma coisa que você terá para lembrar Harry.

A amizade instintiva e profunda entre Harry e Nicky, ela pensou, foi breve mas bela enquanto durou.

Ela recordou as palavras desoladas de Nicky para Harry em Nueva Esperanza: “Mataram meu avô e cortaram dois dedos meus, por isso não posso mais tocar piano." Obviamente, Nicky nunca seria um pianista de concerto,

como sonhava. Mas poderia tocar piano e seria capaz de satisfazer sua alegria na música de outras formas.

Nicky lia a mensagem, segurando-a com a mão esquerda, enquanto um princípio de sorriso surgia em seu rosto. E girava a mão direita enfaixada.

— Acho que nunca haverá um momento em que não tenhamos alguma coisa para agradecer a Harry — comentou Crawford Sloane.

— A Fernández também — lembrou Jessica.

Já haviam falado do sacrifício e morte presumida do representante da CBA no Peru. Agora, ela relatou a Crawford e Rita a promessa que Harry fez antes de deixar Fernández ao lado da trilha na selva.

Fernández falara da mulher e quatro filhos, indagando se alguém cuidaria deles. Harry declarou: " Você trabalha para a CBA, e a CBA fará isso. Dou minha palavra solene, uma promessa oficial. A educação das crianças... tudo."'

— Se Harry disse isso — garantiu Sloane —, estava falando pela CBA, e é compulsório como um documento legal. Quando voltarmos, providenciarei para que fique tudo acertado.

— Há um problema — ressaltou Rita. — Isso aconteceu depois que Harry foi despedido, embora ele ainda não soubesse.

Minh, ouvindo a conversa, ficou surpreso — um lembrete de que apenas poucas pessoas tinham conhecimento da carta de Chippingham despedindo Harry.

— Não faz a menor diferença — assegurou Sloane. — A promessa de Harry será cumprida.

— Mas isso levanta um ponto que precisamos decidir — declarou Rita. — Vamos nos referir à demissão de Harry na matéria de hoje?

— Não! — disse Sloane, enfático. — É a nossa roupa suja interna. Não vamos lavá-la em público.

Mas vai vazar, pensou Rita. Ao final, sempre vaza.

30

Crawf ainda não sabia do memorando de Rita com "Seu filho da puta!", enviado a Les Chippingham através da Ferradura. Provavelmente seria publicado dentro de uma semana pelo *Times* ou *Washington Post*. E se não fosse, então apareceria mais tarde na *Columbia Journalism Review* ou na *Washington Journalism Review*. Pois que acontecesse! Rita recordou que, em decorrência do memorando, provavelmente estava desempregada. Entre outras coisas, assinara como "ex-produtora". Mas o que quer que acontecesse depois, levaria sua atual missão até o fim.

— Há uma coisa que tem me preocupado — disse Jessica. — Aconteceu na pista em que estávamos, a última.

— Sion — informou Rita. Jessica balançou a cabeça.

— Tive a impressão, na trilha na selva e na pista, que já passei por lá antes. Acho que é o lugar para onde nos levaram quando recuperamos a consciência. Embora eu não soubesse na ocasião que era uma pista de aviação. E tem mais uma coisa.

— Continue — disse Rita, que pegara um bloco e tomava anotações.

— Havia um homem na cabana em que nos mantiveram. Não sei quem ou o que ele era, mas tenho certeza de que era americano. Supliquei que nos ajudasse, mas ele não fez nada. Só que eu fiz isto.

No dia anterior Jessica tirara de sob o colchão na cela o desenho que fizera. Mantivera-o desde então no sutiã, dobrado. Estendeu-o a Rita.

O desenho era do piloto do Learjet Denis Underhill.

— Esta noite vamos mostrá-lo no Jornal da Noite e indagar se alguém pode identificá-lo — disse Rita. — Com vinte milhões de pessoas assistindo, alguém deve reconhecê-lo.

O Cheyenne II ainda subia, ganhando altitude para passar sobre os picos da Cordilheira dos Andes; depois desceriam para o nível do mar e Lima. Rita verificou que passavam alguns minutos de nove horas. O voo se prolongaria por mais quarenta minutos.

O necessário agora, ela refletiu, era formular um plano para o resto do dia, em combinação com Crawf. Ela já adiantara algum trabalho, antecipando a maior parte do que acontecera, embora não tudo.

A história dramática do resgate era naquele momento uma exclusividade da CBA. Portanto, até a primeira edição do noticioso em Nova York, às cinco e meia da tarde pelo horário do Peru, Jessica e Nicky deviam ser mantidos escondidos em algum lugar, fora do alcance de outros repórteres. Crawf, ela tinha certeza, compreenderia essa necessidade.

Isso significava que Jessica e Nicky ainda não podiam ser levados para o Cesar's Hotel ou Entel Peru, dois lugares que enxameavam de repórteres e equipes de tevê.

O mesmo se aplicava aos outros hotéis no centro de Lima.

Por isso, Rita combinou que eles iriam para a casa do proprietário e piloto da AeroLibertad, Oswaldo Zileri, que vivia no subúrbio de Miraflores. Ali ficariam até cinco e meia da tarde; depois disso, não mais importaria que fossem vistos por outros repórteres. Na verdade, seria uma provação que teriam de enfrentar mais cedo ou mais tarde.

Enquanto isso, trabalhando com Bob Watson, o editor de vídeo, Rita faria sua matéria para o Jornal da Noite daquela noite. Seria longa, aproveitando a maioria das excelentes imagens de Minh — do resgate, da morte de Harry Partridge, do triste momento em que Fernández foi deixado à beira da trilha.

Ela nem mesmo pediria um tempo específico a Nova York. Era uma ocasião em que sabia que poderia dispor de qualquer tempo que quisesse.

Rita também tinha certeza que a rede haveria de querer um especial de uma hora para o horário nobre naquela noite. Tinha os ingredientes extras para isso. Incluíam a gravação com Dolores, a companheira bêbada do ex-médico americano Hartley Gossage, conhecido por Baudelio, que tão desprezivelmente usara seus conhecimentos médicos para transportar as três vítimas do sequestro para o Peru. Harry montou essas imagens como um pacote, acrescentando seus próprios comentários; estava tudo pronto para entrar no ar.

Para todo o resto, o noticioso e o especial a seguir, Crawf seria o narrador. Talvez fosse difícil para ele. Precisaria falar sobre a morte de seu pai, de Harry Partridge e Fernández, sobre a mutilação da mão de Nicky. Crawf era às vezes emocional e poderia ficar com a voz embargada. Não tinha importância, pensou Rita. Tomaria a história ainda mais convincente; Crawf se recuperaria e seguiria adiante. Era um jornalista profissional, como Rita e os outros.

Havia uma notícia, refletiu Rita, que não podia e não deveria ser suprimida durante o dia. Era o fato de que ocorrera o resgate, e Nicky e Jessica estavam sãos e salvos.

Devia haver um boletim especial. Quando a CBA o recebesse em Nova York, interromperia a programação da rede no mesmo instante. Mais uma vez, a CBA estaria à frente da concorrência.

Rita tornou a verificar a hora: 9h23. Mais vinte minutos de voo. Descontando o tempo para deixar o aeroporto em Lima, o boletim poderia ser transmitido às 10h30.

Enviariam apenas algumas imagens, sumárias e chocantes — como haviam feito do aeroporto de Dallas-Fort Worth, menos de um mês atrás, quando ela, Harry, Minh e Ken O'Hara trabalharam no desastre do Airbus, Teria sido mesmo tão pouco tempo atrás? Parecia muito mais em outro mundo.

Ela precisaria de tempo de satélite para o boletim das 10h30. Inclinou-se para a frente e bateu no ombro de Zileri. Quando ele se virou, ela apontou para o rádio do avião.

— Pode providenciar uma ligação para telefone? Quero falar com Nova York.

— Claro.

Ela escreveu um número e entregou-o. Num prazo surpreendentemente curto, uma voz disse pelo alto-falante: — Editoria internacional da CBA.

O copiloto, Felipe, estendeu o microfone e disse: — Pode falar.

Rita comprimiu o botão de transmissão. — Aqui é Rita Abrams. Providencie uma transmissão de Lima para um boletim às 10h30, horário de Lima. E mande o aviso para a Ferradura.

A voz respondeu laconicamente: — Certo. Cuidaremos de tudo.

— Obrigada. E adeus.

Ela devolveu o microfone. Haveria necessidade de um texto para o boletim. Rita escreveu algumas frases, depois decidiu que Crawf cuidaria do resto e encontraria as palavras certas. Era o que sempre acontecia. Provavelmente ele improvisaria em parte. Também era bom nisso.

No que restava do voo, ela e Crawf deviam trabalhar juntos.

Infelizmente, isso significava arrancá-lo dos braços de Jessica e Nickyv.

Mas Crawf aceitaria a necessidade, e eles também. Como qualquer pessoa no ofício, todos compreendiam que a notícia vinha em primeiro lugar.

— Crawf — disse Rita, gentilmente —, você e eu temos que trabalhar. Está na hora de começar.

FIM


epub
2014